



AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS

ANNE RICE

O VAMPIRO ARMAND

ROCCOINNAM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ANNE RICE

O VAMPIRO
ARMAND

CRÔNICAS VAMPIRESCAS — VOLUME VI

Tradução de Adalgisa Campos da Silva
Formatação de LeYtor

The logo for the publisher Rocco, featuring the word "Rocco" in a stylized, handwritten script font.

Rio de Janeiro — 2000

O recente episódio das crônicas *Vampirescas*, Anne Rice convoca mundos fascinantes para nos trazer a história de Armand — eternamente jovem, com um rosto de anjo de Botticelli.

Armand, que apareceu em toda a sua glória sinistra mais de vinte anos atrás, com o hoje clássico do cinema *Entrevista com o vampiro*, o romance que estabeleceu mundialmente sua autora.

Agora, acompanhamos Armand através dos séculos até a Kiev Russa de sua meninice — uma cidade em ruínas dominada pelos mongóis — a antiga Constantinopla, onde caçadores tártaros vendem-no como escravo. E num suntuoso palácio de Veneza do Renascimento, o vemos emocional e intelectualmente subjugado ao grande vampiro Marius, que vive entre os humanos sob a máscara de um pintor misterioso e recluso que concederá a Armand o muito do sangue vampiresco.

À medida que o romance chega ao clímax, passando por cenas de luxo e elegância, emboscada, incêndio e culto diabólico na Paris do século XIX e na Nova Orleans atual, vemos seu herói eternamente vulnerável e romântico forçado a escolher entre sua imortalidade crepuscular e a salvação de sua alma imortal.

Para Brandy Edwards, Brian Robertson e Christopher e Michele
Rice

Jesus, falando a Maria Madalena:
Disse-lhe Jesus: Não me retenhas,
porque ainda não subi a meu Pai, mas
vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo
para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e
vosso Deus.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO,
20:1.

PARTE I



CORPO E SANGUE

1

Disseram que uma criança havia morrido no sótão. Suas roupas foram encontradas na parede.

Eu queria ir lá em cima, deitar junto à parede e ficar só.

De vez em quando, viam o fantasma da menina. Mas nenhum desses vampiros conseguia realmente ver espíritos, pelo menos não como eu. Não importa. Não era a companhia da menina que eu desejava — e sim estar ali.

Eu não tinha mais nada a ganhar ficando ali com Lestat. Eu viera.

Fizera o que me propusera fazer. Não podia ajudá-lo.

Enervava-me ver aquele seu olhar fixo e imutável, e eu estava calmo por dentro e cheio de amor pelos que me eram mais chegados — meus filhos humanos, meu pequeno Benji de cabelos escuros e minha terna e graciosa Sybelle, mas ainda não me sentia suficientemente forte para levá-los embora.

Saí da capela.

Nem sequer vi quem estava lá. O convento inteiro era agora morada de vampiros. Não era um local tumultuado nem abandonado, mas não vi quem ficou na capela quando saí.

Lestat estava como sempre estivera, deitado de lado no chão de mármore da capela diante do enorme crucifixo, as mãos relaxadas, a esquerda logo abaixo da direita, os dedos tocando o

mármore de leve como se tivesse um propósito, quando na verdade não havia nenhum. Os dedos da mão direita, dobrados formavam um pequeno tubo na palma da mão onde a luz incidia, e isso também parecia ter um significado, mas não havia nenhum. Este era simplesmente o corpo preternatural que ali jazia sem vontade ou ânimo, tão inconsciente quanto o rosto, a expressão quase desafiadoramente inteligente, pois há meses Lestat não se mexia. Os altos vitrais eram devidamente encobertos para ele antes do nascer do sol.

À noite, resplandeciam com todas as velas maravilhosas espalhadas junto às belas estátuas e relíquias que enchiam esse lugar outrora santificado e sagrado.

Criancinhas mortais haviam assistido à missa debaixo desse teto alto e abobadado; um padre entoara as palavras latinas num altar.

Agora o lugar era nosso. Pertencia a ele — Lestat, o homem que jazia imóvel no chão de mármore.

Homem. Vampiro. Imortal. Filho da Escuridão. Qualquer um desses termos é excelente para ele. Olhando por cima do ombro para ele, nunca me senti tão criança.

É isso que sou. Preencho a definição, como se ela estivesse perfeitamente codificada em mim, e jamais houvesse qualquer outro desígnio genético.

Eu devia ter uns dezessete anos quando Marius transformou-me em vampiro. Eu já parara de crescer nessa época. Passei um ano com um metro e sessenta e oito. Minhas mãos são delicadas como mãos de moça, e eu era imberbe, como costumávamos dizer então, naqueles anos do século XVI. Eu não era um eunuco, não, absolutamente, mas sim um menino. Era moda, então, meninos serem lindos como meninas. Só agora essa semelhança parece interessante, e é por isso que gosto dos outros — os meus: Sybelle com seus seios de mulher e suas pernas compridas de menina, e Benji com seu rostinho redondo e intenso de árabe.

Eu estava no pé da escada. Nada de espelhos aqui, só as altas paredes de tijolos, sem o reboco original, paredes que eram consideradas velhas apenas para os Estados Unidos, encardidas

pela umidade até dentro do convento, todas as texturas e elementos aqui suavizados pelos verões abafados de Nova Orleans e seus invernos úmidos e desagradáveis, invernos verdes, eu chamo, porque as árvores aqui quase nunca estão nuas.

Nasci num lugar de inverno eterno em comparação com este aqui. Não é de espantar que na Itália ensolarada eu tenha esquecido completamente as origens, e moldado minha vida a partir de meus anos com Marius. — Eu não lembro. Era uma situação de tanto amor à devassidão, de estar tão viciado no vinho e nas lutas refeições da Itália, e até na sensação do mármore quente sob meus pés descalços quando os salões do palazzo tornavam-se pecaminosa e depravadamente aquecidos pelos fogos exorbitantes de Marius.

Seus amigos mortais... seres humanos como eu naquela época... repreendidos constantemente por esses gastos: lenha, óleo, velas. E, para Marius, só serviam as melhores velas de cera de abelha. Cada fragrância era significativa.

Pare de pensar nisso. Recordações não podem magoá-lo agora. Você veio aqui por um motivo e já terminou, e precisa encontrar aqueles que ama, seus jovens mortais, Benji e Sybelle, e precisa continuar.

A vida não era mais um palco onde o fantasma de Banquo vinha sempre para sentar-se à mesa triste.

Minha alma doía.

Vá lá em cima. Deite um instante nesse convento de tijolos onde as roupas da criança foram encontradas. Deite com a criança, assassinada aqui neste convento, assim dizem os boateiros, os vampiros que assombram essas galerias agora, que vieram ver o grande Vampiro Lestat em seu sono de Endimião.

Não senti assassinato algum aqui, só as ternas vozes das freiras. Subi a escadaria, deixando meu corpo encontrar seu peso humano e seu andar humano.

Após quinhentos anos, conheço esses truques. Eu poderia assustar todos os jovens — os que estavam à toa e os que olhavam — tão certamente quanto os antigos o faziam, até o mais modesto, pronunciando palavras para evidenciar sua telepatia, ou

desaparecendo quando resolviam ir embora; ou, de vez em quando, até usando seu poder para fazer o prédio tremer — uma façanha interessante mesmo com essas paredes de quarenta e cinco centímetros com soleiras de cipreste que nunca apodrecem. Ele deve gostar dessas fragrâncias aqui, pensei. Marius, onde está ele? Antes de visitar Lestat, eu não queria muito falar com Marius e só disse umas palavras de cortesia quando deixei meus tesouros sob seus cuidados. Afinal de contas, eu trouxera meus filhos para uma espécie de zoológico dos Não Mortos. Quem melhor para protegê-los senão meu amado Marius, tão poderoso que ninguém aqui ousava questionar o menor pedido seu. Não há ligação telepática entre nós, naturalmente — Marius me criou, sou eternamente sua cria-, mas, tão logo isso me ocorreu, percebi que sem o auxílio dessa ligação telepática eu não podia sentir a presença de Marius no prédio. Não sei o que aconteceu naquele breve intervalo em que me ajoelhei para olhar para Lestat. Eu não sabia onde Marius estava. Não conseguia sentir os cheiros humanos conhecidos de Benji nem de Sybelle. Uma pequena pontada de pânico paralisou-me. Encontrava-me no segundo andar do prédio. Encostei-me na parede, pousando os olhos com uma calma decidida no chão de pinho profundamente envernizado. A luz fazia ilhas douradas nas tábuas. Onde estavam eles, Benji e Sybelle? O que fui fazer trazendo-os para cá, dois humanos maduros e adoráveis? Benji era um menino vivo de doze anos, Sybelle, uma moça de vinte e cinco.

E se Marius, de alma tão generosa, tivesse sido negligente e os deixado longe de seus olhos? — Estou aqui, jovem — a voz, brusca, era suave, bem-vinda. Meu Criador estava no patamar logo abaixo, tendo subido a escada atrás de mim, ou, mais exatamente, colocando-se ali com seus poderes, cobrindo a distância precedente com uma velocidade silenciosa e invisível.

— Mestre — falei com um vestígio de sorriso. — Fiquei com um pouco de medo por eles — era um pedido de desculpas. — Esse lugar me deprime. Ele balançou a cabeça para cima e para baixo.

— Estou com eles, Armand. — A cidade está infestada de mortais. Há comida suficiente para todos os vagabundos que

vierem aqui. Ninguém vai machucá-los. Mesmo se eu não estivesse aqui para dizer isso, ninguém ousaria.

Agora fui eu quem balançou a cabeça. Eu não tinha tanta certeza, de fato. Vampiros são perversos por natureza e fazem maldades e coisas terríveis simplesmente por esporte. Matar o bicho de estimação mortal de outro seria um bom entretenimento para uma criatura triste, estrangeira, de passagem por aqui, atraída por acontecimentos extraordinários.

— Você é uma maravilha, jovem — disse-me ele sorrindo. Jovem! Quem mais me chamaria de jovem senão Marius, meu Criador, e o que são quinhentos anos para ele? — Você entrou no sol, criança — prosseguiu com a mesma preocupação estampada no rosto bondoso. — E sobreviveu para contar a história.

— No sol, Mestre?

Questionei as palavras dele. Mas eu mesmo não desejava revelar mais nada. Eu não queria falar ainda, contar o que acontecera, a lenda do Véu de Verônica e do Rosto de Nosso Senhor estampado nele, e a manhã em que abdiquei de minha alma com uma felicidade tão perfeita. Que fábula foi isso!

Ele subiu para ficar perto de mim, mas manteve uma distância educada. Sempre fora um cavalheiro, mesmo antes que essa palavra existisse. Na Roma antiga, deveria haver um termo para designar uma pessoa daquelas, sempre bem educada, e fazendo questão de ser atenciosa, e inteiramente bem-sucedida no exercício da cortesia para com o pobre e com o rico igualmente. Este era Marius, e sempre foi Marius, até onde eu podia saber.

Ele deixou a mão branca como a neve pousar no corrimão macio e sem lustro. Vestia uma capa comprida de veludo cinza sem forma que já fora perfeitamente extravagante, hoje surrada pelo uso e pela chuva, e seus cabelos amarelos eram compridos como os de Lestat, refulgindo revoltos naquela umidade, chegando a estar salpicados de gotas de orvalho do jardim, o mesmo orvalho que ficara em suas sobranceiras douradas, sombreando as longas pestanas reviradas em volta dos grandes olhos azul-cobalto.

Tinha um jeito muito mais nórdico e glacial do que Lestat, cujos cabelos puxavam mais para o dourado, com todas aquelas

mechas luminosas, e cujos olhos eram sempre prismáticos, absorvendo as cores à sua volta, chegando até a adquirir um tom glorioso de violeta à menor provocação do reverente mundo externo.

Em Marius, eu via os céus ensolarados da natureza setentrional, olhos de um fulgor constante que rejeitavam qualquer cor externa, portais perfeitos de sua própria alma constantíssima.

— Armand — disse ele. — Quero que venha comigo.

— Aonde, Mestre, ir aonde? — perguntei. Eu também desejava ser cortês. Ele, mesmo depois de uma disputa cerebral, sempre me fazia manifestar esses instintos mais elevados.

— À minha casa, Armand, onde eles agora estão, Sybelle e Benji. Ah, não tenha nenhum receio pelos dois. Pandora está com eles. Eles são mortais incríveis, brilhantes, impressionantemente diferentes, e no entanto parecidos. Eles o amam, e sabem tanto e vieram de muito longe com você.

Corei com o sangue que me subiu à cabeça; o calor estava pungente e desagradável, e então, quando o sangue refluíu da superfície de meu rosto, fiquei mais fresco e estranhamente irritado por sentir alguma sensação.

Era um choque estar ali e eu desejava que aquilo terminasse.

— Mestre não sei quem eu sou nesta nova vida — falei grato. — Renascido? Confuso? — hesitei, mas não adiantava conter aquilo. — Não me peça para ficar aqui, agora. Talvez quando Lestat se refizer, talvez quando tiver passado um tempo suficiente... Não sei ao certo, só sei que não estou podendo aceitar seu amável convite.

Balançou a cabeça para mim em sinal de aceitação. Com a mão, fez um pequeno gesto de aquiescência. Sua velha capa cinza escorregara-lhe de um dos ombros. Parecia não fazer caso disso. Suas roupas pretas de lã fina estavam maltratadas, com uma barra descuidada de poeira nas lapelas e nos bolsos. Isso não era correto nem usual para ele.

Ele tinha uma grande massa de seda branca no pescoço que fazia seu rosto pálido parecer mais corado e mais humano do que pareceria sem o contraste. Mas a seda estava desfiada, como que por espinhos. Em suma, ele mais assombrava o mundo com essas

roupas do que as vestia. Elas eram apropriadas para uma pessoa estabonada, não para meu velho Mestre. Acho que ele sabia que eu estava perdido. Eu olhava para o escuro lá em cima. Queria chegar ao sótão, às roupas semi-ocultas da criança morta. Fiquei pensando nessa história da criança morta. Tive a impertinência de deixar minha mente vagar, embora ele estivesse esperando.

Ele me trouxe de volta com suas palavras amáveis.

— Sybelle e Benji estarão comigo quando você os quiser — disse ele.

Você pode nos encontrar. Não estamos longe. Você ouvirá a *Appassionata* quando quiser. — Sorriu.

— Você deu um piano a ela — retruquei. Falei da dourada Sybelle. Eu excluía o mundo de minha audição preternatural e não queria agora destampar os ouvidos sequer para o som adorável que ela tirava das teclas, do qual eu já estava sentindo uma falta imensa.

Quando entramos no convento, Sybelle logo viu um piano e me perguntou baixinho se podia tocá-lo. Não era na capela onde jazia Lestat, mas numa outra sala ao lado, comprida e vazia. Eu lhe respondera que não era muito apropriado, que poderia perturbar Lestat ali deitado, e não podíamos saber o que ele pensava, nem o que sentia, nem se estava angustiado e enredado em seus próprios sonhos.

— Talvez quando vier, você fique algum tempo — disse Marius. — Vai gostar de ouvi-la tocando meu piano, e quem sabe então conversaremos, e você poderá ficar conosco, e poderemos dividir a casa pelo tempo que desejar.

Não respondi.

— É palaciana num estilo do Novo Mundo — explicou, com um sorriso meio zombeteiro. — Não é nada longe. Tenho os jardins mais amplos e os carvalhos mais velhos, mais velhos até do que aqueles da avenida, e todas as janelas são portas. Você sabe o quanto gosto dessas coisas assim. É o estilo romano. A casa está aberta para as chuvas de primavera, e as chuvas de primavera aqui parecem um sonho.

— É, eu sei — murmurei. — Acho que está chovendo agora, não está? sorri.

— Bom, estou todo respingado de chuva, sim — respondeu, quase alegremente. — Venha quando quiser. Se não hoje à noite, então amanhã...

— Ah, estarei lá hoje à noite — falei. Eu não queria ofendê-lo, de modo nenhum, mas Benji e Sybelle tinham visto uma quantidade suficiente de monstros de cara branca e voz aveludada. Estava na hora de ir embora.

Olhei para ele com bastante audácia, gozando por um instante essa atitude, superando uma timidez que fora nossa maldição neste mundo moderno. Na Veneza antiga, ele resplandecera em suas roupas como os homens então resplandeciam, sempre tão vivo e esplendidamente enfeitado, o espelho da moda, para usar a antiga expressão elegante. Quando cruzava a praça de São Marcos naquela suave claridade púrpura do anoitecer, todos se viravam para vê-lo passar. O vermelho era sua marca de orgulho, veludo vermelho — uma capa esvoaçante e um gibão magnificamente bordado, e por baixo uma túnica de seda dourada, tão popular naqueles tempos.

Ele tinha o cabelo de um jovem Lourenço de Medici, que parecia extraído diretamente do mural.

— Mestre, eu o amo, mas agora preciso ficar sozinho — eu disse. — Você não precisa de mim, precisa? Como pode? Nunca precisou realmente. — Na mesma hora, arrependi-me. As palavras, não o tom, eram imprudentes. E estando nossas mentes divididas por um sangue tão íntimo, receava que ele interpretasse mal.

— Querubim, desejo você — retrucou magnânimo. — Mas posso esperar. Parece que não faz muito tempo que eu disse essas mesmas palavras quando estivemos juntos, e por isso torno a dizê-las.

Eu não conseguia dizer a ele que aquela era minha temporada de companhia mortal, o quanto eu desejava simplesmente passar a noite conversando com o pequeno Benji, que era tão sábio, ou ouvindo minha querida Sybelle tocando sua sonata. Parecia irrelevante explicar mais. E a tristeza tornou a cair sobre mim,

pesada e inegavelmente, tristeza de ter vindo a este convento abandonado e vazio onde estava Lestat, sem conseguir ou sem querer se mexer ou falar, nenhum de nós sabia. — Minha companhia agora não vai acrescentar nada, Mestre — falei. Mas você me dará uma chave para encontrá-lo, claro, de modo que quando este tempo passar... — deixei minhas palavras morrerem.

— Receio por você! — ele murmurou, com grande carinho.

— Mais do que antes, Mestre? — perguntei.

Ele refletiu um instante. Depois respondeu:

— Sim. Você ama duas crianças mortais. Elas são sua lua e suas estrelas. Venha ficar comigo nem que seja um pouquinho. Diga-me o que acha de nosso Lestat e do que aconteceu. Diga-me talvez, se eu prometer ficar muito quieto e não pressioná-lo, dê-me sua opinião sobre tudo o que viu tão recentemente.

— Você aborda isso com delicadeza, Mestre, eu o admiro. Está se referindo a por que acredito em Lestat quando ele afirma ter estado no Paraíso e no Inferno, ou ao que enxerguei ao olhar para a relíquia que ele trouxe com ele, o Sudário de Verônica.

— Se quiser me contar. Mas, na verdade, gostaria que você viesse e descansasse.

Pousei minha mão sobre a dele, maravilhado de ver que, apesar de tudo por que eu passara, minha pele estava quase tão branca quanto a dele. — Você será paciente com meus filhos até eu chegar, não? — perguntei. — Eles se acham tão intrepidamente perversos, vindo aqui para estar comigo, assobiando displicentemente no cadinho dos Não Mortos, por assim dizer.

— Não Mortos — replicou com um sorriso de reprovação. — Um linguajar desses, e em minha presença. Você sabe que odeio isso.

Plantou um beijo rápido em meu rosto. Isso me espantou, e em seguida percebi que ele fora embora.

— Velhos truques! — falei em voz alta, imaginando se ele ainda estaria suficientemente perto para me ouvir, ou se havia tapado os ouvidos para mim com a mesma violência com que eu tapara os meus para o mundo de fora.

Olhei para o lado, desejando a tranqüilidade, sonhando de repente com caramanchões, não em palavras mas em imagens, como minha velha mente faria, desejando deitar no meio das flores nos canteiros, desejando encostar o rosto na terra e cantar baixinho para mim mesmo.

A primavera lá fora, o calor, a névoa úmida que se transformaria em chuva. Tudo isso eu queria. Queria as florestas pantanosas além, mas queria também Sybelle e Benji, e ter partido, e ter alguma vontade para prosseguir.

Ah, Armand, você sempre carece exatamente disso, de vontade. Não deixe a velha história se repetir agora. Proteja-se com tudo o que aconteceu. Outro estava ali perto.

De repente pareceu-me terrível que um imortal que eu não conhecia se intrometesse aqui em meus pensamentos aleatórios particulares, talvez para fazer uma aproximação egoísta do que eu sentia.

Era apenas David Talbot.

Ele saiu da ala da capela, pelas salas de comunicação que ligam o convento ao prédio principal onde eu estava no alto da escada do segundo andar. Vi-o entrar no saguão. Atrás dele estava o vidro da porta que levava à galeria, e, mais além, o suave clarão branco e dourado do pátio lá embaixo.

— Agora está tranqüilo — disse ele. — E o sótão está vazio e você sabe que pode ir lá, claro.

— Vá embora — retruquei. Não estava com raiva, apenas me achava no direito de querer que não lessem meus pensamentos e que deixassem minhas emoções em paz.

Com impressionante serenidade, ele me ignorou, depois falou:

— Sim, tenho medo de você, um pouco, mas também sou terrivelmente curioso.

— Ah, entendo, então isso desculpa o fato de você me ter seguido até aqui?

— Eu não o segui, Armand. Eu moro aqui.

— Ah, sinto muito, então — admiti. — Eu não sabia. Acho que fico contente com isso. Você o guarda. Ele nunca fica sozinho-eu me referia a Lestat, claro.

— Todo mundo tem medo de você — replicou, calmamente. Ele se colocara a poucos passos de mim, cruzando os braços displicentemente. — Sabe, é um estudo e tanto as histórias e os hábitos dos vampiros.

— Não para mim — falei.

— Sim, estou vendo — ele insistiu. — Só estava pensando, e espero que você me perdoe. Era sobre a criança no sótão. A criança que dizem ter sido assassinada. É uma grande história, sobre uma pessoinha muito pequena. Se tiver mais sorte do que todo mundo, talvez você veja o fantasma da criança cujas roupas foram emparedadas.

— Importa-se se eu olhar para você? — retruquei. — Pergunto se você vai meter o bedelho em minha cabeça com tanta descontração? Conhecemo-nos algum tempo antes disso tudo acontecer: Lestat, a Viagem Paradisiaca, este lugar. Nunca avaliei você realmente. Eu era indiferente, ou educado demais, não sei qual dos dois.

Fiquei surpreso de ouvir minha voz tão inflamada. Eu era volátil, e não era culpa de David Talbot.

— Estou pensando no conhecimento convencional a seu respeito — continuei. — No fato de você não ter nascido neste corpo, de que era um velho quando Lestat o conheceu, de que este corpo que você agora habita pertencia a uma alma esperta que conseguiu ir passando de um ser vivo a outro e se estabelecer aí com sua própria alma invasora.

Ele me abriu um sorriso bastante apaziguador.

— Assim disse Lestat — respondeu. — Assim escreveu. É verdade, naturalmente. Você sabe que é. Você sabia desde a outra vez que me viu. — Passamos três noites juntos — eu disse. — E nunca questioneei você realmente. Quer dizer, nunca o fitei diretamente nos olhos.

— Estávamos pensando em Lestat então.

— Não estamos agora?

— Não sei — disse ele.

— David Talbot — falei, avaliando-o friamente com os olhos. — David Talbot, Superior Geral da Ordem dos Detetives Mediúnicos

conhecida como a Talamasca, foi catapultado para este corpo no qual ele agora circula — não sei se eu estava parafraseando ou inventando isso à medida que eu falava. — Ele foi fixado ou acorrentado dentro desse corpo, aprisionado por muitas veias adoentadas, depois transformado em vampiro quando um sangue inflamável e inestancável invadiu sua anatomia afortunada, selando sua alma ali dentro e transformando-o em imortal, um homem de pele bronzeada e cabelo preto seco, lustroso e grosso.

— Acho que você está certo — assentiu, indulgente e educado.

— Um belo cavalheiro cor de caramelo — prossegui —, andando com uma desenvoltura tão felina e olhares tão iluminados que me lembra de tudo o que era saboroso e é agora uma miscelânea de aromas: canela, cravo, pimentas suaves e outras especiarias douradas, marrons ou vermelhas, cujas fragrâncias podem ativar meu cérebro e mergulhar-me em desejos eróticos que agora, mais do que nunca, vivem para se extinguir. A pele dele deve cheirar a castanha de caju e cremes de amêndoas. Cheira mesmo. Ele riu.

— Estou entendendo seu ponto.

Eu me chocara. Por um instante, fiquei infelicíssimo.

— Não sei ao certo se eu me entendo — repliquei num tom arrependido. — Acho que é simples — disse ele. — Você quer que eu o deixe em paz. Eu vi as absurdas contradições disso tudo de uma vez só.

— Olhe — murmurei rapidamente. — Estou perturbado — murmurei. Meus sentidos se cruzam, como tantos fios para dar um nó: paladar, visão, olfato, tato. Estou descontrolado.

Fiquei pensando preguiçosa e perversamente se poderia atacá-lo, tomá-lo, derrubá-lo graças a minha habilidade e minha esperteza maiores e provar-lhe o sangue sem o seu consentimento.

— Já tenho chã demais para isso — falou —, e por que você arriscaria uma coisa dessas?

Que serenidade. O homem mais velho nele de fato comandava a carne mais robusta e mais jovem, o sábio mortal com uma autoridade férrea sobre todas as coisas eternas e com um poder sobrenatural. Que combinação de energias! Bom beber o sangue

dele, tomá-lo contra sua vontade. Não há maior divertimento no mundo do que o estupro de um igual.

— Não sei — respondi envergonhado. Estupro não é coisa de homem. Não sei por que o estou insultando. Sabe, eu queria ir embora logo. Quer dizer, eu queria visitar o sótão, depois sair daqui. Queria evitar esse tipo de paixão. Você é uma maravilha, e me acha uma maravilha, e isso é formidável.

Deixei meus olhos passearem por ele. Estive cego para ele da última vez que nos vimos, essa era a maior verdade.

Ele se vestiu para matar. Com o talento de antigamente, quando os homens podiam andar como pavões, escolhera tons de sépia dourada e de ferrugem para suas roupas. Ele estava elegante e limpo e todo enfeitado com detalhezinhos cuidadosos de ouro puro, num relógio de pulso e em botões e num alfinete esguio para sua gravata moderna, aquela tira de cor que os homens usam nesta época, como se para nos deixar pegá-los no laço com mais facilidade. Enfeite idiota. Mesmo sua camisa de algodão acetinado era cor de cobre e tinha alguma coisa do sol e da terra aquecida. Até seus sapatos eram marrons, lustrosos como dorso de besouro.

Veio em minha direção.

— Sabe o que vou perguntar-disse. — Não lute com esses pensamentos desarticulados, essas novas experiências, todo esse conhecimento avassalador. Escreva um livro com isso para mim.

Eu não poderia ter previsto que esta seria sua pergunta. Fiquei surpreso, docemente surpreso, mas mesmo assim pego desprevenido. Fazer um livro? Eu? Armand?

Fui andando na direção dele, virei bruscamente e subi correndo a escada do sótão, passando pelo terceiro andar e depois entrando no quarto andar.

O ar estava abafado ali. Era um lugar que o sol aquecia diariamente. Tudo era seco e doce, a madeira que parecia incenso e o assoalho áspero.

— Menina, onde você está? — perguntei.

— Criança, você quer dizer — corrigiu ele.

Ele subira atrás de mim, demorando um pouco por cortesia.

Acrescentou:

— Ela nunca esteve aqui.

— Como sabe?

— Se ela fosse um fantasma, eu poderia chamá-la — disse ele.

Olhei por cima do ombro.

— Você tem esse poder? Ou isso é só o que você quer me dizer agora? Antes que vá mais longe, deixe-me avisá-lo que quase nunca temos o poder de ver espíritos.

— Sou completamente novo — explicou David. — Sou diferente dos outros. Entrei para o Mundo das Trevas com faculdades diferentes. Ousarei dizer, nós, a nossa espécie, os vampiros, evoluímos?

— A palavra convencional é estúpida — respondi.

Fui entrando mais no sótão. Espiei uma pequena câmara com estuque e rosas descascadas, grandes rosas molengas vitorianas com folhas de um verde pálido e esmaecido. Entrei na câmara.

A luz vinha de uma janela alta que uma criança não podia alcançar.

Impiedoso, pensei.

— Quem disse que uma criança morreu aqui? — perguntei. Tudo estava limpo por baixo da sujeira dos anos. Não havia presença alguma. Parecia perfeito e justo, nenhum fantasma para me reconfortar. Por que um fantasma haveria de deixar um descanso gostoso por minha causa? Então eu poderia talvez me abraçar com a memória dela, sua terna lenda. Como são assassinadas crianças em orfanatos onde só freiras trabalham? Nunca pensei nas mulheres como sendo tão cruéis. Secas, sem imaginação, talvez, mas não agressivas como nós somos, para matar.

Dei um giro completo. Uma das paredes era revestida de escaninhos de madeira, e um dos escaninhos achava-se aberto, e lá estavam os sapatinhos marrons batidos, Oxfords, como são chamados, com cadarços pretos, e agora eu via, atrás de mim, o buraco todo arreventado de onde rasgaram as roupas dela. — Todas caídas ali, emboloradas e amassadas, lá estavam as roupas da menina. Uma quietude baixou em mim como se a poeira desse

lugar fosse um gelo fino, descendo dos píncaros de montanhas arrogantes e monstruosamente egoístas para congelar todas as coisas vivas, esse gelo, para encerrar de vez tudo o que respirasse ou sentisse ou sonhasse ou vivesse. Ele falou em verso:

— “Não receies mais o calor do sol” — murmurou. — “Nem as violentas fúrias do inverno. Não receies mais...”

Estremeci de prazer. Eu sabia os versos. Adorava-os.

Ajoelhei-me, como se diante do Sacramento, e toquei nas roupas dela. — E ela era pequena, não tinha mais de cinco anos, e não morreu absolutamente aqui. Ninguém a matou. Nada tão especial para ela. — Como suas palavras desmentem seus pensamentos — disse ele. — Não desmentem, penso simultaneamente em duas coisas. Há uma distinção em ser assassinado. Eu fui assassinado. Ah, não por Marius, como você poderá achar, mas por outros.

Eu sabia que estava falando baixo e de modo arrogante, porque o objetivo disso não era teatro puro.

— As recordações me envolvem como velhas capas de pele. Levanto o braço e a manga da memória o cobre. Olho em volta e vejo outros tempos. Mas você sabe o que mais me assusta: é que esse estado, como tantos outros comigo, não chegará a provar nada, mas vai durar séculos.

— O que você realmente teme? O que queria de Lestat quando veio aqui? — David, eu vim para ver Lestat. Vim para descobrir como estavam as coisas com ele, e por que ele jaz ali, imóvel. Eu vim... — eu não ia dizer mais nada.

Suas unhas polidas davam um ar ornamental e especial às suas mãos, faziam-nas parecer carinhosas, graciosas e encantadoras ao toque. Ele pegou um vestidinho, rasgado, cinza, salpicado com pedaços de renda ordinária. Todas as coisas vestidas de carne podem produzir uma beleza estonteante se você se concentrar nelas o suficiente, e a beleza dele saltava sem se desculpar.

— Apenas roupas. — Algodão florido, um pedaço de veludo com uma manga fofa do tamanho de uma maçã para o século de braços nus dia e noite. Absolutamente nenhuma violência em volta

dela — comentou como se isso fosse uma pena. — Só uma pobre criança, não acha, e triste por natureza bem como por situação.

— E por que foram emparedados, conte-me isso! Que pecado cometeram esses vestidinhos? — Suspirei. — Santo Deus, David Talbot, por que não deixamos a menina ter suas próprias histórias e fama? Você me irrita. Diz que pode ver fantasmas. Acha-os agradáveis? Você gosta de conversar com eles. Eu poderia lhe contar sobre um fantasma...

— Quando me contará? Olhe, não vê o truque de um livro? — Ele se levantou e espanou o joelho com a mão direita. Na esquerda tinha o vestido franzido dela. Algo naquela cena toda me incomodou, uma criatura alta segurando o vestido amassado de uma menina.

— Sabe, quando você pensa — falei virando-me para não ver o vestido na mão dele-, nada justifica no mundo de Deus a existência de meninas e meninos. Pense na outra questão delicada dos mamíferos. Entre cachorrinhos, gatinhos ou potrinhos, há sexo? Sexo nunca é problema. A coisa frágil e semidesenvolvida é assexuada. É indeterminada. Não há nada tão esplêndido para se olhar como um menino ou uma menina. Minha cabeça está tão cheia de idéias. Acho que explodirei se não fizer alguma coisa, e você diz para fazer um livro para você. Você acha que é possível, acha...

— O que eu acho é que quando você faz um livro, você conta a história da forma como gostaria de saber dela!

— Não vejo grande sabedoria nisso.

— Bem, então pense, pois a maioria dos discursos é uma mera vazão de nossos sentimentos, uma mera explosão. Ouça, veja a maneira como você faz essas explosões.

— Não quero ver.

— Mas vê, porém não são as palavras que você quer ler. Quando você escreve, algo diferente acontece. Você faz uma lenda, não importa quão fragmentada ou experimental ou quão pouco caso faça de todas as convenções e formas úteis. Tente isso para mim. Não, não, tenho uma idéia melhor.

— Qual?

— Desça comigo a meus aposentos. Estou morando aqui, eu lhe disse. De minhas janelas você pode ver as árvores. Não vivo como nosso amigo Louis, vagando por esses cantos empoeirados e depois voltando a seu apartamento da Rue Royale quando se convenceu novamente e pela milésima vez de que ninguém pode fazer mal a Lestat. Tenho aposentos aquecidos. Uso velas para ter uma iluminação antiga. Desça e deixe-me escrever sua história. Fale comigo. Fique andando de um lado para o outro se quiser, ou esbraveje, sim, esbraveje, e deixe-me escrever, e, mesmo assim, o fato mesmo de eu estar escrevendo fará com que você dê uma forma a isso. Você começará a...

— A quê?

— A me dizer o que aconteceu. Como você morreu e como viveu. — Não espere milagres, desconcertante estudioso. Eu não morri em Nova York naquela manhã. Quase morri.

Ele me deixara ligeiramente curioso, mas eu jamais poderia fazer o que ele queria. Todavia, ele era honesto, espantosamente honesto, até onde eu conseguia avaliar, e portanto sincero.

— Ah, então, eu não quis dizer literalmente. Quis dizer que você deveria me contar como foi subir tão alto e entrar no sol, e sofrer tanto, e, como você disse, descobrir em sua dor todas essas recordações, esses elos. Conte-me! Conte-me.

— Não se você pretender fazer uma história coerente — retruquei irritado. Avaliei a reação dele. Eu não o estava incomodando. Ele queria falar mais.

— Fazer uma história coerente? Armand, simplesmente escreverei o que você contar. — Fez suas palavras parecerem simples e no entanto curiosamente apaixonadas. — Promete?

Lancei-lhe um olhar divertido. Eu! Fazer isso. ! Ele sorriu. Embolou o vestidinho e largou-o cuidadosamente para que caísse no meio da pilha das roupas velhas da menina.

— Não modificarei uma sílaba — disse. — Venha ficar comigo, e fale comigo e seja o meu amor — ele tornou a sorrir.

De repente, veio em minha direção, mais ou menos com aquela atitude agressiva com que há pouco eu imaginara abordá-lo. Afagou meu cabelo e sentiu meu rosto e em seguida puxou meu

cabelo para cima e encostou o rosto em minhas melenas, e riu. Deu-me um beijo no rosto.

— Seu cabelo parece feito de âmbar, como se o âmbar pudesse derreter e ser tirado de chamas de vela em longos fios etéreos e deixado secar assim para fazer todas essas tranças lustrosas. Você é doce, com cara de menino e bonitinho como uma menina. Por um momento, eu gostaria de ter podido ver você vestido de veludo antigo da maneira como você era para ele, para Marius. Gostaria de ter podido ver por um momento como você ficava de meias e gibão cintado bordado com rubis. Olhe para você, a criança gelada. Meu amor nem sequer o afeta. Isso não era verdade. Os lábios dele eram quentes, e senti as presas embaixo, senti a urgência em seus dedos apertando subitamente meu crânio. Esse contato me arrepiou todo, meu corpo se contraiu, depois estremeceu, e a sensação foi mais doce do que seria previsível. Essa intimidade solitária me incomodou, incomodou-me o bastante para transformá-la, ou livrar-me dela completamente. Melhor morrer ou estar longe, no escuro, simples e solitário com lágrimas comuns.

Pelo olhar, achei que ele poderia amar sem dar nada. Não um conhecedor, apenas um bebedor de sangue.

— Você me deixa com fome — sussurrei. — Não de você mas de alguém que esteja condenado e no entanto vivo. Quero caçar. Pare com isso. Por que me toca? Por que tanta delicadeza?

— Todo mundo o quer — disse ele.

— Ah, eu sei. Todo mundo destruiria uma criança culpada e esperta! Todo mundo teria um garoto risonho que sabe onde pisa. Criança é melhor para comer do que mulher, e menina se parece muito com mulher, mas garotinho? Garotinho não é igual a homem, é?

— Não zombe de mim. Quis dizer que queria apenas tocar em você, sentir como você é macio, como é eternamente jovem.

— Ah, sou eternamente jovem mesmo — respondi. — Você diz coisas absurdas para alguém assim tão bonito. Vou sair. Preciso me alimentar. E quando tiver terminado, quando estiver saciado e aquecido, volto aqui para lhe contar tudo o que você quiser. —

Afastei-me dele, sentindo arrepios quando ele soltou meu cabelo. Olhei para a janela branca vazia, muito em cima para se ver as árvores. — Eles não conseguiam ver nada verde aqui, e é primavera lá fora, primavera do sul. Dá para sentir o cheiro por entre as paredes. Quero enxergar cores só por um instante. Matar, beber sangue e ter flores.

— Não basta. Quero fazer o livro — disse ele. — Quero fazê-lo agora e quero que você venha comigo. Não vou ficar por aí para sempre.

— Ah, bobagem, claro que vai. Acha que sou um boneco, não? Acha que sou uma gracinha e feito de cera, e você fica desde que eu fique.

— Você é mauzinho, Armand. Tem cara de anjo e fala como um bandido comum.

— Que arrogância! Pensei que você me quisesse.

— Só em determinados termos.

— Mentira, David Talbot — repliquei.

Passei por ele dirigindo-me à escada. As cigarras cantavam na noite como muitas vezes fazem, a qualquer hora, em Nova Orleans. Pelas vidraças da escadaria, vislumbrei as árvores floridas da primavera, o pedaço de uma trepadeira enroscada na cobertura de uma varanda. Ele seguiu. Descemos até o primeiro andar como se fôssemos homens normais e saímos pelas faiscantes portas de vidro para a clara Napoleon Avenue com seu doce e úmido parque verdejante no centro, um parque cheio de flores cuidadosamente plantadas e de humildes árvores nodosas e envergadas. A paisagem toda se movia com os sutis ventos do rio, e uma névoa úmida dançava no ar mas não se fazia chuva, e folhinhas verdes vinham caindo leves como cinza. Suave primavera do sul. Até o céu parecia prenhe da estação, baixando e no entanto corando com reflexos da claridade, parindo a névoa por todos os poros. Um perfume gritante emanava dos jardins à esquerda e à direita, das flores-das-quatro-horas, como os mortais chamam, uma trepadeira parecida com mato, mas infinitamente doce, e as íris silvestres em riste como lâminas saindo da lama negra, pétalas roucas monstruosamente grandes, amassando-se em muros velhos e

degraus de concreto, e, como sempre, havia rosas, rosas de velhas e rosas de moças, rosas muito sadias para a noite tropical, rosas cobertas de veneno.

Antigamente havia bondes nesta faixa central relvada. Eu sabia que os trilhos corriam por esse gramado verde onde eu caminhava à frente dele, rumo aos cortiços, ao rio, à morte, ao sangue. Ele vinha atrás de mim. Eu conseguia andar de olhos fechados, sem tropeçar, e ver os bondes.

— Venha, siga-me — falei, descrevendo o que ele fazia, não o convidando.

Quarteirões e quarteirões em segundos. Ele continuou. Muito forte. O sangue de toda uma corte do Vampiro Real corria dentro dele, sem dúvida. Lestat podia criar os monstros mais letais, isto é, após seus sedutores equívocos iniciais — Nicolas, Louis, Claudia —, nenhum dos três capaz de cuidar de si mesmo sozinho, e dois morreram, e um sobrou e talvez o vampiro mais fraco ainda esteja a circular no grande mundo. Olhei para trás. Seu rosto contraído, escuro e lustroso espantou-me. Ele parecia todo envernizado, encerado, polido, e tornei a pensar em coisas condimentadas, amêndoas açucaradas e aromas deliciosos, chocolates ao leite e um gostoso caramelo escuro, e de repente talvez fosse bom agarrá-lo. Mas essas delícias substituíam um mortal podre, barato, maduro e odorífero. E adivinhe? Apontei.

— Lá.

Ele olhou para onde mandei. Viu o alinhamento frouxo de prédios velhos. Havia mortais por toda a parte espreitando, dormindo, sentados, jantando, perambulando, em meio a escadinhas estreitas, atrás de paredes descascadas e embaixo de tetos rachados.

Eu achara um, perfeito na maldade, uma grande rajada de brasas odientas, de malícia e ganância e desprezo a arder enquanto ele me aguardava.

Já havíamos passado a Magazine Street, mas não estávamos no rio, apenas quase, e esta era uma rua que eu não me lembrava nem conhecia de minhas perambulações por essa cidade — a cidade deles, de Louis e Lestat —, apenas uma rua estreita com

essas casas cor de madeira lavada ao luar e janelas com cortinas improvisadas, e na sala estava esse mortal arrogante atirado na cadeira grudado num aparelho de televisão e tomando malte direto de uma garrafa marrom, ignorando as baratas e o calor pulsante que entrava pela janela, essa coisa feia, suada, imunda e irresistível, essa carne e esse sangue para mim.

A casa era tão infestada de vermes e insetos desprezíveis que parecia apenas uma concha em volta dele, frágil e quebradiça e com todas as sombras da mesma cor como uma floresta. Nenhum padrão moderno de assepsia aqui. Até a mobília apodrecia naquela bagunça úmida. O mofo cobria a geladeira branca que rangia. Só a cama individual e os tapetes malcheirosos indicavam domesticidade atual.

Era um ninho apropriado para se encontrar essa caça, esse pássaro horrendo, esse suculento e deprecável saco de ossos e sangue de plumagem pobre.

Entreabri a porta, o fedor humano subindo como um enxame de mosquitos, e assim tirei a porta das dobradiças, mas sem muito barulho. Pisei em jornais espalhados sobre madeira pintada. Cascas de laranja transformadas em tiras de couro marrom. Baratas correndo. Ele nem ergueu os olhos. Sua cara inchada de bêbado estava azul e fantasmagórica, sobrancelhas pretas grossas e despenteadas, e no entanto ele parecia bem possivelmente um tanto angelical, devido à luz da televisão. Mexeu na caixinha de plástico mágica em sua mão para fazer os canais mudarem, e a luz piscou e tremeu sem nenhum ruído, e aí ele deixou o som aumentar, uma banda tocando, uma caricatura, gente aplaudindo. Ruídos ordinários, imagens ordinárias como o lixo que o cercava. Tudo bem, quero você. Ninguém mais quer.

Ele ergueu os olhos para mim, um garoto invasor, David muito afastado para que ele o visse esperando.

Empurrei o televisor para o lado. O aparelho balançou, caiu no chão e quebrou-se todo por dentro, como se contivesse uma quantidade de ampolas de energia, e agora estilhaços de vidro.

Uma fúria momentânea dominou-o, carregando seu rosto com um reconhecimento indolente.

Ele se levantou, braços abertos, e veio para mim.

Antes de cravar os dentes, vi que tinha cabelo comprido e emaranhado. Sujo mas gostoso. Ele o usava amarrado com um trapo na nuca formando um rabo farto que lhe descia pela camisa xadrez.

Enquanto isso, dentro dele havia uma quantidade de sangue licoroso e embriagado de cerveja suficiente para dois vampiros, delicioso, feio, e um coração enfurecido, lutador, e tanto corpo que estar em cima dele era a mesma coisa que montar um touro.

No meio da refeição, todos os odores tornam-se doces, até os mais repugnantes. Achei que morreria calmamente de alegria, como sempre. Chupei com força suficiente para encher a boca, deixando o sangue rolar na língua, para então encher meu estômago, se é que tenho estômago, mas, sobretudo para saciar essa imunda sede gulosa, mas não o suficiente para imobilizá-lo.

Ele desfaleceu e lutou, e cometeu a estupidez de puxar meus dedos, e depois a temeridade desastrada de tentar encontrar meus olhos. Cerrei-os e deixei que ele os apertasse com aqueles polegares gordurosos. Não adiantou. Sou um garoto invencível. Não se pode cegar um cego. Eu estava muito cheio de sangue para me importar. Ademais, estava gostoso. Esses fracos que querem nos arranhar só afagam. Sua vida passou como se todo mundo que ele amou estivesse numa montanha-russa debaixo de estrelas maravilhosas. Pior do que a pintura de Van Gogh. Nunca conhecemos a paleta de quem matamos até a mente expelir suas melhores cores.

E ele caiu logo. Acompanhei-o. Eu agora o envolvia todo com o braço esquerdo, e deitei como criança em sua barrigona musculosa, e fiquei sugando o sangue com as mais contundentes golfadas, transformando tudo o que ele pensava e via e sentia só em cor, só quero cor, laranja puro, e só por um segundo, quando ele morreu — quando a morte passou por mim, como uma grande bola de força negra que acaba não sendo realmente nada, nada senão fumaça ou menos ainda que isso —, quando essa morte entrou em mim e tornou a sair como o vento, pensei: ao esmagar tudo o que ele é, estarei privando-o de um conhecimento final?

Bobagem, Armand. Você sabe o que os espíritos sabem, o que os anjos sabem. O filho da mãe está indo para casa! Para o Paraíso. Para o Paraíso que não aceita você, e talvez nunca aceite.

Na morte, ele parecia excelente.

Sentei ao lado dele. Limpei a boca, não que houvesse alguma gota a ser limpa. Os vampiros só bebem sangue em filmes. Até o imortal mais reles é habilidoso demais para derramar uma gota. Limpei a boca porque o suor dele me molhava os lábios e a cara e eu queria secá-lo.

Fiquei, no entanto, admirado que ele fosse grande e incrivelmente rijo para toda aquela aparente circunferência. Admirei o cabelo preto grudado em seu peito molhado onde a camisa inevitavelmente fora rasgada.

Seu cabelo preto era algo para se olhar. Arranquei a tira que o amarrava. Era um cabelo cheio e grosso como cabelo de mulher. Ao certificar-me de que ele estava morto, enrolei seus cabelos na mão esquerda no intuito de escalpelá-lo.

David arquejou.

— Precisa fazer isso?

— Não — respondi.

Alguns milhares de fios de cabelo já estavam arrancados, cada um apenas com sua minúscula raiz ensangüentada piscando no ar como um pequeno vagalume. Fiquei um instante segurando esse chumaço e depois larguei-o atrás de sua cabeça virada.

Aqueles cabelos desenraizados caíram descuidadamente em sua face áspera. Seus olhos estavam úmidos e como que despertos, uma geléia moribunda. David saiu para a ruela. Carros passavam roncando e chacoalhando. Um navio no rio cantava como um órgão a vapor. Fui atrás dele. Espanei-me para tirar a poeira. Um golpe e eu poderia ter feito a casa toda ruir, simplesmente desmoronando em cima daquela imundície pútrida, morrendo suavemente em meio às outras casas para que ninguém dentro delas aqui sequer soubesse, toda essa madeira molhada simplesmente desabando.

Eu não conseguia tirar o gosto nem o cheiro do suor.

— Por que você foi tão contrário a eu arrancar o cabelo dele?
— perguntei. — Eu só queria o cabelo, e ele está morto e não há o

que fazer e ninguém mais sentirá falta do cabelo preto dele.

Ele se virou com um sorriso irônico e me avaliou.

— Você me assusta com esse olhar — repliquei. — Será que inadvertidamente mostrei ser um monstro? Você sabe, minha abençoada mortal Sybelle, quando não está tocando a sonata de Beethoven chamada a Appassionata, fica vendo eu me alimentar. Você quer que eu conte minha história agora?

Olhei para o morto ao lado dele, que arqueava o ombro. No parapeito adiante e acima dele havia uma garrafa de vidro azul com uma flor-de-laranjeira dentro. Não é a coisa mais estranha?

— Quero sua história, sim — disse David. — Venha, vamos voltar juntos.

Só lhe pedi para não tirar o cabelo dele por um motivo.

— É? — perguntei. Olhei para ele. Curiosidade legítima. — Qual foi o motivo então? Eu só ia arrancar o cabelo dele todo e jogar fora. — Como arrancar as asas de uma mosca — comentou ele aparentemente sem criticar.

— Uma mosca morta — respondi. Sorri descansadamente. — Vamos, por que essa onda?

— Eu queria ver se você me escutaria — falou. — Só isso. Porque, se escutasse, as coisas poderiam funcionar entre nós. E você parou. E pronto. — Ele se virou e pegou meu braço.

— Não gosto de você — comentei.

— Ah, gosta, sim, Armand — retrucou. — Deixe-me escrever a história. Ande de um lado para o outro, grite e esbraveje. Você está muito importante e poderoso agora porque tem esses dois mortazinhos esplêndidos pendurados em cada gesto seu, e eles são como acólitos de um deus. Mas você quer me contar a história, você sabe que quer. Vamos! Não consegui conter o riso.

— Essas táticas já funcionaram para você? — Agora foi sua vez de rir e ele riu, afável.

— Não, suponho que não — disse. — Mas me deixe colocar a coisa dessa maneira, escreva para eles.

— Para quem?

— Benji e Sybelle. — Encolheu os ombros.

— Não? Não — respondi.

Escrever a história para Benji e Sybelle. Minha mente começou a correr, para uma sala alegre e sadia, onde nós três estaríamos reunidos anos depois eu, Armand, imutável, professor garoto — e Benji e Sybelle, mortais na flor da idade, Benji transformado num cavalheiro alto e maneiroso com um porte de árabe e o charuto preferido na mão, um homem muito promissor, e minha Sybelle, uma mulher curvilínea e maravilhosamente bem-feita de corpo então, e uma pianista ainda maior do que poderia ser hoje, os cabelos dourados emoldurando um rosto oval de mulher e lábios femininos carnudos cheios de entsagang e radiosidade secreta. Poderia eu ditar a história neste quarto e lhes dar o livro? Este livro ditado para David Talbot? Poderia eu, ao libertá-los de meu mundo alquímico, lhes dar este livro? Vão em frente, meus filhos, com toda a riqueza e orientação que lhes... Sim, disse minha alma. No entanto, virei-me e arranquei o escalpo de cabelo preto de minha vítima e pisei nele com um pé de Rumpelstiltskin.

David permaneceu impassível. Os ingleses são educadíssimos.

— Muito bem — retruquei. — Eu lhe conto a minha história.

Os aposentos dele eram no segundo andar, perto de onde eu parara no alto da escada. Que diferença daquelas galerias despidas e sem calefação! Ele havia construído uma biblioteca para ele com mesas e cadeiras. Havia uma cama de latão ali, seca e limpa.

— Estes são os aposentos dela — disse ele. — Você não lembra?

— Dora — falei.

Senti o perfume dela de repente. Ora, o perfume me envolvia todo. Mas todos os seus objetos pessoais tinham desaparecido. Estes eram os livros dele, tinham de ser. Eram novos exploradores espirituais — Dannion Brinkley, Hilarion, Melvin Morse, Brian Weiss, Matthew Fox, o livro de Urantia. Somem-se a isso textos antigos — Cassiodoro, Santa Teresa de Ávila, Gregório de Tours, o Veda, o Talmude, a Torá, o Kama Sutra — todos no original. Ele tinha alguns romances, algumas peças e alguma poesia desconhecidos.

— Sim — ele sentou-se à mesa. — Eu não preciso de luz. Você quer?

— Não sei o que lhe dizer.

— Ah — ele sacou sua caneta mecânica. Abriu um caderno de papel impressionantemente branco, pautado de finas linhas verdes. — Você saberá o que me dizer. — Olhou para mim.

Fiquei me abraçando, por assim dizer, deixando a cabeça pender como se fosse cair e eu fosse morrer. Meus cabelos longos estavam soltos. Pensei em Sybelle e Benjamin, minha garota calma e meu garoto exuberante.

— Você gostou deles, David, de meus filhos? — perguntei.

— Gostei, desde o instante em que os vi, quando você os trouxe. Todo mundo gostou. Todo mundo olhou com amor e respeito para eles. Que porte, que encanto. Acho que todos sonhamos com confidentes desse tipo, fiéis companheiros mortais de uma graça irresistível, que não sejam gritantemente loucos. Eles amam você, e no entanto não estão apavorados nem extasiados.

Fiquei imóvel. Calado. Fechei os olhos. Ouvi em meu coração a marcha rápida e vigorosa da *Appassionata*, aquelas ondas de música retumbantes e incandescentes, cheias de vibrações metálicas, *Appassionata*. Só que estava em minha cabeça. Nada de Sybelle dourada de pernas compridas. — Acenda as velas que tiver — falei timidamente. — Quer fazer isso para mim? Seria gostoso ter muitas velas e, olhe, a renda de Dora está pendurada nas janelas, lavada e cheirosa. Sou um apreciador de renda, esta é de Bruxelas, ou alguma muito parecida, sim, sou louco por renda. — Claro, vou acender as velas — disse ele.

Eu estava de costas para ele. Ouvi o delicioso e seco crepitar de um pequeno fósforo de madeira. Senti o cheiro que exalou ao queimar, e em seguida veio a fragrância líquida do pavio que se inclinou e se enroscou, e a luz subiu, encontrando as tábuas de cipreste do teto de madeira listrado lá em cima. Outro estalo, outra série de doces ruídozinhos crepitantes, e a claridade aumentou e se derramou sobre mim e caiu quase brilhando pela parede escura.

— Por que você fez isso, Armand? — perguntou ele. — Ah, o Vêu tem o Cristo estampado, de alguma forma, sem dúvida, parecia mesmo ser o Santo Vêu de Verônica e, Deus sabe, milhares de outros acreditam nisso, sim, mas por que em seu caso, por quê? O Vêu era resplandecentemente lindo, sim, concedo-lhe isto, Cristo

com Seus espinhos e Seu sangue, e Seus olhos fixos em nós, nós dois, mas por que acredita nisso tão completamente, Armand, depois de tanto tempo? Por que foi para Ele? Foi isso que tentou fazer, não?

Balancei a cabeça negativamente. Falei num tom suave e súplice. — Para trás, professor — repliquei, virando-me bem devagar. — Atenção à sua página. Isso é para você, e para Sybelle. Ah, é para meu pequeno Benji também. Mas de certa forma, é minha sinfonia para Sybelle. A história começa há muito tempo. Talvez eu nunca me tenha dado conta realmente há quanto, até esse exato momento. Você ouve e escreve. Deixe que eu seja aquele que grita e esbraveja.

2

Olho para minhas mãos. Penso na expressão “feito não por mãos humanas”. Sei o que isso significa, embora toda vez em que escutei a expressão dita com emoção tinha a ver com o que saíra de minhas mãos. Gostaria de pintar agora, pegar um pincel e experimentar do jeito que experimentei então, em transe, furiosamente, de uma vez só, cada linha e massa de cor, cada mistura, cada decisão definitiva.

Ah, estou muito desorganizado, muito intimidado pelo que recordo. Deixe-me escolher um lugar para começar. Constantinopla — recém-dominada pelos turcos, com isso quero dizer uma cidade muçulmana há menos de um século quando para lá fui levado, um garoto escravo, capturado nas terras selvagens de seu país para o qual ele mal sabia o nome adequado: a Horda Dourada.

A memória já foi arrancada de mim, junto com a linguagem ou qualquer capacidade de raciocinar de forma consistente. Lembrome dos quartos sórdidos que devem ter existido em Constantinopla porque outras pessoas falavam, e, pela primeira vez, desde que eu havia sido arrancado do que eu não conseguia lembrar, pude entender o que as pessoas diziam. Falavam grego, claro, esses comerciantes que negociavam com escravos para bordéis da

Europa. Não conheciam nenhuma fidelidade religiosa, que era só o que eu conhecia, infelizmente, sem detalhes.

Fui atirado num grosso tapete turco, a cobertura decorativa que se via num palácio, um tapete para exhibir mercadorias caras.

Meu cabelo era comprido e estava molhado; alguém o escovara a ponto de me machucar. Todos os meus pertences foram arrancados de mim e de minha memória. Eu estava nu por baixo de uma túnica velha e esgarçada de tecido dourado. A sala era quente e úmida. Tinha fome, mas, sem esperança de comer, sabia que essa era uma dor que apertava e depois ia embora sozinha. A túnica deve ter me dado um esplendor de coisa descartada, o brilho fraco de um anjo caído. Tinha mangas em forma de sino compridas e me batia nos joelhos.

Quando fiquei em pé, descalço, evidentemente, vi esses homens e soube o que eles queriam, que isso era um vício e uma coisa desprezível, e seu preço era o Inferno. Imprecações de velhos desaparecidos ecoavam em meus ouvidos: bonito demais, mole demais, pálido demais, olhos cheios demais do Diabo, ah, o sorriso diabólico.

Quão concentrados estavam estes homens na discussão, na barganha. Como me olhavam sem jamais me olhar nos olhos.

De repente, ri. As coisas estavam sendo feitas com muita pressa. Aqueles que me entregaram me haviam abandonado. Aqueles que me esfregaram nunca saíram das banheiras.

Eu era uma trouxa atirada no tapete.

Por um instante, veio-me uma noção de minha pessoa como já tendo sido alguém de língua afiada, cínico e profundamente cômico da natureza dos homens em geral. Ri porque aqueles mercadores pensaram que eu fosse uma menina.

Esperiei, escutando, captando esses pedacinhos de conversa.

Estávamos numa sala ampla, com um teto baixo em baldaquim, em cuja seda havia espelhinhos aplicados e os arabescos de que os turcos tanto gostavam, e as lâmpadas, embora fumarentas, eram perfumadas e soltavam uma fuligem escura e nebulosa que me ardia nos olhos.

Os homens com aqueles turbantes e aquelas túnicas cintadas não me eram mais estranhos do que a língua. Mas eu captava muito pouco do que eles falavam. Meus olhos procuravam uma saída. Não havia nenhuma. Havia homens pesados e mal-encarados postados próximo às entradas. Um homem mais afastado sentado a uma mesa usava um ábaco para contar. Ele tinha pilhas e pilhas de moedas de ouro. Um dos homens, alto e magro, só maçãs do rosto e mandíbulas, com os dentes podres, veio em minha direção e sentiu meus ombros e meu pescoço. Depois levantou a túnica. Fiquei imóvel, não furioso nem conscientemente com medo, apenas paralisado. Essa era a terra dos turcos, e eu sabia o que eles faziam com garotos. Só que eu nunca vira um quadro nem ouvira uma história real dessa terra, nem conhecera ninguém que tivesse vivido realmente nela, penetrado nela e voltado para casa.

Casa. Decerto devo ter desejado esquecer quem eu era. Devo ter. A vergonha provavelmente tornou isso uma imposição. Mas naquele momento, naquela sala que parecia uma tenda com seu tapete florido, entre os mercadores e negociantes de escravos, eu me esforçava para lembrar, como se, ao descobrir em mim um mapa, eu pudesse segui-lo para sair dali e voltar a meu lugar.

Eu realmente me lembrava das pradarias, das terras selvagens, terras aonde não se vai, a não ser para... Mas aquilo era um branco. Eu havia estado nas pradarias, desafiando a sorte, estupidamente mas não contra a vontade. Transportava algo extremamente importante. Apeei do cavalo, desamarrei aquela grande trouxa do arreio de couro e corri agarrado à trouxa.

— As árvores! — gritou, mas quem era ele?

Eu sabia, porém, o que ele estava dizendo, que eu precisava chegar ao bosque e lá pôr este tesouro, esta coisa mágica e esplêndida que estava dentro da trouxa, “feita não por mãos humanas”.

Não cheguei tão longe. Quando me agarraram, larguei a trouxa e eles nem sequer foram atrás dela, pelo menos que eu tenha visto. Pensei, ao ser suspenso no ar: isso não é para ser encontrado assim, embrulhado em pano desse jeito. Tem de ser colocado nas árvores.

Eles devem ter me estuprado no barco porque não me lembro de ir para Constantinopla. Não me lembro de sentir fome, frio, indignação ou medo. Agora aqui, pela primeira vez, conheci as particularidades do estupro, a graxa fétida, as discussões, as imprecações por causa da "ruína do cordeiro". Senti uma impotência monstruosa e insuportável.

Homens abomináveis, homens contra Deus e contra a natureza. Rugi como um animal para o mercador de turbante, e ele me deu um forte tapa no ouvido que me derrubou. Fiquei caído no chão olhando para ele com todo o desdém que podia expressar. Não me levantei, nem quando ele me chutou. Eu não iria falar.

Jogado em seus ombros, fui carregado dali por um pátio apinhado, e, depois de passar por camelos e jumentos fétidos e montes de sujeira, pelo porto onde os navios aguardavam e pela plataforma de embarque, fui posto no porão do navio.

Era outra imundície, o cheiro de haxixe, o corre-corre dos ratos a bordo. Fui atirado num catre de pano. De novo, procurei a saída e só vi a escada por onde havíamos descido e ouvi muitos homens tagarelando lá em cima.

Ainda estava escuro quando o navio zarpou. Uma hora depois, eu estava tão enjoado que só queria morrer. Encolhi-me no chão e fiquei o mais imóvel possível, escondendo-me inteiramente embaixo do tecido macio daquela túnica velha. Dormi o máximo que pude.

Quando acordei, havia um velho ali. Ele usava outro tipo de traje, menos assustador para mim que o dos turcos de turbante, e tinha um olhar bondoso. Abaixou-se perto de mim. Falava uma língua de uma maciez e uma doçura incomuns, mas eu não conseguia entendê-lo. Uma voz lhe disse em grego que eu era mudo, não tinha inteligência e rosnava como um animal.

Hora de rir de novo, mas eu estava enjoado demais.

O mesmo grego disse ao velho que eu não havia sido quebrado nem ferido.

Fui marcado com um preço alto.

O velho fez uns gestos de recusa ao abanar a cabeça negativamente e dizer umas frases cantadas na nova língua.

Segurou-me e, delicadamente, me fez ficar em pé. Levou-me para uma pequena cabine, toda forrada de seda vermelha. Passei a viagem toda nesta cabine, com exceção de uma noite.

Nesta noite — e não consigo situá-la em termos da viagem — acordei, e, encontrando deitado a meu lado esse velho que nunca me tocava senão para afagar-me e consolar-me, subi a escada e saí para o convés, ficando um bom tempo a contemplar as estrelas.

Estávamos ancorados num porto, e uma cidade de prédios escuros azulados, tetos abobadados e torres de sino despenhava pelas falésias até o porto onde os archotes viravam embaixo dos arcos ornamentados de uma arcada.

Tudo isso, o litoral civilizado, parecia-me provável, atraente, mas não me ocorreu que eu pudesse pular do navio e me libertar. Homens perambulavam embaixo dos arcos. Embaixo do mais próximo de mim, um homem com um traje estranho e um capacete reluzente, uma grande espada larga pendurada na cinta, montava guarda encostado na ornamentada coluna bifurcada, maravilhosamente esculpida para parecer uma árvore a sustentar o claustro, como o vestígio de um palácio para dentro do qual este canal para navios houvesse sido toscamente aberto.

Não olhei para a costa muito depois deste primeiro longo e memorável vislumbre. Olhei para o céu e sua corte de criaturas míticas para sempre fixas nas estrelas todo-poderosas e inescrutáveis. Negra era a noite além dessas estrelas, tão iguais a jóias que velhos poemas me voltaram à mente, até o som de hinos cantados só por homens.

Segundo me lembro, horas se passaram antes que me pegassem, me batessem violentamente com um chicote de couro e me arrastassem novamente para o porão. Eu sabia que a surra terminaria quando o velho me visse. Ele ficou furioso e trêmulo. Abraçou-me, e tornamos a nos deitar. Ele era velho demais para pedir alguma coisa de mim.

Eu não o amava. Estava claro para o estúpido mudo que esse homem o considerava algo muito valioso, a ser conservado para a venda. Mas eu precisava dele e ele me enxugava as lágrimas. Eu dormia o quanto podia. Enjoava sempre que o mar se encrespava.

Às vezes o calor bastava para me enjoar. Eu não sabia o que era calor de verdade. O homem me alimentava tão bem que às vezes eu achava que ele estava me engordando como a um bezerro para ser vendido pela carne.

Quando chegamos a Veneza, já entardecia. Eu não tinha idéia da beleza da Itália. Estava isolado lá embaixo naquele porão sórdido com o velho carcereiro, e, ao ser levado à cidade, vi logo que minhas suspeitas sobre o velho carcereiro estavam absolutamente corretas.

Numa sala escura, começou uma discussão feia entre ele e outro homem. Nada poderia me fazer falar. Nada poderia me fazer indicar que eu estivesse entendendo alguma coisa que acontecia comigo. No entanto eu estava, sim. Dinheiro trocou de mão. O velho saiu sem olhar para trás. Tentaram ensinar-me coisas. A nova língua macia e acariciante me envolvia. Garotos chegaram, sentaram-se a meu lado, tentaram me persuadir com beijos e abraços. Beliscavam meus mamilos e tentavam tocar as partes secretas que eu aprendera a nem sequer olhar por causa da triste oportunidade de pecado.

Muitas vezes, resolvi rezar. Mas descobri que não lembrava das palavras. Até as imagens eram indistintas. Apagaram-se para sempre as luzes que me haviam guiado pela vida afora. Cada vez que eu ficava absorto em meus pensamentos, alguém me batia ou me puxava o cabelo. Eles sempre vinham com unguentos depois de me baterem. Tinham o cuidado de tratar da pele esfolada. Uma vez, quando um homem me deu um tapa na cara, outro gritou e agarrou-lhe a mão no ar antes que ele acertasse o segundo golpe.

Eu recusava comida e bebida. Eles não conseguiam me fazer aceitar nem uma coisa nem outra. Eu não conseguia. Não escolhi morrer de fome. Simplesmente não podia fazer nada para me manter vivo. Sabia que estava indo para casa. Estava indo para casa. Eu morreria e iria para casa. Seria uma passagem terrível e dolorosa. Eu choraria se estivesse sozinho. Mas nunca estava. Teria de morrer na frente das pessoas. Há uma eternidade eu não via a luz do dia. Até as lâmpadas feriam-me os olhos pelo fato de eu estar tanto no escuro. Mas sempre havia gente ali.

A lâmpada ficaria mais clara. Eles sentaram num círculo em volta de mim com carinhas encardidas e mãos rápidas que pareciam patas afastando meu cabelo do rosto e me sacudindo pelos ombros. Virei-me para a parede.

Um ruído me fazia companhia. Este seria o fim de minha vida. O ruído era o da água lá fora. Ouvia-se a água batendo no muro. Eu sabia quando um barco passava e ouvia as pilastras de madeira rangendo, e pousava a cabeça na pedra e sentia a casa balançar na água como se não a tivéssemos a nosso lado mas sim estivéssemos plantados nela, o que obviamente estávamos.

Uma vez sonhei com minha casa, mas não lembro como era o lugar. Acordei, gritei e ouvi uma saraivada de saudações das sombras, vozes lisonjeiras, sentimentais. Pensei que desejasse ficar sozinho. Não desejava. Quando me trancaram quatro dias e quatro noites num quarto escuro sem pão nem água, comecei a gritar e a bater nas paredes. Ninguém apareceu. Depois de algum tempo, caí num estupor. Quando a porta se abriu, foi com um tranco violento. Sentei-me, cobrindo os olhos. A lâmpada era uma ameaça. Minha cabeça latejava. Mas senti um perfume suave e insinuante, um misto de cheiro de lenha doce ardendo no inverno quando neva, de flores esmagadas e de óleo pungente. Senti algo duro me tocando, algo de madeira ou latão, mas que se mexia como se fosse orgânico. Afinal, abri os olhos e vi que um homem me abraçava, e aquelas coisas inumanas, que pareciam de pedra ou latão, eram seus dedos brancos, e ele me olhou com ávidos e meigos olhos azuis.

— Amadeo — ele disse.

Ele estava todo vestido de veludo vermelho e era deslumbrantemente alto. O cabelo louro, repartido ao meio à moda dos santos, vinha escorrido até os ombros e cascadeava sobre o manto em cachos reluzentes. Tinha uma testa lisa sem nenhuma ruga, e sobrancelhas altas e retas de um dourado suficientemente escuro para lhe dar uma expressão transparente e determinada. As pestanas reviradas pareciam fios de ouro a sair-lhe das pálpebras. E, quando sorria, seus lábios se injetavam subitamente com uma

cor pálida que realçava ainda mais seu contorno cheio e bem cuidado.

Eu o conhecia. Falei com ele. Jamais poderia ter visto tais milagres no rosto de qualquer outra pessoa.

Ele me sorriu com uma expressão muito boa. Tinha o lábio superior e o queixo glabros. Eu não conseguia ver nenhum pêlo nele, e seu nariz era fino e delicado embora suficientemente grande para ser proporcional aos outros traços magnéticos de seu rosto.

— Não o Cristo, meu filho — disse ele. — Mas alguém que vem com sua própria salvação. Venha para meus braços.

— Estou morrendo, Mestre . — Qual era a minha língua? Mesmo agora, não sei dizer qual era. Mas ele me entendeu.

— Não, criança, você não está morrendo. Você agora vai ficar sob a minha proteção, e talvez, se as estrelas estiverem conosco, se elas forem bondosas conosco, você não morra jamais.

— Mas você é o Cristo, eu o conheço!

Ele sacudiu a cabeça negando, e, da forma mais humana, baixou os olhos ao fazer isso e sorriu. Seus lábios generosos se abriram e só vi os dentes brancos de um humano. Ele me levantou pelas axilas e beijou minha garganta, e arrepiei-me tanto que fiquei paralisado. Fechei os olhos e senti seus dedos sobre eles, e ouvi-o dizer em meu ouvido:

— Durma enquanto o levo para casa.

Quando acordei, estávamos numa enorme banheira. Nenhum veneziano jamais possuiu banheira como essa, posso dizer isso agora depois de tudo o que vi, mas o que sabia eu das convenções desse lugar? Este era um palácio de verdade. Eu já vira palácios.

Desvencilhei-me do pano de veludo em que eu estava deitado — a capa vermelha dele, se não me engano-e vi um grande leito guarnecido de cortinas à minha direita e, mais adiante, a banheira propriamente dita, funda e oval. De uma concha sustentada por anjos a água jorrava para dentro da banheira, o vapor subia dessa grande superfície e, no vapor, estava meu Mestre. Seu peito branco estava nu e os mamilos eram rosados. Seu cabelo, afastado da testa lisa e reta, parecia ainda mais grosso, lindo e esplendorosamente louro do que antes.

Ele me chamou com um gesto.

Fiquei com medo da água. Ajoelhei na borda e enfiei a mão ali dentro. Com uma velocidade e uma graça espantosas, ele me pegou e me levou para dentro da piscina morna, empurrando-me até a água cobrir meus ombros e depois inclinando minha cabeça para trás.

Tornei a olhar para ele. Lá em cima, o teto azul-celeste estava coberto de anjos espantosamente vivos com enormes asas de penas brancas. Eu jamais vira anjos assim tão encaracolados e resplandecentes, pulando daquele jeito, sem qualquer restrição ou elegância, para exibir sua beleza humana em membros musculosos e vestes fluidas, em cachos esvoaçantes. Aquilo parecia um tanto louco, essas figuras robustas e travessas, essa orgia de brincadeiras celestiais lá em cima, para onde subia aquele vapor transformando-se em luz dourada. Olhei para meu Mestre. Seu rosto estava bem à minha frente. Beije-me de novo, sim, faça aquilo, o arrepio, beijo... Mas ele era da mesma espécie que aqueles seres pintados, era um deles, e isso alguma forma de paraíso gentio, um lugar pagão de deuses de soldados onde tudo é vinho, fruta e carne. Eu chegara ao lugar errado.

Ele jogou a cabeça para trás. Soltou uma risada sonora. Tornou a pegar um punhado de água que derramou em meu peito. Abriu a boca e, por um instante, vislumbrei algo muito errado e perigoso, dentes que pareciam de lobo. Mas os dentes desapareceram, e apenas os seus lábios me chuparam a garganta, depois o ombro. Só os seus lábios chupavam o mamilo quando tentei cobri-lo tarde demais.

Gemi com tudo isso. Abandonei-me a ele dentro daquela água morna, e seus lábios foram do meu peito à minha barriga. Ele chupava a pele suavemente como se estivesse tirando dela o sal e o calor, e até sua testa roçando-me o ombro enchia-me de sensações excitantes. Passei o braço em volta dele e, quando ele descobriu o pecado propriamente dito, senti esse pecado explodir, como uma besta disparando uma flecha. Senti partir essa flecha, essa estocada, e gritei.

Ele me deixou ficar deitado por alguns instantes encostado a ele. Banhou-me lentamente. Tinha um pano macio com o qual me enxugou o rosto. Molhou-me a cabeça para lavar meu cabelo.

Então, quando achou que eu já havia descansado o suficiente, recomeçou com os beijos.

Antes do amanhecer, acordei no travesseiro dele. Sentei na cama e vi-o vestindo aquela grande capa e cobrindo a cabeça. O quarto estava novamente cheio de garotos, mas estes não eram os tristes e descarnados tutores do bordel. Esses garotos ali em volta da cama eram bem-apegoados, bem alimentados sorridentes e meigos.

Vestiam túnicas de cores vivas, cuidadosamente plissadas e usadas com cintos apertados que lhes davam uma graça feminina. Todos tinham cabelos compridos e viçosos.

Meu Mestre olhou para mim, e, numa língua que eu conhecia, sabia perfeitamente, disse que eu era seu filho único, e que ele ainda voltaria naquela noite, e então eu já teria visto um novo mundo. — Um novo mundo! — exclamei. — Não, não me deixe, Mestre. Não quero o mundo inteiro. Quero você!

— Amadeo — disse ele em sua língua particular de confiança, debruçando na cama, o cabelo agora seco e lindamente escovado, as mãos macias com talco. — Você me tem para sempre. Deixe os garotos lhe darem de comer e vesti-lo. Você pertence a mim, Marius Romanus, agora.

Virei-me para eles e dei-lhes as ordens naquela língua macia e cantada. E, pelo ar alegre que demonstravam, parecia que ele lhes dera doces e ouro. — Amadeo, Amadeo — cantavam eles enquanto me rodeavam. Seguraram-me para que eu não pudesse seguir Marius. Falavam comigo num grego fluente e corrido, e essa língua para mim não era tão fácil. Mas eu entendia.

Venha conosco, você é um de nós, precisamos ser bons com você, precisamos ser especialmente bons com você. Eles me vestiram apressadamente com roupas usadas, discutindo entre si sobre minha túnica (estaria à altura?), e essas meias desbotadas, bem, eram só para agora! Calce os chinelos; tome, um paletó que ficava apertado em Riccardo. Aquelas roupas pareciam de rei.

— Nós o amamos — disse Albinus, o mais importante abaixo de Riccardo, contrastando dramaticamente com o moreno Riccardo, pelos cabelos louros e olhos verde-claros.

Os outros meninos eu não conseguia diferenciar direito, mas esses dois eram fáceis de observar.

— Sim, nós o amamos — disse Riccardo, afastando o cabelo para trás e piscando para mim.

Tinha a pele mais lisa e escura que a dos outros e olhos ferozmente pretos. Segurou minha mão e vi seus dedos esguios. Todos aqui tinham dedos finos. Tinha dedos iguais aos meus, e os meus, no meio dos de meus irmãos, eram incomuns. Mas eu não podia pensar nisso.

Uma hipótese fantástica ocorreu-me, a de que eu, o pálido, o que fazia toda a confusão, o que tinha dedos finos, havia sido raptado para a terra boa que era o meu lugar. Mas essa hipótese era fabulosa demais para ser digna de crédito.

Minha cabeça doía. Vi lampejos mudos dos cavaleiros atarracados que me capturaram, do fétido porão do navio no qual fui trazido para Constantinopla, lampejos de macilentos homens ocupados, discutindo ao me levarem para lá.

Santo Deus, por que alguém me amava? Para quê? Marius Romanus, por que você me ama?

O Mestre sorriu ao acenar da porta. O capuz lhe envolvia a cabeça, uma moldura rubra para suas belas maçãs do rosto e seus lábios carnudos. Meus olhos ficaram rasos d'água.

Uma névoa branca envolvia o Mestre quando a porta se fechou atrás dele. A noite estava acabando. Mas as velas ainda ardiam.

Entramos num salão, e vi que estava cheio de pinturas, potes de tinta e pincéis em jarros de barro prontos para serem usados. Grandes quadrados de tecido — tela — aguardavam a pintura.

Esses garotos não preparavam suas tintas com gema de ovo como se fazia na época. Misturavam os vivos pigmentos pulverizados diretamente com os óleos cor de âmbar.

Grandes porções de tinta brilhante me aguardavam em pequenos potes. Peguei o pincel quando me deram. Olhei para o

pano branco esticado no qual eu devia pintar.

— Não de mãos humanas — disse eu.

Mas o que significavam essas palavras? Ergui o pincel e comecei a pintar esse homem louro que me resgatara da escuridão e da miséria. Joguei a mão com o pincel, molhando as cerdas nos jarros de tinta creme, rosa e branca e chapando essas cores na tela curiosamente resiliente. Mas não conseguia fazer um quadro. Nada aparecia!

— Não por mãos humanas! — murmurei. Larguei o pincel. Cobri o rosto com as mãos.

Procurei as palavras em grego. Quando as disse, vários rapazes balançaram afirmativamente a cabeça, mas não captaram o significado. Como poderia eu explicar-lhes a catástrofe? Olhei para meus dedos. O que acontecera com... Aí todas as lembranças se apagaram e de repente fiquei com Amadeo.

— Não consigo pintar. — Eu fitava a tela, a confusão de tintas. — Talvez se fosse madeira, e não tecido, eu conseguisse.

O que eu poderia fazer? Eles não compreendiam.

Ele não era o Senhor Vivo, meu Mestre, o louro, o louro de olhos azuis glaciais.

Mas era o meu Senhor. E eu não conseguia fazer aquilo que era para ser feito. Para me reconfortar, para me distrair, os rapazes pegaram seus pincéis e logo me deixaram espantados com pinturas que fluíam naturalmente de suas pinceladas rápidas.

Um rosto de garoto, maçãs do rosto, boca, olhos, sim, e uma farta cabeleira de um tom acobreado. Meu Deus, era eu... aquilo não era uma tela e sim um espelho. Eu era esse Amadeo. Riccardo pegou o pincel para refinar a expressão, para dar profundidade aos olhos e criar uma feitiçaria na língua de modo a parecer que eu estava quase falando. Que mágica violenta era essa que fazia um rapaz surgir do nada, com a maior naturalidade, num ângulo descontraído, de cenho franzido e melenas revoltas a cobrir-lhe a orelha?

Parecia ao mesmo tempo linda e irreverente essa figura sensual, fluida e abandonada.

Riccardo ia soletrando em grego o que escrevia. Então, largou o pincel. Exclamou:

— Um retrato muito diferente é o que nosso Mestre tem em mente. — Pegou os desenhos.

Eles me levaram pela casa, o palazzo, como diziam, ensinando-me a palavra com prazer.

A casa inteira era cheia dessas pinturas — nas paredes, nos tetos, em painéis e telas empilhados-, quadros enormes cheios de edificações em ruínas, colunas quebradas, vegetação exuberante, montanhas distantes e um interminável fluxo de gente corada, os cabelos viçosos e as roupas deslumbrantes sempre amassadas e panejando ao vento. Era como as grandes bandejas de frutas e carnes que eles traziam e colocavam à minha frente. Uma desordem louca, uma fartura pela fartura, um grande banho de cores e formas. Era como o vinho, doce e leve demais. Era como a cidade lá embaixo quando eles abriam as janelas, e vi os pequenos barquinhos pretos — gôndolas, até naquela hora — ao sol resplandecente, navegando pelas águas esverdeadas, quando vi os homens com suas suntuosas capas escarlates ou douradas caminhando com passo apressado pelo cais.

Acotovelamo-nos em nossas gôndolas, um bando de nós, e de repente passeamos num silêncio gracioso e rápido por entre aquelas fachadas, cada casarão imponente como uma catedral, com seus arcos estreitos e pontiagudos, suas janelas em forma de lótus, seu revestimento reluzente de pedra branca. Até as residências mais antigas e mais tristes, não tão ornadas mas assim mesmo de tamanho descomunal, eram pintadas de cor, um rosa tão fechado que parecia resultar de pétalas esmagadas, um verde tão denso que parecia ter sido misturado com aquela própria água turva. Saímos na praça de São Marcos, em meio àquelas longas arcadas fantásticamente regulares de ambos os lados.

Achei que aquele era o próprio ponto de encontro do Paraíso enquanto eu contemplava as centenas de pessoas perambulando diante dos domos dourados da igreja ao longe.

Domos dourados. Domos dourados.

Uma história antiga sobre domos dourados me havia sido contada, e eu os vira numa pintura sombria, não? Domos sagrados, domos perdidos, domos em chamas, uma igreja violada, como eu havia sido violado. Ah, ruína, não havia mais ruína, arrasada pela súbita erupção à minha volta do que era vital e sadio! Como tudo isso havia nascido de cinzas inverniais? Como eu havia morrido no meio da neve e dos incêndios e ressurgira aqui embaixo desse sol acariciante?

Sua luz doce e cálida banhava mendigos e comerciantes; iluminava príncipes passando com pajens que lhes seguravam as pomposas caudas de veludo, os livreiros que espalhavam seus livros embaixo de toldos escarlates, tocadores de alaúde que disputavam uns trocados.

Os produtos do vasto mundo diabólico eram exibidos nas lojas e barracas do mercado, objetos em vidro como eu nunca havia visto, incluindo taças de todas as cores possíveis, sem falar nas pequenas figuras que incluíam animais e seres humanos e outras miudezas transparentes. Havia contas de rosário maravilhosamente brilhantes e bem torneadas; rendas de padrões suntuosos e graciosos, incluindo até reproduções em branco de torres de igrejas e casinhas com portas e janelas; grandes plumas de pássaros cujo nome eu desconhecia; outras espécies exóticas batendo asas e guinchando em gaiolas douradas; e os mais finos e ricamente trabalhados tapetes coloridos, só que lembravam demais os poderosos turcos e sua capital de onde eu viera. No entanto, quem resiste a esses tapetes? Proibidos por lei de representar o ser humano, os muçulmanos representavam flores, arabescos labirínticos e outros desenhos semelhantes com cores vivas e uma exatidão assombrosa. Havia óleos para lâmpadas, velas, círios, incenso, e grandes exposições de jóias de indescritível beleza e o delicadíssimo trabalho de ourives e prateiros, em chapa e em peças ornamentais antigas e recém-feitas. Havia lojas que só vendiam especiarias; havia lojas que vendiam medicamentos e remédios; havia estátuas de bronze, cabeças de leão, lanternas e armas. Havia mercadores de tecidos com as sedas do Oriente, as mais

finas lãs tingidas de tons incríveis, algodão e linho e bordados finíssimos e uma profusão de fitas.

Os homens e as mulheres aqui pareciam riquíssimos, banqueteadando-se displicente-mente com tortas de carne fresca em casas de pasto, bebendo vinho tinto e comendo bolos cheios de creme.

Havia livreiros oferecendo os novos livros impressos, dos quais os outros aprendizes me falaram com entusiasmo, explicando a maravilhosa invenção da imprensa, que só recentemente tornara possível aos homens adquirir não apenas livros com palavras e letras mas também com desenhos.

Veneza já tivera dezenas de pequenas gráficas onde as impressoras trabalhavam com afinco produzindo livros em grego bem como em latim, e na língua vernácula — a suave língua cantada — que os aprendizes falavam entre si.

Eles me deixaram parar para encher os olhos com essas maravilhas, as máquinas que faziam páginas de livros.

Mas eles tinham suas tarefas, sim, Riccardo e os outros tinham de pegar estampas e gravuras dos pintores alemães para nosso Mestre, pinturas feitas pelas novas impressoras de antigas maravilhas de Memling, Van Eyck ou Hieronymus Bosch. Nosso Mestre estava sempre interessado nelas. Estas gravuras trouxeram o norte para o sul. Nosso Mestre era um campeão de milagres como esse. Nosso Mestre estava feliz porque havia mais de cem impressoras em nossa cidade, porque podia jogar fora seus exemplares imprecisos de Lívio e Virgílio e agora ter novos textos impressos corrigidos.

Ah, era muita informação.

E não menos importante do que a literatura ou as pinturas do universo era a questão de minhas roupas. Tínhamos de fazer os alfaiates pararem tudo para me vestir adequadamente segundo os pequenos desenhos que meu Mestre fizera com giz.

Cartas de crédito manuscritas tinham de ser levadas aos bancos. Eu devia ter dinheiro. Todo mundo devia ter dinheiro. Eu nunca tocara em tal coisa. O dinheiro era bonito-ouro ou prata — florentinos, florins alemães, groschens da Boêmia, belas moedas de

ouro cunhadas no domínio dos governantes de Veneza chamados de doges, moedas exóticas da velha Constantinopla. Recebi um saquinho de moedas sonantes só para mim. Amarrávamos nossas “bolsas” no cinto.

Um dos rapazes comprou para mim uma coisinha maravilhosa porque fiquei olhando para ela. Era um relógio mecânico. Eu não conseguia entender o que era essa coisinha que tiquetaqueava, toda incrustada de pedras preciosas, sequer todas as mãos apontadas para o céu me ensinariam. Afinal, com um susto, percebi: por baixo daquelas filigranas e pinturas, daquele vidro estranho e daquela caixa cravejada de pedras, aquilo era um relóginho!

Segurei-o e fiquei tonto. Jamais soubera que os relógios fossem algo mais que coisas grandes e veneráveis em campanários ou em paredes. — Agora carrego o tempo — murmurei em grego, olhando para meus amigos.

— Amadeo — falou Riccardo. — Conte as horas para mim.

Eu queria dizer que essa prodigiosa descoberta tinha um significado, um significado pessoal. Era uma mensagem para mim de um outro mundo esquecido muito depressa e muito perigosamente. O tempo já não era mais tempo e nunca seria. O dia não era dia, nem a noite era noite. Eu não conseguia articular isso, nem em grego nem em qualquer outra língua, nem mesmo em meus pensamentos febris. Enxuguei o suor da testa. Apertei os olhos por causa do sol claro da Itália. Vi os pássaros que voavam em grandes bandos, como pequenos riscos de pena adejando em unísono.

Creio ter dito tolamente:

— Estamos no mundo.

— Estamos no centro dele, em sua maior cidade! — exclamou Riccardo, levando-me para o meio da multidão. — Haveremos de vê-lo antes de nos trancarmos no alfaiate, isso é garantido.

Mas primeiro era hora da loja de doces, do milagre do chocolate com açúcar, de caldas de um vermelho indescritível porém brilhante e doces amarelos. Um dos rapazes mostrou-me seu livrinho com as mais assustadoras gravuras, homens e mulheres

abraçados em atitudes concupiscentes. Eram as histórias de Boccaccio. Riccardo disse que as lia para mim, que aquele era mesmo um excelente livro para me ensinar italiano. E também me ensinaria Dante.

Boccaccio e Dante eram florentinos, explicou um dos outros rapazes, mas, considerando tudo, os dois não eram tão maus.

Nosso Mestre adorava todos os tipos de livros, fui informado, não havia erro em se gastar todo o dinheiro em livros, ele ficava sempre satisfeito com isso. Eu acabaria vendo que os professores que iam a casa me enlouqueceriam com suas aulas. Era o studia humanitatis que todos precisamos aprender, e esse estudo incluía história, gramática, retórica, filosofia e autores antigos... todas essas palavras fascinantes cujo significado só se revelou a mim à custa de muita repetição e demonstração nos dias seguintes.

Tampouco nunca parecíamos bons demais para nosso Mestre, esta era outra lição que precisei aprender. Ouro e correntes de prata, colares com medalhões e outros enfeites me foram trazidos e pendurados em meu pescoço. Eu precisava de anéis, anéis com pedrarias. Tínhamos de barganhar vigorosamente com os joalheiros para comprá-los, e saí disso com uma esmeralda verdadeira do Novo Mundo e dois anéis de rubi gravados com inscrições de prata que eu não conseguia ler.

Eu não me refazia da visão de minha mão com um anel. Até hoje, passados quinhentos anos, tenho um fraco por anéis preciosos. Só durante aqueles séculos em Paris quando eu era um penitente, um dos Filhos da Noite descalços de Satã, só durante este longo sono, abdiquei de meus anéis. Mas logo chegaremos a esse pesadelo.

Por ora, esta era Veneza, eu era filho de Marius e vivia brincando com seus outros filhos de uma forma que se repetiria por anos a fio. Vamos ao alfaiate.

Enquanto me tiravam as medidas, me alfinetavam e me vestiam, os rapazes me contaram histórias de todos aqueles venezianos ricos que procuravam nosso Mestre querendo ter até mesmo uma parte ínfima de seu trabalho. Quanto ao Mestre, ele, alegando estar muito infeliz, não vendia nada mas às vezes fazia o

retrato de um homem ou uma mulher que o impressionasse. Esses retratos quase sempre transformavam a pessoa num tema mitológico — deuses, deusas, anjos, santos. Nomes que conhecia e nomes que eu nunca ouvira saltavam das línguas dos rapazes. Parecia que aqui todos os ecos das coisas sagradas eram varridos numa nova onda. A memória me sacudia só para me libertar. Santos e deuses seriam a mesma coisa? Não haveria um código ao qual eu deveria permanecer fiel, que de certa forma ditava que essas coisas não passavam de mentiras bem elaboradas? Eu não conseguia esclarecer isso em minha cabeça, e à minha volta havia tanta felicidade, sim, felicidade.

Parecia impossível que essas caras brilhantes e simples mascarassem perversidade. Eu não acreditava. No entanto, todo prazer para mim era suspeito. Ficava fascinado quando conseguia não ceder e derrotado quando me rendia, e, com o tempo, eu me rendia cada vez mais facilmente. Este dia de iniciação foi apenas um em centenas, não, em milhares que se seguiriam, e não sei quando comecei a entender com alguma precisão o que meus companheiros diziam. Essa hora chegou, porém, e bastante rápido. Não me lembro de ficar muito tempo sendo o ingênuo.

Essa primeira excursão foi algo mágico. E, lá no alto, o céu estava de um azul-cobalto perfeito, com a brisa do mar úmida e fresca. Lá em cima reuniam-se as nuvens céleres que vi tão maravilhosamente representadas nas pinturas do palazzo, e tive a primeira pista de que as pinturas de meu Mestre não mentiam. Na verdade, quando entramos, graças a uma permissão especial, na capela dos doges, em São Marcos, fiquei sufocado com seu esplendor — suas paredes de mosaicos dourados. Mas senti outro duro choque ao me descobrir virtualmente sepultado em luz e riquezas. Aqui estavam imagens perfeitas e sombrias, imagens de santos que eu conhecia.

Não eram mistério, para mim, os moradores de olhos amendoados dessas paredes marteladas, severos em suas túnicas retas, orando de mãos postas. Eu conhecia suas auréolas, conhecia os pequenos orifícios furados no ouro para fazê-las brilhar com um brilho ainda mais mágico. Conhecia o julgamento desses patriarcas

de barba que me olhavam impassíveis quando parei, paralisado, incapaz de prosseguir.

Caí no chão de pedra. Estava passando mal.

Tive de ser retirado da igreja. O barulho da praça elevava-se acima de mim como se eu estivesse descendo para um terrível desfecho. Queria avisar a meus amigos que aquilo era inevitável, não era culpa deles. Os rapazes estavam atrapalhados. Eu não podia explicar. Aturdido, suando em bicas e caído na base de uma coluna, eu os ouvia desanimado explicarem em grego que essa igreja era só parte de tudo o que eu havia visto. Por que isso deveria me assustar tanto? Sim, era antiga, sim, era bizantina, como tanta coisa em Veneza.

— Nossos navios comerciavam com Bizâncio há séculos. Somos um império marítimo. — Tentei entender isso.

O que veio claro em minha dor foi apenas que esse lugar não havia sido um julgamento especial sobre mim. Eu dali fora tirado tão facilmente quanto para ali fora levado. Os rapazes de voz macia e mãos delicadas que me rodeavam e me ofereciam vinho fresco para beber e frutas para comer para eu poder me recuperar não tinham medo desse lugar. Virando para a esquerda, avistei o cais, o porto. Corri para lá, aterrado com a visão dos navios de madeira. Estavam ancorados em carreiras de quatro e cinco, porém mais à frente encenava-se o maior milagre: grandes galeões bojudos de madeira, as velas colhendo a brisa, os remos graciosos batendo na água, saindo para o mar.

Para trás e para a frente o tráfego andava, as enormes barcaças de madeira perigosamente perto umas das outras entrando e saindo da barra de Veneza, enquanto outras, não menos graciosas e impossíveis, ancoradas, descarregavam uma fatura de mercadorias.

Levando-me, trôpego, para o Arsenale, meus companheiros me reconfortavam com a visão dos navios sendo construídos por homens comuns. Em dias vindouros, eu passaria horas no Arsenale, observando os engenhosos processos pelos quais seres humanos construíam barcas tão imensas que, em minha cabeça, deveriam afundar.

De vez em quando, em lampejos, eu via imagens de rios gelados, de barcaças e chatas, de homens rústicos fedendo a gordura animal e couro rançoso. Mas essas últimas delícias imperfeitas do mundo gelado do qual eu viera se esvaneceram.

Talvez se essa cidade não fosse Veneza, esta história seria diferente. Em todos os meus anos em Veneza, jamais me cansei do Arsenale, de ver a construção dos navios. Eu não tinha problema de entrar graças a umas palavras gentis e umas moedas, e era sempre uma alegria para mim ver essas estruturas fantásticas serem construídas a partir de um esqueleto abaulado, tábuas envergadas e mastros pontiagudos.

Neste primeiro dia, apressaram-nos por esse pátio de milagres.

Bastava.

Sim, bem, era Veneza, esse lugar que precisava apagar-me da mente, pelo menos por algum tempo, o tormento coagulado e alguma existência anterior, alguma congestão de todas as verdades que eu não desejava enfrentar.

Meu Mestre nunca estaria ali, se ali não fosse Veneza.

Menos de um mês depois ele me contaria sem rodeios o que cada uma das cidades da Itália tinha a lhe oferecer, como gostava de ver Michelangelo, o grande escultor, trabalhando em Florença, como ia ouvir os grandes professores em Roma.

— Mas Veneza tem uma arte milenar — ele falou ao erguer o pincel para pintar o enorme painel diante dele. — Veneza é em si mesma uma obra de arte, uma metrópole de templos domésticos impossíveis, construídos lado a lado como colméias e mantidos num néctar sempre fluente por uma população de abelhas diligentes. Olhe nossos palácios, só eles já merecem ser vistos.

Com o tempo, ele começou a me dar aulas sobre a história de Veneza, como os outros, detendo-se na natureza da República, que, embora despótica em suas decisões e ferozmente hostil para o estrangeiro, era uma cidade de homens “iguais”. Florença, Milão, Roma — essas cidades estavam caindo sob o poder de uma pequena elite ou famílias e indivíduos poderosos, ao passo que Veneza, apesar de todas suas falhas, continuava governada por

seus senadores, seus mercadores poderosos e seu Conselho dos Dez.

Naquele primeiro dia, nasceu em mim um eterno amor por Veneza. Aquela cidade parecia singularmente desprovida de horrores, um lar caloroso até para seus mendigos bem-vestidos e espertos, uma colméia de prosperidade e paixão vibrante bem como de espantosa riqueza.

E, no alfaiate, não estava eu sendo transformado em príncipe como meus novos amigos?

Olhe, eu não tinha visto a espada de Riccardo? Eles eram todos nobres. — Esqueça tudo o que se passou antes — disse Riccardo. Nosso Mestre é nosso Senhor, e somos seus príncipes, somos sua corte real. Você agora é rico e nada pode magoá-lo.

— Não somos meros aprendizes no sentido comum — interveio Albinus. Vamos ser enviados para a Universidade de Pádua. Você vai ver. Recebemos aulas de música e dança e etiqueta tão regularmente quanto de ciência e literatura. Você terá tempo de ver os rapazes que voltam para nos visitar, todos cavalheiros de posses. Ora, Giuliano era um próspero advogado, e um dos outros rapazes era médico em Torcello, uma cidade-ilha aqui perto. Mas todos têm recursos independentes quando deixam o Mestre — explicou Albinus. — É só que o Mestre, como todos os venezianos, odeia o ócio. Somos tão ricos quanto senhores preguiçosos do estrangeiro que não fazem nada a não ser provar nosso mundo como se fosse um prato de comida.

Ao cabo dessa primeira aventura ensolarada, essas boas-vindas ao seio da escola de meu Mestre e sua esplêndida cidade, fui penteado, arrumado e vestido com as cores que ele escolheria definitivamente para mim, azul-celeste para as meias, um veludo azul-noite para um paletó curto e cintado, e uma túnica de um tom mais claro de azul-cobalto bordada com pequeninas flores-de-lis francesas em fio grosso de ouro. Podia ter um toque cor de vinho para os acabamentos e as peles; pois, quando o vento do mar aumentava no inverno, esse paraíso tornava-se o que esses italianos chamam de frio.

Quando anoiteceu, saracoteei no chão de mármore com os outros, dançando um pouco ao som dos alaúdes tocados pelos rapazes mais moços, acompanhados pela delicada música do virginal, o primeiro instrumento de teclado que então eu vira.

Quando o crepúsculo morreu lindamente no canal em frente às janelas estreitas terminando em arcos pontiagudos do palácio, fiquei perambulando, captando relances esparsos de minha imagem nos muitos espelhos escuros que se erguiam do chão de mármore até o teto do corredor, do salão, da alcova, ou qualquer quarto finamente mobiliado que eu encontrasse.

Cantei novas palavras em uníssono com Riccardo. O grande estado de Veneza era chamado de Sereníssima. Os barcos escuros dos canais eram gôndolas. O vento que chegaria em breve e nos enlouqueceria a todos chamava-se Sirocco. O mais importante governante dessa cidade mágica era o doge, nosso livro essa noite com o professor era Cícero, o instrumento musical que Riccardo pegou e tocou beliscando as cordas era o alaúde. O grande dossel da imponente cama do Mestre era um baldaquim enfeitado a cada quinze dias com uma nova franja de ouro.

Eu estava extasiado.

Eu não tinha simplesmente uma espada mas sim um punhal.

Que confiança. Eu era mesmo um cordeirinho para esses outros, e bastante cordeiro para mim mesmo. Mas jamais alguém me confiara essas armas de bronze e de aço. De novo, a memória pregava peças. Eu sabia atirar uma lança de madeira, sabia... Infelizmente, isso se esfumou, e em torno dessa fumaça apareceu que eu não me dedicara às armas, mas sim a uma outra coisa, algo imenso que exigia tudo o que eu podia dar. As armas me eram vedadas.

Bem, não mais. Não mais. Não mais. A morte me engolira inteiro e me lançara ali. No palazzo de meu Mestre, num salão de cenas de batalha brilhantemente pintadas, com mapas no teto, com janelas de grossas vidraças, saquei minha espada com uma exclamação cantada e apontei-a para o futuro. Com minha adaga, após examinar as esmeraldas e os rubis em seu punho, cortei uma maçã em dois com um ruído de espanto. Os rapazes mais velhos

riram de mim. Mas o ambiente era simpático, gentil. Logo chegaria o Mestre. Olhe. De sala em sala, os mais jovens dentre nós, menininhos que não haviam saído conosco, agora andavam depressa, acendendo archotes e candelabros com suas velas. Fiquei à porta, olhando para mais um e mais outro e mais outro. A claridade explodia Silenciosamente em cada uma dessas salas.

Um homem alto, muito sombrio e simples, entrou segurando um livro velho. Seu longo cabelo e sua túnica simples de lã eram pretos. Os olhos miúdos eram alegres, mas a boca fina era pálida, com um ríctus agressivo.

Os meninos todos gemeram.

Janelas altas e estreitas foram fechadas por causa da friagem da noite.

No canal lá embaixo, os homens cantavam enquanto remavam suas gôndolas, vozes sonoras, como que salpicando as paredes, delicadas, efervescentes, para depois irem morrendo.

Comi toda aquela maçã suculenta. Nesse dia eu comera mais fruta, carne, pão, doces e balas do que um ser humano seria capaz de comer. Eu não era humano. Era um rapaz faminto.

O professor estalou os dedos, depois tirou do cinto um grande chicote que estalou na própria perna.

— Agora venham — disse ele aos rapazes.

Ergui os olhos quando o Mestre apareceu.

Todos os rapazes, grandes e altos, infantilizados e másculos, correram para ele, abraçaram-no e penduraram-se nele enquanto ele inspecionava a pintura que haviam feito naquele longo dia.

O professor aguardava em silêncio, inclinando-se humildemente para o Mestre.

Atravessamos as galerias, a companhia toda, o professor no fim do grupo. O Mestre esticou os braços, e era um privilégio sentir o toque de seus dedos alvos e frios, um privilégio pegar um pedaço de suas grossas mangas de veludo que arrastavam.

— Venha, Amadeo, venha conosco.

Eu só queria uma coisa, e ela logo chegou.

Os meninos foram despachados com um homem que deveria ler Cícero. As mãos firmes do Mestre com suas unhas refulgentes

viraram-me e dirigiram-me para seus aposentos privados.

Aí era privado, as portas de madeira pintadas abriram-se de uma vez, os braseiros acesos perfumados com incenso, uma fumaça aromática saindo das lâmpadas de latão. Havia travesseiros macios na cama, um jardim florido de seda pintada e bordada, cetim floral, rico chenile, brocados intrincados. Ele fechou o cortinado escarlate da cama. A claridade tornou-o transparente. Vermelho, vermelho e vermelho.

Era a cor dele, ele me disse, como o azul seria a minha.

Numa língua universal, ele me cortejou, alimentando-me com as imagens:

— Seus olhos castanhos ficam dourados quando o fogo os ilumina — murmurou. — Ah, mas eles são cintilantes e escuros, dois espelhos reluzentes nos quais eu me vejo até quando eles guardam seus segredos; esses portais escuros de uma alma rica.

Eu estava perdidíssimo no azul glacial de seus olhos e no coral macio e brilhante de sua boca.

Ele deitou comigo, beijou-me, passando os dedos suavemente pelo meu cabelo, sem puxar os fios, e me provocou arrepios no couro cabeludo e entre as pernas. Seus polegares, tão duros e frios, afagaram minhas faces, meus lábios, minhas mandíbulas, excitando a carne. Virando minha cabeça da direita para a esquerda, ele me deu beijos ávidos e delicados dentro do ouvido.

Eu era jovem demais para um prazer tão efervescente.

Não sei se era mais o que as mulheres sentiam. Achei que aquilo não podia terminar. Tornou-se uma agonia de êxtase estar preso em suas mãos, sem poder escapar, contorcendo-me e sentindo esse êxtase repetidas vezes.

Ele me ensinou palavras na nova língua depois, a palavra para o revestimento duro e frio do chão que era mármore de Carrara, a palavra para as cortinas que era seda fiada, os nomes dos “peixes” e “tartarugas” e os “elefantes” bordados nos travesseiros, a palavra para o leão urdido na tapeçaria da pesada colcha propriamente dita.

Enquanto eu escutava, enlevado, todos os detalhes grandes e pequenos, ele me contou de onde provinham as pérolas bordadas

em minha túnica, como elas vieram das ostras do mar. Rapazes haviam mergulhado nas profundezas para trazer essas preciosidades redondas à superfície, carregando-as em suas próprias bocas. Esmeraldas provinham de minas no interior da terra. Os homens matavam por elas. E diamantes, ah, veja esses diamantes. Ele tirou um anel do dedo e colocou-o no meu, afagando meu dedo com delicadeza ao certificar-se de que o anel cabia. Os diamantes são a luz branca de Deus, disse ele. Diamantes são puros. Deus. O que era Deus! O choque me percorreu o corpo. Parecia que a cena à minha volta murcharia.

Ele me observou enquanto falava, e parecia que às vezes eu o ouvia claramente, embora ele não tivesse movido os lábios nem emitido um som. Fiquei agitado. Deus, não me deixe pensar em Deus. Seja meu Deus. — Dê-me sua boca, dê-me seus braços — murmurei. Minha fome espantou-o e deleitou-o.

Ele riu baixinho ao me responder com mais beijos fragrantes e inofensivos. Seu hálito quente saiu num jato macio e sibilante em minha virilha.

— Amadeo, Amadeo, Amadeo — disse ele.

— O que significa esse nome, Mestre? — perguntei. — Por que o dá para mim? — Acho que ouvi um eu antigo em minha voz, mas talvez tenha sido apenas esse príncipezinho recém-nascido enfeitado e envolto em preciosidades que tenha escolhido essa voz macia e respeitável mas todavia corajosa.

— Amado de Deus — disse ele.

Ah, eu não podia suportar ouvir isso. Deus, o Deus inescapável. Eu estava perturbado, apavorado.

Ele pegou minha mão estendida e dobrou meu dedo para apontar para um infante alado bordado com contas reluzentes numa surrada almofada quadrada que estava a nosso lado.

— Amadeo — repetiu. — Amado do Deus do amor.

Ele achou o relógio que tiquetaqueava na pilha de minhas roupas ao lado da cama. Pegou-o e sorriu ao olhar para ele. Não havia visto muitos desses relógios. Uma maravilha. Eram suficientemente caros para reis e rainhas.

— Você terá tudo o que quiser-disse ele.

— Por quê?

— Por cachos avermelhados como esses — afagou meus cabelos —, por olhos do castanho mais profundo e mais simpático. Por uma pele como o creme de leite fresco pela manhã; por lábios que não se distinguem das pétalas de uma rosa.

De madrugada, ele me contou lendas de Eros e Afrodite; embalou-me com a fantástica tristeza de Psique, amada por Eros e impedida de vê-lo à luz do dia. Caminhei a seu lado por corredores gelados, seus dedos apertando meus ombros enquanto ele me mostrava as belas estátuas de mármore branco de seus deuses e deusas, todos amantes — Daphne, os graciosos membros transformados em galhos de louro quando o deus Apolo procurava-a desesperadamente; Leda impotente nas garras do poderoso cisne.

Ele guiou minhas mãos pelas curvas do mármore, as faces nitidamente cinzeladas e muito polidas, as panturrilhas rijas de pernas núbéis, as fendas glaciais de bocas entreabertas. Depois, trouxe meus dedos para seu rosto. Ele parecia a própria estátua viva, feita mais maravilhosamente do que qualquer outra e, ao erguer-me com mãos fortes, exalou um calor intenso, o calor de um hálito doce em suspiros e palavras sussurradas.

No fim da semana, eu não me lembrava de uma palavra sequer de minha língua materna.

Numa tempestade de adjetivos oferecidos, fiquei na praça e observei enfeitado o Grande Concílio de Veneza marchando ao longo do Molo, a missa solene sendo cantada no altar de São Marcos, os navios saindo nas ondas transparentes do Adriático, os pincéis mergulhando em busca de suas cores para misturá-las nos potes de barro: rosa garança, escarlata, carmim, cereja, cerúleo, turquesa, verde, amarelo-ocre, terracota, quinacridona, citrino, sépia, Violeta Caput Mortuum — ah, lindo demais — e uma laca espessa chamada sangue de Dragão.

Na dança e na esgrima, eu era excelente. Meu parceiro preferido era Riccardo, e logo vi que em todas as habilidades eu me aproximava desse rapaz mais velho, chegando a superar Albinus, que ocupara este lugar até eu aparecer, embora agora não

demonstrasse má vontade para comigo. Esses rapazes eram como meus irmãos.

Eles me levaram à casa da linda e esguia cortesã, Bianca Solderini, uma graciosa e incomparável feiticeira de cabelos ondulados à moda de Botticelli, olhos cinzentos amendoados e uma inteligência generosa e meiga. Eu era a atração em sua casa sempre que eu queria, entre as moças e os rapazes que passavam horas lendo poesia, falando de guerras estrangeiras, aparentemente intermináveis, e dos últimos pintores e de quem seria o próximo a receber qual encomenda.

Bianca tinha uma vozinha infantil que combinava com seu rosto de menina e seu narizinho. Sua boca era apenas um botão de rosa. Mas era esperta e altiva. Rejeitava friamente amantes possessivos; gostava de ter sempre a casa cheia. Qualquer pessoa corretamente vestida ou portando uma espada era automaticamente admitida. Quase só os que desejavam possuí-la eram rejeitados.

Visitantes da França e da Alemanha eram comuns na casa de Bianca, onde todos, seja de localidades distantes, seja do país, tinham curiosidade a respeito de Marius, para todos e para nós mesmos um homem misterioso embora tivéssemos sido instruídos a jamais fazer perguntas desnecessárias a seu respeito, e só podíamos sorrir quando nos perguntavam se ele pretendia casar-se, se ele pintaria este ou aquele retrato, se estaria em casa em tal data para esta ou aquela pessoa ir visitá-lo.

Às vezes eu adormecia no divã na casa de Bianca ou até em uma de suas camas, ouvindo as vozes abafadas dos nobres que lá iam, sonhando com a música que era sempre do tipo mais tranquilo e embalador.

De vez em quando, em ocasiões excepcionais, o próprio Mestre aparecia lá para me pegar e a Riccardo, sempre causando uma pequena sensação no portego, ou salão principal.

Ele jamais pegava uma cadeira. Nunca tirava a capa com o capuz. Mas sorria com graça a tudo o que lhe era solicitado e às vezes oferecia um retratinho que havia feito de Bianca.

Estou vendo agora esses minúsculos retratos que ele lhe deu ao longo dos anos, todos incrustados de jóias.

— Você capta minha imagem de memória com tanta precisão — disse ela ao beijá-lo.

Vi a reserva com que ele a manteve afastada de seu peito e seu rosto duros e frios, plantando-lhe beijos na face os quais transmitiam o encanto da maciez e da doçura que teriam sido destruídas pelo contato com ele.

Eu passava horas lendo com a ajuda do professor Leonardo de Pádua, falando em unísono com ele ao aprender o esquema do latim, depois do italiano e novamente do grego. Eu gostava tanto de Aristóteles quanto de Platão ou Plutarco ou Lívio ou Virgílio. Na verdade, eu não os entendia muito. Estava fazendo o que o Mestre mandava, deixando o conhecimento acumular-se em minha mente.

Eu não via motivo para falar sem parar como Aristóteles fazia, sobre coisas criadas. As vidas dos antigos que Plutarco contava com tanto espírito eram histórias excelentes. Mas eu queria conhecer pessoas contemporâneas. Preferia cochilar no divã de Bianca a discutir os méritos deste ou daquele pintor. Ademais, eu sabia que o Mestre era o melhor.

Este era um mundo de amplos salões, paredes ornamentadas, luz perfumada e generosa e um desfile regular de alta moda, ao qual me acostumei inteiramente, sem jamais enxergar o sofrimento e a miséria dos pobres da cidade. Até os livros que eu lia refletiam esse novo âmbito ao qual eu ficara tão preso que nada poderia me trazer de volta ao passado de confusão e dor.

Aprendi a tocar cançonetas no virginal. Aprendi a tanger o alaúde e a cantar com voz macia, embora só cantasse canções tristes. O Mestre adorava essas canções. Fazíamos um coro de quando em quando, todos os rapazes juntos, e apresentávamos ao Mestre nossas próprias composições e às vezes nossas próprias danças.

Nas tardes quentes, jogávamos cartas quando o previsto era descansarmos. Riccardo e eu escapulíamos para jogar nas tavernas. Bebemos demais uma ou duas vezes. O Mestre soube e logo deu um basta nisso. Horrorizou-se particularmente com o fato de eu

estar embriagado e ter caído no Grande Canal, precisando de um socorro desajeitado e histérico. Eu poderia jurar que ele empalidecera ao ouvir isso, que vi a cor deixar suas faces lívidas. Ele chicoteou Riccardo por isso. Fiquei envergonhadíssimo. Riccardo aceitou a punição como um soldado sem gritos nem comentários, imóvel diante de uma grande lareira na biblioteca, de costas para receber os golpes nas pernas. Depois, ajoelhou-se e beijou o anel do Mestre. Prometi nunca mais me embriagar.

Embriaguei-me no dia seguinte, mas tive a sensatez de ir trôpego para a casa de Bianca e meter-me embaixo de sua cama, onde eu poderia adormecer sem perigo. Antes da meia-noite, o Mestre tirou-me dali. Pensei: agora vou apanhar. Mas ele apenas me pôs na cama, onde adormeci antes de poder me desculpar. Quando acordei, vi-o em sua escrivaninha, escrevendo tão depressa como pintava, num livro grande que ele sempre conseguia esconder antes de sair da casa.

Quando os outros dormiam mesmo, inclusive Riccardo, nas piores tardes de verão, eu saía e alugava uma gôndola. Deitava-me de costas e ficava olhando para o céu enquanto deslizávamos pelo canal e para as águas mais turbulentas do coração do golfo. Eu ia de olhos fechados na volta para poder ouvir os mínimos gritos vindos dos prédios sossegados na hora da sesta, as águas malcheirosas batendo em fundações podres, o guincho das gaivotas no céu. Não me importava com os mosquitos nem com o cheiro dos canais.

Uma tarde, não voltei para trabalhar nem para as aulas em casa. Entrei numa taverna para ouvir os músicos e os cantores e, de outra feita, deparei-me com uma peça sendo encenada num palco armado numa praça defronte a uma igreja. Ninguém se zangava comigo por essas idas e vindas. Nada se relatava. Não havia testes para aferir o que eu ou qualquer outro aprendera.

Às vezes eu dormia o dia inteiro, ou até ficar curioso. Era um prazer extremo acordar e encontrar o Mestre trabalhando, quer no estúdio, subindo e descendo nos andaimes enquanto pintava sua tela maior, ou simplesmente perto de mim, à sua mesa no quarto, escrevendo. Sempre havia comida para todos, lustrosos cachos de

uva e melões maduros abertos para nós, e delicioso pão refinado com um azeite fresquíssimo. Eu comia azeitonas pretas, fatias de queijo macio e alhos-porós frescos da horta do terraço. O leite vinha frio em jarros de prata.

O Mestre não comia nada. Todos sabiam disso. O Mestre nunca estava em casa de dia. Com o Mestre nunca se falava sem reverência. O Mestre conseguia ler a alma de um rapaz. O Mestre sabia separar o bem do mal, e sabia o que era engano. Os rapazes eram bons rapazes. À boca pequena, às vezes se falava de maus rapazes que haviam sido expulsos da casa quase que imediatamente. Mas ninguém jamais falava do Mestre sequer de uma forma trivial. Ninguém mencionava o fato de que eu dormia na cama do Mestre.

Diariamente ao meio-dia, fazíamos juntos formalmente uma refeição de ave assada, cordeiro tenro, suculentos pedaços de carne.

Três ou quatro professores vinham a qualquer hora para instruir os vários grupinhos de aprendizes. Alguns trabalhavam enquanto outros estudavam.

Eu podia passar da aula de latim à de grego. Podia folhear os sonetos eróticos e ler o que conseguisse até Riccardo acudir e provocar uma gargalhada geral com sua leitura, para a qual os professores tinham de esperar.

Nesta leniência, eu prosperava. Aprendi depressa, e sabia responder a todas as perguntas casuais do Mestre, apresentando minhas próprias perguntas ponderadas.

O Mestre pintava quatro noites por semana, e, em geral, de meia-noite até a aurora, quando desaparecia. Nada o interrompia nessas noites. Ele subia no andaime com uma facilidade espantosa, parecendo um grande macaco branco, e, deixando cair displicentemente a capa escarlate, pegava o pincel da mão do menino que o segurava para ele e pintava com tanta fúria que nos salpicava todos de tinta enquanto olhávamos pasmos. Sob o seu gênio, paisagens inteiras ganhavam vida em horas; pessoas reunidas eram desenhadas nos mínimos detalhes. Trabalhava cantarolando em voz alta; ia anunciando o nome dos grandes

escritores ou heróis ao retratá-los de memória ou baseado na imaginação. Atraía nossa atenção para suas cores, as linhas que escolhia, os truques de perspectiva que mergulhavam os grupos de personagens palpáveis e entusiasmados em jardins, salões, palácios e galerias de verdade.

Somente o trabalho de preencher os claros era deixado para os rapazes executarem pela manhã — colorir panos, asas, grandes trechos de carne aos quais o Mestre voltaria para dar forma enquanto a tinta a óleo ainda estivesse maleável, o piso reluzente de palácios antigos que após seus retoques finais pareciam mármore de verdade recuando sob os pés gorduchos de seus filósofos e santos.

O trabalho nos atraía natural e espontaneamente. Havia dúzias de telas e painéis inacabados dentro do palácio, todos tão realistas que pareciam portais de outro mundo.

Gaetano, um dos mais jovens de nós, era o mais talentoso. Mas qualquer dos rapazes, salvo eu, equiparava-se aos aprendizes do ateliê de qualquer pintor, mesmo os do ateliê de Bellini.

Às vezes, havia um dia de receber. Bianca então se regozijava porque iria receber para o Mestre, e vinha com seus criados fazer as honras da casa. Homens e mulheres das melhores casas de Veneza vinham ver as obras do Mestre. As pessoas espantavam-se com seus poderes. Só depois de ouvir o que elas diziam nesses dias, percebi que meu Mestre não vendia quase nada, mas enchia seu palácio com as próprias obras, e que ele tinha suas próprias versões de temas famosíssimos, desde a escola de Aristóteles até a Crucificação de Cristo. Cristo. Esse era o Cristo de cabelos encaracolados, corado, musculoso e com ar humano, o Cristo deles. O Cristo parecido com Cupido ou Zeus.

Eu não me importava de não saber pintar tão bem como Riccardo e os outros, de quase sempre me satisfazer em segurar os potes para eles, lavar os pincéis, apagar os erros que precisavam ser corrigidos. Eu não queria pintar. Não queria. Só de pensar nisso, ficava com cãibras nas mãos e o estômago embrulhado.

Eu preferia as conversas, as piadas, a especulação sobre o porquê de nosso fabuloso Mestre não aceitar encomendas, embora

recebesse diariamente cartas convidando-o a competir por este ou aquele mural a ser pintado no Palácio Ducal ou em alguma das mil igrejas da ilha. Eu observava a cor se espalhando hora a hora. Aspirava a fragrância dos vernizes, dos pigmentos, dos óleos.

De vez em quando uma raiva letárgica me dominava, mas não de minha falta de habilidade.

Outra coisa me atormentava, algo que tinha a ver com as posturas úmidas e tempestuosas das figuras pintadas, com aquelas reluzentes faces rosadas e o céu de nuvens céleres ao fundo, ou a ramagem densa das árvores escuras.

Parecia loucura isso, essa reprodução desenfreada da Natureza. Com dor de cabeça, fui caminhando sozinho com um passo ligeiro pelo cais até encontrar uma igreja antiga e um altar ornamentado com santos tesos de olhos apertados, morenos, macilentos e rígidos: o legado de Bizâncio, como eu vira em São Marcos em meu primeiro dia. Minha alma doía demais enquanto eu contemplava com reverência essas antigas propriedades. Praguejei quando meus novos amigos me acharam. Ajoelhei, determinado, recusando-me a demonstrar saber que eles lá estavam. Tapei os ouvidos para não ouvir as risadas de meus novos amigos. Como podiam rir dentro da igreja com aquelas gotas de sangue como besouros negros saindo das mãos e dos pés esmaecidos do Cristo torturado?

De vez em quando eu adormecia diante de altares antigos. Eu escapulira de meus companheiros. Estava só e feliz naquelas pedras frias e úmidas. Imaginava ouvir a água embaixo do piso.

Peguei uma gôndola para Torcello e lá procurei a velha Catedral de Santa Maria Assunta, famosa por seus mosaicos, que; segundo alguns, tinham o mesmo esplendor antigo que os mosaicos de São Marcos. Esgueirei-me sob os arcos baixos, olhando para a antiga iconóstase e os mosaicos da abside. Lá no alto, na curva posterior da abside, estava a grande Virgem, a Theotokos, a que carregava Deus. Seu rosto era austero, quase amargo. Uma lágrima brilhava em sua face esquerda. Ela segurava o menino Jesus, mas também tinha nas mãos um lenço, a marca da Mater Dolorosa.

Compreendi essas imagens enquanto elas me gelaram a alma. Minha cabeça girava e o calor da ilha e a catedral silenciosa me deixaram enjoado. Mas fiquei ali. Passeei pela iconóstase e orei.

Achei que ninguém podia me achar ali. Quando a noite foi chegando, senti-me realmente mal. Sabia que estava com febre, mas procurei um canto da igreja e só o contato de meu rosto e minhas mãos estendidas com o frio do chão de pedra aliviou-me um pouco. Se erguesse a cabeça, eu via diante de mim cenas terríveis do Juízo Final, de almas condenadas ao Inferno. Mereço essa dor, pensei.

O Mestre veio me buscar. Não me lembro da volta ao palácio.

Aparentemente, de alguma forma, em questão de segundos, ele me pusera na cama. Os rapazes banhavam minha testa com panos frios. Fizeram-me beber água. Uma pessoa disse que eu estava com “a febre”, e outra disse: — Fique quieto.

O Mestre cuidava de mim. Eu tinha pesadelos de que não conseguia me lembrar ao acordar. Antes do amanhecer, o Mestre me beijou e me abraçou. Jamais amei tanto a dureza fria de seu corpo como durante essa febre, envolvendo-o em meus braços, estreitando meu rosto contra o dele.

Ele me deu algo quente e picante para beber numa taça. Em seguida, beijou-me, e novamente apareceu a taça. Meu corpo encheu-se de um fogo curativo. Mas quando ele voltou naquela noite, a febre tinha piorado de novo. Não sonhei tanto quanto vaguei, meio dormindo meio acordado, por terríveis corredores escuros, sem conseguir achar um lugar quente ou limpo. Minhas unhas estavam encardidas. A certa altura, vi uma pá em movimento, e vi a sujeira, e receei que a sujeira fosse me cobrir, e comecei a gritar.

Riccardo cuidava de mim, segurando minha mão, dizendo-me que logo a noite cairia, e o Mestre decerto chegaria.

— Amadeo — disse o Mestre. Ele me levantou como se eu ainda fosse mesmo uma criancinha.

Perguntas em excesso formavam-se em minha mente. Eu iria morrer? Aonde Mestre estava me levando agora? Eu estava envolto em veludo e peles e ele me carregava, mas como?

Estávamos numa igreja em Veneza, em meio a pinturas novas de nosso tempo. As indispensáveis velas ardiam. Homens oravam. Ele me virou em seus braços e mandou-me olhar para o enorme altar à minha frente. Apertando os olhos doloridos, obedeci e vi a Virgem nas alturas sendo coroada por seu amado Filho, Cristo Rei.

— Olhe a doçura no rosto dela, a expressão natural dela — murmurou o Mestre. — Ela está sentada ali como alguém pode estar sentado aqui na igreja. E os anjos, olhe para eles, os meninos alegres em volta das colunas embaixo dela. Olhe a serenidade e a delicadeza dos sorrisos deles. Isto é o Paraíso, Amadeo. Isso é o bem.

Meus olhos sonolentos dirigiram-se à pintura lá no alto.

— Veja o Apóstolo falando com tanta naturalidade com a pessoa ao lado dele, como os homens podem falar numa cerimônia dessas. Olhe no alto, Deus Pai, olhando satisfeito para todos lá embaixo.

Tentei formular perguntas, dizer que não era possível. Esta combinação da carnalidade com a beatitude, mas não conseguia encontrar palavras eloqüentes. A nudez dos anjos era encantadora e inocente, mas eu não conseguia acreditar nisso. Era uma mentira de Veneza, uma mentira do Ocidente, uma mentira do próprio Diabo.

— Amadeo — continuou ele —, não há bem que se baseie em sofrimento e crueldade; não há bem que precise se fundamentar na privação de criancinhas. Amadeo, do amor de Deus nasce a beleza em todos os lugares. Olhe essas cores; essas são as cores criadas por Deus.

Em seu colo, os pés balançando, os braços em volta de seu pescoço, deixei os detalhes do imenso altar entrarem em minha consciência. Repassei de trás para diante, de trás para diante, aqueles pequenos toques que eu amava.

Levantei o dedo para apontar. Aquele leão sentado tão calmamente aos pés de São Marcos, e, olhe, as páginas do livro de São Marcos, as páginas se mexem enquanto ele as vira. E o leão é manso e delicado e amigo como um cão de lareira.

— Isso é o Paraíso, Amadeo — disse-me ele. — O que quer que o passado tenha martelado em sua alma, esqueça.

Sorri, e lentamente, erguendo os olhos para os santos, as fileiras e fileiras de santos, comecei a rir baixo e confidencialmente no ouvido do Mestre.

— Eles estão todos falando, murmurando, conversando entre si como se fossem senadores venezianos.

Ouvi a gargalhada baixa e reprimida que ele deu em resposta.

— Ah, acho que os senadores têm mais decoro, Amadeo. Eu nunca os vi em situação tão informal, mas isso é o Paraíso, como eu disse.

— Ah, Mestre, olhe ali. Um santo está segurando um ícone, um belo ícone. Mestre, preciso lhe contar... — interrompi-me. A febre subiu e comecei a suar. Meus olhos ardiam, e eu não conseguia enxergar. — Mestre, estou na selva, estou correndo, preciso botar isso nas árvores. — Como poderia ele saber do que eu estava falando, que eu me referia à lembrança daquela desesperada fuga passada pelos campos selvagens com a sagrada trouxa sob minha guarda, a trouxa que deveria ser desembulhada e colocada nas árvores. — Olhe, o ícone.

Enchi-me de mel. Um mel espesso e doce. Vinha de uma fonte gelada mas não importava. Eu conhecia essa fonte. Meu corpo era como uma taça sendo mexida de modo que tudo o que era amargo se dissolveu nos fluidos do mel, dissolveu-se num vórtice para deixar apenas mel e um calor de sonho.

Quando abri os olhos, eu estava em nossa cama. Estava todo frio. A febre passara. Virei-me e levantei-me.

Meu Mestre estava sentado à sua mesa. Lia o que aparentemente acabara de escrever. Prendera o cabelo com um pedaço de fio. Seu rosto estava belíssimo, descoberto por assim dizer, com aquelas maçãs salientes e aquele nariz liso e fino. Ele me olhou, e sua boca operou o milagre do sorriso comum.

— Não corra atrás dessas recordações — disse ele. Falou isso como se estivéssemos conversando todo o tempo enquanto eu dormia. — Não vá à igreja de Torcillo para encontrá-las. Não vá aos

mosaicos de São Marcos. Quando chegar a hora, todas essas coisas nocivas voltarão.

— Tenho medo de lembrar — disse eu.

— Eu sei — respondeu ele.

— Como pode saber?-perguntei. — Guardo essa dor em meu coração. Ela é minha. — Senti muito por ter falado com tanta audácia, mas fosse qual fosse a minha culpa, a audácia era cada vez mais freqüente.

— Você duvida mesmo de mim? — perguntou ele.

— Seus dotes são incomensuráveis. Todos sabemos e nunca falamos sobre isso, e você nunca fala sobre isso.

— Então por que você não coloca sua fé em mim em vez de em coisas das quais você só se recorda pela metade.

Ele deixou a escrivaninha e veio para minha cama.

— Venha. Sua febre cedeu. Venha comigo.

Levou-me a uma das muitas bibliotecas do palácio, salas em desordem onde havia manuscritos espalhados sem critério e livros empilhados. Raramente ele trabalhava nessas salas. Atirava os volumes ali para serem catalogados pelos rapazes, levando aquilo de que precisava para a escrivaninha em nosso quarto.

Andou entre as estantes até encontrar uma pasta, uma coisa molenga de couro antigo amarelado, gasta nas pontas. Seus dedos brancos alisaram uma página grande de pergaminho. Pousou-a na escrivaninha de carvalho para que eu visse.

Uma pintura, antiga.

Era o desenho de uma grande igreja com domos ornamentados, lindíssima e majestosa. Havia inscrições ali. Eu conhecia as letras, mas não conseguia fazer as palavras virem à minha mente ou à minha língua. — Kiev Rus — explicou. Kiev Rus.

Um horror insuportável abateu-se sobre mim. Antes de conseguir deter-me, falei:

— Está em ruínas, incendiada. Não existe este lugar. Não é vivo como Veneza. Está em ruínas, e é frio, imundo e desesperado. Sim, essa é exatamente a palavra. — Eu estava tonto. Achei que estivesse vendo uma saída da desolação, só que essa saída era fria e escura e, por caminhos tortuosos, conduzia a um mundo de

escuridão eterna, onde a terra fria exalava o único cheiro para as mãos, a pele, as roupas da pessoa. Desvencilhei-me e corri do Mestre. Corri por toda a extensão do palácio.

Desci correndo para as salas escuras que davam para o canal. Quando voltei, encontrei-o sozinho no quarto. Lia, como sempre. Estava com o livro que ultimamente era seu preferido, *Consolatio philosophiae*, de Beócio, e ergueu pacientemente os olhos para me fitar quando entrei. Fiquei ali pensando em minhas dolorosas lembranças. Eu não conseguia alcançá-las. Então deixe estar. Elas corriam para o nada como as folhas nas alamedas, as folhas que às vezes caem dos pequenos jardins suspensos numa ventania e vêm descendo pelos muros verdes patinados.

— Não quero — tornei a dizer.

Só havia um Senhor Vivo. Meu Mestre.

— Algum dia isso tudo se esclarecerá para você, quando tiver força para usar isso — disse ele. Fechou o livro. — Por ora, deixe-me consolá-lo. Ah, sim, eu estava prontíssimo para isso.

3

Ah, quão longos podiam ser os dias sem ele. Quando anoitecia, eu cerrava os punhos enquanto as velas eram acesas.

Havia noites em que ele não aparecia de todo. Os rapazes diziam que ele partira em missões importantíssimas. A casa precisava funcionar como se ele estivesse presente.

Eu dormia em sua cama vazia, e ninguém me perguntava nada. Vasculhava a casa à procura de qualquer pista pessoal dele. Perguntas me atormentavam. Eu temia que ele jamais voltasse.

Mas ele sempre voltava.

Quando subia as escadas, eu corria para seus braços. Ele me segurava, me abraçava, me beijava e só então deixava que eu caísse suavemente de encontro a seu peito duro. Meu peso não era nada para ele, embora parecesse que dia a dia eu crescia e ganhava peso.

Eu nunca seria outra coisa senão o rapaz de dezessete anos que você está vendo agora, mas como podia um homem tão esguio

como ele me levantar com tanta facilidade?

Não sou um menor abandonado nem nunca serei. Sou uma criança forte. Eu gostava mais — se eu tivesse que partilhar com os outros — quando ele lia para nós em voz alta.

Cercando-se de candelabros, ele falava com uma voz contida e simpática. Lia a Divina comédia de Dante, o Decameron de Boccaccio, ou, em francês, o Roman de la Rose ou os poemas de François Villon. Falava as línguas novas que precisávamos entender tão bem como entendíamos grego e latim. Alertou-nos que a literatura não se confinaria mais às obras clássicas.

Ficávamos calados, sentados em volta dele em almofadas ou no chão nu. Alguns ficavam de pé ao lado dele. Outros sentavam-se descansando nos calcanhares.

Às vezes, Riccardo tocava alaúde para nós e cantava aquelas melodias que aprendera com o professor, ou mesmo as músicas irreverentes que aprendia na rua. Cantava pesadamente canções de amor e nos fazia chorar com isso. O Mestre observava-o com olhos amorosos.

Eu não sentia ciúme. Só eu partilhava a cama do Mestre.

Às vezes, ele até fazia Riccardo sentar-se do lado de fora do quarto e tocar para nós. O obediente Riccardo nunca pedia para entrar.

Meu coração disparava quando as cortinas se fechavam em volta de nós. O Mestre abria minha túnica, às vezes até rasgando-a de brincadeira, como se ela não passasse de uma peça jogada fora.

Eu afundava na colcha de cetim embaixo dele; abria as pernas e deixava os joelhos acariciarem-no, entorpecido e vibrando com o roçar de seus dedos em minha boca.

Certa vez, eu estava quase dormindo. O ar tinha um tom róseo e dourado. O quarto estava quente. Senti seus lábios nos meu e sua língua frio penetrar como língua de cobra em minha boca. Um líquido encheu-me a boca, um néctar saboroso e ardente, uma poção tão fina que a senti percorrer meu corpo até a pontinha dos dedos. Senti essa poção descendo-me pelo torso e entrando em minhas partes mais íntimas. Eu ardia. Ardia.

— Mestre — murmurei. — O que é esse truque agora que é mais doce que os beijos?

Ele deitou a cabeça na almofada. Virou-se para o outro lado.

— Dê-me isso de novo, Mestre — pedi.

Ele deu, mas só quando quis, em gotas, e com lágrimas vermelhas que de vez em quando ele deixava que eu lhe lambesse dos olhos.

Acho que um ano inteiro se passou antes que eu voltasse para casa uma noite, afogueado com o ar do inverno, vestido com minha melhor roupa azul-escura para ele, com meias azul-celeste e os mais caros sapatos de esmalte dourado que eu poderia encontrar no mundo, um ano antes de eu entrar naquela noite e atirar meu livro no canto do quarto com um grande gesto de enfado, pondo as mãos na cintura e fuzilando-o com os olhos, enquanto ele, sentado em sua cadeira de espaldar alto, olhava as brasas no braseiro, colocando as mãos sobre as brasas, observando as chamas.

— Pois bem — falei arrogante, com a cabeça para trás, o próprio homem do mundo, um veneziano sofisticado, um príncipe no mercado com toda uma corte de mercadores para atendê-lo, um erudito que lera demais. — Pois bem continuei. — Há um grande mistério aqui e você sabe disso. Está na hora de me contar.

— O quê? — perguntou ele com amabilidade suficiente.

— Por que você nunca... Por que nunca sente nada! Por que lida comigo como se eu fosse uma boneca? Por que nunca...?

Pela primeira vez, vi seu rosto corar; vi seus olhos brilharem e se apertarem e depois se arregalarem com lágrimas avermelhadas.

— Mestre, você me assusta — murmurei.

— O que quer que eu sinta, Amadeo? — perguntou ele.

— Você, Mestre, parece um anjo ou uma estátua — disse eu, só que agora eu estava mais manso e trêmulo. — Mestre, você brinca comigo e eu sou o brinquedo que sente tudo. — Aproxime-me. Toquei na camisa dele, procurei desatá-la.

— Deixe-me...

Ele pegou minha mão. Pegou meus dedos e levou-os aos lábios e enfiou-os na boca, afagando-os com a língua. Ergueu os

olhos e ficou me olhando. Bastante diziam seus olhos. Sinto bastante.

— Eu lhe daria qualquer coisa — disse eu em tom de súplica. Pus a mão entre suas pernas. Ah, ele estava maravilhosamente duro. Isso não era incomum, mas ele precisava me deixar levá-lo mais longe; precisava confiar em mim.

— Amadeo — disse ele.

Com aquela força inexplicável, ele me levou para a cama. Mal se poderia dizer que ele havia se levantado da cadeira. Parecia que estávamos ali e de repente estávamos em meio às nossas almofadas conhecidas. Pisquei. Parecia que as cortinas se haviam fechado em volta de nós sem que ele tivesse tocado nelas, algum truque da brisa que entrava pelas janelas. Sim, ouça as vozes do canal lá embaixo. Como o que se canta na rua sobe pelas paredes em Veneza, a cidade dos palácios!

— Amadeo — disse ele, os lábios em minha garganta como haviam estado mil vezes, só que agora senti uma pontada, aguda, rápida. Um fio pregado em meu coração foi subitamente puxado. Virara a coisa entre as minhas pernas, e nada mais que isso. Sua boca se aninhou contra a minha, e aquele fio arrebentou de novo, e de novo. Sonhei, acho que vi outro lugar. Acho que vi as revelações que eu sentia dormindo e que nunca permaneciam quando eu acordava. Acho que segui uma trilha para esses jorros de fantasia que eu conhecia dormindo e apenas dormindo. Isso é o que quero de você.

— E você precisa ter isso — disse eu, palavras impulsionadas para o presente quase esquecido enquanto eu flutuava encostado nele, sentindo-o tremer, sentindo-o eletrizado com isso, sentindo-o estremecer, sentindo-o puxar esses fios de dentro de mim, acelerando meu coração e quase me fazendo gritar, sentindo-o adorar isso, e retesar as costas e deixar seus dedos tremerem e dançarem enquanto ele se contorcia contra mim. Beba, beba, beba.

Ele se desvencilhou e deitou de lado.

Sorri deitado de olhos fechados. Senti meus lábios. Senti uma gotícula do néctar ainda grudada em meu lábio, e minha língua foi buscá-la e sonhei.

Sua respiração era pesada e ele estava melancólico. Ainda tremia, e, quando encontrou-me, sua mão estava instável.

— Ah — disse eu ainda sorrindo e beijando-lhe o ombro.

— Eu o magôo! — disse ele.

— Não, absolutamente, doce Mestre — respondi. — Mas eu o magôo! Eu o tenho agora!

— Amadeo, você banca o diabo.

— Não quer que eu banque, Mestre? Não gostou disso? Tirou o meu sangue e isso o transformou em meu escravo!

Ele riu.

— Então esse é o efeito que você coloca nisso, não é?

— Humm. Me ame. O que importa? — perguntei.

— Nunca conte aos outros — disse ele. Não havia medo nem fraqueza nem vergonha nesse pedido.

Virei-me, erguendo-me nos cotovelos e olhei para ele, para seu perfil calmo voltado para o outro lado.

— O que eles fariam?

— Nada — respondeu ele. — É o que eles iriam pensar e sentir que importa. E não tenho tempo nem lugar para isso. — Olhou para mim. — Seja misericordioso e sábio, Amadeo.

Durante um bom tempo, fiquei calado. Apenas olhava para ele. Só aos poucos percebi que estava assustado. Por um instante pareceu que o medo obliteraria o calor do momento, a glória macia da luz radiosa aumentando nas cortinas, de planos reluzentes em seu rosto ebúrneo, a doçura de seu sorriso. Então uma preocupação mais elevada e mais grave anulou o medo.

— Você não é absolutamente meu escravo, é? — murmurei.

— Sou — disse ele quase rindo de novo. — Sou, se você precisa saber.

— O que aconteceu, o que você fez, o que foi que...

Ele encostou o dedo em meus lábios.

— Você acha que sou igual aos outros homens? — perguntou.

— Não — respondi, mas o medo subiu na palavra e estrangulou a ferida. Tentei me deter, mas, antes que conseguisse fazê-lo, abracei-o e tentei apertar o rosto contra seu pescoço. Ele era duro demais para essas coisas, embora pegasse minha cabeça

e a beijasse no alto, embora me puxasse o cabelo para trás e afundasse o polegar em meu rosto. — Quero que algum dia você saia daqui — disse ele. — Quero que vá embora. Você levará bens materiais e tudo o que eu tiver podido lhe ensinar. Levará sua graça e as muitas artes que aprendeu, a realidade de saber pintar, tocar qualquer música que eu lhe pedir, se já souber fazer, de saber dançar tão maravilhosamente. Você levará essas realizações com você e sairá em busca daquelas coisas preciosas de que deseja.

— Só quero você.

— E quando se lembrar dessa época, quando, à noite, estando semi-acordado e, deitado no travesseiro de olhos fechados, pensar em mim, esses nossos momentos parecerão corrompidos e estranhíssimos. Parecerão bruxaria e as palhaçadas dos loucos, e este quarto aconchegante talvez se torne a câmara perdida de segredos obscuros e isso poderá lhe trazer sofrimento.

— Não irei.

— Lembre-se então de que isso era amor — disse ele. — Que isso era mesmo a escola do amor na qual você curou suas feridas, na qual aprendeu a falar novamente, sim, até a cantar, e na qual nasceu da criança arrasada como se ela fosse apenas uma casca de ovo, e você, o anjo, saindo dele e subindo com asas grandes e fortes.

— E se eu nunca for embora por livre e espontânea vontade? Você me jogaria de uma janela para eu ter que voar ou cair? Fechará todas as portas depois que eu passar? É melhor fechar, porque vou bater até cair morto. Não quero ter asas que me afastem de você.

Ele me estudou por um tempo longuíssimo. Eu jamais fora olhado com um prazer tão ininterrupto da parte dele, e ele nunca havia deixado meus dedos curiosos tocarem em sua boca por tanto tempo.

Finalmente ele se levantou a meu lado e delicadamente forçou-me para baixo. Seus lábios, sempre levemente rosados como o miolo das pétalas das rosas brancas, foram ficando vermelhos enquanto eu olhava. Era uma reluzente linha vermelha correndo entre seus lábios e irrigando todos os finos veios de que eram feitos

os lábios, colorindo-os na perfeição, como o vinho poderia colorir, só que esse fluido era tão brilhante que seus lábios tremeluziam, e, quando ele os abria, o vermelho explodia como se fosse uma língua enroscada.

Minha cabeça foi erguida. Peguei aquilo com minha própria boca. O mundo fugiu-me dos pés. Adernei e fiquei à deriva, abri os olhos e não vi nada quando ele fechou a boca sobre a minha.

— Mestre, eu morro com isso! — murmurei. Agitei-me embaixo dele, procurando encontrar um lugar firme nesse vazio intoxicante e indistinto. Meu corpo se debatia e rolava com prazer, meu membros se retesando e depois flutuando, meu corpo inteiro saindo dele, de seus lábios, através de meus lábios, meu corpo, o próprio mesmo e o suspiro do Mestre.

Veio a pontada, veio a lâmina, incomensuravelmente minúscula e afiada, perfurando minha alma. Contorci-me como se tivesse sido trespassado por um espeto. Ah, isso poderia ensinar aos deuses do amor o que era amor. Isso era a minha libertação se eu conseguisse apenas sobreviver. Cego e trêmulo, fui unido a ele. Senti sua mão tapar-me a boca, e só então detive meus gritos abafados.

Segurei seu pescoço, estreitando-o contra minha garganta com toda a força — Faça, faça!

Quando acordei, era dia claro.

Ele havia ido embora há muito, como sempre fazia. Fiquei deitado sozinho. Os rapazes ainda não haviam chegado.

Levantei da cama e fui até a janela alta e estreita, o tipo de janela que há em toda parte em Veneza, isolando a canícula do verão e os ventos gélidos do Adriático quando inevitavelmente chegam.

Abri as grossas vidraças e olhei para os muros em frente àquele meu refúgio seguro como tantas vezes fizera.

Uma criada sacudia o esfregão em um balcão distante lá em cima. Do outro lado do canal, eu a observava. Seu rosto parecia lívido e infestado de alguma coisa, como se ela estivesse coberta de minúsculos seres vivos, uma agitação de formigas. Ela não sabia! Apoiei as mãos no parapeito e olhei mais atentamente. Era

apenas a vida dentro dela, o trabalho da carne dentro dela que fazia a máscara de seu rosto parecer que se movia. Mas suas mãos pareciam horrendas, nodosas e inchadas, e o pó de sua vassoura fixando cada ruga.

Sacudi a cabeça. Ela estava longe demais para que eu fizesse essas observações.

Num aposento distante, os rapazes conversavam. Hora de trabalhar. Hora de levantar, mesmo no palácio do Senhor da noite que nunca aparece de dia. Longe demais para eu os ouvir.

E esse veludo agora, essa cortina feita com o tecido preferido do Mestre, parecia pele, não veludo, eu via cada fibrazinha. Larguei-a. Fui procurar o espelho. A casa tinha dezenas de grandes espelhos trabalhados, todos com molduras elaboradas e repletas de minúsculos querubins. Achei o espelho alto da ante-sala, a alcova atrás de portas empenadas porém lindamente pintadas onde eu guardava minhas roupas. A luz da janela me seguiu. Eu me vi. Mas eu não era uma massa fervilhante e podre, como aquela mulher parecia. Meu rosto era liso como o de um bebê e imaculadamente branco.

— Eu quero aquilo! — murmurei. Eu sabia.

— Não — ele me disse.

Isso foi quando ele veio naquela noite. Esbravejei, fiquei andando de um lado para o outro e gritei com ele.

Ele não me deu explicações longas, nem feitiçaria nem ciência, ambas as quais seriam fáceis para ele. Só me disse que eu ainda era criança, e havia coisas a serem saboreadas que ficariam perdidas para sempre.

Chorei. Eu não queria trabalhar nem pintar nem estudar nem fazer nada nesse mundo.

— Isso perdeu o sabor por algum tempo — disse ele paciente.

— Mas você vai ficar surpreso.

— Com o quê?

— Com o quanto há de lamentar quando tiver acabado completamente, quando você for perfeito e imutável como eu e todos aqueles erros humanos puderem ser triunfantemente

suplantados por uma série nova e mais assombrosa de falhas. Não peça isso de novo.

Eu teria achado melhor morrer então, com ódio, furioso e amargurado demais para falar.

Mas ele não terminara.

— Amadeo — disse ele, a voz carregada de tristeza. — Não diga nada. Não precisa. Eu lhe darei isso imediatamente quando achar que chegou a hora. Diante disso, corri para ele como uma criança, atirando-me em seu pescoço, dando mil beijos em seu rosto gelado apesar de seu sorriso de desdém.

Afinal suas mãos ficaram como se fossem de ferro. Não haveria brincadeira de sangue nessa noite. Eu precisava estudar. Precisava recuperar as lições que eu desprezara de dia.

Ele tinha de cuidar dos aprendizes, das tarefas deles, da imensa tela em que andava trabalhando, e eu obedeci.

Mas, bem antes do amanhecer, vi que ele mudou. Os outros já tinham ido há muito tempo para a cama. Eu folheava um livro obedientemente quando o vi olhando de sua cadeira com um olhar fixo, animalesco, como se um rapinante tivesse entrado dentro dele e expulsado todas as suas faculdades civilizadas, deixando-o assim, faminto, de olhos vidrados e boca avermelhada, o sangue fúlgido encontrando seus milhares de trilhazinhas pelas margens aveludadas de seus lábios.

Ele se levantou, uma coisa drogada, e veio em minha direção com um ritmo de movimentos estranhos e infundiu o terror mais glacial em meu coração. Seus dedos faiscaram, fecharam-se, chamaram.

Corri para ele. Ele me ergueu com ambas as mãos, segurando meus braços com a maior delicadeza, e mordeu-me o pescoço. Da sola dos pés, subindo-me pelas costas, pelos braços, pelo pescoço e pelo couro cabeludo, senti.

Onde ele me atirou, não sei. Seria em nossa cama ou em almofadas improvisadas que ele encontrou em outro salão mais próximo?

— Me dê-pedi, sonolento, e, quando aquilo me entrou na boca, eu estava inconsciente.

Ele disse que eu precisava ir aos bordéis, aprender o que significava copular direito — não apenas de brincadeira como fazíamos entre os rapazes.

Veneza tinha muitas dessas casas, muito bem dirigidas e dedicadas ao prazer com o ambiente mais luxuoso. Defendia-se firmemente que tais prazeres eram pouco mais que pecados veniais aos olhos do Cristo, e os rapazes elegantes freqüentavam estes estabelecimentos abertamente. Eu conhecia uma casa de mulheres particularmente refinadas e talentosas, onde havia beldades muito altas, viçosas, de olhos muito claros do norte da Europa, algumas cujos cabelos louros eram quase brancos, consideradas de certa forma diferentes das italianas mais baixas que víamos todo dia. Não sabia que a diferença fosse algo tão prioritário para mim, pois já me deslumbrara com a beleza de rapazes e mulheres italianos desde que chegara. Moças venezianas de pescoço de cisne com elegantes toucados almofadados com fartos véus transparentes eram quase irresistíveis para mim. Mas então o bordel tinha todas as qualidades de mulheres, e o principal era montar tantas quantas eu pudesse.

Meu Mestre me levou a essa casa, pagou para mim, uma fortuna em ducados, e disse à viçosa e encantadora amante que viria me pegar dentro de alguns dias.

Dias!

Fiquei branco de ciúme e ardendo de curiosidade ao vê-lo partir a figura majestosa de sempre com aquelas vestes carmins, entrando na gôndola e dirigindo-me uma piscadela esperta quando o barco o levou. Acabei ficando três dias na casa das mulheres mais voluptuosas disponíveis em Veneza, acordando tarde, comparando pele cor de oliva com pele clara e me regalando em examinar despreocupadamente os pêlos inferiores de todas as belezas, distinguindo os mais sedosos dos grossos e mais enroscados.

Aprendi pequenas sutilezas de prazer, tais como quão doce era ter os mamilos mordidos (de leve, e elas não eram vampiras) e ter os pêlos das axilas, que em mim eram escassos, puxados afetuosamente nos momentos apropriados. Mel dourado era

passado em minhas partes baixas só para ser lambido por anjos risonhos.

Havia mais truques íntimos, naturalmente, incluindo atos bestiais que, estritamente falando, eram crimes mas que nessa casa eram simplesmente equipamentos variados a mais para festins sadios e atormentadores. Tudo era feito com graça, os fumegantes banhos perfumados eram trazidos com freqüência em grandes tinas de madeira, flores boiando na superfície da água tingida de rosa, e eu às vezes ficava deitado à mercê de um bando de mulheres de voz macia arrulhando para mim como passarinhos nos beirais, lambendo-me como gatinhos e me fazendo cachinhos no cabelo. Eu era o pequeno Ganimedes de Zeus, um anjo caído dos quadros mais obscenos de Botticelli (muitos dos quais, aliás, estavam neste bordel, depois de resgatados da "Fogueira das Vaidades" erguida em Florença pelo rígido reformador Savonarola, que instara com o grande Botticelli para simplesmente... queimar seu belo trabalho!), um pequeno querubim caído do teto da catedral, um príncipe veneziano (figura que tecnicamente não havia na República) enviado às mãos delas pelos inimigos para que elas o deixassem inutilizado de tanto desejo.

Meu desejo ficou mais quente. Se a pessoa tivesse que ser humana para o resto da vida, isso era divertidíssimo, cair entre almofadas turcas com ninfas daquelas que a maioria dos homens apenas vislumbra em sonhos em florestas mágicas. Cada fenda macia era um invólucro novo e exótico para meu espírito brincalhão.

O vinho era delicioso, e a comida, uma maravilha, incluindo pratos doces e picantes dos árabes, e era bem mais extravagante e exótica que a servida na casa do Mestre. (Quando lhe contei, ele contratou quatro chefs novos.)

Aparentemente, eu não estava acordado quando o Mestre veio buscar-me, e levou-me não sei como para casa, daquele seu jeito misterioso e infalível, e encontrei-me de novo em minha cama.

Eu sabia que era só ele que eu queria quando abri os olhos. E parecia que os repastos sensuais dos últimos dias só me deixaram mais faminto, mais inflamado e mais ansioso para ver se seu corpo

branco e encantado reagiria aos truques mais ternos que eu aprendera. Atirei-me nele quando ele finalmente apareceu atrás das cortinas, e afrouxei-lhe a camisa e chupei-lhe os mamilos, descobrindo que, apesar de brancos e frios, eram macios e estavam intimamente ligados de uma forma aparentemente normal à raiz de seus desejos.

Ele ficou ali deitado, gracioso e calado, deixando-me brincar com ele como minhas professoras haviam brincado comigo. Quando finalmente me deu os beijos sanguinolentos, todas as lembranças de contato humano foram obliteradas, e fiquei deitado em seus braços, incapaz de qualquer outra coisa, como sempre. Parecia que nosso mundo então não era meramente um mundo da carne, mas de um encanto mútuo ao qual todas as leis naturais cediam.

Na segunda noite, antes do amanhecer, fui procurá-lo no estúdio onde ele pintava os aprendizes dormindo espalhados como os apóstolos infiéis no Getsêmani.

Ele não pararia por causa de minhas perguntas. Coloquei-me atrás dele, envolvi-o com os braços e, nas pontas dos pés, perguntei-lhe baixinho no ouvido.

— Diga, Mestre, precisa dizer-me, como ganhou esse sangue mágico? mordi-lhe as orelhas e afaguei-lhe os cabelos. Ele não parava de pintar. — Você nasceu assim, estarei errado ao supor que foi transformado...

— Pare com isso, Amadeo — murmurou ele, e continuou pintando. Trabalhava furiosamente no rosto de Aristóteles, o homem idoso barbado e de calva incipiente daquele enorme quadro, A academia.

— Mestre, existe em você uma solidão que o leve a mandar qualquer pessoa ter um amigo de seu próprio feitio, confiar seu coração a alguém capaz de compreender?

Ele se virou, espantado pela primeira vez com minhas perguntas. — E você, anjinho mimado — replicou, baixando a voz para mantê-la delicada-, acha que pode ser esse amigo? Você é inocente! Será inocente a vida inteira. Tem coração de inocente. Recusa-se a aceitar a verdade que não corresponda a uma fé arraigada que sempre faz de você o mongezinho, o acólito...

Recuei, mais irritado do que nunca com ele.

— Não, eu não serei uma coisa dessas! — declarei. — Já sou um homem na pele de um garoto, e você sabe disso. Quem mais sonha com o que você é, e com a alquimia de seus poderes? Quem me dera tirar uma taça de seu sangue e estudá-lo como os médicos estudariam e determinar a composição dele e como é diferente do fluido que corre em minhas veias! Sou seu pupilo, sim, seu aluno, sim, mas, para isso, preciso ser homem. Quando toleraria a inocência? Quando dormimos juntos, chama isso de inocência? Sou um homem.

Ele estourou numa gargalhada espantadíssima. Era uma delícia vê-lo tão surpreso.

— Conte-me seu segredo — pedi. Abracei seu pescoço e encostei a cabeça em seu ombro. — Existiu uma Mãe tão branca e forte como você que o tenha parido, a carregadora de Deus, de seu ventre celestial?

Ele pegou meus braços e afastou-me dele, para poder me beijar, e sua boca foi insistente e assustou-me por um momento. Depois, essa boca passeou por minha garganta, chupando minha carne e enfraquecendo-me, e deixando-me sinceramente disposto a ser qualquer coisa que ele quisesse.

— Da lua e das estrelas, sim, sou feito, dessa brancura soberana que é a substância das nuvens e da inocência — disse ele. — Mas mãe nenhuma me pariu, você sabe que é assim. Já fui homem, um homem envelhecendo. Olhe... — levantou meu rosto com as duas mãos e me fez estudar o seu. — Você está vendo aqui vestígios das rugas de velhice que já tive, aqui no canto dos olhos.

— Não é nada — murmurei, pensando em consolá-lo se essa imperfeição o perturbasse. Ele refulgia em seu esplendor, sua maciez lustrosa. As expressões mais simples faiscavam em seu rosto incandescente. Imagine uma figura de gelo, feita com tanta perfeição quanto a Galatéia de Pigmaleão, jogada no fogo, e chiando, e derretendo, e, no entanto, as feições maravilhosamente intactas ainda... bem, assim era meu Mestre quando emoções humanas o contaminavam, como agora. Ele amassou meus braços deliciosamente e tornou a beijar-me. — Homenzinho, boneco, elfo

— murmurou. — Você continuaria eternamente assim? Já não se deitou comigo o bastante para saber o que posso e o que não posso gozar?

Eu o conquistei, mantive-o cativo durante a hora que precedeu sua partida. Mas na noite seguinte ele me despachou para uma casa de prazer mais clandestina e ainda mais suntuosa, uma casa que mantinha apenas garotinhos para as paixões alheias.

Era organizada à moda oriental, e acho que misturava os luxos do Egito com os da Babilônia, suas pequenas celas de treliça dourada e colunetas de latão cravejado de lápis-lazúli prendendo os panos dos tetos sobre divãs de madeira dourada ornados com borlas e forrados de damasco por baixo. O ar era impregnado de incenso, e a iluminação era fraca e calma.

Os rapazes nus, bem alimentados, núbeis e de membros roliços eram ávidos, fortes, tenazes e colocavam nos jogos seus próprios desejos másculos e incontidos. Parecia que minha alma era um pêndulo oscilando entre o prazer sincero da conquista e o desfalecimento da entrega a membros e vontades mais fortes, e a mãos mais fortes que me jogavam ternamente de um lado para o outro. Cativo entre dois amantes hábeis e determinados, fui perfurado e amamentado, socado e esvaziado até dormir mais profundamente que nunca sem a magia do Mestre em casa. Isso era só o começo.

Em algum momento em meu sonho embriagado, acordei e me vi cercado de seres que não pareciam masculinos nem femininos. Só dois deles eram eunucos, operados com tanta habilidade que podiam erguer suas armas de confiança tão bem quanto qualquer rapaz. Os outros simplesmente partilhavam o gosto de seus companheiros por tinta. Todos tinham olhos delineados de preto e sombreados de púrpura, com cílios revirados e endurecidos para conferir à sua expressão um alheamento sinistro e insondável. Seus lábios pintados pareciam mais fortes que lábios de mulher e mais exigentes, empurrando-me em seus beijos como se o elemento masculino que lhes dera músculos e órgãos duros também lhes tivesse dado uma virilidade até na boca. Eles tinham sorriso de anjo. Anéis dourados enfeitavam seus mamilos. Seus pêlos de baixo

eram polvilhados de ouro. Não protestei quando me dominaram. Eu não temia extremos, e até os deixei amarrar meus pulsos e meus tornozelos à cama, para que pudessem melhor exercer seu ofício.

Era impossível temê-los. Fui crucificado com prazer. Seus dedos insistentes nem me deixavam fechar os olhos. Acariciavam-me as pálpebras, forçavam-me a olhar. Eles passavam pincéis grossos em meus membros. Esfregavam-me com óleos. Chupavam sem parar, como se fosse néctar, a seiva ardente que eu expelia, até eu gritar em vão que não conseguia expelir mais. Por diversão, contabilizaram minhas “pequenas mortes”, e fui virado e algemado e preso enquanto caía num sono extático.

Quando acordei, não sabia o que era hora nem preocupação. A densa fumaça de um cachimbo entrou-me pelas narinas. Aspirei-a, saboreando o cheiro forte e familiar do haxixe.

Passei quatro noites ali. De novo, fui despachado.

Dessa vez, acordei grogue, coberto apenas com uma camisa de seda creme fina e rasgada. Estava deitado num divã trazido do bordel mesmo, mas aqui era o estúdio do Mestre, e lá estava ele, sentado ali perto, pintando meu retrato, obviamente, num pequeno cavalete do qual só tirava os olhos para olhar rapidamente para mim.

Perguntei as horas e que noite era aquela. Ele não respondeu.

— Então você está zangado por eu ter gostado? — perguntei.

— Mandei-o ficar quieto — respondeu.

Recostei-me, cheio de frio, e subitamente magoado, sozinho, talvez, e querendo infantilmente esconder-me em seus braços.

Amanheceu e ele me deixou, sem dizer mais nada. O quadro era uma obra-prima de obscenidade. Eu estava em posição de dormir na margem de um rio, um fauno medíocre, que um pastor alto, o Mestre em pessoa, em vestes sacerdotais vigiava. O bosque à nossa volta era denso e ricamente executado com árvores de tronco descascado e folhagem empoeirada. A água do regato parecia molhada ao toque, tão inteligente era o realismo da pintura, e minha própria figura parecia ingênua e profundamente adormecida, minha boca semi-aberta numa expressão natural, meu cenho visivelmente perturbado por sonhos desagradáveis.

Atirei o quadro no chão, furioso, querendo borrá-lo.

Por que ele não havia dito nada? Por que me obrigava a ter essas aulas que nos afastavam? Por que ficava com raiva de mim só por eu ter feito o que ele mandara? Fiquei imaginando se os bordéis seriam um teste para minha inocência, e se suas admoestações para que eu gozasse tudo seriam mentiras.

Sentei-me em sua escrivaninha, peguei sua pena e escrevi uma mensagem para ele.

“Você é o Mestre. Deve saber de tudo. É insuportável ser governado por alguém que não sabe. Limpe o caminho, pastor, ou deponha seu bastão.” O fato era que eu havia sido arrancado do prazer, da bebida, da distorção de meus sentidos, e estava sozinho só para estar com ele e para sua orientação e bondade e para tranquilizá-lo de que eu lhe pertencia.

Mas ele se fora.

Saí para passear. Passei o dia inteiro nas tavernas, bebendo, jogando cartas, deliberadamente atraindo as moças bonitas que a isso se prestavam, para mantê-las a meu lado enquanto eu jogava os vários jogos de azar.

Então anoiteceu. Deixei-me seduzir, sem graça, por um inglês bêbado, um nobre claro e sardento com antiqüíssimos títulos franceses e ingleses, um dos quais era Marquês de Harlech, em viagem pela Itália para ver as grandes maravilhas, e absolutamente inebriado com suas muitas delícias, entre elas a prática da sodomia numa terra estranha. Naturalmente, ele me achou lindo. Todo mundo não achava? Ele mesmo não era nada feio. Até suas sardas tinham um certo encanto, especialmente dado seu escandaloso cabelo cor de cobre.

Ele me levou a seus aposentos num belo palácio supermobiliado e fez amor comigo. Não foi de todo ruim. Gostei de sua inocência e sua falta de jeito. Seus olhos azuis-claros e redondos eram uma maravilha; ele tinha uns braços incrivelmente grossos e musculosos e uma barba ruiva tratada mas deliciosamente áspera. Escreveu poemas para mim em latim e francês e declamou-os com um grande encanto. Após uma ou duas horas fazendo o papel do dominador selvagem, ele revelou que

desejava que eu o cobrisse. E disso, gostou muito. Assim brincamos depois, eu sendo o soldado conquistador, e ele, a vítima no campo de batalha, e às vezes eu o chicoteava de leve com um cinturão de couro antes de tomá-lo, o que nos deixava espumando bastante. De vez em quando ele implorava que eu confessasse quem eu realmente era e onde ele poderia encontrar-me depois, o que, evidentemente, eu não iria fazer. Fiquei lá três noites com ele, conversando sobre as ilhas misteriosas da Inglaterra e lendo em voz alta para ele poemas italianos, e até tocando de vez em quando bandolim para ele e cantando todas as meigas canções de amor que eu sabia.

Ele me ensinou bastante inglês de baixo calção e quis levar-me para casa. Precisava botar a cabeça no lugar, disse; precisava voltar às suas responsabilidades, suas propriedades, sua mulher escocesa odiosa, perversa e adúltera cujo pai era um assassino, e a seu filhinho inocente de cuja paternidade ele tinha certeza, por causa do cabelo ruivo encaracolado tão parecido com o dele.

Ele me sustentaria em Londres numa casa deslumbrante de sua propriedade, um presente de Sua Majestade o Rei Henrique VII. Agora não conseguiria viver sem mim, os Harlech tinham de ter o que precisavam ter, e só me restava ceder a ele. Se eu fosse filho de um nobre importantíssimo, eu deveria confessar, e alguém cuidaria desse empecilho. Por acaso eu odiava meu pai? O dele era um patife, todos os Harlech eram e tinham sido patifes desde a época de Eduardo, o Confessor. Deixaríamos Veneza naquela noite mesmo.

— Eu não conheço Veneza e você não conhece a nobreza veneziana — disse eu indulgente. — Pense nisso tudo. Você seria esquartejado por tentar fazer isso.

Agora eu estava vendo que ele era bastante jovem. Já que todos os homens mais velhos me pareciam velhos, eu não tinha pensado nisso antes. Ele não deveria ter mais de vinte e cinco anos. E também era louco. Deu um pulo na cama, aquele cabelo cor de cobre esvoaçando, e sacou um punhal, um formidável estilete italiano, e ficou me encarando de cima. — E então o que você vai querer? — perguntei.

Ouviu-se um estalo atrás dele. Tive certeza de que havia alguém do lado de fora daquelas janelas de madeira fechadas, embora estivéssemos três andares acima do Grande Canal. Eu lhe disse isso. Ele acreditou. — Sou de uma família de animais assassinos — menti. — Eles irão atrás de você até o fim do mundo se pensar em me levar daqui; não deixarão pedra sobre pedra em seus castelos, cortarão você ao meio e arrancarão sua língua e suas partes íntimas, que eles mandarão para seu rei num embrulho de veludo. Agora acalme-se.

— Ah, seu demoniozinho esperto e atrevido-disse ele-, você parece um anjo e discursa como um taverneiro com essa voz máscula doce e aveludada.

— Sou, assim mesmo — disse eu alegre.

Levantei-me, vesti-me às pressas, avisei-lhe que não me matasse já, pois eu voltaria tão logo pudesse, desejando estar só com ele, e, dando-lhe um beijo apressado, dirigi-me à porta.

Ele vacilava na cama, ainda com o punhal na mão. As plumas haviam pousado em sua cabeça cor de cenoura, seus ombros e sua barba. Ele parecia realmente perigoso.

Perdi a conta das noites em que estive ausente.

Eu não consegui encontrar igrejas abertas. Queria companhia.

Estava escuro e frio. Soara o toque de recolher. Obviamente o inverno veneziano me parecia ameno depois das terras nevadas do norte, onde nasci, mas assim mesmo era um inverno úmido e opressivo, e, embora purificada por brisas, a cidade era inóspita e de uma quietude que não era natural. O céu ilimitado desaparecia em densos nevoeiros. As próprias pedras exalavam a friagem, como se fossem blocos de gelo. Numa escada de água, sentei-me, sem me importar que a escada estivesse brutalmente molhada, e caí em prantos. O que eu aprendera com tudo isso? Senti-me sofisticadíssimo com essa educação. Mas isso não me alegrava, e parecia que minha solidão era pior que a culpa, pior que a sensação de estar condenado.

Na verdade, parece que a solidão substituía aquela velha sensação. Eu tinha medo de estar absolutamente só. Sentado ali, olhando para a nesga de Paraíso negro, para as poucas estrelas

vagando acima das casas, senti como seria terrível perder simultaneamente o Mestre e a culpa, ser expulso para um lugar onde nada se desse ao trabalho de me amar ou de me condenar, estar perdido e vagando pelo mundo só tendo como companheiros aqueles humanos, aqueles rapazes e aquelas moças, o lorde inglês com seu punhal, até minha amada Bianca. Foi à casa dela que fui. Meti-me embaixo de sua cama, como havia feito no passado, e dali não sairia. Ela estava cuidando de um bando de ingleses, mas felizmente não de meu amante ruivo, que sem dúvida continuava tropeçando nas plumas . Pensei: bem, se aparecer, meu simpático lorde Harlech não fará papel de idiota para se arriscar a passar vergonha diante de seus conterrâneos. Ela entrou, linda com aquele vestido de seda violeta com uma fortuna em pérolas radiosas no pescoço. Ajoelhou e aproximou a cabeça da minha.

— Amadeo, o que houve com você?

Eu nunca havia pedido seus favores. Que eu soubesse, ninguém fazia uma coisa dessas. Mas naquele meu frenesi adolescente, nada parecia mais adequado do que eu devastá-la.

Saí de baixo da cama e fui fechar as portas, para que o burburinho de seus convidados nos deixassem em paz.

Quando me virei, ela se ajoelhou, olhando para mim, o cenho franzido e os aveludados lábios entreabertos numa vaga expressão de espanto que me encantou. Eu queria estraçalhá-la com minha paixão, mas sem tanta força, obviamente, presumindo o tempo todo que ela se recomporia depois como se um belo vaso, todo quebrado, pudesse novamente se recompor juntando todos os mais ínfimos caquinhos e recuperando o esplendor até com um brilho mais fino.

Puxei-a pelos braços e joguei-a na cama. Era um caso à parte essa maravilha ; na qual ela dormia sozinha, até onde todos os homens sabiam. Tinha cisnes dourados na cabeceira e colunas sustentando um dossel emoldurado que exibia uma pintura de ninfas dançando. Suas cortinas eram douradas e transparentes. Essa cama não dava a impressão de inverno, como a de meu Mestre em veludo vermelho.

Ajoelhei-me e beijei a enlouquecido por seus olhos lindos e inteligentes, que me fitavam tranquilos enquanto isso. Segurei seus pulsos, juntei suas mãos e agarrei-as, ficando livre para rasgar-lhe o belo vestido. Rasguei-o com cuidado fazendo com que todos os botõezinhos de pérola caíssem para o lado, e seu cinto, foi aberto e por baixo havia seu corpete de barbatanas e renda. Este, abri como se fosse uma casca apertada.

Seus seios eram pequenos e doces, delicados e infantis demais para o bordel onde a volúpia era o principal. Assim mesmo, eu pretendia pilhá-los. Cantarolei um trecho de uma canção para ela, e então ouvi-a suspirar. Abaixei-me, ainda segurando firmemente seus pulsos, e chupei com força seus mamilos e depois larguei. Bati alegremente em seus peitos, da esquerda para a direita até eles ficarem cor-de-rosa. Ela estava corada e continuava com o cenho franzido, as rugas quase incongruentes em sua testa lisa. Seus olhos pareciam duas opalas, e, embora piscasse devagar, de uma forma quase sonolenta, ela não se esquivou.

Terminei meu serviço em suas roupas frágeis. Abri sua saia e abaixei-a, encontrando-a esplêndida e deliciosamente nua como imaginei. Eu realmente não tinha idéia do que havia embaixo das saias de uma mulher respeitável em termos de obstáculos. Ali não havia nada senão o ninhozinho dourado de seus pêlos púbicos, bem macio abaixo de sua barriguinha apenas levemente arredondada, e uma umidade a cintilar entre suas pernas.

Vi logo que gostava de mim. Dificilmente se poderia dizer que ela estivesse indefesa. E aquele brilho que eu via escorrer por entre as pernas enlouqueceu-me. Mergulhei nela, espantando-me ao constatar quão estreita ela era e como se, encolhia, pois não estava muito acostumada, e sentiu um pouquinho de dor. Fiz força nela, deleitando-me em vê-la corar. Eu me apoiava em cima dela no braço direito, porque não queria soltar seus pulsos. Ela se contorcia, e suas tranças louras se soltaram daquele seu toucado de pérolas e fitas, e ela ficou toda molhada e cor-de-rosa e lustrosa, como a curva interna de uma grande concha.

Por fim, eu já não estava conseguindo me conter, e quando ia desistindo da sincronicidade, ela sucumbiu ao suspiro final. Gozei ao

mesmo tempo, e nos movemos juntos, ela fechou os olhos, que se injetaram de sangue como se ela estivesse morrendo, e agitou a cabeça num derradeiro frenesi antes do relaxamento.

Rolei na cama e cobri o rosto com os braços, como se estivesse para ser esbofeteado.

Ela riu, e realmente me bateu de repente, com toda a força nos braços.

Não foi nada. Fingi que chorava de vergonha.

— Olhe o que você fez com meu lindo vestido, seu satirozinho horrroso, seu conquistador secreto! Seu menino vil e precoce! Senti seu peso sair da cama. Ouvi-a se vestindo. Ela cantava para si mesma. — O que seu Mestre vai pensar disso, Amadeo? — perguntou. Destapei o rosto e procurei localizar de onde vinha sua voz. Ela se vestia atrás de seu biombo pintado, um presente de Paris, se bem me lembrava, oferecido por um de seus poetas franceses preferidos. Apareceu rapidamente, vestida com o mesmo esplendor anterior com um vestido verde primavera claro, bordado com as flores do campo. Ela parecia um verdadeiro jardim de delícias com essas minúsculas florezinhas bordadas com fios caros em seu corpete novo e suas longas saias de tafetá.

— Bem, o que o grande Mestre vai dizer quando descobrir que seu amante é um verdadeiro deus dos bosques, — Amante? — eu estava pasmo.

Ela tinha modos muito delicados. Sentou-se e começou a pentear o cabelo emaranhado. Não usava pintura e seu rosto não ficara marcado por nossas brincadeiras, e seu cabelo solto era um esplendoroso capuz de ouro refulgente. A Sua testa era lisa e alta.

— Botticelli criou-a — murmurei.

Eu lhe dizia isso muitas vezes, porque ela era parecidíssima com as beldades do pintor. De fato, todo mundo achava isso e de vez em quando lhe levava miniaturas dos quadros desse famoso pintor florentino. Pensei nisso, pensei em Veneza e nesse mundo em que eu vivia, pensei nela, uma cortesã, recebendo aqueles quadros castos porém lascivos como se fosse uma santa.

Ecoaram em minha cabeça palavras antigas que me foram ditas há muito tempo, quando estava ajoelhado diante de uma

beleza antiga e polida, e achei-me no auge, que eu precisava pegar o pincel e pintar apenas “o que representava a palavra de Deus”.

Não havia tumulto em mim, só uma grande mistura de correntes, enquanto eu a observava refazer as tranças, entremeando as mechas com os fios de pérola e as fitas verde-água, fitas essas bordadas com as mesmas lindas florezinhas que lhe ornavam o vestido. Seus seios estavam corados, saltando-lhe do corpete justo. Eu queria rasgá-lo de novo.

— Minha linda Bianca, o que a faz dizer que sou amante dele?

— Todo mundo sabe-murmurou ela. — Você é o favorito dele. Acha que o enfureceu?

— Ah, se eu pudesse — disse eu. Sentei-me na cama. — Você não conhece o Mestre. Nada o faz levantar a mão para mim. Nada o faz sequer levantar a voz. Ele mandou que eu saísse para aprender todas as coisas, para aprender o que os homens podem saber.

Ela sorriu com um movimento de cabeça afirmativo.

— Então você veio se esconder embaixo da cama.

— Eu estava triste.

— Tenho certeza-respondeu.— Bem, agora durma, e se ainda estiver aqui quando eu voltar, aqueço-o. Mas preciso lhe dizer, meu bagunceiro, que você jamais deixará escapar uma palavra descuidada sobre o que se passou aqui? Você é tão criança para eu precisar lhe dizer isso? — Ela se abaixou para me beijar.

— Não, minha pérola, minha beleza, você não precisa me dizer. Eu jamais contarei a ele.

Ela levantou e recolheu as pérolas soltas e as fitas amassadas, os vestígios do estupro. Esticou a cama. Parecia encantadora como um cisne humano, páreo para os cisnes dourados de sua cama semelhante a um barco.

— Seu Mestre saberá — disse ela. — Ele é um grande mágico.

— Você tem medo dele? Medo em geral, Bianca, não por causa de mim? — Não — respondeu ela. — Ele passou a ser o mundo para você como só um ente dessa grandeza pode ser. E agora você está de fora, louco para voltar para lá. Um homem como aquele passa a ser tudo para você, e sua voz sábia torna-se o parâmetro de tudo. Nada do que está além tem valor, porque ele

não vê e não declara que seja valioso. Portanto você não tem outra escolha senão deixar os restos que estão fora da luz dele e voltar para ela. Você precisa ir para casa.

Ela saiu, fechando as portas. Dormi, recusando-me a ir para casa. Na manhã seguinte, tomei o desjejum com ela e passei o dia inteiro com ela. Nossa intimidade me dera uma idéia radiosa dela. Por mais que ela falasse do Mestre, agora eu só tinha olhos para ela, nesses seus aposentos que tinham seu perfume e todas suas coisas íntimas e especiais.

Eu nunca esquecerei Bianca. Nunca.

Contei-lhe, como se pode contar a uma cortesã, tudo sobre os bordéis que eu já freqüentara. Talvez eu me lembre deles com tantos detalhes pelo fato de ter contado a ela. Contei-lhe com palavras delicadas, claro. Mas contei-lhe. Contei-lhe como o Mestre queria que eu aprendesse tudo e me levava pessoalmente a essas academias esplêndidas. — Pois bem, está ótimo, mas você não pode ficar aqui, Amadeo. Ele o levou a lugares onde você tem o prazer de muita companhia. Talvez não o queira permanentemente na companhia de uma pessoa só.

Eu não queria ir. Mas anoiteceu, e a casa se encheu daqueles seus poetas ingleses e franceses, e a música e as danças começaram, eu não queria compartilhá-la com o mundo de admiradores.

Observei-a durante algum tempo, confusamente consciente de que eu a tivera em seu quarto secreto como nenhum daqueles seus admiradores já a havia tido ou poderia vir a tê-la, mas isso não me aliviou. Eu queria algo do Mestre, alguma coisa final e conclusiva e obliterante, e enlouquecido por este desejo, de súbito plenamente consciente dele, embriaguei-me numa taberna, embebedando-me o suficiente para ficar desagradável, e fui às cegas para casa. Sentia-me corajoso e desafiador e muito independente por ter ficado tanto tempo longe do Mestre e de todos seus mistérios.

Ele pintava furiosamente quando voltei. Estava no alto do andaime, e imaginei que estivesse pintando os rostos dos filósofos gregos, trabalhando a alquimia graças à qual expressões vivas saíam de seu pincel, como se antes reveladas do que aplicadas.

Ele estava com uma túnica manchada, comprida até os pés. Não se voltou quando entrei. Cada braseiro da casa parecia ter sido levado para a sala a fim de lhe dar a claridade que ele desejava.

Os rapazes estavam assustados com a velocidade com que ele cobria a tela. Logo vi, ao entrar no estúdio, que ele não estava trabalhando no quadro da Academia grega. Estava fazendo um retrato meu. No quadro, eu estava de joelhos, um rapaz de nosso tempo, com meus cabelos compridos e umas roupas discretas,

como se eu tivesse deixado o mundo de cores fortes, e, numa atitude aparentemente inocente, tinha as mãos postas, em posição de oração. Estava cercado de anjos de fisionomia meiga e esplendorosos como sempre pareciam, só que agraciados com asas negras. Asas negras. Grandes asas emplumadas. Quanto mais eu olhava para a tela, mais hediondas pareciam. O rapaz de cabelos fulvos parecia real olhando mansamente para o céu, e os anjos pareciam ávidos embora tristes.

Mas nada no quadro era tão monstruoso quanto o espetáculo do Mestre pintando isso, de sua mão e seu pincel açoitando a tela, fazendo céus, nuvens, frontões quebrados, asas de anjo, claridade.

Os rapazes agarravam-se uns aos outros, convencidos da loucura ou da feitiçaria dele. O que seria? Por que ele se revelava com tanta displicência para aqueles cujas mentes estavam em paz antes? Por que traía nosso segredo, mostrando não ser mais homem do que aquelas criaturas aladas que pintava! Por que o Senhor havia perdido a paciência daquele jeito?

De repente, enfurecido, ele atirou um pote de tinta no canto do aposento. Uma mancha verde-escura desfigurou a parede. Ele praguejou e gritou numa língua que nenhum de nós conhecia.

Atirou os potes no chão, e a tinta derramou toda do andaime de madeira formando grandes borrões lustrosos. Arremessou os pincéis como se fossem flechas.

— Saíam daí, vão para suas camas. Não quero vê-los, inocentes. Vão embora.

Os aprendizes fugiram dele. Riccardo foi reunir os meninos menores.

Todos saíram correndo porta fora.

Ele sentou-se no andaime, as pernas balançando, e simplesmente ficou olhando para mim lá embaixo, como se não soubesse quem eu era. — Desça, Mestre — falei.

Seu cabelo estava desgrenhado e salpicado de tinta. Ele não demonstrou estar surpreso com minha presença, não se sobressaltou ao ouvir a minha voz. Sabia que eu estava lá. Sabia de tudo. Ouvia o que se falava em outras salas. Conhecia os

pensamentos das pessoas que o cercavam. Ele estava impregnado de magia, e, quando eu bebia dessa magia, ficava tonto.

— Deixe-me penteá-lo — disse eu.

Fui insolente, eu sabia.

Sua túnica estava manchada e suja. Ele limpou o pincel nela várias vezes. Uma de suas sandálias caiu ruidosamente no chão de mármore. Peguei-a.

— Mestre, desça. Se eu disse alguma coisa para preocupá-lo, não vou tornar a dizer.

Ele não me respondia.

De repente minha raiva toda veio à tona, minha solidão por ter sido separado dele durante dias a fio, obedecendo às suas ordens, e agora voltar para casa e encontrá-lo com aquele olhar selvagem e desconfiado para mim. Eu não toleraria aquele olhar perdido, ignorando-me como se eu não estivesse ali. Ele precisava admitir que eu era a causa de sua raiva. Precisava falar.

Senti vontade de chorar.

Seu rosto ficou angustiado. Eu não conseguia olhar para isso; não conseguia pensar que ele sentia dor como eu, como os outros rapazes. Eu estava revoltadíssimo. — Você assusta todo mundo egoistamente, Senhor e Mestre! — declarei.

Sem olhar para mim, ele desapareceu ventando, e ouvi seus passos correndo pelas salas vazias.

Eu sabia que ele andava numa velocidade que os homens não conseguiam dominar. Corri atrás dele, só para ouvir as portas do quarto serem fechadas na minha cara, para ouvir a tranca se fechar antes que eu conseguisse alcançar o ferrolho.

— Mestre, deixe-me entrar-gritei. — Só fui porque você mandou.— Dei voltas e voltas. Era quase impossível arrombar essas portas.

Esmurrei-as e chutei-as. — Mestre, você me mandou para os bordéis.

Mandou-me fazer coisas execráveis.

Depois de muito tempo, sentei-me no chão, encostado na porta, e fiquei chorando e gemendo. Fiz um grande escarcéu. Ele

esperou até eu parar. — Vá dormir, Amadeo — disse. — Minhas fúrias não têm nada a ver com você.

Impossível. Mentira! Eu estava furioso e insultado, e magoado e com frio! Essa casa toda estava fria que era uma desgraça.

— Então deixe que sua paz e tranqüilidade tenham a ver comigo, Mestre! disse eu. — Abra essa porta desgraçada.

— Vá para a cama com os outros — disse ele com calma. — O seu lugar é com os outros, Amadeo. Eles são os seus queridos. São de sua espécie. Não procure a companhia de monstros.

— Ah, é isso o que você é? — perguntei com desprezo e irritação. — Você que pode pintar como Bellini ou Mantegna, que sabe ler todas as palavras e falar todas as línguas, que tem um amor infinito e uma paciência na mesma medida, um monstro? É isso? Um monstro nos abriga embaixo de um teto e nos dá de comer todos os dias com alimentos da cozinha dos deuses! Ah, é mesmo, um monstro.

Ele não respondeu.

Fiquei com mais raiva. Desci para o térreo. Peguei um grande machado de batalha da parede. Era uma de muitas armas em exibição naquela casa, e até então eu mal a notara. Bem, já estava na hora de notar, pensei. Estou farto desse frio. Não agüento. Não agüento.

Subi e ergui o machado diante da porta. Naturalmente ele rompeu a madeira frágil, estraçalhando o painel pintado, quebrando toda aquela laca antiga e as lindas rosas amarelas e vermelhas. Puxei-o e tornei a golpear a porta. Desta vez a fechadura foi arrombada. Dei um pontapé na estrutura avariada e ela caiu.

Espantadíssimo, ele estava sentado em sua enorme cadeira de carvalho olhando para mim, segurando os dois braços de cabeça de leão. Atrás dele, assomava a imensa cama com seu rico baldaquim vermelho debruado de ouro.

— Que ousadia! — ele exclamou.

Num instante, ele estava diante de mim. Pegou o machado e arremessou-o com facilidade contra a parede de pedra em frente. Então pegou-me e atirou-me na cama. A cama toda estremeceu, o baldaquim e os cortinados. Nenhum homem poderia ter-me feito

voar tão longe. Mas ele conseguira. Batendo os braços e as pernas, aterrissei nos travesseiros. — Monstro desprezível! — gritei.

Virei-me, equilibrei-me e ergui-me apoiado no lado esquerdo, fuzilando-o com o olhar, um joelho torcido. Ele estava de costas para mim. Ia fechar as portas internas do apartamento, que estavam abertas e por isso não foram quebradas. Mas parou. Virou-se. Seu rosto assumiu uma expressão brincalhona.

— Ah, que temperamento horrível nós temos com essa cara de anjo comentou, suave.

— Se sou anjo — repliquei, recuando da beira da cama —, pinte-me com asas pretas.

— Você ousa derrubar minha porta — cruzou os braços. — Precisaréi lhe dizer por que não tolerarei uma coisa dessas de você, nem de ninguém? Ficou me olhando com as sobrancelhas erguidas.

— Você me tortura — respondi.

— Ah, de fato, como e desde quando?

Eu queria gritar. Queria dizer “só amo você”. Em vez disso, falei:

— Detesto você.

Ele não conseguiu fazer outra coisa senão rir. Abaixou a cabeça, a mão fechada sob o pescoço, enquanto olhava para mim.

Então estendeu a mão e estalou os dedos.

Ouvi um farfalhar nas salas lá fora. Sentei-me na cama, petrificado de espanto. Vi a longa vara do professor deslizando pelo chão como se empurrada para cá por um pé-de-vento, então ela se torceu, envervou e ficou em pé e caiu na mão dele que aguardava. Atrás dele, as portas internas se fecharam e o ferrolho deslizou para a tranca com um barulho metálico.

Recuei na cama.

— Será um prazer lhe dar uma surra — disse ele, sorrindo com doçura, o olhar quase inocente. — Você pode registrar isso como outra experiência humana, mais ou menos como brincar com seu lorde inglês.

— Dê logo. Odeio você — retruquei. — Eu sou homem e você nega isso.

Ele tinha um ar superior e gentil, mas não divertido.

Veio em minha direção e agarrou minha cabeça, e atirou-me de cara na cama.

— Demônio! — exclamei.

— Mestre — retrucou ele calmamente.

Senti seu joelho encostar na base de minhas costas, e a vara desceu-me nas coxas. Naturalmente eu não estava usando nada além das meias finas que a moda ditava, logo era o mesmo que estar nu.

Gritei de dor e então fechei a boca. Quando senti as próximas vergastadas nas pernas, engoli o som, furioso de me ouvir deixar escapar por descuido um gemido impossível. Ele descia o pau sem parar em minhas coxas e em minhas panturrilhas também. Furioso, esforcei-me para ficar em pé, apoiando-me em vão nas cobertas com o dorso da mão. Eu não conseguia me mexer. Estava imobilizado pelo joelho dele, e ele me batia sem que nada o detivesse.

De repente, mais rebelde do que nunca, resolvi brincar com isso. Que eu me danasse se fosse ficar ali chorando, e as lágrimas começavam a aflorar em meus olhos.

Fechei-os, cerrei os dentes e decidi que cada golpe era a divina cor vermelha que eu adorava, e que a dor lancinante que eu sentia era vermelha, e que o ardor que se avolumava em minha perna depois era dourado e doce.

— Ah, que gostoso! — provoquei.

— Você faz um trato de idiota, menino! — disse ele.

Bateu-me mais rápido e com mais força. Eu não conseguia conservar minhas belas visões. Doía, doía como a peste.

— Não sou um menino! — gritei. Senti uma sensação de molhado na perna.

Sabia que estava sangrando. — Mestre, está pretendendo me desfigurar?

— Não há nada pior para um santo decaído do que ser um diabo horrendo! Mais golpes. Eu sabia que estava sangrando em mais de um ponto. Eu ficaria todo machucado. Não conseguiria andar.

— Não sei do que está falando! Pare!

Para meu espanto, ele parou. Cobri o rosto com o braço e soluzei. Fiquei soluçando um bom tempo, e minhas pernas ardiavam como se a vara ainda estivesse batendo nelas. Parecia que eu continuava recebendo vergastadas, mas não estava. Fiquei torcendo, tomara que essa dor se transforme de novo em algo quente, algo gostoso, que fique formigando como nas primeiras vezes. Assim estaria bem, mas essa dor está terrível. Odeio-a!

De repente, senti-o cobrir-me. Senti seu cabelo fazendo cócegas em minhas pernas. Senti seus dedos quando ele pegou aquelas meias esfarrapadas e rasgou-as, arrancando-as muito rápido de minhas duas pernas, que ficaram nuas. Ele pôs a mão embaixo de minha túnica e soltou o resquício do calção. A dor latejava. Piorou, depois melhorou um pouco. O ar estava frio em minhas equimoses. Quando ele tocou nelas, senti um prazer tão terrível que só consegui gemer.

— Vai tornar a derrubar minha porta?

— Nunca — murmurei.

— Vai me desafiar de alguma forma específica?

— Nunca de forma nenhuma.

— O que tem a dizer?

— Eu o amo.

— Tenho certeza.

— Mas eu amo — disse eu choroso.

Suas carícias em minha carne magoada eram insuportavelmente deliciosas. Eu não ousava levantar a cabeça. Apertei o rosto contra a colcha bordada e áspera, contra a figura do grande leão ali bordado, e engoli em seco e deixei as lágrimas rolarem. Senti uma calma total; esse prazer me tirava todo o controle das pernas. Fechei os olhos, e seus lábios chegaram em minhas pernas. Ele beijou um dos ferimentos. Achei que eu fosse morrer. Eu iria para o céu, isso sim, algum outro céu mais alto e mais delicioso até do que esse céu veneziano. Embaixo de mim, minha virilha estava viva com uma força grata, desesperada e isolada. O sangue ardente escorreu pela equimose. Sua língua ligeiramente áspera tocou-a, lambeu-a, comprimiu-a, e o inevitável formigamento provocou um incêndio dentro de meus olhos

fechados, um incêndio violento do outro lado de um horizonte mítico na escuridão de minha mente cega. Lá foi ele para a próxima equimose, e vieram os fios de sangue e a lambida de sua língua, e a dor terrível se foi e nada mais havia senão um doce latejar. E quando ele passou à próxima, pensei: não consigo suportar isso, simplesmente vou morrer.

Ele andava rápido, de equimose em equimose, depositando seu beijo mágico e sua lambidela, e eu estremecia todo e gemia.

— Um castigo e tanto! — disse eu de repente, arquejando.

Foi uma coisa terrível de se dizer! Na mesma hora, arrependi-me daquele atrevimento.

Mas a mão dele já vinha descendo violenta nas minhas nádegas. — Eu não quis dizer isso — falei. — Quer dizer, eu não quis parecer tão ingrato. Quer dizer, sinto muito ter dito isso! — Mas veio outra palmada tão forte quanto a primeira. — Mestre, tenha pena de mim. Estou confuso! — gritei.

Suas mãos pousaram em mim, na superfície quente que ele golpeará, e pensei: ah, agora ele vai me bater até eu ficar inconsciente. Mas seus dedos só apertaram a pele, que não estava rompida, só quente como os primeiros vergões da vara ficaram. Senti de novo seus lábios na panturrilha da perna esquerda, e o sangue e sua língua. O prazer me percorreu todo, e, inerte, deixei o ar escapar de meus lábios num rosário de suspiros.

— Mestre, Mestre, Mestre, eu o amo.

— Sim, bem, isso não é incomum — murmurou ele.

Não parava de beijar. Lambia o sangue, eu me contorcía sob o peso de sua mão em minhas nádegas.

— Mas a questão, Amadeo, é por que eu o amo? Por quê? Por que precisei entrar naquele bordel fétido e ver você? Sou forte por natureza... seja ela qual for...

Ele beijou gulosamente uma grande equimose em minha coxa. Eu o sentia chupá-la, e depois sua língua lambê-la, comendo o sangue, e depois seu sangue escorrendo nela. O prazer fazia sucessivos choques me percorrerem. Eu não via nada, embora achasse que agora eu estava de olhos abertos. Esforcei-me para

certificar-me de que estava, mas não via nada, só uma névoa dourada.

— Eu o amo, eu o amo mesmo — disse ele. — E por quê? Inteligente, sim, bonito, sim, e dentro de você, as relíquias queimadas de um santo! — Mestre, não sei o que está me dizendo. Nunca fui santo, nunca, não afirmo ser santo, sou um ser miserável, desrespeitoso e ingrato. Ah, eu o adoro. É tão bom ser indefeso e estar à sua mercê.

— Pare de zombar de mim.

— Mas não estou zombando — respondi. — Quero falar a verdade, quero ser um idiota para a verdade, um idiota para... Quero ser um idiota para você.

— Não, não acho que você queira zombar de mim. Você é sincero. Não percebe o absurdo disso.

Ele havia terminado seu avanço. Minhas pernas haviam perdido qualquer forma que possuíssem em minha mente enevoada. Eu só conseguia ficar ali deitado, vibrando dos pés à cabeça com seus beijos. Ele deitou a cabeça em meus quadris, no local quente onde ele havia dado palmadas, e senti seus dedos subirem embaixo de mim e me tocarem nas partes mais íntimas. Meu órgão endureceu em sua mão, endureceu com a infusão de seu sangue cauterizante, porém mais ainda com o jovem varão em mim que tantas vezes havia misturado o prazer com a dor quando ele queria. Cada vez mais duro eu ficava, e mexia os quadris embaixo da cabeça e dos ombros dele que estava deitado em minhas nádegas e segurava o órgão com firmeza, e então, em espasmos violentos e incomparáveis, expeli um jato forte em seus dedos escorregadios. Ergui-me no cotovelo e olhei para ele. Ele estava sentado na cama, contemplando o sêmen pérola grudado em seus dedos.

— Santo Deus, é isso o que você quer? — perguntei. — Ver a brancura viscosa em sua mão?

Ele me olhou angustiada. Ah, e que angústia.

— Isso não quer dizer — perguntei — que chegou a hora?

O sofrimento em seus olhos era demasiado grande para eu interrogá-lo mais.

Atordado e cego, deixei-o virar-me de costas e rasgar minha túnica e meu paletó. Senti-o erguer-me e então senti a ferroada de seu ataque a meu pescoço. Uma dor violenta concentrou-se em volta do meu coração, diminuindo bem na hora em que fiquei com medo, e depois afundei na cama perfumada ao lado dele; e junto a seu peito, agasalhado embaixo das cobertas que ele puxou sobre nós, dormi.

Ainda era noite fechada quando abri os olhos. Eu aprendera com ele a sentir quando ia amanhecer. E o amanhecer ainda estava longe. Olhei em volta procurando por ele. Vi-o no pé da cama. Ele estava vestido com seu veludo vermelho mais fino. Usava uma jaqueta de mangas cortadas e uma túnica pesada de colarinho alto. Seu manto era de veludo vermelho debruado de arminho. Seu cabelo estava bem escovado e ligeiramente untado de óleo, o que lhe dava um brilho civilizadíssimo e artificial, todo penteado para trás e caindo-lhe nos ombros em cachos afetados. Ele parecia triste.

— Mestre, o que é isso?

— Tenho que me ausentar por algumas noites. Não, não é por raiva de você, Amadeo. É só uma dessas viagens que preciso fazer. Há muito já deveria ter viajado.

— Não Mestre, agora não, por favor. Sinto muito, eu lhe imploro! O que eu...

— Filho. Vou ver Aqueles Que Precisam Ser Guardados. Não tenho escolha quanto a isso.

Por um momento, fiquei calado. Tentei entender o que suas palavras denotavam. Sua voz estava mais baixa, ele falara sem convicção. — O que é isso, Mestre? — perguntei.

— Uma noite dessas, talvez eu o leve comigo. Pedirei autorização... A voz dele ficou ecoando.

— Para que, Mestre? Quando precisou da autorização de alguém para alguma coisa?

Minha intenção era que a pergunta soasse simples e sincera, mas eu via agora que tinha algo de impertinência.

— Tudo bem, Amadeo — disse ele. — Peço autorização de vez em quando aos Anciãos. Só isso. A quem mais? — Ele parecia

cansado. Sentou-se ao meu lado, encostou em mim e beijou minha boca.

— Anciãos, Mestre? Refere-se Àqueles Que Precisam Ser Guardados essas criaturas como você?

— Seja gentil com Riccardo e os outros. Eles o adoram — disse ele. Choraram por você o tempo todo em que esteve fora. Não acreditaram muito quando eu lhes disse que você estava voltando para casa. Então Riccardo foi espioná-lo com o lorde inglês e ficou apavorado que eu acabasse com você e com medo de que o inglês o matasse. Esse seu lorde inglês tem uma fama e tanto, atirando o punhal no quadro de qualquer taberna. Você precisa se dar com assassinos comuns? Aqui, em se tratando daqueles que tiram a vida, você tem um incomparável. Quando foi à casa de Bianca, eles não tiveram coragem de me contar, mas ficaram imaginando cenas fantásticas para que eu não pudesse ler seus pensamentos. Como são dóceis aos meus poderes.

— Eles o amam, meu Senhor-disse eu.— Graças a Deus você me perdoa por ter ido àqueles lugares. Farei tudo o que desejar.

— Então boa-noite. — Ele se levantou para partir.

— Mestre, quantas noites?

— No máximo três — disse ele por cima do ombro.

Dirigiu-se à porta, uma figura alta e galante coberta com um manto.

— Mestre.

— Sim.

— Serei muito bom, um santo — eu disse. — Mas se eu não for, o Mestre me bate de novo, por favor?

Na hora em que vi sua expressão de raiva, arrependi-me do que disse. O que me fazia dizer essas coisas!

— Não diga que não queria dizer isso! — disse ele lendo meus pensamentos e ouvindo as palavras antes que eu pudesse proferi-las.

— Não. E só que odeio quando você vai embora. Pensei que talvez se eu implicasse com você, você não iria.

— Pois eu vou. E não implique comigo. Como política, não implique comigo.

Ele já havia saído, mas mudou de idéia e voltou. Encaminhou-se para a cama. Esperei pelo pior. Ele iria me bater e depois não estaria por perto para beijar a equimose.

Mas ele não fez isso.

— Amadeo, quando eu não estiver aqui, pense naquilo — disse ele. Eu estava sóbrio, olhando para ele. Sua própria atitude me fez refletir antes de dizer uma palavra.

— Em tudo, Mestre? — perguntei.

— Sim — disse ele. Depois voltou e me beijou. — Você será eternamente assim? — perguntou. — Esse homem, esse jovem que você é agora? — Serei, Mestre! Eternamente, e com você! — Queria lhe dizer que eu podia fazer tudo que um homem faria, mas isso parecia absolutamente insensato, e também não soaria verdadeiro para ele.

Ele pousou a mão afetuosamente em minha cabeça, alisando meu cabelo para trás.

— Há dois anos, venho observando você — disse ele. — Você cresceu tudo o que podia crescer, mas é pequeno, e tem cara de bebê, e, apesar de toda a sua saúde, você é frágil e ainda não é o homem forte que certamente deverá ser.

Eu estava fascinado demais para interrompê-lo. Quando ele fez uma pausa, esperei. Ele suspirou. Fitou o vazio como se não conseguisse encontrar palavras.

— Quando você não estava aqui, seu lorde inglês puxou um punhal para você, mas você não teve medo. Lembra-se? Isso aconteceu há menos de dois dias.

— Sim, Mestre, foi uma estupidez.

— Você poderia facilmente ter morrido então — disse ele erguendo as sobrancelhas. — Facilmente.

— Mestre, por favor, revele esses mistérios para mim — disse eu. — Conte-me como conseguiu seus poderes. Confie-me esses segredos. Faça com que eu possa estar com você para sempre. Não dou a mínima importância ao meu julgamento dessas coisas. Rendo-me ao seu.

— Ah, sim, você se rende se eu satisfizer o seu pedido.

— Bem, Mestre, isso é uma forma de rendição, de me submeter a você, à sua vontade e ao seu poder, e, sim, eu aceitaria isso e seria como você. É isso o que você promete, Mestre, é isso o que sugere, que pode me tornar igual a você? Pode me encher com esse seu sangue que me escraviza, e isso será realizado? Às vezes parece que sei disso, Mestre, que você pode fazer isso, e no entanto fico pensando se sei só porque você sabe, e você está sozinho para me fazer isso.

— Ah! — Ele pôs as mãos no rosto, como se eu o tivesse desagradado completamente.

Eu não sabia o que fazer.

— Mestre, se o ofendi, me bata, faça qualquer coisa comigo mas não me vire as costas. Não tape os olhos para não olhar para mim, Mestre, porque não posso viver sem esse seu olhar. Explique isso para mim, Mestre, elimine o que nos separa; se for só ignorância, então elimine isso.

— Ah, vou eliminar-disse ele. — Você é tão inteligente e decepcionante, Amadeo. Você seria mesmo o bobo de Deus, como há muito tempo lhe disseram que um santo deveria ser.

— Você me confunde, Mestre. Não sou santo, mas bobo, sim, porque imagino que isso seja uma forma de sabedoria e quero isso porque você preza a sabedoria.

— Digo que você parece simples, e de sua simplicidade vem um entendimento esperto. Sou sozinho. Ah, sim, sou sozinho e sozinho para contar minhas tristezas, pelo menos. Mas quem sobrecarregaria uma pessoa tão jovem como você com minhas tristezas? Amadeo, que idade acha que tenho? Avalie minha idade com a sua simplicidade.

— Você não tem idade, Mestre. Não come nem bebe, nem muda com o tempo. Não precisa de água para se limpar. Tem a pele lisa e resistente a todas as coisas da natureza. Mestre, todos sabemos disso. Você é uma coisa limpa e perfeita.

Ele sacudiu a cabeça. Eu o estava agonizando quando queria exatamente o oposto.

— Eu já fiz isso — murmurou ele.

— O que o meu Mestre fez?

— Ah, trouxe-o para mim, Amadeo, por ora... — Ele se deteve. Franziu o cenho, e seu rosto estava tão macio e pensativo que me doeu. — Ah, mas essas são apenas ilusões egoístas. Eu poderia levá-lo com um monte de ouro e plantá-lo numa cidade distante onde...

— Mestre, me mate. Me mate antes de fazer isso, ou certifique-se de que a sua cidade esteja fora do mundo conhecido, porque eu voltarei! Gastarei o último ducado de seu monte de ouro para vir para cá e bater à sua porta.

Ele parecia desgraçado, mais humano do que eu jamais havia visto, sofrendo e trêmulo com o olhar perdido, mergulhado na interminável linha escura que nos separava. Agarrei-me a seu ombro e beijei-o. Havia uma intimidade mais viril devido a meu ato rude de algumas horas atrás. — Não, não há tempo para esses consolos-disse ele. — Preciso ir. O dever me chama. Coisas antigas também me chamam, coisas que há muito tempo eu tenho de carregar. Estou exausto!

— Não vá agora à noite. Quando amanhecer, leve-me com você, Mestre, leve-me aonde você se esconde do sol. É do sol que você precisa se esconder, não é, Mestre, você que pinta céus azuis e a luz de Febo com mais brilho do que aqueles que vêem essas coisas, você nunca as vê... — Pare — implorou ele, pressionando os dedos em minha cabeça. — Pare com seus beijos e seu raciocínio e me obedeça.

Ele respirou fundo, e pela primeira vez em toda a minha vida com ele vi-o pegar um lenço do bolso e enxugar a testa e os lábios. O pano era de um vermelho desmaiado.

Ele olhou para o lenço.

— Quero lhe mostrar uma coisa antes de ir — disse ele. — Vista-se, rápido. Vamos, eu lhe ajudo.

Em poucos minutos, eu estava completamente vestido para a noite fria de inverno. Ele me pôs uma capa preta nos ombros e me deu luvas forradas de pele e me pôs um gorro de veludo preto na cabeça. Os sapatos que ele escolheu eram botas de couro preto, que antes ele não queria que eu usasse. Ele acha lindo os tornozelos dos rapazes, e não gostava de botas, embora nos

deixasse usá-las de dia quando ele não podia ver. Ele estava tão perturbado, tão infeliz, e seu rosto, apesar da limpeza descorada estava tão impregnado desses sentimentos que não consegui deixar de abraçá-lo e beijá-lo, só para fazer seus lábios se entreabrirem, só para sentir sua boca se fechando na minha. Fechei os olhos. Senti sua mão cobrir meu rosto e minhas pálpebras. Ouvi uma barulheira em volta, como se as portas de madeira estivessem batendo e os estilhaços daquela porta que quebrei estivessem voando, e as cortinas estivessem se enfunando e se rompendo. O ar frio da noite me envolveu. Ele me pôs no chão, cego, e percebi que eu estava pisando no cais. Eu ouvia o ruído da água do canal perto de mim, lambendo, lambendo, sendo agitada pelo vento que fazia o mar correr para a cidade, e ouvi um barco de madeira batendo insistentemente numa doca. Ele deixou os dedos escorregarem, e abri os olhos.

Estávamos longe do palazzo. Desconcertei-me ao ver que estávamos tão longe mas não me surpreendi muito. Ele podia fazer milagres, e assim me contar isso agora. Estávamos em becos afastados, num pequeno desembarcadouro, num canal estreito. Eu nunca me aventurara neste bairro pobre de trabalhadores.

Vi as varandas traseiras das casas, com suas janelas de ferro, e senti o mau cheiro dos dejetos que boiavam nas águas agitadas pelo vento invernal. Ele se virou e me levou para longe da beira do canal, e, por um momento, não consegui enxergar. Sua mão branca cintilava. Vi um dedo que apontava e, em seguida, um homem dormindo numa gôndola apodrecida que havia sido posta no seco em cima de toras. O homem se mexeu e se descobriu. Vi seu vulto volumoso e nervoso resmungando e nos xingando por termos ousado perturbar seu sono. Procurei meu punhal. Vi a lâmina do homem faiscar. A mão branca do Mestre, brilhando como quartzo, pareceu apenas encostar no punho do infeliz e fazer a arma voar e cair rolando nas pedras. Atordoado e furioso, o homem atacou o Mestre numa tentativa desastrada de derrubá-lo. O Mestre pegou-o facilmente, como se ele não passasse de uma faixa de lã malcheirosa. Vi o rosto do Mestre. Ele abriu a boca. Apareceram dois dentinhos afiados como punhais quando mordeu a garganta do

homem. Ouvi o homem gritar, mas só por um instante, então seu corpo fétido se aquietou.

Espantado e fascinado, observei quando o Mestre fechou os olhos macios, os cílios dourados parecendo prateados no escuro, e ouvi um ruído baixo e molhado, quase inaudível mas sugerindo horrivelmente algo fluindo, e esse algo tinha a ver com o sangue do homem. O Mestre estreitou-se mais ainda contra a vítima, os dedos brancos bem visíveis persuadindo o fluido vital a sair do corpo moribundo, enquanto dava um longo suspiro doce de quem saboreava. Bebeu. Bebeu, e não havia dúvida. Até torceu um pouco a cabeça como se para sugar mais rápido o último gole, e aí o vulto do homem, agora aparentemente frágil e maleável, estremeceu-se todo, como se estivesse tendo uma última convulsão e depois aquietou-se.

O Mestre levantou-se e passou a língua nos lábios. Não aparecia nenhuma gota de sangue. Mas o sangue era visível. Era visível dentro do Mestre. Seu rosto adquiriu um brilho corado. Ele se virou e olhou para mim, e pude distinguir o rubor vivo de suas faces, o vermelho reluzente de seus lábios.

— É daí que vem isso, Amadeo — disse ele.

Empurrou o cadáver para mim, aquelas roupas imundas roçaram em mim, e quando a cabeça morta caiu para trás pesadamente, ele a empurrou mais para perto, obrigando-me a ver o rosto grosseiro e sem vida do homem condenado. Ele era jovem, tinha barba, não era bonito, estava exangue e morto. Uma nesga branca aparecia embaixo de cada pálpebra mole e inexpressiva. Uma baba gordurosa pendia de seus dentes amarelados e podres, de sua boca sem alento e sem cor.

Eu estava sem fala. Medo, asco, não havia nada disso. Simplesmente pasmo. Se pensasse, acharia que foi maravilhoso.

Num repentino acesso do que parecia raiva, o Mestre atirou o corpo do homem no canal. Ouviu-se o barulho que fez ao cair na água. O Mestre me agarrou, e vi as janelas passando por mim. Quase gritei quando subimos mais alto que os telhados. Tapou minha boca com as duas mãos. Movia-se muito depressa, como se algo o impulsionasse ou o empurrasse para cima. Rodopiamos ou

assim pareceu, e quando abri os olhos estávamos num quarto familiar. Havia longas cortinas douradas à nossa volta. Estava quente ali. No escuro, vi a silhueta cintilante de um cisne dourado. Era o quarto de Bianca, seu santuário particular, o quarto dela mesmo. — Mestre! — exclamei, com medo e repulsa por termos entrado no quarto dela daquela maneira, sem dizer uma palavra sequer.

Das portas fechadas, uma nesga de luz estendia-se pelo assoalho de madeira e pelo grosso tapete persa. Estendia-se sobre as plumas entalhadas de sua cama de cisne.

Então, ouviram-se os passos apressados de Bianca, em meio a uma nuvem de vozes alegres, para que ela pudesse investigar sozinha o barulho que ouviu. Um vento frio entrou no quarto pela janela aberta quando ela abriu a porta. Para evitar a correnteza, ela as fechou, destemida, e esticou o braço com uma precisão infalível e levantou o pavio de sua lâmpada. A chama aumentou e vi-a olhando para meu Mestre, embora também tivesse me visto, com certeza. Ela estava igual, do jeito que eu a deixara há muitas horas, vestida de veludo dourado e seda, as mechas enroladas na nuca para dar peso às volumosas tranças que lhe caíam pelas costas num esplendor ondulado.

Sua carinha logo assumiu uma expressão interrogativa e alarmada. — Marius — disse. — Como entra aqui assim agora em meus aposentos privados? Como entra pela janela, e com Amadeo? O que é isso, ciúme de mim?

— Não, só que eu queria uma confissão — respondeu o Mestre. Sua voz tremia. Ao aproximar-se dela de dedo em riste para acusá-la, ele me segurava com força pela mão, como se eu fosse uma criancinha... — Conte-lhe, meu anjo querido, conte-lhe o que está por trás de seu rosto fabuloso.

— Não sei do que está falando, Marius. Mas você me irrita. E ordeno que saia de minha casa. Amadeo, o que tem a dizer sobre este abuso? — Não sei, Bianca — murmurei. Eu estava apavorado. Nunca ouvira a voz do Mestre tremer, e nunca ouvira ninguém chamá-lo pelo nome com tanta intimidade.

— Saia de minha casa, Marius. Agora. Dirijo-me ao homem honrado que há em você.

— Ah, então como se foi o seu amigo Marcellus, o florentino, aquele que mandaram você atrair para cá com sua lábia, aquele em cuja bebida você deitou veneno suficiente para matar vinte homens?

A expressão de minha donzela se fragilizou mas não se endureceu realmente. Ela parecia uma princesa de porcelana avaliando meu Mestre irritado e trêmulo.

— O que é isso para você, meu Senhor? — perguntou ela. — Você agora é o Grande Conselho ou o Conselho dos Dez? Acuse-me diante dos tribunais, se quiser, seu bruxo furtivo! Prove o que está dizendo.

Havia nela uma grande dignidade nervosa. Ela ergueu a cabeça e empinou o queixo.

— Assassina — disse o Mestre.— Estou vendo agora na cela solitária de sua mente muitas confissões, muitos atos cruéis e importunos, muitos crimes...

— Não, você não pode me julgar! Mágico você pode ser, mas não é nenhum anjo, Marius. Não você com seus garotos.

Ele a arrastou, e novamente vi sua boca se abrir. Vi seus dentes letais. — Não, Mestre, não! — Soltei sua mão que já não me segurava com força e voei em cima dele aos socos, apartando os dois com o meu corpo e batendo nele com toda a força. — Não pode fazer isso, Mestre. Não importa o que ela tenha feito. Você está procurando esses motivos para quê? Chamá-la de importuna? Ela! E o que há com você?

Bianca caiu para trás de encontro à cama e esforçou-se para subir no colchão, as pernas dobradas. Recuou para a escuridão.

— Você é o Satanás do Inferno em pessoa — murmurou ela. — É um monstro, e já vi. Amadeo, ele nunca me deixará viver.

— Deixe-a viver, Mestre, ou eu morro com ela! — disse eu. — Ela é apenas uma aula aqui. E não quero vê-la morrer.

O mestre estava infelicíssimo. Atordoado. Afastou-me dele, amparando-me para eu não cair. Dirigiu-se para a cama, mas não para persegui-la. Sentou-se ao lado dela. Ela recuou mais ainda

para a cabeceira, procurando em vão alcançar o cortinado dourado, como se aquilo pudesse salvá-la.

Era miúda e estava pálida, com os ferozes olhos azuis vidrados e arregalados.

— Somos assassinos juntos, Bianca — murmurou ele para ela. Esticou o braço. Precipitei-me à frente, mas só para ser detido displicentemente por sua mão direita, e, com a esquerda, ele lhe afastava os cachinhos soltos da testa. Ficou com a mão pousada em sua cabeça como se fosse um padre dando uma bênção.

— Tudo por necessidade grosseira, senhor — disse ela. — Afinal que escolha eu tinha? — Que corajosa ela era, forte como prata temperada com aço. — Uma vez que recebi as incumbências, o que fazer, pois sei o que é para ser feito e para quem? Como eles eram espertos. Foi uma poção que levou dias para matar a vítima longe de meus aposentos aconchegantes. — Chame aqui seu opressor, filha, e envenene-o em vez daqueles que ele indica.

— É, isso deve resolver — disse eu precipitadamente. — Matar o homem que a levou a isso.

Ela parecia mesmo pensar nisso e depois sorriu.

— E os guardas dele, a família dele? Vão querer me estrangular pela grande traição.

— Eu o matarei para você, doçura-disse Marius. — E, por isso, você não ficará me devendo nenhum crime importante, só o seu gentil esquecimento do apetite que viu em mim essa noite.

Pela primeira vez, a coragem dela pareceu fraquejar. Seus olhos se encheram de lindas lágrimas transparentes. Percebia-se nela um ligeiro cansaço. Ela deixou a cabeça pender por um momento.

— Você sabe quem ele é, sabe onde ele mora, sabe que ele está em Veneza agora.

— Ele é um homem morto, minha bela senhora — disse o Mestre.

Passei o braço em volta do pescoço dele, beijei sua testa. Ele continuava olhando para ela.

— Então venha, querubim — disse-me ele sem tirar os olhos dela. — Vamos livrar o mundo desse florentino, esse banqueiro que

usa Bianca para acabar com aqueles que lhe deram contas em segredo.

Essa inteligência espantou Bianca, mas de novo ela deu um sorriso delicado de quem sabe das coisas. Quão graciosa era ela, quão desprovida de orgulho e amargura. Quão rejeitados eram esses horrores.

O Mestre estreitou-me com o braço direito. Com a mão esquerda, tirou de dentro do paletó uma bela pérola grande em forma de pêra. Parecia algo de valor inestimável. Ele a deu a Bianca, que só a pegou com alguma hesitação, observando-a cair na palma de sua mão preguiçosa.

— Deixe-me beijá-la, querida princesa — disse ele.

Para meu espanto, ela consentiu, e ele então a cobriu de beijos leves, e vi que ela franziu a testa com um olhar deslumbrado, e seu corpo ficou sem energia. Ela recostou nos travesseiros e adormeceu profundamente. Retiramo-nos. Pensei ter ouvido as janelas se fecharem quando passamos. A noite estava úmida e escura. Eu tinha a cabeça encostada no ombro de Marius. Mesmo que eu quisesse, não poderia olhar para cima nem me mexer. — Obrigado, querido Mestre, por não tê-la matado — murmurei.

— Ela é mais que uma mulher prática — disse ele. — Ainda está inteira. Tem a inocência e a esperteza de uma duquesa ou uma rainha.

— Mas aonde vamos agora?

— Estamos aqui, Amadeo. Estamos no telhado. Olhe em volta. Está ouvindo o rumor lá embaixo?

Eram tamborins, tambores e flautas tocando.

— Ah, então eles vão morrer no próprio banquete — disse o Mestre pensativo. Ele estava na beira do telhado, segurando o gradil de pedra. O vento soprava seu manto para trás, e ele voltou os olhos para as estrelas.

— Quero ver tudo — eu disse.

Ele fechou os olhos como se eu lhe tivesse dado um soco.

— Não pense que sou frio, Mestre — disse eu. — Não pense que estou farto de ver coisas brutais e cruéis. Sou apenas o bobo, o

bobo de Deus. Não questionamos, se estou bem lembrado. Rimos e aceitamos e transformamos a vida toda em alegria.

— Então desça comigo. Há muitos desses florentinos espertos. Ah, mas estou faminto. Passei fome por causa de uma noite como esta. Talvez os mortais sintam-se assim quando caçam animais selvagens de grande porte. Quanto a mim, ao descermos do telhado para o salão de banquetes deste palazzo novo e decorado com esmero, fiquei excitadíssimo. Homens iriam morrer. Homens seriam assassinados. Homens perversos, que seduziram a bela Bianca, seriam mortos sem risco para meu todo-poderoso Mestre ou para qualquer pessoa que eu conhecesse ou amasse. Um exército de mercenários não poderia ter sentido menos compaixão por esses indivíduos. Os venezianos atacando os turcos talvez tivessem mais sentimentos pelo inimigo do que eu. Eu estava fascinado; o cheiro de sangue já me impregnava na medida em que era simbólico. Queria ver correr sangue. De qualquer forma, não gostava mesmo de florentinos e não entendia os banqueiros, e efetivamente desejava uma vingança rápida, não só para aqueles que haviam abusado da bela Bianca mas também para aqueles que a colocaram no caminho da sede do Mestre. Então que seja. Entramos num salão de banquetes amplo e imponente, onde um grupo de sete homens se regalava com um maravilhoso assado de porco. Tapeçarias flamengas, todas novíssimas e com maravilhosas cenas de caça de senhores e damas com seus cavalos e cães, pendiam de grandes varas de ferro pelo salão, cobrindo até as janelas e chegando pesadas até o chão. O piso formava um finíssimo mosaico de mármore de diversas cores, com desenhos de pavões com jóias em suas grandes caudas em leque. A mesa era muito larga, e nela havia três homens sentados do mesmo lado, praticamente babando em cima de pilhas de pratos de ouro repletos de ossos de ave e espinhas de peixe, e do porco assado propriamente dito, pobre criatura inchada, que ainda conservava a cabeça, abocanhando ignominiosamente a indefectível maçã, como se essa fruta fosse a expressão final de seu derradeiro desejo.

Os outros três homens — todos jovens, bonitos, de certa forma, e bastante atléticos, pelo aspecto de suas pernas bem

torneadas — dançavam numa engenhosa roda, as mãos se encontrando no centro, enquanto um pequeno grupo de rapazes tocava os instrumentos cuja marcha retumbante havíamos escutado no telhado. Tudo parecia de certa forma engordurado e sujo como resultado do festim. Mas nenhum membro do grupo deixava de ter o cabelo farto e comprido da moda, e túnicas e calções de seda enfeitados e pesadamente bordados. Não havia fogo para aquecimento, e de fato nenhum daqueles homens precisava disso, e todos estavam enfeitados com paletós de veludo debruados de arminho empoado, raposa prateada ou qualquer outra pele branca.

O vinho estava sendo servido nas taças por alguém que parecia completamente incapaz de dominar uma ação dessas. E os três que dançavam, embora tivessem uma coreografia elegante para fazer, também discutiam e se empurravam numa espécie de ridicularização dos passos que todos conheciam.

Vi logo que os criados haviam sido dispensados. Muito vinho fora derramado fora das taças. Um enxame de mosquitinhos sobrevoava, embora fosse inverno, as reluzentes carcaças não totalmente comidas e os montes de frutas úmidas. Uma névoa dourada pairava sobre a sala. Era fumaça de tabaco dos vários tipos de cachimbo que os homens fumavam. O fundo das tapeçarias era invariavelmente azul-escuro, e isso aquecia o ambiente, realçando o brilho das roupas coloridas dos músicos e dos convidados do jantar.

De fato, quando entramos naquela sala enfumaçada e quente, fiquei tonto com a atmosfera, e, quando o Mestre mandou-me sentar numa das cabeceiras da mesa, o fiz mais por fraqueza, embora evitasse tocar a superfície da mesa e muito menos a borda dos vários pratos. Os foliões ruidosos e corados não notaram nossa presença. O barulho dos músicos bastava para nos tornar invisíveis, porque sobrepujava os sentidos. Mas mesmo num silêncio absoluto, os homens estavam embriagados demais para nos terem visto. De fato, o Mestre, após dar-me um beijo no rosto, encaminhou-se para um espaço vago no centro da mesa, provavelmente deixado por um dos que saltitavam ao som da música, e sentou-se no banco forrado. Só então os dois homens sentados a seu lado, que

gritavam obstinadamente um com o outro por qualquer motivo, repararam nesse convidado esplendoroso de escarlate.

O Mestre havia deixado cair o capuz, e seu cabelo compridíssimo tinha uma forma maravilhosa. Parecia o Cristo de novo na Última Ceia com um nariz fino e uma boca meiga e carnuda, o cabelo louro muito bem repartido ao meio, o volume avivado pela umidade da noite. Olhou para cada um dos convidados, e, para meu espanto, ao olhar para ele, vi-o entrando na conversa da mesa, discutindo com os convidados as atrocidades infligidas aos venezianos que estavam em Constantinopla quando o sultão turco de vinte e um anos, Mehmet II, conquistou a cidade. Parecia que se discutia como os turcos invadiram realmente a capital sagrada, e um homem dizia que se os navios venezianos não tivessem deixado Constantinopla, abandonando-a antes do fim, a cidade poderia ter sido salva. Não havia a menor chance, dizia outro, um ruivo forte de olhos aparentemente dourados. Que beleza! Se esse era o patife que desencaminhara Bianca, eu estava vendo por quê. Entre a barba e o bigode ruivos, seus lábios formavam exuberante arco de Cupido, e seu queixo tinha a força das figuras de mármore sobre-humanas de Michelangelo.

— Durante quarenta e oito dias, os canhões dos turcos bombardearam os muros da cidade — declarou ele a seu consorte — e acabaram entrando. O que se poderia esperar? Você já viu armas como aquelas?

O outro, um homem lindo de cabelos pretos e pele cor de oliva e maçãs do rosto redondas bem próximas do nariz pequeno e dos grandes olhos negros aveludados, ficou furioso e disse que os venezianos agiram como covardes, e que, se tivesse vindo, a frota de apoio poderia ter detido até os canhões. Com o punho, ele fazia o prato à sua frente chacoalhar. — Constantinopla foi abandonada! — declarou. — Veneza e Gênova não ajudaram. Nesse dia, deixaram o maior império da Terra ruir.

— Não foi isso — disse o Mestre um tanto discretamente, erguendo as sobrancelhas e inclinando a cabeça ligeiramente para o lado. Olhou lentamente para cada um dos presentes. — Houve de fato muitos venezianos corajosos que vieram acudir Constantinopla.

Acho, e com razão, que mesmo se toda a frota veneziana tivesse vindo, os turcos teriam continuado. O sonho do jovem sultão Mehmet II era conquistar Constantinopla e ele nunca se deteria.

Ah, isso estava interessantíssimo. Eu estava pronto para uma aula de história vermelho, para ter uma boa visão de todos. Coloquei a cadeira num ângulo que me permitisse ver melhor os dançarinos, que mesmo desajeitados compunham uma cena e tanto, nem que fosse pelo movimento de suas longas mangas bordadas e a percussão no chão de mármore de seus sapatos enfeitados com pedrarias. O ruivo da mesa, jogando para trás a cabeleira ricamente encaracolada, foi encorajadíssimo pelo Mestre, e lhe dirigiu um olhar de adoração selvagem.

— Sim, sim, aqui está um homem que sabe o que aconteceu, e você está mentindo, seu tolo — disse ele para o outro. — E você sabe que os genoveses lutaram bravamente até o fim. Três navios foram enviados pelo Papa; furaram o bloqueio do porto, chegando ao lado de Rumeli Hisar, o castelo maligno do sultão. Foi Giovanni Longo, e você pode imaginar que coragem?

— Francamente, não! — disse o de cabelos pretos, debruçando-se na frente do Mestre como se este fosse uma estátua.

— Foi uma ação corajosa — disse o Mestre com displicência. — Por que diz bobagens em que não acredita? Ora, você sabe o que aconteceu aos navios venezianos capturados pelo sultão.

— Sim, fale sobre isso. Você entraria naquele porto? — perguntou o florentino ruivo. — Sabe o que fizeram com os navios venezianos capturados seis meses antes? Decapitaram todos os homens a bordo. — Menos o comandante! — gritou um dos dançarinos que se virara para entrar na conversa, mas continuava dançando para não perder o passo. — Eles o empalaram num poste. O comandante era Antonio Rizzo, um dos melhores homens que já existiram. — O homem continuou dançando, fazendo um gesto brusco de desprezo por cima do ombro. Então escorregou ao dar a pirueta e quase caiu. Seus parceiros de dança o ampararam. O de cabelos pretos sentado à mesa balançou a cabeça.

— Se tivesse sido uma frota veneziana completa... — exclamou. — Mas vocês florentinos e vocês venezianos são todos iguais, traiçoeiros, apostando dos dois lados.

O Mestre olhava para ele, achando graça.

— Não ria de mim — disse o de cabelos pretos. — Você é veneziano. Já o vi milhares de vezes. Você e esse rapaz!

Apontou para mim. Olhei para o Mestre, que apenas sorriu. Então ouvi-o falar baixinho claramente para mim, de modo que escutei suas palavras como se ele estivesse a meu lado e não a metros de distância.

— Testemunho dos mortos, Amadeo.

O de cabelos pretos pegou a taça, tomou uns goles de vinho e derramou outros tantos na barba pontuda.

— Uma cidade inteira de cúmplices filhos da mãe! — sentenciou. — Só serviam para uma coisa, e isso era tomar dinheiro emprestado a juro alto depois de gastarem tudo que tinham em roupas caras.

— Você tem que falar — disse o ruivo. — Parece um maldito pavão. Eu deveria lhe cortar o rabo. Vamos voltar a Constantinopla já que tem tanta certeza de que ela poderia ser salva!

— Agora você é um maldito veneziano.

— Sou banqueiro, sou um homem de responsabilidade — disse o ruivo. Admiro quem enriquece comigo. — Pegou sua taça, mas, em vez de beber o vinho, jogou-o na cara do de cabelos pretos.

O Mestre não se deu ao trabalho de inclinar-se para trás, portanto, sem dúvida, levou alguns respingos de vinho. Olhava para aquelas caras suadas e coradas à sua direita e à sua esquerda.

— Giovanni Longo, um dos genoveses mais corajosos a capitanear um navio, permaneceu naquela cidade durante todo o sítio — exclamou o ruivo. Isso é coragem. Eu investiria dinheiro num homem assim. — Não sei por quê — interveio o dançarino, o mesmo de antes. Deixou a roda por um tempo suficiente para declarar: — Ele perdeu a batalha, e, além do mais, seu pai foi sensato o bastante para não financiar nenhum deles.

— Não ouse! — interrompeu o ruivo. — Um brinde a Giovanni Longo e aos genoveses que lutaram com ele. — Agarrou o jarro,

quase derrubando-o, entornou vinho em seu copo e na mesa e tomou um gole fundo. — E um brinde a meu pai. Que Deus tenha piedade de sua alma imortal. Pai, massacrei seus inimigos, e vou massacrar aqueles que fazem da ignorância um passatempo.

Virou-se, cutucou o Mestre e falou:

— Aquele seu garoto é uma beleza. Não se apresse. Pondere. Quanto? O Mestre deu uma gargalhada com uma naturalidade e uma doçura que eu nunca ouvira em suas risadas.

— Faça uma oferta, de algo que possa me interessar — respondeu o Mestre olhando de esguelha para mim, com um brilho dissimulado no olhar. Parecia que cada homem naquela sala estava me avaliando, e, entenda, esses aí não gostavam de garotos; eram apenas italianos modernos, que, embora gerassem filhos como deles era exigido e corrompessem mulheres sempre que aparecia uma chance, apreciavam um jovem carnudo e suculento, como os homens hoje apreciam uma torrada dourada com creme azedo e o melhor caviar.

Não pude deixar de sorrir. Mate-os, pensei, massacre-os. Senti-me cativante e até bonito. Alguém aí, diga que faço lembrar Mercúrio perseguindo as nuvens na Primavera de Botticelli, mas o ruivo, encarando-me com um olhar malicioso e brincalhão, disse:

— Ah, ele é o David de Verrocchio, o modelo de verdade para a estátua de bronze. Não tente dizer que não é. E imortal, ah, sim, estou vendo, imortal. Ele não morrerá nunca. — Ergueu de novo a taça. Então, enfiou a mão na jaqueta forrada de arminho empoadado e tirou um rico medalhão de ouro com um imenso diamante tabla. Arrancou a corrente do pescoço e apresentou orgulhosamente a pedra ao Mestre, que a observou a balançar à sua frente como se fosse um orbe que devesse enfeitiçá-lo.

— Para todos nós — saudou o de cabelos pretos, virando-se para me encarar. Os outros gargalhavam. Os dançarinos gritavam:

— Sim e para mim também.

— Se eu não for segundo com ele, nada.

E: — Aqui, para ir primeiro, antes de você.

Esta última frase foi dita pelo ruivo, mas a jóia que o dançarino atirou para o Mestre, um anel de carbúnculo com uma

faiscante pedra púrpura, eu não conhecia.

— Uma safira — sussurrou o Mestre, com um olhar provocante para mim. — Amadeo, você aprova?

O terceiro dançarino, um louro um tanto mais baixo que qualquer dos presentes e com um pequeno calombo no ombro esquerdo, saiu da roda e veio em minha direção. Tirou todos os anéis, como se descalçasse luvas, e atirou-os todos a meus pés.

— Sorria com doçura para mim, jovem deus — disse ele, embora estivesse arfando por causa da dança, e com o colarinho de veludo encharcado. Cambaleava e quase caiu, mas conseguiu levar isso na galhofa, fazendo uma pirueta pesada ao voltar para a dança. A música continuava percutindo. Como se os dançarinos achassem que ela devia afogar a própria bebedeira de seus mestres.

— Alguém quer saber do sítio de Constantinopla? — perguntou o Mestre.

— Fale-me sobre Giovanni Longo — pedi baixinho.

Todos os olhos voltavam-se para mim.

— É o sítio de... Amadeo, foi isso?... Sim, Amadeo, isso eu guardei! gritou o dançarino louro.

— Daqui a pouco, senhor — comentei. — Mas me ensine um pouco de história.

— Seu danadinho — interveio o de cabelos pretos. — Você nem pegou os anéis dele.

— Meus dedos estão cobertos de anéis — respondi educadamente, o que era verdade.

O ruivo imediatamente voltou à carga.

— Giovanni Longo resistiu a quarenta dias de bombardeio. Lutou a noite inteira quando o turco rompeu o bloqueio. Nada o assustava. Foi levado para um lugar seguro só por ter sido ferido.

— E os canhões — perguntei. — Eram enormes?

— E suponho que você estava lá! — gritou o moreno para o louro, antes que este pudesse me responder.

— Meu pai estava lá! — disse o ruivo. — E sobreviveu para contar a história. Estava no último navio a sair do porto com os venezianos, e, antes que comece a falar, vou lhe avisando para não

falar mal de meu pai ou daqueles venezianos. Eles salvaram os cidadãos, a batalha estava perdida:..

— Eles desertaram, você quer dizer — disse o moreno.

— Quero dizer que foram embora levando os refugiados indefesos depois da vitória dos turcos. Está chamando meu pai de covarde? Você não entende mais de boas maneiras do que entende de guerra. É idiota demais para alguém brigar com você, e está bêbado demais.

— Amém — disse o Mestre.

— Conte a ele — falou o ruivo ao Mestre. — Você, Marius De Romanus, conte a ele. — Tomou mais um gole. — Conte a ele sobre o massacre, o que aconteceu. Conte a ele como Giovanni Longo lutou junto às muralhas até ser atingido no peito. Ouça, seu louco idiota! — gritou para o amigo. — Ninguém sabe mais sobre ele do que Marius De Romanus. Bruxos são espertos é o que diz minha prostituta, e um brinde a Bianca Solderini. — Ele esvaziou o copo.

— Sua prostituta? — perguntei. — Diz isso de uma mulher como essa, e aqui, diante de homens bêbados e desrespeitosos?

Eles não me fizeram caso, nem o ruivo, que já estava de novo esvaziando o copo, nem os outros. O louro veio cambaleando para mim.

— Eles estão bêbados demais para se lembrar de você, lindo-disse. — Mas eu não.

— Tropece na dança — eu disse. — Não tropece em suas investidas para mim.

— Seu pirralhinho desgraçado — xingou o homem, e caiu em minha direção, desequilibrando-se. Tombou para a direita, escorregou da cadeira e caiu no chão. Os outros estouraram na gargalhada. Os dois dançarinos remanescentes desistiram da coreografia.

— Giovanni Longo foi corajoso — comentou o Mestre calmamente, observando tudo e em seguida voltando seu olhar frio para o ruivo. — Todos foram corajosos. Mas nada poderia salvar Bizâncio. Chegara sua hora.

Acabara-se o tempo dos imperadores e dos limpadores de chaminé. E, no holocausto que se seguiu, muita coisa se perdeu

para sempre. Centenas de bibliotecas foram incendiadas. Textos e mais textos sagrados com todos os seus imponderáveis mistérios viraram fumaça.

Afastei-me do agressor bêbado, que rolava no chão.

— Seu cachorrinho de estimação nojento! — gritou para mim o homem estatelado. — Me dê a mão, estou mandando.

— Ah — disse eu —, mas acho que você quer mais do que isso.

— E vou ter! — insistiu ele, mas escorregou apenas e tornou a cair para trás com um gemido de infelicidade. Um dos outros homens à mesa — bonito porém mais velho, de longos e fartos cabelos grisalhos ondulados, o rosto sulcado por belas rugas, que até então estivera calado, deliciando-se com um osso de carneiro — olhou-me por cima do osso e para o agressor que se contorcia no chão tentando ficar em pé.

— Humm. Então Golias cai, Davizinho — disse ele, sorrindo para mim. Cuidado com a língua, Davizinho, não somos todos gigantes idiotas, e suas pedras ainda não são para atirar.

Retribuí-lhe o sorriso.

— Sua brincadeira é de mau gosto como a de seu amigo. Quanto a minhas pedras, como colocou, elas ficarão bem aqui na bolsa onde estão, esperando que você tropece em seu amigo.

— Você diz os livros?-perguntou o ruivo a Marius, completamente alheio a essa pequena discussão. — Os livros foram queimados na queda da maior cidade do mundo?

— Sim, esse sujeito gosta de livros — disse o moreno. — Senhor, é melhor olhar seu garoto. Ele é um homem liquidado, a dança mudou. Diga-lhe para não zombar dos mais velhos.

Os dois dançarinos vieram em minha direção, tão bêbados como o homem que caíra. Vieram me acariciar, tornando-se simultaneamente um animal de quatro braços com bafo fortemente perfumado.

— Você ri para nosso amigo rolando no chão? — perguntou um deles, dando-me uma joelhada entre as pernas.

Recuei, escapando por pouco do golpe grosseiro.

— Pareceu-me a coisa mais gentil a fazer — respondi. — Já que ele caiu por me adorar. Não mergulhem em devoções desse tipo, senhores. Não tenho a menor inclinação para responder às suas preces.

O Mestre se levantara.

— Estou cansado disso — disse ele numa voz fria e clara que ecoou pelas tapeçarias penduradas. Havia um tom glacial em seu modo de falar. Todos olharam para ele, até o homem lutando para se levantar.

— É mesmo! — disse o moreno erguendo os olhos. — Marius De Romanus, é?

Já ouvi falar em você. Não tenho medo de você.

— Que bom para você — murmurou o Mestre com um sorriso. Pôs a mão na cabeça do homem, que se afastou bruscamente, quase caindo do banco, mas agora definitivamente com medo. Os dançarinos avaliaram o Mestre, decerto tentando ver até que ponto seria fácil dominá-lo. Um deles tornou a virar para mim.

— Preces, Inferno! — disse.

— Cuidado com meu Mestre. Você o cansa, e, quando está cansado, ele endoida. — Puxei o braço quando ele estava querendo me pegar. Recuei mais ainda, para o meio dos músicos, e a música envolveu-me como uma nuvem protetora. Dava para ver o pavor em seus rostos, no entanto, tocaram mais rápido ainda, ignorando o suor em suas testas.

— Doce, doce, cavalheiros-disse eu. — Estou gostando. Mas toquem um réquiem, por favor.

Eles me olharam desesperados mas sem qualquer outra expressão. O tambor seguia tocando e a flauta produzia aquela melodia serpenteante e a sala pulsava com os acordes do alaúde. O louro no chão gritava por socorro, sem conseguir levantar de jeito nenhum, e os dois dançarinos foram acudi-lo, embora um ficasse me observando. O Mestre olhou para o insolente de cabelos pretos, ergueu-o do banco com uma das mãos e foi beijar seu pescoço. O homem ficou suspenso no ar, paralisado como um pequeno mamífero na boca de uma fera, e quase ouvi o grande sorvo de sangue escorrer dele enquanto o cabelo de meu Mestre se

arrepiava e caía para cobrir o repasto fatal. Rapidamente, ele largou o homem. Só o ruivo observava tudo isso. E, em sua embriaguez, parecia não saber o que fazer. De fato, ele ergueu uma sobancelha, atônito, e tornou a beber da taça imunda. Lambeu os dedos da mão direita, um a um, como se fosse um gato, quando o Mestre deixou seu companheiro moreno cair de cara na mesa, na verdade, bem numa bandeja de frutas.

— Bêbado idiota — disse o ruivo. — Ninguém luta por valor, honra ou decência.

— Não muitos de qualquer maneira — replicou o Mestre encarando-o. — Aqueles turcos dividiram o mundo em dois — disse o ruivo, ainda contemplando o morto, que decerto olhava com um ar idiota para ele da bandeja amassada. Eu não conseguia ver a cara do defunto, mas me excitava tremendamente saber que estava morto.

— Agora venham, cavalheiros — disse o Mestre —, e venha cá você que deu tantos anéis a meu menino.

— Ele é seu filho? — gritou o louro corcunda, que afinal estava de pé. Afastou os amigos. Virou-se e passou à intimação. — Serei um pai melhor para ele do que você jamais foi.

O Mestre apareceu subitamente e sem fazer nenhum ruído ao lado dele na mesa. Suas roupas assentaram-se imediatamente como se ele só tivesse dado um passo. O ruivo nem sequer pareceu ver isso.

— Skanderbeg. O grande Skanderbeg, faço um brinde a ele — disse o ruivo, aparentemente para si mesmo. — Ele morreu há muito tempo, e me dêem apenas cinco Skanderbegs que organizarei uma nova cruzada para resgatar nossa cidade dos turcos.

— De fato, quem não faria isso com cinco Skanderbegs — disse o homem mais velho da ponta da mesa, aquele atracado com o osso. Ele limpou a boca no pulso nu. — Mas não há general como Skanderbeg, e nunca houve, exceto o próprio. O que há com Ludovico? Seu idiota!

Levantou-se. O Mestre havia passado o braço em volta do louro que o empurrava, bastante desanimado com o fato de o

Mestre ser inamovível. Enquanto era empurrado pelos dois dançarinos que queriam libertar o companheiro, o Mestre tornou a dar seu beijo fatal. Girou o homem e pareceu sugar-lhe o sangue num grande sorvo. Numa fração de segundos, fechou os olhos do homem com dois dedos brancos e deixou o corpo escorregar para o chão.

— Chegou a vez de vocês morrerem, bons cavalheiros — disse ele aos dançarinos que se afastaram dele. Um deles sacou a espada.

— Não seja tão estúpido! — gritou o companheiro. — Você está bêbado.

Nunca há de...

— Não, você não vai — disse o Mestre com um pequeno suspiro. Seus lábios estavam mais róseos do que eu jamais havia visto, e o sangue que ele bebera desfilava em suas faces. Até seus olhos estavam mais brilhantes. Ele agarrou a espada do homem e, com uma pressão do polegar, partiu o metal, de modo que o homem ficou segurando apenas um pedaço. — Como ousa! — gritou o homem.

— Como você ousou é mais preciso! — cantou o ruivo à mesa. — Partida ao meio, é? Que tipo de aço é esse?

O roedor deu uma sonora gargalhada e jogou a cabeça para trás.

Arrancou outro naco de carne do osso.

O Mestre liquidou com o que brandia a espada partida, e agora, para descobrir a veia, quebrou-lhe o pescoço com um estalido alto. Os outros três pareceram ouvir isso — o roedor de osso, o dançarino alerta e o ruivo. Em seguida, o Mestre abraçou o último dos dançarinos. Segurou o rosto do homem como se num gesto de amor e bebeu de novo, sorvendo-lhe a garganta de modo que só vi o sangue rapidamente, um verdadeiro dilúvio vermelho, que o Mestre cobriu com a boca e a cabeça inclinada. Eu via o sangue escorrendo para a mão do Mestre. Mal podia esperar que ele levantasse a cabeça, o que ele fez bem depressa, mais até do que com a última vítima, e olhou para mim com um ar sonhador e sua fisionomia estava toda em chamas. Parecia tão humano quanto

qualquer homem ali na sala, mesmo enlouquecido com aquela sua bebida especial, como eles estavam com o vinho comum deles.

Seus cachos louros estavam colados na testa suada, e vi que tinham um belo brilho de sangue.

A música parou bruscamente.

Não foi a destruição mas sim o aspecto do Mestre que a fizera parar, enquanto ele deixava esta última vítima, um saco de ossos frouxo, escorregar para o chão.

— Réquiem — falei de novo. — Os fantasmas deles vão lhes agradecer, gentis cavalheiros.

— Isso — disse Marius aos músicos aproximando-se deles — ou fugir da sala.

— Digo fugir da sala — murmurou o tocador de alaúde. Na mesma hora todos eles foram se encaminhando para a porta. Com pressa, puxavam e puxavam o ferrolho, praguejando e gritando.

O Mestre recuou e recolheu os anéis em volta da cadeira onde ele estivera sentado.

— Meus rapazes, vocês vão embora sem receber — disse.

Com todo aquele pavor lacrimoso e indefeso, os músicos viraram e viram os anéis sendo atirados em cima deles, e, estúpida e avidamente, cada qual pegou, envergonhado, um tesouro atirado pelo Mestre. Então as portas se abriram de par em par contra a parede. Eles saíram, quase batendo no alisar, e as portas então se fecharam — Isso foi inteligente! — observou o homem com o osso, que ele finalmente pôs de lado, já que não tinha mais carne. — Como você faz, Marius De Romanus? Ouvi dizer que é um mágico poderoso. Não sei porque o Grande Conselho não o acusa de bruxaria. Deve ser esse seu dinheiro todo, não?

Olhei para o Mestre. Eu jamais o vira tão encantador como agora, corado com esse sangue novo. Eu queria tocar nele. Queria ir para seus braços. Seus olhos estavam embriagados e meigos quando ele olhou para mim. Mas ele desfez aquele olhar sedutor e voltou para a mesa, contornando-a direito, e ficou ao lado do homem que se regalara com o osso. O homem grisalho olhou para ele e, em seguida, para seu companheiro ruivo.

— Não seja tolo, Martino-disse ao ruivo. — Deve ser perfeitamente legal ser bruxo no Vêneto desde que a pessoa pague seu imposto. Ponha seu dinheiro no banco de Martino, Marius De Romanus.

— Ah, mas eu ponho — disse Marius De Romanus, meu Mestre — e me dá um rendimento bastante bom.

Tornou a sentar entre o morto e o ruivo, que parecia encantado e animado por fazê-lo voltar.

— Martino — disse o Mestre. — Vamos falar mais sobre a queda dos impérios. Por que seu pai estava com os genoveses?

O ruivo, agora bastante inflamado com a discussão toda, declarou com orgulho que seu pai havia sido o representante do banco da família em Constantinopla, e que havia morrido depois em virtude dos ferimentos de guerra sofridos naquele dia derradeiro e terrível.

— Ele viu — disse o ruivo —, viu as mulheres e as crianças massacradas. Viu os sacerdotes arrancados dos altares de Santa Sofia. Ele conhece o segredo.

— O segredo — zombou o velho. Ele mudou de lugar na mesa e empurrou o morto do banco para o chão. — Meu Deus, seu filho da mãe sem coração — disse o ruivo. — Ouviu o crânio do defunto rachar?

— Não trate meu convidado dessa maneira, não se quiser ficar vivo.

Aproximei-me mais da mesa.

— Sim, venha cá, sim, lindo-disse o ruivo. — Sente-se. — Ele voltou para mim seus olhos dourados resplandecentes. — Sente aqui, à minha frente. Meu Deus. Olhe ali o Francisco. Juro que ouvi o crânio dele rachar. — Ele está morto — disse Marius com voz macia. — Por enquanto, tudo bem, não se preocupem com isso. — Seu rosto estava ainda mais brilhante com o sangue que ele havia bebido. Na verdade, possuía agora uma cor uniforme, toda radiosa, e seu cabelo parecia mais louro ainda em contraste com a pele corada. Havia uma minúscula teia de veias dentro de cada um de seus olhos, não depreciando em nada sua beleza assombrosa e resplandecente. — Ah, muito bem, ótimo, eles estão mortos — o

ruivo deu de ombros. Sim, eu estava lhes contando, e é melhor vocês anotarem isso porque eu sei. Os padres pegaram o cálice sagrado do Exército Sagrado e foram para um esconderijo em Santa Sofia. Meu pai viu isso com os próprios olhos. Conheço o segredo.

— Olhos, olhos, olhos — disse o velho. — Seu pai deve ter sido um pavão para ter tantos olhos!

— Cale a boca senão corto sua garganta—disse o ruivo.— Olhe o que você fez com Francisco, derrubando-o assim. Meu Deus! — Fez o sinal-da-cruz um tanto preguiçosamente.

— A cabeça dele está sangrando atrás.

Meu Mestre virou-se e, abaixando-se, apanhou esse sangue com os dedos. Virou-se lentamente para mim e depois para o ruivo. Chupou o sangue de um dos dedos.

— Morto — disse com um sorrisinho.— Mas está bastante quente e grosso. — Riu devagar.

O ruivo estava fascinado como uma criança num espetáculo de marionetes. O Mestre estendeu a mão ensangüentada com a palma para cima e sorriu como que dizendo:

“Quer provar?”

O ruivo agarrou o pulso de Marius e lambeu-lhe o sangue do indicador e do polegar.

— Humm, muito bom — disse. — Todos os meus companheiros têm sangue do melhor.

— Não diga — disse meu Mestre. Eu não conseguia tirar os olhos de seu rosto cambiante. Agora parecia que suas faces estavam mais escuras, ou talvez fosse apenas a curva que formavam quando ele sorria. Seus lábios estavam rosados.

— E ainda não acabei, Amadeo — murmurou ele. — Apenas comecei. — Ele não está muito ferido! — insistiu o velho. Estudou a vítima no chão. Estava preocupado. Tê-lo-ia matado?-É só um simples corte na parte posterior da cabeça, nada mais. Não é?

— É, um cortezinho — disse Marius. — Que segredo é esse, meu caro amigo? — Ele estava de costas para o velho, falando com o ruivo com muito mais interesse do que antes.

— Sim, por favor — disse eu. — Qual é o segredo? — perguntei. — O segredo é que os padres fugiram?

— Não, criança, não seja obtuso! — disse o ruivo olhando para mim. Ele era vigorosamente lindo. Bianca o teria amado? Ela nunca disse. — O segredo, o segredo — disse ele. — Se não acredita nesse segredo, não acreditará em nada, sagrado ou não.

Ergueu a taça. Estava vazia. Pegou o jarro e encheu-a com aquele vinho escuro e de aroma delicioso. Considerei a hipótese de prová-lo, então senti uma repulsa.

— Bobagem — murmurou o Mestre. — Beba ao passamento deles. Vá em frente. Aqui está uma taça limpa.

— Ah, sim, me perdoe — disse o ruivo. — Não lhe ofereci uma taça. Meu Deus, pensar que joguei um simples diamante tabla na mesa para você, quando eu queria seu amor.

— Pegou a taça, um objeto rico e extravagante de prata cravejado de pedrinhas.

Agora eu via que as taças formavam um conjunto, todas cinzeladas com figurinhas delicadas e incrustadas com essas mesmas pedrinhas brilhantes. Pousou essa taça na mesa, batendo com ela. Pegou o jarro de minha mão, encheu a taça e empurrou-a para mim. Achei que ficaria tão enjoado que vomitaria no chão. Olhei para ele, para seu rosto meigo ali perto e seu lindo cabelo vermelho chamejante. Deu um sorriso infantil, mostrando dentes pequenos mas perfeitos, muito brancos, e pareceu louco por mim, divagando, sem dizer uma palavra.

— Tome, beba-disse o Mestre. — Seu caminho é perigoso, Amadeo, beba para conhecer e beba para ter força.

— O Mestre não está zombando de mim agora, está?-perguntei, olhando para o ruivo, embora falasse com Marius.

— Eu o amo, como sempre amei — disse o Mestre —, mas você vê mesmo alguma coisa no que digo, pois estou endurecido pelo sangue humano. É sempre o que acontece. Só passando fome encontro uma pureza etérea. — Ah, e você me afasta da penitência em cada momento crítico — disse eu —, e me leva para os sentidos e para o prazer.

O ruivo e eu estávamos de olhos fechados. No entanto, ouvi Marius me responder.

— Matar é uma penitência, Amadeo, a dificuldade é essa. É uma penitência matar por nada, nada, nem por “honra, valor ou decência”, como diz nosso amigo aqui.

— Sim — assentiu “nosso amigo”, que se virou para Marius e depois novamente para mim.

— Beba! — Passou-me a taça.

— E quando tudo estiver pronto, Amadeo, recolha essas taças e leve-as para casa para que eu tenha um troféu de meu fracasso e de minha derrota, pois serão iguais, e uma lição para você também. Raramente as coisas são tão ricas e claras como estão para mim agora. O ruivo inclinou-se à frente, firme no namoro, e levou a taça a meus lábios. — Davizinho, você será rei quando crescer, lembra-se? Ah, quero adorá-lo agora, esse homenzinho de faces macias que você é, e implorar por um salmo de sua harpa, um só, contanto que seja dado por sua livre e espontânea vontade.

O Mestre disse baixinho:

— Você pode atender o pedido de um moribundo?

— Acho que ele está morto! — disse o homem grisalho num tom irritantemente alto.

— Olhe, Martino, acho que o matei mesmo; a cabeça dele está sangrando como um maldito tomate. Olhe!

— Ah, pare de falar nele! — interrompeu Martino, o ruivo, sem deixar de me encarar. — Satisfaça o pedido de um moribundo, Davizinho — prosseguiu ele. — Estamos todos morrendo, e eu por você, e para que você morra comigo, só um pouquinho, em meus braços? Vamos fazer uma brincadeirinha com isso. Vai diverti-lo, Marius De Romanus. Você me verá montar nele e afagá-lo com um ritmo interessante, e verá uma escultura de carne que vira uma fonte, enquanto o que eu estiver ejaculando para dentro dele jorrar dele em minha mão.

Fechou a mão como se já tivesse segurando meu órgão. Continuava me fitando. Depois, baixinho, disse:

— Sou macio demais para fazer minha escultura. Deixe-me beber de você.

Tenha piedade dos sedentos.

Arranquei a taça de sua mão vacilante e bebi todo o vinho. Meu corpo se contraiu. Pensei que o vinho fosse voltar. Fiz com que descesse. Olhei para o Mestre.

— Que feio, odeio isso.

— Ah, bobagem — disse ele sem mover os lábios. — Há beleza por todo — Maldição se ele não estiver morto — disse o velho.

Chutou o corpo de Francisco no chão.

— Martino, estou fora daqui.

— Fique-ordenou Marius. — Eu lhe darei um beijo de boa-noite. — Pegou o velho pelo pulso e pulou em sua garganta, mas como terá visto isso o ruivo, que deu apenas uma olhadela turva antes de continuar sua adoração? Tornou a encher a taça. Ouviu-se um gemido emitido pelo homem grisalho, ou terá sido por Marius? Eu estava petrificado. Quando ele deixasse a vítima, eu veria ainda mais sangue fervilhando nele, e daria o mundo para vê-lo branco novamente, meu deus de mármore, meu pai entalhado em nossa cama íntima. O ruivo levantou-se à minha frente debruçando-se sobre a mesa e encostou os lábios úmidos nos meus.

— Morro por você, garoto! — disse.

— Não, você morre por nada — disse Marius.

— Mestre, ele não, por favor! — gritei. Caí para trás, quase me desequilibrando no banco. O braço do Mestre se interpôs entre nós, e sua mão cobriu o ombro do ruivo. — Qual é o segredo — gritei freneticamente —, o segredo de Santa Sofia, aquele no qual precisamos acreditar?

O ruivo estava completamente atônito. Sabia que estava embriagado. Sabia que as coisas em volta dele não faziam sentido. Mas achou que era porque estivesse bêbado. Olhou para o braço de Marius na frente de seu peito, e até virou-se e olhou para os dedos que lhe seguravam o ombro. Então olhou para Marius, e eu também olhei. Marius era humano, totalmente humano. Não havia vestígio do deus impermeável e indestrutível. O sangue fervilhava em seus olhos e seu rosto. Estava corado como um homem depois de uma corrida, e seus lábios estavam ensangüentados, e, ao lambê-los, sua língua era vermelho-rubi. Ele sorriu para Martino, o último

deles, o único poupado. Martino desviou os olhos de Marius e olhou para mim. Imediatamente, amoleceu e perdeu a defensiva. Falou com reverência.

— Em pleno sítio, enquanto os turcos tomavam a igreja de assalto, alguns dos padres deixaram o altar de Santa Sofia — disse ele. — Levaram o cálice do Sacramento Abençoado, o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor. Estão escondidos nas câmaras secretas de Santa Sofia, e no momento exato em que recuperarmos a cidade, no momento exato em que recuperarmos a grande igreja de Santa Sofia, quando expulsarmos os turcos de nossa capital, esses mesmos padres voltarão. Sairão do esconderijo e subirão a escadaria do altar, continuarão a dizer a missa no ponto exato em que foram obrigados a parar.

— Ah — suspirei, maravilhado com isso. — Mestre — falei baixinho. Esse é um bom segredo para salvar a vida de um homem, não é?

— Não — disse Marius. — Já conheço a história, e ele transformou nossa Bianca em prostituta.

O ruivo esforçou-se para seguir nossas palavras, para sondar a profundidade de nosso diálogo.

— Uma prostituta? Bianca? Dez vezes assassina, mas prostituta, não. Nada tão simplório como uma prostituta. — Ele estudou Marius como se achasse realmente lindo esse homem corado, excitado e apaixonado. E era mesmo.

— Ah, mas você lhe ensinou a arte de matar — disse Marius quase terno, massageando o ombro do homem, enquanto o envolvia por trás com o braço esquerdo, até a mão esquerda encontrar a direita e imobilizá-lo. Ele baixou a testa para encostar na têmpora de Martino.

— Humm — Martino estremeceu todo. — Bebi demais. Jamais ensinei uma coisa dessas a ela.

— Ah, ensinou sim, e lhe ensinou a matar por essas quantias insignificantes.

— Mestre, o que é isso para nós?

— Meu filho perdeu a cabeça-disse Marius, ainda olhando para Martino. — Esquece que vou matá-lo em nome de nossa doce

senhora, que você passou para trás com suas tramas piegas e sinistras.

— Ela me retribuiu um serviço — disse Martino. — Deixe-me ter o garoto!

— Como disse?

— Você está pretendendo me matar, então me mate. Mas deixe-me ter o garoto. Um beijo, é só o que peço. Um beijo, o mundo é isso. Estou bêbado demais para qualquer outra coisa!

— Por favor, Mestre, não consigo suportar isso — reagi.

— Então, como suportará a eternidade, meu filho? Não sabe que é isso que pretendo lhe dar? Que poder existe abaixo de Deus que possa me aniquilar?

Ele me lançou um olhar furioso, porém parecia mais uma encenação do que uma expressão sincera.

— Já aprendi minhas lições — disse eu. — Só detesto vê-lo morrer. — Ah, sim, então você já aprendeu. Martino, beije meu filho se ele permitir, e atenção, beije com delicadeza.

Fui eu que me debrucei na mesa então e dei meu beijo no rosto do homem. Ele virou e abocanhou minha boca, faminto, com um bafo azedo de vinho, mas estimulante e eletricamente quente.

As lágrimas afloraram em meus olhos, abri a boca para ele e deixei sua língua penetrar em mim. E de olhos fechados, senti-a estremecer, e os lábios dele se retesarem, como se transformados num muro preso a mim e sem conseguir fechar. O Mestre o tinha, tinha sua garganta, e o beijo foi congelado, e, chorando, tateei às cegas para encontrar em seu pescoço o ponto exato em que o Mestre cravara os dentes malignos. Senti os lábios aveludados do Mestre, senti os dentes duros embaixo deles, senti o pescoço macio. Abri os olhos e afastei-me. Meu infeliz Martino suspirou, gemeu, e fechou os lábios, e caiu para trás com os olhos entreabertos imobilizado pelo Mestre. Virou a cabeça lentamente para o Mestre. Num tom baixo e áspero, a voz embriagada, falou:

— Por Bianca...

— Por Bianca — repeti.

Chorei, abafando os soluços com a mão. O Mestre parou. Com a mão esquerda, alisou o cabelo molhado e emaranhado de

Martino.

— Por Bianca — disse em seu ouvido.

— Jamais...jamais deveria tê-la deixado viver — foram as últimas palavras , suspiradas por Martino. Sua cabeça caiu para a frente sobre o braço direito de Marius. O Mestre beijou sua nuca e deixou-o escorregar para a mesa.

— Encantador até o fim — disse. — Intrinsecamente um verdadeiro poeta.

Levantei, empurrando o banco para trás, e fui para o centro da sala. Fiquei . ali aos prantos, e já não dava para abafar os soluços. Procurei um lenço no bolso, e quando ia enxugar as lágrimas, tropecei no corpo daquele corcunda e quase caí. Dei um grito, um grito terrível, fraco e ignominioso. Afastei-me dele e dos corpos de seus companheiros até encostar na tapeçaria pesada e áspera e sentir o cheiro do pó e dos fios do bordado.

— Ah, então era isso o que você queria de mim — solucei.

Solucei de verdade. — Que eu odiasse isso tudo, que chorasse por eles, lutasse por eles, implorasse por eles.

Ele continuava à mesa, Cristo da Última Ceia, o cabelo repartido ao meio, o rosto brilhante, as mãos rosadas uma sobre a outra, a me olhar com seus olhos quentes e volúveis.

— Chore por um deles, ao menos um! — disse ele. Sua voz ficou irada. — Será pedir muito? Que uma morte seja lamentada entre tantas? — Levantou-se da mesa. Parecia tremer de raiva. Cobri o rosto com o lenço, soluçando. — Por um mendigo sem nome que fazia um barco de cama não temos lágrimas temos e nossa linda Bianca não sofrerá por termos bancado o jovem Adônis em sua cama! E não choramos por nenhum daqueles a não ser por este, o pior de todos, sem dúvida, porque ele nos lisonjeia, não é! — Eu o conhecia — murmurei — Quer dizer, nesse espaço de tempo, conheci-o e...

— E queria que os outros corressem de você, anônimos como raposas na moita! — Apontou para as tapeçarias representando a Caçada da Corte. — Olhe com olhos de homem para o que lhe mostrei.

A sala escureceu de repente, as muitas velas bruxulearam. Levei um susto, mas foi apenas ele que veio postar-se à minha frente olhando para mim, um ser febril e rubro cujo calor eu podia sentir como se cada poro seu exalasse um hálito quente.

— Mestre — gritei, engolindo os soluços. — Está feliz com o que me ensinou ou não? Está feliz com o que aprendi ou não! Não brinque comigo em relação a isso! Não sou seu boneco. Não, isso nunca. O que quer que eu seja, então? Por que essa raiva? — Estremeci todo, as lágrimas realmente jorrando de meus olhos. — Eu queria ser forte para você, mas... eu o conheci.

— Por quê? Por que ele o beijou? a mão esquerda e puxou-me para ele. — Marius, pelo amor de Deus!

Ele abaixou, agarrou meu cabelo com violência e Ele me beijou. Como Martino havia me beijado, sua boca igualmente humana e quente. Ele escorregou a língua na minha, e não senti sangue mas sim paixão máscula. Seu dedo ardia em meu rosto.

Desvencilhei-me dele. Ele me soltou.

— Ah, volte para mim, meu branco frio, meu deus — murmurei. Deitei o rosto em seu peito. Dava para ouvir seu coração. Eu o ouvia bater. Eu nunca ouvira isso, nunca ouvira uma pulsação dentro da capela de pedra de seu corpo. — Volte para mim, professor indiferente. Eu não sei o que você quer.

— Ah, meu querido-murmurou ele. — Ah, meu amor. — E lá veio a velha chuva diabólica de seus beijos, não o fingimento de um homem apaixonado, mas sim sua afeição, macia como pétalas, tantos tributos deixados em meu rosto e meu cabelo. — Ah, meu lindo Amadeo, ah, meu filho — disse ele. — Quero que me ame — murmurei. — Quero que me ame e me leve para dentro de você. Sou seu.

Em silêncio, ele me abraçou. Adormeci em seus ombros. Uma leve brisa entrou, mas não balançou as pesadas tapeçarias em que senhores e damas franceses passeavam em sua floresta eternamente verde, entre cães que estariam sempre latindo e pássaros que estariam sempre cantando. Finalmente, ele me soltou e recuou. Afastou-se de mim, cabisbaixo, encurvado. Então,

chamou-me com um gesto preguiçoso, no entanto, saiu da sala depressa demais.

Desci a escadaria de pedra correndo atrás dele até a rua. As portas estavam abertas quando chegamos lá. O vento frio secou minhas lágrimas. Tirou o calor maligno da sala. Corri atrás dele pelo cais e pelas pontes até a praça. Só o alcancei quando cheguei ao Molo, e lá estava ele caminhando, um homem alto de capa e capuz vermelhos, já depois de São Marcos e na direção do porto. Corri atrás dele. O vento do mar estava gelado e fortíssimo. As rajadas me levavam e eu me sentia duplamente purificado.

— Não me deixe, Mestre — gritei. Minhas palavras foram engolidas, mas ele ouviu. Ele parou, como se realmente fosse por minha causa. Virou-se e esperou que eu o alcançasse, e então pegou a mão que eu estendia. — Mestre, ouça a minha lição — falei. — Julgue meu trabalho. — Recobrei o fôlego às pressas e prossegui. — Vi-o beber daquelas pessoas malignas, sentindo-se culpado de um grande crime. Vi-o tomar o sangue com o qual precisa viver. E, à sua volta, existe esse mundo perverso, essa selva de homens que não são melhores que os animais. Esses homens que produzirão para você um sangue doce e rico como sangue inocente. Estou vendo. É isso o que você pretendia que eu visse, e conseguiu. Seu rosto estava impassível. Ele apenas me estudou. Parecia que aquela sua febre ardente estava passando. Os archotes ao longo das arcadas ao longe iluminavam seu rosto, que embranquecia e estava duro como nunca. Os navios rangiam no porto. Ouviam-se murmúrios e choros talvez dos insones ou dos que nunca dormem. Olhei para o céu, receando ver a claridade fatal. Ele já teria partido.

— Se eu beber uma coisa dessas, Mestre, o sangue dos maus e daqueles que eu dominar, ficarei como você?

Ele balançou a cabeça negando.

— Muitos homens já beberam sangue de outro homem, Amadeo — o tom de sua voz era baixo porém calmo. Ele estava de novo de posse de seu juízo, sua maneira de ser, o que parecia ser sua alma. — Você ficaria comigo e seria meu pupilo e meu amor?

— Sim, Mestre, para sempre, ou pelo tempo que a natureza nos der. — Ah, não falei em sentido figurado. Somos imortais. E só um inimigo pode nos destruir: é o fogo que arde naquele archote ali, ou no sol nascente. É doce pensar que, quando afinal estivermos cansados de todo esse mundo, há o sol nascente. — Sou seu, Mestre. — Abracei-o e tentei vencê-lo com beijos. Ele os suportou, e até sorriu, mas não se mexeu.

Porém quando parei e cerrei o punho direito como se fosse lhe dar um soco, coisa que eu jamais faria, para meu espanto, ele começou a ceder. Virou-se e me estreitou naquele seu abraço forte e sempre cuidadoso. — Amadeo, não posso continuar sem você — falava num tom baixo e desesperado. — Eu pretendia lhe mostrar o mal, não um esporte. Pretendia lhe mostrar o preço perverso de minha imortalidade. E mostrei. Mas, ao mostrar, eu mesmo vi esse preço, e meus olhos estão ofuscados e estou magoado e cansado.

Encostou a cabeça na minha, e me abraçou com força.

— Faça o que quiser comigo, Mestre. Faça-me sofrer e desejar o sofrimento, se for o que você quiser. Sou o seu bobo. Sou seu.

Ele me soltou e me beijou formalmente.

— Quatro noites, meu menino — disse ele. Afastou-se. Beijou os dedos e plantou esse último beijo em meus lábios, e foi-se embora. — Estou indo para um dever antigo. Quatro noites. Até lá.

5

Fiquei sozinho na friagem da madrugada. Fiquei sozinho debaixo de um céu pálido. Eu sabia que não deveria procurá-lo. Deprimidíssimo, voltei pelos becos, cortando caminho por pontezinhas para vagar no coração da cidade desperta, para que eu não sabia. Fiquei um tanto surpreso ao perceber que havia voltado para a casa dos homens assassinados. Fiquei surpreso ao ver a porta da casa ainda aberta, como se a qualquer momento fosse aparecer um criado. Ninguém apareceu. Lentamente, o céu foi clareando e se tingindo de um azul esmaecido. Uma névoa pairava ao longo do canal. Atravessei a pontezinha, entrei na casa e subi. Uma claridade embaçada entrava pelas venezianas. Encontrei o

salão de banquetes onde as velas ainda ardiam. O cheiro de fumo, cera e comida picante estava próximo e impregnava o ar. Não se ouvia outro som senão o zumbido das moscas. O vinho derramado secara na mesa formando poças. Os cadáveres estavam livres de todas aquelas marcas furiosas da morte.

Tornei a ficar enjoado, trêmulo de tão enjoado. E respirei fundo para não vomitar. Então percebi por que viera. Os homens naquela época usavam capas curtas sobre as jaquetas, às vezes presas, como você deve saber. Eu precisava de uma, e peguei-a, arrancando-a do corcunda, que estava quase deitado de cara no chão. Era uma fulgurante capa amarelo-canário debruada de raposa branca e forrada de seda pesada. Amarrei suas pontas formando um saco e corri a mesa dos dois lados recolhendo as taças, esvaziando-as antes de guardá-las no saco. Logo o saco ficou vermelho com as sobras do vinho e a gordura da mesa onde eu o pousava. Quando terminei, esperei para certificar-me de que não me escapara nenhuma taça. Eu pegara todas. Estudei os defuntos — meu ruivo Martino adormecido, o rosto no mármore nu, numa poça de vinho, e Francisco, de cuja cabeça escorria um filete de sangue escuro. As moscas zumbiam em cima do sangue como da gordura em volta dos restos do assado de porco. Um batalhão de besourinhos pretos, muito comuns em Veneza pois vêm na água, atravessava a mesa rumo ao rosto de Martino. Uma luz silenciosa e cálida entrava pela porta. Amanhecera. Dei uma olhada geral, que gravou em minha mente os detalhes desta cena para todo o sempre, e fui para casa.

Os rapazes estavam acordados e ocupados quando cheguei. Um velho carpinteiro já estava lá, consertando a porta que eu destruíra a machadadas. Entreguei à criada aquele saco volumoso cheio de taças chacoalhando, e ela, sonolenta e tendo acabado de chegar, o pegou sem comentários. Senti uma tensão por dentro, uma sensação súbita e desagradável de que eu iria explodir. Meu corpo parecia pequeno demais, um continente demasiado imperfeito para tudo o que eu sabia e sentia. Minha cabeça latejava. Eu queria me deitar, mas primeiro precisava falar com Riccardo. Precisava encontrar os tu precisava. Andei a casa toda até

deparar com eles, reunidos para uma aula com o jovem advogado que vinha de Pádua só umas duas vezes por mês para nos iniciar no direito. Riccardo viu-me à porta e fez sinal para que eu ficasse calado. O professor estava falando.

Eu não tinha nada a dizer. Apenas fiquei encostado na porta, olhando meus amigos. Eu os amava. Sim, eu os amava. Daria a vida por eles! Eu sabia disso, e com um alívio tremendo comecei a chorar. Riccardo viu que eu me afastava e, saindo da sala, veio a mim.

— O que foi, Amadeo? — perguntou.

Eu estava alucinado demais com meu próprio tormento. Tornei a ver o jantar do massacre. Virei-me para Riccardo e estreitei-o em meus braços, reconfortado com seu calor e sua textura humana comparada à do Mestre, e contei-lhe que daria a vida por ele, por qualquer um deles, pelo Mestre também.

— Mas por que, o que é isso, por que me confessar isso agora? — perguntou ele.

Eu não podia lhe contar sobre o massacre. Não podia lhe contar sobre a minha frieza diante dos homens morrendo.

Fui para o quarto do Mestre, deitei-me e tentei dormir.

No fim da tarde, quando acordei com as portas fechadas, levantei da cama e fui para a escrivaninha do Mestre. Para meu espanto, vi o livro ali, o livro que ficava sempre escondido. Obviamente eu não podia folheá-lo, mas estava aberto numa página toda escrita em latim, e embora parecesse um latim estranho, e difícil para mim, não havia como interpretar errado as palavras finais:

“Como pode tanta beleza esconder um coração tão ferido e inflexível, e por que preciso amá-lo, por que preciso apoiar-me com minha fraqueza em sua força irresistível ainda que indômita? Não é ele o espírito funéreo e murcho de um morto vestido de criança?”

Senti uma dormência estranha no couro cabeludo e nos braços. É isso que eu era? Um coração ferido e insensível! O espírito funéreo e murcho de um morto vestido de criança? Ah, mas eu não poderia negar isso; não poderia dizer que não fosse verdade. E no entanto quão doloroso, quão definitivamente cruel parecia. Não,

cruel, não, simplesmente implacável e preciso, e com que direito eu esperava qualquer outra coisa?

Comecei a chorar.

Deitei em nossa cama, como era meu costume, e afofei os travesseiros mais macios, fazendo um ninho para meu braço esquerdo dobrado e minha cabeça. Quatro noites. Como iria eu resistir a isso? O que ele queria de mim? Que eu me lançasse para todas as coisas que eu conhecia e amava e me retirasse delas como um garoto mortal. Era isso que ele mandaria. E o que eu devia fazer. O destino me concedia só umas poucas horas. Fui acordado por Riccardo, que pôs na minha cara um bilhete lacrado. — Quem enviou isso? — perguntei sonolento. Sentei-me na cama e , enfiando o polegar na dobra do papel, rompi o lacre.

— Leia e me conte. Quatro homens vieram entregá-lo. Um grupo de quatro.

Deve ser uma coisa importantíssima.

— É-concordei desdobrando o papel —, e para fazê-lo ficar tão assustado também. Ele ficou ali em pé de braços cruzados. Li.

“Meu querido e adorado, Fique dentro de casa. Em hipótese nenhuma saia de casa, e barre quem tentar entrar. Seu perverso lorde inglês, o marquês de Harlech, descobriu sua identidade por meio dos expedientes mais inescrupulosos, e, em sua loucura promete levá-lo de volta com ele para a Inglaterra ou deixá-lo desfeito à porta de seu Mestre. Confesse tudo a seu Mestre. Só a força dele pode salvá-lo. E mande-me mesmo alguma coisa escrita, ou eu também perderei a cabeça por sua causa, e por causa das histórias de horror contadas hoje de manhã em cada canal e cada praça para todos ouvirem.

Sua dedicada Bianca.”

— Bem, droga — suspirei dobrando a carta. — Marius vai passar quatro dias fora, e agora isso. Deverei me esconder debaixo desse teto durante essas quatro noites cruciais?

— É melhor — disse Riccardo.

— Então você sabe da história.

— Bianca me contou. O inglês, depois de localizá-lo aqui e ter ouvido dizer que você estava aqui o tempo todo, ia destruir a casa dela se os convidados todos não o tivessem detido.

— E porque não o mataram, pelo amor de Deus — disse eu enojado. Ele pareceu preocupadíssimo e solidário.

— Acho que contavam com o nosso Mestre para isso — disse — já que é você que o homem deseja. Como pode ter certeza de que o Mestre vai passar quatro noites fora? Quando ele já disse esse tipo de coisa? Ele entra e sai sem avisar ninguém.

— Humm, não discuta comigo — respondi pacientemente. — Riccardo, ele vai passar quatro noites sem vir aqui, e eu não vou ficar trancado nessa casa, não enquanto Lorde Harlech provocar baixaria.

— É melhor você ficar aqui ! — respondeu Riccardo. — Amadeo, esse inglês é um espadachim famoso. Pratica com um mestre do esgrima. É o terror das tabernas. Você viu isso quando o conheceu. Pense no que faz. Ele é famoso pelo que é negativo, não por nada de positivo.

— Então venha comigo. Você só precisa distraí-lo e eu o pego.

— Não, você é um bom espadachim, de fato, mas não conseguirá pegar um homem que já treinava com a espada antes de você nascer.

Deitei-me novamente no travesseiro. O que eu deveria fazer? Estava louco para sair no mundo, louco para olhar as coisas com essa grande noção de teatralidade e significação de meus últimos dias entre os vivos, e agora isso! E o homem que valera algumas noites de prazer violento sem dúvida estava apregoando aos quatro ventos seu descontentamento.

Parecia ruim, mas eu precisava ficar em casa. Não havia o que fazer. Eu queria muito matar esse homem, matá-lo eu mesmo com meu punhal ou minha espada, e embora eu tivesse uma boa chance para isso, o que era essa aventura insignificante diante do que me esperava quando o Mestre voltasse? O fato era que eu já havia deixado o mundo das coisas normais, o mundo das contas a acertar, e não poderia ser atraído para uma tolice capaz de me privar do

estranho destino para o qual eu caminhava. — Muito bem, e Bianca está a salvo desse homem? — perguntei a Riccardo.

— Bastante. Ela tem tantos admiradores que não cabem na porta de sua casa, e pôs todos contra ele e a seu favor. Agora, escreva-lhe um bilhete de agradecimento sensato e me jure também que vai ficar dentro de casa.

Levantei-me e fui para a escrivaninha do Mestre. Peguei a pena. Fui detido por um barulho terrível, seguido por uma série de gritos agudos e irritantes. Os gritos ecoavam pelas salas de pedra da casa. Ouvei uma correria. Riccardo deu um pulo, alerta, e segurou o punho da espada. Peguei minhas armas, desembainhando meu florete e meu punhal.

— Meu bom Jesus, o homem não pode estar aqui em casa.

Um grito terrível abafou os outros.

O menor de nós, Giuseppe, apareceu à porta lívido, os olhos arregalados.

— O que diabos está havendo? — perguntou Riccardo, segurando-o.

— Ele foi ferido. Olhe, está sangrando! — eu disse.

— Amadeo, Amadeo — meu nome ecoava na escadaria de pedra. Era a voz do inglês. O garoto se dobrava de dor. O ferimento era na barriga, da maior crueldade.

Riccardo estava fora de si.

— Feche as portas! — gritou.

— Como posso fazer isso — retruquei —, quando os outros rapazes podem topa com ele?

Corri para o salão e para o portego, o grande salão da casa. Outro rapaz, Jacope, estava todo encolhido, ajoelhado no chão. Vi o sangue escorrendo nas pedras.

— Ah, isso não é justo; isso é um massacre de inocentes! — gritei. — Lorde Harlech, apareça. Você vai morrer.

Ouvei Riccardo gritar atrás de mim. O menino obviamente estava morto.

Corri para a escada.

— Lorde Harlech, estou aqui! — gritei. — Apareça, seu covarde selvagem, seu assassino de crianças! Tenho uma mó

pronta para seu pescoço! Riccardo me fez girar.

— Lá, Amadeo — murmurou. — Estou com você. — Sua espada zuniu quando ele a sacou. Ele era muito melhor espadachim do que eu, mas esta batalha era minha.

O homem estava no fundo do portego. Eu esperava que ele estivesse embriagado e trôpego, mas não tive essa sorte. Vi num instante que qualquer sonho de me levar à força que ele porventura tivesse já se esvanecera. Ele matara dois garotos e sabia que sua luxúria o levava a essa situação fatal. Este dificilmente era um inimigo incapacitado pelo amor.

— Meu Jesus, ajude-nos! — murmurou Riccardo.

— Lorde Harlech! — gritei. — Você tem a ousadia de transformar a casa de meu Mestre em matadouro! — Afastei-me de Riccardo, abrindo espaço para nós dois, e fiz um gesto para que ele se adiantasse, afastando-se do final da escada. Sopesei o florete. Não era suficientemente pesado. Por Deus, desejei ter treinado mais.

O inglês veio em minha direção, um homem mais alto do que eu havia notado antes, com braços muito compridos, o que seria uma grande vantagem, a capa esvoaçando, os pés calçados com botas pesadas, o florete em riste e o punhal italiano comprido na outra mão. Pelo menos ele não tinha uma espada de verdade e pesada. Embora o enorme salão o fizesse parecer menor, mesmo assim ele era alto e tinha uma exuberante cabeleira cor de cobre. Seus olhos azuis estavam injetados de sangue, mas tinha firmeza no andar e no olhar assassino. Seu rosto estava molhado de lágrimas amargas.

— Amadeo — gritou ele ao entrar no amplo salão. — Você me arrancou o coração do peito enquanto eu estava vivo e respirando, e o levou com você! Estaremos juntos essa noite no Inferno!

6

O alto e comprido portego de nossa casa, a sala de entrada, era um lugar perfeito para se morrer. Não havia nada ali dentro para estragar seu deslumbrante piso de mosaicos com aqueles

círculos de mármore de diversas cores e aquele padrão festivo de flores e passarinhos selvagens em volutas. Tínhamos o campo inteiro para lutar, sem nenhuma cadeira no caminho para nos impedir de matar um ao outro. Avancei no inglês antes de ter tido tempo de admitir de fato que eu ainda não era muito bom espadachim, nunca demonstrara jeito para aquilo e não tinha idéia do que o Mestre gostaria que eu fizesse agora, isto é, o que me aconselharia a fazer se ali estivesse. Fiz várias investidas ousadas contra lorde Harlech, que ele defendeu com tanta facilidade que eu deveria ter desanimado. Mas quando achei que iria recobrar o fôlego e talvez até fugir, ele me acertou uma punhalada no braço esquerdo. O corte doeu e me enfureceu. Tornei a atacá-lo, agora conseguindo com muita sorte atingi-lo na garganta. Foi apenas um arranhão, mas sangrava copiosamente em sua túnica, e ele ficou com tanta raiva quanto eu de ter-se cortado. — Seu diabinho desgraçado e horroroso — disse. — Você me fez adorá-lo para me atrair e me esquartejar a seu bel-prazer. Prometeu que voltaria! De fato, ele usou esse tipo de barragem verbal o tempo todo em que lutamos. Parecia precisar disso, como se fosse o tambor e o píforo que incitavam os soldados.

— Venha agora, seu anjinho desprezível, vou cortar essas suas asas! gritou.

Ele me fez recuar com uma saraivada rápida de golpes. Tropecei, desequilibrei-me e caí, mas consegui me levantar, aproveitando que estava abaixado para acertá-lo perigosamente perto do escroto enquanto me punha de pé, o que o sobressaltou. Investi contra ele, sabendo agora que arrancar aquilo não levava a nada. Ele se esquivou de minha lâmina, riu de mim e me acertou com o punhal, agora no rosto.

— Porco! — gritei antes de conseguir me deter. Eu não sabia que era tão vaidoso. No rosto, nada menos que isso. Ele o cortara. Meu rosto. Senti o sangue jorrando como jorra de ferimentos na face, e tornei a investir contra ele, agora esquecendo todas as regras do duelo e golpeando o ar com minha espada numa série alucinada e furiosa de círculos. Então, enquanto ele se defendia freneticamente à direita e à esquerda, abaixei-me rapidamente e

cravei-lhe o punhal no ventre, rasgando-o para cima até ser detido por seu cinturão de couro incrustado de ouro. Recuei enquanto ele procurava me massacrar com as duas armas. Então ele largou-as e, como fazem os homens, levou as mãos ao ferimento que expelia ar. Caiu de joelhos.

— Acabe com ele! — gritou Riccardo. Ficou recuado, como um homem honrado. — Acabe com ele agora, Amadeo, senão eu acabo. Pense no que ele fez embaixo desse teto.

Ergui a espada. O homem de repente agarrou a dele com a mão ensangüentada e brandiu-a para mim, gemendo, com esgares de dor. Levantou-se e investiu para mim a um só tempo. Pulei para trás. Ele caiu de joelhos. Passava mal e tremia. Largou a espada, tornando a segurar seu ventre ferido. Não morreu, mas não podia continuar lutando. — Ah, Deus-disse Riccardo. Agarrou seu punhal. Obviamente conseguiria liquidar o homem desarmado.

O inglês caiu de lado, encolhendo-se. Fazia esgares e deitou a cabeça no chão de pedra, com uma expressão formal ao respirar fundo. Lutava com uma dor terrível e a certeza de que iria morrer.

Riccardo adiantou-se e encostou a ponta da espada no rosto de lorde Harlech.

— Ele está morrendo, deixe-o morrer — falei. Mas o homem continuava respirando. Eu queria matá-lo, queria mesmo, mas era impossível matar alguém deitado ali assim tão plácido e tão corajoso. Seu olhar assumiu uma expressão sábia, poética.

— E então isso termina aqui — disse ele num tom baixo que talvez Riccardo nem tenha ouvido.

— Sim, termina — disse eu.

— Acabe nobremente com isso.

— Amadeo, ele assassinou as duas crianças! — gritou Riccardo.

— Pegue seu punhal, lorde Harlech! — chutei a arma para ele.

Empurrei-a bem em sua mão. — Pegue-a, lorde Harlech. — O sangue me escorria pelo rosto e pelo pescoço, viscoso, fazendo cócegas. Era insuportável. Eu preferia limpar meus ferimentos a me incomodar com meu oponente.

Ele virou de barriga para cima. O sangue saía de sua boca e de suas entranhas. O rosto estava molhado e brilhante, e a respiração, muito difícil. Ele parecia jovem de novo, jovem como parecera ao me ameaçar, um garoto que crescera demais com uma chamejante cabeleira encaracolada. — Pense em mim quando começar a suar, Amadeo — disse ele, num tom ainda baixo, e agora rouco. — Pense em mim quando perceber que sua vida também terminou.

— Passe-o na espada — murmurou Riccardo. — Ele pode levar dois dias para morrer com esse ferimento.

— E você não terá os dois dias — retrucou lorde Harlech do chão, arquejando —, com os cortes envenenados que lhe fiz. — Está sentindo nos olhos? Seus olhos estão ardendo, não, Amadeo? O veneno entra no sangue e ataca primeiro os olhos. Está tonto?

— Seu filho da mãe — disse Riccardo. Ele espetou o florete no homem, uma vez, duas, três, por cima da túnica. Lorde Harlech contraiu o rosto. Pestanejou, e de sua boca saiu uma última gota de sangue. Estava morto. — Veneno? — murmurei. — Veneno na lâmina? — instintivamente, levei a mão ao corte que ele me fizera no braço. Meu rosto, porém, trazia o ferimento mais profundo.

— Não toque na espada dele. Veneno!

— Ele estava mentindo, venha, deixe-me lavá-lo-falou Riccardo.— Não há tempo a perder.

Ele tentou tirar-me dali.

— O que vai fazer com ele, Riccardo! O que podemos fazer! Estamos aqui sem o Mestre. Há três mortos nessa casa, talvez mais. Enquanto eu falava, ouvi passos nos dois extremos do grande salão. Os meninos estavam saindo dos esconderijos, e com eles vi um dos professores, que aparentemente os estava mantendo fora do caminho. Eu estava dividido quanto a isso. Mas os meninos eram todos crianças, e o professor andava desarmado, era um erudito indefeso. Os garotos mais velhos todos já haviam saído, como era o costume pela manhã. Ou assim pensei. — Vamos, precisamos levar todos eles para um lugar decente — eu disse.

— Não toquem nas armas. — Fiz sinal para os pequenos se aproximarem.

Vamos levá-lo para o melhor quarto, venha. E os meninos também. Enquanto se esforçavam para obedecer, alguns dos meninos começaram a chorar.

— Você, dê uma mão aqui! — disse eu ao professor. — Cuidado com as armas envenenadas. — Ele arregalou os olhos para mim.

— É sério. É veneno.

— Amadeo, você está todo sangrando! — gritou ele em pânico. — Que armas envenenadas? Santo Deus, salve a nós todos!

— Ah, pare com isso — interrompi. Mas já não conseguia agüentar aquela situação, e, enquanto Riccardo se encarregava de transportar os corpos, corri para o quarto do Mestre para cuidar de meus ferimentos.

Na pressa, derramei toda a água do gomil na bacia, e peguei uma toalha para aparar o sangue que me escorria do pescoço para dentro da camisa. Uma sujeira viscosa.

Praguejei. Minha cabeça flutuava, e quase caía. Segurando a borda da mesa, disse a mim mesmo que não fosse o bobo de lorde Harlech. Riccardo tinha razão. Lorde Harlech inventara aquela mentira sobre o veneno! Envenenar a lâmina, pois sim!

Mas enquanto eu me dizia isso, vi um arranhão, aparentemente feito por seu florete no dorso de minha mão direita. Minha mão inchava como se tivesse sido picada por um inseto venenoso. Toquei em meu braço e em meu rosto. Os ferimentos estavam inchando grandes vergões formando-se atrás dos cortes. A tonteira voltou. O suor escorria de mim para dentro da bacia, que agora estava cheia de uma água vermelha que parecia vinho. — Ah, meu Deus, o Diabo fez isso comigo — disse eu. Virei-me e o quarto inteiro começou a adernar e a balançar. Cambaleei.

Alguém me segurou. Nem sequer vi quem era. Tentei dizer o nome de Riccardo, mas a língua estava grossa em minha boca.

Sons e cores misturaram-se num borrão quente e pulsante. Então, com uma clareza espantosa, vi o baldaquim bordado da cama do Mestre no alto. Riccardo estava em cima de mim. Ele falava comigo depressa e num tom algo desesperado, mas eu não conseguia entender o que ele dizia. Na verdade, parecia que ele

falava uma língua estrangeira, bonita, muito doce e melodiosa, mas eu não entendia uma palavra.

— Estou com calor — eu disse. — Estou ardendo, estou tão quente que não dá para agüentar. Preciso de água. Ponha-me na banheira do Mestre. Ele não pareceu de todo ter-me ouvido. Continuava com aquele seu discurso óbvio. Senti sua mão em minha testa, e ela me queimava, positivamente me queimava. Pedi-lhe que não encostasse em mim, mas isso ele não ouviu, e nem eu! Eu nem estava falando. Eu queria falar, mas minha língua estava muito pesada e muito grande. você vai pegar o veneno, eu queria dizer. Não conseguia. Fechei os olhos. Felizmente, adormeci. Vi um grande mar fervilhando, na costa da ilha do Lido, cheio de ameias e lindo ao sol do meio-dia. Eu estava flutuando nesse mar, talvez numa pequena barca, ou então boiando de costas mesmo. Eu não sentia a água propriamente dita, mas parecia que não havia nada entre mim e aquelas ondas suaves que eram grandes e lentas e fáceis e me levavam para cima e para baixo. Ao longe, uma grande cidade reluzia na costa. Primeiro achei que fosse Torcello, ou até Veneza, e que eu havia sido virado de alguma forma e ia boiando no rumo da ilha. Então vi que era muito maior que Veneza, com grandes torres pontiagudas espelhadas, como se fossem inteiramente de vidro. Ah, era tão lindo.

— Estou indo para lá? — perguntei.

As ondas pareciam me envolver, não como se estivessem me afogando, mas sim como se fossem apenas um cobertor pesado de luz silenciosa. Abri os olhos. Vi o vermelho do baldaquim de tafetá lá em cima. Vi a franja dourada pregada no cortinado de veludo da cama, e depois vi Bianca Solderini ali. Ela segurava um pano.

— Não havia veneno suficiente naquelas lâminas para matá-lo-disse ela. — O veneno só o deixou indisposto. Agora, me escute, Amadeo, você precisa respirar com convicção e ter força de vontade para lutar contra essa indisposição e ficar bom. Você precisa pedir ao próprio ar para fortalecê-lo, e ter fé nisso, isto é, precisa respirar fundo e lentamente, sim, exatamente, e precisa perceber que esse veneno está saindo em seu suor, e não deve acreditar nesse veneno, e não deve ter medo.

— O Mestre saberá — disse Riccardo. Parecia esgotado e infeliz, e seus lábios tremiam. Seus olhos estavam marejados. Ah, sinal agourento, com certeza. — O Mestre saberá de alguma forma. Ele sabe de tudo. O Mestre interromperá a viagem e voltará para casa.

— Lave o rosto dele — disse Bianca calmamente. — Lave o rosto dele e fique calado.

Como era corajosa!

Eu mexia a língua mas não conseguia articular palavras. Queria dizer que eles precisavam me avisar quando o sol se pusesse, pois só então o Mestre poderia chegar. Era certo que havia uma chance. Só então. Ele poderia aparecer.

Virei a cabeça para outro lado, evitando-os. O pano me queimava. — Devagarinho, com calma — disse Bianca. — Inspire, sim, e não tenha medo.

Passei um bom tempo ali deitado, pairando logo abaixo do estado de consciência plena, e agradecido pelo fato de suas vozes não serem estridentes, e o contato deles não ser dos mais terríveis, mas suar era horrível, e eu estava desesperado para me refresca.

Agitei-me e tentei me levantar uma vez, mas fiquei terrivelmente enjoado, a ponto de vomitar. Com grande alívio, percebi que eles haviam me deitado de costas.

— Segure minhas mãos — disse Bianca, e senti seus dedos segurando os meus, tão pequenos e tão quentes, quentes como tudo mais, quente como o Inferno, pensei, mas eu estava enjoado demais para pensar em Inferno, enjoado demais para pensar em qualquer coisa senão vomitar as entranhas numa bacia e chegar a algum lugar fresco. Ah, abram as janelas, abram as janelas para o frio entrar. Não me importo, abram! Parecia bastante desagradável que eu pudesse morrer, e nada mais. Sentir-me melhor era muito mais importante, e nada me perturbava em relação à minha alma ou a qualquer mundo que estivesse por vir. Então, bruscamente, tudo mudou.

Senti-me subir, como se alguém tivesse me puxado da cama pela cabeça e quisesse fazer-me passar pelo baldaquim e pelo teto do quarto. De fato, olhei para baixo, e para meu grande espanto vi-

me deitado na cama. Vi-me como se não tivesse baldaquim sobre meu corpo para bloquear a visão. Eu parecia muito mais bonito do que jamais pensara ser. Entenda, isso era absolutamente imparcial. Eu não exultava com minha própria beleza. Só pensei: que lindo rapaz. Como foi bem aquinhoado por Deus! Olhe para suas mãos esguias e delicadas, como elas jazem ao lado dele, e olhe para o ruivo fechado de seu cabelo. E aquele era eu o tempo todo, e eu não sabia disso nem pensava nisso, nem imaginava que efeito causava naqueles que me viram enquanto eu circulava na vida.

Eu não acreditava em suas lisonjas. Só tinha desprezo por sua paixão. De fato, até o Mestre antes parecera um ser fraco e desiludido por jamais ter me desejado.

Mas eu agora entendia por que as pessoas tinham de certa forma enlouquecido. O garoto morrendo ali na cama, o garoto que era a causa das lágrimas ali naquele amplo quarto, o garoto parecia a personificação da pureza e a personificação da juventude à beira da vida.

O que não fazia sentido para mim era a comoção no quarto. Por que todo mundo estava chorando? Vi um padre à porta, um padre que eu conhecia de uma igreja próxima e eu podia ver que os meninos discutiam com ele e não queriam deixá-lo perto de mim enquanto eu estava na cama, receando que eu tivesse medo.

Tudo aquilo parecia uma embrulhada sem sentido. Riccardo não devia torcer as mãos. Bianca não devia trabalhar tanto com aquele pano molhado e aquelas palavras meigas mas obviamente desesperadas. Ah, pobre criança, pensei. Você poderia ter tido um pouco mais de compaixão por todo mundo se soubesse como era lindo, e poderia ter se achado um pouquinho mais forte e capaz de ganhar algo para você mesmo. Por isso, você pregou peças astutas naqueles que o cercavam, porque não acreditava em você mesmo nem sequer sabia quem era. Parecia muito claro o erro disso tudo. Mas eu estava indo embora desse lugar! A mesma correnteza que havia me sugado daquele lindo corpo jovem que jazia na cama me puxava para dentro de um túnel de vento feroz e uivante.

O vento rodopiava em volta de mim, encerrando-me e estreitando-me completamente nesse túnel, mas eu conseguia ver

outros seres ali que observavam enquanto estavam presos no turbilhão e eram levados pela fúria incessante desse vento. Vi olhos me fitando. Vi bocas abertas como que em agonia. Fui sendo puxado cada vez mais para cima nesse túnel. Não senti medo, mas senti uma fatalidade. Eu não podia me ajudar.

Esse foi seu erro quando você estava naquele garoto ali embaixo, peguei-me pensando. Mas isso realmente não tem jeito. E, como concluí, cheguei ao fim desse túnel. Ele se dissolveu. Eu estava na costa daquele lindo mar fervilhante. Eu não estava molhado das ondas, mas eu as conhecia, e disse em voz alta: "Ah, estou aqui, cheguei em terra! Olhe, lá estão as torres de vidro." Quando ergui os olhos, vi que a cidade estava longe, depois de uma série de colinas verdejantes, e que uma trilha levava a ela, e que o caminho era deslumbrantemente florido de ambos os lados. Eu nunca vira flores daquele tipo, nunca vira aquelas formas e aquelas formações de pétalas, e nunca vira aquelas cores na vida. Não havia nomes no cânone artístico para aquelas cores. Eu não podia nomeá-las com os poucos rótulos fracos e inadequados que eu conhecia.

Ah, iriam os pintores de Veneza algum dia se espantar com essas cores, pensei. E imaginar como elas transformariam nosso trabalho, como inflamariam nossos quadros se ao menos pudessem ser descobertas em alguma fonte que pudesse ser transformada em pigmento e misturada com nossos óleos. Mas que coisa inútil ! Já não era mais necessário pigmento. Toda a glória que a cor pudesse realizar estava aqui revelada nesse mundo. Eu via isso nas flores; via na relva diversa. Via no céu infinito que se erguia lá em cima e por trás da cidade ofuscante ao longe, e o céu também cintilava com sua grande harmonia de cores, misturando-se e tremeluzindo como se as torres dessa cidade antes fossem de uma milagrosa energia vicejante do que de matéria ou massa morta terrena.

Uma grande gratidão emanava de mim; todo o meu ser entregou-se a essa gratidão.

— Senhor, agora estou vendo — disse eu em voz alta. — Vendo e entendendo. — Naquele instante realmente me pareciam muito claras as implicações dessa beleza variada e cada vez maior,

desse mundo pulsante e radioso. Era algo tão impregnado de significação que tudo era respondido, tudo era inteiramente solucionado.

Murmurei a palavra “sim” repetidas vezes. Balançava a cabeça afirmativamente, e depois achei um absurdo me dar ao trabalho de dizer com palavras qualquer coisa que fosse.

Uma grande força emanava da beleza. Essa força me cercava como se fosse o ar ou uma brisa ou a água, mas não era nada disso. Era muito mais rarefeita e difusa, e, embora me sustentasse com um poder incrível, era invisível e não tinha pressão nem forma palpável. A força era o amor. Ah, sim, pensei, é o amor, é o amor completo, e, em sua completude, o amor dá sentido a todas as coisas que já conheci na vida, cada decepção, cada mágoa, cada passo em falso, cada abraço, cada beijo não passava de um vislumbre dessa aceitação e desse bem sublime, pois os maus passos me mostraram o que me faltava, e as coisas boas, os abraços, me mostraram um lampejo do que o amor poderia ser.

Minha vida absolutamente toda, sem excluir nada, ganhou sentido com esse amor, e, ao me maravilhar com esse fato, aceitando-o completamente e sem pressa nem questionamento, iniciou-se um processo milagroso. Minha vida inteira veio a mim na forma de todas as pessoas que eu já conhecera.

Vi minha vida desde os primeiros momentos ao instante que me levava até ali. Não era uma vida terrivelmente notável; não tinha grandes segredos nem reviravoltas nem matérias prenhes que tivessem transformado meu coração. Pelo contrário, era apenas uma série de milhares de acontecimentos insignificantes, e esses acontecimentos envolviam todas as almas que eu já tocara; agora eu via os sofrimentos que eu infligira e as palavras ditas por mim que trouxeram alívio, e vi o resultado das coisas mais sem importância que eu fizera. Vi o salão de banquetes dos florentinos, e, novamente no meio deles, vi a solidão que os levou à morte. Vi o isolamento e a tristeza de suas almas enquanto lutavam para continuar vivos.

O que eu não conseguia ver era o rosto do Mestre. Não conseguia ver quem ele era. Não conseguia enxergar dentro de sua

alma. Mas isso não tinha importância. Na verdade, só percebi depois, quando tentei recontar tudo. O que importava agora era só que eu entendia o que significava querer bem aos outros e querer bem à vida propriamente dita. Percebi o que significava quando eu pintava paisagens, não as paisagens rubras e sanguinolentas e vibrantes de Veneza, mas sim aquelas em estilo bizantino antigo, que antes fluíam do meu pincel com tanta naturalidade e perfeição. Vi então que eu pintara coisas maravilhosas e vi os efeitos do que eu pintara... e pareceu então que uma quantidade imensa de informações me inundava. De fato, aquilo era de uma riqueza tão grande e tão fácil de compreender que senti uma enorme alegria leve.

O conhecimento era parecido com o amor e com a beleza; de fato, percebi com uma grande felicidade triunfante que isso tudo — o conhecimento, o amor e a beleza — era uma coisa só.

— Ah, sim, como alguém podia não ver isso. É tão simples! — pensei. Tivesse eu um corpo com olhos, eu teria chorado, mas seria um pranto doce. De qualquer forma, minha alma venceu todas as coisas pequenas e enervantes. Fiquei quieto, e o conhecimento, os fatos, por assim dizer, as centenas e centenas de pequenos detalhes que eram gotículas transparentes de um fluido mágico que me percorria e me penetrava, enchendo-me e se esvaindo para dar lugar a mais daquela grande chuva de verdade — tudo isso pareceu desaparecer de repente.

7

Lá longe estava a cidade de vidro e, mais além, um céu azul, azul como o céu de meio-dia, só que ostentava todas as estrelas conhecidas. Saí para a cidade. De fato, saí com tal ímpeto e tal convicção que foram necessárias quatro pessoas para me segurar. Parei. Estava espantado. Mas eu conhecia esses homens. Eram padres, velhos padres de minha terra natal, que haviam morrido muito antes de eu sequer ter atendido a meu chamado, que estava bem claro para mim, e eu sabia seus nomes e como eles haviam

morrido. Na verdade, eram os santos de minha cidade e das grandes catacumbas de onde eu vivera.

— Por que me seguram — perguntei. — Onde está meu pai? Ele está aqui agora, não? — Mal fiz essa pergunta, vi meu pai. Ele estava exatamente igual ao que sempre fora.

Era um homem grande e hirsuto, vestido de couro para caçar, com uma grande barba grisalha e cabelos grossos e fulvos, da cor do meu. Seu rosto estava corado por causa do vento frio, e seu lábio inferior aparecia entre o bigode grosso e a barba grisalha, estava úmido e rosado da forma como eu lembrava. Seus olhos continuavam com aquele tom de porcelana azul brilhante. Dava aquele seu aceno descompromissado e cordial e sorria. Parecia exatamente como se estivesse saindo para os campos, apesar do conselho e das advertências de todos, sem medo nenhum dos mongóis ou tártaros que o atacavam. Afinal de contas, ele estava com aquele seu grande arco, o arco que só ele conseguia encordoar, como se fosse um herói mítico das grandes estepes, e tinha suas próprias flechas pontiagudas e seu grande sabre com o qual podia cortar a cabeça de um homem com um golpe só.

— Pai, por que eles estão me segurando? — perguntei.

Ele parecia vidrado. Seu sorriso simplesmente desapareceu e seu rosto ficou totalmente inexpressivo, e depois, para minha tristeza, para minha grande tristeza e meu grande choque, ele desapareceu totalmente e sumiu. Os padres a meu lado, os homens com aquelas longas barbas grisalhas e aqueles hábitos negros, falaram comigo baixinho num tom solidário e disseram:

— Andrei, ainda não está na hora de você vir.

Eu estava profundamente angustiado, profundamente. Na verdade, estava tão triste que não conseguia articular palavras de protesto. Na verdade, eu entendia que nenhum protesto que eu pudesse fazer era relevante, e então um dos padres me deu a mão.

— Não, com você é sempre assim — disse. — Pergunte.

Ele não movia os lábios ao falar, mas não era necessário. Eu o ouvia claramente e sabia que ele não queria o meu mal. Era incapaz de uma coisa dessas.

— Então por que não posso ficar? — perguntei. — Por que não podem me deixar ficar quando eu quero e quando vim de tão longe.

— Pense em tudo o que você viu. Você sabe a resposta.

E eu precisava confessar que de repente não sabia a resposta. Era complexa e no entanto profundamente simples, e tinha a ver com todo o conhecimento que eu adquirira.

— Você não pode levar isso de volta com você — disse o padre.

Esquecerá todas as coisas específicas que aprendeu aqui. Mas lembre a lição geral de seu amor pelos outros, e o amor deles por você, o crescimento do amor na própria vida à sua volta, isso é o que importa. Parecia uma coisa maravilhosa e abrangente! Não parecia um simples clichê insignificante. Parecia algo tão imenso, tão sutil, e no entanto tão completo que todas as dificuldades mortais desmoronariam diante de sua verdade.

Fui imediatamente devolvido a meu corpo. Voltei a ser imediatamente o garoto de cabelos fulvos morrendo na cama. Senti uma dormência nas mãos e nos pés. Contorci-me, e minhas costas arderam terrivelmente. Eu estava em chamas, suando e me contorcendo como antes, só que, agora, estava com os lábios todos rachados e a língua cortada e cheia de bolhas.

— Água — pedi. — Água, por favor.

Ouviram-se soluços baixos das pessoas que me cercavam. Misturavam-se com risadas e expressões de assombro. Eu estava vivo, e eles acharam que eu estivesse morto. Abri os olhos e olhei para Bianca.

— Não vou morrer agora — eu disse.

— O que é, Amadeo?-perguntou ela. Abaixou-se e encostou o ouvido em meus lábios.

— Não está na hora — eu disse.

Trouxeram-me vinho branco fresco. Estava misturado com mel e limão.

Sentei-me e bebi aquilo tudo aos goles.

— Isso não basta — disse eu baixinho, fraco, mas eu estava adormecendo. Afundei-me nos travesseiros e senti o pano de Bianca passar em minha testa e meus olhos. Que doce mercê era

aquilo, e quão imensamente nobre para dar aquele pequeno conforto, que era o mundo inteiro para mim. O mundo inteiro. O mundo inteiro. Eu esquecera o que havia visto do outro lado! Abri os olhos. Lembre-se, pensei desesperadamente. Mas eu lembrava vivamente do padre, como se tivesse acabado de falar com ele em outra sala. Ele dissera que eu não podia lembrar. E havia muito mais coisas, infinitamente mais, coisas que só meu mestre poderia entender.

Fechei os olhos. Dormi. Os sonhos não conseguiam chegar a mim. Eu estava doente demais, com muita febre, mas, à minha maneira, estendido sobre uma consciência da cama úmida e quente e o ar indolente embaixo do baldaquim, sobre as palavras indistintas dos rapazes e a doce insistência de Bianca, dormi mesmo. As horas soavam. Eu sabia que horas eram, e aos poucos fui sentindo algum conforto no sentido de que fui me acostumando com o suor que me melava a pele e a sede que me machucava a garganta, e fiquei deitado sem protestar, divagando, esperando o Mestre chegar.

Tenho tantas coisas para lhe contar, pensei. Você vai saber sobre a cidade de vidro! Preciso explicar isso logo... mas eu não conseguia lembrar direito. Um pintor, sim, mas que tipo de pintor, e como, e meu nome? Andrei? Quando haviam me chamado assim?

Lentamente por sobre a minha consciência do leito de doente e do quarto úmido caiu o véu escuro do Paraíso. Espalhadas em todas as direções estavam as estrelas sentinelas, luzindo esplendorosamente sobre as torres refulgentes da cidade de vidro, e nessa semi-sonolência, agora auxiliadas pela mais calma e mais feliz ilusão, as estrelas cantavam para mim.

Cada qual, de sua posição fixa na constelação e no vazio, emitia um precioso som cintilante, como se grandes cordas fossem tangidas no interior de cada orbe incandescente por meio de suas revoluções brilhantes transmitidas para todo o universo.

Sons como eu nunca ouvira com meus ouvidos terrenos. Mas não há protesto que possa se aproximar dessa música etérea e translúcida, essa harmonia e essa sinfonia de celebração.

“Senhor, se sois música, isso seria a vossa voz, e contra vós jamais poderia prevalecer qualquer discordância. Vós com isso purificaríeis de todo ruído inconveniente o mundo comum, a expressão mais plena de vosso desígnio mais intrincado e maravilhoso, e toda banalidade se esvaneceria, esmagada por essa perfeição retumbante.”

Essa foi minha prece, minha prece sincera, vindo numa língua antiga, com a maior intimidade e a maior naturalidade enquanto eu dormia. Fiquem comigo, formosas estrelas, implorei, e façam com que eu nunca procure compreender essa fusão de luz e som, mas apenas me dêem a ela completa e inquestionavelmente.

As estrelas cresceram e ficaram infinitas em sua fria luz majestosa, e lentamente a noite se foi, permanecendo uma única claridade gloriosa e autogerada. Sorri. Senti meu sorriso com dedos cegos sobre meus lábios, e enquanto a luz ficava mais clara e cada vez mais próxima, como se fosse um oceano de claridade, senti um grande frescor salvador por todos meus membros.

— Não se esvança, não desapareça, não me deixe. — Meu murmúrio seria uma coisinha triste. Afundei a cabeça latejante no travesseiro.

Mas terminara o tempo dessa claridade imponente e avassaladora, e agora ela precisava sumir e deixar a luz comum de velas bruxulear contra meus olhos semicerrados, e eu precisava ver a escuridão suave em volta de minha cama e objetos simples, como um rosário de contas de rubi e cruz de ouro colocado sobre minha mão direita, e, ali à minha esquerda, um livro de orações, as páginas dobrando-se delicadamente com a brisa leve que também agitava o tafetá macio em sua moldura de madeira lá em cima.

Quão encantador era mesmo tudo isso, essas coisas simples e comuns que formavam esse momento silencioso e elástico. Aonde foram minha encantadora enfermeira de pescoço de cisne e meus camaradas chorosos? A noite os teria vencido e confinado ao local em que dormiam, a fim de que eu pudesse acalentar esses momentos calmos de vigília?

Eu tinha mil recordações vivas na mente.

Abri os olhos. Todos tinham ido embora, exceto um que estava sentado a meu lado na cama, olhando-me com olhos sonhadores e distantes, de um azul frio, olhos muito mais claros que um céu de verão, fixos em mim com uma luz próxima e facetada, tão vazios e indiferentes.

Meu mestre ali, de braços cruzados, parecendo um estranho assistindo àquela cena como se nada pudesse atingir sua grandeza cinzelada. A expressão desprovida de sorriso em seu rosto parecia estar ali desenhada para sempre.

— Impiedoso! — murmurei.

— Não, ah, não — disse ele. Seus lábios não se moveram. — Mas me conte a história inteira de uma vez. Descreva essa cidade de vidro.

— Ah; sim, falamos nisso, não? daqueles padres que disseram que eu precisava voltar, e daquelas pinturas antiqüíssimas, que achei tão lindas. Não feitas por mãos humanas, entende, mas sim pelo poder de que fui investido, o qual me foi transmitido, e bastava eu pegar o pincel e lá estavam a Virgem e os santos para eu descobrir.

— Não se desfaça dessas formas antigas — disse ele, e de novo seus lábios não davam sinal da voz que tão distintamente eu ouvia, uma voz que atingia meus ouvidos como nenhuma outra voz humana poderia atingir, com aquele tom, aquele timbre. — Pois formas mudam, e o racional de hoje não passa da superstição de amanhã, e naquela antiga contenção está uma grande intenção sublime, uma pureza infatigável. Mas me conte mais uma vez sobre a cidade de vidro.

Suspirei.

— Você viu o vidro fundido, como eu vi-repliquei-, saindo do fogo, uma massa incandescente numa temperatura terrivelmente alta presa à haste de ferro, uma coisa que derrete e escorre para que a vara de condão do artista possa puxá-la e esticá-la, ou enchê-la de ar para formar um vaso perfeitamente arredondado. Bem, era como se esse vidro saísse da própria Mãe Terra úmida, uma torrente jorrando para as nuvens, e, desses grandes jatos líquidos, tivessem nascido as torres repletas da cidade de vidro —

sem imitar qualquer forma construída pelo homem, mas perfeitas como a força aquecida da terra naturalmente ordenara, em cores inimagináveis.

Quem vivia num lugar desses? Quão longínquo parecia, e no entanto completamente atingível. A poucos minutos a pé por doces colinas de relva macia e tremulantes flores folhudas dos mesmos tons fantásticos, uma aparição silenciosa, estrondosa e impossível.

Olhei para ele, porque eu estivera olhando de novo para minha visão. — Diga-me o que essas coisas significam — pedi. — Onde é esse lugar, e por que fui autorizado a vê-lo?

Ele suspirou com tristeza, olhou para o outro lado e tornou a olhar para mim, a expressão alheia e inflexível como antes, só que agora eu via em seu rosto o sangue que, mais uma vez, como na noite passada, era bombeado de veias humanas cheio de calor humano, e sem dúvida fora seu último repasto naquela mesma noite.

— Você nem vai sorrir agora enquanto diz adeus? — perguntei. — Se essa frieza amarga agora é só o que você sente, e você vai me deixar morrer dessa febre violenta? Estou morto de enjôo, você sabe. Sabe a náusea que estou sentindo, sabe a dor dentro de minha cabeça, sabe a dor em todas minhas juntas e como esses cortes ardem em minha pele com esse veneno incontestável. Por que você está tão distante, e no entanto está aqui, de volta, para sentar a meu lado e não sentir nada?

— Sinto o amor que sempre senti quando olho para você, meu menino, meu filho, meu amor doce e duradouro. Eu sinto. Está guardado aqui dentro onde deve estar, talvez, e pode morrer, pois você vai morrer, sim, e então talvez seus padres venham pegá-lo, pois como podem não pegar quando não há volta?

— Ah, mas e se houver muitas terras? E se, na segunda queda, eu me sentir ainda em outra costa, com enxofre subindo da terra fervente e não a beleza que primeiro me foi revelada? Estou sofrendo, essas lágrimas estão escaldantes. Tanta coisa está perdida. Não posso me lembrar. Parece que falo muito essas coisas. Não consigo lembrar!

Estiquei o braço. Ele não se moveu. Minha mão ficou pesada e caiu no livro de orações esquecido. Senti a textura dura das páginas sob meus dedos.

— O que matou seu amor? Foram as coisas que eu fiz? Eu ter trazido para cá o homem que assassinou meus irmãos? Ou eu ter morrido e visto essas maravilhas? Responda-me.

— Eu ainda o amo. Sempre amarei por todas as minhas noites e todos os meus dias adormecidos. Seu rosto é uma jóia que me foi dada, que não posso esquecer nunca, embora possa perdê-la tolamente. Seu brilho há de me torturar para sempre. Amadeo, pense de novo nisso, abra sua mente como se ela fosse uma concha e deixe-me ver a pérola de tudo o que lhe ensinaram.

— Você consegue, Mestre? Consegue entender como o amor e somente o amor pode significar tanto e como o mundo todo deveria ser feito de amor? As próprias folhas de relva, a folhagem das árvores, os dedos dessa mão que o procuram? Amor, Mestre. Amor. E quem acreditará em coisas assim simples e imensas quando há credos e filosofias inteligentes e labirínticos de complexidade criada pelo homem e sempre sedutora? Amor. Escuto-o, vejo-o. Isso foi o delírio de uma mente febril, uma mente com medo da morte?

— Talvez — disse ele, o rosto ainda impassível e imóvel. Seus olhos eram estreitos, prisioneiros da própria rejeição daquilo que viram. — Ah, sim — disse ele. — Você morre e eu lhe aviso, e acho que talvez para você só haja uma costa, e aí você encontrará de novo seus padres, sua cidade.

— Não é a minha hora — respondi. — Eu sei. E uma afirmação dessas não pode ser desfeita simplesmente por algumas horas. Quebre o relógio. Eles queriam dizer, pela vida encarnada de uma alma, não estava na hora. Um destino gravado na minha mão infantil não se realizará tão cedo nem será vencido facilmente.

— Posso mudar as coisas, meu filho — disse ele. Dessa vez seus lábios se moveram. Seu rosto adquiriu um corado suave e doce e seus olhos se arregalaram, sem estar na defensiva, aquela pessoa antiga que eu conhecia e por quem tinha carinho. — Posso tão facilmente tirar a força que ainda lhe resta.

Debruçou-se sobre mim. Vi os minúsculos matizes nas pupilas de seus olhos, as estrelas brilhantes e pontiagudas por trás das íris escuras. Seus lábios, tão maravilhosamente decorados com todas as miúdas linhas dos lábios humanos, eram rosados, como se um beijo humano lá residisse. — É tão fácil para mim tomar um último gole fatal de seu sangue de menino, um derradeiro trago de todo o frescor de que tanto gosto, e em meus braços terei um cadáver de tamanha beleza que todos os que o virem chorarão, e esse corpo não me dirá nada. Você se foi, isso eu sei, e nada mais.

— Diz essas coisas para me torturar? Mestre, se eu não puder ir lá, quero estar com você!

Seus lábios tremiam em franco desespero. Ele parecia um homem, e só isso, o sangue rubro de cansaço e tristeza pairando no canto de seus olhos. Sua mão, agora esticada para tocar meu cabelo, tremia. Peguei-a como se fosse um galho alto e balouçante de uma árvore. Levei seus dedos a meus lábios como se fossem um punhado de folhas e beijei-os. Virando a cabeça, coloquei-os em meu rosto ferido. Senti o latejar do corte envenenado embaixo deles. Porém, com nitidez, senti um forte tremor dentro deles.

Pisquei.

— Quantos morreram essa noite para alimentá-lo?-murmurei. — E como é possível isso, e o amor ser exatamente a coisa de que o mundo é feito? Você é bonito demais para passar despercebido. Estou perdido. Não consigo entender. Mas será que poderia esquecer, se de agora em diante eu tivesse de viver como um simples rapaz mortal?

— Você não pode viver, Amadeo — retrucou com tristeza. — Não pode viver! — A voz dele falseou. — O veneno penetrou muito fundo em você, e pequenas gotas do meu sangue não podem alcançá-lo. — Seu rosto estava angustiado. — Menino, eu não posso salvá-lo. Feche os olhos. Tome meu beijo de despedida. Não há amizade entre mim e aqueles na costa distante, mas eles precisam tomar o que morre tão naturalmente. — Mestre, não! Mestre. Não posso tentar isso sozinho, Mestre, eles me mandaram de volta, e você está aqui, e estava preso a mim, e como eles podiam não ter sabido?

— Amadeo, eles não se importavam. Os guardas dos mortos são de uma indiferença poderosa. Eles falam de amor, mas não de séculos de ignorância que provoca os maiores erros. Que estrelas são essas que cantam tão lindamente quando o mundo inteiro está definhando em dissonância? Eu gostaria que você forçasse a mão deles, Amadeo. — Naquela dor, sua voz quase mudou de tom. — Amadeo, com que direito eles me encarregam do seu destino?

Dei uma risadinha triste.

A febre me sacudiu. Uma grande onda de enjôo me dominou. Se eu me mexesse ou falasse, sentia um terrível engulho que me sacudia à toa. Eu preferia a morte a sentir isso.

— Mestre, eu sabia que você faria uma poderosa análise desse assunto disse eu.

Tentei não sorrir com uma expressão amarga ou sarcástica, mas sim procurar a verdade simples. Respirar agora estava difícil. Parecia que eu poderia deixar de respirar sem qualquer incômodo. Lembrei-me dos incentivos todos de Bianca.

— Mestre — disse eu —, não há nesse mundo horror sem redenção final. — Sim, mas para alguns — enfatizou ele — qual é o preço de uma salvação dessas? Amadeo, como eles ousam me requisitar para os desígnios obscuros deles! Oxalá fossem ilusões. Não fale mais sobre a luz maravilhosa deles. Não pense nisso.

— Não, Mestre? E para conforto de quem limpo tanto a minha mente? Quem está morrendo aqui?

Ele sacudiu a cabeça.

— Vá em frente, esprema as lágrimas de sangue de seus olhos — disse eu. — E que morte está esperando, Mestre, pois me disse que até para você não era impossível morrer? Explique-me se ainda resta algum tempo antes que toda a luz que eu venha a conhecer saia de mim e a terra devore a jóia encarnada que, para você, deixou a desejar.

— Nunca deixou — murmurou ele.

— Então venha, aonde vai, Mestre? Mais conforto, por favor. Quantos minutos ainda tenho?

— Não sei — murmurou ele. Virou-se para o outro lado e abaixou a cabeça. Eu jamais o vira tão abatido.

— Deixe-me ver sua mão — disse eu num tom fraco. — Há bruxas enrustidas que, na penumbra das tabernas de Veneza, ensinaram-me a ler as linhas da mão. Vou lhe dizer a data provável de sua morte. Dê-me sua mão. Eu mal podia ver. Uma névoa descera sobre todas as coisas. Mas eu estava sendo sincero.

— Você chega muito tarde — retrucou ele. — Já não há mais linhas. — Ele me mostrou a palma da mão. — O tempo apagou o que os homens chamam de destino. Não tenho nenhum.

— Sinto muito que você vá — disse eu. Virei a cabeça para o outro lado, deitando-a no linho fresco do travesseiro. — Você me deixaria agora, amado mestre? Eu preferiria a companhia de um padre e de minha velha enfermeira se você não a tiver mandado para casa. Eu o amei de todo o coração, mas não desejo morrer em sua companhia superior. Através de uma névoa, vi seu vulto aproximando-se de mim. Senti suas mãos segurarem meu rosto e virá-lo para ele. Vi o brilho de seus olhos azuis, chamus gélidas, indistintas porém ardendo ferozmente.

— Muito bem, meu lindo. Este é o momento. Quer vir comigo e ser como eu? — Sua voz era rica e tranqüilizadora, embora cheia de dor.

— Sim, eternamente seu.

— Eternamente para viver em segredo do sangue do malfeitor, como eu vivo, e guardar esses segredos até o fim do mundo, se preciso for. — Farei isso. Eu quero.

— Para aprender comigo todas as lições que eu puder dar.

— Sim, todas.

Ele me levantou da cama. Tropecei nele, a cabeça girando e doendo de tanto que gritei.

— Só um pouquinho, meu amor, meu amor jovem e terno — disse ele em meu ouvido.

Fui posto dentro da água morna do banho, despido com delicadeza de minhas roupas, a cabeça cuidadosamente encostada na borda ladrilhada. Deixei os braços boiarem na água. Senti a água lambendo meus ombros. Ele apanhava punhados de água para me banhar. Primeiro banhou o meu rosto e depois o resto. Seus dedos duros e sedosos passavam em meu rosto. — Nem um

só fio de barba ainda, e no entanto você tem dotes de homem lá embaixo, e agora precisa superar os prazeres que tanto amou. — Farei isso — murmurei.

Um ardor terrível açoitou meu rosto. O talho foi aberto. Tentei tocar na ferida, mas ele segurou minha mão. Foi só o sangue dele que caía na chaga. E enquanto a carne comichava e ardia, senti o ferimento fechando. Fez o mesmo com o arranhão em meu braço e depois com o pequeno arranhão no dorso de minha mão. De olhos fechados, rendi-me ao prazer sinistro e paralisante daquilo. Ele tornou a me tocar, afagando suavemente meu peito, minhas partes íntimas, examinando primeiro uma perna, depois a outra, procurando a menor fissura ou falha na pele, talvez. Novamente aqueles calafrios de prazer me dominaram. Senti que me tiravam da água, embrulhavam em panos quentes, e depois senti aquele vento que significava que ele estava me carregando, que se movia mais rápido do que qualquer espião poderia ver. Senti meus pés nus pisarem o chão de mármore, e, com a febre que eu tinha, esse choque frio era muito gostoso.

Ficamos no estúdio. Estávamos de costas para o quadro em que ele estivera de árvores rodeava duas figuras fustigadas pelo vento. A mulher era Daphne, os braços erguidos transformando-se nos galhos do louro, já cheio de folhas, os pés como raízes que procuravam as profundezas da terra escura embaixo dela. E atrás dela, o belo e desesperado deus Apolo, um campeão de cabelos dourados e membros musculosos, chegando atrasado para impedir que ela fugisse mágica e freneticamente de seus braços ameaçadores, impedir aquela metamorfose fatal.

— Veja as nuvens indiferentes lá em cima — murmurou o Mestre em meu ouvido. Apontou para os raios de sol que ele pintara com mais habilidade do que os homens que diariamente olham para aquilo. Disse palavras que eu confiara a Lestat há tanto tempo quando lhe contei minha história, palavras que ele salvou tão implacavelmente das poucas imagens dessa época que consegui lhe dar.

Ouçõ a voz de Marius quando repito essas palavras, as últimas que eu jamais ouviria enquanto mortal:

— Este é o único sol que você jamais tornará a ver. Mas um milênio de noites será seu para ver uma luz como mortal nenhum jamais viu, para roubar das estrelas distantes, como se você fosse Prometeu, uma iluminação infinita para entender todas as coisas.

E eu, que enxergara uma luz celestial muito mais maravilhosa naquele reino do qual eu fora afastado, só desejava que ele a eclipsasse agora para sempre.

8

Os salões íntimos do Mestre: uma sucessão de aposentos em que ele havia coberto as paredes com cópias impecáveis das obras daqueles pintores que ele tanto admirava — Giotto, Fra Angélico, Bellini.

Estávamos na sala da grande obra de Benozzo Gozzoli, da Capela Medici em Florença: A procissão dos magos. Na metade do século, Gozzoli criara essa visão, revestindo com ela três paredes da câmara sagrada. Mas meu Mestre, com aquela memória e habilidade sobrenaturais, ampliara a grande obra, unindo o conjunto e pendurando-o numa só parede de sua imensa e larga galeria. Perfeita com a obra original de Gozzoli avultava-se esta, com suas hordas de jovens florentinos lindamente vestidos, cada rosto pálido um estudo de inocência pensativa, montados em cavalos deslumbrantes seguindo a magnífica figura do jovem Lourenço de Medici em pessoa, um rapaz de cabelos castanho-claros macios e encaracolados que lhe chegavam aos ombros, e um rubor carnal nas faces brancas. Com uma expressão tranqüila, suntuoso naquela jaqueta dourada de mangas fendidas, montado num cavalo branco lindamente ajaezado, ele parecia contemplar com indiferença o espectador do quadro. Não havia um detalhe da pintura indigno do outro. Até os arreios e as mantas do cavalo eram um maravilhoso trabalho em ouro e veludo, à altura das mangas justas da túnica de Lourenço e de suas botas vermelhas de cano longo.

Mas o encantamento da pintura emanava com mais força do rosto dos rapazes, bem como dos poucos velhos que compunham a

grande procissão, todos com bocas pequenas e olhando para os lados, como se um olhar direto fosse quebrar o encanto. Eles iam seguindo rumo a Belém, passando por castelos e montanhas.

Para iluminar esta obra-prima, havia dezenas de candelabros de prata acesos dos dois lados da sala. As grossas velas brancas da mais pura cera de abelha emitiam uma claridade suntuosa. Lá em cima, uma selva gloriosa de nuvens pintadas cercava uma formação oval de santos que flutuavam tocando as mãos estendidas uns dos outros enquanto nos olhavam com benevolência. Não havia nenhum móvel cobrindo aquele chão polidíssimo de mármore de Carrara rosado. Grandes placas quadradas com volutas de folhas verdes formavam uma borda salteada para esse chão, que, não fosse por essas placas, era liso, intensamente lustroso, agradável de se pisar descalço. Encontrei-me contemplando essa galeria de superfícies gloriosas com a fascinação de um cérebro febril. A procissão dos magos, erguendo-se como se erguia para cobrir toda a parede à minha direita, parecia emitir uma pletora de sons de verdade... o barulho surdo dos cascos dos cavalos, o arrastar dos pés dos homens que caminhavam ao lado dos cavalos, o farfalhar das moitas de flores vermelhas ao fundo e até os gritos dos esparsos caçadores que, com seus cães, seguiam pelas trilhas das montanhas ao longe.

O Mestre estava no meio da sala. Tirara aquelas vestes de veludo vermelho. Vestia apenas um roupão aberto de tecido dourado que lhe chegava até os pés descalços e tinha mangas compridas em forma de sino. Eu vestia um roupão de brilho e simplicidade semelhantes.

— Venha, Amadeo — disse ele.

Eu estava fraco, com sede de água, mal conseguindo ficar em pé. Mas ele sabia disso, e nenhuma desculpa parecia adequada. Fui indo um tanto trôpego passo a passo, até chegar a seus braços.

Suas mãos me afagaram a cabeça.

Ele franziu a boca. Uma terrível e assombrosa sensação de inexorabilidade me invadiu.

— Você agora vai morrer para estar comigo na vida eterna — murmurou ele em meu ouvido. — Em nenhum momento precisa ter

medo. Manterei seu coração a salvo em minhas mãos. Seus dentes cravaram-se profundamente em mim, cruelmente com a precisão de punhais gêmeos, e ouvi meu coração bater.

Meus intestinos mesmos se contraíram, e senti um nó no estômago. No entanto, um prazer selvagem percorreu todas minhas veias, um prazer dirigido aos ferimentos em meu pescoço. Eu sentia meu sangue correr para o Mestre, para sua sede e minha morte inevitável. Até minhas mãos estavam paralisadas, vibrando. Na verdade, de repente, eu parecia ser apenas um mapa de circuito elétrico, todo aceso, como se o Mestre, com um ruído baixo, óbvio e cauteloso, bebesse o sangue de minha vida. O barulho de seu coração, lento, regular, um palpar profundo e retumbante, enchia-me os ouvidos.

A dor em meus intestinos transmutou-se em puro êxtase suave; meu corpo perdeu todo o peso, toda a percepção de si mesmo no espaço. Seu coração batia dentro de mim. Minhas mãos sentiam seus longos cachos sedosos, mas eu não os segurava. Eu flutuava, sustentado apenas pelo pulsar insistente do coração e o movimento eletrizante de meu sangue correndo.

— Agora eu morro — murmurei. Esse êxtase não podia durar. Bruscamente, o mundo morreu.

Fiquei sozinho na orla marítima desolada e ventosa.

Era a terra para a qual eu viajara antes, mas que diferença! Faltavam aquele sol fulgurante e aquela profusão de flores. Os padres estavam lá, mas seus hábitos eram empoeirados e escuros e cheiravam a terra. Conhecia esses padres, conhecia-os bem. Sabia seus nomes. Conhecia aqueles seus rostos finos e barbados, o cabelo ralo e oleoso e o chapéu de feltro que usavam. Conhecia o encardido de suas unhas e o vazio faminto de seus olhos encovados e brilhantes. Eles me chamaram. Ah, sim, de volta para meu lugar. Subimos cada vez mais alto até o penhasco da cidade de vidro, e a cidade aparecia ao fundo, à nossa esquerda, e como estava deserta e abandonada. Toda a energia fundida que iluminava aquela profusão de torres transparentes se extinguiu, fora desligada na fonte. Nada restava das cores ardentes exceto um resíduo de tonalidades opacas embaixo de uma extensão amorfa de céu

cinzento e desesperançado. Ah, que tristeza ver a cidade de vidro sem seu fogo mágico.

Uma orquestra de sons emanava da cidade, um tilintar, como vidros se tocando monotonamente. Não era um som musical. Continha apenas um turvo desespero luminoso.

— Ande, Andrei — disse um dos padres para mim.

Sua mão suja de lama seca me tocava e me puxava, machucando meus dedos. Olhei para eles e vi que eram magros e terrivelmente brancos. Minhas falanges brilhavam como se já tivessem sido descarnadas, mas não tinham. Minha pele toda mantinha-se meramente presa a mim, faminta e frouxa como a pele deles.

Diante de nós apareceu o rio, cheio de placas de gelo e grandes emaranhados de paus escuros, alagando a baixada com uma água suja. Tínhamos de atravessá-lo a pé, e a água fria nos machucava. No entanto, seguimos em frente, nós quatro, os três padres guias e eu. No alto erguiam-se os outrora dourados domos de Kiev. Era nossa Santa Sofia, imóvel após os hediondos massacres e conflagrações dos mongóis que arrasaram nossa cidade e todas suas riquezas, todos seus homens e suas mulheres perversos e mundanos.

— Venha, Andrei.

Eu conhecia essa porta. Era do Mosteiro das Covas. Só velas iluminavam essas catacumbas, e o cheiro de terra sobrepujava tudo, até o fedor de suor seco em corpos sujos e doentes.

Eu segurava o cabo áspero de madeira de uma pequena pá. Escavei o monte de terra. Abri a parede macia de cascalho, até me deparar com um homem não morto mas sim sonhando enquanto a terra lhe cobria o rosto. — Ainda está vivo, irmão? — murmurei, para esta pessoa enterrada até o pescoço.

— Ainda, irmão Andrei, dê-me só o que me sustente — disseram os lábios rachados. As pálpebras brancas não se abriram. — Dê-me só isso, a fim de que nosso Senhor e nosso Salvador, o próprio Cristo, escolha a hora em que devo voltar para casa.

— Ah, irmão, como você é corajoso-disse eu. Levei-lhe à boca um cântaro de água. Formou-se lama em seus lábios enquanto ele

bebia. Ele tornou a deitar a cabeça no cascalho macio.

— E você, filho — disse ele respirando com dificuldade, afastando-se muito ligeiramente do cântaro oferecido —, quando terá forças para escolher sua cela de terra entre nós, seu túmulo, e esperar pela vinda de Cristo?

— Logo, eu rogo, irmão — respondi. Recuei. Ergui a pá. Escavei até a próxima cela e logo fui assaltado por um fedor terrível e inconfundível. O padre a meu lado me amparou.

— Nosso bom irmão Joseph está finalmente com o Senhor — disse ele. Acabou-se, descubra o rosto dele para que possamos ver com nossos próprios olhos que ele morreu em paz.

O fedor aumentou. Só seres humanos mortos fedem tanto. É o cheiro das tumbas e das carroças desoladas vindo daqueles bairros onde a peste estava no auge. Receei ficar enjoado. Mas continuei cavando, até afinal desenterrarmos a cabeça do morto. Calvo, um crânio revestido de pele encolhida.

Ouviram-se as preces dos irmãos atrás de mim.

— Tape isso, Andrei.

— Quando terá coragem, irmão? Só Deus pode dizer-lhe quando...

— Coragem de quê!

— Conheço essa voz explosiva, esse homem de ombros largos correndo pela catacumba. Não há como confundir seu cabelo e sua barba avermelhados, seu gibão de couro e suas armas penduradas no cinto de couro.

— É isso o que vocês fazem com meu filho, o pintor de ícones?

Ele me agarrou pelo ombro, como fizera mil vezes, com aquela mesma pata imensa que me batia até eu perder os sentidos.

— Solte-me, por favor, seu animal ignorante — murmurei. — Estamos na casa de Deus.

Ele me arrastou e caí de joelhos. Meu hábito estava rasgando, o tecido preto se esgarçando.

— Pai, pare e vá embora — disse eu.

— No fundo dessas covas para enterrar um garoto que pinta bem como os àtejos!

— Irmão Ivan, pare com essa gritaria. É Deus quem deve decidir o que cada um de nós fará.

Os padres correram atrás de mim. Fui arrastado para a sala de trabalho. Havia fileiras de ícones pendurados no teto, cobrindo toda a parede em frente. Meu pai atirou-me na cadeira perto da mesa grande e pesada. Ergueu o castiçal de ferro com sua vela bruxuleante e queixosa para acender todas as outras velas em volta. A iluminação incendiou sua barba volumosa. Longos pêlos cinzentos saltavam de suas sobrancelhas grossas, penteados para cima, diabólicos.

— Você age como o bobo da cidade, pai — murmurei. — É um milagre eu não ser também um mendigo imbecil.

— Cale a boca, Andrei. Ninguém lhe ensinou boas maneiras aqui, é óbvio. Você precisa que eu lhe bata.

Deu-me um murro no pé do ouvido. Fiquei com a orelha dormente. — Pensei que já tivesse lhe batido o suficiente antes de trazê-lo para cá, mas não — disse ele, tornando a me bater.

— Sacrilégio! — exclamou o padre, pairando acima de mim. — O garoto está consagrado a Deus.

— Consagrado a um bando de malucos — disse meu pai. Tirou um pacote do casaco. — Seus ovos, irmãos! — disse com desprezo. Largou o couro macio e tirou um ovo. — Pinte, Andrei. Pinte para lembrar a esses doidos que você ganhou o dom do próprio Deus.

— E é o próprio Deus quem pinta o quadro — protestou o padre, o presbítero, cujo cabelo, de tão sebooso, estava quase preto. Ele passou entre mim e meu pai. Meu pai pousou todos os ovos menos um. Debruçando-se sobre uma tigela de barro em cima da mesa, ele quebrou a casca desse, separando cuidadosamente a gema e deixando o resto cair em seu pedaço de couro.

— Olhe só, gema pura, Andrei. — Ele suspirou e depois jogou a casca quebrada no chão. Pegou a jarrinha e juntou água à gema.

— Misture, misture suas tintas e pinte. Lembre-se destas...

— Ele pinta quando Deus o chama para trabalhar-declarou o presbítero, e quando Deus o chama para se enterrar, para viver a vida do recluso, do eremita, ele se enterra.

— Como o Diabo — disse meu pai. — O próprio príncipe Michael pediu um ícone da Virgem. Andrei, pinte! Pinte-me três que eu possa dar ao príncipe o ícone que ele pede e levar os outros para o longínquo castelo do primo dele, o príncipe Feodor, como ele pediu.

— Esse castelo foi destruído, pai — disse eu com desprezo. — Feodor e todos os homens dele foram massacrados pelas tribos selvagens. Você não encontrará nada lá nas terras selvagens, só pedra. Pai, você sabe disso tão bem quanto eu. Já fomos suficientemente longe para ter podido constatar essa destruição.

— Iremos se o príncipe quiser-disse meu pai-e deixaremos o ícone nos galhos da árvore mais próxima do local em que o irmão dele morreu. — Futilidade e loucura — disse o presbítero. Outros padres entraram na sala. Houve muita gritaria.

— Fale claramente comigo e deixe a poesia de lado! — gritou meu pai. Deixe meu garoto pintar. Andrei, misture suas tintas. Faça suas preces, mas comece.

— Pai, você me humilha. Eu o desprezo. Tenho vergonha de ser seu filho. Não sou seu filho. Não serei seu filho. Cale essa sua boca imunda do contrário não pintarei nada.

— Ah, esse é o meu garoto dócil, com mel escorrendo da língua, e as abelhas que deixaram o mel ali deixaram o ferrão também.

Ele me bateu de novo. Dessa vez fiquei tonto, mas recusei-me a levar a mão à cabeça. Meu ouvido latejava.

— Orgulhoso de você mesmo, Ivan, o Idiota! — eu disse. — Como posso pintar quando não consigo ver e nem sequer sentar na cadeira?

Os padres gritavam. Discutiam entre si.

Tentei concentrar-me na pequena fileira de jarras de barro prontas para a gema e a água. Finalmente comecei a misturar a gema com a água. Melhor trabalhar e deixá-los de fora. Eu ouvia a risada satisfeita de meu pai.

— Agora, mostre a eles, mostre a eles o que eles pretendem emparedar vivo ; na lama.

— Pelo amor de Deus — disse o presbítero.

— Pelo amor de imbecis idiotas — disse meu pai. — Não basta ter um grande pintor. Vocês precisam ter um santo. — Você não sabe o que seu filho é.

Foi Deus quem o guiou para trazê-lo aqui.

— Foi dinheiro — disse meu pai.

Ouviram-se exclamações de indignação dos padres.

— Não minta para eles — disse eu com voz abafada. — Você sabe muito bem que foi orgulho.

— Sim, orgulho — disse meu pai — de que meu filho pudesse pintar o Rosto de Cristo ou de Sua Santa Mãe como um mestre! E vocês, a quem entrego esse gênio, são ignorantes demais para ver isso.

Pôs-se a triturar os pigmentos de que eu precisava, o pó avermelhado, e depois misturá-lo bem com a gema e a água até cada pequeno fragmento se dissolver e a tinta ficar lisa e perfeitamente fina e homogênea. Para o amarelo e depois para o vermelho.

Brigavam por minha causa. Meu pai levantou a mão para o presbítero, mas eu não me dei ao trabalho de olhar. Ele não teria coragem. No desespero, chutou minha perna, provocando-me uma câibra, mas fiquei quieto. Continuei misturando a tinta. Um dos padres aproximou-se de mim e colocou uma tábua caiada à minha frente, pronta para receber a imagem sagrada.

Enfim eu estava pronto. Abaixei a cabeça. Fiz o sinal da cruz à nossa moda, tocando primeiro o ombro direito, não o esquerdo.

— Santo Deus, dai-me o poder, dai-me a visão, dai às minhas mãos a educação que só o vosso amor pode dar! — Imediatamente vi o pincel em minha mão sem saber como o havia pegado, e o pincel começou a correr, traçando o rosto oval da Virgem, depois as linhas caídas de seus ombros e depois o esboço de suas mãos cruzadas. Agora, as exclamações que eles emitiam eram elogios à pintura. Meu pai ria de satisfação.

— Ah, meu Andrei, meu geniozinho de Deus ferino, mordaz desagradável e ingrato.

— Obrigado, pai — murmurei com ironia, naquela concentração que parecia um transe, enquanto observava

assombrado o trabalho do pincel. Lá estava o cabelo da Virgem, grudado na cabeça e repartido ao meio. Eu não precisava de nenhum instrumento para traçar a circunferência de sua auréola perfeitamente redonda. Os padres seguravam pincéis limpos para mim. Um segurava um trapo limpo.

Peguei um pincel para a tinta vermelha que então misturei com pasta branca, até ficar no tom certo da carne.

— Isso não é um milagre!

— A questão é exatamente essa — disse o presbítero entre dentes. — É um milagre, irmão Ivan, e ele fará o que Deus mandar.

— Ele não vai se encerrar aqui, seu danado, não enquanto eu for vivo. Ele vem comigo para as terras selvagens.

Caí na gargalhada.

— Pai — eu lhe disse com sarcasmo. — Meu lugar é aqui.

— Ele é a melhor figura da família, e vem comigo para as terras selvagens — disse meu pai aos outros, que estavam em polvorosa protestando e negando.

— Por que coloca essa lágrima no olho de Nossa Santa Mãe, irmão Andrei?

— É Deus que dá a lágrima a ela — retrucou um deles.

— É Nossa Senhora das Dores. Ah, veja as lindas pregas do manto dela.

— Ah, olhe, o menino Jesus! — disse meu pai, e até sua expressão estava reverente. — Ah, pobre menino Deus, prestes a ser crucificado e morrer! — Sua voz estava baixa pela primeira vez e quase meiga. — Ah, Andrei, que dom. Ah, mas olhe, olhe os olhos e a mãozinha da criança, a carne do polegar, a mãozinha dela.

— Até você está tocado pela luz de Cristo — disse o presbítero. — Até um imbecil violento como você, irmão Ivan.

Os padres me rodearam. Meu pai tinha na mão uma porção de jóias faiscantes.

— Para as auréolas, Andrei. Pinte rápido, o príncipe Michael ordenou que partíssemos.

— Loucura, eu lhe digo! — Todos falavam ao mesmo tempo. Meu pai virou-se e ergueu o punho. Olhei para cima, querendo

pegar uma tábua limpa. Minha testa estava molhada de suor. Continuei trabalhando.

Terminara três ícones.

Fiquei na maior felicidade. Era gostoso sentir aquele calor, estar tão consciente disso, e eu sabia, embora não dissesse nada, que meu pai tornara isso possível, meu pai, tão alegre e corado e dominador com aqueles ombros largos e aquela cara brilhante, a quem me era suposto odiar.

A Mater Dolorosa com seu Filho, e a toalha para suas lágrimas, e o próprio Cristo. Cansado, com os olhos embaçados, recostei-me na cadeira. Aquele lugar estava insuportavelmente frio. Ah, se ali tivesse apenas uma pequena lareira. E minha mão, minha mão esquerda estava enregelada. Só a direita estava boa por causa do ritmo com o qual eu trabalhara. Eu queria chupar os dedos da mão esquerda, mas não dava, não ali naquele momento, com todo mundo reunido para elogiar os ícones.

— Magistral. O trabalho de Deus.

Uma terrível noção de tempo me invadiu, a sensação de que eu estivera muito longe desse momento, longe desse Mosteiro das Covas ao qual eu prometera minha vida, longe dos padres que eram meus irmãos, longe de meu pai desbocado e imbecil, que, apesar de sua ignorância, era muito orgulhoso. Lágrimas escorriam de seus olhos.

— Meu filho — disse.

Apertou meu ombro orgulhosamente. Era bonito à sua maneira, um homem bom e forte, sem medo de nada, um verdadeiro príncipe quando estava entre seus cavalos, seus cães e seus seguidores, entre os quais, eu, seu filho, um dia me incluía.

— Deixe-me em paz, seu cretino cabeça dura — disse eu. Sorri para ele para insultá-lo mais. Ele riu. Estava feliz demais, orgulhoso demais para ser provocado.

— Olhem o que meu filho fez. — Sua voz tinha um tom de celação. Ele ia começar a chorar. E nem sequer estava bêbado.

— Não por mãos humanas — disse o padre.

— Não, naturalmente que não! — Explodiu a voz escarninha de meu pai.

— Simplesmente pelas mãos de meu filho Andrei, só isso.

Uma voz aveludada falou em meu ouvido:

— Deseja você mesmo colocar as jóias nas auréolas, irmão Andrei, ou prefere que eu execute essa tarefa?

Olhe, estava terminado, a pasta aplicada, as pedras colocadas, cinco no ícone de Cristo. O pincel estava novamente em minha mão para pintar o cabelo castanho de Cristo, que era repartido ao meio e puxado para atrás das orelhas aparecendo só parcialmente de ambos os lados de seu pescoço. A pena apareceu em minha mão para engrossar e escurecer as letras pretas no livro aberto que Cristo segurava na mão esquerda. O Senhor Deus contemplava, sério e severo da tábua de madeira, a boca vermelha e reta embaixo dos cornos de seu bigode castanho.

— Agora venha, o príncipe está aqui, o príncipe chegou.

Do lado de fora da entrada do mosteiro, a neve caía em rajadas violentas. Os padres ajudaram-me com meu colete de couro, minha jaqueta de carneiro. Afivelaram meu cinto. Era gostoso sentir de novo o cheiro desse couro, respirar ar puro. Meu pai estava com a minha espada. Era pesada e antiga, trazida de alguma batalha que ele travara contra os cavaleiros teutônicos em terras do extremo oriente, as pedras preciosas há muito arrancadas do punho, mas uma ótima espada de combate.

Em meio à névoa, surgiu um vulto a cavalo. Era o próprio príncipe Michael, de chapéu de pele, capa e luvas forradas de pele, o grande senhor que governava Kiev para nossos conquistadores católicos romanos, cuja fé ele não aceitava porém nos deixava viver a nossa vida reservadamente. Vestia uma bela roupa de veludo estrangeiro e ouro, uma figura elegante adequada às cortes reais da Lituânia, das quais ouvíamos histórias fantásticas. Como ele suportava Kiev, a cidade em ruínas?

O cavalo empinou. Meu pai correu para tomar as rédeas e ameaçou o animal como ameaçara a mim.

— O Ícone pai — o príncipe Feodor estava bem — embrulhado em lã para eu carregar. Segurei o punho de minha espada.

— Ah, você não vai levá-lo nessa missão atéia — protestou o presbítero. Príncipe Michael, Excelência, nosso poderoso

governante, diga a esse homem ateu que ele não pode levar o nosso Andrei.

Vi o rosto do príncipe em meio à neve, quadrado e forte, com sobrelanceiras e barba grisalhas e olhos azuis imensos e duros.

— Deixe-o ir, padre — gritou ele para o padre. — O rapaz caça com Ivan desde os quatro anos. Jamais alguém abasteceu minha mesa, e a sua, com tanta fartura, padre. Deixe-o ir.

O cavalo recuou. Meu pai puxou as rédeas. O príncipe Michael soprou a neve dos lábios.

Nossos cavalos foram conduzidos à frente, o imponente garanhão de meu pai com aquele pescoço graciosamente curvo e o cavalo mais baixo que havia sido meu antes que eu viesse para o Mosteiro das Covas.

— Eu voltarei, padre — prometi ao presbítero. — Dê-me sua bênção. O que posso fazer contra esse meu pai delicado, afável e piedosíssimo quando o próprio príncipe Michael ordena?

— Ah, cale essa sua boquinha asquerosa — disse meu pai. — Acha que quero ouvir isso até chegar ao castelo do príncipe Feodor?

— Você vai ouvir isso até o Inferno — declarou o presbítero. Está levando meu melhor noviço para a morte.

— Noviço, noviço para um buraco na terra! Você toma as mãos que pintam essas maravilhas...

— Deus as pintou-murmurei eu com ironia-, e você sabe disso, pai.

Quer parar de exibir sua falta de fé e sua agressividade.

Eu estava montado em meu cavalo. Tinha o ícone amarrado em lã a meu peito.

— Não acredito que meu irmão Feodor esteja morto! — disse o príncipe, tentando controlar a montaria, emparelhando-a com a de meu pai. — Talvez esses viajantes tenham visto alguma outra ruína, algum antigo...

— Nada sobrevive agora nas estepes — protestou o presbítero. — Príncipe, não leve Andrei. Não o leve.

O padre correu ao lado de meu cavalo.

— Andrei, você não encontrará nada. Só capim e árvores balançando ao vento. Deixe o ícone numa árvore. Faça isso pela

vontade de Deus, para que, quando o encontrarem, os tártaros conheçam o Divino poder do Altíssimo. Deixe-o lá para os pagãos. E venha para casa.

A neve caía com tanta violência que eu não conseguia ver-lhe o rosto. Olhei para os domos despídos de nossa catedral, aquele vestígio da glória bizantina deixado pelos invasores mongóis, que agora exigiam seu ganancioso tributo por intermédio de nosso príncipe católico. Quão árida e desolada estava a minha terra natal. Fechei os olhos e desejei o cubículo de barro da cova, o cheiro de terra à minha volta, os sonhos com Deus e com a Sua Bondade que me vinham quando eu estava semi-enterrado. — volte para mim, Amadeo. Volte. Não deixe seu coração parar!

Girei nos calcanhares.

— Quem me chama? — O espesso véu branco da neve dissolveu-se para revelar ao longe a cidade de vidro, escura e brilhante como se aquecida por fogueiras infernais. A fumaça subia para alimentar as nuvens agourentas do céu negro. Dirigi-me para a cidade de vidro. — volte para mim, Amadeo. Não deixe seu coração parar!

Deixei cair o ícone ao tentar controlar minha montaria. A faixa de lã desamarrara. Cavalgamos, cavalgamos. O ícone saiu quicando morro abaixo ao nosso lado, desembrulhado.

Vi o rosto brilhante de Cristo.

Fui pego por braços fortes, que me puxaram para cima como num redemoinho.

— Solte-me — protestei. Olhei para trás. No chão gelado, jazia o ícone, e o olhar fixo e interrogativo do Cristo. Senti dedos firmes apertando meu rosto. Pisquei e abri os olhos. A sala estava aquecida e clara. O rosto conhecido do Mestre assomava bem em cima de mim, seus olhos azuis injetados de sangue.

— Beba, Amadeo — disse ele. — Beba de mim.

Caí de cabeça na garganta dele. A fonte de sangue começara a jorrar.

O sangue borbulhava saindo de sua veia, escorrendo para a gola de seu roupão dourado. Encostei a boca ali. Lambi o sangue. Dei um grito quando o sangue me inflamou.

— Sugue esse sangue de mim, Amadeo. Sugue com força!

Minha boca encheu-se de sangue. Apertei os lábios contra sua pele branca e sedosa para não perder nenhuma gota. Engoli fundo. Num relance obscuro, vi meu pai cavalgando pelas estepes, uma figura imponente vestida de couro, a espada firmemente presa ao cinto, a perna torta, a bota marrom esfolada firme no estribo. Ele virou à esquerda, subindo e descendo garbosamente na sela com as passadas largas de seu cavalo branco.

— Pois bem, deixe-me, seu covarde, seu garoto descarado e miserável! Deixe-me! — Ele olhava para frente. — Rezei para isso, Andrei, rezei para que eles não pegassem você para aquelas catacumbas imundas, aquelas celas escuras na terra. Bem, então minha prece foi atendida! Vá com Deus, Andrei. Vá com Deus. Vá com Deus!

O rosto do Mestre estava enlevado e lindo, uma chama branca contra a luz ondulante de inúmeras velas. Eu o via no alto. Eu estava deitado no chão. Meu corpo cantava com o sangue. Levantei-me, a cabeça girando.

— Mestre.

Ele estava na ponta da sala, descalço no chão rosado e polido, braços estendidos.

— Venha cá, Amadeo, venha cá, para tomar o resto.

Esforcei-me para obedecer. As cores da sala gritavam em volta de mim. Vi a procissão dos magos.

— Ah, isso é tão real, tão absolutamente vivo!

— Venha cá, Amadeo.

— Estou fraco demais, Mestre. Estou desfalecendo, estou morrendo nessa claridade gloriosa.

Fui andando pé ante pé, embora isso parecesse impossível. Ia devagar, chegando cada vez mais perto dele. Tropecei.

— Então engatinhe, venha. Venha cá.

Segurei seu roupão. Eu precisava chegar lá em cima se quisesse o sangue. Estiquei-me e segurei seu braço direito. Levantei-me, encostando naquele tecido dourado até ficar de pé. De novo, abracei-o; de novo encontrei a fonte. Bebi, bebi e bebi. Num jato iluminado, o sangue desceu para minhas entranhas.

Passou por minhas pernas e meus braços. Eu era um Titã. Esmaguei-o embaixo de mim.

— Dê-me esse sangue — murmurei. — Dê-me esse sangue. — O sangue fluía em meus lábios e me descia pela garganta. Era como se suas mãos frias de mármore tivessem tomado meu coração. Eu ouvia esse órgão lutando, batendo, as válvulas se abrindo e fechando, o gorgolejar do sangue de Marius a invadi-lo, o movimento das válvulas ao receber o sangue, aproveitando-o, meu coração ficando cada vez maior e mais forte, minhas veias se assemelhando a uma rede de numerosos tubos metálicos desse fluido potentíssimo.

Deitei no chão. Ele estava de pé a meu lado, de braços abertos para mim.

— Levante, Amadeo. Venha, venha para meus braços. Tome.

Chorei. Solucei. Minhas lágrimas eram vermelhas, e minha mão estava suja de vermelho.

— Ajude-me, Mestre.

— Ajudo, sim. Venha, tente ajudar-se você mesmo.

Eu estava de pé com essa força nova, como se todas as limitações humanas tivessem acabado, como se fossem amarras que se tivessem soltado. Pulei em cima dele, puxando seu roupão para trás, para melhor encontrar o ferimento.

— Faça um ferimento novo, Amadeo.

Mordi, perfurando a carne, e o sangue esguichou em meus lábios.

Pressionei a boca contra o corpo dele.

— Escorra para dentro de mim. . .

Meus olhos se fecharam. Vi as terras selvagens, o capim ao vento, o céu azul. Meu pai cavalgava e cavalgava com o pequeno bando atrás. Seria eu um deles?

— Rezei para você escapar — gritou ele para mim, rindo-, e você escapou. Maldito seja você, Andrei. Maldito seja você e sua língua ferina e suas mãos mágicas de pintor. Maldito seja você, seu pirralho desbocado, maldito seja você. — Ele ria sem parar, e continuava cavalgando, o capim abaixando quando ele passava.

— Pai, olhe! — gritei com esforço. Eu queria que ele visse as ruínas do castelo. Mas estava com a boca cheia de sangue. Eles tinham razão. A fortaleza do príncipe Feodor estava destruída, e o próprio príncipe já se fora há muito. O cavalo de meu pai recuou bruscamente ao chegar no primeiro monte de pedras coberto de mato.

Com um choque, senti o chão de mármore embaixo de mim, tão maravilhosamente quente. Apoiei-me com as duas mãos. Levantei-me. Aquele padrão rosado pululante era tão denso, tão profundo, tão maravilhoso que parecia água congelada para fazer a melhor pedra. Eu poderia ficar eternamente contemplando suas profundezas.

— Levante-se, Amadeo, mais uma vez.

Ah, era fácil levantar agora, alcançar seu braço e depois seu ombro.

Perfurei a carne de seu pescoço. Bebi. O sangue me percorreu todo, revelando de novo com um choque minha forma completa contra a escuridão de minha mente. Vi o corpo do garoto que era meu, com braços e pernas, enquanto eu respirava com essa forma naquele calor e naquela claridade que me envolviam, como se todo o meu ser tivesse se transformado num grande órgão multiporoso para enxergar, ouvir, respirar. Eu respirava com milhões de bocas minúsculas e fortes.

O sangue saciou-me até eu não agüentar mais.

Fiquei diante do Mestre. Em seu rosto, vi apenas a suspeita de cansaço, a mais ínfima dor em seus olhos. Vi pela primeira vez as verdadeiras rugas de sua antiga humanidade em seu rosto, os sulcos inevitáveis no canto de seus olhos serenamente fechados. As pregas de seu roupão brilhavam, a luz propagando-se nelas quando o pequeno gesto do Mestre as agitou. Ele apontou. Apontou para A procissão dos magos.

— Agora sua alma e seu corpo físico estão ligados para sempre — disse ele. — E com seus sentidos vampíricos, o sentido da visão, do tato, do olfato e do paladar, você conhecerá o mundo todo. Não lhe virando as costas e entrando nas celas escuras da terra, mas sim abrindo os braços para a glória infinita, você verá o

esplendor absoluto da criação de Deus e os milagres feitos, em Sua Divina Indulgência, pelas mãos dos homens.

A multidão vestida de seda de A procissão dos magos pareceu andar. Tornei a ouvir os cascos dos cavalos na terra macia e o arrastar das botas. Tornei a pensar ter visto os cães pulando pelas encostas ao longe. Vi as moitas floridas a balançar à passagem da rica procissão; vi as pétalas das flores a voar. Animais maravilhosos brincavam no denso arvoredo. Vi o príncipe Lourenço, montado em seu cavalo, virar aquela cabeça jovem, exatamente como meu pai virara, e olhar para mim. O mundo além dele ia passando, o mundo com seus penhascos brancos, seus caçadores em seus corcéis baios e seus cães saltitantes.

— Acabou-se, Mestre — disse eu, e quão sonora e ressonante era minha voz, reagindo a tudo o que eu via.

— O quê, meu filho?

— A Rússia, o mundo das terras selvagens, o mundo daquelas terríveis celas escuras dentro da úmida Mãe Terra.

Dei várias voltas. A fumaça subia da infinidade de velas acesas. A cera escorria e pingava na prata cinzelada que as sustentava, pingando até naquele chão lustroso e imaculado. O chão era como o mar, de repente tão transparente, tão sedoso, e, lá em cima, as nuvens pintadas no mais doce azul infinito. Parecia que havia uma névoa emanando dessas nuvens, uma névoa úmida de verão feita de terra misturada com mar.

Tornei a olhar para a pintura. Fui até ela e bati-lhe com as mãos, e fiquei contemplando os castelos brancos no alto dos morros, as delicadas árvores podadas, a natureza violenta e sublime que aguardava com tanta paciência o percurso preguiçoso de meu olhar transparente.

— Quanta coisa! — murmurei. Não havia palavras para descrever os tons profundos de marrom e dourado da barba do mago exótico, ou o sombreado da cabeça do cavalo branco, ou do rosto do homem calvo que o conduzia, ou a graça dos camelos de pescoço arqueado, ou a massa de flores deslumbrantes sendo pisadas sem ruído.

— Vejo isso com todo meu ser — suspirei. Fechei os olhos e encostei na parede, recordando perfeitamente todos os aspectos enquanto o domo de minha mente transformava-se neste quarto mesmo, e a parede estava lá pintada por mim. — Vejo sem omitir nada. Vejo tudo — murmurei.

Senti o braço do Mestre em meu peito. Senti seu beijo em meu cabelo.

— Consegue ver de novo a cidade de vidro? — ele perguntou.

— Consigo fazê-la! — exclamei. Deixei a cabeça rolar em seu peito.

Abri os olhos e tirei do tumulto de tintas diante de mim as cores exatas que eu queria, e fiz essa metrópole de vidro borbulhante erguer-se em minha imaginação, até as torres furarem o céu. — Está ali, vê?

Numa torrente de palavras confusas e engraçadas, descrevi a cidade, as agulhas verdes, amarelas e azuis das torres a balançar e brilhar na luz celestial.

— Vê? — indaguei.

— Eu, não. Mas você, sim — disse o Mestre. — E isso é mais que suficiente.

No quarto escuro, vestimo-nos na madrugada negra.

Nada era difícil, nada tinha o peso e a resistência antigos. Parecia que bastava eu passar os dedos na camisa para abotoá-la.

Descemos correndo, e os degraus da escada pareciam desaparecer sob meus pés e fundir-se com a noite. Escalar os muros escorregadios do palazzo não era nada, firmar os pés nas fendas da pedra, pousar num tufo de samambaias e mato ao tentar alcançar as barras de uma janela e finalmente abrir a grade não eram nada, e com que facilidade deixei cair lá embaixo na água verde a pesada grade de metal. Que delícia vê-la afundar, ver a água espirrar em volta daquele peso caindo, ver o reflexo dos archotes na água.

— Estou caindo lá dentro.

— Venha.

Dentro da câmara, o homem levantou-se da escrivaninha. Para proteger-se do frio, ele enrolara uma tira de lã em volta do

pescoço. Seu roupão azul-escuro tinha uma faixa de ouro e pérolas. Homem rico, banqueiro. Amigo do Florentino, não chorando o prejuízo sobre as várias páginas de pergaminho recendendo a tinta preta, mas sim calculando os ganhos inevitáveis, todos os sócios assassinados a punhaladas ou por envenenamento, ao que parecia, num salão de banquetes privado.

Terá ele adivinhado agora que fomos nós, o homem de capa vermelha e o garoto de cabelos fulvos, que entramos por sua janela do quarto andar nessa noite gelada de inverno?

Peguei-o como se ele fosse o amor de minha juventude e tirei a faixa de lã que envolvia a artéria na qual eu iria me alimentar.

Ele implorou que eu parasse, que dissesse o meu preço. Quão plácido parecia meu Mestre, observando só a mim, enquanto o homem implorava e eu o ignorava, apenas procurando sua grande veia pulsante e irresistível.

— Sua vida, preciso tê-la, senhor — murmurei. — Sangue de ladrão é forte, não é?

— Ah, menino — gritou ele, a determinação esboroando-se, Deus envia Sua justiça numa forma improvável assim?

Era forte, pungente e estranhamente rançoso esse sangue humano, misturado com o vinho que ele bebera e as ervas dos alimentos que ele comera, e quase púrpura escorrendo em meus dedos à luz daquelas suas lâmpadas antes que eu pudesse lambê-lo.

No primeiro sorvo senti seu coração parar.

— Vá com calma, Amadeo — murmurou o Mestre:

Soltei-o e o coração recuperou-se.

— Assim, chupe lentamente, lentamente, deixando o coração bombear o sangue para você, sim, e seja delicado com os dedos para que ele não sofra sem necessidade, porque ele está tendo o pior destino possível, que é saber que está morrendo.

Caminhamos juntos pelo cais estreito. Eu já não precisava me equilibrar, embora meu olhar estivesse perdido nas profundezas das águas cantantes, águas que o mar distante, entre muitas conexões obstruídas, punha em movimento. Eu queria tocar no musgo úmido das pedras. Estávamos numa pequena praça, deserta, diante das

portas angulosas de uma igreja alta de pedra. A igreja estava fechada, com todas as janelas cerradas, todas as portas trancadas. Toque de recolher. Silêncio.

— Outra vez, lindo, pela força que isso lhe dará — disse o Mestre, e suas presas mortais cravaram-se em mim enquanto suas mãos me mantinham preso.

— Você me enganaria? Você me mataria? — murmurei sentindo-me novamente indefeso, não havendo esforços preternaturais suficientemente fortes que eu pudesse convocar para escapar de suas garras. O sangue foi sugado de mim numa onda gigante que deixou meus braços balançando e tremendo, os pés dançando como se eu fosse um enforcado. Esforcei-me para permanecer consciente. Empurrei-o. Mas o fluxo continuou escorrendo, de todas as minhas fibras para dentro dele.

— Agora, outra vez, Amadeo, tome-o de mim. Ele me deu um golpe certo no peito. Quase me derrubou. Eu estava tão fraco que caí à frente, só no último instante segurando sua capa. Levantei-me e dei-lhe uma gravata com o braço esquerdo. Ele recuou, endireitando-se, dificultando as coisas para mim. Mas eu estava muito determinado, muito provocado e muito decidido a zombar de suas lições.

— Muito bem, doce Mestre — disse eu rasgando de novo sua pele. — Eu o tenho e tomarei todas as gotas do seu sangue, a não ser que você seja rápido, rapidíssimo. — Só então percebi! Eu também tinha minúsculas presas! Ele começou a rir baixinho, senti mais prazer vendo que aquele de quem eu me alimentava ria embaixo dessas presas novas. Com toda a força procurei arrancar seu coração. Ouvi-o gritar e depois rir espantado. Chupei e chupei seu sangue, engolindo com um som rouco e deselegante. — Venha, deixe-me ouvi-lo gritar de novo! — murmurei, sugando o sangue avidamente, alargando o talho com os dentes, meus dentes afiados e crescidos, essas presas que eu tinha agora, feitas para essa execução. — Venha, implore misericórdia, Mestre. Sua risada era doce. Tomei seu sangue gole após gole, feliz e orgulhoso com seu riso indefeso, com o fato de que ele caíra de joelhos na praça e que

eu ainda o tinha, e ele agora precisava levantar o braço para me empurrar.

— Não consigo mais beber! — declarei.

Fiquei deitado nas pedras. O céu gelado estava escuro e salpicado de estrelas brancas incandescentes. Contemplei-o, deliciosamente consciente da pedra embaixo de mim, da superfície dura sob minhas costas e minha cabeça. Nenhuma preocupação agora com a sujeira, a umidade, a ameaça de doença. Nenhuma preocupação com o que poderiam estar pensando os homens que olhavam da janela. Nenhuma preocupação com o adiantado da hora. Olhem para mim, estrelas. Olhem para mim enquanto olho para vocês. Silenciosos e reluzentes, esses olhinhos do céu.

Comecei a morrer. Uma dor lancinante atacou meu estômago e passou para meus intestinos.

— Agora, tudo o que restar de um garoto mortal vai deixar você — disse o Mestre. — Não tenha medo.

— Acabou a música?-murmurei. Virei-me e passei os braços em volta do Mestre, que estava deitado a meu lado, a cabeça deitada no cotovelo. Ele me abraçou.

— Posso lhe cantar uma canção de ninar? — disse ele baixinho.

Afastei-me dele.

Um líquido sujo começou a escorrer de mim. Instintivamente fiquei envergonhado, mas essa sensação lentamente desapareceu. Ele me pegou no colo, com a facilidade de sempre, e encostou meu rosto em seu pescoço. Ventava muito à nossa volta. Então senti a água fria do Adriático e me vi caindo nas inconfundíveis ondas do mar. O mar era salgado e delicioso e não ameaçava. Rolei e rolei, e, achando-me sozinho, tentei me orientar. Eu estava ao largo, perto da ilha do Lido. Olhei para a ilha principal. E vi, em meio à grande quantidade de navios ancorados, os archotes acesos do Palazzo Ducale, com uma visão que era assombrosamente clara. Ouvei o vozerio do porto escuro, como se estivesse nadando secretamente no meio dos navios, embora eu não estivesse.

Que poder extraordinário escutar esse vozerio, conseguir desenvolver a habilidade de perceber uma voz determinada e ouvir

seus resmungos de madrugada, e depois afinar o ouvido para escutar uma outra voz ainda e deixar outras palavras penetrarem. Fiquei flutuando um pouco sob o céu, até que a dor passou inteiramente. Senti-me purificado e não queria estar sozinho. Virei-me e nadei sem esforço para o porto, nadando debaixo d'água quando me aproximava dos navios.

O que agora me espantava era eu conseguir ver debaixo d'água! Havia vida suficiente para meus olhos vampíricos enxergarem as imensas âncoras alojadas no fundo lodoso da laguna, e ver os cascos arqueados dos galeões. Era todo um universo submarino. Eu queria explorá-lo mais, mas ouvi a voz do Mestre-não uma voz telepática, como agora chamaríamos, mas sim sua voz audível chamando-me baixinho para voltar à praça onde ele me esperava.

Tirei as roupas sujas e saí da água nu, correndo para ele naquela escuridão gelada, exultante porque a própria friagem pouco significava. Ao vê-lo, abri os braços e sorri.

Ele segurava uma capa de pele que ele abriu para me receber, secando o meu cabelo e enrolando-me com ela.

— Você sente sua nova liberdade. Seus pés descalços não se afetam com o frio das pedras. Se você se cortar, sua pele resiliente regenera-se instantaneamente, e nenhum animalzinho rasteiro das trevas lhe provocará repulsa. Não podem lhe fazer mal. As doenças não lhe podem fazer mal. — Ele me cobriu de beijos. — O sangue mais pestilento apenas o alimentará, enquanto seu corpo preternatural o purifica e o absorve. Você é uma criatura poderosa, e aqui dentro? Em seu peito, que agora toco com minha mão, está seu coração, seu coração humano.

— É mesmo, Mestre? — perguntei.

Eu estava alegre, estava brincalhão. Por que ainda tão humano?

— Amadeo, você me achou desumano? Cruel?

Eu sacudira a água do cabelo, que secara quase instantaneamente.

Agora saíamos da praça de braço dado, a pesada capa de pele me cobrindo. Quando não respondi, ele parou e tornou a me

abraçar e começou a me beijar avidamente.

— Você me ama como sou agora, mais ainda que antes — eu disse.

— Ah, sim — ele respondeu. Abraçou-me asperamente e beijou minha garganta toda, meus ombros e começou a beijar meu peito. — Agora não posso machucá-lo, não posso extinguir sua vida com um abraço acidental. Você é meu, de minha carne, de meu sangue.

Ele parou. Estava chorando. Não queria que eu visse. Virou de costas quando tentei pegar seu rosto com minhas mãos impertinentes.

— Mestre, eu o amo — declarei.

— Preste atenção — ele me afastou, obviamente constrangido com suas lágrimas. Apontou para o céu. — Você sempre saberá quando a manhã estiver chegando, se prestar atenção. Está sentindo? Está ouvindo os pássaros? No mundo inteiro há desses pássaros que cantam logo antes da aurora.

Pensei algo sinistro e terrível. Que uma das coisas de que eu sentira falta no Mosteiro das Covas embaixo de Kiev era o barulho dos pássaros. Lá nas estepes, caçando com meu pai, cavalgando pelos bosques, eu adorava o canto dos pássaros. Nunca ficamos muito tempo nas miseráveis choupanas ribeirinhas de Kiev sem aquelas viagens proibidas às terras selvagens das quais tantos não voltaram.

Mas isso acabara. Eu tinha toda a doce Itália à minha volta, a doce Sereníssima. Tinha o Mestre e a grande magia voluptuosa de sua transformação. — Para isso fui às terras selvagens — murmurei. — Para isso ele me tirou do Mosteiro naquele último dia.

O Mestre olhou-me com tristeza.

— Espero que sim — disse. — O que sei do seu passado li em sua mente quando ela estava aberta para mim, mas agora está fechada, fechada porque transformei você num vampiro, igual a mim, e não podemos conhecer a mente um do outro. Somos muito próximos, o sangue que compartilamos faz um barulho ensurdecedor em nossos ouvidos quando tentamos conversar em silêncio um com o outro, por isso, largo para sempre essas terríveis imagens

daquele Mosteiro subterrâneo tão cintilante em seus pensamentos, mas sempre com agonia, sempre beirando o desespero. Sim, desespero, e tudo isso foi embora como folhas soltas de um livro jogadas ao vento. Foi embora, assim.

Ele me apressou. Estávamos indo para casa. Era para outro lado pelos becos internos.

— Vamos agora para nosso berço — disse ele —, que é nossa cripta, nossa cama que é nosso túmulo.

Entramos num velho palazzo dilapidado, habitado apenas por uns poucos pobres.

Não gostei. Eu tinha sido educado por ele no luxo. Mas logo entramos num porão, o que aparentemente era uma impossibilidade na malcheirosa Veneza pantanosa, mas se tratava realmente de um porão. Descemos uma escadaria de pedra, passando por grossas portas de bronze, que homens sozinhos não conseguiam abrir, até a escuridão retinta que encontramos no último aposento.

— Eis aqui um truque — murmurou o Mestre — que uma noite dessas você terá força suficiente para conseguir fazer.

Ouvi uma crepitação, um assobio, e surgiu uma grande tocha acesa em sua mão. Ele a acendera apenas com a mente.

— A cada década você ficará mais forte, e depois a cada século, e descobrirá muitas vezes em sua longa vida que seus poderes deram um salto mágico. Teste-os cuidadosamente e proteja o que descobrir. Use com inteligência o que descobrir. Nunca fuja de qualquer poder, pois isso é uma tolice tão grande quanto um homem fugir de sua força.

Balancei a cabeça positivamente, contemplando as chamas fascinado. Eu nunca vira cores assim num fogo simples, e esse fogo não me causava aversão, embora eu soubesse que era a única coisa capaz de me destruir. Ele havia dito isso, não?

Ele fez um gesto. Eu deveria olhar o quarto.

Que câmara esplêndida era. Tinha o piso de ouro! Até o teto era de ouro. Dois sarcófagos de pedra erguiam-se no centro do aposento, cada qual ornado com uma figura entalhada à moda antiga, isto é, severa e mais solene que o natural; e, ao me

aproximar, vi que essas figuras eram cavaleiros de capacete, com túnicas longas e espadas de lâmina larga entalhadas junto a seus flancos, mãos enluvadas postas em posição de oração, olhos fechados num sono eterno. Cada qual havia levado um banho de ouro e de prata e sido cravejado com inúmeras pequeninas pedras preciosas. Os cintos dos cavaleiros eram cravejados de ametistas. Safiras enfeitavam a gola de suas túnicas. Topázios refulgiam nas bainhas de suas espadas.

— Essa fortuna não é uma tentação para um ladrão? — perguntei. — Largada como está no porão dessa casa em ruínas?

Ele riu sinceramente.

— Você já está me ensinando a ser cuidadoso? — perguntou sorrindo.

Que resposta insolente! Nenhum ladrão consegue entrar aqui. Você não avaliou sua força quando abriu as portas, Olhe o ferrolho que fechei quando entramos, já que está tão preocupado. Agora veja se consegue abrir a tampa do caixão. Ande. Veja se sua força é igual à sua petulância.

— Eu não tive intenção de ser insolente — protestei. — Graças a Deus você está sorrindo. — Abri a tampa e depois empurrei a parte inferior para o lado. Aquela tampa não era nada para mim, embora eu soubesse que era de pedra e pesava. — Ah, entendo — falei, aquietado. Dei-lhe um sorriso radioso e inocente. O interior era forrado de damasco púrpura real.

— Entre neste berço, meu menino-disse ele.— Não tenha medo enquanto espera o nascer do sol. Quando ele chegar, você estará dormindo um sono suficientemente profundo.

— Não posso dormir com você?

— Não, aqui nesta cama que preparei há muito tempo para você, aqui é o seu lugar. Eu tenho o meu que é estreito aqui a seu lado, e não dá para dois. Mas você agora é meu, meu, Amadeo. Conceda-me um último grupo de beijos, ah, doce, sim, doce...

— Mestre, não me deixe irritá-lo nunca. Não me deixe nunca...

— Não, Amadeo, seja meu provocador, meu questionador, meu pupilo audacioso e ingrato. — Ele parecia ligeiramente triste. Empurrou-me delicadamente. Mostrou o caixão.

O cetim adamascado púrpura cintilou.

— Então vou-me deitar aí — murmurei —, tão jovem. Vi a sombra de dor em seu rosto depois que falei isso. Arrependi-me de ter falado. Eu queria me desdizer, mas ele fez sinal para que eu continuasse.

Ah, como eram frias as malditas almofadas, e duras. Coloquei a tampa no lugar, por cima de mim, e fiquei quieto ali deitado, ouvindo, ouvindo a tocha sendo apagada e o ranger de pedra contra pedra quando ele abriu seu túmulo. Ouvi sua voz:

— Boa-noite, meu jovem amor, meu amor criança, meu filho — disse ele.

Deixei meu corpo ficar inerte. Que delícia era esse relaxamento simples. Lá na minha longínqua terra natal, os monges cantavam no Mosteiro das Covas. Sonolentemente, refleti sobre todas as coisas que eu lembrava. Eu havia voltado para minha terra em Kiev. Com minhas lembranças, fizera um quadro para me ensinar tudo o que eu pudesse saber. E, nos últimos momentos de consciência noturna, dei-lhes um adeus definitivo, adeus a suas crenças e suas restrições.

Imaginei A procissão dos magos esplendidamente fulgurante na parede do Mestre, a procissão que seria minha para estudar quando o sol tornasse a se pôr. Com aquele meu espírito selvagem e apaixonado, aquele meu coração vampírico recém-nascido, pareceu-me que os Reis Magos haviam vindo não só para o nascimento de Cristo, mas também para meu renascimento.

Se eu havia pensado que minha transformação em vampiro significava o fim de meu aprendizado com Marius ou de sua tutela sobre mim, estava redondamente enganado. Não fui liberado logo para me espojar nas alegrias de meus novos poderes. Na noite seguinte à minha metamorfose, minha educação começou a sério. Eu agora deveria me preparar não para uma vida temporal mas sim para a eternidade. O Mestre informou-me que fora feito vampiro quase quinhentos anos atrás, e que havia membros de nossa espécie espalhados pelo mundo todo. Misteriosos desconfiados e muitas vezes miseravelmente solitários, os peregrinos da noite, como o Mestre os chamava, em geral não tinham preparo para a

imortalidade e nada faziam de sua existência senão uma sucessão de desastres melancólicos até se consumirem de desespero e se imolarem em alguma fogueira medonha ou entrando na luz do sol.

Quanto aos muito velhos, aqueles que, como o Mestre, conseguiram resistir à passagem de impérios e épocas, estes eram, na maioria, misantropos procurando para si mesmos cidades em que pudessem reinar superiores entre os mortais, expulsando novatos que tentassem compartilhar seu território, mesmo se isso significasse destruir criaturas de sua própria espécie.

9

Veneza era o incontestável território do Mestre, sua reserva de caça e sua própria arena particular, na qual ele podia presidir todos os jogos que julgasse relevantes para ele nessa época da vida.

— Tudo passa — disse ele —, menos você. Você precisa escutar o que digo porque minhas lições são, em primeiro lugar, lições de sobrevivência; os acessórios vêm depois. A lição primeira era que só matamos “o malfeitor”. Esta fora, nos séculos mais nebulosos do tempo antigo, uma missão solene confiada aos bebedores de sangue, e realmente havia uma religião obscura nos envolvendo na época da antigüidade pagã na qual os vampiros eram reverenciados como portadores de justiça para quem tivesse agido mal.

“Jamais tornaremos a deixar uma superstição dessas envolver a nós e ao mistério de nossos poderes. Não somos infalíveis. Não recebemos nenhuma missão de Deus. Vagamos pela terra como os felinos gigantes das grandes selvas e não temos mais direito sobre aqueles que matamos do que qualquer criatura que procura viver.

“Mas é um princípio infalível que o massacre dos inocentes enlouquece. Acredite em mim quando lhe digo que para sua paz de espírito você precisa se alimentar dos maus, precisa aprender a amá-los em toda sua imundície e degeneração, e precisa viver das visões da maldade deles que inevitavelmente lhe encherão o coração e a alma durante o assassinato.

“Mate um inocente e mais cedo ou mais tarde você sentirá culpa, e com isso você ficará impotente e finalmente em desespero. Você pode achar que somos muito cruéis e muito frios para isso. Pode sentir-se superior aos seres humanos e desculpar seus excessos predatórios alegando estar apenas buscando o sangue necessário à vida. Mas a longo prazo isso não funciona.

“A longo prazo, você aprende que é mais humano que monstro, tudo o que é nobre em você decorre de sua humanidade, e sua natureza realçada só pode levá-lo a valores mais humanos ainda. Você acabará ficando com pena das pessoas que você mata, mesmo as mais irrecuperáveis, e acabará amando tão desesperadamente os humanos que haverá noites em que a fome lhe parecerá de longe preferível ao repasto de sangue.”

Aceitei isso sinceramente, e logo mergulhei com o Mestre nas zonas licenciosas de Veneza, no mundo selvagem de tabernas e vício, coisa que, na qualidade de misterioso e bem-vestido “aprendiz” de Marius De Romanus, eu nunca havia visto. Obviamente eu conhecia lugares em que se bebia, conhecia cortesãs elegantes como nossa querida Bianca, mas não conhecia realmente os ladrões e os assassinos de Veneza, e era destes que eu me alimentava.

Logo, logo, entendi o que o Mestre tinha em mente quando disse que eu precisava desenvolver um gosto pelo mal e conservar esse gosto. As visões de minhas vítimas tornaram-se mais fortes para mim com cada assassinato. Comecei a ver cores brilhantes quando matava. De fato, às vezes, eu via essas cores dançando em volta de minhas vítimas antes até de me aproximar delas. Alguns homens parecem andar em sombras avermelhadas, e outros emitir uma luz laranja flamejante. A raiva de minhas vítimas piores e mais tenazes muitas vezes tinha um tom de amarelo brilhante que me ofuscava, queimando-me, por assim dizer, tanto quando eu atacava como enquanto eu bebia todo o sangue da vítima.

No início, eu era um assassino terrivelmente violento e impulsivo. Deixado por Marius num covil de assassinos, eu trabalharia com uma fúria estabanada, arrancando minha presa da taberna ou do cortiço, encurralando-a no cais e depois dilacerando

sua garganta como se eu fosse um cão selvagem. Eu bebia sofregamente, muitas vezes rompendo o coração de minha vítima. Uma vez que o coração arrebenta, uma vez que o homem está morto, nada há para bombear o sangue para dentro de você. Por isso não é tão bom.

Mas o Mestre, apesar de todos seus nobres discursos sobre as virtudes dos humanos e de sua firme insistência em nossas próprias responsabilidades, ensinou-me a matar com sutileza.

— Beba devagar — dizia.

Caminhávamos às margens estreitas dos canais onde havia margem.

Atravessávamos de gôndola procurando, com nossos ouvidos preternaturais, escutar conversas que parecessem dirigidas a nós.

— E na metade dos casos, você não precisa arrancar as vítimas de suas casas. Fique do lado de fora, leia o pensamento da pessoa, jogue-lhe uma isca silenciosa. Se você ler os pensamentos da vítima, é quase certo que ela poderá receber sua mensagem. Você pode atrair sem palavras. Pode exercer uma atração irresistível. Quando ela sair para ir até você, então, tome-a.

“E jamais é necessário que ela sofra, nem que haja realmente derramamento de sangue. Abrace-a, ame-a se quiser. Acaricie-a lentamente e crave seus dentes com cuidado. Então banquetee-se tão lentamente quanto puder. Assim o coração dela o ajudará.

“Quanto às visões e essas cores de que você fala, procure aprender com elas. Deixe a vítima na hora da morte contar-lhe o que puder sobre a vida. Se passarem diante de você imagens da longa vida dela, observe-as, ou, antes, saboreie-as. Sim, saboreie-as. Devore-as lentamente como devora o sangue da vítima. Quanto às cores, deixe que elas o impregnem. Deixe que a experiência toda o inunde. Isto é, seja ao mesmo tempo ativo e absolutamente passivo. Faça amor com sua vítima. E fique sempre atento procurando ouvir o momento exato em que o coração pára de bater. Você aí sentirá uma sensação inegavelmente orgiástica, mas esse momento pode passar despercebido.

“Suma com o corpo depois, ou certifique-se de ter apagado qualquer sinal de perfuração na garganta da vítima. Um bocadinho

de seu sangue na ponta de sua língua basta para fazer isso. Em Veneza, é comum encontrar cadáveres. Você não precisa se esforçar muito. Mas, quando caçamos nos vilarejos afastados, muitas vezes você pode precisar enterrar os restos mortais.”

Eu ansiava por todas essas lições. Era um prazer magnífico caçarmos juntos. Acabei logo deduzindo que Marius fora estabonado nos assassinatos que cometera para eu presenciar antes de minha transformação. Eu soube então, como talvez tenha deixado claro nesta história, que ele queria que eu sentisse pena dessas vítimas; queria que eu sentisse horror. Queria que eu visse a morte como uma abominação. Mas devido à minha juventude, à minha dedicação a ele e à violência cometida contra mim em minha curta vida mortal, eu não reagira como ele havia esperado.

Fosse porque fosse, ele agora era um assassino muito mais hábil. Muitas vezes tomávamos a mesma vítima, juntos, eu bebendo da garganta de nosso cativo, enquanto ele chupava seu pulso. Às vezes ele se deleitava segurando a vítima para mim enquanto eu bebia o sangue todo. Sendo novo, eu tinha sede todas as noites. Podia passar três noites sem matar, sim, e às vezes passava, mas na quinta noite de abstinência — isso foi testado eu estava fraco demais para me levantar do sarcófago. Então isso queria dizer que, se e quando eu porventura estivesse sozinho, eu precisava matar pelo menos a cada quatro noites.

Meus primeiros meses foram uma orgia. Cada assassinato parecia mais eletrizante, mais paralisantemente delicioso que o anterior. A simples visão de uma garganta nua era capaz de me provocar um tal estado de excitação que eu ficava como um animal, sem conseguir falar nem me controlar. Quando abria os olhos naquela fria escuridão de pedra, eu imaginava carne humana. Sentia a textura dessa carne nas mãos nuas e a queria, e a noite para mim não podia ter outros acontecimentos antes de pegar aquela que seria sacrificada à minha necessidade.

Durante um bom tempo depois do assassinato, sensações doces e latejantes me percorriam enquanto o sangue perfumado encontrava todos os cantos de meu corpo, enquanto bombeava seu

magnífico calor para meu rosto. Isso, e exclusivamente isso, era suficiente para me absorver completamente, jovem como eu era.

Mas Marius não tinha intenção de deixar que eu me esbojasse em sangue, o predador jovem apressado, sem pensar em mais nada a não ser se fartar noite após noite.

— Você precisa mesmo aprender a sério história e filosofia e direito disse-me ele. — Não está destinado à Universidade de Pádua agora. Está destinado a durar.

Então, quando nossas missões furtivas terminavam, e voltávamos ao palazzo aconchegante, ele me fazia ler. De qualquer maneira, queria que eu mantivesse uma certa distância de Riccardo e dos outros, receando que eles desconfiassem da mudança que ocorreria.

De fato, ele me disse que eles “sabiam” da mudança conscientemente ou não. Seus corpos sabiam que eu já não era humano, embora suas mentes pudessem custar um pouco a aceitar o fato.

— Mostre a eles só cortesia, amor e a mais completa tolerância, mas mantenha distância — disse-me Marius. — Quando eles perceberem que o impensável aconteceu, você terá deixado claro que não é inimigo deles, que realmente continua sendo o Amadeo, de quem eles gostam, e que, embora tenha mudado, não mudou em relação a eles.

Compreendi isso. Imediatamente senti um amor maior por Riccardo. Senti isso por todos os meninos.

— Mas Mestre — perguntei —, você nunca perde a paciência com eles, com , o fato de eles terem um raciocínio mais lento, de serem desajeitados? Eu os amo, ` sim, mas certamente você os vê sob um prisma mais pejorativo do que eu.

— Amadeo — disse ele meigamente —, eles todos vão morrer.

Sua expressão estava carregada de tristeza. Senti isso totalmente, na mesma hora, que era o modo como agora eu sentia as coisas. As sensações vinham numa torrente e ensinavam suas lições de uma vez só. Eles todos vão morrer. Sim, e eu sou imortal. Depois disso, eu só podia ser paciente com eles, e, de fato, eu me divertia com o modo como eu olhava para eles e os estudava, sem

deixar que soubessem, mas me deliciando com todos os detalhes deles como se eles fossem exóticos porque... morreriam. Há coisas demais para descrever, coisas demais. Não consigo encontrar uma maneira de colocar no papel tudo que ficou claro para mim só nos primeiros meses. E não houve nada que eu aprendesse naquela época que depois não tivesse sido aprofundado.

Eu enxergava processo em tudo o que via; farejava corrupção, mas também enxergava o mistério do crescimento, a magia das coisas desabrochando e amadurecendo, e na verdade todo processo, seja de amadurecimento, seja de morte, encantava-me e fascinava-me, isto é, exceto a desintegração da mente humana.

Meu estudo de administração e direito era mais um desafio. Embora eu lesse infinitamente mais rápido e com uma compreensão quase instantânea da sintaxe, precisava me obrigar a me interessar por assuntos como a história do Direito Romano da antigüidade, e o grande código do imperador Justiniano, chamado Corpus Juris Civilis, que o Mestre achava um dos melhores códigos já escritos.

— O mundo só está melhorando — ensinou-me Marius. — Com cada século, a civilização fica mais apaixonada pela justiça, os homens comuns fazem grandes progressos no sentido de compartilhar a riqueza que antes era o prêmio dos poderosos, e a arte se beneficia de todo aumento de liberdade, ficando cada vez mais imaginativa, mais criativa e mais bela. Eu só conseguia entender isso teoricamente. Não acreditava em direito nem , me interessava pelo assunto. Na verdade, em tese, eu tinha um total desprezo pelas idéias do Mestre. O que quero dizer é que eu não o desprezava, mas tinha um desprezo subjacente tão completo pelo direito, por instituições legais e governamentais que eu nem sequer compreendia.

O Mestre dizia que compreendia.

— Você nasceu numa terra sinistra e selvagem — disse. — Eu gostaria de poder fazer você recuar duzentos anos no tempo, para aquela época antes que Batu, o filho de Gêngis Khan, saqueasse a magnífica cidade de Kiev Rus, para a época em que os domos de

sua Santa Sofia eram mesmo verdes, e seu povo cheio de engenhosidade e esperança.

— Ouvi falar ad nauseam dessa antiga glória — disse eu calmamente, sem querer irritá-lo. — Encheram-me com essas histórias dos velhos tempos quando eu era menino.

Naquela miserável casa de madeira em que morávamos, a poucos metros do rio congelado, eu escutava essas idiotices tiritando perto do fogo. Havia ratos em nossa casa. Lá, de bonito, só havia os ícones e as canções de meu pai. Só havia depravação naquela terra, e estamos falando, como você sabe, de uma terra imensa. Você não pode saber o tamanho da Rússia a não ser que tenha estado lá, a não ser que tenha estado, como estive com meu pai, nas florestas geladas ao norte de Moscou, ou em Novgorod, ou em Cracóvia, a leste. Interrompi-me. — Não quero pensar nessa época nem nesse lugar — eu disse. — Na Itália não se pode sonhar em suportar um lugar desses.

— Amadeo, a evolução da lei, do governo, é diferente em cada terra e com cada povo. Escolhi Veneza, como já lhe disse, há muito tempo, porque é uma grande República, e porque seu povo está firmemente ligado à Mãe Terra pelo simples fato de ser um povo de mercadores envolvidos com o comércio. Adoro a cidade de Florença porque sua grande família, os Medici, é de banqueiros, não ociosos aristocratas titulados que desprezam qualquer tipo de esforço em nome de algo que eles acreditam ter sido dado por Deus. As grandes cidades da Itália são feitas de homens que trabalham, homens que criam, homens que fazem, e, por causa disso, há uma maior compaixão por todos os sistemas e oportunidades infinitamente maiores para homens e mulheres de todos os níveis.

Fiquei desanimado com essa conversa. O que importava isso?

— Amadeo, o mundo agora é seu — disse o Mestre. — Você precisa olhar para os movimentos maiores da história. Com o tempo, o estado do mundo acabará por oprimi-lo, e você descobrirá, como todos os imortais descobrem, que não pode simplesmente fechar o coração para isso, sobretudo você.

— Por quê? — perguntei um tanto irritado. — Acho que posso fechar os olhos. Que me importa se um homem é banqueiro ou mercador? Que me importa se vivo numa cidade que constrói sua própria frota mercante? Posso ficar eternamente olhando as pinturas desse palazzo, Mestre. Ainda nem comecei a ver todos os detalhes de A procissão dos magos e já há tantas outras. E as pinturas todas dessa cidade?

Ele sacudiu a cabeça — O estudo da pintura vai levá-lo ao estudo do homem, e o estudo do homem vai levá-lo a lamentar ou celebrar o estado do mundo dos homens.

Não acreditei, mas eu não estava autorizado a mudar o currículo. Estudei como me mandaram. Agora, o Mestre tinha muitos dons que eu não possuía, mas, segundo ele, eu iria desenvolvê-los com o tempo. Ele conseguia fazer fogo com a mente, mas só em condições ideais, isto é, ele conseguia acender uma tocha já preparada com breu. Era capaz de escalar um prédio sem esforço apoiando-se apenas em um ou outro parapeito para tomar impulso e subir com movimentos graciosos e rápidos, e chegava a qualquer profundidade embaixo d'água. Obviamente sua visão e sua audição vampíricas eram muito mais fortes e apuradas que as minhas, e, enquanto as vozes me perturbavam, ele sabia calá-las enfaticamente.

Eu precisava aprender isso, e de fato me esforçava desesperadamente para tal, pois havia épocas em que Veneza inteira parecia nada mais que uma cacofonia de vozes e orações.

Mas o grande poder que ele possuía e eu não era sua capacidade de alçar vôo e vencer distâncias imensas com grande velocidade. Isso me fora demonstrado muitas vezes, mas quase sempre, ao me levantar e me carregar, ele forçara minha cabeça para baixo para que eu não pudesse ver onde nem como havíamos ido.

Por que ele era tão reticente a esse respeito eu não conseguia entender.

Finalmente, uma noite, quando ele se recusou a nos transportar como que magicamente para a Ilha do Lido, para que pudéssemos apreciar uma das cerimônias noturnas de fogos de

artifício e navios iluminados com tochas na água, insisti na pergunta.

— É um poder assustador — disse ele calmamente. — É assustador não ter os pés na terra. Nos primeiros estágios, isso não acontece sem suas mancadas e seus acidentes. À medida que a pessoa ganha experiência, subindo suavemente para a atmosfera mais alta, esfria não só para o corpo mas também para a alma. Não parece preternatural, mas sim sobrenatural. — Eu podia ver que ele sofria com isso. Balançou a cabeça. — É o único talento que parece genuinamente inumano. Não posso aprender com os humanos a melhor forma de usá-lo. Com todos os outros talentos, os humanos são meus professores. O coração humano é a minha escola. Com esse não. Eu viro o mágico; viro o bruxo ou o feiticeiro. É uma coisa sedutora, e a pessoa pode ficar escrava disso.

— Mas como? — perguntei.

Ele estava confuso. Nem queria falar sobre aquilo. Finalmente ficou apenas um pouco impaciente.

— Às vezes, Amadeo, você me atormenta com perguntas. Você pergunta se eu lhe devo essa instrução. Pode acreditar, não devo.

— Mestre, você me criou e insiste em minha obediência. Por que eu haveria de ler A história de minhas calamidades, de Abelardo, ou os escritos de Duns Scotus da Universidade de Oxford se você não me fizesse ler? — Parei. Lembrei de meu pai e de como eu não parava de agredi-lo com palavras cáusticas, respostas impertinentes e críticas. Fiquei desanimado. — Mestre, explique isso.

Ele fez um gesto como se para dizer “Ah, tão simples, há ?” — Está bem — prosseguiu. — É assim. Posso subir muito nos ares e deslocar-me muito depressa. Não consigo entrar nas nuvens muitas vezes. Elas em geral estão mais altas do que eu. Mas posso locomover-me tão rápido que o mundo vira um borrão. Vejo-me em terras estranhas quando desço. E lhe digo, apesar de toda a magia, isso é uma coisa profundamente chocante e perturbadora. Às vezes fico perdido, tonto, inseguro quanto a meus objetivos ou minha vontade de viver, depois de usar esse poder. As transições são

muito rápidas; isto é, talvez. Nunca falei sobre isso com ninguém, e agora estou falando com você, e você é um garoto, e não pode começar a entender.

Eu não começava.

Mas, pouquíssimo tempo depois, foi desejo dele fazermos uma viagem mais longa do que qualquer uma que já fizéramos. Era apenas uma questão de horas, mas, para meu total espanto, viajamos entre o crepúsculo e o início da noite para a cidade de Florença. Lá, deixado num mundo totalmente diferente do mundo da região da Venécia, caminhando calmamente no meio de uma raça inteiramente diferente de italianos, entrando em igrejas e palácios de estilo diferente, compreendi pela primeira vez o que ele queria dizer. Entenda, eu já havia visto Florença, viajando como o aprendiz mortal de Marius, com um grupo dos outros. Mas aquilo que eu vira rapidamente não foi nada comparado com o que vi como vampiro. Agora eu tinha os instrumentos de avaliação de um deus menor.

Mas era noite. A cidade estava sob o toque de recolher. E as pedras de Florença pareciam mais escuras, mais opacas, lembrando uma fortaleza, as ruas estreitas e sombrias, já que não eram clareadas por faixas luminescentes de água como as nossas. Os palácios de Florença não tinham os extravagantes ornamentos mouriscos dos prédios famosos de Veneza, as fantásticas fachadas de pedra polida. Seu esplendor ficava fechado, como é mais comum nas cidades italianas. No entanto a cidade era rica, cheia de delícias para os olhos.

Afinal de contas era Florença — a capital do homem chamado Lourenço, o Magnífico, a irresistível figura que dominava a cópia de Marius do grande mural que eu vira na noite de meu renascimento negro, um homem que havia morrido há poucos anos apenas.

Encontramos a cidade ilicitamente movimentada, embora estivesse bastante escuro, com grupos de homens e mulheres passeando pelas ruas pavimentadas, e pairava um clima sinistro de agitação na Piazza della Signoria, uma das mais importantes das muitas praças da cidade.

Acabara de haver uma execução ali naquele dia, um acontecimento nada comum em Florença, ou em Veneza. Fora uma morte na fogueira. Eu sentia o cheiro de lenha e carne torrada embora as evidências todas tivessem sido removidas dali antes de anoitecer.

Eu tinha uma aversão natural por essas coisas, o que nem todo mundo tem, diga-se de passagem, e me aproximava da cena cautelosamente, sem querer, com esses sentidos aguçados, ser perturbado por algum horrível vestígio de crueldade.

Marius sempre nos mandara tomar cuidado para não “gostar” desses espetáculos, e nos colocamos mentalmente no lugar da vítima se quiséssemos aprender ao máximo com o que víamos.

Como a história ensina, em execuções, o povo costuma ser cruel e indisciplinado, às vezes insultando a vítima por medo, acho eu. Nós, os meninos de Marius, sempre achamos terrivelmente difícil unir mentalmente a nossa sorte à pessoa que estivesse sendo enforcada ou queimada. Em resumo, ele tirara toda a graça da coisa para nós.

Naturalmente, como esses rituais aconteciam quase sempre de dia, Marius nunca os presenciara.

Agora, enquanto rumávamos para a grande Piazza della Signoria, eu via que ele estava incomodado com a fuligem que ainda pairava no ar e com os cheiros desagradáveis. Notei também que passávamos facilmente pelas pessoas, dois vultos rápidos envoltos em mantos escuros. Nossos pés quase não faziam barulho. Era o dom vampírico que permitia que nos deslocássemos furtivamente, desaparecendo depressa com uma graça instintiva da vista de algum observador repentino e ocasional.

— É como se fôssemos invisíveis, lembre-se — murmurou ele.

— Mas quem morreu aqui hoje? As pessoas estão nervosas e com medo.

Ouçã. Há satisfação e há pranto.

Ele não respondeu. Fiquei aflito.

— O que é isso? Não pode ser uma coisa comum — disse eu.

— A cidade está alerta e inquieta demais.

— É o grande reformador deles, Savonarola — disse Marius. — Ele foi enforcado hoje aqui e depois queimado. Graças a Deus já estava morto antes que o fogo o pegasse.

— Você deseja misericórdia para Savonarola? — perguntei. Eu estava intrigado. Este homem, talvez um grande reformador aos olhos de alguns, sempre fora amaldiçoado por todos os meus conhecidos. Ele condenara os prazeres dos sentidos, negando a validade da própria escola em que o Mestre achava que todas as coisas deveriam ser aprendidas.

— Desejo misericórdia para qualquer homem — disse Marius. Ele fez sinal para que eu seguisse, e nos deslocamos para a rua vizinha.

Fomos embora da praça medonha.

— Até para esse, que convenceu Botticelli a botar seus próprios quadros nas Fogueiras das Vaidades? — perguntei. — Quantas vezes, nas cópias que fez de trabalhos de Botticelli, você me mostrou detalhes de graça e beleza que não queria que eu jamais esquecesse?

— Vai discutir comigo até o fim do mundo? — disse Marius. — Estou contente que meu sangue tenha lhe dado forças em todos os aspectos, mas você precisa questionar qualquer palavra que me sai da boca? — Lançou-me um olhar furioso, deixando a luz dos archotes ali perto iluminar em cheio seu sorriso um tanto zombeteiro. — Alguns estudantes acreditam nesse método, e acham que verdades maiores emergem da tensão contínua entre professor e aluno. Mas eu não! Acho que você precisa esperar minhas lições calarem em sua mente pelo menos cinco minutos antes de começar a contra-atacar.

— Você tenta zangar comigo mas não consegue.

— Ah, que confusão! — disse ele como se estivesse praguejando.

Caminhava rápido à minha frente.

Aquela ruela florentina era lúgubre, antes parecia um corredor de uma casa grande do que uma rua urbana. Senti saudades da brisa de Veneza, ou melhor, meu corpo sentiu, por hábito. Eu estava bastante fascinado de estar ali.

— Não fique tão exasperado — disse eu. — Por que eles se viraram contra Savonarola?

— Dê tempo aos homens e eles se viram contra qualquer pessoa. Ele dizia que era um profeta, divinamente inspirado por Deus, e que este era o fim dos tempos, e essa é a queixa cristã mais cansativa e mais velha que há no mundo, pode crer. O fim dos tempos! O cristianismo é uma religião baseada na noção de que estamos vivendo no fim dos tempos! É uma religião alimentada pela capacidade que os homens têm de esquecerem todos os erros do passado e se prepararem de novo para o fim dos tempos.

Sorri, mas com amargura. Eu queria articular um pressentimento forte, de que vivíamos sempre no fim dos tempos, e isso estava gravado em nosso coração, porque éramos mortais, quando de repente me dei conta inteiramente de que eu já não era mais mortal, senão na medida em que o próprio mundo era mortal. E achei que entendia mais visceralmente do que nunca o clima intencionalmente sombrio de minha infância na remota Kiev. Vi novamente as catacumbas barrentas e os monges semi-enterrados que me animaram a me tornar um deles.

Tirei isso da cabeça, e como Florença estava clara ao chegarmos na grande Piazza del Duomo toda iluminada por archotes — diante da grande catedral de Santa Maria del Fiore.

— Ah, meu pupilo realmente ouve de vez em quando — ironizou Marius. — Sim, estou mais que contente que Savonarola já não exista mais. Mas alegrar-se com o fim de alguma coisa não é aprovar o desfile interminável de crueldades que é a história humana. Eu desejava que fosse diferente. Sacrifícios públicos tornam-se grotescos em todos os aspectos. Embotam os sentidos do povo. Nessa cidade, mais que em qualquer outra, esses sacrifícios são um espetáculo. Os florentinos gostam, como gostamos de nossas regatas e procissões. Então Savonarola morreu. Bem, se houve algum homem que tenha pedido a morte, foi Savonarola, prevendo como previu o fim do mundo, amaldiçoando príncipes do púlpito, levando grandes pintores a imolarem suas obras. Que vá para o inferno.

— Mestre, olhe, o Batistério, vamos, vamos ver as portas. A praça está quase vazia. Venha, é a nossa chance de ver os bronzes.
— Puxei-o pela manga. Ele me seguiu e parou de resmungar, mas não estava diferente.

O que eu queria ver eram obras que não se vêem agora em Florença, e, na verdade, quase todos os tesouros dessa cidade e de Veneza que descrevi aqui podem ser vistos agora. Basta você ir lá. Os painéis da porta feitos por Lorenzo Ghiberti eram a minha alegria, mas havia também um trabalho antigo feito por Andrea Pisano, mostrando a vida de São João Batista, e esse eu não queria deixar de ver.

Tão afiada era essa visão vampírica que, enquanto eu estudava essas detalhadas cenas em bronze, era difícil conter os suspiros de prazer. Este momento é tão claro. Acho que eu acreditava na época que nada mais poderia me magoar nem me entristecer, que eu havia descoberto o bálsamo da salvação no sangue vampírico, e o estranho é que, enquanto narro minha história agora, estou pensando de novo a mesma coisa.

Apesar de infeliz agora, e provavelmente para sempre, acredito novamente na importância capital da carne. Penso nas palavras de D. H. Lawrence, o escritor do século XX, que, em seus escritos sobre a Itália, recordou a imagem de Blake do "Tyger, Tyger, burning bright / In the forests of the night".* As palavras de Lawrence são: * Tigre, Tigre, a refulgir / Nas florestas da noite. (N. da T.).

"Esta é a supremacia da carne, que tudo devora, e se transfigura numa magnífica chama rajada, uma sarça ardente mesmo. Esta é uma forma de transfiguração na chama eterna, a transfiguração pelo êxtase da carne."

Mas fiz uma coisa arriscada para um contador de histórias. Abandonei minha trama, como garanto que o vampiro Lestat (que é mais talentoso talvez do que eu, e tão apaixonado pela imagem do tigre de William Blake na noite, e que, goste ele de admitir ou não, usou o tigre em seu trabalho no mesmo dia) me diria, e preciso voltar logo a esse momento na Piazza del Duomo, onde me deixei

ficar no passado ao lado de Marius, contemplando o gênio de Ghiberti cantando em bronze as Sibilas e os santos.

Apreciávamos essas coisas com calma. Marius disse baixinho que, depois de Veneza, Florença era sua cidade preferida, pois aqui muita coisa havia florescido magnificamente.

— Mas não consigo viver sem mar, nem aqui-confessou. — E, como você está vendo aí em volta, essa cidade abraça seus tesouros com uma vigilância sombria, enquanto em Veneza, as próprias fachadas de nossos palácios são oferecidas a Deus Todo-Poderoso em pedra brilhante ao luar.

— Mestre, nós servimos a Ele? — insisti. — Sei que você condena os monges que me educaram, condena os delírios de Savonarola, mas pretende me guiar por outro caminho para o mesmo Deus?

— Exatamente, Amadeo, pretendo — disse Marius — e não quero como o pagão que sou admitir isso com tanta facilidade, pois sua complexidade pode ser mal interpretada. Mas admito. Encontro Deus no Sangue. Encontro Deus na carne. Acho que não é por acaso que o misterioso Cristo esteja para sempre presente para seus seguidores em Carne e Sangue no Pão da Transubstanciação.

Fiquei emocionadíssimo com essas palavras! Parecia que o próprio sol que eu renegara para sempre tivesse voltado para iluminar a noite.

Entramos por uma porta lateral naquela catedral escura que chamavam de Duomo. Fiquei contemplando o altar no final da grande nave. Seria possível que eu pudesse ter o Cristo de uma forma nova? Afinal de contas, talvez eu não tivesse renunciado a ele para sempre. Tentei verbalizar essas idéias perturbadas para o Mestre. Cristo... de uma nova forma. Eu não conseguia explicar, e finalmente disse:

— Tropeço nas palavras.

— Amadeo, todos tropeçamos, como tropeçam todos os que entram para a história. O conceito de um Grande Ser vem tropeçando pelos séculos; as palavras Dele e os princípios a Ele atribuídos correm mesmo atrás Dele. Então o pregador puritano, o eremita faminto e enlameado, esse rico Lourenço de Medici aqui,

querendo celebrar o seu Senhor em ouro, tinta e mosaicos, todos esses se apoderam de Cristo.

— Mas Cristo é o Senhor Vivo? — murmurei.

Nenhuma resposta.

Minha alma chegou a um ponto extremo de agonia. Marius me deu a mão e disse que devíamos ir então furtivamente para o mosteiro de São Marcos.

— É a santa casa que entregou Savonarola — ele disse. — Vamos entrar lá sem que os piedosos habitantes saibam.

Mais uma vez nos deslocamos como que por magia. Só senti os braços fortes do Mestre, e nem vi a porta quando saímos e fomos para esse outro local. Eu sabia que ele queria me mostrar o trabalho do artista chamado Fra Angélico, há muito falecido, que trabalhara a vida inteira nesse mesmo mosteiro, um monge pintor, como talvez eu estivesse destinado a ser, lá naquele longínquo Mosteiro das Covas.

Em questão de segundos, pousamos silenciosamente na relva úmida do claustro quadrado de São Marcos, o tranqüilo jardim cercado pelas loggias de Michelozzo, seguros entre aquelas paredes.

Imediatamente, muitas preces chegaram a meus ouvidos vampíricos, preces desesperadas e agitadas dos irmãos que haviam tido simpatia por Savonarola ou sido leais a ele. Levei as mãos à cabeça como se este tolo gesto humano pudesse sinalizar ao Divino que eu já não tinha capacidade de agüentar mais nada.

O Mestre interrompeu a corrente receptora de pensamento com sua voz tranqüilizadora.

— Venha — disse, segurando minha mão. — Vamos entrar nas celas uma por uma. Há luz suficiente para você ver as obras desse monge.

— Está dizendo que Fra Angélico pintou as próprias celas em que os monges dormem? — Eu achara que suas obras estariam na capela e nas outras salas públicas ou comunais.

— Por isso quero que você veja as celas — insistiu o Mestre.

Ele me levou por uma escada que dava numa ampla galeria de pedra.

Fez a primeira porta se abrir e entramos delicadamente, depressa e em silêncio, sem perturbar o monge encolhido em sua cama dura, a cabeça suando no travesseiro.

— Não olhe para a cara dele — disse o Mestre com delicadeza. — Se olhar, vai ver os pesadelos que ele tem. Eu queria que você visse a parede. O que está vendo, agora, olhe!

Compreendi logo. Essa arte de Fra Giovanni, chamado Angélico em homenagem a seu talento sublime, era uma estranha mistura da arte sensual de nosso tempo com a piedosa e abnegada arte do passado.

Contemplei a luminosa e elegante interpretação da prisão de Cristo no Horto Getsêmani. As figuras chapadas e esguias eram muito parecidas com as imagens longilíneas e elásticas dos ícones russos, e no entanto as expressões eram suavizadas com emoções comoventes e genuínas. Parecia que uma bondade impregnava todos os seres ali, não apenas o próprio Nosso Senhor, condenado a ser traído por um dos Seus, mas também os Apóstolos, que olhavam, e até o infeliz soldado, com sua túnica de malha, que ia levar o Senhor dali, e os soldados vigiavam.

Fiquei extasiado com essa bondade inconfundível, essa aparente inocência contagiante, essa paixão sublime do artista por todos os atores dessa peça trágica que compunha o preâmbulo da salvação do mundo.

Para outra cela fui imediatamente levado. De novo a porta se abriu quando Marius deu o comando, e o ocupante adormecido do aposento nunca soube que estivemos lá.

Esse afresco mostrava novamente o Jardim da Agonia e Cristo antes da prisão, sozinho entre os Apóstolos adormecidos, implorando ao Pai Celeste que lhe desse forças.

Vi novamente a comparação com os estilos antigos com quais, eu, como russo, sentia-me tão seguro. As pregas no tecido, o uso de arcos, a auréola em cada cabeça, a disciplina do conjunto — tudo estava ligado ao passado, no entanto, mais uma vez via-se o reflexo do novo calor italiano, o inegável amor italiano pela humanidade de todos, até do próprio Nosso Senhor.

Fomos de cela em cela. Percorremos a vida de Cristo para trás e para a frente, visitando a cena da Primeira Comunhão, na qual, de modo tão comovente, Cristo distribuiu o sangue contendo seu corpo e seu sangue, como se fosse o celebrante na missa, e depois o Sermão da Montanha, no qual as pedras plissadas e lisas em volta de Nosso Senhor e seus ouvintes pareciam tão de pano como sua túnica graciosa.

Quando chegamos à Crucificação, na qual Nosso Senhor entregou a São João sua Santa Mãe, fiquei confrangido com a agonia no rosto do Senhor. Quão pensativa em sua angústia era a expressão da Virgem, e quão resignado era o santo a seu lado, com seu semblante florentino meigo e louro, tão parecido com o de mil outras figuras pintadas nessa cidade, com uma incipiente barba castanho clara.

Justo quando achei que tinha entendido perfeitamente as lições do Mestre, deparamo-nos com outra pintura, e senti uma ligação ainda mais intensa com os tesouros de minha meninice e o esplendor silencioso e incandescente do monge dominicano que ornamentara essas paredes. Finalmente, deixamos esse lugar de lágrimas e preces murmuradas limpo e encantador.

Saímos na noite e voltamos a Veneza, deslocando-nos na escuridão fria e barulhenta, e chegando em casa a tempo de sentar um pouco no aconchego da câmara sinuosa e conversar.

— Está vendo? — insistiu Marius. Ele estava na escrivaninha com a pena na mão. Mergulhava-a na tinta e escrevia enquanto conversávamos, virando a página grande de pergaminho de seu diário. — Lá em Kiev, as celas eram a própria terra, úmida e pura, mas escura e onívora, a boca que acaba comendo toda vida, que acaba arruinando toda arte.

Estremeci. Fiquei esfregando os braços, olhando para ele.

— Mas em Florença, o que esse sutil professor Fra Angélico legou a seus irmãos? Pinturas magníficas para lhes lembrar o Martírio de Nosso Senhor? — Fra Angélico jamais fez pouco de deleitar a vista dos outros, de encher os olhos das pessoas com todas as cores que Deus lhes deu o poder de enxergar, pois lhes

deu dois olhos, Amadeo, e não para serem... não para serem fechados na terra escura.

Refleti durante um bom tempo. Saber essas coisas em teoria era uma coisa. Ter passado pelas celas silenciosas e adormecidas do mosteiro, ter visto os princípios do Mestre gravados ali por um monge em pessoa era outra.

— Essa é uma época gloriosa — disse Marius delicadamente. — O que era bom no tempo antigo está sendo redescoberto e ganhando uma forma nova. Você me pergunta: Cristo é o Senhor? Eu digo, Amadeo, que ele pode ser, pois jamais ensinou outra coisa senão amor, ou foi isso que seus apóstolos, sabendo ou não, nos levaram a crer...

Esperiei que ele prosseguisse, pois sabia que havia terminado. O quarto estava deliciosamente quente e limpo e luminoso. Guardo sempre junto ao coração um retrato dele nesse momento, o Marius alto e louro, a capa vermelha jogada para trás deixando o braço livre para segurar a pena, o rosto liso e brilhante, os olhos azuis procurando a verdade para além daquele tempo e de qualquer outro no qual ele tenha vivido. O livro pesado estava apoiado numa estante baixa e portátil de modo a ficar num ângulo confortável para ele. O tinteirinho ficava dentro de um suporte de prata trabalhada. E os pesados candelabros atrás dele, com suas oito velas grossas a derreter, tinham uma infinidade de querubins semi-embutidos na prata ricamente cinzelada, agitando as asas, talvez para sair voando, e carinhas redondas viradas para cá e para lá com olhos grandes e alegres embaixo de cachinhos revoltos. Parecia uma platéia de anjinhos para ver e ouvir Marius falando, muitas e muitas carinhas espiando com indiferença dos candelabros de prata, sem sentir a cera pura que escorria.

— Não posso viver sem essa beleza-exclamei de repente, embora tivesse procurado evitar. — Não dá para suportar a vida sem ela. Ah, meu Deus, mostraste-me o Inferno e ele ficou lá atrás, certamente na terra em que nasci.

Ele ouviu minha pequena prece, minha pequena confissão, minha súplica desesperada. — Se Cristo é o Senhor-disse ele, voltando ao seu ponto, trazendo-nos os dois de volta à lição-, se

Cristo é o Senhor, que beleza de milagre é esse mistério cristão — Seus olhos estavam marejados de lágrimas. — O próprio Senhor ter vindo ao mundo e se feito carne para melhor nos conhecer e nos compreender. Ah, que Deus, criado à imagem do homem por Sua vontade, foi melhor do que um que se tornasse Carne? Sim, eu lhe diria, sim, o seu Cristo, o Cristo deles, o Cristo até dos monges de Kiev, Ele é o Senhor! Apenas tome nota sempre das mentiras que dizem em nome Dele, e do que eles fazem. Pois Savonarola invocava o nome Dele quando elogiava um inimigo estrangeiro avançando em Florença, e aqueles que queimaram Savonarola como um falso profeta, até eles, ao acender a fogueira embaixo do corpo inerte do infeliz, até eles invocaram Cristo, o Senhor.

Não consegui conter as lágrimas.

Ele ficou calado, talvez me respeitando, ou pondo as idéias em ordem. Então mergulhou de novo a pena na tinta e ficou um bom tempo escrevendo, muito mais rápido do que os homens escrevem, mas com graça e destreza, sem nenhuma rasura.

Afinal, pousou a pena. Olhou para mim e sorriu.

— Comecei a lhe mostrar umas coisas, sem nenhum plano. Eu queria que essa noite você visse os perigos desse poder de voar, que podemos com muita facilidade nos transportar para outros lugares, e que essa sensação de entrar e sair com tanta facilidade é uma ilusão da qual precisamos ter consciência. Mas olhe, como saiu tudo diferente.

Não respondi.

— Eu queria que você ficasse com um pouco de medo — ele disse.

— Mestre — falei, enxugando o nariz com o dorso da mão —, pode deixar que ficarei com medo direitinho quando chegar a hora. Terei este poder, eu sei. Estou sentindo. E, por ora, acho que é um poder esplêndido, e, por causa dele, um pensamento sinistro cai no meu coração.

— Que pensamento? — perguntou ele com a maior gentileza. — Sabe, acho que seu rosto angelical não está mais preparado para coisas tristes do que aqueles pintados por Fra Angélico. Que sombra é essa que estou vendo? Que pensamento sinistro é esse?

— Leve-me lá, Mestre — tremia, no entanto falei. — Vamos usar seu poder para cobrir quilômetros e quilômetros da Europa. Vamos para o norte. Leve-me para ver aquela terra cruel que se tornou um purgatório em minha imaginação. Leve-me de volta a Kiev.

Ele demorou a responder.

A manhã vinha chegando. Ele pegou a capa e a túnica, levantou-se da cadeira e subiu comigo para o telhado.

Avistávamos ao longe as águas do Adriático que já estavam clareando, faiscando ao luar e à luz das estrelas, para além da floresta conhecida dos mastros dos navios. Luzinhas piscavam nas ilhas distantes. O vento estava ameno e cheio de sal e frescor do mar, delicioso como só pode achar quem perdeu completamente o medo do mar.

— Seu pedido é corajoso, Amadeo. Se você realmente quiser, amanhã à noite começaremos a viagem.

— Você já fez alguma viagem para tão longe?

— Em quilômetros, em distância, sim, muitas vezes-disse ele.
— Mas em busca de conhecimento de outra pessoa? Não, nunca fui tão longe.

Ele me abraçou e me levou para o palazzo onde nossa tumba ficava escondida. Eu estava cheio de frio quando chegamos à escada de pedra encardida, onde dormiam tantos pobres. Fomos desviando deles até chegar à entrada do porão.

— Acenda o archote para mim, Mestre — pedi. — Estou tiritando. Quero ver o ouro à nossa volta, se me der licença.

— Pronto, aí está — disse ele. Estávamos em nossa cripta diante dos dois sarcófagos ornamentados. Toquei na tampa do que era meu, e subitamente me veio outro pressentimento, de que todos os que eu amava resistiriam por muito pouco tempo.

Marius deve ter visto essa hesitação. Passou a mão direita pelo fogo mesmo do archote e encostou os dedos aquecidos em meu rosto. Depois me deu um beijo no lugar que guardara aquele calor, e seu beijo foi quente.

Levamos quatro noites para chegar a Kiev.

Só caçávamos de madrugada, antes do amanhecer.

Fazíamos nossos túmulos em locais de sepultamento mesmo, nas masmorras de castelos antigos e esquecidos, e nos sepulcros subterrâneos de igrejas abandonadas e em ruínas, onde os profanos agora estavam acostumados a armazenar gado e feno.

Eu poderia contar histórias dessa viagem, daquelas bravas fortalezas que rondávamos quase de manhãzinha, e daquelas vilas selvagens das montanhas onde encontramos o pecador em sua morada rústica.

Naturalmente, Marius via lições nisso tudo, ensinando-me como era fácil encontrar esconderijos e aprovando a velocidade com a qual nos deslocávamos pela mata cerrada, e não tinha medo dos esparsos povoamentos primitivos que visitávamos por causa de minha sede. Ele me elogiava por eu não me esquivar dos lúgubres ninhos de ossos empoeirados em que nos deitávamos de dia, lembrando-me que esses locais de sepultamento, por já terem sido pilhados, tinham menos probabilidade de ser perturbados pelos homens mesmo durante o dia.

Nossas roupas venezianas elegantes logo ficaram imundas, mas tínhamos casacões forrados de pele para a viagem, que davam conta de tudo. Até nisso, Marius via uma lição. A de que precisávamos nos lembrar de quão frágil e sem sentido era a proteção que nossas roupas nos forneciam. Os homens mortais esquecem-se de como usar as roupas de forma leve e de que elas são uma simples cobertura para o corpo e nada mais. Os vampiros não devem esquecer isso nunca, pois somos muito menos dependentes de nossa indumentária do que os homens.

Na última manhã antes de chegarmos a Kiev, eu já conhecia perfeitamente as florestas montanhosas. O terrível inverno do norte nos envolvia. Havíamos deparado com uma de minhas lembranças mais intrigantes: a presença da neve.

— Já não me dói pôr a mão na neve — disse eu, pegando aquela neve geladinha e passando-a no rosto. — Já não fico

enregelado ao vê-la, e, de fato, como é linda, cobrindo as cidades e os casebres mais pobres com seu manto! Mestre, olhe, olhe como ela reflete a luz até das estrelas mais fracas.

Estávamos no limite da terra que os homens chamam de Horda Dourada das planícies meridionais da Rússia, as quais, por duzentos anos, desde a conquista de Gêngis Khan, eram perigosíssimas para os fazendeiros, e muitas vezes fatais para o exército ou o cavaleiro.

Kiev Rus outrora incluía esses prados belos e férteis, que se estendiam para leste, quase até a Europa, bem como para sul da cidade de Kiev onde nasci.

— O último trecho não vai ser nada — avisou o Mestre. — Vamos fazê-lo amanhã à noite para que você esteja descansado quando avistar sua terra.

E ali num penhasco rochoso olhando para o capim selvagem balançando ao vento invernal lá embaixo, pela primeira vez desde que virara vampiro, senti uma falta tremenda do sol. Eu queria ver essa terra à luz do sol. Não ousava confessar isso ao Mestre. Afinal de contas, quantas bênçãos um ser pode querer?

Na última noite, acordei logo após o sol se pôr. Tínhamos encontrado um lugar no subsolo de uma igreja num vilarejo hoje desabitado. As horríveis hordas mongóis, que destruíram várias vezes minha terra natal, haviam há muito incendiado essa cidade, ou pelo menos foi o que Marius me contou, e essa igreja nem teto tinha. Não sobrara ninguém ali para arrancar as pedras do chão a fim de vendê-las ou usá-las numa construção, então descemos por uma escada esquecida para nos deitar com os monges lá sepultados há algumas centenas de anos.

Ao levantar da tumba, vi um retângulo de céu lá no alto, no local de onde o Mestre havia retirado um bloco de mármore do piso, sem dúvida uma lápide inscrita, para que eu pudesse subir. Subi com um impulso. Isto é, dobrei as pernas e dei um impulso com toda a força para cima, como se pudesse voar, passei por essa abertura e pousei em pé.

Marius, que sempre levantava antes de mim, estava sentado ali perto.

Imediatamente, deu a esperada gargalhada de aprovação.

— Você andou escondendo esse truquezinho para uma hora como essa? perguntou.

Olhando em volta, fiquei ofuscado com a neve. Estava apavorado, só de ver os pinheiros gelados que haviam brotado nas ruínas da igreja. Mal podia falar.

— Não — consegui dizer. — Eu não sabia que era capaz de fazer isso.

Não sei a altura que posso pular nem a força que tenho. Mas você gostou?

— Gostei, por que não deveria ter gostado? Quero que você seja suficientemente forte para que ninguém possa machucá-lo.

— E quem faria isso, Mestre? Viajamos pelo mundo, mas quem sabe quando vamos ou voltamos?

— Há os outros, Amadeo. E há outros aqui. Posso ouvi-los se eu quiser, mas há uma boa razão para não os ouvir.

Compreendi.

— Você abre a mente para os ouvir, e eles sabem que você está aqui?

— Sim, esperto. Já está preparado para ir para casa?

Fechei os olhos. Fiz o sinal da cruz como costumávamos fazer, tocando o ombro direito antes do esquerdo. Lembrei-me de meu pai. Estávamos nos campos selvagens e ele estava em pé no estribo com aquele seu arco gigante, que só ele conseguia envergar, como o mítico Ulisses, disparando uma flecha após a outra nos invasores que nos atacavam, cavalgando como se ele próprio fosse um dos turcos ou tártaros, tamanha era sua habilidade. Uma flecha após a outra, sacada com um movimento rápido da aljava às suas costas, entrava no arco e era disparada naquele matagal agitado pelo vento enquanto seu cavalo ia galopando a toda. Sua barba vermelha balançava naquela ventania furiosa, e o céu era de um azul tão rico que...

Interrompi essa oração e quase perdi o equilíbrio. O Mestre me segurou.

— Reze, já, já, você terá acabado com isso tudo — disse ele.

— Beije-me — pedi —, dê-me seu amor, abrace-me como sempre me abraçou, preciso disso. Oriente-me. Mas me abrace, sim. Deixe-me encostar a cabeça em você. Preciso de você, sim. Sim, quero que seja uma coisa rápida, e que todas lições que estiverem aqui, em minha mente, sejam levadas para minha terra.

Ele sorriu.

— Sua terra agora é Veneza? Já tomou sua decisão?

— Já, agora mesmo percebo isso. O que está para lá é a terra natal, que nem sempre é a nossa terra. Vamos?

Levando-me nos braços, ele se faz ao ar. Fechei os olhos, mesmo perdendo o último relance das estrelas imóveis. Parecia que eu estava dormindo encostado a ele, sonhadamente e sem medo.

Então ele me colocou no chão.

Na mesma hora, reconheci esse morro grande e escuro, e as florestas de carvalho sem folhas com os troncos escuros congelados e os galhos esqueléticos. Eu avistava lá embaixo a faixa brilhante do rio Dnieper. Meu coração galopava dentro de mim. Procurei as torres tristes da cidade alta, a cidade que chamávamos de Cidade de Vladimir, que era a Kiev antiga.

Montes de escombros que outrora formavam as muralhas da cidade estavam a poucos metros de mim.

Fui na frente, passando com facilidade por cima desses montes, e passeando no meio das ruínas das igrejas, igrejas que eram de um esplendor lendário quando Batu Khan incendiou a cidade no ano de 1240.

Eu crescera em meio a essa floresta de igrejas antigas e mosteiros em ruínas, muitas vezes correndo para assistir à missa em nossa catedral de Santa Sofia, um dos poucos monumentos poupados pelos mongóis. Em sua época, a catedral era um espetáculo de cúpulas douradas, dominando todas as das outras igrejas, e dizia-se que era mais imponente que sua homônima da longínqua Constantinopla, sendo maior e atulhada de tesouros.

O que eu conhecera eram vestígios majestosos, uma casca ferida.

Eu não estava querendo entrar na igreja agora. Bastava vê-la de fora, porque eu já sabia, pelo tempo feliz que eu passara em

Veneza, exatamente como fora essa igreja nos áureos tempos. Pelos mosaicos e pinturas bizantinos esplêndidos de São Marcos e pela velha igreja bizantina na ilha veneziana de Torcello eu entendia a maravilha que havia ali para todo mundo ver. Quando pensei no povo animado de Veneza, seus estudantes, seus eruditos, seus advogados, seus mercadores, eu imaginava uma vitalidade densa nessa cena desolada.

Havia muita neve, e poucos russos estavam na rua naquele início de noite gelado. Portanto, tínhamos a cidade para nós, percorrendo suas ruas com facilidade, sem precisar ver onde pisávamos como os mortais precisariam.

Chegamos a um extenso ameadado em ruínas, uma proteção amorfa agora embaixo da neve, e dali olhei para a cidade baixa, a cidade que chamávamos de Podil, a única verdadeira cidade de Kiev que restava, a cidade onde, numa casa rústica de madeira e barro há poucos metros do rio, eu crescera. Olhei para os telhados inclinados, sua palha coberta de neve purificadora, suas chaminés fumegando, e para ruas tortas e estreitas cheias de neve. Um grande gradeado de casas desse tipo e outros prédios formaram-se há muito à margem do rio e conseguiram sobreviver aos sucessivos incêndios e até aos piores ataques dos turcos.

Era uma cidade de mercadores e artesãos, todos ligados ao rio e aos tesouros que este trazia do Oriente e ao dinheiro que alguns pagavam pelos bens que o rio levava para o sul e para o mundo europeu.

Meu pai, o caçador indômito, vendia peles de urso que ele mesmo trazia sozinho da grande floresta que se espraiava para o norte. Peles de raposa, castor, ovelha, todas essas ele negociava, e tamanha era sua força e sua sorte que nenhum homem e nenhuma mulher em nossa casa jamais vendeu seus trabalhos nem ficou sem comida. Se passávamos fome, e passamos, era porque o inverno comia a comida, a carne desaparecia e não havia nada para o ouro de meu pai comprar.

Senti o fedor de Podil ali das ameias da cidade de Vladimir. Senti o fedor de peixe podre, de gado, de gente suja, da lama do rio.

Enrolei-me na capa, soprando a neve do forro de pele ao senti-la na boca, e olhei para as cúpulas escuras da catedral contra o céu.

— Vamos a pé, vamos depois do castelo do Voievoda — falei. — Está vendo aquele prédio de madeira? Você nunca haveria de chamá-lo de palácio ou castelo na bela Itália. Aqui é um castelo.

Marius balançou afirmativamente. Fez um pequeno gesto tranqüilizador. Eu não lhe devia nenhuma explicação desse lugar estrangeiro de onde eu viera.

O Voievoda era nosso governante, que, no meu tempo, era o príncipe Michael da Lituânia. Eu não sabia quem era agora.

Surpreendi-me com o fato de ter usado a palavra adequada para ele. Naquela minha visão fatídica, eu não tinha consciência da língua, e a palavra estranha que significava governante, “voievoda”, não saiu de minha boca. Mas eu o vi nitidamente então, com seu chapéu redondo de pele, sua pesada túnica de veludo escuro e suas botas de feltro.

Fui na frente.

Aproximamo-nos do prédio atarracado, que mais parecia uma fortaleza do que qualquer outra coisa, feito como era com aquelas toras enormes. Suas paredes se erguiam com uma inclinação graciosa; suas muitas torres tinham o telhado em quatro patamares. Via seu telhado central, uma espécie de domo de madeira pentagonal, sua silhueta rígida contra o céu estrelado. Havia archotes acesos diante de suas pesadas portas e ao longo de seus muros. Todas as janelas estavam cerradas como proteção contra a noite e o frio do inverno.

Houve um tempo em que eu considerava aquele edifício o mais imponente da cristandade.

Não foi nenhuma façanha atordoar os guardas com algumas palavras rápidas e alguns movimentos ágeis, passar por eles e entrar no castelo propriamente dito. Entramos pelos fundos, por um depósito, e fomos até um ponto em que tínhamos uma boa visão do pequeno grupo de nobres e senhores aglomerados no salão em volta daquele fogo que rugia, sob as vigas nuas do teto de madeira. Estavam sentados em imensas cadeiras russas cujos entalhes

geométricos não eram nenhum mistério para mim, colocadas sobre coloridos tapetes turcos estendidos no chão. Bebiam em taças de ouro, o vinho sendo servido por dois criados vestidos de couro, e suas vestes longas e cintadas eram azuis e vermelhas e douradas, de tons vivos como os desenhos dos tapetes.

Tapeçarias européias cobriam as paredes toscamente revestidas de estuque. As mesmas cenas antigas de caça nas florestas sem fim da França, da Inglaterra e da Toscana.

Numa mesa comprida guarnecida com velas acesas havia uma refeição simples de carne e aves.

A sala era tão fria que esses senhores conservavam os chapéus de pele. Quão exótico aquilo me parecera quando, em menino, fui levado com meu pai à presença do príncipe Michael, que era eternamente grato a meu pai por suas bravas façanhas de caçar nos campos selvagens ou de entregar carregamentos de valores aos aliados do príncipe nos fortes lituanos do oeste.

Mas estes eram europeus. Eu nunca os respeitara.

Meu pai me ensinara muito bem que eles não passavam de lacaios do Khan, pagando pelo direito de nos governar.

— Ninguém se levanta contra esses ladrões — dizia meu pai. — Então deixe que eles cantem suas canções de honra e valor. Não querem dizer nada. Você, escute as canções que eu canto.

E meu pai sabia cantar algumas canções.

Apesar de toda sua energia na sela, de toda sua destreza com o arco e flecha e de sua força bruta com a adaga, ele tinha dedos longos e hábeis para tirar música das cordas de uma harpa velha e cantar com inteligência as canções narrativas de outrora, quando Kiev era uma grande capital, suas igrejas rivalizando com as de Bizâncio, suas riquezas a maravilha do mundo inteiro.

Num instante, eu estava pronto para ir embora. Dei uma última olhada para me lembrar desses homens, acotovelados como estavam com suas taças de vinho douradas, descansando as grandes botas forradas de pele em extravagantes banquetas turcas, todos encolhidos, suas sombras cobrindo as paredes. Então, sem que eles percebessem que havíamos estado lá, fomos embora.

Estava na hora de ir para a outra cidade no alto do morro, Pechersk, embaixo da qual ficavam as muitas catacumbas do Mosteiro das Covas.

Estremeci só de pensar nisso. Parecia que a boca do mosteiro iria me engolir e que eu deveria me enfiar na Mãe Terra úmida, procurando eternamente a luz das estrelas, sem jamais encontrar a saída.

Mas entrei lá, passando pela lama e pela neve, e de novo com uma desenvoltura macia de vampiro. Agora fui na frente, quebrando as trancas silenciosamente com minha força superior e levantando as portas ao abri-las para que não forçassem as dobradiças que rangiam, e deslocando-me rapidamente pelos aposentos, de modo que olhos mortais não percebiam nada mais do que sombras frias, se alguma coisa percebiam.

O ar ali estava quente e parado, uma bênção, mas a memória me dizia que não havia sido assim tão quente para um menino mortal. No escritório, à luz fumarenta do óleo barato, vários irmãos debruçavam-se sobre suas escrivaninhas inclinadas, fazendo suas cópias, como se a prensa de impressão não lhes interessasse, e certamente não interessava.

Dava para ver os textos que eles estavam copiando, e eu os conhecia — o Paterikon do Mosteiro das Covas de Kiev, com suas maravilhosas histórias dos fundadores do mosteiro e de seus muitos santos coloridos.

Nesta sala, trabalhando naquele texto, eu aprendera a ler e escrever perfeitamente. Esgueirei-me encostado à parede até conseguir ver a página que um monge copiava, a mão esquerda firmando o modelo frágil que ele reproduzia.

Eu sabia de cor essa parte do Paterikon. Era a história de Isaac. Demônios haviam enganado Isaac. Apareceram-lhe como lindos anjos, pretendendo mesmo ser o próprio Cristo. Quando Isaac caiu naquela história, eles dançaram alegremente e o insultaram. Mas, após muita meditação e muita penitência, Isaac enfrentou esses demônios.

O monge acabara de mergulhar a pena na tinta e escrevia as palavras que Isaac falou:

‘Quando me enganastes sob a forma de Jesus Cristo e dos anjos, não éreis dignos daquela posição. Mas agora apareceis com vossas verdadeiras cores...’

Olhei para o outro lado. Tão fundido com a parede, eu poderia ficar ali eternamente sem ser visto. Lentamente, olhei para as outras páginas que o monge copiara, e que estavam secando. Encontrei uma passagem anterior que eu nunca esquecera, descrevendo Isaac nos dois anos que ele passou deitado, alheio ao mundo, imóvel e sem comida:

“Pois Isaac estava com o espírito e o corpo enfraquecidos e não conseguia virar-se, levantar-se, nem sentar-se; apenas ficava ali deitado de lado, e muitas vezes acumulavam-se vermes de seus excrementos e de sua urina embaixo de suas coxas.”

Os demônios haviam levado Isaac a isso com aquele engodo. Essas tentações, essas visões, essa confusão e essa penitência eu mesmo esperara experimentar pelo resto da vida quando entrei ali em criança.

Escutei a pena arranhando o papel. Recuei, sem ser visto, como se eu nunca tivesse aparecido.

Olhei para meus irmãos eruditos.

Todos eram macilentos, vestidos com roupas de lã barata, recendendo a suor e sujeira antigos, e suas cabeças estavam praticamente raspadas.

Suas barbas compridas eram ralas e despenteadas.

Achei que conhecia um deles, até chegara a amá-lo, mas isso me pareceu uma coisa remota, não que já não merecia consideração. A Marius, que estava a meu lado fiel como uma sombra, confessei que não teria podido suportar isso, mas nós dois sabíamos que era mentira. Provavelmente eu teria suportado e teria morrido sem jamais conhecer outro mundo.

Entre no primeiro dos longos túneis em que os monges estavam sepultados, e, fechando os olhos e encostando na parede de barro, fiquei escutando os sonhos e as preces daqueles que haviam sido sepultados vivos por amor a Deus.

Aquilo era o que eu imaginara e exatamente como eu lembrava. Ouvei as palavras conhecidas e não mais misteriosas

sussurradas no eslavo da igreja. Vi as imagens prescritas. Senti a chama crepitante da verdadeira devoção e do verdadeiro misticismo alimentada com o fogo fraco de nossas vidas de negação absoluta.

Fiquei de cabeça baixa. Encostei a testa na terra. Desejei encontrar menino, de alma tão pura, que havia aberto essas celas para trazer para os eremitas uma quantidade de comida e água apenas suficiente para mantê-los vivos. Mas não conseguia encontrar o menino. E só fiquei com uma pena violenta dele, por ele já ter sofrido ali, magro, miserável, desesperado e ignorante, ah, tão terrivelmente ignorante, com uma única alegria sensual na vida que era ver as cores do ícone se incendiarem. Sufoquei um soluço. Virei a cabeça e caí idiotamente nos braços de Marius.

— Não chore, Amadeo — disse ele com ternura em meu ouvido.

Ele afastou meu cabelo dos olhos, e, com aquele polegar macio, até enxugou minhas lágrimas.

— Dê adeus a todos eles agora, filho — disse ele.

Fiz que sim com a cabeça.

Num piscar de olhos, estávamos lá fora. Não falei com ele. Ele me seguiu. Desci a ladeira para a cidade ribeirinha.

O cheiro do rio se acentuou, o fedor de gente aumentou, e finalmente chegamos à casa que eu sabia que fora minha. De repente, que loucura isso parecia! O que eu procurava? Avaliar isso tudo por meus novos padrões? Confirmar para mim mesmo que enquanto criança mortal eu nunca tivera a menor chance? Meu Deus, não havia justificação para o que eu era, um ímpio bebedor de sangue, alimentando-me dos ensopados sensuais do mundo veneziano corrompido, eu sabia. Seria isso um exercício inútil de auto justificação? Não, uma outra coisa me atraía para aquela casa retangular e comprida, como tantas outras, suas paredes grossas de barro divididas por madeiras toscas, seu telhado de quatro coberturas cheias de estalactites de gelo pingando, essa casa grande e tosca que era o meu lar.

Tão logo cheguei, dei a volta na casa. A neve estava toda derretida, e, de fato, a água do rio escorria pela rua e inundava tudo como acontecia quando eu era criança. A água entrava em

minhas finas botas venezianas. Mas não conseguia paralisar meus pés como antes, porque agora eu tirava minhas forças de deuses desconhecidos aqui e de criaturas para as quais esses camponeses imundos, dos quais eu já havia sido um, não tinham nome.

Encostei a cabeça na parede tosca, como eu havia feito no mosteiro, encostando na argamassa como se a solidez fosse me proteger e me transmitir tudo o que eu quisesse saber. Dava para ver por um pequeno furo nos blocos de barro que estavam sempre se desfazendo, e vi, iluminada por aquela luz familiar das velas e aquela claridade forte das lâmpadas, minha família reunida em volta de um grande fogão de tijolos.

Eu conhecia todas aquelas pessoas, embora tivesse esquecido alguns de seus nomes. Eu sabia que eram parentes e conhecia a atmosfera que estavam partilhando. Mas eu precisava enxergar além dessa pequena reunião. Precisava saber se essas pessoas estavam bem. Precisava saber se depois daquele dia fatídico em que fui raptado, e meu pai sem dúvida assassinado nas terras selvagens, eles tinham conseguido prosseguir com o vigor costumeiro. Eu precisava saber, talvez, o que eles rezavam quando pensavam em Andrei, o menino com o dom para fazer ícones com tanta perfeição, ícones não feitos por mãos humanas.

Ouvi a harpa lá dentro, ouvi canto. Era a voz de um de meus tios, um tão jovem que poderia ser meu irmão. Seu nome era Borys, e, desde criança, ele cantava bem, decorando com facilidade as antigas sagas dos cavaleiros e heróis, e era uma delas, muito trágica e cheia de ritmo, que ele agora cantava. A harpa era pequena e velha, a harpa de meu pai, e Borys tangia as cordas no compasso de suas frases enquanto quase declamava a história de uma batalha animada e fatídica para a antiga e grande Kiev.

Escutei as cadências conhecidas que eram transmitidas por nosso povo de cantor a cantor há centenas de anos. Levantei os dedos e descasquei um pouco da argamassa. Vi pelo buraco o canto do ícone — bem em frente à reunião de família em volta das labaredas tremeluzentes do fogão aberto.

Ah, que espetáculo! Em meio a dezenas de tocos de velas e lamparinas de barro cheias de gordura combustível, havia mais ou

menos uns vinte ícones, alguns muito velhos e escurecidos em suas molduras de ouro, e outros radiosos como se ontem mesmo tivessem ganhado vida pelo poder de Deus. Havia ovos pintados enfiados no meio das pinturas, ovos lindamente decorados e coloridos com padrões que eu conseguia lembrar bem, embora até com meus olhos de vampiro eu agora estivesse muito longe para vê-los. Muitas vezes eu observara as mulheres enfeitando esses ovos sagrados para a Páscoa, aplicando neles a cera quente derretida com suas penas de madeira para fazer as fitas ou as estrelas ou as cruzes ou as linhas que significavam os chifres do carneiro, ou o símbolo que significava a borboleta ou a garça. Uma vez aplicada a cera, o ovo era mergulhado em tinta fria de uma cor incrivelmente forte. Parecia que havia uma variedade infinita e possibilidades infinitas de significado nesses padrões e signos simples.

Esses ovos frágeis e lindos eram guardados para curar os doentes ou para dar proteção contra tempestades. Eu escondia desses ovos no pomar para dar sorte na colheita vindoura. Uma vez colocara um em cima da porta da casa onde minha irmã foi morar quando casou.

Havia uma linda história sobre esses ovos decorados dizendo que desde que se seguisse o costume, desde que existissem esses ovos, o mundo estaria a salvo do monstro do Mal que estava sempre querendo vir e devorar tudo o que existia. Era gostoso ver esses ovos colocados ali no soberbo canto dos ícones, como sempre, entre os rostos santos. O fato de eu ter esquecido esse costume parecia uma vergonha e um aviso de uma tragédia iminente. Mas os rostos santos me pegaram de repente e eu esqueci isso tudo. Vi o rosto de Cristo refletindo a luz do fogo, meu Cristo brilhante e carrancudo, como o pintei tantas vezes. Eu fizera tantas dessas pinturas, e, no entanto, como essa era parecida com aquela perdida naquele dia nos capinzais das terras selvagens! Mas isso era impossível. Como alguém poderia ter recuperado o ícone que eu deixara cair quando os invasores me capturaram? Não, na certa devia ser outro, pois, como eu disse, eu havia feito muitos antes que meus pais tivessem tido a coragem de me levar para os

monges. Ora, meus ícones estavam por essa cidade toda. Meu pai até os levava para o príncipe Michael como nobres presentes, e o príncipe é quem havia dito que os monges precisavam ver minha habilidade. Quão sério parecia agora Nosso Senhor comparado com a lembrança dos Cristos ternos e pensativos de Fra Angélico ou o nobre e sofrido Senhor de Bellini. E, no entanto, Ele estava excitado com meu amor! Ele era o Cristo à nossa moda antiga, à moda antiga, amoroso em linhas severas, amoroso em cores escuras, amoroso à maneira de minha terra. E Ele estava excitado com o amor que eu achava que Ele me dava! Comecei a ficar enjoado. Senti as mãos do Mestre em meus ombros. Ele não me puxou para trás como eu receava. Simplesmente me segurou e encostou o rosto em meu cabelo. Eu estava quase indo. Já chegava, não? Mas a música parou. Uma mulher ali, minha mãe, seria? Não, mais jovem, minha irmã Anya, já moça, falava cansadamente de como meu pai poderia cantar de novo se conseguissem de alguma forma esconder a bebida dele e fazê-lo voltar ao que era. Meu tio Borys deu um sorriso escarninho. Ivan era um caso perdido, disse Borys. Ivan nunca mais ficaria sóbrio e morreria em breve. Ivan estava envenenado de álcool, tanto das finas bebidas que ele ganhava dos comerciantes vendendo o que ele roubava dessa própria casa, como da cerveja camponesa que ele recebia daqueles que maltratava, sendo ainda o terror da cidade. Fiquei todo arrepiado. Ivan, meu pai, vivo? Ivan, vivo para tornar a morrer com tanta desonra? Ivan não massacrado nos campos selvagens? Mas naquelas suas cabeças duras, os pensamentos dele e as palavras dele pararam juntos. Meu tio cantou outra canção, uma canção para dançar. Ninguém dançava nessa casa, onde todos estavam cansados do trabalho, e as mulheres quase cegas remendando as pilhas de roupas que tinham no colo. Mas a música os animava, e um deles, um garoto mais moço do que eu era quando morri, meu irmãozinho, disse baixinho uma prece por meu pai, pedindo que ele não morresse de frio naquela noite, como tantas vezes quase morrera, ao cair bêbado na neve como caía.

— Por favor, traga-o para casa — murmurou o menino.

Então, atrás de mim, ouvi Marius dizer, procurando colocar as coisas em ordem e me acalmar.

— Sim, parece que é verdade, sem dúvida. Seu pai está vivo.

Antes que ele pudesse me mandar tomar cuidado, virei-me e abri a porta. Era um ato impetuoso, uma imprudência, e eu deveria ter pedido permissão a Marius, mas eu era, como lhe disse, um pupilo indisciplinado. Eu precisava fazer isso. O vento varreu a casa. As figuras amontoadas tiritaram de frio e se envolveram nos grossos capotes de pele. O fogo na boca do fogão de tijolos ardia lindamente.

Eu sabia que devia tirar o chapéu, que, no caso, era o capuz, e que devia olhar para o canto do ícone e me benzer, mas não consegui. Na verdade, para me esconder, eu cobri o rosto com o capuz ao fechar a porta. Fiquei sozinho encostado ali. Tapava a boca com a capa de pele, de modo que nada se via de meu rosto exceto os olhos, e talvez uma mecha de cabelo avermelhado.

— Por que a bebida acabou com Ivan? — murmurei, lembrando-me da antiga língua russa. — Ivan era o homem mais forte dessa cidade. Onde está ele agora?

Eles ficaram preocupados e irritados com minha intromissão. As labaredas no fogão crepitaram e dançaram com aquela lufada de ar puro. O canto do ícone parecia um grupo de chamas radiantes em si mesmo, com suas imagens brilhantes e suas velas salteadas, outro fogo de uma espécie diferente e eterna. O rosto de Cristo ficou claro para mim naquela luz bruxuleante, os olhos como que fixos em mim enquanto eu estava encostado ali à porta.

Meu tio se levantou e jogou a harpa nos braços de um garoto mais moço que eu não conhecia. Vi no escuro as crianças sentadas em suas camas guarnecidas com pesadas colchas. Vi seus olhos brilhantes a me olhar no escuro. Os outros aglomeraram-se à luz do fogo e me encararam. Vi minha mãe, enrugada e triste como se séculos tivessem transcorrido desde que eu a deixara, uma verdadeira velha no canto, agarrada ao tapete que lhe cobria o colo. Estudei-a, tentando imaginar a causa de sua decadência. Desdentada, decrépita, os dedos nodosos e esfolados e brilhantes

de tanto trabalhar, talvez ela fosse apenas uma mulher sendo levada depressa demais para a sepultura.

Fui assaltado por muitos pensamentos e palavras, como se estivesse recebendo uma saraivada de golpes. Anjo, demônio, visitante noturno, terror das trevas, o que você é? Vi mãos erguidas, fazendo às pressas o sinal da cruz. Mas os pensamentos vieram claros em resposta à minha indagação.

Quem não sabe que Ivan, o Caçador, virou Ivan, o Penitente, Ivan, o Bêbado, Ivan, o Louco, por causa do dia nas terras selvagens em que não conseguiu impedir que os tártaros raptassem seu amado filho Andrei?

Fechei os olhos. Era pior que a morte o que acontecera com ele! E eu nunca imaginara, nunca ousara pensar nele vivo, nem tivera a consideração de esperar que ele estivesse vivo, nem pensara qual poderia ser seu destino caso ele estivesse? Veneza estava cheia de lojas em que eu poderia ter-lhe escrito uma carta, uma carta que os grandes venezianos poderiam levar para algum porto em que ela poderia ter sido despachada pelas famosas estradas postais do Khan.

Eu sabia disso tudo. O Andrezinho egoísta sabia disso tudo, dos detalhes que poderiam ter selado o passado com clareza, permitindo que ele o esquecesse. Eu poderia ter escrito:

“Família, estou vivo e feliz, embora nunca mais possa voltar para casa. Tomem esse dinheiro que estou enviando para meus irmãos e irmãs e minha mãe...”

Mas, então, nunca cheguei de fato a saber. O passado fora desgraça e caos. Sempre que a cena mais banal se avivava, o tormento reinava.

Meu tio estava diante de mim. Ele era grande como meu pai e estava bem vestido com uma túnica de couro cintada e botas de feltro. Olhava-me com calma mas com severidade.

— Quem é você que chega à nossa casa assim?-perguntou.— O que é esse príncipe aí diante de nós? Está trazendo alguma mensagem para nós? Então fale, e perdô-o por ter arrombado a fechadura de nossa porta.

Prendi o fôlego. Eu não tinha mais perguntas. Sabia que podia encontrar Ivan, o bêbado. Que ele estava na taberna com os pescadores e os comerciantes de peles, pois aquele era o único recinto fechado de que ele gostava além de sua casa.

Levei a mão-esquerda à bolsa que eu sempre carregava, amarrada ao cinto como deveria ser. Soltei-a e entreguei-a a este homem. Ele apenas olhou para ela. Depois levantou-se, ofendido, e recuou.

Então, pareceu parte integrante de uma cena intencional com a casa. Vi a casa. Vi a mobília entalhada à mão, o orgulho da família que a fizera, os crucifixos de madeira e os castiçais entalhados que seguravam as muitas velas. Vi os símbolos pintados decorando as molduras de madeira das janelas, as prateleiras onde se exibiam belas panelas, chaleiras e tigelas feitas em casa. Vi todos eles orgulhosos, então, a família toda, as mulheres que bordavam, bem como aquelas que remendavam, e lembrei-me com uma certa paz da estabilidade e do aconchego de sua vida cotidiana.

No entanto era uma vida triste, ah, tristíssima, comparada ao mundo que eu conhecia.

Adiantei-me e mostrei-lhe novamente a bolsa, e disse com uma voz abafada, ainda escondendo o rosto:

— Suplico-lhe que tenha a bondade de aceitar isso para que eu possa salvar minha alma. É da parte de seu sobrinho, Andrei. Ele está muito longe na terra para a qual os mercadores de escravos o levaram e nunca mais voltará para casa. Mas está bem e precisa compartilhar um pouco do que tem com a família. Ele me pede que lhe diga quais de vocês estão vivos e quais faleceram. Se eu não lhe der esse dinheiro, e se não o aceitar, serei condenado ao Inferno.

Não veio nenhuma resposta verbal da parte deles. Mas tive o que desejava de suas mentes. Consegui tudo. Sim, Ivan estava vivo, e agora eu, esse homem estranho, estava dizendo que Andrei também estava vivo. Ivan pranteava um filho que, além de vivo, estava rico. A vida é uma tragédia, de uma forma ou de outra. O que é certo é que você morre.

— Eu lhe suplico — disse eu.

Meu tio pegou a bolsa estendida, mas com desconfiança. A bolsa estava cheia de ducados de ouro, que valiam em qualquer lugar.

Deixei cair a capa e tirei a luva esquerda, e depois os anéis que cobriam cada dedo de minha mão. Opala, ônix, ametista, topázio, turquesa. Fui para o outro lado do fogo, passando pelo homem e pelos meninos, e coloquei esses anéis respeitosamente no colo da velha que havia sido minha mãe. Ela ergueu os olhos. Eu podia ver que, num instante, ela saberia quem eu era. Tornei a cobrir o rosto, mas com a mão esquerda, tirei o punhal da cinta. Era apenas uma Misericórdia pequena aquele punhalzinho que um guerreiro leva para a batalha a fim de despachar suas vítimas se elas ainda estiverem vivas mas já sem esperança de salvação. Era um objeto decorativo, mais um enfeite do que uma arma, e sua bainha folheada a ouro era toda cravejada de pérolas perfeitas.

— Para você — disse eu. — Para a mãe de Andrei, que sempre gostou de seu colar de pérolas de água-doce. Aceite isso pela alma de Andrei.

Depositei o punhal aos pés de minha mãe.

Em seguida curvei-me profundamente, quase encostando no chão, e saí, sem olhar para trás, fechando a porta ao passar, e continuando por perto, para ouvi-los enquanto se levantavam de um pulo e se acotovelavam para ver os anéis e o punhal, e alguns para ver a tranca.

Por um momento, fraquejei de tanta emoção. Mas nada iria me impedir de fazer o que eu desejava. Não apelei para Marius, porque seria covarde pedir-lhe apoio para isso, ou aceitar que ele me apoiasse. Fui descendo a rua coberta de neve rumo à taberna mais próxima ao rio, onde achei que meu pai podia estar. Raramente eu entrava ali quando era criança, e quando o fazia era só para chamar meu pai para voltar para casa. Eu não me lembrava direito daquele lugar, a não ser que era onde os estrangeiros bebiam e praguejavam.

Era um prédio comprido, feito com as mesmas toras toscas de minha casa, com a mesma argamassa de barro e as mesmas rachaduras e fendas para deixar passar aquele frio medonho. Seu

telhado era muito alto, com umas seis camadas para dividir o peso da neve, e em seus beirais também havia estalactites de gelo pingando, como em minha casa.

Eu achava maravilhoso que os homens pudessem viver assim, que o próprio frio não os impelisse a construir um abrigo melhor e mais definitivo, mas, ao que parecia, ali sempre fora assim, com os pobres, os enfermos, os sobrecarregados e os famintos sendo muito sacrificados pelo inverno violento e recebendo muito pouco da primavera e do verão curtos, e a resignação passando a ser afinal sua maior virtude.

Mas talvez eu estivesse errado sobre tudo isso naquela época, e talvez esteja agora. O importante é isso: aquele era um lugar de desesperança, e, embora não fosse feio, pois lenha e barro e neve e tristeza não são feios, era um lugar sem beleza a não ser pelos ícones, e talvez pelo vulto das graciosas cúpulas de Santa Sofia no alto do morro ao longe, contra o céu estrelado. E isso não bastava.

Quando entrei na taberna, contei uns vinte homens à primeira vista, todos eles bebendo e conversando uns com os outros com uma cordialidade que me surpreendeu, dada a natureza espartana desse local, que não passava de um abrigo para a noite, o qual os mantinha reunidos em segurança ao redor da grande fogueira. Ali não havia ícones para reconfortá-los. Mas alguns deles estavam cantando, e havia o indefectível tocador de harpa, tangendo seu pequeno instrumento de corda, e outro tocando um flautim.

Havia muitas mesas, algumas com toalhas, outras nuas, em volta das quais esses camaradas se reuniam, e alguns dos homens eram estrangeiros, como eu me lembrara. Três eram italianos, ouvi logo, e imaginei que fossem genoveses. Havia realmente mais estrangeiros do que eu esperara. Mas estes eram homens atraídos pelo comércio do rio, e talvez Kiev não estivesse tão pobre naquela altura.

Para não chamar atenção, adiantei-me e fui para o fundo da sala à esquerda, onde era escuro e talvez um viajante europeu vestido com ricas peles pudesse passar despercebido, pois, afinal de contas, boas peles talvez fossem algo que eles de fato pareciam ter.

Essas pessoas estavam demasiado embriagadas para se importar com quem eu era. O balconista do bar tentou se animar com a idéia de um novo freguês, mas depois continuou cochilando apoiado na mão. A música prosseguia, outra daquelas sagas, mas essa era muito menos alegre do que a que meu tio cantara lá em casa, porque acho que o músico estava muito cansado.

Vi meu pai.

Ele estava estirado num banco largo, tosco e engordurado, vestido com seu gibão de couro e coberto com sua capa de pele maior e mais pesada, meticulosamente dobrada, como se os outros lhe tivessem feito as honras depois de ele ter falecido. Sua capa era de pele de urso, o que o marcava como um homem bastante rico. Ele roncava naquele sono embriagado, recendendo a álcool, e não se mexeu quando ajoelhei-me a seu lado e olhei para seu rosto.

Suas faces, apesar de mais magras, continuavam coradas, mas estavam encovadas, e havia manchas grisalhas bem definidas em seu bigode e sua longa barba. Achei que ele havia perdido um pouco de cabelo nas têmporas e que sua testa lisa estava mais angulosa, mas isso poderia ter sido uma ilusão. A carne em volta de seus olhos parecia flácida e escura. Suas mãos, cruzadas embaixo da capa, não estavam aparecendo, mas eu podia ver que ele continuava forte, corpulento, e que seu amor pela bebida ainda não o havia destruído.

Tive subitamente uma noção perturbadora de sua vitalidade; sentia o cheiro de seu sangue e de sua vida, como se de uma possível vítima tropeçando em meu caminho.

Tirei tudo isso da cabeça e fiquei olhando para ele, amando-o e só pensando que estava felicíssimo por ele estar vivo! Ele havia saído das estepes selvagens. Escapara daqueles homens, que pareciam os próprios arautos da morte.

Puxei um banco para poder ficar calmamente sentado ao lado de meu pai, estudando seu rosto.

Eu não havia calçado a luva esquerda.

Pus minha mão agora fria em sua testa, de leve, sem querer tomar liberdades, e ele lentamente abriu os olhos. Estavam sujos, porém ainda lindamente brilhantes, apesar de injetados de sangue

e úmidos, e ele me olhou meigamente, calado. por alguns instantes, como se não tivesse por que se mexer, como se eu fosse uma visão perto de seus sonhos.

Senti o capuz escorregar para trás e não fiz nada para segurá-lo. Eu não podia ver o que ele via, mas sabia o que era-seu filho, com um rosto barbeado, igual ao que o filho tinha quando esse homem o conhecia, e longos cabelos acobreados soltos, em ondas polvilhadas de neve.

Mais adiante, parecendo meras silhuetas corpulentas contra o clarão do fogo, os outros cantavam e conversavam. E o vinho corria.

Nada se interpunha entre mim e esse momento, entre mim e esse homem que tentara vencer os tártaros, que disparara uma flecha após a outra contra seus inimigos, enquanto choviam flechas do adversário sobre ele em vão.

— Eles nunca o feriram — murmurei. — Eu o amo e só agora sei como você era forte. — Estaria minha voz sequer sendo audível?

Ele piscou ao olhar para mim, e então vi que passou a língua nos lábios. Seus lábios eram vivos, como coral, brilhando em meio à pesada franja vermelha do bigode e da barba.

— Eles me feriram — disse baixinho, mas com voz firme. — Eles me acertaram, duas vezes, no ombro e no braço. Mas não me mataram, e não soltaram Andrei. Caí do cavalo. Levantei-me. Eles não me acertaram nas pernas. Corri atrás deles. Corri muito e continuei atirando. Eu tinha uma maldita seta espetada bem aqui no ombro direito.

Sua mão surgiu de debaixo da capa de pele e ele a colocou na curva escura de seu ombro direito.

— Continuei atirando. Eu nem sentia. Vi-os indo embora. Eles o levaram. Nem sei se ele estava vivo. Não sei. Será que se dariam ao trabalho de levá-lo se o tivessem ferido? Havia setas por toda parte. Caía uma chuva de setas! Eles deviam ser uns cinqüenta. Mataram a metade dos homens! Eu disse aos outros: vocês precisam continuar atirando, não parem um segundo sequer, não se acovardem, fiquem atirando, e, quando não tiverem mais setas, saquem a espada e corram atrás deles, entrem no meio deles,

apeiem, apeiem perto da cabeça do cavalo de vocês e ataquem-nos. Bem, talvez eles tenham feito isso. Não sei.

Ele baixou as pálpebras. Deu uma olhada em volta. Queria levantar, e então olhou para mim.

— Dê-me alguma coisa para beber. Compre alguma coisa decente. O homem tem xerez espanhol. Traga-me desse vinho, uma garrafa. Diabos, antigamente, eu ficava esperando os comerciantes lá no rio, e nunca precisava comprar nada de ninguém. Traga-me uma garrafa de xerez. Estou vendo que você é rico.

— Sabe quem sou eu? — perguntei.

Ele olhou para mim completamente aturdido. Esta pergunta nem sequer lhe ocorrera.

— Você vem do castelo. Fala com sotaque lituano. Não quero saber quem você é. Compre um vinho para mim.

— Com sotaque lituano? — perguntei baixinho. — Que coisa medonha.

Acho que é sotaque veneziano e estou, envergonhado.

— Veneziano? Bem, não se envergonhe. Deus sabe que eles tentaram salvar Constantinopla, tentaram. Foi tudo para o inferno. O mundo vai acabar em chamas. Traga-me um vinho antes que ele acabe, está bem?

Levantei-me. Será que eu ainda tinha algum dinheiro? Eu estava pensando nisso quando a figura sinistra e silenciosa do Mestre surgiu à minha frente e me entregou a garrafa do xerez espanhol, aberta e pronta para meu pai beber.

Suspirei. O cheiro do vinho não significava nada para mim agora, mas eu sabia que era do bom, e além do mais era o que ele queria.

Enquanto isso, ele se sentara no banco e contemplava a garrafa em minha mão. Pegou-a e bebeu-a tão avidamente como eu bebo sangue.

— Olhe bem para mim — disse eu.

— Está escuro aqui, idiota — disse ele. — Como posso olhar bem para alguma coisa? Humm, mas esse é bom. Obrigado.

De repente, ele parou com a garrafa justo embaixo da boca. Foi estranha a maneira como ele parou. Era como se estivesse na

floresta e acabasse de sentir que um urso ou alguma outra fera mortal fosse atacá-lo. Ficou paralisado, com a garrafa na mão, e só seus olhos se mexeram quando ele olhou para mim.

— Andrei — murmurou.

— Estou vivo, pai — disse eu delicadamente. — Eles não me mataram.

Pegaram-me como prêmio e venderam-me para ganhar dinheiro. E fui levado de navio para o sul e novamente para o norte até a cidade de Veneza, e é aí que estou morando.

Os olhos dele estavam calmos. De fato, uma serenidade linda tomou conta dele. Ele estava embriagado demais para que seu lado racional se revoltasse ou para que uma surpresa barata o deleitasse. Ao contrário, a verdade inundou-o como uma onda, dominando-o, e ele compreendeu todas suas ramificações, que eu não sofrera, que estava rico, que estava bem.

— Eu estava perdido — disse eu no mesmo tom delicado, que certamente era apenas audível para ele. — Eu estava perdido, sim, mas fui achado por outra pessoa, um homem bom, e fui recuperado, e desde então não sofri mais. Fiz uma longa viagem para lhe contar isso, pai. Nunca soube se você estava vivo. Nunca sonhei. Quer dizer, achei que você tivesse morrido naquele dia em que o mundo inteiro morreu para mim. E agora estou vindo aqui lhe dizer que não deve nunca chorar por mim.

— Andrei — murmurou, mas sua expressão não mudou. Ele exprimia apenas um espanto calmo. Estava quieto ali sentado, segurando com as duas mãos a garrafa que pusera no colo, os ombros largos bem retos e o cabelo ruivo grisalho mais comprido do que eu jamais havia visto, confundindo-se com a pele de seu capote. Era um homem lindíssimo. Precisei ter olhos de monstro para saber disso. Precisei ter uma visão demoníaca para ver a força em seus olhos aliada à potência de sua compleição de gigante. Só seus olhos injetados de sangue traíam sua fraqueza.

— Agora me esqueça, pai. Esqueça-me, como se os monges tivessem me mandado embora. Mas lembre-se disso, por sua causa, eu nunca serei sepultado naquelas tumbas de terra do mosteiro. Não, outras coisas podem me acontecer. Mas esse sofrimento eu

não terei. Por sua causa, porque você não aceitava isso, porque você chegou naquele dia e ordenou que eu o acompanhasse, que eu fosse seu filho.

Virei-me para sair. Ele se atirou à frente, agarrando a garrafa pelo gargalo com a mão esquerda e me segurando pelo pulso com aquela sua poderosa mão direita. Puxou-me para ele como se eu fosse um simples mortal, com sua antiga força, e encostou os lábios em minha cabeça inclinada.

Ah, meu Deus, não permita que ele saiba! Não permita que ele sinta nenhuma mudança em mim! Eu estava desesperado. Fechei os olhos.

Mas eu era jovem, e não tão duro nem tão gelado como o Mestre, não, nem a metade da metade da metade. E ele só sentiu a maciez de meu cabelo, e talvez uma maciez gelada, com perfume de inverno em minha pele.

— Andrei, meu anjo dourado, meu filho talentoso!

Voltei-me e agarrei seu braço esquerdo. Cobri sua cabeça de beijos, como eu nunca teria feito quando criança. Estreitei-o junto ao meu coração.

— Pai, não beba mais — disse eu em seu ouvido. — Levante-se e volte a ser aquele caçador. Seja o que você é, pai.

— Andrei, ninguém jamais acreditará em mim.

— E quem são eles para lhe dizer isso se você tornar a ser você mesmo, homem? — perguntei.

Olhamo-nos nos olhos um do outro. Eu estava de boca fechada para que ele jamais visse os dentes afiados em minha boca que o sangue de vampiro me dera, os pequeninos dentes de vampiro como um homem sagaz como ele, o caçador natural, poderia ver muito distintamente.

Mas ele não estava procurando uma desqualificação dessas aqui. Ele só queria amor, e amor trocamos entre nós.

— Preciso ir, não tenho escolha. Roubei este tempo para vir vê-lo. Pai, diga à minha mãe que eu é que estive lá em casa hoje, e que eu é que lhe dei os anéis e dei a bolsa a seu irmão.

Recuei. Sentei-me no banco ao lado dele, pois ele havia posto os pés no chão. Tirei a luva direita e olhei para os sete ou oito

anéis que eu usava, todos eles de ouro ou prata e cravejados de pedras preciosas, então fui tirando um a um, sob seus sonoros gemidos de protesto, e depusitei aquele punhado de jóias em sua mão.

Como era macia e quente a sua mão, como era corada e viva!

— Aceite-os porque tenho um mundo deles. E lhe escreverei e lhe enviarei mais, mais para você não precisar fazer nada exceto o que tiver vontade de fazer — cavalgar e caçar, e contar histórias dos velhos tempos junto ao fogo. Compre uma boa harpa com isso, compre livros para os pequenos, se quiser, compre tudo o que quiser.

— Não quero isso, quero você, meu filho.

— Sim, e eu quero você, meu pai, mas este pequeno poder é tudo o que podemos ter.

Segurei sua cabeça com as duas mãos, exibindo minha força, talvez insensatamente, mas imobilizando-o enquanto o beijava. Depois, com um demorado abraço afetuoso, levantei-me para partir.

Saí tão depressa da sala que ele não poderia ter visto nada a não ser a porta fechando.

Nevava. Avistei o Mestre a alguns metros dali e fui a seu encontro, e começamos a subir a colina. Eu não queria que meu pai saísse lá fora. Queria ir embora o quanto antes.

Eu já ia pedir que entrássemos na velocidade vampírica e saíssemos de Kiev quando vi um vulto correndo em nossa direção. Era uma mulherzinha, seu pesado e comprido abrigo de pele arrastando na neve molhada. Ela trazia alguma coisa brilhante nos braços.

Fiquei imobilizado, escoltado pelo Mestre. Era minha mãe que viera me ver. Era minha mãe a caminho da taberna, e em seus braços, diante de mim, estava um ícone do Cristo carrancudo, aquele para o qual eu ficara olhando tanto pela fresta da parede da casa.

Prendi a respiração. Ela ergueu o ícone com as duas mãos e ofereceu-o a mim.

— Andrei — murmurou ela.

— Mãe — eu disse. — Guarde esse ícone para os pequenos, por favor — abracei-a e beijei-a. Quão mais velha, quão miseravelmente velha ela parecia. Mas as gravidezes haviam feito isso com ela, tirando-lhe as forças, nem que fosse pelos bebês que seriam enterrados em pequenas covas no chão. Pensei em quantos bebês ela havia perdido quando eu era garoto, e quantos mais ainda antes que eu nascesse. Ela os chamava de seus anjos, seus bebezinhos, sem tamanho para viver. — Guarde isso — eu lhe disse. — Guarde isso para a família aqui.

— Está bem, Andrei — disse ela. Ela me olhou com olhos apagados, sofredores. Eu podia ver que ela estava morrendo. Compreendi de repente que não era só a idade que a acabava, nem o trabalho com os filhos. Ela estava doente por dentro, e haveria realmente de morrer em breve. Senti um tal pavor, ao olhar para ela, um tal pavor de todo o mundo mortal. Era apenas uma doença aborrecida, comum e inevitável.

— Adeus, querido anjo — me despedi.

— Adeus, meu querido anjo — respondeu ela.— Meu coração e minha alma estão felizes por você ser um príncipe nobre. Mas me mostre, você faz o sinal da cruz da maneira correta?

Quão desesperada ela parecia! Estava sendo sincera. Queria dizer simplesmente, teria eu conseguido toda essa riqueza aparente convertendo-me à igreja do Ocidente? Era isso o que ela queria dizer.

— Mãe, você está me submetendo a um teste simples. Fiz o sinal-da-cruz para ela, à nossa moda, à moda oriental, da direita para a esquerda, e sorri.

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça. Então, tirou cuidadosamente uma coisa de dentro da roupa e me deu, só largando depois que estendi as duas mãos em concha para recebê-lo. Era um ovo de Páscoa pintado de vermelho-escuro. Um ovo perfeito e finamente decorado. Tinha listras amarelas no sentido do comprimento, e, no centro criado pelas listras, havia uma rosa perfeita pintada ou uma estrela de oito pontas. Olhei para o ovo e balancei a cabeça para minha mãe. Peguei um lenço de puro linho flamengo e enrolei o ovo, acolchoando-o bem, e guardei fielmente

o pequeno fardo nas dobras da túnica por baixo da jaqueta e do capote. Abaixei-me e dei-lhe mais um beijo na face ressecada e flácida.

— Mãe — disse eu —, a Alegria de Todas as Dores, é isso o que você é para mim!

— Meu doce Andrei — respondeu ela. — Vá com Deus, se tiver de ir.

Ela olhou para o ícone. Queria que eu o visse. Virou-o para que eu pudesse ver o rosto dourado de Deus, tão lustroso e bem feito como no dia em que eu o pintara para ela. Só que eu não o pintara para ela. Não, era o próprio ícone que eu levava naquele dia em nossa marcha para as terras selvagens.

Ah, que maravilha meu pai tê-lo trazido de volta com ele, desde aquela longínqua cena dessa perda. Mas por que não? Por que um homem como ele não faria uma coisa dessas?

A neve caía no ícone pintado. Caiu no rosto severo de Nosso Salvador, que se inflamara sob meu pincel como que por um passe de mágica, um rosto que, com aqueles lábios severos e lisos e aquele cenho ligeiramente franzido significava amor. Cristo, meu Senhor, podia parecer ainda mais severo nos mosaicos de São Marcos. Cristo, meu Senhor. De qualquer maneira, e em qualquer estilo, era cheio de amor ilimitado. A neve caía em rajadas e parecia derreter ao tocar em seu rosto. Receei por esse frágil pedaço de madeira, essa reluzente imagem laqueada, destinada a brilhar sempre. Mas ela também pensou nisso, e, com o capote, rapidamente protegeu o ícone da umidade da neve que derretia.

Nunca mais tornei a ver esse ícone.

Mas haverá alguém que agora precise me perguntar o que significa um ícone para mim? Haverá alguém que precise saber agora por que, quando me deparei com o rosto de Cristo no Véu de Verônica, quando Dora segurou no alto esse Véu trazido de Jerusalém e da hora da paixão de Cristo pelo próprio Lestat, passando pelo Inferno até chegar ao mundo, caí de joelhos e exclamei: “É o senhor?”

A volta de Kiev pareceu uma viagem no tempo, para um lugar que realmente era o meu.

Veneza inteira, quando voltei, parecia compartilhar o faiscar da câmara folheada a ouro na qual fiz meu túmulo. Deslumbrado, eu passava as noites vagando, com ou sem Marius, sorvendo o ar puro do Adriático e espiando as esplêndidas moradias e os palácios do governo aos quais me acostumei nos últimos anos.

Os cultos noturnos nas igrejas atraíam-me como o mel atrai moscas. Eu bebia a música dos coros, o cântico dos padres e, sobretudo, a atitude alegre e sensual dos fiéis, como se tudo isso fosse um bálsamo para as minhas partes em carne viva por causa de minha volta ao Mosteiro das Covas.

Mas, no fundo do coração, eu reservava uma chama viva e tenaz de reverência pelos monges russos do Mosteiro das Covas. Tendo vislumbrado algumas palavras do santo irmão Isaac, entrei na memória viva de seus ensinamentos-o irmão Isaac, que fora um bobo de Deus e um eremita, alguém que via espíritos, a vítima do Diabo e depois seu conquistador em nome de Cristo.

Eu tinha uma alma religiosa, sem dúvida, e recebera dois grandes modos de pensamento religioso, e agora, ao render-me a uma guerra entre esses modos, fiz guerra a mim mesmo, pois embora não tivesse intenção de abrir mão dos luxos e das glórias de Veneza, da beleza sempre refulgente das lições de Fra Angélico e das impressionantes realizações iluminadas de todos aqueles que o seguiram, criando beleza para Cristo, eu secretamente beatificava o perdedor em minha batalha, o abençoado Isaac, que, com minha mentalidade infantil, eu imaginava tendo seguido o verdadeiro caminho do Senhor.

Marius conhecia minha luta, sabia do domínio que Kiev exercia sobre mim, e sabia da importância crucial de tudo isso para mim. Ele entendia melhor do que ninguém que cada ser briga com seus próprios anjos e demônios, cada ser sucumbe a um conjunto essencial de valores, um tema, por assim dizer, que é inseparável de uma vida como deve ser.

Para nós, a vida era a vida vampírica. Mas em todos os sentidos era vida, e vida sensual e carnal. Eu não podia mergulhar nessa vida fugindo das compulsões e obsessões que eu sentia como rapaz mortal. Ao contrário, elas agora eram ampliadas.

Antes de completar um mês de minha volta, vi que tinha dado o tom de minha atitude para com o mundo à minha volta. Eu deveria aproveitar a beleza luxuriante da pintura, da música e da arquitetura italianas, sim, mas faria isso com o fervor de um santo russo. Transformaria todas as experiências sensuais em bondade e pureza. Eu aprenderia, teria mais entendimento, mais compaixão pelos mortais à minha volta, e nunca deixaria de pressionar minha alma para ser o que eu julgava bom. O bem estava acima de tudo; o bem era ser gentil. Era não desperdiçar nada. Era pintar, ler, estudar, escutar, até rezar, embora eu não tivesse certeza, e a quem eu rezava, era aproveitar qualquer oportunidade para ser generoso com os mortais que eu não matava.

Quanto aos que eu matava, eles deveriam ser eliminados com misericórdia, e eu deveria me tornar o senhor absoluto da misericórdia, jamais causando sofrimento ou confusão, na verdade atraindo minhas vítimas ao máximo com encantos induzidos por minha voz doce ou pela profundidade de meu olhar comovente, ou por outro poder que aparentemente eu possuísse ou fosse capaz de desenvolver, um poder para entrar na mente do pobre mortal indefeso e assisti-lo na confecção de suas próprias imagens reconfortantes para que a morte se tornasse o bruxuleio de uma chama num êxtase, e depois o silêncio mais doce. Eu também me concentrava em gozar o sangue, em me aprofundar além da necessidade turbulenta de minha sede, para saborear esse fluido vital que eu roubava de minha vítima e sentir mais plenamente aquilo que vinha com ela para a morte definitiva, o destino de uma alma mortal.

Minhas aulas com Marius foram temporariamente interrompidas. Mas afinal ele chegou delicadamente e disse-me que estava na hora de estudar novamente a sério, que havia coisas que precisávamos fazer.

— Faço meu próprio estudo — disse eu. — Você sabe disso muito bem. Sabe que não tenho andado por aí ocioso, e sabe que minha mente é tão ávida quanto meu corpo. Você sabe disso. Então me deixe em paz.

— Muito bem, mestrezinho — disse ele meigamente —, mas você precisa voltar para a escola que mantenho para você. Tenho coisas que você precisa conhecer.

Durante cinco noites, liberei-me dele. Então, enquanto eu dormitava em sua cama depois da meia-noite, tendo passado o início da noite na praça de São Marcos num grande festival, escutando música e assistindo aos malabaristas, assustei-me ao receber uma chicotada sua nas pernas.

— Acorde, menino — disse ele.

Virei-me e olhei para cima. Fiquei espantado. Ele estava ali em pé, de braços cruzados, segurando aquele chicote comprido. Usava uma túnica longa e cintada de veludo púrpura e seu cabelo estava preso na nuca. Senti as chicotadas como nunca havia sentido quando eu era mortal. Eu estava mais forte, mais resistente a elas, mas por uma fração de segundo cada golpe rompeu minha guarda preternatural, causando uma minúscula e intensa explosão de dor. Fiquei furioso. Tentei sair da cama, e provavelmente teria batido nele, tamanha era a minha irritação por ser tratado dessa maneira. Mas ele pôs um joelho em minhas costas e ficou me chicoteando até eu gritar. Então, endireitou-se e me arrastou pela gola. Eu estava trêmulo de raiva e confuso.

— Quer mais? — perguntou.

— Não sei — respondi, desvencilhando-me, o que ele permitiu com um sorrisinho. — Talvez sim! Ora meu coração é da maior importância para você, ora sou um colegial. É isso?

— Você já teve tempo suficiente para chorar — disse ele — e para reavaliar o que recebeu. Agora é voltar ao trabalho. Vá para a escrivaninha e prepare-se para escrever. Senão lhe bato mais um pouco.

Comecei a discursar.

— Não vou ser tratado assim. Não há nenhuma necessidade disso. O que devo escrever? Já escrevi vários volumes em minha

alma. Acha que pode me colocar à força naquela abominável forminha do aluno obediente, acha que isso é apropriado para as idéias cataclísmicas que tenho de considerar, acha...

Ele me esbofeteou. Fiquei tonto. Quando meus olhos se desanuviaram, encarei-o.

— Quero sua atenção de novo. Quero que você saia de sua meditação. Vá para a escrivaninha e me faça um resumo do que sua viagem à Rússia significou para você, e o que agora você vê aqui que antes não conseguia ver. Seja conciso, use seus melhores símiles e metáforas e escreva depressa e com clareza para mim.

— Que táticas grosseiras — resmunguei. Mas meu corpo latejava por causa das chicotadas. Era uma dor completamente diferente da de um corpo mortal, mas doía, e eu odiei aquilo.

Sentei diante da escrivaninha. Eu ia escrever algo realmente grosseiro como “Aprendi que sou escravo de um tirano”. Mas quando ergui os olhos e o vi ali de chicote em punho, mudei de idéia.

Ele sabia que aquele era o momento perfeito para se aproximar de mim e me beijar. E fez isso, e vi que eu erguera o rosto para receber seu beijo antes que ele abaixasse a cabeça. Isso não o deteve.

Senti a felicidade avassaladora de ceder a ele. Passei meu braço em volta de seus ombros.

Ele me soltou após um instante demorado e doce, e então escrevi muitas frases, descrevendo bastante o que já expliquei anteriormente.

Escrevi sobre a luta interna que se travava dentro de mim entre o carnal e o ascético; escrevi sobre minha alma russa buscando o nível de exaltação mais elevada. Pintando o ícone, eu encontrara esse nível, mas o ícone satisfizera a necessidade dos sentidos porque era belo. E enquanto escrevia, percebi pela primeira vez que o estilo russo antigo, estilo bizantino antigo encarnava uma luta entre o sensual e o ascético, as imagens contidas, chapadas, disciplinadas, envolvidas por um colorido rico, o todo exalando puro deleite para os olhos e representando renúncia.

Enquanto eu escrevia, o Mestre foi embora. Percebi isso, mas não importava. Eu estava absorto na escrita, e aos poucos fui deixando aquela minha análise das coisas e comecei a contar uma história antiga.

“Antigamente, quando os russos não conheciam Jesus Cristo, o grande príncipe Vladimir de Kiev — e naquele tempo Kiev era uma cidade magnífica — enviou emissários para estudarem as três religiões do Senhor: a religião muçulmana, que esses homens acharam frenética e fétida; a religião da Roma papal, na qual esses homens não encontraram nenhuma glória; e finalmente o cristianismo de Bizâncio. Na cidade de Constantinopla, os russos foram levados para ver as magníficas igrejas nas quais os católicos gregos adoravam o seu Deus, e acharam esses prédios tão lindos que não sabiam se estavam no Paraíso ou ainda na terra. Jamais haviam visto algo tão esplêndido; tiveram certeza então de que Deus vivia entre os homens na região de Constantinopla, por isso foi essa religião que a Rússia adotou. Foi, portanto, a beleza que deu origem à nossa Igreja russa. Em Kiev, outrora, os homens podiam descobrir o que Vladimir procurava recriar, mas agora que Kiev está em ruínas e os turcos tomaram a Santa Sofia de Constantinopla, a pessoa precisa vir a Veneza ver a grande Theotokos, a Virgem que é aquela que carrega Deus, e seu filho quando se torna o Pantokrator, o Divino Criador de todas as coisas. Em Veneza, encontrei nos vivos mosaicos de ouro e nas imagens vigorosas de uma nova era o próprio milagre que trouxe a Luz de Cristo Nosso Senhor à minha terra natal, a Luz de Cristo Nosso Senhor que continua ardendo no Mosteiro das Covas.”

Larguei a pena. Deixei a folha de lado e deitei a cabeça nos braços e fiquei chorando baixinho, sozinho no silêncio de um quarto penumbroso. Eu não me importava se me batessem, me chutassem ou me ignorassem.

Finalmente, Marius veio me buscar para me levar para nossa cripta, e agora vejo, séculos depois, olhando para trás, que o fato de ele ter me obrigado a escrever naquela noite me fez lembrar para sempre das lições daquela época.

Na noite seguinte, depois de ler o que eu havia escrito, ele estava arrependido por ter me batido e disse que tinha dificuldade de tratar-me como qualquer outra coisa que não uma criança, mas que eu não era uma criança. Antes, eu era um espírito parecido com o de uma criança — ingênuo e maníaco em minha busca de certos temas.

Ele nunca esperara me amar tanto.

Eu queria ficar alheio e distante, por causa da surra, mas não consegui. Eu me admirava que seu toque, seus beijos, seus abraços significassem mais para mim do que significavam quando eu era humano.

12

Quisera sair agora do alegre quadro em que estou com Marius em Veneza e continuar esta história na cidade de Nova York, nos tempos modernos. Quero ir para o instante naquele quarto, na cidade de Nova York, em que Dora segurava o Véu de Verônica, a relíquia que Lestat trouxe de sua viagem ao Inferno, pois aí eu teria uma história contada em duas metades perfeitas, da criança que eu fora e do fiel que me tornara, e da criatura que hoje sou.

Mas não posso me enganar com tanta facilidade. Sei que o que aconteceu com Marius e comigo nos meses seguintes à minha viagem à Rússia faz parte de minha vida. Não há nada a fazer senão atravessar a Ponte dos Suspiros de minha vida, a longa ponte escura a cobrir séculos de minha existência torturada, ligando-me aos tempos modernos. O fato de Lestat ter descrito tão bem o meu tempo nessa travessia não significa que eu possa escapar sem acrescentar minhas próprias palavras, e sobretudo meu próprio reconhecimento do bobo de Deus que eu seria durante trezentos anos. Quisera ter escapado desse destino. Quisera que Marius tivesse escapado do que nos aconteceu. Agora é evidente que ele sobreviveu à nossa separação com muito mais força e percepção do que eu. Mas ele já era um ser sábio de muitos séculos, e eu ainda era uma criança.

Nossos últimos dias em Veneza não foram prejudicados por qualquer premonição do que estava para vir. Vigorosamente, ele me ensinava as lições essenciais.

Uma das mais importantes era como passar por humano no meio de seres humanos. Desde minha transformação, eu nunca me dera bem com os outros aprendizes, e evitara completamente minha amada Bianca, para com quem eu tinha uma dívida de gratidão não apenas pela amizade passada mas também por ela ter tratado de mim quando eu estive tão doente. Agora, eu precisava enfrentar Bianca, ou pelo menos Marius assim decretou. Era eu quem tinha de escrever uma carta cortês para ela explicando que, devido à minha doença, não me fora possível ir a seu encontro antes.

Então, certa noite, cedo, após uma breve caçada em que bebi o sangue de duas vítimas, fomos visitá-la, carregados de presentes para ela, e a encontramos rodeada daqueles seus amigos ingleses e italianos.

Marius vestira-se elegantemente de veludo azul-escuro para a ocasião, pela primeira vez com um capote da mesma cor, o que era raro nele, e insistira para que eu me vestisse de azul-celeste, sua cor preferida para mim. Eu levava os figos de vinho e tortas doces numa cesta para ela.

Encontramos sua porta aberta como sempre, e entramos discretamente, mas ela nos viu logo.

Assim que a vi, senti um desejo confrangedor por um certo tipo de intimidade, ou seja, queria contar-lhe tudo o que acontecera! Obviamente isso era proibido, e aprender a amá-la sem confiar nela — isso era algo que Marius insistia que eu aprendesse.

Ela se levantou e veio a meu encontro, e envolveu-me em seus braços, aceitando os costumeiros beijos ardentes. Vi logo por que Marius insistira em duas vítimas para aquela noite. Eu estava quente e corado de sangue.

Bianca não sentiu nada que a assustasse. Passou os braços macios em volta de meu pescoço. Estava radiosa com um vestido de seda amarela e de veludo verde-escuro, o vestido de baixo

amarelo, salpicado de rosas bordadas, e tinha os seios brancos precariamente cobertos como só uma cortesã os teria.

Quando comecei a beijá-la, tomando cuidado para esconder dela minhas pequenas presas, eu não sentia fome porque o sangue de minhas vítimas fora mais que suficiente. Beijei-a com amor e só com amor, rapidamente pensando em tórridas lembranças eróticas, o corpo certamente demonstrando a urgência que tivera com ela no passado. Eu queria apalpá-la toda, como um cego poderia apalpar uma escultura, para melhor ver cada curva com as mãos.

— Ah, você não está apenas bem, está esplêndido — disse Bianca. — Você e Marius, entrem, venham, vamos para aquela sala. — Ela fez um gesto displicente para os convidados, que de qualquer maneira estavam entretidos, conversando, discutindo, jogando cartas em pequenos grupos. Ela nos levou para sua sala mais íntima contígua a seu quarto, um aposento atulhado de cadeiras e sofás de damasco medonhamente caro, e mandou que eu sentasse.

Eu me lembrava das velas, lembrava que jamais devia me aproximar demais delas, mas devia usar as sombras para que nenhum mortal tivesse a oportunidade ideal de estudar minha pele diferente e mais perfeita.

Isso não foi muito difícil, pois, mesmo gostando de claridade e tendo uma queda pelo luxo, ela mandara espalhar os candelabros para criar um ambiente. A falta de luz também faria com que se notasse menos o brilho de meus olhos; eu sabia disso também. E quanto mais eu falava mais animado eu ficava, mais humano eu parecia.

A quietude era um perigo para nós quando estávamos entre mortais, Marius me ensinara, pois na quietude parecemos perfeitos e sobrenaturais e finalmente até ligeiramente horríveis aos mortais, que sentem que não somos o que parecemos. Segui todas essas regras. Mas estava nervoso por não poder jamais lhe contar o que fora feito comigo. Comecei a falar. Expliquei que a doença fora inteiramente debelada, mas que Marius, muito mais sábio do que qualquer médico, ordenara isolamento e repouso. Quando eu não estava de cama, estava sozinho, lutando para recobrar as forças. —

Aproxime-se ao máximo da verdade, para mentir melhor — ensinara Marius. Agora eu seguia essas palavras.

— Ah, mas achei que tivesse perdido você — disse ela. — Quando você mandou dizer, Marius, que ele estava se recuperando, a princípio não acreditei em você. Achei que queria suavizar a verdade inevitável.

Que linda ela era, uma flor perfeita! Seu cabelo louro era repartido ao meio, com uma mecha grossa de cada lado enrolada com pérolas e presa atrás com uma presilha também incrustada de pérolas. O resto de seu cabelo caía à la Botticelli, em louras ondas luzidias até os ombros.

— Você o curou mais completamente do que qualquer ser humano poderia ter curado — disse-lhe Marius. — Minha tarefa foi lhe dar uns remédios antigos que só eu conheço. E depois deixar esses remédios agirem. — Ele falou com simplicidade, mas achei-o triste.

Uma tristeza terrível apoderou-se de mim. Eu não podia contar a ela o que eu era, nem como ela estava diferente, como parecia ricamente opaca com sangue humano comparada a nós, e como sua voz adquirira para mim um novo timbre que era puramente humano e aticava delicadamente meus sentidos se ela dissesse uma só palavra.

— Bem, vocês dois estão aqui, e precisam vir sempre — disse ela.— Nunca mais deixem uma separação dessas ocorrer. Marius, eu quis procurá-lo, mas Riccardo me disse que você queria paz e sossego. Eu teria tratado de Amadeo em qualquer estado.

— Eu sei, minha querida-disse Marius.— Mas, como eu disse, ele estava precisando era de isolamento, e sua beleza intoxica e talvez você nem perceba o quanto suas palavras são estimulantes. — Isso não foi dito em tom de lisonja mas soou como uma confissão sincera.

Ela abanou a cabeça um tanto triste.

— Descobri que Veneza não é meu lar se você não estiver aqui. — Ela olhou cautelosamente para a ante-sala e passou a falar num tom de voz baixo. — Marius, você me libertou daqueles que tinham poder sobre mim.

— Foi simplíssimo — disse ele. — Foi um prazer, na verdade. Que grosseiros eram aqueles homens, seus primos, se não me engano, e ansiosos para usar você e sua fama de grande beleza em suas negociatas.

Ela corou, e ergui a mão para lhe pedir que tivesse cuidado com as palavras. Eu sabia agora que, durante o massacre do salão de banquetes florentino, ele havia lido na mente das vítimas toda a sorte de coisas que eu desconhecia.

— Primos? Talvez — disse ela. — Eu convenientemente esqueci isso. Que eram um terror para quem eles atraíam oferecendo empréstimos altíssimos e oportunidades arriscadas, isso eu posso dizer sem sombra de dúvida. Marius, as coisas mais estranhas aconteceram, coisas que eu nunca imaginara.

Eu gostava do ar sério em suas feições delicadas. Ela parecia linda demais para ter cérebro.

— Estou mais rica — disse ela — já que posso ficar com a maior parte de minha própria renda, e outras pessoas (essa é a parte estranha), outras pessoas, agradecidas pelo desaparecimento de nosso banqueiro e de nosso extorsionário, cumularam-me de presentes de ouro e jóias, sim, até este colar, olhe, e você sabe que essas são todas pérolas do mar e do mesmo tamanho, e este colar é uma verdadeira fieira delas, veja, e eu ganhei tudo isso, embora tenha afiançado mil vezes não ter sido a mandante da execução.

— Mas e a culpa? — perguntei. — E o perigo de uma acusação pública?

— Eles não têm quem os defenda nem quem chore por eles — disse ela depressa. Plantou-me mais uma série de beijos no rosto. — E hoje, os amigos que tenho no Grande Conselho estavam aqui como sempre, para ler alguns poemas novos para mim e ficar sossegados onde pudessem encontrar um descanso dos clientes e das intermináveis exigências de suas famílias. Não, não acho que serei acusada de coisa alguma, e, como é sabido, na noite dos assassinatos, eu estava aqui com aquele inglês horrível, Amadeo, aquele mesmo que tentou matá-lo, que naturalmente...

— Sim, o quê? — perguntei.

Marius apertou os olhos ao olhar para mim. Fez um pequeno sinal, batendo na testa com o dedo enluvado. Leia a mente dela, queria dizer.

Mas eu não podia pensar em tal coisa. O rosto dela era lindo demais.

— O inglês que desapareceu — disse ela. — Acho que se afogou por aí, que estava andando por aí embriagado e caiu num canal ou, pior ainda, na laguna. Naturalmente o Mestre me havia dito que cuidara de todos os nossos problemas com o inglês, mas eu nunca lhe perguntara especificamente de que forma.

— Então acham que você contratou matadores para liquidar os florentinos? — perguntou-lhe Marius.

— Parece que sim — disse ela. — E há até quem ache que eu também liquidei o inglês. Tornei-me uma mulher bastante poderosa, Marius.

Ambos riram, sendo a dele a gargalhada profunda e metálica de um ser preternatural, e a dela uma gargalhada mais alta e mais consistente com o som de seu sangue humano.

Eu queria entrar na mente dela. Tentei, mas logo descartei a idéia. Estava inibido, exatamente como ficava com Riccardo e os rapazes com quem eu tinha mais intimidade.

De fato, parecia uma invasão tão terrível da privacidade da pessoa que eu só usava esse poder quando estava caçando para achar aqueles que eram maus e que eu devia matar.

— Amadeo, você está corando, o que é? — perguntou Bianca. — Suas faces estão escarlates. Deixe-me beijá-las. Ah, você está quente como se a febre tivesse voltado.

— Olhe nos olhos dele, anjo — disse Marius. — São transparentes.

— Você tem razão — fitou-me com uma curiosidade tão meiga e tão franca que a tornava irresistível para mim.

Afastei a seda amarela de seu vestido de baixo e o pesado veludo verde escuro de seu corpete sem manga e beijei-lhe o ombro nu.

— Sim, você está bem — ela amorosamente encostou os lábios úmidos em meu ouvido.

Eu ainda estava corado quando recuei.

Olhei para ela e entrei em sua mente; parecia que eu soltara o prendedor de ouro entre seus seios e separara suas volumosas saias de veludo verde-escuro. Contemplei a fenda entre seus seios semi-expostos. Sangue ou não sangue, eu me lembrava de uma paixão tórrida por ela, e sentia isso agora de uma estranha maneira global, não localizada no órgão esquecido como era antes. Eu queria pegar seus seios e chupá-los lentamente, excitando-a, deixando-a molhada e perfumada para mim e fazendo sua cabeça cair para trás. Sim, corei. Um desfalecimento doce e confuso me dominou.

Quero vocês, quero vocês, você e Marius, os dois em minha cama, juntos, um homem e um menino, um deus e um querubim. Isso era o que sua mente estava me dizendo, e ela estava lembrando de mim. Vi-me como se num espelho esfumado, um garoto nu a não ser por uma camisa aberta de mangas compridas, sentado nas almofadas ao lado dela, exibindo o órgão semi-ereto, sempre pronto para ser completamente excitado por seus lábios ternos ou suas mãos brancas esguias e graciosas.

Tirei isso tudo da cabeça. Concentrei meu olhar só em seus belos olhos amendoados. Ela me estudou, sem desconfiança mas fascinada. Seus lábios não estavam pintados de uma maneira vulgar qualquer mas eram naturalmente rosados, e suas longas pestanas, escurecidas e enroladas apenas com uma pomada transparente, pareciam pontas de estrelas em volta de seus olhos radiosos.

Quero vocês, quero vocês. Estes eram seus pensamentos. Eles batiam em meus ouvidos. Abaixei a cabeça e ergui as mãos.

— Anjos queridos — disse ela. — Vocês dois! — murmurou para Marius.

Pegou minhas mãos. — Venham comigo.

Eu tinha certeza de que ele não ia levar aquilo até o fim. Ele me alertara para evitar ser observado de perto. Mas ele só se levantou da cadeira e dirigiu-se ao quarto, abrindo as duas portas pintadas.

Das salas distantes, ouvia-se o burburinho das conversas e das risadas: Agora se cantava. Alguém tocava virginal. Tudo isso prosseguia.

Fomos para a cama dela. Eu tremia todo. Vi que o Mestre estava vestido com uma grossa túnica e um belo gibão azul-escuro que eu mal notara antes. Usava luvas macias de um azul-escuro, perfeitamente ajustadas a seus dedos, e tinha as pernas completamente cobertas com meias de cashmere macio que chegavam até os belos sapatos pontiagudos. Ele havia coberto toda a superfície dura, pensei.

Tendo encostado na cabeceira da cama, Marius não se constrangeu de ajudar Bianca a sentar-se bem a seu lado. Olhei para o outro lado quando me instalei junto a ela. Quando ela se virou para mim, segurando meu rosto e tornando a me beijar avidamente, vi-o fazer algo que eu jamais tinha visto.

Levantando o cabelo dela, pareceu beijá-la na nuca. Isso ela não sentiu nem acusou. Quando ele recuou, porém, seus lábios estavam sanguinolentos. E erguendo o dedo da mão enluvada, ele passou esse sangue, o dela, só umas gotinhas de um corte superficial, sem dúvida, no rosto todo. A mim isso pareceu um reflexo vivo, e a ela pareceria algo muito diferente.

Avivava os poros da pele dele, que haviam ficado quase invisíveis, e aprofundava algumas rugas em volta de seus olhos e de sua boca, as quais, não fosse por isso, eram invisíveis. Dava-lhe um ar mais humano, em geral, e servia como uma barreira para o olhar dela, que agora estava tão próximo.

— Tenho meus dois, como sempre sonhei — disse ela baixinho.

Marius colocou-se diante dela, e, abraçando-a, começou a beijá-la mais avidamente do que eu jamais a beijara. Por alguns instantes, fiquei espantado e com ciúmes, mas então a mão livre dela me puxou mais para perto, e ela se virou para mim, tonta de desejo, e me beijou também.

Marius puxou-me para junto dela, de modo que eu estava encostado em suas curvas macias, sentindo todo o calor que emanava de suas coxas voluptuosas. Ele estava em cima dela, mas

com leveza, sem deixar seu peso machucá-la, e, com a mão direita, levantou-lhe as saias e passou os dedos entre suas pernas.

Aquilo era ousadíssimo. Fiquei encostado no ombro dela, olhando para a elevação de seus seios, e, mais adiante, o pequeno monte coberto de seu sexo onde a mão dele estava pousada.

Ela deixara para trás todo decoro. Ele lhe beijava o pescoço e os seios enquanto seus dedos pegavam suas partes baixas, e ela começou a se contorcer com um desejo indisfarçado, a boca aberta, pestanejando, o corpo subitamente todo molhado e perfumado com esse calor novo.

Este era o milagre, percebi, um ser humano ser levado a essa temperatura mais elevada, e assim exalar todos os seus doces aromas e até emitir um brilho invisível e forte de emoções; era como alimentar o fogo até as labaredas crescerem.

O sangue de minhas vítimas fervilhava em meu rosto enquanto eu a beijava. Parecia transformar-se novamente em sangue vivo, aquecido por minha paixão, e, no entanto, minha paixão não tinha qualquer foco demoníaco. Apertei a boca contra a pele de sua garganta, cobrindo o local onde a artéria aparecia como um rio azul a descer de sua cabeça. Mas eu não queria machucá-la. Não sentia necessidade disso. Na verdade, só senti prazer ao abraçá-la, ao enfiar o braço entre ela e Marius, para poder aninhá-la bem enquanto ele continuava a brincar com ela, os dedos subindo e descendo no montinho macio de seu sexo.

— Você me provoca, Marius — murmurou ela, agitando a cabeça. O travesseiro estava molhado embaixo dela e impregnado com o perfume de seu cabelo. Beijei seus lábios. Eles se colaram à minha boca. Para não deixar sua língua descobrir meus dentes vampíricos, introduzi minha língua nela. Sua boca de baixo não podia ser mais doce, mais apertada, mais molhada.

— Ah, então isso, minha doçura — disse Marius ternamente, os dedos deslizando dentro dela.

Ela ergueu os quadris, como se os dedos a estivessem levantando como ela queria que levantassem.

— Ah, que Deus me ajude — murmurou ela, e então veio a plenitude de sua paixão, o sangue aflorando em seu rosto, e o fogo

rosado espalhando-se por seus seios. Afastei o tecido e vi o rubor consumir seu busto, seus mamilos enrijecidos como duas passinhas.

Fechei os olhos e fiquei deitado a seu lado. Deixei-me sentir a paixão balançá-la, e então ela esfriou um pouco e pareceu ficar sonolenta. Virou a cabeça. Seu rosto estava calmo. Suas pálpebras fechadas recobriam lindamente seus olhos. Ela suspirou, e seus lindos lábios se abriram com naturalidade.

Marius afastou-lhe o cabelo do rosto como uma escova, alisando os pequenos caracóis molhados de suor, e depois beijou-lhe a testa.

— Agora durma, sabendo que está em segurança — disse-lhe ele. — Cuidarei de você para sempre. Você salvou Amadeo — murmurou. — Manteve-o vivo até eu poder vir.

Como se estivesse sonhando, ela se virou para olhar para ele, os olhos vidrados e lentos.

— Não sou bastante bonita para você me amar só por isso? — perguntou. Percebi de repente que o que ela disse era amargo, e que ela estava lhe fazendo uma confidência. Eu podia sentir os pensamentos dela.

— Eu a amo esteja você vestida de ouro e pérolas ou não, fale você com espírito e desembaraço ou não, tenha você um lugar bem iluminado e elegante em que eu possa descansar ou não, eu a amo por causa desse seu coração aí dentro, que socorreu Amadeo mesmo sabendo do risco de os amigos do inglês lhe fazerem mal, amo-a pela coragem e por seu conhecimento da solidão.

Ela arregalou os olhos por alguns instantes. — Por meu conhecimento da solidão? Ah, eu sei muito bem o que significa estar absolutamente só.

— Sim, corajosa, e agora você sabe que a amo — murmurou ele. — Você sempre soube que Amadeo a amava.

— Sim, eu a amo — assenti, deitado a seu lado, abraçando-a. — Bem, agora você sabe que também o amo.

Ela o estudou como pôde naquele seu langor.

— Tenho tantas perguntas na ponta da língua — disse.

— Elas não têm importância — disse Marius. Ele a beijou e acho que deixou os dentes encostarem em sua língua. — Tiro todas

as suas perguntas e as jogou fora. Agora durma, coração virginal — disse ele. — Ame quem você quiser, em segurança nesse amor que sentimos por você.

Era o sinal para a retirada.

Enquanto eu estava ao lado do pé da cama, ele a cobriu com as cobertas bordadas, tendo o cuidado de dobrar o rico lençol de linho flamengo sobre a borda mais áspera do cobertor branco de lã, e beijou-a de novo, mas ela parecia uma menininha, delicada e segura, e ferrada no sono.

Lá fora, quando estávamos na beira do canal, ele levou a mão enluvada ao nariz e saboreou o perfume dela que aí ficara.

— Você aprendeu muito hoje, não? Não pode lhe dizer nada a respeito de quem é. Mas vê quão perto pode chegar?

— É — disse eu. — Mas só se eu não quiser nada em troca.

— Nada? — perguntou ele. Lançou-me um olhar de reprovação. — Ela lhe deu lealdade, afeição, intimidade; o que mais você poderia querer em troca?

— Agora nada — disse eu. — Você me ensinou muito bem. Mas o que eu tinha antes era a compreensão dela, o fato de ela ser um espelho no qual eu podia estudar minha imagem e assim julgar meu próprio crescimento. Ela agora não pode ser esse espelho, pode?

— Pode, de muitas maneiras. Mostre-lhe por gestos e palavras simples quem você é. Não precisa lhe contar histórias de bebedores de sangue que só a enlouqueceriam. Ela pode reconfortá-lo maravilhosamente bem sem jamais saber o que lhe faz mal. E você precisa lembrar que dizer-lhe tudo seria destruí-la. Imagine isso.

Fiquei calado durante um bom tempo.

— Aconteceu alguma coisa com você — disse ele. — Você está com esse ar solene. Fale.

— Ela pode ser transformada no que nós...

— Amadeo, você me leva a outra lição. A resposta é não.

— Mas ela envelhecerá e morrerá, e...

— Claro que sim, como é para acontecer. Amadeo, quantos de nós podem existir? E baseados em que haveríamos de trazê-la para nós? E haveríamos de querê-la como companheira para sempre?

Haveríamos de querê-la como nossa pupila? Haveríamos de querer os gritos dela se o sangue mágico a enlouquecesse? Não é para qualquer pessoa esse sangue, Amadeo. Exige uma grande força e um grande preparo, coisas que encontrei em você. Mas não vejo nela.

Concordei com a cabeça. Eu sabia o que ele queria dizer. Eu não precisava pensar em tudo o que me acontecera, nem sequer me lembrar do rústico berço da Rússia onde fui criado. Ele estava certo.

— Você vai querer dividir esse poder com eles todos — disse. — Saiba que não pode. Saiba que, com cada um que você cria, vem uma obrigação terrível e um perigo terrível. Os filhos se insurgem contra os pais, e com cada bebedor de sangue que você cria, você cria um filho que viverá eternamente sentindo amor por você ou ódio. Sim, ódio.

— Não precisa dizer mais nada — murmurei. — Eu sei. Eu entendo.

Fomos para casa juntos, para os salões iluminadíssimos do palazzo. Eu soube então o que ele queria de mim, que eu me misturasse aos rapazes, meus velhos amigos, que eu fosse especialmente gentil com Riccardo, que se culpava, logo percebi, pela morte daqueles poucos indefesos que o inglês matara naquele dia fatídico.

— Finja, e ganhe mais força a cada fingimento — ele me disse no ouvido. — Ou melhor, aproxime-se, seja amoroso e ame, sem se dar ao luxo da honestidade completa. Pois o amor pode ligar tudo.

13

Nos meses seguintes, aprendi mais do que jamais poderei contar aqui. Estudei vigorosamente, e prestei atenção até no governo da cidade, que achei basicamente enfadonho como qualquer governo, e li avidamente os grandes eruditos cristãos, enchendo meu tempo com Abelardo, Duns Scotus e outros pensadores que Marius prezava.

Marius também encontrou para mim uma pilha de livros de literatura russa; então, pela primeira vez, pude estudar em livros o que eu só conhecia das canções de meus tios e de meu pai no passado. A princípio julguei que isso seria muito penoso para uma investigação séria, mas Marius ditava as ordens e com sabedoria. O valor inerente do tema logo absorveu minhas dolorosas recordações, resultando num conhecimento e num entendimento maiores.

Todos esses documentos eram em eslavo eclesiástico, a língua escrita de minha infância, e logo passei a lê-los com uma facilidade extraordinária. O poema das campanhas de Igor me deleitava, mas eu também gostava dos escritos, traduzidos do grego, de São João Crisóstomo. Eu também me deliciava com as fantásticas histórias do rei Salomão e da descida da Virgem ao Inferno, obras que não faziam parte do Novo Testamento aprovado, mas que eram muito evocativas da alma russa. Li nossa grande crônica, A história dos anos passados. Li também Oração sobre a queda da Rússia e a História da destruição de Riasan.

Este exercício, a leitura de minhas histórias nativas, ajudou-me a compará-las com outras coisas que aprendi. Em suma, tirou-as do reino dos sonhos pessoais.

Aos poucos, fui vendo a sabedoria que havia nisso. Eu escrevia meus relatórios para Marius com mais entusiasmo. Pedi mais manuscritos em eslavo eclesiástico, e logo tive para ler a Narrativa do piedoso príncipe Dovmont e sua coragem e As heróicas façanhas de Mercurius de Smolerrsk. Finalmente, acabei considerando um puro prazer as obras em eslavo eclesiástico, e guardava-as para depois do horário de estudo oficial, quando eu podia desfiar as velhas lendas e até inventar a partir delas minhas próprias canções tristes.

Às vezes, eu cantava essas canções para os outros aprendizes quando eles iam dormir. Eles achavam a língua muito exótica, e às vezes bastavam a música e minha inflexão triste para fazê-los chorar.

Riccardo e eu, enquanto isso, voltamos a ser grandes amigos. Ele nunca perguntou por que eu agora era uma criatura noturna

como o Mestre. Nunca mergulhei nas profundezas de sua mente. Obviamente eu mergulharia se fosse para minha segurança ou pela segurança de Marius, mas eu usava minha inteligência vampírica para explicá-lo de outra maneira, e sempre achei-o dedicado, discreto e leal.

Certa vez perguntei a Marius o que Riccardo achava de nós.

— Riccardo me deve muito para questionar qualquer coisa que eu faça — respondeu Marius, mas sem qualquer arrogância.

— Então ele é muito mais bem-educado do que eu, não? Pois eu lhe devo a mesma coisa e questiono tudo o que você diz.

— Você é um diabinho esperto e maldoso mesmo. — Marius concedeu com um sorrisinho. — Riccardo tinha um pai bêbado que o perdeu num jogo de cartas para um mercador selvagem que o fazia trabalhar noite e dia. Riccardo odiava o pai, e você nunca odiou o seu. Riccardo tinha oito anos quando o comprei por um colar de ouro. Ele já havia visto o que havia de pior de homens em quem os filhos não despertam uma piedade natural. Você viu o que os homens são capazes de fazer com o corpo dos filhos por prazer. Não é tão ruim. Riccardo, sem conseguir acreditar que uma criança novinha pudesse despertar a compaixão de alguém, não acreditava em nada até eu lhe dar um abrigo seguro e enchê-lo de cultura e dizer-lhe em termos com os quais ele podia contar que ele era meu príncipe.

“Mas, para lhe responder mais de acordo com a forma de sua pergunta, Riccardo acha que sou mágico, e que, com você, resolvi partilhar meus encantos. Ele sabe que você estava quase morrendo quando lhe confiei meus segredos, e que não o provoço nem provoço os outros com essa honra, mas antes a considero como algo de terríveis conseqüências. Ele não está atrás do nosso conhecimento. E dará a vida para nos defender.”

Aceitei isso. Eu não sentia a necessidade de confiar em Riccardo como sentia de confiar em Bianca.

— Sinto necessidade de protegê-lo — disse eu ao Mestre. — Rogo para que ele nunca precise me proteger.

— Sinto a mesma coisa — disse Marius. — Sinto isso por todos eles. Deus foi muito misericordioso com o seu inglês fazendo com

que ele não estivesse vivo quando cheguei em casa e encontrei meus pequenos assassinados por ele. Não sei o que eu teria feito. O fato de ele tê-lo ferido já foi suficientemente ruim. O fato de ter depositado dois sacrifícios infantis a seu orgulho e a sua amargura à minha porta foi ainda mais desprezível. Você fez amor com ele e podia lutar com ele. Mas os meninos que estavam no caminho dele eram inocentes.

Fiz que sim com a cabeça.

— O que aconteceu com os restos mortais dele? — perguntei.

— Uma coisa tão simples — disse ele encolhendo os ombros. — Por que deseja saber? Eu também posso ser supersticioso. Piquei-o em pedacinhos e espalhei os pedacinhos ao vento. Se as velhas lendas forem verdadeiras ao dizerem que a sombra dele suspira pela restauração do corpo, então a alma dele vaga nos ventos.

— Mestre, o que acontecerá com nossas sombras se nossos corpos forem destruídos?

— Só Deus sabe, Amadeo. Eu não tenho esperanças de saber. Já vivi muito para pensar em me destruir. Meu destino talvez seja o mesmo de todo o mundo físico. Que tenhamos vindo do nada e voltemos para o nada é algo inteiramente possível. Mas vamos gozar nossas ilusões de imortalidade, como os mortais gozam as deles.

Ótimo. O mestre ausentou-se duas vezes do palazzo, quando partiu naquelas viagens misteriosas que ele não me explicaria agora mais do que já explicara. Eu odiava essas ausências, mas sabia que elas serviam para testar meus poderes. Eu precisava governar a casa com delicadeza e discrição, e precisava caçar sozinho e fazer um relato, quando Marius voltasse, do que eu havia feito com meu tempo de lazer.

Depois da segunda viagem, ele voltou cansado e mais triste que o normal. Disse, como já havia dito uma vez, que "Aqueles Que Deviam Ser Guardados" pareciam estar em paz.

— Odeio o que essas criaturas são! — exclamei.

— Não, nunca me diga uma coisa dessas, Amadeo! — explodiu ele.

Num relance, vi-o mais furioso e descontrolado do que nunca em nossas vidas. Não tenho certeza se algum dia o vi realmente furioso.

Ele se aproximou de mim e eu recuei, realmente com medo. Mas na hora em que me esbofeteou com força, ele já estava senhor de si, e aquilo foi apenas o golpe de sempre para sacudir o cérebro.

Aceitei-o e lancei-lhe um fulminante olhar exasperado.

— Você age como criança — disse eu —, uma criança bancando o dominador, e assim eu preciso dominar meus sentimentos e agüentar isso. Obviamente gastei todas as minhas reservas para dizer isso, especialmente quando minha cabeça estava rodando, e fechei o rosto com uma máscara tão dura de desprezo que de repente ele desatou a rir.

Comecei a rir também.

— Mas realmente, Marius — disse eu, sentindo-me muito atrevido —, o que são essas criaturas de quem você fala? — Dei um tom simpático e reverente à minha sapiência. Afinal de contas, minha pergunta era sincera. — Você volta para casa infelicíssimo, Mestre. Sabe que volta. Então o que elas são, e por que precisam ser preservadas?

— Amadeo, não me faça mais perguntas. Às vezes, justo antes do amanhecer, quando meus medos são maiores, imagino que temos inimigos entre os bebedores de sangue, e que eles estão perto.

— Outros? Fortes como você?

— Não, os que vieram nos últimos anos não são fortes como eu, e é por isso que eles se foram.

Eu estava fascinado. Ele já havia dado a entender isso, que mantinha nossa área livre dos outros, mas não aprofundava o assunto, e agora parecia que a tristeza o havia amaciado e ele estava disposto a falar.

— Mas imagino que haja outros, e que eles virão perturbar nossa paz. Não terão uma boa justificativa. Nunca têm. Vão querer caçar na Venécia, ou terão formado um batalhãozinho obstinado, e tentarão nos destruir por puro esporte. Imagino... mas a questão é, meu filho, e você é meu filho, seu esperto!, não lhe digo mais do

que o que você precisa saber sobre os mistérios antigos. Assim, ninguém pode vasculhar sua mente de aprendiz à procura de seus segredos mais profundos, com a sua cooperação ou sem o seu conhecimento, ou contra a sua vontade.

— Se temos uma história digna de ser conhecida, Mestre, você deve me contar. Que mistérios antigos? Você me prende no meio de livros sobre história humana. Obrigou-me a aprender grego e até essa miserável escrita egípcia, que ninguém conhece, e vive me argüindo sobre o destino da Roma e da Atenas da Antigüidade. E sobre as batalhas de cada Cruzada enviada de nossas costas à Terra Santa. Mas e nós?

— Sempre aqui — disse ele. — Eu lhe falei. Antigos como a própria humanidade. Sempre aqui, e sempre poucos, e sempre lutando e lutando melhor quando estão sozinhos e só tendo necessidade do amor de um ou dois outros no máximo. A história é essa, clara e simples. Espero que a escreva para mim nas cinco línguas que sabe.

Ele sentou-se na cama, desgostoso, deixando a bota enlameada encostar no cetim. Caiu para trás nos travesseiros. Estava realmente rude e estranho e parecendo um jovem.

— Marius, vamos lá — insisti. Eu estava na escrivania. — Que mistérios antigos? O que são Aqueles Que Deviam Ser Guardados?

— Vá procurar em nossas masmorras, menino — disse ele, com um tom sarcástico. — Encontre as estátuas que tenho da chamada época pagã. Você encontrará coisas tão úteis como Aqueles Que Deviam Ser Guardados. Deixe-me em paz. Uma noite dessas, eu lhe contarei, mas, por ora, dou-lhe o que conta. Em minha ausência era suposto você estudar. Conte-me o que aprendeu.

Ele de fato havia mandado que eu aprendesse tudo sobre Aristóteles, não nos manuscritos que eram moeda corrente na praça, mas num texto antigo que ele possuía e que, segundo dizia, era grego mais puro. Eu lera tudo.

— Aristóteles — disse eu. — E Santo Tomás de Aquino. Ah, bem, grandes sistemas dão conforto, e quando nos sentirmos

entrando em desespero, devemos conceber grandes esquemas a partir do nada que nos cerca, e aí não escorregaremos, mas ficaremos pendurados num cadafalso criado por nós, tão sem sentido quanto o nada, mas muito detalhado para ser descartado com tanta facilidade.

— Muito bem — disse ele com um suspiro eloqüente. — Talvez alguma noite, num futuro longínquo, você tenha uma atitude mais esperançosa, mas como você não pode estar mais animado e feliz do que está, por que devo reclamar?

— Temos que ter alguma origem — disse eu, forçando a outra questão.

Ele estava abatido demais para responder.

Finalmente, reanimou-se, levantando-se dos travesseiros e vindo em minha direção.

— Vamos sair. Vamos encontrar Bianca e vesti-la de homem. Traga suas melhores roupas. Ela precisa ser libertada por uns tempos daqueles salões.

— Mestre, talvez isso seja um grande choque para você, mas Bianca, como muitas mulheres, já tem esse hábito. Fantasiada de garoto, ela vive saindo para rondar pela cidade.

— Sim, mas não conosco — disse ele. — Vamos lhe mostrar os piores lugares! — Ele fez uma cara teatral cômica. — Vamos.

Eu estava excitado.

Tão logo lhe contamos o pequeno plano, ela também ficou excitada.

Fomos entrando com uma braçada de roupas finas, e ela imediatamente escapuliu conosco para se vestir.

— O que trouxeram para mim? Ah, vou ser Amadeo hoje à noite, maravilha — disse ela.

Saiu da sala deixando os convidados, que, como sempre, seguiram fazendo o que estavam fazendo sem ela, muitos homens cantando em volta do virginal e outros discutindo calorosamente no jogo de dados.

Ela se despiu, ficando nua como Vênus saindo das águas. Nós dois a vestimos com calções azuis, túnica e gibão. Apertei-lhe o

cinto, e Marius prendeu-lhe o cabelo com um chapéu mole de veludo.

— Você é o rapaz mais bonito da região de Venécia — disse ele recuando. — Algo me diz que terei que protegê-la com a nossa vida.

— Vão mesmo me levar aos piores antros? Quero ver os lugares perigosos! — Jogou os braços para cima. — Dêem-me o meu estilete. Não esperam que eu saia desarmada.

— Tenho as armas adequadas para você — disse Marius. Ele havia trazido uma espada com um cinto lindamente cravejado de diamantes que prendeu na cintura da jovem. — Tente sacar essa espada. Não é um florete maleável. É uma espada de guerra. Venha.

Ela pegou o punho com as duas mãos e sacou-a com um movimento largo e seguro.

— Quisera ter um inimigo que estivesse pronto para morrer — exclamou ela.

Olhei para Marius. Ele olhou para mim. Não, ela não podia ser um de nós.

— Seria muito egoísmo — disse-me ele no ouvido.

Não pude deixar de imaginar, se eu não estivesse morrendo depois daquela minha luta com o inglês, se aquela náusea com aquele suadouro não tivessem me derrubado, teria ele me transformado em vampiro?

Descemos os três correndo a escada de pedra e saímos para o cais. Lá estava nossa gôndola coberta à nossa espera. Marius deu o endereço.

— Tem certeza de que quer ir lá, Senhor? — perguntou o gondoleiro, chocado porque conhecia o bairro onde a escória dos marujos estrangeiros se reunia, bebia e brigava.

— Absoluta — disse Marius.

Quando a gôndola começou a deslizar por aquelas águas escuras, passei o braço ao redor da suave Bianca. Recostado nas almofadas, senti-me invulnerável, imortal, certo de que nada jamais derrotaria nem a mim nem a Marius, e que, aos nossos cuidados, Bianca estaria sempre segura.

Como eu estava redondamente errado!

Nove meses talvez tivemos juntos após nossa viagem a Kiev. Nove ou dez, talvez, não tenho como marcar o clímax por nenhum acontecimento externo. Deixe-me dizer apenas, antes de prosseguir para o desastre sangrento, que Bianca esteve sempre conosco naqueles últimos meses. Quando não estávamos espionando os farristas, estávamos em nossa casa, onde Marius a retratava, concebendo-a como esta ou aquela deusa, como a bíblica Judite com a cabeça do florentino como seu Holofernes, ou a Virgem Maria contemplando enlevada um Menino Jesus, todas executadas na perfeição como qualquer imagem pintada por Marius.

Talvez alguns desses retratos existam até hoje.

Uma noite, quando todos dormiam menos nós três, Bianca, prestes a sucumbir num divã enquanto Marius pintava, suspirou e disse:

— Gosto demais da companhia de vocês. Não quero nunca voltar para casa.

Quisera que ela nos amasse menos. Quisera que ela não estivesse ali na noite fatídica de 1499, justo antes da virada do século, quando o Alto Renascimento estava no auge, para ser sempre celebrado por artistas e historiadores, quisera que ela estivesse a salvo quando nosso mundo se incendiou.

14

Se leu O vampiro Lestat, você sabe o que aconteceu, pois mostrei tudo a Lestat em visões há duzentos anos. Lestat começou a escrever as imagens que lhe dei a conhecer, a dor que partilhei com ele. E embora agora eu proponha reviver esses horrores, enriquecer a história com minhas próprias palavras, há pontos em que não posso melhorar suas palavras, e talvez as evoque livremente de vez em quando.

Tudo começou de repente. Acordei e vi que Marius havia aberto a tampa dourada do sarcófago. Um archote ardia atrás dele na parede.

— Depressa, Amadeo, eles estão aqui. Querem incendiar nossa casa.

— Quem, Mestre? E por quê?

Ele me arrancou do caixão reluzente, e subi correndo atrás dele para primeiro andar daquela casa em ruínas.

Ele estava com a capa e o capuz vermelhos, e andava tão rápido que precisei de toda a minha energia para acompanhá-lo.

— São Aqueles Que Deviam Ser Guardados? — perguntei.

Ele passou o braço em volta de mim, e lá fomos nós para o telhado de nosso palácio.

— Não, filho, é um bando de tolos bebedores de sangue, decididos a destruir todo o trabalho que fiz. Bianca está aqui, à mercê deles, e os meninos também.

Entramos pelas portas do telhado e descemos a escada de mármore.

Subia uma fumaça dos andares inferiores.

— Mestre, os meninos estão gritando! — berrei.

Bianca veio correndo para o pé da escada lá embaixo.

— Marius! Marius, eles são demônios. Use sua magia! — gritou ela, os cabelos escorrendo do divã, as roupas abertas. — Marius! — Seu gemido ressoou pelos três andares do palazzo.

— Santo Deus, as salas estão todas em chamas! — gritei. — Precisamos de água para apagar isso. Mestre, as pinturas!

Marius debruçou-se no corrimão e de repente apareceu lá embaixo, ao lado dela. Quando corri ao encontro dele, vi um bando de figuras vestidas de negro cercarem-no, e, para meu horror, tentarem atear fogo às suas roupas com as tochas que brandiam, emitindo gritos medonhos e praguejando embaixo daqueles capuzes. De todos os cantos, vinham esses demônios. Os gritos dos aprendizes mortais eram terríveis.

Marius empurrou os assaltantes, transformando seu braço num grande arco, as tochas rolando no chão de mármore. Ele enrolou Bianca em sua capa.

— Eles querem nos matar! — gritou ela. — Querem nos queimar, Marius, já mataram os meninos, e outros eles capturaram!

De repente mais daquelas figuras negras vieram correndo antes que os primeiros atacantes pudessem levantar-se. Vi o que eles eram. Todos tinham as mesmas caras e mãos brancas que nós; todos possuíam o sangue mágico. Eram criaturas como nós!

Mais uma vez, Marius foi atacado, só para jogar todos eles longe. As tapeçarias da grande galeria estavam em chamas. Rolos de fumaça negra e perfumada saíam das salas adjacentes. A fumaça encheu a escada. Uma infernal luz tremeluzente clareou de repente o local como se fosse dia.

Atirei-me à luta com os demônios, achando-os espantosamente fracos. E, pegando uma daquelas tochas, avancei neles, fazendo-os recuar para longe de mim, exatamente como o Mestre havia feito.

— Blasfemo, herege! — sibilou um deles.

— Demônio idólatra, pagão! — praguejou outro.

Eles vieram, e enfrentei-os novamente, ateando fogo às suas vestes de modo que eles gritaram e fugiram para a segurança das águas do canal. Mas eles eram muitos. Inúmeros outros entraram na galeria enquanto estávamos lutando.

De repente, para meu horror, Marius empurrou Bianca na direção da porta de entrada do palazzo, que estava aberta.

— Corra, querida, corra. Vá para longe da casa.

Violentemente, ele enfrentou os que queriam segui-la, correndo atrás dela, derrubando-os um a um quando eles tentavam detê-la, até que a vi sair pela porta e desaparecer.

Não havia tempo para nos certificarmos de que ela chegara a um lugar seguro. Outros deles haviam me cercado. As tapeçarias em chamas despencavam das varas. Estátuas eram derrubadas e quebravam ao cair no chão. Fui praticamente arrastado por dois dos pequenos demônios que se agarraram a meu braço esquerdo, até eu enfiar o archote na cara de um e deixar o outro completamente em chamas.

— Para o telhado, Amadeo, venha! — gritou Marius.

— Mestre, as pinturas, as pinturas nos depósitos! — gritei.

— Esqueça as pinturas. É tarde demais. Meninos, fujam daqui, fujam já, salvem-se do incêndio.

Derrubando os atacantes, ele subiu a escada e me chamou do patamar superior.

— Venha, Amadeo, expulse-os, tenha confiança em sua força, menino, lute. Chegando ao segundo andar, eu estava cercado por todos os lados, e mal eu ateava fogo a um já havia outro em cima de mim, e, sem procurar me queimar, agarraram-me os braços e as pernas. Seguraram-me todo, até acabarem me arrancando a tocha da mão.

— Mestre, deixe-me, vá embora! — gritei.

Virei-me, esperneando e contorcendo-me, e olhei para ele lá em cima, novamente cercado, e agora cem tochas foram mergulhadas em sua capa enfunada, cem tições acesos golpearam seu cabelo dourado e seu rosto branco enfurecido. Era como um enxame de insetos em chamas, e assim, com esse número e essa tática, o enxame o imobilizou; então, com um forte estrondo, seu corpo todo ficou em chamas.

— Marius! — eu gritava e gritava, sem conseguir tirar os olhos dele, ainda lutando com meus captores, conseguindo soltar as pernas para logo ser novamente seguro por dedos frios e violentos, empurrando-os com os braços para logo ser imobilizado de novo. — Marius! — Esse grito saiu de dentro de mim com toda minha aflição e meu terror.

Parecia que nada que eu algum dia já havia receado pudesse ser tão horroroso, tão insuportável quanto vê-lo lá em cima, no corrimão de pedra, completamente engolido pelo fogo. Em menos de um segundo, sua silhueta esguia transformou-se num vulto negro, e acho que vi seu perfil, a cabeça jogada para trás, enquanto seu cabelo explodia e seus dedos eram como pequenas aranhas negras saindo do fogo para pegar ar.

— Marius! — gritei.

Todo o conforto, toda a bondade, toda a esperança ardiavam nessa figura negra que meus olhos não largavam, nem quando ela encolheu e perdeu toda a forma perceptível. Marius! Minha vontade morreu.

O que sobrou foi um vestígio, e este, como se comandado por uma alma secundária feita de sangue mágico e poder, continuou

lutando automaticamente. Jogaram uma rede em mim, uma rede de malhas de aço tão pesada e tão fechada que de repente eu não conseguia ver nada, só me sentir preso lá dentro, rolando, na mão dos inimigos. Eu estava sendo levado da casa.

Ouvia gritos à minha volta. Ouvia a corrida dos que me carregavam e, quando o vento passou uivando por nós, vi que tínhamos chegado na orla marítima. Para os porões de um navio fui carregado, os ouvidos ainda cheios de gemidos mortais. Os aprendizes foram presos junto comigo. Fui jogado entre eles, seus corpos macios e frenéticos empilhados em cima de mim e a meu lado, e eu, preso na rede, nem sequer podia falar para dizer palavras de consolo, e aliás não tinha palavras para lhes dar.

Senti os remos subindo e descendo, o indefectível chapinhar da água, e o grande galeão de madeira estremeceu e zarpou para o mar aberto. Ganhou velocidade como se não houvesse noite para se opor à sua passagem, e os remadores iam remando com uma força e uma energia que homens mortais não poderiam ter exigido, levando a embarcação para o sul.

— Blasfemo — ouvi murmurarem em meu ouvido. Os meninos soluçavam e rezavam.

— Parem com essas orações ímpias — disse uma fria voz preternatural — vocês, criados do pagão Marius. Vocês morrerão pelos pecados de seu senhor, vocês todos.

Ouvi uma risada sinistra, ressoando como uma trovoadas baixa a sobressair entre os sons úmidos e abafados de sua aflição e seu sofrimento. Ouvi uma gargalhada demorada, seca e cruel.

Fechei os olhos, entrei profundamente dentro de mim. Estava deitado na terra do Mosteiro das Covas, um espectro de mim mesmo, tombando nas mais seguras e mais terríveis das recordações.

— Meu Deus — murmurei sem mover os lábios —, salvai-os, e juro-vos que hei de me enterrar vivo entre os monges para sempre, renunciarei a todos os prazeres, não farei nada senão louvar Vosso Santo Nome. Senhor Deus, libertai-me. Senhor, Deus... — Mas quando a loucura do pânico me dominou, quando perdi

completamente a noção de tempo e espaço, chamei por Marius. — Marius, pelo amor de Deus, Marius!

Alguém me bateu. Um pé com um calçado de couro chutou-me a cabeça. Outro, as costelas, outro ainda pisou-me a mão. Eu estava cercado desses pés perversos, chutando-me e machucando-me. Amoleci. Vi os choques dos golpes como tantas cores, e pensei com amargura, ah, que lindas cores, sim, cores. Então vieram os gemidos mais fortes de meus irmãos. Eles também precisam sofrer isso, e que refúgio mental eles têm, esses jovens estudantes frágeis, todos tão bem-amados e tão bem-ensinados e preparados para o grande mundo, para se encontrarem agora à mercê desses demônios cujo objetivo eu desconheço, cujo objetivo está além de qualquer coisa que eu possa conceber.

— Por que fazer isso conosco? — murmurei.

— Para castigá-lo! — murmurou delicadamente uma voz. — Para castigá-lo por todos os seus atos fúteis e heréticos, pela vida mundana e ímpia que você levava. O que é o Inferno comparado a isso, jovem?

Ah, os executores do mundo mortal diziam isso mil vezes quando levavam os hereges para a fogueira.

— O que é o fogo do Inferno comparado a esse breve sofrimento? — Ah, essas mentiras hipócritas e arrogantes.

— Acha isso? — perguntou a voz. — Cuidado com seus pensamentos, jovem, pois há aqueles que podem vasculhar sua mente desprovida de todos os seus pensamentos. Pode não haver Inferno para você, filho, mas haverá sofrimento eterno. Suas noites de luxo e lascívia terminaram. A verdade o aguarda.

Mais uma vez, recolhi-me a meu esconderijo mental mais profundo. Eu já não tinha mais corpo. Estava deitado no mosteiro, no chão, sem sentir o corpo. Pus a mente para trabalhar no tom das vozes a meu redor, vozes tão doces e dignas de pena. Reconheci os meninos pelo nome e contei-os lentamente. Mais da metade de nossa companhia, nossa esplêndida companhia angelical, estava nessa abominável prisão.

Não escutei Riccardo. Mas depois, quando nossos captores interromperam temporariamente seus abusos, ouvi Riccardo, sim.

Ele entoava uma ladainha em latim, num murmúrio cru e desesperado.

— Bendito seja Deus.

Os outros respondiam depressa.

— Bendito seja Seu Santo Nome.

E assim prosseguiram as preces, a voz se enfraquecendo gradualmente no silêncio até que só se ouvia Riccardo rezando. Eu não dei as respostas. No entanto, ele prosseguiu, agora que seus captores felizmente dormiam, rezando para se consolar, ou talvez apenas para a glória de Deus. Ele passou da ladainha ao Pater Noster, e daí para as palavras antigas e confortadoras da Ave Maria que ele repetia sem parar, como se rezando um rosário, sozinho, enquanto estava ali deitado, preso no porão do navio.

Não falei nenhuma palavra com ele. Nem sequer deixei que ele soubesse que eu estava ali. Eu não poderia salvá-lo. Não poderia consolá-lo. Nem sequer poderia explicar esse destino terrível que nos coube. Sobretudo eu não poderia revelar o que vira: o Mestre morrendo, nosso grande líder perecendo na simples e eterna agonia do fogo.

Eu entrara num estado de choque próximo ao desespero. Deixei minha mente recuperar a visão de Marius ardendo. Marius, uma tocha viva, virando-se e contorcendo-se no fogo, os dedos erguidos para o alto como aranhas numa labareda laranja. Marius estava morto; Marius estava queimado. Havia muitos deles para Marius. Eu sabia o que ele teria dito se tivesse vindo como um espectro consolador para mim:

“Simplesmente, eles eram muitos para mim, Amadeo, muitos. Não consegui detê-los, embora tentasse.”

Comecei a ter pesadelos. O navio ia navegando noite adentro, levando-me para longe de Veneza, para longe da ruína de tudo em que eu acreditava, tudo o que me era caro.

Acordei com vozes cantando e com o cheiro de terra, mas não era terra da Rússia. Já não estávamos no mar. Estávamos presos em terra.

Ainda preso na rede, escutei vozes preternaturais ocas cantando com um entusiasmo perverso o horrendo hino Dies Irae,

ou Dias da Ira. Um bumbo dava o ritmo animado, como se aquilo fosse antes uma música para dançar do que um terrível lamento do Fim dos Tempos. As palavras em latim prosseguiram, falando do dia em que o mundo seria transformado em cinzas, em que as grandes trombetas do Senhor soariam para dar o sinal da abertura de todas as sepulturas. A própria morte e a natureza estremeceriam. Todas as almas seriam reunidas, nenhuma alma poderia esconder qualquer coisa do Senhor. Em Seu livro, cada pecado seria lido em voz alta. A vingança recairia sobre todos. Quem estava lá para nos defender, senão o Juiz em Pessoa, Nosso Senhor Majestoso? Nossa única esperança era a misericórdia de Nosso Deus, o Deus que sofrera na Cruz por nós, que não permitiria que Seu sacrifício fosse em vão. Sim, belas palavras antigas, mas elas saíam de uma boca perversa, a boca de alguém que nem sequer conhecia seu significado, que percutia seu ávido tambor como se pronto para um festim.

Uma noite se passara. Estivemos presos e agora estávamos sendo libertados da prisão, enquanto a vozinha medonha cantava acompanhando seu animado tamborzinho.

Ouvi os sussurros dos rapazes mais velhos, procurando consolar os mais novos, e a voz regular de Riccardo garantindo a todos que certamente eles logo descobririam o que essas criaturas desejavam, e talvez fossem soltos.

Só eu ouvi por todo lado a gargalhada sussurrada e endiabrada. Só eu sabia quantos monstros preternaturais estavam por ali à espreita, quando fomos levados para o clarão de uma fogueira monstruosa.

Cortaram a rede que me prendia. Rolei, agarrando a relva. Olhei para cima e vi que estávamos numa grande clareira sob as estrelas luminosas altas e indiferentes. Era o ar de verão, e árvores altíssimas e frondosas nos rodeavam. Mas o rugido da fogueira violenta distorcia tudo. Os meninos, acorrentados juntos, roupas rasgadas, rostos arranhados e sujos de sangue, gritaram freneticamente ao ver-me, no entanto, fui arrancado dali e seguro, um bando de demoniozinhos encapuzados agarrados às minhas mãos.

— Não posso ajudá-los! — gritei.

Aquilo era egoísta e terrível. Vinha de meu orgulho. Só causou pânico entre eles.

Vi Riccardo, tão maltratado quanto os outros, virando de um lado para o outro, tentando acalmá-los, as mãos atadas à frente, o gibão quase todo rasgado nas costas. Ele se voltou para mim, e juntos olhamos em volta para a grande roda de figuras com roupas escuras que nos cercavam. Podia ele ver a brancura de seus rostos e suas mãos? Sabia ele, instintivamente, quem eram eles?

— Sejam rápidos se quiserem nos matar! — gritou ele. — Não fizemos nada. Não sabemos quem vocês são nem por que nos capturaram. Somos todos inocentes.

Fiquei comovido com a coragem dele, e pus a cabeça no lugar. Eu precisava parar de me encolher horrorizado com aquela última lembrança do Mestre, e imaginá-lo vivo e pensar no que ele me mandaria fazer.

Eles eram mais numerosos que nós, isso era óbvio, e eu agora podia detectar sorrisos no rosto das figuras encapuzadas, que, apesar de esconder os olhos, revelavam aquelas bocas rasgadas e retorcidas.

— Onde está o líder aqui? — perguntei, levantando a voz acima do limite da capacidade humana. — Naturalmente vocês vêem que esses meninos são apenas mortais! Sua questão deve ser comigo!

As figuras vestidas de preto que compunham aquele grande cordão ali em volta começaram a cochichar entre si ao ouvir aquilo. As que estavam perto do bando de meninos acorrentados se apertaram. E com outras que eu mal podia ver jogando mais lenha e breu na fogueira, aquilo parecia o inimigo preparado para agir. Dois casais se colocaram diante dos aprendizes que, chorando e gemendo, aparentemente não percebiam o que aquilo significava.

Eu vi logo.

— Agora vocês precisam falar comigo, raciocinar comigo! — berrei, empurrando os que me seguravam. Para meu horror, eles apenas riram.

De repente os tambores recomeçaram, alguns cem vezes mais alto do que antes, como se tivéssemos uma roda de percussionistas em volta de nós e do fogo sibilante e crepitante.

Eles adotaram aquela batida regular do hino Dies Irae, e de repente todas aquelas figuras da roda se endireitaram e se deram as mãos. Começaram a cantar as palavras em latim do terrível dia de infortúnio. Cada figura começou a dançar alegremente, erguendo os joelhos numa marcha alegre enquanto centenas de vozes cantavam as palavras do ritmo óbvio de uma dança. Aquilo era uma zombaria feia das palavras lamentáveis.

Os tambores eram acompanhados pelo assobio agudo das flautas e pelas batidas insistentes dos tamborins, e, de repente, toda a roda de dançarinos, ainda de mãos dadas, mexia-se, corpos balançando de um lado para o outro da cintura para cima, cabeças oscilando, bocas sorridentes.

— Deeee — sooor — demm, deee — sooor — demm! — cantavam.

Entrei em pânico. Mas não conseguia desvencilhar-me de meus captores. Gritei.

O primeiro par de seres com aqueles hábitos negros diante dos meninos quebrara as correntes do primeiro deles que deveria sofrer e atirara seu corpo para o alto. O segundo par o pegou e, com grandes impulsos preternaturais, atirou a criança indefesa na fogueira.

Com gritos de dar dó, o menino caiu nas chamas e desapareceu, e os outros aprendizes, agora convencidos de seu destino, choraram e soluçaram loucamente, mas em vão. Um após o outro, meninos eram separados dos outros e atirados ao fogo. Eu andava para a frente e para trás, chutando o chão e meus adversários. Uma vez soltei um braço para logo ser agarrado por três outras figuras com dedos que apertavam com violência. Solucei.

— Não façam isso, eles são inocentes, não os matem. Não.

Por mais alto que eu gritasse, podia ouvir os gritos dos meninos que estavam morrendo queimados, Amadeo, salve-nos,

fosse aquele terror final com ou sem palavras. Finalmente, todos os vivos entoaram esse refrão:

— Amadeo, salve-nos! — mas o bando estava reduzido à metade e logo só restava um quarto dos meninos, contorcendo-se e debatendo-se enquanto eram finalmente levantados para aquela morte indescritível.

Os tambores continuavam tocando, acompanhados do chocalhar dos pandeiros e do gemido melodioso das cornetas. As vozes faziam um coro medonho, cada sílaba avivada com veneno à medida que o hino era cantado.

— Chega dessas suas coortes! — sibilou uma figura mais próxima a mim. — Então você está chorando por eles, está? Quando deveria devorar cada um deles pelo amor de Deus!

— O amor de Deus! — exclamei. — Como ousa falar do amor de Deus! Você matou crianças! — Consegui virar e chutá-lo, machucando-o muito mais do que ele esperava, mas como sempre, três outros guardas tomaram-lhe o lugar.

Finalmente, no sinistro clangor do fogo, só restavam três crianças de rosto branco, as mais novas de nossa casa, e nenhuma delas emitia um som. Foi lúgubre o seu silêncio, rostinhos molhados e trêmulos, ao serem lançadas, olhos vidrados e descrentes, nas chamas.

Chamei seus nomes. A plenos pulmões, gritei:

— No Céu, meus irmãos, no Céu, vocês vão para os braços de Deus!

Mas como seus ouvidos mortais poderiam ouvir isso com aquela música ensurdecadora dos cantadores.

De repente, percebi que Riccardo não estava entre eles. Riccardo escapara ou fora poupado, ou preservado para algo pior. Franzi o cenho para melhor conseguir trancar esses pensamentos na mente, receando que esses animais se lembrassem de Riccardo. Mas fui arrancado de meus pensamentos e arrastado para a pira.

— Agora você, corajoso, pequeno Ganimedes dos blasfemos, você, seu querubim teimoso e descarado.

— Não!

— Finquei pé.

Aquilo era impensável. Eu não podia morrer daquela maneira; não poderia ir para o fogo. Freneticamente, raciocinei comigo mesmo: mas você acabou de ver seus irmãos morrerem, por que não você? e no entanto eu não conseguia aceitar a possibilidade disso, não, não eu, eu era imortal, não!

— Sim, você, e o fogo o assará como os assou. Está sentindo o cheiro da carne deles assando? Dos ossos carbonizados deles? Fui jogado para o alto por suas mãos poderosas, a uma altura que me permitiu sentir meus cabelos ao vento, e ver o fogo de cima, sentindo suas aniquiladoras ondas de calor baterem em meu rosto, meu peito, meus braços abertos. Fui caindo estatelado na fogueira, naquela trovoada de lenha crepitante e labaredas agitadas cor de laranja. Então eu morro! Pensei, se é que pensei. alguma coisa, mas acho que tudo o que conheci foi pânico e rendição, rendição ao que seria uma dor indescritível. Mãos me agarraram, a lenha queimada despencando e rugindo embaixo de mim. Eu estava sendo arrastado para fora da fogueira. Estava sendo arrastado pelo chão. Minhas roupas em chamas estavam sendo pisadas. Minha túnica incendiada foi arrancada. Eu arquejava. Meu corpo todo ardia, aquele ardor terrível de carne queimada, e revirei calmamente os olhos à procura de esquecimento. Venha, Mestre, venha se existir um paraíso para nós, venha a mim. Visualizei-o, queimado, um esqueleto preto, mas ele abriu os braços para me receber. Um vulto apareceu à minha frente. Eu jazia sobre a Terra Mãe úmida, graças a Deus, ainda com as mãos e o rosto chamuscados e o cabelo fumegando. O vulto tinha ombros largos, cabelos negros, e era alto. Ergueu duas mãos brancas fortes e grossas e tirou o capuz, revelando uma basta e lustrosa cabeleira preta. Seus olhos eram grandes com as escleróticas cor de pérola e as pupilas negras, e suas sobrancelhas, embora muito grossas, eram lindamente arqueadas sobre os olhos. Ele era vampiro, como os outros, mas um de singular beleza e imensa presença, olhando de cima para mim, como se estivesse mais interessado em mim do que nele, embora esperasse ser o centro das atrações. Um pequeno calafrio me percorreu, porque ele parecia, graças a esses olhos e à

boca lisa que lembrava o arco de Cupido, ser dotado de algo semelhante à razão humana.

— Você servirá a Deus?— perguntou. Sua voz era culta e gentil, e seus olhos não expressavam escárnio. — Responda-me, servirá, pois se não servir, será jogado de volta na fogueira.

Meu corpo todo ardia. Nenhum pensamento me ocorria a não ser que o que ele falava era impossível, não fazia sentido, logo, eu não podia dar uma resposta. Imediatamente, seus perversos ajudantes tornaram a me levantar, rindo, acompanhando aquele hino cantado incessantemente com vigor.

— Para o fogo, para o fogo!

— Não! — gritou o líder. — Vejo nele o amor puro a nosso Salvador. —

Ele ergueu a mão. Os outros relaxaram a pressão com que me seguravam pelas pernas e pelos braços abertos suspenso no ar.

— Você é bom? — murmurei desesperado para o vulto. — Como pode ser?

— Chorei.

Ele se aproximou. Debruçou-se sobre mim. Que beleza ele possuía! Seus lábios cheios eram um perfeito arco de Cupido, como já disse, mas só agora vi sua cor viva e escura, natural, e a sombra regular da barba, raspada pela última vez na vida mortal, sem dúvida, que cobria suas faces e seu queixo, dando-lhe aquela máscara vigorosa de homem. Sua testa alta parecia feita de um osso branquíssimo só por contraste, com têmporas arredondadas e a nascente do cabelo, penteado graciosamente para trás, formando um bico-de-viúva, constituindo uma impressionante moldura para seu rosto.

Mas foram os olhos, sim, como sempre acontece comigo, os olhos que me atraíram, os grandes olhos amendoados e faiscantes.

— Filho — murmurou ele. — Eu iria sofrer esses horrores se não fosse por Deus?

Chorei mais ainda.

Já não sentia medo. Não me importava que eu estivesse em sofrimento.

A dor era vermelha e dourada, como as chamas haviam sido, e me percorria como se fosse líquida, mas embora eu a sentisse, ela não me doía, e eu não me importava.

Sem protestar, fui levado de olhos fechados para uma passagem onde o arrastar dos pés das pessoas que me carregavam ecoava fracamente no teto baixo e nas paredes. Solto para rolar no chão, virei-me de bruços, triste por estar num ninho de trapos velhos sem poder sentir a umidade da Mãe Terra quando eu precisava dela, e aí isso também já não tinha qualquer importância, e deitei o rosto no linho sujo e comecei a adormecer, como se tivesse sido posto ali para dormir.

Minha pele escaldada era algo à parte, não algo meu. E soltei um longo suspiro, sabendo, embora não formasse palavras na mente, que meus pobres meninos estavam em segurança na morte. O fogo não os pôde ter torturado por muito tempo, não. Estava muito quente, e certamente suas almas devem ter fugido para o Céu como rouxinóis que tivessem entrado naquela zona de calor fumarenta. Meus meninos já não eram da terra e ninguém lhes podia fazer mal. Todas as coisas boas que Marius fizera para eles, os professores, as técnicas que lhes ensinaram, as lições que eles aprenderam, sua dança, seu riso, seu canto, as obras que eles pintaram — tudo isso se fora, e as almas foram para o Céu com asas brancas e macias.

Teria eu ido atrás? Teria Deus recebido a alma de um bebedor de sangue em seu Paraíso de nuvens douradas? Teria eu trocado o som horrível desses demônios cantando em latim pelo reino da música dos anjos? Por que aqueles próximos a mim permitem esses pensamentos em mim? — pois certamente eles lêem meus pensamentos.

Eu podia sentir a presença do líder, o de olhos escuros, o poderoso. Talvez eu estivesse aqui com ele a sós. Se ele conseguisse entender isso, se pudesse dar significado a isso e assim conter; a monstruosidade, ele poderia ser um santo de Deus. Vi monges imundos e famintos em covas. Virei-me de costas, deleitando-me na espetacular dor vermelha e amarela que me inundou, e abri os olhos.

Uma voz doce e confortadora falou comigo, diretamente.

— As obras fúteis de seu mestre estão todas queimadas; só restam as cinzas das pinturas dele. Que Deus o perdoe, por ele ter usado seus poderes sublimes não a serviço de Deus mas sim a serviço do Mundo, da Carne e do Diabo, sim, digo o Diabo, embora seja o Diabo quem habitualmente nos carregue, pois o Maligno se orgulha de nós e se satisfaz com a nossa dor. Mas Marius serviu ao Diabo sem ter consideração pelos desejos de Deus, e as mercês que Deus nos concedeu, em vez de queimar nas chamas do Inferno, governarmos nas sombras da terra.

— Ah — murmurei. — Estou entendendo sua filosofia distorcida.

Não veio nenhuma reprimenda.

Aos poucos, embora eu preferisse apenas escutar a voz, minha vista foi entrando em foco. Havia crânios humanos, calcinados e cobertos de poeira, enfiados na abóbada de terra acima. Crânios enfiados na terra e unidos com argamassa, formando um teto completo, como conchas do mar calcinadas. Conchas do cérebro, pensei, pois o que sobra desses crânios que se projetam da mistura de argamassa e barro senão a abóbada que recobre o cérebro e os orifícios redondos antes preenchidos pelos olhos gelatinosos, argutos como bailarinos, sempre vigilantes para relatar os esplendores do mundo para a mente protegida pela carapaça.

Toda de crânios, uma abóbada de crânios, e, na junção da abóbada com as paredes, um cordão de fêmures a toda a volta, e abaixo do cordão, os ossos da forma mortal colocados a esmo, sem obedecer a um padrão, como não obedecem as pedras ligadas com argamassa para fazer uma parede.

Todo de ossos, esse lugar, e iluminado com velas. Sim, eu sentia o cheiro das velas, da mais pura cera de abelha, como para os ricos.

— Para os ricos não — disse a voz, atenciosamente —, para a igreja, pois esta é a igreja de Deus, embora o Diabo seja nosso

Superior Geral, o santo fundador de nossa Ordem, então por que não cera de abelha? Você, um veneziano fútil e mundano, é que pode achar isso um luxo, confundir isso com a riqueza em que você se espojava como um porco na lama.

Ri baixinho.

— Quero ouvir mais dessa sua lógica generosa e idiota — disse eu. —

Seja o Tomás de Aquino do Diabo. Fale.

— Não zombe de mim — disse ele em tom súplice e sincero. — Eu o salvei do fogo.

A essas horas eu estaria morto se não fosse você.

— Quer arder nas chamas?

— Não, sofrer assim, não. Não suporto a idéia de que eu ou qualquer pessoa deva sofrer assim. Mas morrer, sim.

— E que destino acha que terá se morrer? O fogo do Inferno não é cinquenta vezes mais quente que a fogueira que acendemos para você e seus amigos? Você é filho do Inferno; desde o primeiro momento em que o blasfemo Marius infundiu-lhe nosso sangue. Não se pode modificar esse juízo. Você é mantido vivo por um sangue amaldiçoado, antinatural e agradável a Satã, e agradável a Deus só porque Ele precisa de Satã para exhibir Sua bondade, e para dar à humanidade uma opção entre o bem e o mal.

Tornei a rir, mas da forma mais respeitosa possível.

— Vocês são tantos — disse eu.

Virei a cabeça. As numerosas velas me ofuscaram, mas não foi desagradável. Era como se as chamas daqueles pavios fossem de uma espécie diferente da daquelas que consumiram meus irmãos.

— Esses mortais mimados eram seus irmãos? — perguntou ele. Sua voz era firme.

— Acredita em toda essa podridão que está me dizendo? — perguntei, imitando o seu tom.

Ele riu, e foi uma risada decente e discreta, como se estivéssemos na igreja comentando baixinho o absurdo de um sermão. Mas ali não havia a presença do Santo Sacramento como haveria numa igreja consagrada, então por que cochichar?

— Querido-disse ele.— Seria tão simples torturá-lo, virar pelo avesso sua cabecinha arrogante e transformá-lo apenas num instrumento de gritos estridentes. Não seria nada emparedá-lo para que seus gritos não fossem altos demais para nós e sim apenas um acompanhamento agradável para nossas meditações de cada noite. Mas não gosto dessas coisas. Por isso sirvo tão bem ao Diabo; nunca cheguei a gostar do mal ou da maldade. Desprezo essas coisas, e quisera poder olhar para um crucifixo, eu olharia e choraria como chorei quando era mortal.

Fechei os olhos, abandonando todas as chamas dançantes que salpicavam a escuridão. Enviei meu poder mais forte e mais furtivo para dentro de sua mente, mas dei com uma porta fechada.

— Sim, essa é a minha imagem para não deixar você entrar.

Dolorosamente literal para um infiel tão preparado. Mas sua dedicação ao Senhor Cristo foi cultivada entre pessoas literais e ingênuas, não? Mas olhe, aí vem alguém com um presente para você que apressará enormemente nosso acordo.

— Acordo, que acordo será esse? — perguntei.

Eu também ouvi o outro. Um cheiro forte e terrível penetrou em minhas narinas. Não me mexi nem abri os olhos. Ouvi o outro rindo daquela maneira surda tão aperfeiçoada pelos que cantaram o Dies Irae com um tom dos mais lascivos. O cheiro era mefítico, um cheiro de carne humana queimada ou algo assim. Eu detestava. Comecei a virar a cabeça e tentei me deter. Barulho e dor eu podia suportar, mas não esse odor terrível, terrível.

— Um presente para você, Amadeo — disse o outro.

Ergui os olhos. Encarei um vampiro na forma de um jovem com cabelo louro quase branco e a compleição esguia de um escandinavo. Ele segurava uma urna com as duas mãos. Então, virou a urna.

— Ah, não, pare! — Joguei as mãos para cima. Eu sabia o que era aquilo. Mas era tarde demais.

As cinzas foram despejadas em cima de mim. Fiquei sufocado e gritei, e virei-me de bruços. Eu não conseguia tirar aquela poeira dos olhos nem da boca.

— As cinzas de seus irmãos, Amadeo — disse o vampiro escandinavo.

Ele desatou numa gargalhada selvagem.

Impotente, deitado de cara no chão e as mãos dos dois lados do rosto, sacudi-me todo, sentindo o peso quente das cinzas. Afinal, virei-me e revirei-me, ajoelhei, depois fiquei em pé. Recuei até a parede. Um grande suporte de ferro cheio de velas virou, as pequenas chamas formando um arco em minha visão turva, as velas caindo na lama. Ouvei o chacoalhar de ossos. Atirei os braços na frente do rosto.

— O que aconteceu com nossa linda compostura? — perguntou o vampiro escandinavo. — És um querubim chorão, não? Era assim que seu Mestre o chamava, querubim, não? Olhe! — Ele puxou meu braço, e com a outra mão tentou passar as cinzas em mim.

— Seu diabo desgraçado! — gritei. Fiquei louco de raiva e indignação. Agarrei sua cabeça com as duas mãos e torci-lhe o pescoço com toda a força, quebrando-lhe todos os ossos. Depois, dei-lhe um chute violento com o pé direito. Ele caiu de joelhos, gemendo, ainda vivo com aquele pescoço quebrado, mas não viveria inteiro, prometi. Chutei-o então com todo o peso do pé, arrancando-lhe a cabeça do tronco de onde o sangue jorrava aos borbotões.

— Ah, agora olhe só para você — disse eu fitando seus olhos frenéticos. As pupilas continuavam dançando. — Ah, morra, sim, para seu próprio bem. Enfiei os dedos em seus cabelos, e, virando-me de um lado para o outro, peguei uma vela com a mão direita, arranquei-a do suporte de ferro e enfiei-a em suas órbitas, uma de cada vez, até que ele não enxergou mais.

— Ah, então isso também pode ser feito assim — disse eu olhando para cima e piscando com o brilho das velas.

Lentamente, divisei sua figura. Com o cabelo preto grosso e ondulado todo embaraçado, ele estava sentado num canto, as vestes negras caindo até o chão. em volta do banco, o rosto ligeiramente virado para o outro lado, mas olhando para mim, de modo que pude facilmente identificar os traços de seu rosto na

claridade. Um rosto nobre e lindo, com os lábios carnudos tão fortes como os imensos olhos.

— Jamais gostei dele — disse em tom suave, erguendo as sobancelhas-, embora deva lhe dizer que você me impressiona, e eu não esperava que ele nos deixasse tão cedo.

Estremeci. Um frio pavoroso me invadiu, uma raiva feia e desalmada, sobrepujando a tristeza, a loucura, a esperança. Tive ódio da cabeça que eu segurava e queria largá-la, mas aquela coisa ainda vivia. As órbitas estremeciam, sangrando, e a língua corria de um lado para o outro na boca.

— Ah, isso é uma coisa revoltante! — exclamei.

— Ele sempre dizia coisas diferentes assim — disse o de cabelos pretos. Ele era pagão, está vendo. Isso você nunca foi. Quero dizer que ele acreditava nos deuses da floresta do norte, e em Thor, sempre dando a volta ao mundo com seu martelo...

— Vai ficar falando sem parar — perguntei. — Preciso queimar essa coisa mesmo depois disso, não? — perguntei.

Ele me lançou o sorriso inocente mais encantador.

— Você é um idiota por estar aqui — murmurei.

Minhas mãos tremiam incontrolavelmente.

Sem esperar resposta, virei e peguei mais uma vela, tendo apagado completamente a outra, e ateei fogo ao cabelo do defunto. O fedor me enjoou. Emiti um som semelhante a choro de menino.

Larguei a cabeça em chamas em cima do corpo vestido e sem cabeça. Atirei a vela no fogo, para que a cera o alimentasse. Peguei as outras velas que eu havia derrubado e joguei-as no fogo, recuando ao sentir um grande calor a subir do morto.

A cabeça pareceu rolar nas chamas, mais do que seria de esperar, então peguei o candelabro de ferro que eu derrubara, e, usando-o como um ferro de remexer braseiro, bati com ele naquela massa incandescente para amassar o que havia embaixo do fogo.

No final, suas mãos estendidas se fecharam, os dedos se enfiando nas palmas. Ah, viver assim, pensei deprimido, e empurrei com o ferro os braços de encontro ao tronco. O fogo recendia a andrajos e sangue humano, sangue que sem dúvida ele havia

bebido, mas não exalava nenhum outro cheiro humano, e, desesperado, vi que o havia incendiado bem no meio das cinzas de meus amigos. Bem, aquilo parecia adequado.

— Vocês estão vingados num deles — disse eu com um suspiro derrotado.

Larguei o rústico candelabro. Deixei aquela criatura ali. O salão era grande. Descalço, já que o fogo queimara meus sapatos de feltro, fui para outro lugar amplo em meio a candelabros de ferro, onde a boa terra úmida era preta e parecia limpa, e lá tornei a me deitar, como me deitara antes, pouco me importando que o moreno tivesse uma boa visão da minha pessoa ali, já que eu nunca estivera tão à sua frente.

— Conhece aquele culto nórdico? — perguntou, como se nada de terrível tivesse acontecido. — Ah, que Thor está sempre dando voltas com seu martelo, e o círculo vai diminuindo cada vez mais, e do lado de fora há o caos, e estamos aqui, condenados dentro do círculo de calor cada vez menor. Nunca ouviu isso? Ele era um pagão, criado por renegados mágicos que o usavam para matar os inimigos. Ainda bem que me vi livre dele, mas por que está chorando?

Não respondi. Era um desespero absoluto, essa câmara de crânios medonha, os milhares de velas iluminando restos mortais apenas, e essa criatura, essa linda criatura forte de cabelos pretos dando as ordens em meio a todo esse horror, totalmente insensível diante da morte de alguém que a servira e agora era um monte de ossos malcheirosos a arder.

Imaginei que estava em casa. Eu estava seguro no quarto do Mestre. Estávamos sentados. Ele lia um texto em latim. Não se importava com o que diziam as palavras. Estávamos rodeados de acessórios da civilização, coisas doces e bonitas, e os tecidos do quarto haviam sido todos trabalhados por mãos humanas.

— Futilidades — disse o de cabelos pretos. — Coisas fúteis e tolas, mas você acabará vendo isso. É mais forte do que eu julgava. Mas então ele tinha muitos séculos, o seu Criador, ninguém sequer menciona um tempo em que Marius não existia, o lobo solitário,

que não tolera ninguém em seu território, Marius, o destruidor de jovens.

— Nunca soube que ele tenha destruído senão os que eram maus — murmurei.

— Somos maus, não? Todos nós somos maus. Então ele nos destruiu sem remorso. Pensou que estivesse livre de nós. Deu-nos as costas! Achava que éramos indignos de suas atenções, e veja como ele desperdiçou toda a força dele com um garoto. Mas devo dizer que você é um garoto lindíssimo.

Ouviu-se um barulho, um farfalhar maligno, não desconhecido. Senti cheiro de rato.

— Ah, sim, meus filhos, os ratos — disse ele. — Eles vêm a mim. Quer ver? Quer virar-se e olhar para mim? Não pense mais em São Francisco, com seus passarinhos e seus esquilos e o lobo do lado. Pense em Santino, com seus ratos.

Olhei realmente. Prendi a respiração. Sentei no chão e fiquei olhando para ele. Uma ratazana cinzenta sentada em seu ombro enfiava em seu ouvido o focinho miúdo com aqueles bigodes, enrolando o rabo atrás de sua cabeça. Outra viera sentar-se tranqüilamente em seu colo, como se estivesse encantada. Havia outras reunidas a seus pés.

Como que relutando em se mexer para não assustá-las, ele enfiou cuidadosamente a mão numa tigela de migalhas de pão. Só aí senti o cheiro, misturado ao dos ratos.

Ele oferecia um punhado de migalhas à ratazana em seu ombro, que comeu agradecida e com uma delicadeza estranha, depois jogou outras migalhas no colo, onde três ratos logo vieram se banquetear.

— Acha que gosto dessas coisas? — perguntou ele. Fitou-me intensamente, arregalando os olhos para enfatizar as palavras. Seu cabelo preto era um denso véu emaranhado em seus ombros, sua testa, muito lisa e branca, reluzindo à luz das velas.

— Acha que gosto de viver aqui nas entranhas do mundo — perguntou ele triste —, embaixo da grande cidade de Roma, onde a terra filtra os dejetos da multidão podre, e de ter esses vermes como familiares? Acha que nunca fui de carne e osso, ou que, tendo

passado por essa transformação por amor a Deus Todo-Poderoso e a Seu Plano Divino, eu não deseje a vida que você viveu com seu Mestre ganancioso? Não tenho olhos para ver as cores vivas que seu Mestre espalhava nas telas? Não gosto dos sons das músicas ímpias?

Deu um suspiro agonizante.

— O que Deus criou ou permitiu que se criasse que seja desagradável em si mesmo? — prosseguiu. — O pecado não é repulsivo em si mesmo. Que absurdo achar que é! Ninguém passa a gostar da dor. Só podemos esperar suportá-la.

— Por que tudo isso? — perguntei. Eu estava quase vomitando, mas contive o enjôo. Respirei o mais fundo possível para deixar os cheiros dessa câmara de horrores inundar meus pulmões e parar de me atormentar.

Recostei-me, cruzando as pernas para poder estudá-lo. Limpei as cinzas dos olhos.

— Por quê? Seus temas são completamente conhecidos, mas o que é esse reino de vampiros de hábitos negros de monge?

— Somos os Defensores da Verdade — respondeu com sinceridade.

— Ah, quem não é defensor da verdade, pelo amor dos Céus — falei com amargura. — Olhe, o sangue de seu irmão em Cristo está grudado em minhas mãos! E você fica aí sentado olhando, o replicante caprichoso de um ser humano, aí todo cheio de sangue, como se isso tudo fosse conversa fiada à luz de velas!

— Mas você tem uma língua cáustica para alguém com um rosto tão meigo — disse com frieza e admiração. — Parece muito dócil com esses ternos olhos castanhos e esse cabelo vermelho cor de outono, mas é esperto.

— Esperto? Você queimou meu Mestre! Destruiu-o. Queimou seus filhos! Sou seu prisioneiro aqui, não sou? Para quê? E você me fala do Senhor Jesus Cristo? Você? Você? Responda-me, o que é essa confusão de imundície e elegância, feita de barro e velas abençoadas!

Ele riu. Seus olhos franziam nos cantos, e sua expressão era alegre e doce. Seu cabelo, apesar de sujo e desgrenhado,

conservava o brilho preternatural. Como ele seria refinado se estivesse livre dos ditames desse pesadelo!

— Amadeo — disse ele. — Somos os Filhos da Escuridão — explicou pacientemente. — Nós, os vampiros, somos feitos para ser o flagelo do homem, como é a peste. Somos parte das provas e das tribulações desse mundo; bebemos sangue e matamos para a glória de Deus que deseja testar suas criaturas humanas.

— Não diga horrores. — Tapei os ouvidos. Encolhi-me.

— Ah, mas você sabe que isso é verdade — insistiu ele sem levantar a voz. — Sabe disso enquanto me vê com esse hábito e olha em volta de meu quarto. Estou preso para o Senhor Vivo como os monges antigamente antes de aprenderem a pintar cenas eróticas nas paredes.

— Está dizendo loucuras, e não sei por que faz isso. — Eu não queria me lembrar do Mosteiro das Covas!

— É por que encontrei meu objetivo aqui e o objetivo de Deus, e nada é mais elevado. Você haveria de querer ser amaldiçoado e sozinho, e egoísta e sem propósito? Daria as costas para um desígnio tão magnífico que nem uma só criancinha é esquecida! Acha que poderia viver para sempre sem o esplendor daquele grande esquema, lutando para negar o trabalho de Deus em cada coisa bela que você cobiçou e conseguiu?

Fiquei calado. Não pense nos velhos santos russos. Sabiamente, ele não insistiu. Ao contrário, bem baixinho, sem aquele ritmo diabólico, entoou o hino latino...

Dies irae, dies illa Solvet saeculum in favilla Teste David cum Sibylla
Quantus tremor est futurus...

O dia da ira, esse dia transformará a terra em cinzas. Como Davi e Cibele previram Que grande tremor haverá...

— E nesse dia, o Último Dia, teremos deveres para com Ele, nós Seus Anjos Negros levaremos as almas perversas para o Inferno de acordo com Sua Divina Vontade.

Tornei a olhar para ele.

— E depois o apelo final desse hino, que Ele tenha piedade de nós,

Sua Paixão não foi por nós?

Cantei baixinho em latim: i Recordare, Jesu pie , Quod sum causa tuae viae...

Lembraí-vos, Jesus misericordioso, Que fui a causa de vosso caminho...

Continuei insistindo, mal tendo espírito para isso, a fim de acusar plenamente o horror.

— Que monge havia lá no mosteiro de minha infância que não esperasse um dia estar com Deus? O que me diz agora, que nós, os Filhos da Escuridão, servimos a Ele sem esperanças de estar com Ele algum dia?

Ele pareceu abatido.

— Rezo para que haja algum segredo que não conheçamos — murmurou.

Ficou com um olhar distante, como se estivesse mesmo rezando. — Por que Ele não ama Satã quando Satã trabalha tão bem? Como Ele pode não nos amar? Não compreendo, mas sou o que sou, que é isso, e você é igual. — Olhou-me, erguendo ligeiramente as sobrancelhas sublinhando seu espanto. — E devemos servi-lo. Do contrário estamos perdidos.

Deixou o banco e aproximou-se de mim, sentando-se à minha frente no chão, pernas cruzadas, esticando o braço comprido para pousar a mão em meu ombro. — Criatura esplêndida — disse eu —, e pensar que Deus o criou da mesma forma como criou os meninos que você destruiu hoje, os corpos perfeitos que você entregou ao fogo.

Ele estava profundamente angustiado.

— Amadeo, adote outro nome e venha conosco, fique conosco. Precisamos de você. E o que você fará sozinho?

— Diga-me por que matou o Mestre.

Ele me soltou e deixou a mão cair no regaço formado por seu hábito negro esticado entre os joelhos.

— Somos proibidos de usar nossos talentos para deslumbrar os mortais. Somos proibidos de enganá-los com nossos truques. Somos proibidos de procurar o conforto da companhia deles. Somos proibidos de entrar nos lugares de luz.

Nada disso me surpreendeu.

— Somos monges tão puros de coração quanto os de Cluny — disse.

Fazemos os nossos mosteiros rígidos e sagrados, e caçamos e matamos para aperfeiçoar o Jardim de Nosso Senhor como um Vale de Lágrimas. — Fez uma pausa, e, num tom ainda mais suave e especulativo, prosseguiu. — Somos como as abelhas que picam e os ratos que roubam o grão; somos como a Morte Negra que vem para levar jovens ou velhos, feios ou bonitos, para que homens e mulheres tremam diante do poder de Deus.

Olhou para mim, implorando compreensão.

— Catedrais se erguem da poeira — disse — para mostrar milagres ao homem. E, nas pedras, o homem esculpe a Dança Macabra para mostrar que a vida é breve. Carregamos foices no exército do esqueleto roubado que está gravado em mil portais, mil muros. Somos os seguidores da Morte, cuja cara cruel está desenhada em milhões de livrinhos de oração usados tanto por ricos como por pobres. — Seus olhos eram imensos e vagos. Percorriam a cela abobadada em que estávamos. Eu podia ver o reflexo das velas nas pupilas negras de seus olhos. Eles se fecharam por um momento, depois se abriram, mais claros, mais brilhantes.

— Seu Mestre conhecia essas coisas — disse ele pesaroso. — Conhecia. Mas era de uma época pagã, teimoso e zangado, e sempre recusando a graça de Deus. Em você, ele viu a graça de Deus, porque sua alma é pura. Você é jovem e terno e se abre como a flor da lua para receber a luz da noite. Você agora nos odeia, mas acabará vendo.

— Eu não sei se jamais verei alguma coisa — eu disse. — Estou frio e sou pequeno e não estou sabendo o que é sentimento, desejo, nem sequer ódio. Não o odeio, embora devesse odiar. Estou vazio. Quero morrer.

— Mas será a vontade de Deus quando você morrer, Amadeo — disse ele. — Não a sua. — Ele me olhou com um ar severo, e vi que já não podia esconder dele minha recordação; os monges de Kiev, morrendo lentamente de fome em suas celas de terra, dizendo

que precisavam se alimentar, pois a vontade de Deus determinaria quando deveriam morrer.

Tentei esconder essas coisas, guardei essas pequenas imagens em mim e as tranquei. Não pensei em nada. Uma palavra me veio à boca: horror. E depois a idéia de que até agora eu fora um tolo.

Apareceu outra criatura na sala. Era uma vampira. Entrou por uma porta de madeira, fechando-a cuidadosamente após ter passado, como faria uma boa freira, para evitar um barulho desnecessário. Ela foi até ele e postou-se atrás dele.

Sua farta cabeleira grisalha estava emaranhada e imunda, como a dele, e também formara um belo manto pesado e consistente atrás de seus ombros. Suas roupas eram andrajos antigos. Usava o cinto nos quadris, como as mulheres de tempos idos, adornando um belo vestido que revelava sua cintura fina e as agradáveis curvas de suas ancas, o traje nobre que se vê nas figuras de pedra esculpidas em ricos sarcófagos. Seus olhos, como os dele, eram imensos como que para convocar cada preciosa partícula de luz da escuridão. Sua boca era forte e carnuda, e a bela ossatura de suas faces e seu queixo tinha um bom brilho para a fina camada de poeira prateada que a recobria. Seu pescoço e seu busto estavam quase nus.

— Ele vai ser um de nós? — perguntou ela. Sua voz era tão encantadora, tão reconfortante, que me comoveu. — Estou rezando por ele. Ouvi-o chorar interiormente embora ele não emita nenhum som.

Desviei a vista, destinado a ser antipatizado por ela, minha inimiga, que matara aqueles que eu amava.

— Sim — anuiu Santino, o de cabelos pretos. — Ele vai ser um de nós, e pode ser um líder. Tem muita força. Matou Alfredo ali, está vendo? Ah, foi maravilhoso ver o que ele fez, com tanta violência e com um ar zangado tão infantil.

Ela olhou para a ruína do que aquele vampiro havia sido, e eu mesmo não sabia o que sobrara. Não me virei para ver.

Uma profunda tristeza suavizou a expressão dela. Que linda deveria ter sido em vida! Que linda seria ainda sem aquela poeira

que a recobria!

Seus olhos de repente me fuzilaram, acusadores, e em seguida se abrandaram.

— Pensamentos fúteis, meu filho — disse. — Não vivo para espelhos como seu Mestre vivia. Não preciso de sedas nem veludos para servir ao meu Senhor. Ah, Santino, ele é tão novinho, olhe só — falava de mim. — Séculos atrás, eu poderia ter escrito versos em homenagem a tamanha beleza, por ela ter vindo aqui embelezar o rebanho sujo de Deus, um lírio na escuridão ele é, o filho de uma fada plantado pelo luar no berço de uma ordenhadora para servir ao mundo com seu olhar feminino e sua voz varonil.

As lisonjas dela me irritaram, mas era insuportável para mim nesse Inferno perder a beleza pura e a profunda doçura de sua voz. Não liguei para o que ela disse. E, ao olhar para seu rosto branco onde as muitas veias haviam formado câmoros na pedra, vi que ela era velha demais para minha violência impetuosa. Mas matar, sim, arrancar a cabeça do corpo, sim, e apunhalar com velas, sim. Pensei essas coisas de dentes cerrados, e pensei nele, como eu o liquidaria, se ele não era tão velho, com aquela pele cor de oliva, não tinha nem a metade da idade dela, mas esses ímpetos morreram como ervas daninhas arrancadas de minha mente por um vento norte, o vento gelado de minha vontade morrendo dentro de mim.

Ah, mas eles eram lindos.

— Você não renunciará inteiramente à beleza — disse ela meigamente, talvez depois de sorver meus pensamentos, apesar de todos os meus artifícios para ocultá-los. — Você verá outra variante da beleza, uma beleza agressiva e variada, quando beber a vida e vir aquele maravilhoso desenho corpóreo virando uma teia brilhante enquanto você o esgota, e pensamentos moribundos caem mesmo sobre você como mantos lastimosos para confundir seus olhos e torná-lo apenas a escola dessas pobres almas que você envia mais rápido para a glória ou a perdição, sim, beleza. Você verá nas estrelas uma beleza que poderá ser para sempre o seu consolo. E na terra, sim, na própria terra, você encontrará mil tons de

escuridão. Isso será a sua beleza. Você apenas renega as cores vivas da humanidade e a luz desafiadora dos ricos e dos fúteis.

— Não renego nada — disse eu.

Ela sorriu, seu rosto ganhando um calor irresistível, o longo manto de seus fartos cabelos brancos encaracolando-se aqui e ali no reflexo ardente das velas. Olhou para Santino.

— Como ele entende bem as coisas que dizemos — comentou.

— E no entanto parece o garoto levado que zomba de todas as coisas desconhecidas.

— Ele sabe, ele sabe — respondeu o outro com surpreendente amargura.

Alimentou seus ratos. Olhou para ela e para mim. Parecia refletir e até cantarolar novamente o antigo canto gregoriano. Ouvi outros no escuro. E, ao longe, ainda se ouviam tambores, mas aquilo era insuportável. Olhei para o teto daquele local, os crânios sem olhos e sem boca contemplando tudo com uma paciência inesgotável. Olhei para eles, a figura sentada de Santino meditando ou absorto em seus pensamentos, e por trás dele, dominando-o, o vulto escultural da vampira em seus andrajos, o cabelo grisalho repartido ao meio, o rosto enfeitado pela poeira.

— Aqueles Que Deviam Ser Guardados, filho, quem eram? — perguntou ela de repente.

Santino ergueu a mão direita e fez um gesto aborrecido.

— Allesandra, sobre isso ele não sabe. Pode ter certeza. Marius era esperto demais para lhe contar. E o que aconteceu com essa velha lenda que perseguimos há tanto tempo? Aqueles Que Deviam Ser Guardados. Se forem de natureza tal que precisem ser guardados, então já não existem mais, pois Marius já não existe para guardá-los.

Um tremor me percorreu, um terror que explodiria num choro incontrolável, eu os deixar ver isso, não, que abominação. Marius não existia mais... Santino apressou-se em prosseguir, como se com medo de mim.

— Deus assim quis. Deus quis que os prédios desmoronassem, todos os textos fossem roubados ou queimados, todas as testemunhas do mistério fossem destruídas. Pense nisso,

Allesandra. Pense. O tempo cobriu todas aquelas palavras escritas pelas mãos de Mateus, Marcos, Lucas, João e Paulo. Onde existe um só manuscrito que traga a assinatura de Aristóteles? E Platão, quem dera tivéssemos um fragmento do que ele jogou no fogo enquanto trabalhava febrilmente...

— O que são essas coisas para nós, Santino? — perguntou ela com ar de reprovação, mas pousando a mão na cabeça dele ao olhar para baixo. Afagou-lhe os cabelos como se fosse sua mãe.

— Quis dizer que esse é o caminho de Deus — disse Santino-, o caminho de sua criação. Até o que está escrito na pedra é apagado pelo tempo, e cidades podem acabar embaixo do fogo e das cinzas de montanhas que rugem. Quis dizer que a terra come tudo, e agora o levou, levou essa lenda, esse Marius, essa criatura bem mais velha do que qualquer outra que algum dia conhecemos pelo nome, e com ele vão seus preciosos segredos. Então, que assim seja.

Segurei as mãos para impedi-las de tremer. Fiquei calado.

— Havia uma cidade onde eu morava — prosseguiu ele, em voz baixa.

Estava agora com uma ratazana gorda e preta nos braços, alisando seu pêlo como se ela fosse o gato mais lindo, e o animal, com aquele olhinho, parecia incapaz de se mexer, o rabo enrolado como uma grande foice virada para baixo. — Era uma linda cidade, com muralhas altas, e uma feira e tanto a cada ano; palavras não podem descrever onde todos os mercadores mostravam seus produtos e todos os vilarejos próximos e distantes enviavam jovens e velhos para comprar dançar, festejar... parecia um lugar perfeito! No entanto foi tomado pela peste.

A peste chegou, sem respeitar muralha nem torre, invisível aos homens do Senhor, e ao pai no campo e à mãe na horta. A peste levou todo mundo, e aparentemente todo mundo menos os mais perversos. Em minha casa, eles me encerraram, com cadáveres intumescidos de meus irmãos e irmãs. Foi um vampiro que me encontrou, pois, indo ali à cata de alimento, ele não encontrou outro sangue para beber a não ser o meu. E havia tantos!

— Não abrimos mão de nossa história por amor a Deus? — perguntou Allesandra com o maior cuidado. Sua mão alisava o cabelo de Santino, afastando-o da testa. Os olhos dele estavam enormes, cheios de idéias e recordações, mas quando tornou a falar ele me olhou sem sequer me ver.

— Agora lá não há muralhas. Há árvores e mato crescendo entre montes de escombros. E em castelos distantes, encontram-se pedras que pertenceram ao castelo de nosso senhor, às nossas ruas bem calçadas, nossas melhores casas. É da natureza desse mundo que todas as coisas sejam devoradas e o tempo é uma boca tão sanguinária quanto qualquer outra.

Fez-se um silêncio. Eu não conseguia parar de tremer. Meu corpo estremecia. Um gemido saiu de meus lábios. Olhei de um lado para o outro e abaixei a cabeça, segurando a garganta para não gritar.

Quando ergui de novo os olhos, falei.

— Não vou servir a vocês — murmurei. — Estou vendo o seu jogo.

Conheço as suas escrituras, a sua piedade, o seu amor à resignação! Vocês são aranhas com suas teias escuras e intrincadas, nada mais que isso, e procriar por sangue é só o que sabem, só sabem tecer suas armadilhas aborrecidas em volta disso, desgraçados como os pássaros que fazem ninho na sujeira ou em batentes de mármore. Podem contar suas mentiras. Odeio vocês. Não vou servi-los.

Que encantadora a expressão com que me olharam!

— Ah, pobre menino — suspirou Allesandra. — Você apenas começou a sofrer. Porque precisa ser por orgulho e não por Deus?

— Eu os amaldiçôo!

Santino estalou os dedos. Foi um gesto imperceptível. Mas do escuro, entrando por portas que pareciam bocas mudas nas paredes de barro, chegaram seus criados, encapuzados e vestidos com aqueles hábitos. Eles me levantaram segurando-me pelos membros, mas não me debati.

Arrastaram-me para uma cela de barras de ferro e paredes de barro. E quando tentei cavar um buraco para escapar dali, meus

dedos encontraram pedra com uma cinta de ferro e não pude mais cavar.

Deitei-me. Chorei. Chorei pelo Mestre. Pouco me importava se alguém ouvisse ou risse de mim. Pouco me importava. Eu só sabia o que era perda e naquela perda o tamanho de meu amor, e, ao saber o tamanho de meu amor, de certa forma eu podia sentir seu esplendor. Chorei e chorei. Virei-me e pus-me a rastejar. Arranquei punhados de terra, depois fiquei quieto, apenas deixando as lágrimas rolares.

Allesandra estava ali segurando as barras de ferro.

— Pobre criança — murmurou. — Estarei com você, sempre com você.

Basta chamar meu nome.

— E por que isso? Por quê? — gritei, a voz ecoando nas paredes duras. Responda.

— Nas profundezas do Inferno — disse ela — os demônios não se amam?

Passou-se uma hora. A noite ia avançada.

Eu estava sedento.

Ardia de sede. Ela sabia. Encolhi-me no chão, a cabeça baixa, acororado. Eu morreria antes de tornar a beber sangue. Mas era tudo o que eu podia ver, tudo em que eu podia pensar, tudo o que eu podia querer. Sangue.

Depois da primeira noite, achei que morreria dessa sede. Depois da segunda, achei que morreria gritando.

Depois da terceira, só sonhava com isso chorando desesperado, lambendo minhas próprias lágrimas de sangue nos dedos.

Depois de seis noites assim, quando já não podia agüentar a sede, eles me trouxeram uma vítima a debater-se.

Vindo do comprido corredor escuro, farejei o sangue. Farejei-o antes de ver os archotes deles.

Um jovem musculoso e malcheiroso que estava sendo arrastado para minha cela, que os chutava e os amaldiçoava, grunhindo como um louco, gritando só de ver aquela tocha com a qual eles o amedrontavam, empurrando-o para mim.

Fiquei em pé, quase fraco demais para esse esforço, e caí em cima dele, caí em cima daquela sua carne quente e succulenta e rasguei sua garganta, rindo e chorando ao fazer isso, engasgando com o sangue.

Rugindo e gaguejando, ele caiu embaixo de mim. O sangue da artéria jorrou em meus lábios e em meus dedos finos. Como pareciam ossos os meus dedos! Bebi, bebi e bebi até não agüentar mais, e toda a dor me deixou, e todo o desespero desapareceu na pura satisfação da fome, na deglutição gulosa, egoísta e odienta do bendito sangue.

Entregue a esse banquete voraz, insensato e grosseiro, eles me deixaram.

Então, caindo para o lado, senti minha visão clarear novamente no escuro.

As paredes à minha volta faiscavam de novo com partículas de metal como um firmamento estrelado. Olhei e vi que a vítima que eu tomara era Riccardo, meu amado Riccardo, meu brilhante e bondoso Riccardo, nu, imundo, um prisioneiro cevado, mantido esse tempo todo em alguma cela fétida só para isso.

Gritei. Esmurrei as grades e bati nelas com a cabeça. Meus guardas de cara branca correram até lá e recuaram de medo e ficaram me espiando do corredor escuro. Caí de joelhos, chorando.

Agarrei o cadáver.

— Riccardo, beba! — Mordi a língua e cuspi o sangue em seu rosto gorduroso de olhos vidrados. — Riccardo! — Mas ele estava morto e vazio, e eles haviam ido embora, deixando-o para apodrecer ali comigo, apodrecer a meu lado.

Comecei a cantar *Dies irae, dies illa* e a rir enquanto cantava.

Três noites depois, gritando e praguejando, arranquei os braços e as pernas, um por um, do cadáver fétido de Riccardo a fim de poder jogar os pedaços para fora da cela. Eu não estava agüentando! Atirei várias vezes o tronco intumescido contra a grade e caí, soluçando, sem conseguir enfiar o punho ou o pé para quebrá-lo. Arrastei-me para a outra extremidade para afastar-me daquilo. Allesandra chegou.

— Filho, o que posso dizer para consolá-lo? — Um murmúrio incorpóreo na escuridão. Mas havia outro vulto ali, Santino. Virando, vi, numa claridade errática que só olhos de vampiro conseguem captar, que ele encostou o dedo na boca e abanou a cabeça, corrigindo-a delicadamente. — Ele agora precisa ficar sozinho — disse. — Sangue — gritei. Voei na grade, os braços estendidos, fazendo com que os dois se assustassem e fugissem de mim.

Ao fim de mais sete noites, quando minha fome era tanta que nem o cheiro de sangue me excitava mais, eles depuseram a vítima — um meninozinho de rua clamando por piedade — diretamente em meus braços. — Ah, não tenha medo de mim, não-murmurei, cravando-lhe depressa os dentes no pescoço. — Hummm, confie em mim — murmurei, saboreando o sangue, bebendo devagar, tentando não rir de prazer, minhas lágrimas de alívio sanguinolentas caindo no rostinho dele. — Ah, sonhe, sonhe coisas doces e bonitas. Há santos que chegarão; você os vê? Depois, deitei-me, saciado, captando no teto aquelas ínfimas estrelas de pedra brilhante ou de minério de ferro embutidas no barro. Deixei a cabeça rolar para o lado, para longe do cadáver da pobre criança o qual eu arrumara cuidadosamente, como que para a mortalha, encostado na parede atrás de mim. Vi um vulto em minha cela, um vulto pequeno. Vi sua silhueta diáfana contra a parede, fitando-me. Outra criança?

Levantei-me, horrorizado. O vulto não exalava cheiro algum. Virei-me e olhei para o cadáver. Jazia no mesmo lugar.

No entanto encostado na parede em frente, estava o próprio menino, pequeno e lívido e perdido, a me olhar.

— Como é isso? — murmurei.

Mas o pobrezinho não conseguia falar. Só conseguia olhar. Estava vestido com a mesma camisa que seu cadáver usava, e seus olhos eram grandes e sem cor, ternos em sua expressão contemplativa. Ouvi um som ao longe. Eram passos na longa catacumba que levava à minha pequena prisão. Não eram passos de vampiro. Empertiguei-me, alargando ligeiramente as narinas, tentando sentir o cheiro dessa criatura. Nada mudou naquele ar

úmido e impregnado de mofo. Só o cheiro da morte era o aroma de minha cela daquele pobre corpinho arreventado.

Fixei os olhos naquele espiritozinho tenaz.

— Por que você fica aí?-perguntei-lhe baixinho, desesperado.
— Por que consigo vê-lo?

Ele mexeu a boquinha como se fosse falar, mas só sacudiu muito ligeiramente a cabeça, tristemente eloqüente em sua confusão.

Os passos continuavam. E mais uma vez esforcei-me para sentir o cheiro. Mas não senti nada, nem o ranço empoeirado de vestes de vampiro, só isso, a aproximação desse barulho arrastado. E finalmente chegou às grades o vulto alto e escuro de uma mulher magra.

Eu sabia que ela estava morta. Eu sabia. Sabia que estava tão morta quanto aquele menino flutuando ali junto à parede.

— Fale comigo, por favor, ah, por favor, eu lhe imploro, fale comigo! gritei.

Mas nenhum fantasma conseguia deixar de olhar para o outro. A criança pulou de mansinho para os braços da mãe, e ela, virando, após recuperar o filho, começou a desaparecer enquanto seus pés tornavam a produzir aquele barulho seco e arrastado no chão de barro que a anunciara.

— Olhe para mim! — supliquei em voz baixa. — Só uma vez.

Ela parou. Já não sobrava quase mais nada dela. Mas ela virou a cabeça e a luz pálida de seus olhos fixou-se em mim. Então, silenciosa e completamente, ela desapareceu.

Deitei-me, e estiquei o braço num desespero descuidado e senti o cadáver da criança, ainda ligeiramente quente a meu lado. Nem sempre eu via o fantasma deles. Nem procurava dominar os meios de fazer isso. Eles não eram meus amigos — isso era uma nova maldição —, esses espíritos que de vez em quando apareciam no cenário de minha destruição sanguinolenta. Eu não via esperança em seus rostos quando eles passavam por aqueles momentos de minha infelicidade quando o sangue estava mais quente dentro de mim. Não havia luz de esperança a rodeá-los. Seria a fome que me dava este poder?

Não falei com ninguém a respeito deles. Naquela maldita cela, naquele lugar desgraçado em que minha alma era quebrada semana após semana, sem ao menos o conforto de um caixão para se encerrar, eu tinha medo deles e comecei a odiá-los.

Só o grande futuro iria revelar-me que outros vampiros, em geral, nunca os vêem. Seria isso uma graça? Eu não sabia. Mas estou me adiantando. Deixe-me voltar para aquela época intolerável, aquele cadinho.

Passei umas vinte semanas nessa miséria.

Eu nem acreditava mais que aquele mundo claro e fantástico de Veneza tivesse existido algum dia. E sabia que o Mestre estava morto. Eu sabia. Sabia que todo mundo que eu amava havia morrido.

Eu estava morto. Às vezes sonhava que estava em Kiev; no Mosteiro das Covas, um santo. Depois acordava aflito.

Quando Santino e a grisalha Allesandra vieram me ver, foram gentis como sempre, e Santino derramou lágrimas vendo como eu estava e disse:

— Venha para mim, agora, venha estudar comigo a sério, venha. Nem os miseráveis como nós devem sofrer como você está sofrendo. Venha para mim.

Caí em seus braços, abri meus lábios para os dele, abaixei a cabeça para encostar o rosto em seu peito e, enquanto escutava seu coração batendo, respirei fundo, como se o próprio ar me tivesse sido negado até aquele momento. Allesandra pousou gentilmente em mim aquelas suas mãos frias e macias.

— Pobre criança órfã — disse ela. — Criança errante, ah, que longa estrada você percorreu para chegar até aqui!

E como era incrível que tudo o que eles fizeram comigo parecesse apenas algo que compartilhamos, uma catástrofe comum e inevitável.

Eu estava deitado no chão nos braços de Allesandra, que me embalava e aflagava meu cabelo.

— Quero que você venha caçar conosco hoje à noite — disse Santino. Venha conosco, com Allesandra e comigo. Não deixaremos

os outros o atormentarem. Você está com fome. Está com muita fome, não?

E então começou meu período com os Filhos da Escuridão.

Noite após noite, cacei realmente em silêncio com meus novos companheiros, meus novos entes queridos, meu novo Mestre e minha nova Mestra, e então fiquei pronto para começar a sério meu aprendizado;

Santino, meu professor, com Allesandra para ajudá-lo de vez em quando, fez de mim o seu pupilo, uma grande honra na assembleia de bruxos, ou pelo menos foi o que os outros vieram logo me dizer quando tiveram a oportunidade.

Soube o que Lestat já escreveu baseado no que lhe revelei, as grandes leis. Primeiro, éramos formados em assembleias de bruxos pelo mundo afora, e cada assembleia teria seus líderes, e eu estava destinado a ser um deles, como o superior de um convento, e todas as questões de autoridade estariam em minhas mãos. Eu e só eu deveria determinar quando um novo vampiro deveria ser criado para juntar-se a nós; eu e só eu cuidaria para que a transformação fosse feita da maneira adequada.

Segundo, o Dom Negro, pois é assim que o chamamos, nunca deveria ser dado àqueles que não fossem bonitos, pois a escravização dos belos com o Sangue Negro é mais agradável a um Deus Justo.

Terceiro, jamais um vampiro antigo deverá criar um novato, pois nossos poderes aumentam com o tempo, e o poder dos velhos é grande demais para os jovens. Veja a minha tragédia, criado pelo último Filho dos Milênios conhecido o grande e terrível Marius. Eu tinha a força de um demônio no corpo de uma criança.

Quarto, nenhum de nós pode destruir qualquer um de nós, exceto o líder da assembleia, que a qualquer hora deve estar preparado para eliminar os desobedientes de seu rebanho. Todos os vampiros errantes, que não pertençam a nenhum grupo, devem ser eliminados pelo líder logo que forem vistos.

Quinto, nenhum vampiro deve jamais revelar sua identidade ou suas forças mágicas a um mortal e depois disso ser deixado vivo. Nenhum vampiro deve jamais escrever quaisquer palavras que

revelem estes segredos. Na verdade, jamais o nome de um vampiro deve ser conhecido no mundo mortal e qualquer evidência de nossa existência que porventura tenha escapado para esse âmbito deve ser erradicada a qualquer custo, juntamente com aqueles que houverem permitido tão terrível violação da vontade de Deus.

Havia outras coisas. Rituais, encantamentos, havia uma espécie de folclore.

— Não entramos em igrejas, pois Deus nos fulminaria se entrássemos — declarou Santino. — Não olhamos para o crucifixo, e sua mera presença numa corrente em volta do pescoço de uma vítima é suficiente para salvar a vida desse mortal. Desviamos nossos olhos e nossos dedos das medalhas da Virgem. Acovardamo-nos diante das imagens dos santos.

“Mas atacamos com o fogo sagrado aqueles que andam desprotegidos. Banqueteamo-nos quando e onde desejamos e cruelmente, e banqueteamo-nos, com o inocente e com aqueles mais dotados de beleza e riquezas. Mas não nos gabamos do que fazemos para o mundo, nem nos gabamos uns para os outros.

“Os grandes castelos e cortes do mundo estão fechados para nós, pois nunca devemos nos imiscuir no destino que Cristo Nosso Senhor ordenou para aqueles que criou à Sua Imagem, mais do que se imiscuem os vermes, as labaredas do fogo ou a Morte Negra.

“Somos uma maldição das sombras; somos um segredo. Somos eternos.

“E quando terminamos nosso trabalho para Ele, reunimo-nos sem o conforto de luxos ou riquezas naqueles locais subterrâneos abençoados por nós para nosso sono, e lá, só com a iluminação de fogo e velas, encontramos-nos para orar, cantar e dançar, sim, dançar em volta do fogo, fortalecendo assim a nossa vontade, compartilhando assim nossa força com nossos irmãos e irmãs.”

Seis longos meses se passaram durante os quais estudei estas coisas, durante os quais aventurei-me nos becos de Roma para caçar com os outros, para regalar-me com os destituídos da sorte que me caíam tão facilmente nas mãos.

Já não vasculhava a mente procurando um crime que justificasse o meu banquete predatório. Já não praticava a

requintada arte de beber sem fazer a vítima sofrer. Já não protegia o infeliz mortal do horror de meu rosto, minhas mãos desesperadas, minhas presas.

Uma noite, acordei e vi-me rodeado por meus irmãos. A mulher grisalha ajudou-me a sair do caixão de chumbo e disse-me que eu deveria acompanhá-los. Saímos juntos na noite estrelada. A fogueira que havia sido construída era alta como na noite em que meus irmãos mortais morreram.

O ar estava fresco e impregnado do perfume de flores primaveris. Ouvi o rouxinol cantando e, ao longe, os sussurros da populosa cidade de Roma. Olhei na direção da cidade. Avistei suas sete colinas cobertas de luzes faiscantes. Avistei as nuvens no alto tingidas de dourado, baixando sobre esses marcos belos e esparsos como se a escuridão do céu estivesse grávida.

Vi a roda que se formara em volta do fogo. Em duas ou três fileiras, estavam os Filhos da Escuridão. Santino, num caro hábito novo de veludo azul, ah, que violação de nossas normas rígidas!, adiantou-se para dar-me dois beijos no rosto.

— Estamos mandando você para longe, para o norte da Europa — disse ele-, à cidade de Paris, para onde foi o líder da assembléia, como todos vamos mais cedo ou mais tarde, para o fogo. Seus filhos o aguardam. Ouviram histórias sobre você, sobre sua gentileza, sua piedade e sua beleza. Você será o líder e o santo deles.

Meus irmãos vieram um a um me beijar. Minhas irmãs, que eram pouco numerosas, também vieram me dar um beijo no rosto.

Fiquei calado, quieto, escutando ainda o canto dos pássaros nos pinheiros próximos, olhando de vez em quando para os Paraísos inferiores e pensando se a chuva viria, a chuva cujo cheiro eu podia sentir, tão pura e límpida, a única água purificadora que agora me era permitida, a doce chuva romana, suave e quente.

— Promete solenemente chefiar a assembléia nos Caminhos da Escuridão como Satã chefiaria e seu Senhor e Criador, Deus, chefiaria?

— Prometo.

— Promete obedecer a todas as ordens enviadas a você da Assembléia Romana?

— Prometo...

Palavras e palavras e palavras.

A lenha se empilhava na fogueira. Os tambores haviam começado. Os tons solenes. Comecei a chorar.

Então senti os braços macios de Allesandra, sua macia cabeleira grisalha encostar em meu pescoço.

Irei para o norte com você, meu filho — disse ela.

Fiquei gratíssimo. Joguei os braços em volta dela, estreitei seu corpo duro e frio contra o meu e tremi de tanto soluçar.

— Sim, queridinho. Ficarei com você. Sou velha e ficarei com você até chegar a hora de me apresentar à Justiça Divina, como todos precisamos nos apresentar.

— Então dançamos de alegria! — exclamou Santino. — Satã e Cristo, irmãos na casa do Senhor, a vós oferecemos esta alma aperfeiçoada!

Ele jogou os braços para cima.

Allesandra afastou-se de mim, olhos marejados de lágrimas. Eu não conseguia pensar em mais nada senão em minha gratidão por ela estar comigo. Por eu não fazer esta terrível viagem sozinho. Comigo, Allesandra comigo. Ah, bobo para Satã e o Deus que o fez!

Ela estava ao lado de Santino, alto e majestoso, e também jogou os braços para cima e balançou os cabelos de um lado para o outro.

— Que comece a dança! — exclamou ela.

Os tambores troaram, as cornetas gemeram e a batida dos pandeiros encheu meus ouvidos.

Um grito baixo e demorado ergueu-se da grande e densa roda de vampiros, e todos juntos, de mãos dadas, começaram a dançar.

Fui puxado de volta para o cordão que eles fizeram em volta da fogueira ardente. As figuras me puxavam na roda de um lado para o outro, depois soltei-me e dei um pulo, rodopiando no ar.

Senti o vento na nuca ao fazer a pirueta. Estiquei os braços com precisão para receber as mãos dos dois lados e depois balançar para a direita e para a esquerda novamente.

Nuvens silenciosas adensavam-se, enroscavam-se e passeavam pelo céu que escurecia. A chuva chegou, seu rugido suave abafado pelos gritos das criaturas loucas que dançavam, pelo crepitar do fogo e pelo rufar dos tambores.

Ouvi a chuva. Virei-me, dei um pulo e recebi-a, a chuva prateada caindo em mim como a bênção dos paraísos escuros, as águas batismais dos condenados. A música aumentou. Um ritmo bárbaro espalhou-se por tudo, desmanchando o cordão organizado dos dançarinos. Na chuva e no clarão voraz da fogueira gigantesca os vampiros jogavam os braços para o alto, uivando, contorcendo-se, contraindo-se todos até ficarem encurvados, batendo os pés no chão, e depois pulavam de braços abertos, bocas também abertas, remexendo os quadris enquanto rodopiavam e pulavam, e ouviu-se novamente o hino aos altos brados, *Dies irae, dies illa*. Oh, sim, dias de miséria, oh, dias de fogo!

Depois, quando começou a chover solene e regularmente, quando a fogueira era apenas carvão, quando todos eles haviam saído para caçar, quando só uns poucos circulavam pelo terreno escuro do Sabá, entoando suas preces num delírio aflito, fiquei quieto, deitado de cara no chão enquanto a chuva me lavava.

Parecia que os monges do velho mosteiro de Kiev estavam lá. Eles riam para mim, mas suavemente. Diziam:

— Andrei, o que lhe fez pensar que pudesse escapar? Não sabia que Deus o chamou?

— Afastem-se de mim, vocês não estão aqui, e eu não estou em lugar nenhum. Estou perdido nos ermos escuros de um inverno sem fim.

Tentei imaginá-lo, Seu Rosto Sagrado. Mas ali só estava Allesandra, que viera ajudar-me a me levantar. Allesandra, que prometera contar-me sobre os tempos negros, muito antes de Santino ser criado, quando ela recebeu o Dom Negro nas florestas da França para onde estávamos indo juntos.

— Ó Senhor, Senhor, ouvi minha prece — murmurei. Se ao menos eu pudesse ver o Rosto Sagrado.

Mas essas coisas eram proibidas para nós. Jamais poderíamos olhar para Sua Imagem! Até o fim do mundo, trabalharíamos sem

esse consolo. O Inferno é a ausência de Deus.

O que posso dizer agora em minha defesa? O que posso dizer?

Outros contaram a história de como, durante séculos, fui o corajoso chefe da Assembléia de Paris, obedecendo a antigas leis até não existir mais Santino nem Assembléia de Roma para enviá-las a mim, como, desesperado e maltrapilho, agarrei-me à Fé Antiga e aos hábitos Antigos enquanto outros entraram no fogo para se destruir, ou simplesmente foram embora.

O que posso dizer em defesa do convertido e do santo que me tornei? Passei trezentos anos sendo o anjo errante filho de Satã, seu matador com ar infantil, seu lugar-tenente, seu bobo. Allesandra estava sempre comigo. Quando os outros pereciam ou desertavam, lá estava Allesandra que conservava a fé. Mas isso foi meu pecado, minha viagem, minha loucura terrível, e tenho de carregar sozinho esse fardo enquanto eu existir.

Em Roma, antes de minha partida para o norte, ficou decidido que eu deveria mudar de nome.

Amadeo, contendo a palavra que significava Deus, era extremamente inadequado para um Filho da Escuridão, especialmente quanto a chefiar a Assembléia de Paris.

Entre várias opções que me foram dadas, Allesandra escolheu o nome Armand.

Assim me tornei Armand.

PARTE II



A PONTE DOS SUSPIROS

16

Recuso-me a perder mais um segundo discutindo o passado. Não gosto do passado. Não quero saber dele. Como posso lhe contar sobre alguma coisa que não me interessa?

É provável interessá-lo?

O problema é que muita coisa já foi escrita sobre meu passado. Mas e se você não tiver lido aqueles livros? E se você não tiver se esojado nas descrições rebuscadas que o vampiro Lestat fez de mim e de meus pretensos erros e enganos?

Tudo bem, tudo bem. Um pouquinho mais, mas só para levar-me a Nova , York, à hora em que vi o Véu de Verônica, para que você não precise voltar atrás e ler os livros dele, para que meu livro baste.

Durante trezentos anos, fui fiel aos Costumes Antigos de Santino, mesmo depois que o próprio Santino desapareceu. Entenda, esse vampiro absolutamente não estava morto. Ele apareceu na era moderna, bastante saudável, forte, calado e sem se desculpar pelos credos que me enfiou goela abaixo no ano de 1500, antes de eu ser enviado a Paris.

Eu estava louco nessa época. Chefiar a assembléia, eu chefie, e de suas cerimônias, suas sinistras ladainhas e seus sanguinolentos batismos extravagantes, tornei-me o arquiteto e o mestre. Minha força física aumentava ano a ano, e como acontece

com todos os vampiros, e, bebendo avidamente de minhas vítimas, pois esse era o único prazer com o qual eu podia sonhar, alimentei meus poderes vampíricos.

Feitiços eu podia criar em torno daqueles que eu matava, e, selecionando os bonitos, os promissores, os mais audaciosos e esplêndidos para meu banquete, eu todavia passava para eles visões fantásticas para embotar-lhes o medo do sofrimento.

Eu estava louco. Sendo-me negados os lugares de luz, o conforto de entrar na menor das igrejas, perfeitamente comprometido com os Costumes Negros, vaguei como uma alma penada desinteressante pelos becos mais escuros de Paris, transformando em barulho sua poesia e sua música mais nobres com a cera da piedade e do fanatismo com a qual eu tapava os ouvidos, cego à sublime majestade de suas catedrais e seus palácios.

A assembléia tomava todo o meu amor, com discussões no escuro sobre qual a melhor maneira de sermos santos de Satã, ou se deveríamos oferecer nosso pacto demoníaco a um lindo e ousado envenenador e torná-lo um de nós.

Mas às vezes eu passava de um estado de loucura aceitável a outro do qual só eu conhecia os perigos. Em minha cela de barro, nas catacumbas secretas por baixo do grande cemitério Les Innocents em Paris onde estabelecemos nosso covil, todas as noites eu tinha um sonho estranho e insignificante: O que acontecera com aquele pequeno tesouro que minha mãe mortal me dera? O que acontecera com aquele estranho objeto de Podil que ela tirara do canto do ícone e me pusera nas mãos, aquele ovo pintado, aquele ovo pintado de carmim com a estrela tão bem-feita? Agora, onde poderia estar? O que lhe acontecera? Eu não o deixara, bem enrolado em peles, dentro de um caixão dourado onde eu morava?, ah, terá isso tudo acontecido mesmo?, essa vida da qual eu pensava me lembrar numa cidade de reluzentes palácios revestidos de pedra branca e canais brilhantes e um grande mar manso e cinzento cheio de navios rápidos e graciosos, manejando seus compridos remos perfeitamente em uníssono como se fossem coisas vivas, aqueles navios lindamente pintados, tantas vezes

engalanados com flores, e com as velas mais brancas, ah, isso não poderia ter sido real, e pensar, uma câmara dourada com um caixão dourado, e esse tesouro especial, essa coisa frágil e encantadora, esse ovo pintado, esse ovo delicado e perfeito, cuja cobertura pintada encerrava com uma perfeição absoluta uma mistura misteriosa de fluidos vivos — ah, que idéias estranhas. Mas o que acontecera com ele? Quem o encontrara?

Alguém encontrou.

Ou isso ou ele continuava lá, escondido nos subterrâneos de um palazzo naquela cidade flutuante, escondido numa masmorra à prova d'água construída no subsolo encharcado por baixo das águas da laguna. Não, nunca. Nem uma coisa nem outra. Não pense nisso. Não pense em mãos profanas pegando aquilo. E você sabe, seu mentirosozinho traçoeiro, você jamais voltou para um lugar assim como a cidade baixa com a água gelada nas ruas, onde seu pai, certamente uma gura mítica e absurda, bebia vinho de suas mãos e perdoou-lhe por ir tornar-se um pássaro alado negro e forte, um pássaro da noite voando mais alto até do que as cúpulas da cidade de Vladimir, como se alguém tivesse quebrado aquele ovo, aquele ovo meticulosa e maravilhosamente pintado que sua mãe lhe dera com tanto carinho, furado aquele ovo com um dedo perverso, e daquele fluido podre, aquele fluido fétido, você nasceu, o pássaro noturno, sobrevoando as chaminés fumarentas de PodiI, os domos da cidade de Vladimir, cada vez mais alto, distanciando-se cada vez mais, sobrevoando as terras selvagens e o mundo e entrando nessa floresta escura, essa floresta profunda, escura e sem fim da qual você jamais escapará, essa selva fria e sem conforto do lobo faminto e do rato voraz, do verme que rasteja e da vítima que grita.

Allesandra vinha.

— Acorde Armand. Acorde. Você está tendo os pesadelos que precedem a loucura, não pode me deixar, meu filho, não pode, tenho mais medo da morte do que disso e não quero ficar sozinha, você não pode entrar no fogo, não pode ir e me deixar aqui.

Não. Eu não podia. Eu não tinha a paixão para um passo desses. Não tinha esperança para coisa alguma, embora há décadas não recebesse qualquer notícia da Assembléia de Roma.

Mas chegaram ao fim meus longos séculos a serviço de Satã.

Vestida de veludo vermelho, a criatura chegou, aquela mesma capa de que tanto gostava meu antigo Mestre, o rei de sonho, Marius. Chegou com afetação e ares superiores pelas ruas iluminadas de Paris como se Deus a houvesse criado.

Mas era um vampiro criança, como eu, filho do século XVIII, conforme se contava que fosse a data, um bebedor de sangue esfuziante, atrevido, cheio de si, risonho e provocante na pele de um jovem, vindo para apagar o que ainda restasse do fogo sagrado ardendo no tecido cicatrizado de minha alma e espalhar as cinzas.

Era o vampiro Lestat. Não era culpa dele. Tivesse um de nós conseguido derrubá-lo uma noite, dilacerá-lo com sua própria espada extravagante e incendiá-lo, talvez tivéssemos mais algumas décadas de nossas miseráveis desilusões.

Mas ninguém conseguiu. O desgraçado era forte demais para nós.

Criado por um renegado poderoso e antigo, o lendário vampiro chamado Magnus, este Lestat, com a idade de vinte anos mortais, um aristocrata provinciano errante e sem níquel das terras selvagens da Auvergne, que abandonara costumes e respeitabilidade e qualquer esperança de ambições relacionadas à corte, ambições que de qualquer forma ele não tinha, já que não sabia ler nem escrever, e era demasiado irreverente para servir a qualquer rei ou rainha, que virou uma celebridade loura e dissoluta do teatro baixo dos bulevares, um amante de homens e mulheres, uma espécie de gênio alegre; otimista, narcisista e cego de ambição, esse Lestat, esse Lestat de olhos azuis e infinitamente seguro, foi orfanado na própria noite de sua criação pelo monstro antigo que o criou, recebeu uma herança numa sala secreta de uma torre medieval em ruínas, e depois entrou no conforto eterno das chamas devoradoras.

Esse Lestat, sem nada saber sobre Assembléias Antigas e os Costumes Antigos, sobre bandidos encardidos que viviam em subterrâneos de cemitérios e achavam-se no direito de rotulá-lo de herege, individualista e bastardo do Sangue Negro, pavoneava-se pela Paris da moda, isolado e atormentado por seus dons

sobrenaturais mas, no entanto, satisfeitíssimo com seus novos poderes, dançando nas Tuileries com as mulheres mais magnificamente vestidas, deleitando-se nas maravilhas do balé e do teatro da alta roda e rondando não só os Lugares de Luz, como chamávamos, mas perambulando pesaroso pela própria Notre Dame de Paris, bem em frente ao Grande Altar, sem que o raio de Deus o fulminasse onde ele estava.

Ele nos destruiu. Ele me destruiu.

* * *

Allesandra, então louca como a maioria dos antigos estavam naquela época, teve uma alegre discussão com ele depois que o prendi obedientemente e o arrastei para nossa corte subterrânea para ser julgado, após o que ela também entrou nas chamas, deixando-me com o absurdo óbvio: de que Nossos Costumes haviam acabado, nossas superstições eram obviamente ridículas, nossos hábitos negros e empoeirados, também, nossa penitência e nossos sacrifícios eram despropositados, nossas convicções de que servíamos a Deus e ao Diabo eram hipócritas, ingênuas e idiotas, nossa organização era tão grotesca para o mundo parisiense alegre e ateu da Idade da Razão como meu amado Marius veneziano deveria ter achado há séculos.

Lestat era o destruidor, o risonho, o pirata, que, sem reverenciar qualquer coisa ou qualquer pessoa, logo deixou a Europa para encontrar seu próprio território seguro e agradável na colônia de Nova Orleans no Novo Mundo.

Ele não tinha nenhuma filosofia reconfortante para mim, o diácono com cara de criança que saíra da prisão mais atroz inteiramente descrente para vestir as roupas elegantes da época e caminhar de novo pelas ruas nobres como eu caminhara há trezentos anos em Veneza.

E meus seguidores, aqueles poucos que não consegui dominar e entregar implacavelmente às chamas, quão confusamente se atrapalhavam com aquela nova liberdade — livres para roubar o ouro dos bolsos de suas vítimas e vestir suas sedas e suas perucas

empoadas, e sentar-se maravilhados diante das glórias do palco pintado, da harmonia resplandecente de cem violinos, das momices de atores poetas.

Qual seria nosso destino, enquanto circulávamos deslumbrados à noite por bulevares apinhados, casas elegantes e salões de baile suntuosamente decorados?

Em alcovas forradas de cetim, alimentávamo-nos, e apoiados nas almofadas de damasco de carruagens douradas. Comprávamos belos caixões para nós, extravagantemente entalhados e acolchoados de veludo, e encerrávamo-nos durante a noite em porões revestidos de mogno dourado.

O que teria acontecido conosco, dispersos, meus filhos com medo de mim, e eu sem saber ao certo quando o janotismo e o frenesi da Cidade Luz francesa poderiam induzi-los a cabriolas imprudentes e destrutivas.

Foi Lestat que me deu a chave, que me deu o local em que eu podia instalar meu coração enlouquecido e palpitante, onde eu podia reunir meus seguidores para algo que se assemelhasse a uma sanidade contemporânea.

Antes de me deixar atolado nas sobras de meus hábitos antigos, ele me legou o próprio teatro de bulevar em que ele havia sido o jovem cisne da Commedia dell'Arte. Todos os atores humanos haviam desaparecido. Restava apenas a elegante e convidativa casca, com seu palco de panos de fundo alegremente pintados e o arco dourado do proscênio, as cortinas de veludo e os bancos vazios à espera de uma nova platéia estrepitosa. Ali encontramos nosso refúgio mais seguro, ávidos para nos esconder atrás da máscara de maquiagem e glamour que disfarçava impecavelmente nossa lustrosa pele branca e nossa graça e destreza fantásticas.

Atores nos tornamos, uma companhia regular de imortais unidos para representar alegremente pantomimas decadentes para platéias mortais que jamais suspeitaram que nós os mascarados de cara branca fôssemos mais monstruosos que qualquer monstro representado por nós em nossas pequenas farsas e tragédias.

Nascera o Théâtre des vampires.

E, a casca sem valor que eu era, vestido como um humano com menos direito a esse título do que nunca em todos os meus anos de fracasso, tornei-me seu mentor.

Era o mínimo que eu poderia fazer para meus órfãos da Antiga Fé, levianos e felizes como estavam num mundo espalhafatoso e ímpio à beira de uma revolução política.

Por que governei esse teatro palladiano por tanto tempo? Por que permaneci ano após ano com essa espécie de assembléia? Não sei, só sei que precisava daquilo precisava daquilo com tanta certeza como jamais precisei de Marius e de nossa casa em Veneza, ou de Allesandra e da assembléia nos subterrâneos do cemitério Les Innocents. Eu precisava de um local para voltar antes do amanhecer onde eu soubesse que outros de minha espécie descansavam em segurança.

E posso dizer sem faltar com a verdade que meus seguidores vampiros precisavam de mim. Eles precisavam acreditar em minha liderança, e, quando aconteceu o pior, não os deixei na mão, exercendo algum controle sobre aqueles imortais descuidados que de vez em quando nos punham em perigo com exhibições de poder sobrenatural ou de extrema crueldade, e administrando nossos negócios com o mundo com a habilidade aritmética de um sábio idiota.

Impostos, bilhetes, contas, óleo para calefação, lâmpadas do proscênio, a promoção de fabulistas cruéis, eu administrava tudo.

E, de vez em quando, isso me dava um orgulho e um prazer requintados. Com as estações, crescemos, assim como cresceram nossas platéias, bancos toscos dando lugar a poltronas de veludo, e pantomimas baratas, a produções mais poéticas.

Muitas noites, enquanto eu me sentava sozinho em meu camarote guarnecido com cortinas de veludo, um cavalheiro de óbvias poses vestido com as calças estreitas da época, colete cintado de seda estampada e sobrecasaca justa de lã vistosa, o cabelo penteado para trás por baixo de uma fita preta ou W almente cortado acima do colarinho branco alto e duro, eu pensava naqueles séculos perdidos de rituais repugnantes e sonhos demoníacos como se pode lembrar de uma longa e dolorosa doença

num quarto escuro em meio a remédios amargos e encantamentos sem propósito. Não poderia ter sido real, isso tudo, a peste andrajosa de indigentes predadores que éramos, cantando Satã na escuridão coberta de geada.

E todas as vidas que vivi e todos os mundos que conheci pareciam até menos substanciais.

O que havia por baixo de meus babados extravagantes, por trás de meus olhos calmos que não faziam perguntas? Quem era eu? Não me lembrava de uma chama mais quente do que aquela que prateava o sorriso pálido que eu concedia aos que me pediam para sorrir. Eu não lembrava de ninguém que tivesse vivido e respirado algum dia dentro de meu corpo que se movia silenciosamente. Um crucifixo com sangue pintado, uma Virgem doce na página de um livro de oração ou feita de biscuit pintado em tom pastel, o que eram essas coisas senão vestígios vulgares de um tempo duro e insondável em que poderes ora descartados flutuavam no cálice de ouro, ou brilhavam assustadoramente dentro de um rosto sobre um altar aceso.

Eu não sabia nada dessas coisas. Os crucifixos arrancados de pescoços de virgens eram derretidos para fazer meus anéis de ouro. E rosários eram descartados com outros brilhantes falsos enquanto dedos de ladrão, os meus, arrancavam os botões de diamante de uma vítima.

Desenvolvi-me nessas oito décadas do Théâtre des vampires-agüentamos a Revolução com espantosa resiliência, o público clamando por nossas diversões aparentemente frívolas e mórbidas-e conservei, muito depois do desaparecimento do teatro, até o final do século XX, uma natureza calada, discreta, deixando minha cara de criança enganar meus adversários, meus futuros inimigos (eu raramente os levava a sério) e meus escravos vampiros.

Eu era o pior dos líderes, isto é, o líder frio e indiferente que infunde medo no coração de todos salvo dos irmãos para não amar ninguém, e conservei o Théâtre des vampires, como o chamávamos até a década de 1870, quando o filho de Lestat, Louis, apareceu lá, procurando as respostas que seu criador insolente e pretensioso

nunca lhe dera para as perguntas antigas: De onde nós vampiros viemos? Quem nos criou e para quê?

Ah, mas antes que eu conte a vinda do famoso e irresistível vampiro Louis, e sua pequena amante requintada, a vampira Claudia, deixe-me relatar um pequeno incidente que aconteceu comigo no início do século XIX.

Pode não significar nada; ou pode ser a traição da existência secreta de algum outro. Não sei. Só relato isso porque toca fantasiosamente, se não com certeza, alguém que representa um papel dramático em minha história.

Não posso precisar o ano desse pequeno acontecimento. Deixe-me dizer apenas que a encantadora e sonhadora música de Chopin para piano era apreciadíssima em Paris, que os romances de George Sand eram a coqueluche do momento e que as mulheres já haviam abandonado as roupas leves e lascivas do Império para usar aqueles vestidos de tafetá de cintura apertada, pesados e rodados com os quais aparecem tantas vezes em velhos daguerreótipos brilhantes.

O teatro estava explodindo como diriam em linguagem moderna, e eu, o empresário, cansado de suas representações, passeava sozinho uma noite no bosque na periferia de Paris, perto de uma casa de campo cheia de vozes alegres e candelabros acesos.

Foi lá que encontrei outra vampira.

Reconheci-a imediatamente por seu silêncio, pela ausência de cheiro e a graça quase divina com a qual ela passou pela mata, segurando uma capa esvoaçante e uma saia farta com mãos frias e pálidas, tendo como objetivo as janelas convidativas e feericamente iluminadas ali perto.

Ela percebeu minha presença quase tão depressa quanto senti a dela; coisa bastante alarmante para mim na minha idade e com os meus poderes. Ela ficou imóvel sem virar a cabeça.

Embora os devassos vampiros atores do teatro conservassem o direito de eliminar os individualistas ou os intrusos entre os Não Mortos, eu, o líder, após passar anos como um santo iludido, não ligava a mínima para essas coisas.

Não desejei nenhum mal à criatura, e, displicentemente, lancei um alerta, falando em francês, num tom descontraído e suave.

— Território devastado, minha cara. Aqui não há caça que não chame atenção. Vá para uma cidade mais segura antes do nascer do sol.

Nenhum ouvido humano poderia ter escutado isso.

A criatura não respondeu, o capuz de tafetá escorregando quando ela abaixou ostensivamente a cabeça. Depois, virando-se, mostrou-se a mim nas longas réstias de luz dourada que vinham das vidraças da casa.

Eu conhecia essa criatura. Conhecia seu rosto. Eu conhecia.

E num segundo terrível, um segundo fatídico, percebi que ela talvez me conhecesse, não com esse cabelo aparado a cada noite para essas épocas, não com essas calças escuras e esse paletó sem graça, não nesse trágico momento em que eu posava de homem, tão absolutamente diferente da criança exuberantemente enfeitada que ela conhecera, ela não podia.

Por que eu não gritava? Bianca!

Mas eu não podia entender, não podia acreditar nisso, não podia animar meu coração embotado para exultar com aquilo que meus olhos me diziam ser verdade, que aquele rosto deslumbrante emoldurado pelo cabelo dourado e pelo capuz de tafetá era dela, definitivamente, composto exatamente como poderia estar nessa época, e era ela, ela cujo rosto fora gravado em minha alma febril antes e depois de eu ter recebido o Dom Negro.

Bianca. Ela se fora! Durante uma fração de segundo vi seus olhos arregalados e preocupados, cheios de alarme vampírico, mais ameaçadores que qualquer humano jamais poderia evidenciar, e aí a figura desapareceu, sumiu do bosque, desapareceu das imediações, de todos os grandes jardins irregulares que vasculhei, indolentemente, sacudindo a cabeça, resmungando com meus botões, dizendo: Não, não pode ser, não, claro que não. Não.

Nunca mais tornei a vê-la.

Até esse minuto não sei se essa criatura era Bianca ou não. Mas agora acredito em minha alma, enquanto estou ditando essa

história, acredito numa alma que está curada e para quem a esperança não é estranha, era Bianca! Posso visualizá-la perfeitamente quando ela se virou para mim naquele bosque, e nessa imagem está um último detalhe que me confirma isso, porque nessa noite fora de Paris, ela usava pérolas trançadas com o cabelo. Ah, como Bianca gostava de pérolas, e como gostava de trançá-las com o cabelo. E eu vira essas pérolas no clarão da casa, embaixo da sombra de seu capuz, fios de perolazinhas trançadas com seu cabelo louro, e dentro dessa moldura estava a beleza florentina que nunca poderei esquecer, tão delicada em sua brancura vampírica como quando colorida com as tintas de Fra Filippo Lippi.

Aquilo não me fez mal na ocasião. Não me abalou. Eu estava muito fraco de alma, muito anestesiado, muito acostumado a ver tudo como fantasia numa série de sonhos desligados. Muito provavelmente, eu não poderia me permitir acreditar numa coisa dessas.

Só agora rogo que seja ela, minha Bianca, e que alguém, e você pode muito bem adivinhar quem seja esse alguém, me dizer se era ou não minha querida cortesã.

Teria algum membro da odiosa e assassina Assembléia de Roma, caçando-a na noite de Veneza, ficado encantado por ela e abandonado seus Hábitos Negros, fazendo dela sua amante para sempre? Ou teria o Mestre, sobrevivendo àquele incêndio medonho, como sabemos que sobreviveu, procurado Bianca pelo sangue fortalecedor e a trazido para a imortal idade para assisti-lo na recuperação?

Não consigo fazer essa pergunta a Marius. Talvez você consiga. E talvez eu prefira esperar que tivesse sido ela, e não dar ouvidos a negativas que diminuam essa probabilidade.

Eu precisava lhe dizer isso. Precisava lhe dizer. Acho que era Bianca. Deixe-me voltar agora à Paris da década de 1870 — algumas décadas depois — ao instante em que o jovem vampiro do Novo Mundo, Louis, me procurou, buscando tão tristemente as respostas para as terríveis perguntas de por que estamos aqui e para quê.

Que tristeza para Louis que ele me fizesse essas perguntas. Que tristeza para mim.

Quem poderia zombar mais friamente do que eu da idéia toda de uma estrutura redentora para as criaturas da noite que, já tendo sido humanas, jamais poderiam ser absolvidas de fratricídio, de seu banquete com sangue humano? Eu conhecera o fascinante e inteligente humanismo da Renascença, o triste recrudescimento do ascetismo na Assembléia de Roma e o lúgubre ceticismo da era romântica.

O que tinha eu para contar a esse vampiro de rosto doce, Louis, essa criação humaníssima do mais forte e mais afoito Lestat, senão que, no mundo, Louis encontraria beleza suficiente para sustentá-lo, e que precisava encontrar em si mesmo coragem para existir, se realmente tivesse optado por continuar vivendo, sem olhar para imagens de Deus ou do Diabo para lhe dar uma paz artificial ou efêmera.

Nunca comparti com Louis minha triste história; confessei-lhe, todavia, o segredo terrível e angustiante de que no ano de 1870, já existindo há cerca de quatrocentos anos entre os Não Mortos, eu não conhecia nenhum bebedor de sangue mais velho que eu.

A própria confissão me trouxe uma sensação esmagadora de solidão, e quanto olhei para o rosto torturado de Louis, quando segui seu vulto delicado caminhando pela confusa Paris do século XIX, vi que esse cavalheiro de cabelos escuros vestido de preto, tão magro, tão bem-feito, tão sensível em todos os seus traços, era a encarnação sedutora da infelicidade que eu sentia.

Ele chorava pela desgraça de uma vida humana. Eu chorava pela desgraça de séculos. Receptivo aos estilos da época que o forjara — dera-lhe a vistosa sobrecasaca e o fino colete de seda branca, o colarinho clerical e jabôes de linho imaculado —, apaixonei-me perdidamente por ele, e, deixando o Théâtre des Vampires em ruínas (ele o incendiou num ataque de fúria por um ótimo motivo), vaguei pelo mundo com ele até recentemente nessa idade moderna.

O tempo acabou destruindo o amor que sentíamos um pelo outro. O tempo murchou nossa intimidade gentil. O tempo devorou

todas as conversas ou prazeres que partilhávamos.

Outro terrível ingrediente inescapável e inesquecível entrou em nossa destruição. Ah, não quero falar sobre ele, mas quem de nós vai me deixar calar sobre Claudia, a vampira criança que todos me acusam o tempo todo de ter destruído?

Claudia. Quem entre nós hoje, para quem dito essa narrativa, quem entre o público que lê essas histórias como ficção palatável não tem em mente uma vibrante imagem dela, a vampira criança de cachos dourados criada por Louis e Lestat numa noite devassa e leviana em Nova Orleans, a criança vampiro cuja mente e cuja alma ficaram tão imensas como a de uma mulher imortal enquanto seu corpo permaneceu o de uma preciosa e perfeita bonequinha francesa de biscuit.

Registre-se que ela foi assassinada por minha assembléia de alucinados atores demônios, pois, quando apareceu no Théâtre des Vampires com Louis como seu protetor pesaroso e corroído pela culpa, ficou evidente para muitos que ela tentara assassinar seu principal Criador, o vampiro Lestat. Era um crime punível com a morte, o assassinato ou a tentativa de assassinato do criador de alguém, mas ela se colocou entre os condenados no momento em que se tornou conhecida da Assembléia de Paris, pois ela era uma coisa proibida, uma criança imortal, muito pequena, muito frágil apesar de todo o seu charme e esperteza para sobreviver sozinha. Ah, pobre criatura blasfema e formosa. Sua voz suave e monocórdia, saindo de lábios miúdos e sempre beijáveis, há de me perseguir eternamente.

Mas não provoquei sua execução. Ela teve uma morte mais medonha do que qualquer pessoa jamais imaginou, e agora não tenho forças para contar a história. Deixe-me dizer apenas que antes de ela ser jogada num poço de ventilação revestido de tijolos para aguardar a sentença de morte do deus Febo, tentei conceder-lhe seu maior desejo. O de que ela tivesse corpo de mulher, uma forma de acordo com a dimensão trágica de sua alma.

Bem, em minha alquimia estabanada, cortando cabeças e me atrapalhando na hora de transplantá-las, falhei. Uma noite dessas em que eu esteja embriagado com o sangue de muitas vítimas, e

mais acostumado a confessar do que agora, contarei isso, minhas operações grosseiras e sinistras, conduzidas com teimosia de bruxo e estabamento de criança, e descreverei com detalhes lúgubres e grotescos a catástrofe que surgia a se contorcer e se debater debaixo de meu bisturi e de minha agulha e minha linha cirúrgicas.

Deixe-me dizer aqui, ela voltará a ser ela mesma, terrivelmente ferida, um arremedo remendado da criança angelical que ela era antes de minhas tentativas, quando foi trancada naquela manhã brutal para encontrar a morte com uma mente limpa. O fogo do Paraíso destruiu a terrível evidência não cicatrizada de minha cirurgia satânica transformando-a em monumento de cinza. Não sobrou nenhuma evidência de suas últimas horas na câmara de tortura de meu laboratório improvisado. Ninguém jamais precisaria saber do que estou dizendo.

Durante muitos anos, ela me perseguiu. Eu não conseguia tirar da cabeça a imagem vacilante de sua cabeça infantil com aqueles cachos caídos presa canhestramente com linha preta ao corpo cambaleante de uma vampira cuja cabeça descartada eu jogara no fogo.

Ah, que grande desastre foi isso, a mulher monstra com cabeça de menina sem conseguir falar, dançando numa roda frenética, o sangue jorrando da boca trêmula, os olhos revirados, braços batendo qual ossos quebrados de asas invisíveis.

Era uma verdade que prometi esconder para sempre de Louis de Pointe du Lac e de todos que me interrogassem. Melhor deixá-los pensar que eu a condenara sem tentar garantir sua fuga dos vampiros do teatro bem como do miserável dilema de sua forma angelical sedutora e miúda, com pele aveludada e desprovida de busto.

Ela não estava preparada para ser libertada após o fracasso de meu trabalho de açougueiro; era uma prisioneira sujeita à crueldade da tortura que só consegue sorrir triste e sonhadamente ao ser levada, dilacerada e miserável, ao derradeiro horror da fogueira. Era uma paciente perdida, no fétido e anti-séptico cubículo mortal de um hospital moderno, finalmente

libertada das mãos de médicos jovens e excessivamente zelosos, para abandonar o fantasma sozinho num travesseiro branco.

Basta. Não quero reviver isso. Não vou reviver.

Eu nunca a amei. Não sabia como.

Eu executava meus planos com desprendimento glacial e pragmatismo fanático. Condenada e, portanto, não sendo nada para ninguém, ela era um espécime perfeito para o meu capricho. Esse era o horror disso tudo, o horror secreto que eclipsava qualquer fé que eu pudesse ter alegado depois na coragem ruidosa de minhas experiências.

E assim o segredo permaneceu comigo, com Armand, que testemunhara séculos de crueldades refinadas e indescritíveis, uma história inadequada aos ouvidos tenros de um Louis desesperado, que jamais poderia ter produzido essas descrições da degradação ou do sofrimento dela, e que, no íntimo, não sobreviveu verdadeiramente à morte dela, uma morte cruel.

Quanto aos outros, meu rebanho idiota e cínico, que tão lascivamente ficava atrás de minha porta escutando os gritos, que talvez tenham adivinhado a extensão de minha magia fracassada, esses vampiros foram mortos pela mão de Louis.

Na verdade, o teatro inteiro pagou pela dor e pela fúria dele, e talvez merecidamente.

Não posso julgar.

Eu não amava aqueles mascarados franceses decadentes e cínicos. Os que eu amava, e os que eu poderia amar, estavam, à exceção de Louis de Pointe du Lac, absolutamente fora de meu alcance.

Eu precisava ter Louis, era essa a minha injunção. Eu não conhecia outra. Portanto, não interferi quando Louis incendiou a assembléia e o infame teatro, arriscando a própria vida, atacando com fogo e foice exatamente no amanhecer.

Por que ele foi embora comigo depois?

Por que não abominou quem ele responsabilizou pela morte de Claudia? "Você era o líder deles; poderia tê-los detido." Ele me disse essas palavras. Por que passamos tantos anos vagando juntos, entrando, como fantasmas elegantes com nossas roupas de

morto rendadas e de veludo, na era moderna da luz elétrica e dos ruídos eletrônicos?

Ele ficou comigo porque precisava. Para ele, era a única forma de continuar existindo, e, para a morte, ele jamais tivera coragem, e nunca terá.

Então ele resistiu após a perda de Claudia, assim como eu resistira aos séculos das masmorras e aos anos dos espetáculos de teatro barato, mas acabou aprendendo a ficar só.

Louis, meu companheiro, secou por livre e espontânea vontade, como uma linda rosa desidratada habilmente com areia para conservar as proporções, não, para conservar até o perfume e a cor. Apesar de todo o sangue que bebeu, ele próprio secou, ficou sem coração, um estranho para si mesmo e para mim.

Compreendendo muito bem os limites de meu espírito deformado, ele me esqueceu antes de me dispensar, mas eu também aprendera com ele.

Durante um breve período, assombrado e confuso com o mundo, eu também prossegui sozinho — talvez pela primeira vez sozinho de verdade.

Mas quanto tempo qualquer um de nós resiste sem outra criatura? Em meus momentos mais negros tive a velha freira dos Hábitos Antigos, Allesandra, ou pelo menos a tagarelice dos que me achavam um santinho.

Por que, nesta última década do século XX, procuramos uns aos outros nem que seja esporadicamente para ouvir uma palavra e trocar idéias? Por que estamos aqui reunidos neste convento velho e empoeirado com tantas salas de paredes de tijolos para chorar pelo vampiro Lestat? Por que os muito antigos entre nós vêm aqui ver a prova de sua derrota mais recente e mais apavorante?

Não suportamos ficar sozinhos. Não agüentamos, assim como os monges de antigamente não agüentavam, homens que, mesmo tendo renunciado a tudo por Cristo, juntavam-se em congregações para estar uns com os outros, mesmo quando se impunham as duras regras das celas solitárias e do silêncio total. Eles não suportavam ficar sozinhos.

Somos muito homens e mulheres; somos, porém, formados à imagem do Criador, e o que podemos dizer dele com alguma certeza senão que, seja Ele quem for — Cristo, Javé, Alá —, Ele nos criou, não? Porque nem Ele em Sua infinita perfeição suportou ficar sozinho.

Com o tempo, concebi naturalmente outro amor, um amor por um garoto mortal, Daniel, a quem Louis contara nossa história, publicada com o título ridículo de Entrevista com o vampiro, e que eu depois transformei em vampiro pelas mesmas razões que Marius me transformara há tanto tempo: o garoto, que fora meu fiel companheiro mortal, e só de vez em quando um estorvo intolerável, ia morrer.

Em si, a criação de Daniel não é nenhum mistério. A solidão sempre nos forçará a fazer essas coisas. Mas eu acreditava piamente que aqueles que criamos sempre nos desprezarão por isso. Não posso afirmar que nunca tenha desprezado Marius, tanto por ter me criado quanto por nunca ter voltado para mim para me garantir que havia sobrevivido ao horrível incêndio provocado pela Assembléia de Roma. Eu preferira procurar Louis a criar outros. E, tendo criado Daniel, vi afinal em pouco tempo realizar-se o que eu temia.

Daniel, embora vivo e errante, embora cortês e gentil, já não suporta minha companhia como já não suporto a dele. Equipado com meu sangue poderoso, ele pode brigar com qualquer um que caia na tolice de interromper seus planos para uma noite, um mês ou um ano, mas não pode brigar com minha companhia constante, nem eu com a dele.

Transformei Daniel de romântico mórbido em verdadeiro matador; tornei real nas células naturais de seu sangue o horror que ele tanto imaginava entender no meu. Empurrei seu rosto na carne do primeiro jovem inocente que ele precisou matar por causa de sua sede inevitável, e assim caí do pedestal no qual ele me colocara em sua cabeça mortal sempre exuberante, excessivamente imaginativa e febrilmente poética.

Mas eu tinha outros em volta de mim quando perdi Daniel, ou antes, quando ganhei Daniel como cria, perdi-o como amante

mortal e aos poucos comecei a soltá-lo.

Eu tinha outros porque, por razões que não posso explicar a mim mesmo nem a ninguém, criara mais outra assembléia — outra sucessora da Assembléia de Paris de Les Innocents, e do Théâtre des vampires, e esta era um esconderijo moderno e metido a besta para os mais antigos, os mais cultos, os mais resistentes de nossa espécie.

Era uma colméia de quartos luxuosos escondida no prédio que mais coisas oculta — um hotel resort e um palácio de compras moderno numa ilha, ao lado de Miami, Flórida, uma ilha onde as luzes nunca se apagavam e a música nunca parava de tocar, uma ilha onde homens e mulheres chegavam aos milhares vindos do continente em barquinhos para olhar as boutiques caras, ou fazer amor em decadentes, suntuosas e sempre elegantes suítes e quartos de hotel.

“A Ilha da Noite”, essa foi criação minha, com seu próprio heliporto e sua própria marina, seus cassinos clandestinos, seus ginásios revestidos de espelhos e piscinas superaquedadas, suas fontes de cristal, suas escadas rolantes prateadas, seu empório de fascinantes objetos de consumo, seus bares, tabernas, saguões e teatros onde eu mesmo, vestido com elegantes paletós de veludo, calças jeans apertadas e pesados óculos escuros, cabelo aparado todas as noites (pois diariamente ele cresce até o comprimento da Renascença), podia vagar anonimamente e em paz, flutuando nos murmúrios suaves e acariciantes dos mortais à minha volta, procurando quando a sede determinava aquele indivíduo que realmente me desejava, ou aquele indivíduo que, por motivos de saúde, pobreza ou sanidade, desejava ser tomado nos braços hesitantes e jamais opressivos da morte e ser sugado até se ver despojado de todo o sangue e de toda a vida.

Eu não ficava com fome. Largava minhas vítimas nas águas profundas, limpas e quentes do Caribe. Abria as portas para qualquer Não Morto que limpasse as botas antes de entrar. Parecia que os velhos tempos de Veneza, com o palazzo de Bianca aberto a todas as damas e todos os cavalheiros, de fato, a todos os artistas,

poetas, sonhadores e intrigantes que ousassem se apresentar, tinham voltado.

Bem, não tinham voltado.

Não precisava de nenhum punhado de vagabundos vestidos de preto para dispersar a Assembléia da Ilha da Noite. Na verdade, aqueles que se escondiam ali por uma curta temporada simplesmente iam embora sozinhos. Vampiros não querem muito a companhia de outros vampiros. Eles querem o amor de outros imortais, sim, sempre, e precisam desse amor, e precisam dos laços profundos de lealdade que inevitavelmente crescem entre aqueles que se recusam a ficar inimigos. Mas não querem a companhia.

E meus esplêndidos salões de vidro da Ilha da Noite logo ficaram vazios, e eu mesmo já começara há muito tempo a passar semanas, e até meses, vagando sozinho.

Continua lá, a Ilha da Noite. Continua lá, e de vez em quando volto lá, sim, e encontro um mortal solitário que acabou de se registrar, como dizemos nos tempos modernos, para ver como as coisas vão indo com o resto de nós, ou com algum outro que lá esteja de visita. A grande empresa, vendi-a por uma fortuna mortal — mas ainda sou proprietário da mansão de quatro andares (um clube privado chamado Il Villagio), com suas criptas subterrâneas às quais todos de nossa espécie são bem-vindos. Todos de nossa espécie.

Não há muitos. Mas deixe-me contar-lhe quem eram eles. Deixe-me contar-lhe agora quem sobreviveu aos séculos, quem reapareceu após centenas de anos de ausência misteriosa, quem se apresentou para ser contado no censo não escrito dos Mortos-Vivos modernos. Lá está Lestat, em primeiro lugar, o autor de quatro livros sobre sua vida e suas aventuras compreendendo tudo o que algum dia você possa querer saber sobre ele e sobre nós. Lestat, sempre o individualista e o alegre vigarista. Um metro e oitenta e dois de altura, um jovem de vinte anos incompletos, de olhos azuis enormes e quentes e vasta cabeleira loura, queixo quadrado, a boca generosa e bem desenhada e a pele bronzeada após uma estada no sol que teria matado um vampiro mais fraco, um galanteador, uma fantasia oscarwildeana, o espelho da moda, às

vezes o vagabundo mais audacioso, sem interesse e sem consideração, solitário, nômade, destruidor de corações e sabichão, cognominado "Príncipe Moleque" por meu velho Mestre — é, imagine só, meu Marius, é, meu Marius, que realmente sobreviveu aos archotes da Assembléia de Roma —, cognominado por Marius o "Príncipe Moleque" embora da corte de quem e pelo Direito Divino e o Sangue Real de quem, eu gostaria de saber. Lestat, alimentado com o sangue dos mais antigos de nossa espécie, na verdade o próprio sangue da Eva de nossa espécie, sobrevivendo de cinco a sete mil anos ao Éden dela, um perfeito horror que, emergindo do enganador título poético de Rainha Akasha d'Aqueles Que Deviam Ser Guardados, quase destruiu o mundo. Lestat, não um mau amigo para se ter, e alguém por quem eu daria minha vida imortal, alguém cujo amor e companheirismo já supliquei tanto, alguém que acho enlouquecedor e fascinante e intoleravelmente irritante, alguém sem quem eu não posso existir. Chega de falar dele. Louis de Pointe du Lac, já descrito anteriormente mas sempre engraçado de analisar: esguio, ligeiramente mais baixo que Lestat, seu criador, cabelos pretos, pele branca e macilenta, com dedos incrivelmente longos e delicados, e pés absolutamente silenciosos.

Louis, cujos olhos verdes são emotivos, o próprio espelho do sofrimento paciente, voz macia, muito humano, fraco, com apenas duzentos anos de existência, incapaz de ler mentes ou de levitar ou de enfeitiçar outros senão inadvertidamente, o que pode ser hilariante, um imortal por quem os mortais se apaixonam. Louis, um assassino que mata indiscriminadamente, porque não consegue saciar sua sede sem matar, embora seja fraco demais para correr o risco de que a vítima morra em seus braços, e por não ter orgulho nem vaidade que o levem a uma hierarquia de vítimas planejadas, e, portanto, toma aquelas que cruzarem seu caminho, independentemente de idade, dotes físicos ou bênçãos com as quais a natureza ou o destino as tenha aquinhoado. Louis, um vampiro mortífero e romântico, o tipo de criatura romântica que fica pelos cantos escuros da Ópera para escutar a Rainha da Noite de Mozart cantar sua canção penetrante e irresistível.

Louis, que nunca desapareceu, que sempre foi conhecido dos outros, que é fácil de seguir e difícil de abandonar, Louis que não criará outros depois de seus erros trágicos com crianças vampíricas, Louis que já ultrapassou a busca de Deus, do Diabo, da Verdade e até do amor.

Doce e desinteressante Louis, lendo Keats à luz de uma vela. Louis em pé na chuva, numa rua escorregadia e deserta do centro da cidade olhando através da vitrine da loja o brilhante jovem ator Leonardo DiCaprio como o Romeu de Shakespeare beijando sua terna e encantadora Julieta (Claire Danes) na tela de um televisor.

Gabrielle. Ela está por aí agora. Estava lá na Ilha da Noite. Todo mundo a odeia. Ela é mãe de Lestat, e o abandona durante séculos, e de alguma forma não consegue atentar para seus gritos frenéticos de socorro inevitáveis e periódicos, os quais, embora ela não pudesse receber, sendo cria dele, podia certamente tomar conhecimento deles por outras mentes vampíricas que se acendem pelo mundo inteiro com a notícia quando Lestat está em apuros. Gabrielle, ela é igual a ele, só que é mulher, inteiramente mulher, ou seja, de feições mais definidas, cintura fina, busto grande, olhos doces da maneira mais enervante e desonesta, deslumbrante de vestido de baile negro e cabelo solto, mais freqüentemente sem graça, assexuada, vestida de couro macio ou cáqui cintado, uma andarilha assídua, e uma vampira tão esperta e fria que já esqueceu o que é ser humana e sofrer. Na verdade, acho que esqueceu que já saiu para a noite, se é que um dia soube o que era isso. Enquanto mortal, era uma daquelas criaturas que sempre ficavam imaginando o que os outros estavam fazendo. Gabrielle, falando baixo, desintencionalmente corrompida, glacial, desagradável, egoísta, uma peregrina das florestas nevadas do extremo norte, uma matadora de ursos e tigres brancos, uma lenda indiferente para tribos selvagens, algo mais parecido com um réptil pré-histórico do que com um humano. Bela, naturalmente, cabelo louro preso numa trança caída às costas, quase majestosa num casaco safári de couro cor de chocolate e um chapeuzinho de aba mole, uma espreitadora, rápida para matar, uma coisa impiedosa e aparentemente atenciosa mas eternamente misteriosa. Gabrielle,

praticamente inútil para qualquer pessoa a não ser ela mesma. Uma noite dessas ela vai dizer alguma coisa para alguém, suponho.

Pandora, filha de dois milênios, consorte de meu amado Marius mil anos antes de eu nascer. Uma deusa, feita de mármore sangrento, uma beleza poderosa vinda da alma mais profunda e mais antiga da Itália romana, impetuosa com a fibra moral da velha classe senatorial do maior império que o mundo ocidental já conheceu. Não a conheço.

Seu rosto oval brilha sob um manto de cabelos castanhos ondulados. Ela parece bela demais para fazer mal a alguém. Tem voz macia e inocentes olhos súplices, o rosto impecável instantaneamente vulnerável e caloroso, cheio de empatia, um mistério. Não sei como Marius pôde deixá-la. Com uma túnica curta de seda fina, um bracelete de cobra no braço nu, ela é maravilhosa demais para machos mortais e para a inveja das mulheres. Com aqueles vestidos mais longos e ocultadores, ela anda como uma assombração pelos quartos próximos como se eles não fossem reais para ela, e ela, o fantasma de uma dançarina, procura um cenário perfeito que só ela pode achar. Seus poderes certamente rivalizam com os de Marius. Ela bebeu da fonte do Éden, isto é, o sangue da Rainha Akasha. Consegue jogar objetos secos para alimentar o fogo com a força de sua mente, levitar e desaparecer no céu escuro, matar os jovens bebedores de sangue se eles a ameaçarem, e no entanto parece inofensiva, sempre feminina embora indiferente aos gêneros, uma mulher lânguida e queixosa que desejo estreitar em meus braços.

Santino, o velho santo de Roma. Ele chegou aos desastres da era moderna com a beleza imaculada, ainda aquele homem corpulento, pele cor de oliva agora mais clara com os efeitos do ardente sangue mágico, cabelos pretos ondulados e volumosos em geral aparados todas as noites na hora do pôr-do-sol talvez por amor ao anonimato, desprovido de futilidade, perfeitamente vestido de preto. Ele não diz nada a ninguém. Olha para mim em silêncio, como se nunca tivéssemos conversado sobre teologia e misticismo, como se ele nunca tivesse destruído minha felicidade, reduzido minha juventude a cinzas, impelido meu Criador para uma

convalescença secular, isolado-me de todo conforto. Talvez ele nos imagine como colegas vítimas de uma poderosa moralidade intelectual, de um fascínio pela idéia de propósito, dois perdidos, veteranos da mesma guerra.

Às vezes ele parece perverso e até odioso. Sabe muita coisa. Não superestima os poderes dos antigos, que, fugindo da invisibilidade social de muitos séculos, agora circulam entre nós com total desenvoltura. Quando ele me olha, seus olhos negros são firmes e passivos. A sombra de sua barba, fixada para sempre nos pêlos rapados embutidos em sua pele, é linda como sempre foi. Considerando tudo, ele é convencionalmente viril, camisa branca engomada aberta no colarinho para mostrar a porção dos pêlos pretos e enroscados que cobrem seu peito, uma sedutora penugem preta semelhante cobrindo a pele visível de seus braços e pulsos. Ele gosta de casacos pretos lisos mas pesados, com lapela de couro ou de pele, carros baixos que andam a duzentos por hora, um isqueiro de ouro recendendo a fluido que ele vive acendendo só para olhar para a chama. Onde ele realmente mora, e quando vai aparecer, ninguém sabe.

Santino. Não sei mais do que isso sobre ele. Mantemo-nos a uma distância cavalheiresca um do outro. Desconfio que o sofrimento dele tenha sido terrível. Não estou procurando quebrar a reluzente e elegante carapaça preta de seu comportamento para descobrir alguma tragédia crua e sangrenta por baixo. Para conhecer Santino sempre há tempo.

Agora deixe-me descrever para os leitores mais virgens o meu Mestre, Marius, como ele é agora. Há tanto tempo e tantas experiências a nos separar que é como se houvesse uma geleira entre nós, e nos fitamos cada um de um lado dessa imensidão branca e intransponível, conseguindo falar apenas em tom baixo e polido, amabilíssimos, a criatura jovem que pareço ser, com uma cara meiga demais para convencer informalmente, e ele, sempre o sofisticado mundano, o erudito do momento, o filósofo do século, doutor em ética do milênio, historiador de todos os tempos.

Ele é alto como sempre foi, com porte imperial ainda em sua moda sóbria do século XX, usando cortes de veludo antigo para

fazer seus paletós, que podem dar uma pálida idéia do esplendor com que ele se vestia a cada noite. Agora ele corta de vez em quando o longo cabelo louro que tão orgulhosamente ostentava na antiga Veneza. É sempre rápido de raciocínio e de respostas e ansioso por soluções razoáveis, dotado de uma paciência inesgotável e uma curiosidade insaciável e recusando-se a perder as esperanças em seu destino ou no nosso ou no desse mundo. Nenhum conhecimento consegue derrotá-lo; temperado pelo fogo e pelo tempo, ele é muito forte para os horrores da tecnologia ou os encantos da ciência. Nem microscópios nem computadores abalam sua fé no infinito, embora aqueles seus custodiados outrora solenes —

Aqueles Que Devem Ser Guardados, que preservavam essa promessa de significação redentora — há muito foram derrubados de seus tronos arcaicos.

Tenho medo dele. Não sei por quê. Talvez porque eu pudesse amá-lo de novo, e amando-o, acabaria precisando dele, e precisando dele, eu acabaria aprendendo com ele, e aprendendo com ele, eu voltaria a ser seu fiel aluno em todas as coisas, só para descobrir que a paciência dele para comigo não substitui a paixão que antigamente brilhava em seus olhos.

Preciso dessa paixão! Preciso dela. Mas chega de falar dele. Dois mil anos ele sobreviveu, entrando e saindo do circuito principal da vida humana sem pesar, um grande praticante da arte de ser humano, carregando eternamente a graça e a dignidade discreta da Era de Augusto da Roma aparentemente invencível, onde ele nasceu.

Há outros que não estão aqui agora comigo, embora estivessem na Ilha da Noite, e tornarei a vê-los. Há as gêmeas anciãs, Mekare e Maharet, guardiãs da fonte de sangue primal de onde flui a nossa vida, as raízes da trepadeira, por assim dizer, sobre a qual florescemos tão teimosa e lindamente. Elas são as nossas Rainhas dos Condenados.

Depois há Jesse Reeves, uma cria do século XX feita por Maharet, a mais velha de todas e portanto um monstro fascinante, que eu não conheço mas por quem tenho grande admiração.

Trazendo consigo para o mundo dos Não Mortos um inigualável conhecimento de história, dos fenômenos paranormais, de filosofia e línguas, ela é o desconhecido. Irá o fogo consumi-la como consumiu tantos outros que, cansados da vida, não podem aceitar a imortalidade? Ou irá seu espírito do século XX lhe dar alguma armadura radical e indestrutível para as mudanças inconcebíveis que hoje sabemos que devem nos esperar? Ah, há os outros, os errantes. Ouço a voz deles de tempos em tempos na noite. Há aqueles distantes que nada sabem sobre nossas tradições e nos intitularam, antipatizando com nossos escritos e divertindo-se com nossas cabriolas, "A Assembléia dos Articulados", estranhos seres "sem registro" de épocas, forças, atitudes variadas, que,

às vezes, ao ver um exemplar de O vampiro Lestat numa prateleira, pegam o livro e o reduzem a pó com suas mãos poderosas e desdenhosas.

Talvez eles emprestem sua sabedoria ou sua inteligência à nossa crônica em algum futuro imprevisível. Quem sabe? Por ora, só há mais um ator que precisa ser descrito antes que minha história possa avançar.

Este ator é você, David Talbot, que eu mal conheço, que escreve com uma velocidade furiosa todas as palavras que saem lentamente de mim enquanto eu o observo, mesmerizado em algum nível pelo simples fato de esses sentimentos que há tanto tempo puderam arder dentro de mim serem agora registrados na página aparentemente eterna. Onde está você, David Talbot — com mais de sete décadas de educação mortal, um erudito, uma alma profunda e amorosa? Como alguém pode dizer? O que você foi em vida, com a experiência da idade, fortalecido pelas calamidades rotineiras e aprofundado por todas as quatro estações da vida de um: homem na terra, foi transportado intacto com toda a memória e conhecimento para o corpo maravilhoso de um homem mais jovem. E depois esse corpo, um precioso cálice para o Graal de sua própria pessoa, que conhecia tão bem o valor de ambos os elementos, foi então atacado por seu amigo mais íntimo, o monstro amoroso, o vampiro que teria você como companheiro de viagem na eternidade com ou sem a sua licença, nosso amado Lestat.

Não consigo imaginar uma violação dessas. Estou muito distante de toda a humanidade, sem nunca ter sido um homem totalmente desenvolvido. Em seu rosto, vejo o vigor e a beleza do anglo-hindu de pele bronzeada de cujo corpo você goza e, em seus olhos, a alma calma e perigosamente bem-disposta do velho.

Seu cabelo é preto e macio e bem aparado embaixo das orelhas. Você se veste com uma grande vaidade submetida a uma forte noção de estilo britânica.

Você me olha como se sua curiosidade fosse me fazer baixar a guarda, uma coisa dessas não é verdade.

Magoe-me e eu o destruirei. Pouco me importa quão forte você seja, ou que sangue Lestat lhe tenha dado. Sei mais do que você. Porque lhe mostro a minha dor, não necessariamente gosto de você. Faço isso por mim e por outros, pela idéia mesma dos outros, por qualquer um que fosse saber, e para meus mortais, aqueles que reuni a mim recentemente, aquelas duas criaturas preciosas que passaram a ser o cronômetro de minha capacidade de prosseguir.

Sinfonia para Sybelle. Esse bem pode ser o nome dessa confissão. E depois de fazer tudo o que eu podia fazer por Sybelle, faço tudo por você também. Já não chega isso do passado? Já não é isso um prólogo suficiente para o momento em que vi em Nova York o Rosto de Cristo no Véu? Aí começa o último capítulo de minha vida recente. Não há mais nada a acrescentar. Você tem todo o resto e o que precisa vir agora é apenas um breve relato doloroso do que me trouxe aqui.

Seja meu amigo, David. Eu não pretendia lhe dizer essas coisas terríveis. Meu coração dói. Preciso de você só para me dizer que eu preciso continuar. Ajude-me com sua experiência. Isso não basta? Posso continuar? Quero escutar a música de Sybelle. Quero falar dos amados libertadores. Não posso avaliar as proporções dessa história.

Só sei que estou pronto... Cheguei do outro lado da Ponte dos Suspiros.

Ah, mas é minha decisão, sim, e espere para escrever o que vou dizer. Bem, agora deixe-me passar ao Véu.

Deixe-me ir agora para o Rosto de Cristo, como se eu estivesse subindo u n morro naquele longínquo inverno cheio de neve em Podil, embaixo das torres quebradas da cidade de Vladimir, para procurar dentro do Mosteiro das Covas a tinta e a madeira nas quais o visse tomar forma diante de mim: o Rosto Dele. Cristo, sim, o Redentor, o Senhor vivo mais uma vez.

PARTE III



APPASSIONATA

17

Eu não queria ir ao encontro dele. Era inverno, e eu estava satisfeito em Londres, rondando os teatros para ver as peças de Shakespeare e passando as noites a ler as peças e os sonetos. Até agora eu só pensava em Shakespeare. Lestat dera-o a mim. E quando minha barriga se enchia de desespero, eu abria os livros e começava a ler.

Mas Lestat estava chamando. Lestat estava, ou pelo menos afirmava estar, com medo.

Eu precisava ir. Da última vez em que ele esteve em apuros, eu não estava livre para ir socorrê-lo. Há uma história ligada a isso, mas nada tão importante quanto a que estou contando.

Agora eu sabia que minha paz de espírito conquistada a duras penas podia ser abalada pelo simples contato com ele, mas ele queria que eu fosse, então fui. Encontrei-o primeiro em Nova York, embora ele não soubesse disso e, nem se tentasse, poderia ter-me levado a enfrentar uma tempestade de neve pior. Ele matou um mortal naquela noite, uma vítima por quem se apaixonara, como era seu costume ultimamente — escolher essas celebridades que cometiam crimes graves e assassinatos hediondos e segui-las antes da noite do festim.

Então o que ele queria de mim, pensei. Você estava lá, David. Poderia tê-lo ajudado. Ou assim parecia. Sendo cria dele, você não

ouviu diretamente o seu chamado, mas ele o alcançou de alguma forma, e vocês dois, cavalheiros tão distintos, encontraram-se para discutir baixinho, num tom sofisticado, os últimos temores de Lestat.

Quando o alcancei depois, ele estava em Nova Orleans. E foi claro e simples comigo. Você estava lá. O Diabo lhe aparecera em forma de homem. O Diabo podia mudar de forma, ora sendo medonho e horripilante com asas como teias de aranha e pés de bode, ora sendo um homem normal. Lestat ficava louco com essas histórias. O Diabo lhe oferecera uma proposta pavorosa, para que ele, Lestat, passasse a ser seu ajudante no serviço de Deus.

Você se lembra com que calma reagiu à história dele, às suas perguntas, a seus pedidos de conselho? Ah, eu disse a ele categoricamente que era loucura seguir esse espírito, acreditar que qualquer coisa desencarnada fosse lhe dizer a verdade.

Mas só agora você toma conhecimento das feridas que ele abriu com essa fábula estranha e maravilhosa. Então o Diabo faria dele um ajudante infernal e assim um servo de Deus? Eu poderia ter rido na hora, ou chorado, jogando-lhe na cara que eu já havia me considerado um santo do mal, esfarrapado e tiritando de frio quando seguia minhas vítimas no inverno parisiense, tudo pela honra e pela glória de Deus.

Mas ele sabia disso tudo. Não havia necessidade de feri-lo mais, de tirá-lo da ribalta de sua própria história, ribalta essa em que Lestat, sendo o brilhante astro, precisava sempre estar.

Embaixo de carvalhos cheios de musgos pendentes, conversamos em tom civilizado. Você e eu lhe suplicamos que tivesse cuidado. Naturalmente, ele ignorou tudo o que dissemos.

Estava tudo misturado com Dora, a fascinante mortal que estava morando exatamente nesse prédio, esse velho convento de tijolos, e era filha do homem que Lestat seguira e matara.

Quando ele nos obrigou a prestar atenção nela, fiquei irritado, mas não muito. Eu já me apaixonara por mortais. Tenho aquelas histórias para contar. Estou apaixonado por Sybelle e Benjamin, os quais chamo de filhos, e fui um trovador secreto para outros mortais no passado obscuro.

Pois bem, ele estava apaixonado por Dora, deitara a cabeça num seio mortal, queria o sangue uterino dessa mulher o qual não seria uma perda para ela, ele estava enamorado, enlouquecido, incitado pelo fantasma do pai dela e cortejado pelo Príncipe do Mal em Pessoa.

E ela, o que hei de dizer sobre ela? Que possuía o poder de Rasputin por trás de um rosto de postulante ao noviciado, quando na verdade ela é uma teóloga experiente e não uma mística, uma líder eloqüente e exaltada, não uma visionária, cujas ambições celestiais fariam as de São Pedro e São Paulo juntas parecerem pequenas, e que, naturalmente, ela é igual a qualquer flor que Lestat jamais colhera no Jardim Selvagem desse mundo: uma criatura das mais perfeitas e encantadoras, um espécime glorioso da Criação de Deus — com cabelos negros, boca carnuda, faces de porcelana e membros vigorosos de ninfa.

Decerto eu sabia exatamente a hora em que ele deixara esse mundo. Senti isso. Eu já estava em Nova York, muito perto dele e sabendo que você também estava lá. Nós dois não queríamos, se possível, perdê-lo de vista. Então chegou a hora em que ele desapareceu na tempestade, em que foi sugado da atmosfera terrestre como se jamais houvesse estado aqui.

Sendo cria dele, você não pôde ouvir o silêncio absoluto que reinou quando ele desapareceu. Não pôde saber quão completamente ele foi retirado de todas as coisas minúsculas porém materiais que antes ressoavam com o pulsar de seu coração.

Eu sabia, e acho que foi para nos distrair que propus procurarmos a mortal que devia ter ficado abalada com a morte do pai nas mãos de um monstro louro e bem-apegoado que sugava sangue e a tornara sua confidente e amiga.

Não foi difícil ajudá-la nas noites curtas e repletas de acontecimentos que se seguiram, quando horrores se acumulavam, o assassinato de seu pai descoberto, sua vida sórdida logo transformada em fofoca global pela magia da mídia.

Parece que foi há um século, e não há tão pouco tempo, que nos mudamos para esses quartos no sul, o legado do pai dela de

crucifixos e estátuas, de ícones que eu manuseava com tanta frieza, como se nunca tivesse amado esses tesouros.

Parece que foi há séculos que me vesti decentemente para ela, encontrando numa dessas lojas elegantes da Quinta Avenida um paletó de veludo vermelho antigo, uma camisa de poeta, como se diz agora, de algodão engomado e renda farta, e, para realçar isso, calças de boca estreita de lã preta e botas reluzentes que abotoavam no tornozelo, tudo isso para melhor acompanhá-la na identificação da cabeça mutilada de seu pai sob as luzes fluorescentes de um necrotério imenso e apinhado de gente.

Uma coisa boa dessa última década do século XX é que, com qualquer idade, o homem pode usar o cabelo de qualquer comprimento.

Parece que foi há um século que penteei o meu cheio e ondulado e, pela primeira vez limpo, só para ela.

Parece que foi há um século que estávamos tão firmes ao lado dela, na verdade até abraçamos essa fascinante bruxinha de pescoço comprido e cabelo curto quando ela chorou a morte do pai e nos crivou de perguntas febris e loucamente inteligentes e desapaixonadas sobre nossa natureza sinistra, como se um grande curso relâmpago sobre a anatomia do vampiro pudesse de certa forma fechar o ciclo de horror ameaçando sua integridade e sua sanidade e de certa forma trazer de volta seu perverso pai sem consciência.

Não, na verdade, não foi pela volta de Roger que ela rezou; ela acreditava piamente demais na onisciência e na misericórdia de Deus. Ademais, ver uma cabeça mutilada de homem é um tanto chocante, mesmo se a cabeça estiver congelada, e um cachorro tiver abocanhado Roger um pouco antes de ele ser descoberto, e com as regras rígidas de “não tocar” da perícia moderna, ele foi até para mim — uma visão e tanto. (Lembro-me da assistente do legista dizer-me comovida que eu era terrivelmente jovem para ter de presenciar uma coisa daquelas. Ela achou que eu fosse o irmãozinho de Dora. Que mulher doce ela era!

Talvez valha a pena fazer uma incursão ao mundo oficial de vez em quando para ser chamado de “verdadeiro ator” em vez de

“anjo de Botticelli”, que passou a ser o meu refrão entre os Não Mortos.) Era com a volta de Lestat que Dora sonhava. O que mais poderia permitir que ela se livrasse do nosso feitiço senão uma bênção final do próprio príncipe coroado?

Fiquei na janela do apartamento alto, olhando para os montes de neve da Quinta Avenida, esperando e rezando com ela, desejando que a grande terra não estivesse tão vazia de meu velho inimigo e pensando em meu insensato coração que, com o tempo, esse mistério de seu desaparecimento seria esclarecido, como eram todos os milagres, com tristeza e pequenas perdas, apenas com pequenas revelações que me deixariam como sempre fui deixado desde aquela longínqua noite em Veneza quando o Mestre e eu nos separamos para sempre, simplesmente um pouco mais esperto e fingindo ainda estar vivo.

Eu não estava com medo por causa de Lestat, não realmente. Não tinha esperanças para a aventura dele, salvo que ele apareceria mais cedo ou mais tarde e nos contaria alguma história fantástica. Seria aquela sua conversa de sempre, pois ninguém exagera como ele suas aventuras absurdas. Isso não é para dizer que ele trocava de corpo com humanos. Sei que ele fazia isso. Não é para dizer que ele não acordou nossa temível deusa mãe, Akasha; sei que acordou. Não é para dizer que ele não arrasou com minha assembléia supersticiosa nos anos extravagantes antes da Revolução Francesa. Já lhe contei que arrasou.

Mas é a forma como ele descreve o que acontece com ele que me enlouquece, a forma como ele liga um incidente a outro como se todos esses acontecimentos aleatórios e medonhos fossem de fato elos de uma corrente significativa. Não são. São extravagâncias. E ele sabe disso. Mas ele precisa dramatizar a topada que leva.

O James Bond dos vampiros, o Sam Spade de sua própria história! Um cantor de rock lamentando-se num palco mortal durante duas horas e, graças a isso, aposentando-se com um monte de discos que até hoje lhe rendem lucros imundos pagos por agências humanas.

Ele tem jeito para fazer tragédia das tribulações e para se perdoar por tudo em qualquer parágrafo que escreve.

Não posso censurá-lo, realmente. Só não posso deixar de odiar o fato de ele estar em coma aqui no chão dessa capela, olhos vidrados num silêncio imperturbado, apesar das crias que o cercam — exatamente pelo mesmo motivo que eu, para ver com os próprios olhos se o sangue de Cristo de alguma forma o transformou e ele não representa alguma manifestação magnífica do milagre da Transubstanciação. Mas logo chegarei a isso.

Esbravejei, colocando-me numa pequena enrascada. Sei por que estou tão sentido com ele, e me dá um grande alívio bater em sua reputação, esmurrar com os dois punhos a sua imensidão.

Ele me ensinou demais. Trouxe-me a este exato momento, aqui, em que estou lhe ditando meu passado com uma coerência e uma calma que seriam impossíveis antes que eu fosse junto com o seu precioso Memnoch, o Diabo e sua vulnerável Dorazinha lhe dar assistência.

Há duzentos anos ele me deixou sem ilusões, mentiras, desculpas, e atirou-me nu no meio da rua em Paris para procurar voltar para uma glória no estrelato que eu já havia conhecido e dolorosamente perdera.

Mas enquanto esperávamos finalmente no belo apartamento por cima da Catedral de St. Patrick, eu não tinha idéia do que mais ele poderia tirar de mim, e só o ódio porque não consigo imaginar minha alma sem ele agora, e, devendo a ele tudo o que sou, nada posso fazer para despertá-lo de seu sonho gelado.

Mas deixe-me tratar de uma coisa de cada vez. O que há de bom em voltar a essa capela aqui e encostar as mãos nele de novo e implorar que ele me ouça, quando ele jaz como se todos os sentidos o tivessem abandonado mesmo para nunca mais voltar.

Não posso aceitar. Não vou aceitar. Já perdi a paciência. Perdi o entorpecimento que era o meu consolo. Acho esse momento intolerável.

Mas preciso lhe contar coisas.

Preciso lhe contar o que aconteceu quando vi o Véu, e quando o sol bateu em mim, mais desgraçadamente para mim, o que vi

quando afinal alcancei Lestat e cheguei tão perto dele que podia beber-lhe o sangue.

Sim, vá em frente. Agora sei por que ele faz a corrente. Não é orgulho, é? É a necessidade. A história não pode ser contada sem que um elo seja ligado ao outro, e nós, pobres órfãos do tempo cronológico, não conhecemos outra forma de medir senão os de seqüência. Jogado numa escuridão nevada, num mundo pior que um vácuo, tentei pegar uma corrente, não? Ah, Deus, o que eu daria naquela terrível descida para me segurar numa corrente de ferro!

Ele voltou tão de repente — para você, para Dora e para mim.

Era a manhã do terceiro dia, e não suficientemente antes da aurora. Ouvei as portas batendo lá embaixo na torre de vidro, e depois aquele barulho, aquele barulho que a cada ano fica mais misteriosamente alto, o palpitar de seu coração.

Quem foi o primeiro a levantar da mesa? Eu continuava com medo. Ele chegou depressa demais, e havia aqueles perfumes rústicos a envolvê-lo, de floresta e de terra.

Ele rompeu todas as barreiras como se estivesse sendo perseguido por aqueles que o raptaram, mas não havia ninguém atrás dele. Ele entrou sozinho no apartamento, batendo a porta ao passar e depois postando-se à nossa frente, mais terrível do que eu jamais podia imaginar, mais desfeito do que eu jamais havia visto em qualquer uma de suas pequenas derrotas passadas.

Com um amor total, Dora correu para ele, e, com uma urgência desesperada que era bem humana, ele a agarrou tão furiosamente que achei que fosse destruí-la.

— Agora você está a salvo, querido — gritou ela, esforçando-se para fazê-lo entender.

Mas bastava olhar para ele para saber que aquilo não havia terminado, embora disséssemos as mesmas palavras vazias diante do que vimos.

18

Ele chegara do turbilhão. Estava com um pé calçado, o outro descalço, o paletó rasgado, o cabelo desgrenhado, cheio de

espinhos e folhas secas e pedaços de flor.

Abraçava um embrulho chato de pano como se estivesse carregando todo o destino do mundo bordado ali.

Mas o pior, o pior de tudo, era que um olho havia sido arrancado de seu lindo rosto, e as pálpebras vampíricas franziam e tremiam tentando esconder a órbita, recusando-se a reconhecer este desfiguramento medonho do corpo tornado perfeito para sempre quando ele foi transformado em imortal.

Eu queria tomá-lo nos braços. Queria consolá-lo, dizer-lhe que, aonde quer que ele tivesse ido e o que quer que tivesse acontecido, agora ele estava novamente em segurança conosco, mas nada conseguia sossegá-lo.

Uma profunda exaustão salvou-nos a todos da história inevitável. Precisávamos buscar nossos cantos escuros para nos esconder do sol que chegava, precisávamos esperar até a noite seguinte quando ele viria nos encontrar e nos contar o que acontecera.

Ainda agarrado ao embrulho, recusando qualquer ajuda, ele se fechou com seu ferimento. Não tive outra escolha senão deixá-lo.

Naquela manhã, afundando em meu lugar de repouso, seguro na limpa escuridão moderna, chorei como uma criança por causa do que eu vira. Ah, por que eu fora acudi-lo?

Por que precisava vê-lo tão por baixo assim quando eu levara tantas décadas para firmar meu amor eterno por ele.

Certa vez, há cem anos, ele apareceu cambaleando no Théâtre des Vampires atrás de suas crias renegadas, o doce e gentil Louis e a criança condenada, e aí não tive pena dele, todo cheio de cicatrizes da tentativa estabana e insensata de Claudia de matá-lo.

Eu o tinha amado, sim, mas este fora um desastre físico que seu sangue maligno curaria, e eu sabia pela nossa velha história que, no processo de cura, ele ganharia ainda mais força do que poderia ganhar com o tempo sereno.

Mas o que eu havia visto agora era uma devastação da alma em seu rosto angustiado, e a visão daquele olho azul solitário,

brilhando com tanta vivacidade em seu rosto riscado e miserável, fora insuportável.

Não me lembro de termos falado, David. Só lembro que a manhã nos fez ir embora depressa, e se você também chorou, eu não escutei, não pensei em escutar. Quanto ao embrulho que ele abraçava, o que poderia ser? Acho que nem pensei nisso.

A noite seguinte:

Ele chegou calmamente na sala do apartamento quando a escuridão baixou, estrelada por alguns preciosos momentos antes da terrível nevasca. Estava vestido e de banho tomado, o pé ferido e ensangüentado sem dúvida já curado. Estava de sapatos novos.

Mas nada poderia minimizar a imagem grotesca de seu rosto dilacerado onde as marcas de uma garra ou de unhas rodeavam as pálpebras franzidas e vazias. Calmamente, ele se sentou.

Olhou para mim, e um pálido sorriso encantador iluminou-lhe o rosto. — Não tenha medo por mim, Armand, seu diabinho. Tenha medo por todos nós. Agora não sou nada.

Não sou nada.

Baixinho, contei-lhe meu plano.

— Deixe-me ir lá embaixo na rua roubar de algum mortal, algum ser perverso que tenha desperdiçado todos os dons físicos que Deus lhe deu, um olho para você! Deixe-me colocá-lo aqui na órbita vazia. Seu sangue escorrerá nele e o fará enxergar. Você sabe. Você já viu esse milagre uma vez com a anciã, Maharet, na verdade, com um par de olhos mortais boiando em seu sangue especial, olhos que podiam ver! Vou fazer isso. Um instante só, e terei o olho na mão e serei o médico e colocarei o olho no lugar. Por favor.

Ele só sacudiu a cabeça. Deu-me um beijo rápido no rosto.

— Por que você me ama depois de tudo o que lhe fiz? — perguntou. Era inegável a beleza de sua pele lisa e bronzeada pelo sol, até enquanto o furo escuro da órbita parecia me espiar com um poder secreto para transmitir sua visão ao coração dele. Ele estava lindo e radioso, com um brilho avermelhado emanando do rosto como se tivesse contemplado um mistério poderoso.

— É, mas fiz — disse ele, e começou a chorar. — Fiz, e preciso lhe contar tudo. Acredite em mim, como acredita no que viu ontem à noite, as flores ainda grudadas em meu cabelo, os cortes, olhe, minhas mãos, elas se regeneram mas não suficientemente rápido, acredite em mim.

Você interveio então, David.

— Conte-nos, Lestat. Nós iríamos esperá-lo aqui a vida inteira. Conte-nos. Aonde esse demônio Memnoch o levou? — Como sua voz soou confortadora e racional, exatamente como agora. Acho que você foi feito para isso, para raciocinar, e foi dado a nós, se posso especular, para nos obrigar a ver nossas catástrofes sob o novo prisma da consciência moderna. Mas podemos falar dessas noites por muitas noites daqui para a frente.

Deixe-me voltar à cena, nós três sentados naquelas cadeiras chinesas de laca ao redor da mesa de vidro grosso, e Dora entrando, imediatamente, impressionada com a presença dele, da qual seus sentidos mortais não lhe haviam dado nenhuma pista, uma linda pintura com seu cabelo preto lúcido cortado num pajem curto para revelar a delicada nuca de seu pescoço de cisne, seu corpo esguio e ágil vestido num camisolão arroxeadado delicadamente pregueado em volta dos seios pequenos e das coxas delgadas. Ah, que anjo do Senhor, esse, refleti, essa herdeira da cabeça mutilada do pai rei da droga. A cada passo, ela ensina doutrinas que fariam os deuses pagãos da luxúria canonizá-la alegremente.

No pescoço doce e alvo, ela usava um crucifixo tão pequeno que parecia um mosquito dourado pendurado numa corrente de elos minúsculos tecidos por fadas. O que são agora esses objetos sagrados, caindo em seios leitosos com tamanha desenvoltura, senão quinquilharias de feira? Meus pensamentos eram implacáveis, mas eu era só um catalogador indiferente de sua beleza. Seus seios redondos, o vale sombrio entre eles aparecendo bastante na costura simples de seu vestido escuro e decotado, falavam mais sobre Deus e sobre a Divindade.

Mas o que mais a enfeitou nesses momentos foi o amor triste e ávido que sentia por ele, a falta de medo do rosto mutilado dele,

a graça de seus braços brancos quando ela o abraçou de novo, tão segura de si e tão grata pela aproximação consentida do corpo dele. Eu estava gratíssimo porque ela o amava.

— Então o Príncipe das Mentiras tinha uma história para contar, tinha? perguntou ela. Não conseguiu eliminar o tremor da voz.— Então ele o levou para o Inferno dele e o mandou de volta? — Ela segurou o rosto de Lestat e virou-o para ela. — Então conte-nos o que era esse Inferno, conte-nos por que precisamos ter medo. Conte-nos por que você teve medo, mas acho que estou vendo em você uma coisa muito pior do que medo.

Ele balançou a cabeça para concordar. Empurrou a cadeira chinesa para trás e, torcendo as mãos, começou a andar de um lado para o outro, o indefectível prelúdio de sua narração.

— Ouçam tudo o que eu disser, antes de julgar — falou, fitando a nós três ali em volta da mesa, uma pequena platéia ansiosa, disposta a fazer o que quer que ele pedisse. O olhar dele se demorou em você, David, em você, o inglês erudito com seu paletó masculino de tweed, que, apesar do amor transparentíssimo, olhava-o com um olho crítico, pronto para avaliar as palavras dele com sua sabedoria inata.

Ele começou a falar. Falou durante horas. Durante horas as palavras saíram de sua boca, inflamadas, corridas, às vezes aos borbotões, de modo que ele precisava parar para tomar fôlego, mas ele nunca chegou realmente a fazer uma pausa, despejando noite adentro aquela história de sua aventura.

Sim, Memnoch, o Diabo, o levava para o Inferno, mas era um Inferno inventado por Memnoch, um local de purgação em que as almas de todos os que haviam vivido eram acolhidas depois de sair espontaneamente do turbilhão da morte que as herdara. E nesse Inferno de purgação, confrontadas com tudo o que haviam feito, elas aprendiam a lição mais horrível de todas, as conseqüências; intermináveis de cada ato que cometeram. Assassino e mãe, criança errante morta em aparente inocência e soldados banhados de sangue dos campos de batalha, todos eram admitidos nesse lugar tenebroso de fumaça e fogo de enxofre, mas só para ver as chagas dos outros feitas por suas mãos furiosas e inconscientes,

para sondar as profundezas de outras almas e outros corações prejudicados por elas!

Todo horror era uma ilusão nesse lugar, mas o pior de todos era a pessoa de Deus Encarnado, que autorizara esta Escola Final para aqueles que seriam dignos de entrar em Seu Paraíso. E isso também Lestat havia visto, o Paraíso vislumbrado milhares de vezes por santos e vítimas moribundas, com árvores sempre floridas e flores eternamente doces e infinitas torres de cristal com seres felicíssimos, totalmente desencarnados e afinal cantando em uníssono com inúmeros coros de anjos.

Era uma velha história. Velhíssima. Fora excessivamente contada essa lenda — do Paraíso com seus portões abertos, e Deus Nosso Criador enviando Sua luz inesgotável para aqueles que subissem a escadaria mítica a fim de reunir-se para sempre à corte celestial.

Quantos mortais despertando de um sono próximo da morte esforçaram-se para descrever as mesmas maravilhas?

Quantos santos afirmaram ter vislumbrado esse Éden indescritível e eterno? E com que inteligência esse Diabo Memnoch expôs o seu caso, pedindo a compaixão dos mortais pelo pecado de ter sido o único a se opor a um Deus impiedoso e indiferente, suplicando a essa Divindade que olhasse com olhos misericordiosos para uma raça carnal de seres que, graças a um amor generoso, conseguiu gerar almas dignas do interesse Dele?

Isso, então, foi a queda de Lúcifer como a Estrela da Manhã do céu — um anjo suplicando que os Filhos e Filhas dos Homens tivessem agora o semblante e o coração de anjos.

— Dai-lhes o Paraíso, Senhor, quando eles tiverem aprendido em minha escola a amar tudo o que criastes.

Ah, um livro já foi escrito com essa aventura. Memnoch não pode ser condensado aqui nesses poucos parágrafos injustos.

Mas foi esse o resumo do que ouvi ali sentado nessa sala gelada em Nova York, olhando de vez em quando para a neve branca que caía lá fora, enquanto a figura frenética de Lestat andava de um lado para o outro, abafando os barulhos da cidade lá embaixo com sua retumbante narrativa, e lutando contra o medo

terrível que eu sentia de desapontá-lo no clímax da narrativa. Preciso lembrá-lo de que ele não fez mais do que conceber de uma forma mais palatável a jornada mística de mil santos.

Então é uma escola que substitui aqueles círculos de fogo descritos pelo poeta Dante com tanta intensidade que enjoa o leitor, e até o terno Fra Angélico sentiu-se compelido a pintar, onde mortais nus inundados pelas chamas deviam sofrer por toda a eternidade.

Uma escola, um local de esperança, uma promessa de redenção suficientemente grande para acolher até a nós, os Filhos da Escuridão, que contavam entre seus pecados tantos assassinatos quanto os dos antigos hunos ou mongóis.

Ah, era muito doce essa imagem da vida no além, os horrores do mundo natural entregues a um Deus sábio porém distante, e a loucura do Diabo reproduzida com uma inteligência tão requintada.

Quisera que isso fosse verdade, quisera que todos os poemas e todas as pinturas do mundo fossem apenas um reflexo desse esplendor esperançoso. Isso poderia ter-me entristecido; poderia ter-me abatido, deixando-me envergonhado, sem poder olhar para ele.

Mas um único incidente desta história, um incidente que para ele foi um encontro passageiro, avultou-se para mim com proporções maiores que o resto e ficou em minha mente, de modo que, enquanto ele prosseguia, eu não conseguia tirar aquilo da cabeça: que ele, Lestat, bebera o próprio sangue de Cristo a caminho do Calvário. Que ele, Lestat, falara com esse Deus Encarnado, que, por sua própria vontade, caminhara para aquela horrível morte no Gólgota. Que ele, Lestat, uma testemunha tímida e trêmula, fora obrigado a ir para as ruas de terra de Jerusalém para ver Nosso Senhor passar, e que esse Senhor, Nosso Senhor Vivo, com a cruz amarrada aos ombros, oferecera a garganta a Lestat, o pupilo escolhido.

Ah, que fantasia essa loucura, que fantasia. Eu não esperava ficar tão magoado com alguma coisa nessa história. Não esperava que isso me deixasse com o peito ardendo tanto, com um aperto na garganta que não deixava passar nenhuma palavra. Eu não queria

isso. A única salvação para meu coração ferido era pensar em como era curioso e insensato que um quadro desses –Jerusalém a rua de terra, o povo irritado, o Deus sangrando, agora flagelado e mancando sob o peso da cruz-devesse incluir uma lenda antiga e doce de uma mulher com um véu estendido para enxugar o Rosto ensangüentado de Cristo, e assim receber para sempre a Sua Imagem.

Não é preciso ser erudito, David, para saber que esses santos foram feitos por outros santos nos séculos seguintes como atores e atrizes escolhidos para um Teatro da Paixão de uma cidade de interior. Verônica! Verônica, cujo nome significa Ícone Verdadeiro.

E nosso herói, nosso Lestat, nosso Prometeu, com aquele véu dado a ele pela própria mão de Deus, fugiu desse grande e medonho reino de Céu e Inferno e das Estações da Cruz gritando não! e não vou! e voltou, esbaforido, correndo como um louco pelas ruas de Nova York, só querendo estar conosco, dando as costas para tudo isso.

Minha cabeça girava. Havia uma guerra dentro de mim. Eu não conseguia olhar para ele.

Ele foi prosseguindo, examinando aquilo, tornando a falar do céu de safira e da música dos anjos, discutindo consigo mesmo e com você e com Dora, e a conversa parecia muito com vidro quebrado. Eu não estava agüentando.

O Sangue de Cristo dentro dele? O Sangue de Cristo passando por seus lábios, lábios impuros, seus lábios Não Mortos, o Sangue de Cristo fazendo dele um Cibório monstruoso? O Sangue de Cristo?

— Deixe-me beber! — exclamei de repente. — Lestat, deixe-me beber de você, deixe-me beber seu sangue que contém o sangue Dele! — Eu não podia acreditar em minha própria honestidade, meu violento desespero. — Lestat, deixe-me beber. Deixe-me procurar o sangue com minha língua e meu coração. Deixe-me beber, por favor; você não pode me recusar esse único momento de intimidade. E se foi Cristo... se foi... — não consegui terminar.

— Ah, criança louca e alucinada-disse ele.— Se cravar os dentes em mim , você só vai ficar sabendo o que vemos nas visões

que temos com todas as nossas vítimas. Vai ficar sabendo o que achei ter visto. Vai ficar sabendo o que achei que me foi dado a conhecer. Vai ficar sabendo que meu sangue corre em minhas veias, coisa que você sabe agora. Vai ficar sabendo que acredito que era Cristo, mas nada mais que isso.

Ele balançou a cabeça desapontado enquanto me fuzilava com os olhos. — Não, eu saberei. — Levantei-me da mesa, as mãos trêmulas. — Lestat, me dê só esse abraço e nunca mais lhe pedirei nada. Deixe-me pousar os lábios em sua garganta, Lestat, deixe-me testar a história, deixe!

— Você me corta o coração, seu tolinho — disse ele com lágrimas nos olhos. — Sempre cortou.

— Não me julgue! — protestei.

Ele prosseguiu, falando só para mim, em pensamento e também com a voz. Eu não sabia se alguém mais ali sequer o estava ouvindo. Mas eu estava. Não esqueceria nenhuma palavra.

— E se isso fosse o Sangue de Deus, Armand — perguntou ele —, e não parte de uma mentira gigantesca, o que você encontraria em mim? Vá à primeira missa da madrugada e pegue suas vítimas daquelas que estiverem saindo da Mesa de Comunhão! Que belo jogo seria, Armand, alimentar-se para sempre só de comungantes! Você pode ter o seu Sangue de Cristo com qualquer comungante. Eu lhe digo, não acredito nesses espíritos, Deus, Memnoch, esses mentirosos; eu me recuso! Eu não quis ficar, fugi daquela maldita escola deles, perdi a vista lutando com eles, eles me arrancaram o olho, aqueles anjos perversos me agarrando quando fugi! Você quer o Sangue de Cristo, então vá à missa do pescador lá naquela igreja escura e tire o padre sonolento do altar, se quiser, e tome o cálice de suas mãos consagradas. Vá, faça isso!

— Sangue de Cristo! — prosseguiu ele, o rosto um enorme olho fixando-me em seu feixe implacável. — Se algum dia esse sangue sagrado esteve em mim, então o meu corpo dissolveu-o e queimou-o como a cera da vela devora o pavio. Você sabe disso. O que resta de Cristo na barriga dos fiéis quando eles saem da igreja?

— Não — eu disse. — Não, mas não somos humanos! — murmurei procurando usar o tom delicado para abafar sua irritação

inflamada. — Lestat, eu saberei! Era o sangue Dele, não pão e vinho transubstanciados! O sangue Dele, Lestat, e saberei se esse sangue estiver dentro de você. Ah, deixe-me beber, eu lhe suplico. Deixe-me beber para poder esquecer todas essas malditas coisas que você nos contou, deixe-me beber!

Eu mal conseguia me conter para não agarrá-lo e subjugá-lo à minha vontade, sem fazer caso de sua força lendária, seu gênio medonho. Eu o agarraria e faria com que ele se entregasse. Tomaria o sangue...

Mas essas idéias eram tolas e fúteis. A história dele inteira era tola e fútil, porém eu me virei e, enfurecido, soltei-lhe essas palavras:

— Por que você não aceitou? Por que não foi com Memnoch se ele poderia tê-lo tirado desse Inferno horrível que partilhamos, por quê?

— Eles o deixaram escapar — você disse a ele, David. Você interveio, acalmando-me com um pequeno gesto de súplica.

Mas eu não estava com paciência para nenhuma análise e nenhuma interpretação inevitável. Não conseguia tirar a imagem da cabeça, Nosso Senhor Sanguinolento, Nosso Senhor com a cruz amarrada aos ombros, e ela, Verônica, essa imagem doce, segurando o Véu. Ah, como foi possível o engodo dessa fantasia chegar tão fundo?

— Afastem-se todos de mim — gritou ele. — Tenho o Véu. Eu lhes disse. Cristo me deu. Verônica me deu. Trouxe-o comigo do Inferno de Memnoch, quando todos os diabos dele tentaram tirá-lo de mim.

Eu mal ouvia. Véu, o Véu verdadeiro, que truque é esse? Minha cabeça doía. A missa do pescador. Se houvesse uma coisa dessas lá embaixo em St. Patrick, eu queria ir. Estava cansado da sala dessa torre de vidro, isolado do sabor do vento e da umidade selvagem e refrescante da neve.

Por que Lestat encostou-se na parede? Por que tirou o casaco? O Véu! Um toque de mau gosto para selar toda essa obra-prima de violência?

Ergui os olhos, contemplando a neve caindo no escuro lá fora e só aos poucos encontrando seu alvo: o pano aberto que Lestat segurava cabisbaixo, o pano revelado com a mesma reverência que Verônica deve ter tido.

— Meu Senhor! — murmurei. O mundo desaparecera em espirais imponderáveis de som e luz. Vi-o ali. — Meu Senhor.

Vi o Rosto Dele, não pintado, impresso ou caprichosamente estampado de alguma outra forma nas minúsculas fibras do fino tecido branco, mas ardendo com uma chama que não consumia o veículo de seu calor. Meu Senhor, meu Senhor o Homem, meu Senhor, Meu Cristo, o Homem com uma coroa preta de espinhos afiados. E cabelos castanhos compridos e enrolados tão medonhamente grudados de sangue, e grandes olhos pensativos a fitar-me, as doces e vivas portas da Alma de Deus, tão radiantes com seu amor incomensurável que toda a poesia morre diante delas, e uma boca macia e sedosa de uma simplicidade que não pergunta nem julga, aberta para tomar um alento silencioso e agonizante no momento exato em que o Véu chegou para aliviar esse sofrimento atroz.

Chorei. Tapei a boca, mas não consegui conter as palavras.

— Ah, Cristo, meu Cristo trágico — murmurei. — Não feito por mãos humanas! — exclamei. — Não feito por mãos humanas! — Quão miseráveis as minhas palavras, quão fracas, quão cheias de dor! — O Rosto deste Homem, este Rosto de Deus e Homem. Ele está sangrando. Pelo amor de Deus Todo-Poderoso, olhem!

Mas eu não emitira nenhum som. Não conseguia me mexer. Não conseguia respirar. Caíra de joelhos chocado e indefeso. Não queria mais tirar os olhos daquilo. Só queria olhar para Ele, e O vi, e voltei no tempo, a séculos passados, e vi o Rosto Dele à luz da lamparina de barro ardendo na casa em Podil, o Rosto Dele a me fitar do quadro entre meus dedos trêmulos em meio às velas do escritório do Mosteiro das Covas, o Rosto Dele como eu jamais o vira naquelas paredes gloriosas de Veneza ou Florença onde eu passara tanto tempo procurando-o tão desesperadamente.

O Rosto Dele, Seu Rosto de homem infundido com o Divino, meu Senhor trágico fitando-me dos braços de minha mãe há muito

tempo, numa rua coberta de neve enlameada em Podil, meu Senhor amoroso em Majestade sanguinolenta.

Não me interessou o que Dora disse.

Não me interessou que ela gritasse o Santo Nome Dele. Não me interessava. Eu sabia.

E quando ela fez sua profissão de fé, quando arrancou o Véu das mãos de Lestat e fugiu do apartamento com aquilo, fui atrás, correndo atrás dela e atrás do Véu — embora no refúgio de meu coração eu não tivesse me mexido. Fiquei sempre parado.

Uma grande calma dominara minha mente, e meus membros já não importavam.

Não importava que Lestat lutasse com ela, e a alertasse para não acreditar naquilo, e que nós três estivéssemos na escada da catedral e que a neve caísse como uma bênção esplêndida dos Céus invisíveis e insondáveis.

Não importava que o sol estivesse para nascer em breve, uma bota ígnea prateada para além da cobertura de nuvens que se dissolviam.

Agora eu podia morrer.

Eu O havia visto, nada mais importava — nem as palavras de Memnoch e seu Deus fantasioso, ou os apelos de Lestat para que fôssemos embora, para que nos escondêssemos antes que a manhã nos devorasse.

Eu podia morrer agora.

— Não feito por mãos humanas — murmurei.

Foi-se formando um ajuntamento de pessoas à nossa volta na porta da igreja. Uma deliciosa corrente de ar quente veio lá de dentro. Não importava.

— O Véu, o Véu — gritavam as pessoas. Elas viram! Elas viram o Rosto Dele.

Os gritos súplices e desesperados de Lestat estavam morrendo.

A manhã desceu com sua estrepitosa claridade quente, rolando pelos telhados e coalhando a noite em mil paredes de vidro e lentamente soltando sua glória monstruosa.

— Sejam testemunhas — disse eu. Estendi os braços para a luz cegante, essa morte prateada fundida. — Esse pecador morre por Ele! Esse pecador vai para Ele.

Jogue-me no Inferno, Ó Senhor, se for essa a Vossa vontade. Vós me destes o Paraíso. Vós me mostrastes o Vosso Rosto.

E o Vosso Rosto era humano.

19

Subi como um foguete. A dor que senti foi absoluta, destruindo totalmente a vontade ou o poder de escolher o ímpeto. Uma explosão interna me enviou aos céus, para dentro da luz perolada que jorrara de repente, como sempre jorra, de um olho ameaçador, inundando a cidade com seus raios infinitos, numa gigantesca onda de claridade leve e fundida, derrubando tudo o que era grande e pequeno.

Fui subindo cada vez mais, girando como se a intensidade da força da explosão interior não estancasse, e, horrorizado, vi que minhas roupas haviam sido queimadas e meus membros soltavam uma fumaça que era engolida pelo turbilhão do vento.

Tive uma visão total de meus membros, meus braços e minhas pernas abertos, delineados contra a luz ofuscante. Minha carne já estava carbonizada, negra e lustrosa, colada aos tendões de meu corpo, enrugada no emaranhado de músculos que envolviam meus ossos.

A dor chegou ao auge de minha capacidade de suportar, mas como explicar que isso não me importava; eu estava a caminho de minha própria morte, e esta tortura aparentemente interminável não era nada, nada. Eu podia suportar tudo, até a ardência nos olhos, a ciência de que eles logo iriam derreter ou explodir nessa fornalha de luz solar, e que tudo o que eu era desencarnaria.

Bruscamente, a cena mudou. O rugido do vento passara, minha vista estava calma e focada, e ouvia-se de todos os lados um grande coro de hinos familiar. Eu estava num altar, e, ao levantar os olhos, vi uma igreja à minha frente coalhada de gente, as colunas pintadas erguendo-se como muitos troncos de árvore numa selva

de bocas cantantes e olhos admirados. Por todos os lados, eu via essa congregação imensa e interminável. A igreja não tinha paredes para delimitá-la, e até os domos altos, decorados com santos e anjos do ouro mais puro e mais brilhante, recuavam para o grande céu finíssimo e sem fim.

O cheiro de incenso me encheu as narinas. À minha volta, os sininhos dourados tocavam em uníssono e com refrões delicados sobrepondo-se rapidamente. A fumaça me ardia nos olhos mas muito docemente, enquanto o perfume do incenso me enchia as narinas e me fazia chorar, e minha visão se unia a tudo o que eu saboreava, tocava ou ouvia.

Abanei os braços, e vi compridas mangas brancas debruadas de ouro a cobri-los, caindo de pulsos recobertos com aqueles pêlos masculinos naturais e macios. Eram as minhas mãos, sim, mas minhas mãos anos depois do ponto mortal em que a vida fora fixada em mim. Eram mãos de homem.

De minha boca saiu uma canção, ecoando ruidosa e destacadamente pela congregação, e então suas vozes se elevaram em resposta, e mais uma vez cantei minha certeza, a certeza que me dominara até a medula.

— Cristo chegou. A encarnação começou em todas as coisas e em todos os homens e mulheres, e continuará para sempre! — Isso parecia uma canção tão perfeita que as lágrimas escorriam de meus olhos, e quando abaixei a cabeça e cruzei as mãos vi o pão e o vinho à minha frente, o pão redondo esperando para ser abençoado e partido e o vinho no cálice dourado ali para ser transformado.

— Este é o Corpo de Cristo, e este é o Sangue derramado por nós agora e antes e para sempre, e em cada momento em que estivermos vivos! — Cantei. Segurei o pão e ergui-o, e um grande feixe luminoso jorrou dali, e a congregação entoou o seu hino de louvor mais doce e mais alto.

Segurei o cálice nas mãos. Elevei-o enquanto os sinos repicavam nas torres, torres e torres grudadas às torres dessa igreja imponente, espalhando-se em todas as direções, o mundo inteiro tendo-se tornado essa floresta de igrejas, e aqui ao meu lado os sininhos dourados tilintavam.

De novo as lufadas de incenso. Ao pousar o cálice, olhei para o mar de rostos que se estendia à minha frente. Virei a cabeça de um lado para o outro e depois olhei para o céu, para os mosaicos fundindo-se com as nuvens brancas e agitadas que iam subindo.

Vi as cúpulas douradas embaixo do Paraíso. Vi os telhados sem fim de Podil.

Eu sabia que era a cidade de Vladimir em toda a sua glória, e que eu estava no grande santuário de Santa Sofia, tendo sido retirados todos os biombos que me separavam das pessoas, e todas aquelas outras igrejas que eram apenas ruínas em minha infância longínqua agora estavam magníficas depois de restauradas, e os domos dourados de Kiev bebiam a luz do sol e a refletiam com a força de um milhão de planetas aquecidos eternamente com o fogo de um milhão de estrelas.

— Meu senhor, meu Deus! — exclamei. Olhei para o bordado esplendoroso de minhas vestes, o cetim verde e seus fios de ouro metálico.

À minha direita e à minha esquerda estavam meus irmãos em Cristo, barbados, olhos brilhando enquanto me ajudavam, enquanto cantavam os hinos que eu cantava, enquanto nossas vozes se misturavam, prosseguindo vigorosamente de hino a hino em notas que eu quase podia ver subindo aos céus diante de mim.

— Dêem-lhes esse pão! Dêem-lhes esse pão porque eles têm fome — gritei. Parti o pão com as mãos. Parti-o ao meio, e depois em quartos, e os quartos em pedacinhos que encheram o prato reluzente de ouro.

A congregação em massa subiu os degraus, mãozinhas rosadas e macias pegando os pedaços, que distribuí o mais rápido possível, um de cada vez, sem derramar uma só migalha, o pão dividido entre dezenas, e depois vintenas, e depois centenas de pessoas que se adiantavam, as últimas mal deixando as que já haviam sido alimentadas voltarem para seus lugares.

As pessoas iam chegando. Mas os hinos não paravam. Vozes, quietas no altar, silenciadas enquanto deglutiam o pão, logo explodiam novamente jubilosas. O pão era eterno.

Eu ficava partindo sua crosta grossa, depositando-a naquelas mãos espalmadas ou graciosamente fechadas em concha.

— Tome, tome o Corpo de Cristo! — eu dizia.

Vultos escuros vacilantes erguiam-se à minha volta, brotando do chão refulgente de ouro e prata. Eram troncos de árvores, e seus galhos balançavam para cima e para baixo em minha direção, e folhas e frutos caíam desses galhos no altar, no prato de ouro e no pão consagrado agora partido numa grande quantidade de pedaços.

— Colham tudo! — exclamei. Catei as folhas verdes e macias e os frutos perfumados e os coloquei naquelas mãos ávidas. Olhei para as minhas mãos e vi grãos escorrendo de meus dedos, grãos que ofereci a lábios abertos, grãos que despejei em bocas abertas.

O ar estava coalhado de folhas verdes que caíam silenciosamente, tanto que tudo em volta ganhou um brilhante reflexo esverdeado, todo cortado de repente por um bando de passarinhos a voar. Um milhão de pardais voaram para o céu. Um milhão de tentilhões subiram, o sol fulgurante faiscando em suas asinhas abertas.

— Agora e para todo o sempre, sempre em cada célula e cada átomo — orei. — A Encarnação — eu disse. — E o Senhor está no meio de nós. — Minhas palavras ressoaram de novo como se um teto nos cobrisse, um teto onde minha canção podia ecoar, embora agora nosso teto fosse apenas o céu.

As pessoas iam entrando com pressão. Elas rodearam o altar. Meus irmãos haviam se retirado, milhares de mãos puxando delicadamente suas vestes puxando-os da mesa de Deus. De todos os lados chegavam esses famintos que pegavam o pão que eu distribuía, o grão, os frutos aos punhados, e até as folhas verdes e tenras.

Ali estava minha mãe ao meu lado, minha mãe linda e melancólica, uma touca finamente bordada enfeitando seu volumoso cabelo grisalho, com seus olhinhos enrugados grudados em mim, e nas mãos trêmulas, com dedos ressecados e tímidos, ela segurava a mais esplêndida das oferendas, os ovos pintados! Vermelhos e azuis, amarelos e verdes, e decorados com tiras de

diamantes e correntes de flores do campo, os ovos faiscavam em seu esplendor laqueado como se fossem gigantescas jóias polidas.

E bem no centro de sua oferenda, esta oferenda que ela erguia com mãos trêmulas e enrugadas, estava exatamente o ovo que ela há tanto tempo me confiara, o ovo leve e cru tão deslumbrantemente pintado de vermelho rubi com a estrela dourada no centro, esse precioso ovo que certamente era sua melhor criação, a melhor realização de seu trabalho com a cera quente e a tinta fervente.

Não estava perdido. Nunca estivera. Estava ali. Mas havia alguma coisa acontecendo. Eu podia ouvir. Mesmo com a multidão cantando num tom altíssimo, eu podia ouvir o barulhinho dentro do ovo, o barulhinho trêmulo, o gritinho.

— Mãe-eu disse. Peguei o ovo. Segurei-o com as duas mãos e pressionei a casca frágil com os polegares.

— Não, meu filho — gritou ela. Ela gemia. — Não, meu filho, não!

Mas era tarde demais. A casca laqueada quebrou em minha mão, e dos cacos surgiu um pássaro, um lindo pássaro já adulto, um pássaro de asas brancas como a neve, um biquinho amarelo e olhinhos negros e brilhantes como pedaços de azeviche.

Soltei um longo suspiro.

O pássaro saiu do ovo, abrindo as asas brancas perfeitamente emplumadas, o biquinho aberto emitindo subitamente um guincho. Saiu voando esse pássaro, livre da casca vermelha quebrada, subindo, cada vez mais alto, sobrevoando a congregação, atravessando a chuva de folhas e pardais alvoroçados a girar, atravessando o clamor glorioso dos sinos que repicavam.

Os sinos das torres tocavam tão alto que sacudiam as folhas que caíam girando, tão alto que as colunas altaneiras estremeciam, as pessoas balançavam e cantavam com mais vigor como se em unísono com os retumbantes carrilhões de garganta dourada.

O pássaro voara. O pássaro estava livre.

— Cristo nasceu — murmurei. — Cristo subiu. Cristo está no Paraíso e na terra. Cristo está conosco.

Mas ninguém conseguia ouvir minha voz, minha voz íntima, e o que importava isso, se o mundo inteiro cantava a mesma canção? Uma mão agarrou-me. Grosseiramente e com maldade, puxou minha manga. Virei-me. Tomei fôlego para gritar e fiquei paralisado de medo.

Um homem, surgido do nada, estava a meu lado, tão perto que nossos rostos quase se tocavam. Ele me fuzilou com os olhos. Eu conhecia aquele cabelo e aquela barba vermelhos, aqueles olhos ardentes e diabólicos. Eu sabia que ele era meu pai, mas ele não era meu pai e sim uma presença medonha e poderosa infundida no rosto de meu pai, e ali, ao meu lado, um colosso, olhando para mim, ridicularizando-me com seu poder e seu tamanho.

Ele bateu com o dorso da mão no cálice de ouro. O cálice bambeou e caiu, o vinho consagrado manchando os pedaços de pão, manchando a toalha de fios de ouro do altar.

— Mas não pode! Olhe o que você fez! — Ninguém me ouvia com aquela cantoria? Ninguém me ouvia com aquele repicar dos sinos?

Eu estava sozinho.

Estava numa sala moderna. Embaixo de um teto de estuque branco: Numa sala doméstica.

Eu era eu mesmo, um homem miúdo com aquele meu antigo cabelo desgrenhado até os ombros, casaco de veludo púrpura e jabô de renda branca. Estava encostado na parede.

Atordoadado e quieto ali, eu só sabia que cada partícula daquele lugar, cada partícula minha, era tão concreta e real como fora uma fração de segundo antes.

O tapete embaixo de meus pés era tão real como as folhas que haviam caído como flocos de neve na imensa Catedral de Santa Sofia, e minhas mãos, minhas mãos sem pêlos e infantis, tão reais como as mãos do padre que eu fora um segundo antes é partira o pão.

Um soluço terrível me subiu na garganta, um grito terrível que eu mesmo não agüentei ouvir. Eu não conseguiria mais respirar se não o soltasse, e esse corpo, maldito ou sagrado, mortal ou imortal, puro ou corrupto, certamente explodiria.

Mas uma música reconfortou-me. Uma música lentamente se articulou, limpa e requintada, e totalmente diferente do coro uniforme e magnífico que eu acabara de ouvir.

Do silêncio, saltavam essas notas perfeitamente formadas e discretas, essa multidão de sons cascadeantes que pareciam falar de maneira direta e animada, como se desafiando lindamente a inundação de som de que eu tanto gostara.

Ah, pensar que apenas dez dedos podiam tirar esses sons de um instrumento de madeira, em que os martelos, com um movimento determinado e rígido, batiam numa harpa de bronze de cordas esticadíssimas.

Eu conhecia essa música. Conhecia a sonata para piano, e aliás gostava dela, e agora sua fúria me paralisava. *Appassionata*. As notas cresciam e decresciam em deslumbrantes arpejos retumbantes, troando nos graves para ribombar em *staccato* e logo subindo nos agudos e tornando a disparar. A melodia alegre continuava, eloqüente e exaltadora e absolutamente humana, exigindo ser sentida além de ouvida, exigindo ser acompanhada em todas as suas intrincadas circunvoluções.

Appassionata. Na torrente furiosa de notas, ouvi ressoar um piano de madeira; ouvi a vibração de sua enorme harpa de bronze. Ouvi o palpitar de suas numerosas cordas.

Ah, sim, sem parar, cada vez mais alto, mais forte, mais puro e mais perfeito, retinindo torcidas como se uma nota pudesse ser um chicote. Como mãos humanas podem criar este encanto, como podem tirar dessas teclas de marfim esse dilúvio, essa beleza retumbante e movimentada?

A música parou. Minha agonia foi tão grande que só consegui fechar os olhos e gemer por ter perdido essas notas límpidas e aceleradas, gemer por ter perdido essa intensidade prístina, esse som sem palavras que assim mesmo falou comigo, implorando que eu testemunhasse, que compartilhasse e entendesse o furor intenso e absolutamente exigente de outra pessoa.

Um grito me sacudiu. Abri os olhos. A sala era ampla e atulhada de objetos ricos colocados a esmo, quadros até o teto, tapetes floridos estendendo-se selvagememente embaixo das pernas

retorcidas de mesas e cadeiras modernas, e o piano ali, o grande piano de onde essa música viera, reluzindo bem no centro desse caos, com sua longa faixa de teclas brancas sorridentes, que triunfo do coração, da alma, da mente!

Diante de mim, havia um menino ajoelhado no chão, rezando, um menino árabe de cabelos curtos encaracolados e lustrosos e um bem cortado djellaba, isto é, uma túnica de algodão usada no deserto. Ele estava de olhos fechados, o rostinho redondo virado para cima, embora sem me ver, o cenho franzido e os lábios movendo-se freneticamente, as palavras saindo aos borbotões em árabe:

— Que algum demônio ou algum anjo venha detê-lo, que saia alguma coisa da escuridão, qualquer coisa, qualquer coisa poderosa e vingativa, qualquer coisa, venha, saia da luz e da vontade dos deuses que não suportarão ver a opressão dos pecadores. Detenha-o antes que ele mate a minha Sybelle. Detenha-o, aqui é Benjamin, filho de Abdulla, que o invoca, leve minha alma, leve minha vida por causa disso, mas venha, venha, quem for mais forte do que eu e salve minha Sybelle.

— Silêncio! — gritei. Eu estava sem fôlego. Sua carinha bizantina redonda podia ter saído admirada da parede da igreja, mas ele estava ali e era real e me viu e eu era o que ele queria ver.

— Olhe, seu anjo! — gritou ele, a voz juvenil realçada com o sotaque árabe. — Não consegue enxergar com esses seus olhos bonitos!

Enxerguei.

Toda a realidade daquilo veio de uma vez. Ela, a jovem Sybelle, brigava para ficar no piano, para não ser arrancada do banco, as mãos lutando para alcançar as teclas, a boca fechada, e um terrível gemido pressionando seus lábios fechados, o cabelo louro esvoaçando em volta dos ombros. E o homem que a sacudia, que a puxava, que gritava com ela, dando-lhe de repente um murro que a derrubou do banco do piano e ela deixando então escapar um grito e se estatelando desajeitadamente no chão acarpitado.

— Appassionata, Appassionata — grunhiu ele para ela, parecendo um urso com seu gênio megalomaniaco. — Não quero

ouvir essa música, não quero, você não vai fazer isso comigo, com minha vida. É a minha vida! — Ele rugia como um búfalo. — Não vou deixá-la continuar.

O menino deu um pulo e me agarrou. Segurou meus pulsos e quando me desvencilhei dele, olhando-o espantado, ele segurou meus punhos de veludo. — Detenha-o, anjo. Detenha-o, diabo! Ele não pode mais bater nela. Ele vai matá-la. Detenha-o, diabo, detenha-o, ela é boa!

Ela se ajoelhou, o cabelo desgrenhado escondendo-lhe o rosto. Uma grande mancha de sangue seco cobria um lado de sua cintura fina, uma mancha que impregnava o tecido florido.

Enfurecido, vi o homem se retirar. Alto, cabeça raspada, olhos saltados, ele tapou os ouvidos e amaldiçoou-a:

— Sua cadela louca e idiota, sua egoísta. Eu não tenho vida? Eu não tenho justiça? Não tenho sonhos?

Mas ela já estava de novo com as mãos no piano. Tocava o Segundo Movimento da Appassionata como se não tivesse sido interrompida. Suas mãos batiam nas teclas. Uma torrente furiosa de notas após a outra, como se escritas com o único propósito de responder a ele, de desafiá-lo, como se para gritar: Não paro, não paro...

Vi o que estava para acontecer. Ele se virou e a fuzilou com os olhos esbugalhados, um esgar aflito na boca, mas só para deixá-la no auge da raiva. Um sorriso assassino formava-se nos lábios dele.

Para frente e para trás, ela balançava no banco do piano, cabelos esvoaçantes, uma expressão alegre, a mente desprezando ver as notas que tocava, pilotar o curso de suas mãos que corriam de um lado para o outro, sem perder o controle da torrente.

De boca fechada, ela cantarolava baixinho, acompanhando as melodias que jorravam das teclas. Ela se curvava e abaixava a cabeça, o cabelo caindo no dorso de suas mãos céleres. E continuou penetrando na melodia ribombante, na certeza, na recusa, no desafio, na afirmação, sim, sim, sim.

O homem partiu para cima dela.

O menino nervoso, deixando-me desesperado, correu para apartá-los, e o homem deu-lhe um bofetão com tamanha violência

que o menino se estatelou no chão.

Mas antes que as mãos do homem alcançassem os ombros da moça, antes que ele sequer conseguisse tocá-la — e ela começou a tocar de novo o Primeiro Movimento, ah, ah, aaah! a Appassionata toda de novo em toda a sua força —, eu o segurara, e o virara de frente para mim.

— Você vai matá-la? — murmurei. — Bem, veremos.

— Sim! — gritou ele, o rosto suado, os olhos saltados brilhando. — Matá-la ! Ela me levou à loucura, foi isso o que ela fez, e vai morrer! — Furioso demais até para questionar minha presença, ele tentou me empurrar, os olhos grudados novamente nela. — Sybelle, sua desgraçada, pare de tocar essa música, pare!

A melodia e os acordes estavam novamente tonitruantes. Jogando o cabelo de um lado para o outro, ela prosseguia.

Empurrei-o para trás com a mão esquerda, e, com a direita, levantei seu queixo para poder chegar à sua garganta, rasguei-a e deixei o sangue me entrar na boca. Estava escaldante e rico e cheio do ódio dele, cheio de rancor, cheio dos sonhos desfeitos e das fantasias vingativas dele.

Como era quente! Tomei-o em sorvos profundos, vendo tudo, como ele a amara, cultivara-a, ela, sua irmã talentosa, ele, o irmão inteligente, ferino e desafinado, guiando-a para o pináculo de seu universo precioso e refinado, até que uma tragédia comum interrompera a ascensão dela e a enlouquecera, deixando para trás o irmão, a memória, a ambição, trancada para sempre no luto pelas vítimas daquela tragédia, seus pais amorosos e aprovadores, mortos numa estrada sinuosa que atravessava um vale distante e sombrio na véspera de seu grande triunfo, sua estréia como gênio do piano para o mundo inteiro.

Vi o carro deles chacoalhando e correndo na escuridão. Ouvi o irmão no banco traseiro conversando, a irmã ao lado dele ferrada no sono. Vi o carro bater no outro.

Vi as estrelas assistindo caladas àquela cena cruel. Vi os corpos feridos e sem vida. Vi o rosto atordoado dela, que estava ilesa, a roupa toda rasgada, na beira da estrada. Ouvi o irmão gritar horrorizado. Ouvi-o praguejando, sem querer acreditar. Vi vidros

quebrados. Vidro quebrado por todo canto faiscando lindamente à luz dos faróis. Vi os olhos dela, azul-claros. Vi seu coração de perto.

Minha vítima estava morta. Escorregou de minha mão. Estava tão sem vida quanto seus pais naquele deserto quente.

Ele estava morto e enrugado e jamais poderia machucá-la de novo, puxar-lhe os cabelos louros e compridos, bater nela ou impedi-la de tocar.

A sala estava docemente quieta, senão pelo piano tocando. Ela voltara ao Terceiro Movimento e balançava delicadamente com seu início mais calmo, seus passos polidos e comedidos.

O menino dançava de alegria. Com aquele fino djellaba, descalço, a cabeça redonda coberta com um cabelo preto e grosso todo cacheado, ele era o anjo árabe pulando, dançando e gritando:

— Ele está morto, ele está morto, ele está morto. — Batia palmas, esfregava as mãos, tornava a bater palmas, jogava as mãos para o alto. — Ele está morto, está morto, está morto, não vai mais machucá-la, não vai mais aborrecê-la, ele já está duplamente aborrecido para sempre, está morto, está morto.

Mas ela não o ouvia. Continuava tocando, passando por essas notas baixas e sonolentas, cantarolando de boca fechada e depois abrindo a boca para entoar uma canção monossilábica.

Eu estava cheio daquele sangue. Sentia-o me percorrer todo. Adorei-o, adorei cada gota. Recobrei o fôlego do esforço de tê-lo consumido tão depressa, e fui andando devagarinho, fazendo o mínimo de barulho, como se ela pudesse ouvir, quando não podia, e fiquei na ponta do piano, olhando para ela.

Que rostinho terno o dela, tão infantil com olhos azul-claros grandes e fundos. Mas olhe as equimoses em seu rosto. Olhe os arranhões em suas faces. Olhe o campo pontilhado de feridinhas sangrando em sua fonte onde uma mecha de cabelo foi arrancada pela raiz.

Ela não ligava. Os hematomas esverdeados em seus braços nus nada significavam para ela. Ela continuava tocando.

Que delicado era seu pescoço, mesmo com a marca escura deixada pelos dedos dele, e que graciosos eram seus ombros magros, mal segurando as mangas de seu vestido de algodão fino e

florido! Suas sobranceiras fortes de um louro acinzentado juntavam-se na mais doce expressão de concentração enquanto ela olhava para frente, contemplando apenas sua música alegre e cheia de extremos, sendo os seus dedos longos a única coisa que evidenciava sua força titânica.

Ela deixou o olhar vagar para mim e sorriu como se tivesse visto algo que momentaneamente a agradasse; baixou a cabeça uma, duas, três vezes no compasso rápido da música, mas como se o gesto fosse dirigido a mim.

— Sybelle — murmurei. Levei os dedos aos lábios, beijei-os e soprei o beijo para ela, que continuava tocando.

Mas aí sua visão se enevoou, e ela ficou de novo ausente, o Movimento exigindo velocidade, ela jogando a cabeça para trás com o esforço de seu ataque às teclas. E a sonata entrou novamente em seu ritmo mais triunfante.

Algo mais poderoso do que a luz do sol me engoliu. Era um poder tão absoluto que me cercou completamente e me sugou para fora do quarto, para fora do mundo, para fora do som do piano que ela tocava, para fora de meus sentidos. — Nãaaao, não me leve agora! — gritei. Mas uma escuridão atroz e vazia engoliu o som.

Eu estava voando, leve, com os braços e as pernas esturricados abertos, e num Inferno de dor cruciante. Este não pode ser o meu corpo, soluzei, vendo a carne preta colada nos músculos como se fosse couro, vendo cada tendão de meus braços, minhas unhas curvas e pretas como se fossem pedaços de chifre queimado. Não, não o meu corpo, gritei, mãe, ajude-me, ajude-me! Benjamin, ajude-me...

Comecei a cair. Ah, ninguém podia me ajudar agora senão um Ser. — Deus, dai-me coragem-gritei.— Deus, se isso tiver começado, dai-me coragem, Deus, não posso abandonar minha razão, Deus, digei-me onde estou, Deus, deixai-me entender o que está acontecendo, Deus, onde está a igreja, Deus, onde estão o pão e o vinho, Deus, onde está ela, Deus ajudai-me, ajudai-me.

Fui caindo, passando por flechas de vidro, por grades de janelas cegas, por telhados e torres pontiagudas. Caí no meio do vento violento e uivante da nevasca pungente.

Passei pela janela em que a inconfundível figura de Benjamin estava com a mãozinha na cortina, os olhos negros fixos em mim por uma fração de segundo, a boca aberta, anjinho árabe. Fui caindo cada vez mais, a pele de minhas pernas murchando e encolhendo de modo que eu não podia dobrá-las, a do rosto também, de modo que eu não podia abrir a boca, e, com uma explosão agonizante de dor, bati na neve dura.

Meus olhos estavam abertos e o fogo os inundava. O sol já ia alto.

— Morrerei agora. Morrerei! — murmurei. — E nesse derradeiro momento de paralisia ardente, quando o mundo inteiro acabou e nada mais resta, ouço a música dela! Ouço-a tocando as últimas notas da *Appassionata*! Ouço-a. Ouço sua música tumultuada.

20

Não morri. Absolutamente.

Acordei e ouvi-a tocando, mas ela e seu piano estavam muito longe. Nas primeiras horas depois do crepúsculo, quando a dor estava no auge, eu usava a música dela, usava a procura dessa música, para impedir que eu gritasse desesperado porque nada fazia a dor passar.

Profundamente envolvido na neve, eu não conseguia me mexer nem enxergar, a não ser o que minha mente podia ver se eu decidisse usá-la, e, desejando morrer, eu não usava nada. Só ficava escutando a *Appassionata*, e às vezes cantava junto com ela em meus sonhos.

Passei a primeira noite e a segunda a escutá-la, isto é, quando ela se dispunha a tocar. Ela parava durante horas, para dormir, talvez. Eu não podia saber. Então ela recomeçava e eu recomeçava com ela.

Acompanhei os Três Movimentos até sabê-los de cor, como ela devia saber. Eu sabia as variações que ela imprimia à música; sabia como nunca tocava uma frase musical da mesma forma.

Escutei Benjamin me chamando, ouvi sua vozinha animada, falando muito depressa e muito à moda de Nova York, dizendo:

— Anjo, você não terminou conosco, o que devemos fazer com ele? Anjo, volte. Anjo, vou lhe dar cigarros. Anjo, estou cheio de cigarros bons. Volte. Anjo, isso é só uma brincadeira. Sei que você pode arranjar seus próprios cigarros. Mas é realmente irritante você deixar esse cadáver, Anjo. Volte.

Havia horas em que eu não ouvia nenhum deles. Minha mente não tinha força para alcançá-los telepaticamente, só para vê-los, um pelos olhos do outro. Não. Esse tipo de força acabara.

Fiquei deitado mudo e quieto, queimado tanto por tudo aquilo que eu vira e sentira quanto por qualquer luz do dia, ferido e esvaziado, a mente e o coração mortos, exceto por meu amor por eles. Isso era fácilimo, não? Na dor mais atroz amar dois lindos estranhos, uma menina louca e um garoto malandro que gostava dela. O meu assassinato do irmão dela era uma ação sem história. Bravo, e acabou. A dor de tudo o mais tinha quinhentos anos de história.

Havia horas em que só a cidade falava comigo, a grande cidade barulhenta, agitada e dinâmica de Nova York, com seu tráfego sempre ruidoso, mesmo na pior das nevascas, com suas várias camadas superpostas de vozes e vidas elevando-se até o platô onde eu estava deitado, e depois ultrapassando-o, indo bem mais além em torres como o mundo jamais havia visto antes.

Eu sabia de coisas mas não sabia o que fazer com elas. Eu sabia que a camada de neve que me cobria ficava cada vez mais espessa e mais dura, e não entendia como é que algo como o gelo podia me esconder dos raios do sol.

Obviamente, eu precisava morrer, pensei. Se não naquele dia que chegava, então no seguinte. Pensei em Lestat segurando o Véu. Pensei no Rosto Dele. Mas o zelo me abandonara. A esperança me abandonara totalmente.

Vou morrer, pensei. Manhã após manhã, vou morrer. Mas não morri.

Na cidade lá embaixo, ouvi outros de minha espécie. Não tentei realmente ouvi-los, logo não eram seus pensamentos que

chegavam a mim, mas de vez em quando suas palavras.

Lestat e David estavam lá, Lestat e David achavam que eu estivesse morto. Lestat e David choravam por mim. Mas horrores muito piores afligiam Lestat porque Dora e o mundo haviam tomado o Véu, e a cidade agora estava repleta de crentes. A catedral mal controlava as multidões.

Outros imortais chegaram, os jovens, os fracos e, às vezes, o que era mais apavorante, os muito velhos, querendo ver esse milagre, entrando na igreja à noite com os fiéis mortais e olhando o céu com olhos enlouquecidos.

Às vezes eles falavam do pobre Armand ou do bravo Armand ou do Santo Armand, que, em sua devoção ao Cristo crucificado, imolara-se exatamente na porta dessa igreja!

Às vezes eles faziam o mesmo. E justo antes de o sol estar para nascer de novo, eu tinha de ouvi-los, ouvir suas últimas preces desesperadas enquanto esperavam pela luz fatal. Eles se deram melhor que eu? Encontraram refúgio nos braços de Deus? Ou estavam gritando de agonia, agonia como a que eu sentia, insuportavelmente queimado e incapaz de me separar daquilo, ou estavam tão perdidos quanto eu, remanescentes em becos ou telhados distantes? Não, eles iam e vinham, fosse qual fosse o destino deles.

Quão apagado estava aquilo tudo, quão distante. Eu estava tristíssimo por Lestat não ter se dado ao trabalho de chorar por mim, mas eu devia morrer ali. Eu devia morrer mais cedo ou mais tarde. Fosse o que fosse que eu tivesse visto naquele momento em que entrei no sol, aquilo não tinha importância. Eu devia morrer. Era só isso.

Na noite nevada, vozes eletrônicas falavam do milagre, que o Rosto de Cristo num Sudário de linho curara os doentes e deixara sua impressão em outros panos prensados contra ele. Então veio uma discussão dos clérigos e dos céticos, uma confusão perfeita.

Eu não acompanhava o sentido de nada. Sofria. Ardia. Não conseguia abrir os olhos, e, quando tentava, as pestanas os arranhavam e a agonia era insuportável. No escuro, eu esperava por ela.

Mais cedo ou mais tarde, sem falhar, chegava sua magnífica música, com todas aquelas novas e maravilhosas variações, e nada me importava então, nem o mistério de quem eu era, nem o que eu pudesse ter visto, nem o que Lestat e David pretendiam fazer.

Só depois da sétima noite, talvez, recuperei totalmente os sentidos e compreendi plenamente o horror de meu estado.

Lestat se fora. David também. A igreja fora fechada. Pelo que os mortais cochichavam, logo percebi que o Vêu fora levado embora.

Eu podia ouvir as mentes da cidade inteira, um barulho que era insuportável. Fechei-me para aquilo, temendo o imortal errante que viria me pegar se captasse uma única centelha de minha mente telepática. Eu não podia suportar a idéia de uma tentativa de resgate por parte de estranhos imortais. Não podia suportar a idéia de suas caras, de suas perguntas, sua possível preocupação ou sua indiferença implacável. Escondia-me deles, encolhido em minha pele rachada e esticada. Mas eu os ouvia, como ouvia as vozes mortais em volta deles, falando de milagres, de redenção e do amor de Cristo.

Ademais, eu já tinha muita coisa em que pensar para considerar aquela minha situação atual e como ela acontecera.

Eu estava deitado num telhado. Foi onde caí. Mas não sob o céu aberto, como eu poderia ter esperado ou suposto. Ao contrário, meu corpo caíra numa chapa de metal inclinada, alojando-se embaixo de um telheiro furado e enferrujado, onde fora sepultado por várias camadas de neve trazida pelo vento.

Como eu chegara ali? Eu só podia fazer conjeturas.

Por minha própria vontade, e com a primeira explosão de meu sangue na luz do sol da manhã, eu fora impelido para cima, talvez o mais alto aonde eu pudesse chegar.

Durante séculos, eu soube subir nas alturas e deslocar-me ali, mas nunca forcei isso até um limite concebível, mas, com meu zelo pela morte, eu me esforçara ao máximo para subir aos céus. Minha queda foi da altura máxima.

O prédio embaixo de mim estava vazio, abandonado, perigoso sem aquecimento ou luz.

Não vinha um só barulho dos poços ociosos de suas escadas de metal ou de suas salas dilapidadas. Na verdade, o vento de vez em quando soprava aquela estrutura como se ela fosse um órgão de tubos, e, quando Sybelle não estava ao piano, era essa música que eu escutava, abafando a cacofonia rica da cidade que se espalhava em todos os sentidos.

De vez em quando, mortais entravam nos primeiros andares do prédio. Senti de repente uma esperança angustiante. Alguém seria suficientemente tolo para vir aqui em cima no telhado onde eu podia agarrá-lo e beber o sangue de que eu precisava apenas para sair daquele telheiro que me protegia e assim me entregar ao sol sem nenhuma proteção? Como eu estava agora, o sol mal chegava em mim. Só uma claridade fraca me chamuscava através da mortalha de neve em que eu estava enrolado, e, com o passar das noites, essa dor recém-infligida se fundiria com o resto.

Mas ninguém jamais subiu lá.

A morte seria lenta, muito lenta. Talvez tivesse de esperar até o tempo quente chegar e a neve derreter.

Assim, cada manhã, enquanto desejava morrer, acabei aceitando que eu acordaria, mais queimado talvez do que nunca, mas ainda mais escondido pela tempestade de inverno, como sempre estive escondido, das centenas de janelas acesas que davam para aquele telhado.

Quando o silêncio era mortal, quando Sybelle dormia e Benji acabava de rezar para mim e conversar comigo na janela, vinha o pior. Pensei, com frieza e desânimo, naquelas coisas simples e estranhas que me aconteceram quando eu estava caindo no espaço, porque não conseguia pensar em mais nada.

Quão absolutamente real fora o altar de Santa Sofia e o pão que parti com as mãos. Eu soube de coisas, tantas coisas, coisas que eu já não conseguia mais lembrar nem colocar em palavras, coisas que eu não poderia articular aqui nessa narrativa nem ao procurar reviver a história.

Real. Tangível. Eu sentira a toalha do altar e vira o vinho sendo derramado, e, antes disso, o pássaro saindo do ovo. Ouvi o

barulho da casca quebrando. Ouvi a voz de minha mãe. E tudo mais.

Mas minha mente já não queria mais isso. Não queria essas coisas. O zelo mostrara-se frágil. Acabara, como as noites com o Mestre em Veneza, como os anos na companhia de Louis, como os meses festivos na Ilha da Noite, como aqueles séculos vergonhosos com os Filhos da Escuridão em que eu fora um tolo, um tolo completo.

Eu podia pensar no Véu, no Paraíso, em mim, ali no Altar, operando o milagre com o Corpo de Cristo nas mãos. Sim eu podia pensar nisso tudo. Mas a totalidade era terrível demais, e eu não estava morto, e não havia nenhum Memnoch instando para que eu me tornasse seu ajudante, e nenhum Cristo de braços abertos contra o pano de fundo da luz infinita de Deus.

Era muito mais doce pensar em Sybelle, lembrar que seu quarto vermelho com tapetes turcos azuis e quadros escuros e exagerados era tão real quanto Santa Sofia de Kiev, pensar em seu rosto oval e branco quando ela se virou para olhar para mim, pensar no brilho súbito de seus olhos úmidos e rápidos.

Uma noite, quando meus olhos realmente se abriram, quando as pálpebras realmente deixaram descobertas as órbitas de meus olhos possibilitando que eu enxergasse através daquele bolo branco de gelo em cima de mim, percebi que estava sarando.

Tentei dobrar os braços. Consegui levantá-los muito ligeiramente, e o gelo que me envolvia quebrou; que barulho elétrico espetacular!

O sol simplesmente não podia me alcançar ali, ou não o suficiente para agir contra a fúria preternatural do poderoso sangue que meu corpo continha. Ah, Deus, imagine só, quinhentos anos tornando-me cada vez mais forte, e, antes de mais nada, nascido do sangue de Marius, um monstro, desde o início, um monstro que nunca soube a força que tinha.

Por um instante parecia que minha raiva e meu desespero não poderiam aumentar mais. Que a ardência em meu corpo todo não poderia piorar.

Então Sybelle começou a tocar. Começou a tocar a *Appassionata* e nada mais me importou.

E não importaria novamente até ela parar de tocar. A noite foi mais quente do que de hábito; a neve derreteria ligeiramente. Parecia que não havia nenhum mortal por perto. Eu sabia que o Sudário fora mandado para o Vaticano em Roma. Agora não haveria motivo para os imortais virem cá, haveria?

Pobre Dora. O noticiário da noite diz que Ihe tomaram o prêmio. Roma precisa examinar esse Sudário. Suas histórias de estranhos anjos louros foram matéria de tablóides, e ela mesma já não estava mais ali.

Num momento de coragem, preendi meu coração à música de Sybelle, e, fazendo um esforço com a cabeça dolorida, enviei minha mensagem telepática como se ela fosse uma parte carnal minha, uma língua exigindo energia, para ver, através dos olhos de Benjamin, o quarto onde os dois moravam.

Numa linda névoa dourada, eu vi, vi as paredes cobertas de quadros com molduras pesadas, vi a minha bela com um roupão branco felpudo e chinelos velhos, os dedos trabalhando duro. Quanta imponência no ímpeto da música! E Benjamin, o pequeno aflito, carrancudo, fumando um charuto preto, mãos atrás das costas, andando descalço de um lado para o outro, abanando a cabeça enquanto resmungava consigo mesmo.

— Anjo, eu Ihe disse para voltar.

Sorri. As rugas de meu rosto doíam como se tivessem sido riscadas com a ponta de uma faca afiada. Fechei o olho telepático. Deixei-me adormecer com os crescendos acelerados do piano. Ademais, Benjamin sentira alguma coisa; sua mente, não distorcida pela sofisticação ocidental, captara algum vislumbre de minha espionagem.

Bastava.

Então, tive outra visão, muito forte, muito especial e incomum, algo que não seria ignorado. Virei de novo a cabeça e fiz o gelo rachar. Fiquei de olhos abertos.

Eu via difusamente umas torres iluminadas.

Alguns imortais lá na cidade estavam pensando em mim, alguém que estava longe, a muitas quadras da catedral fechada. De fato, senti logo a presença distante de dois vampiros poderosos, vampiros que eu conhecia, que sabiam de minha morte e lamentavam-na amargamente enquanto executavam uma tarefa importante.

Isso agora era uma coisa arriscada. Tente vê-los e eles podem captar muito mais do que aquele lampejo de minha pessoa que Benjamin captou tão rápido. Mas não havia bebedores de sangue na cidade exceto eles, pelo que eu podia imaginar, e eu precisava saber o que os fazia andar com tanta determinação daquele modo tão furtivo.

Uma hora se passou, talvez. Sybelle estava em silêncio. Eles, os vampiros poderosos, continuavam ocupados. Decidi arriscar.

Aproximei-me com minha visão desencarnada, e logo percebi que podia enxergar através dos olhos do outro, mas que o inverso não funcionava.

A razão era simples. Agucei minha visão. Estava olhando através dos olhos de Santino, meu antigo Mestre da Assembléia de Roma, Santino, e o outro que vi era Marius, meu Criador, cuja mente estava trancada para mim para sempre.

Era num amplo prédio público que eles vinham andando com cautela, ambos vestidos como cavalheiros modernos, com roupas azul-escuras, inclusive com colarinhos brancos engomados e gravatas de seda estreitas. Ambos haviam cortado o cabelo de acordo com a moda empresarial. Mas não era uma empresa aquilo que eles estavam rondando, nitidamente escravizando inofensivamente qualquer mortal que tentasse perturbá-los. Era um prédio ligado à área médica. E logo adivinhei o que eles deviam estar fazendo.

Era no Instituto Médico Legal da cidade que eles estavam circulando. E, embora tivessem juntado calmamente os documentos que colocaram em suas pesadas pastas, eles agora corriam para retirar dos compartimentos refrigerados os despojos daqueles vampiros que, seguindo meu exemplo, entregaram-se à mercê do sol.

Obviamente, estavam confiscando o que o mundo agora tinha de nós. Estavam recolhendo os vestígios. Em sacos de plástico simples, eles colocaram os restos que tiraram de gavetas semelhantes a caixões e reluzentes bandejas de aço. Ossos inteiros, cinzas, dentes, ah, sim, até dentes eles enfiaram nos saquinhos. E agora retiravam dos arquivos amostras embrulhadas em plástico de restos de roupas.

Meu coração pulou. Mexi-me dentro do gelo e o gelo respondeu-me de novo. Ah, fique quieto, coração. Deixe-me ver. Era a minha renda, a minha renda mesmo, aquela de ponto rosa veneziano grossa, chamuscada nas pontas, e com uns farrapos de veludo púrpura! Sim minhas pobres roupas que eles tiraram do compartimento etiquetado da gaveta do arquivo e enfiaram nos sacos.

Marius parou. Voltei a cabeça e a mente para outro lugar. Não me veja. Veja me e venha cá, e juro por Deus que eu... eu o quê? Nem sequer tenho forças para me mexer.

Não tenho forças para fugir. Ó, Sybelle, por favor, toque para mim, preciso fugir disso.

Mas então, lembrando que ele era meu Mestre, lembrando que ele só podia me encontrar através da mente mais fraca e mais confusa de Santino, senti meu coração se acalmar.

Do banco da memória recente, saquei a música dela, emoldurei-a com números, cifras e datas, todos os pequenos detritos que eu trouxera comigo através dos séculos para ela: que Beethoven escrevera aquela doce obra-prima, que era a Sonata nº 23 em Fá Menor, Opus 57. Pense nisso. Pense em Beethoven. Pense numa noite de faz-de-conta na fria Viena, faz-de-conta pois eu não sabia realmente nada sobre essa noite, pense nele escrevendo música com uma pena ruidosa, que ele mesmo talvez não conseguia ouvir. Pense nele sendo pago em pitaças. E pense com um sorriso, sim, com um sorriso dolorosamente cortante que faz seu rosto sangrar, em como levaram piano após piano para ele, tão poderoso ele era, tão exigente, tão ardentemente ele tocava.

E ela, a linda Sybelle, que boa filha era para ele, seus dedos poderosos batendo nas teclas com um poder terrível que

certamente o teria encantado, tivesse ele visto no futuro remoto, entre seus frenéticos alunos e admiradores, especificamente essa menina enlouquecida.

Essa noite estava mais quente. O gelo derretia. Não havia como negar. Cerrei os lábios e tornei a erguer a mão direita. Agora existia uma cavidade na qual eu podia mexer os dedos da mão direita.

Mas eu não podia esquecer aquela dupla improvável, aquele que me criou e aquele que tentou destruir este, Marius e Santino. Precisava conferir. Cautelosamente, enviei meu raio experimental de pensamento perscrutador. E num instante, fixei-os.

Eles estavam diante de um incinerador no interior do prédio e jogavam para dentro daquela boca de fogo todas as evidências que reuniram, saco após saco retorcendo-se e estalando nas chamas. Que estranho. Eles não queriam olhar esses fragmentos no microscópio? Mas certamente outros de nossa espécie haveriam de ter feito isso, e por que olhar os ossos e dentes daqueles que torraram no Inferno quando você pode cortar um pedaço de tecido claro de sua própria mão e colocar isso na lâmina de vidro enquanto sua mão se regenera milagrosamente, como eu estava me regenerando agora mesmo?

Demorei-me na visão. Vi o porão enevoado em volta deles. Vi as vigas baixas acima deles. Colocando todo o meu poder em meu olhar projetado, vi o rosto de Santino, perturbadíssimo, suave, o mesmo que destruiu a única juventude que eu algum dia poderia ter tido. Vi meu antigo Mestre olhando quase melancolicamente para o fogo.

— Acabamos — disse Marius com sua voz calma e autoritária, falando perfeitamente em italiano com o outro. — Não consigo pensar em mais nada que devemos fazer.

— Arrombar o Vaticano e roubar o Sudário — respondeu Santino. — Com que direito eles reivindicam uma coisa dessas?

Só pude ver a reação de Marius, seu choque repentino, depois seu sorriso educado e sereno.

— Por quê? — perguntou ele, como se não guardasse nenhum segredo. O que é o Sudário para nós, meu amigo? Acha que esse

Véu o fará recuperar o juízo? Desculpe-me, Santino, mas você é muito jovem.

O juízo, fazê-lo recuperar o juízo. Isso tinha de se referir a Lestat. Não havia outra referência possível. Forcei a sorte. Vasculhei a mente de Santino à procura de tudo o que ele sabia. Fiquei horrorizado, mas concentrei-me firmemente no que estava vendo.

Lestat, meu Lestat — pois ele nunca foi deles, foi? —, meu Lestat estava enlouquecido em consequência de sua terrível saga, e era mantido preso pelo mais velho de nossa espécie com a sentença definitiva de que se não parasse de perturbar a paz, o que obviamente significava o nosso sigilo, ele seria destruído, da forma como só os mais velhos podem destruir, e ninguém poderia defendê-lo de forma alguma.

Não, isso não podia acontecer! Fiquei me contorcendo. Os choques da dor me percorreram, vermelho e violeta, e pulsando com uma luz laranja. Eu não via essas cores desde que caíra. Minha mente estava voltando, e voltando para quê? Lestat prestes a ser destruído! Lestat preso, como estive há séculos nos subterrâneos de Roma, nas catacumbas de Santino. Ah, Deus, isso é pior do que o fogo do sol, pior que ver aquele irmão bastardo bater na cara roxa de Sybelle e arrancá-la do banco do piano, é uma raiva assassina que estou sentindo.

Mas o estrago menor está feito.

— Venha, precisamos sair daqui — disse Santino. — Há alguma coisa errada, estou sentindo alguma coisa que não consigo explicar. É como se alguém estivesse bem atrás de nós sem estar perto; como se alguém tão poderoso quanto eu ouvisse meus passos a quilômetros e quilômetros.

Marius parecia indulgente, curioso, despreocupado.

— Nova York é nossa essa noite — disse ele despreocupado. Então, com um pouco de receio, ele olhou uma última vez para a boca do incinerador. — A menos que algum espírito de vida muito tenaz continue preso às rendas e ao veludo que usou.

Fechei os olhos. Ah, Deus, deixe-me fechar minha mente. Deixe-me fechá-la bem.

Sua voz continuou, penetrando na casquinha de minha consciência onde eu tanto a amolecera.

— Mas nunca acreditei nessas coisas — disse ele. — Somos como a própria Eucaristia, em certo sentido, não acha? Sendo Corpo e Sangue de um deus misterioso só enquanto nos mantivermos na forma escolhida. O que são mechas de cabe (o avermelhado e renda chamuscada e esfarrapada? Ele se foi.

— Não o entendo-confessou Santino delicadamente.— Mas se pensa que nunca amei aquela criatura, está redondamente enganado.

— Então vamos-disse Marius.— Nosso trabalho está feito. Cada vestígio de cada um deles está apagado. Mas me prometa nessa sua velha alma católica romana que não vai procurar o Sudário. Um milhão de pares de olhos já olharam para ele, Santino, e nada mudou. O mundo é o mundo e crianças morrem de fome e sozinhas em todos os quadrantes da face da terra.

Eu não podia me arriscar mais.

Fui embora, vasculhando a noite como um farol alto, procurando os mortais que poderiam vê-los saírem do prédio em que eles terminaram aquele trabalho importantíssimo, mas sua retirada foi muito clandestina, muito rápida para isso.

Senti-os indo embora. Senti uma súbita ausência de sua respiração, de sua pulsação, e sabia que os ventos os haviam levado embora.

Afinal, uma hora depois, deixei meu olho rondar pelas mesmas velhas salas por onde eles haviam circulado.

Tudo estava calmo com aqueles pobres e confusos técnicos e guardas a quem espectros de cara branca de outro reino haviam delicadamente enfeitado enquanto se desincumbiam daquela tarefa medonha.

De manhã, o roubo e todo o trabalho por fazer seriam descobertos, e o milagre de Dora sofreria mais um triste insulto, retirando-se ainda mais rápido do tempo corrente.

Eu estava irritado; chorei um pranto seco e rouco, sem conseguir sequer chegar às lágrimas.

Acho que uma vez vi minha mão no gelo faiscante, uma garra grotesca, mais como uma coisa esfolada do que queimada, e mais preta e lustrosa do que eu me lembrava ou já tinha visto.

Então um mistério começou a me afligir. Como eu poderia ter matado o irmão perverso de meu pobre amor? Como poderia essa justiça horrenda ser qualquer outra coisa senão uma ilusão, quando eu estivera subindo e caindo sob o peso do sol da manhã?

E se isso não tivesse acontecido, se eu não tivesse chupado todo o sangue daquele horrível irmão vingativo, então minha Sybelle e meu pequeno beduíno também eram sonho. Ah, por favor, seria esse o horror final?

A noite bateu sua pior hora. Ouviam-se as badaladas de relógios em salas pintadas. Ouviam-se rodas amassando a neve. Tornei a erguer a mão. Ouviu-se o inevitável estalo. O gelo quebrado caiu em volta de mim como se fosse vidro!

Olhei para estrelas límpidas e faiscantes. Que lindo isso, essas flechas de vidro sentinelas com todos os seus quadrados de luz dourados cortados em fileiras verticais e horizontais para marcar a escuridão leve da noite de inverno, e eis que chega o vento tirano assobiando nos cânions cristalinos dessa cama abandonada onde jaz um demônio esquecido, olhando com a visão gatuna de uma grande alma para as luzes realçadas da cidade nas nuvens lá no alto. Ah, estrelinhas, como as odiei e invejei por poderem traçar com tanta determinação esse seu curso obstinado no horrível vácuo.

Mas agora eu não odiava nada. Minha dor era como um purgante para tudo o que não valia a pena. Vi o céu se encobrir, brilhar como um diamante por um instante calmo e deslumbrante, e novamente aquela névoa branca e suave aceitou o brilho dourado das luzes da cidade e respondeu com uma levíssima queda de neve.

A neve tocava em meu rosto. Tocava em minha mão estendida. Tocava em todo o meu corpo, enquanto seus floquinhos mágicos iam derretendo.

— E agora o sol virá — murmurei, como se um anjo da guarda estivesse abraçado comigo-, e até aqui embaixo desse telheiro de

zinco vai me encontrar através dessa cobertura furada e levar minha alma a dores ainda mais profundas.

Uma voz protestou. Uma voz suplicou que não acontecesse isso. A minha voz, pensei, claro, por que não esse auto-engano? Sou louco de achar que consigo agüentar a dor das queimaduras que sofri e que suportaria de bom grado tudo de novo.

Mas não era a minha voz. Era a de Benjamin, Benjamin rezando. Projetando meus olhos desencarnados, vi-o. Estava ajoelhado no quarto enquanto ela estava deitada dormindo como um pêssego maduro e suculento entre as cobertas macias e amarfanhadas.

— Ah, anjo, Dybbuk, ajude-nos. Dybbuk, você já veio uma vez. Então volte. Fico irritado por você não vir!

Quantas horas faltam para o sol nascer, homenzinho?, eu disse na conchinha de seu ouvido, como se eu não soubesse.

— Dybbuk — gritou ele. — É você, fale comigo. Sybelle, acorde, Sybelle. Ah, mas pense antes de acordá-la. Isso é uma tarefa horrível. Não sou o ser resplandecente que você viu e que bebeu todo o sangue de seu inimigo e se encantou com a beleza dela e com a sua alegria.. É um monstro que você vem buscar se pretende pagar o que me deve, um insulto a seus olhos inocentes. Mas esteja certo, homenzinho, que serei seu para sempre se me fizer essa bondade, se vier para mim, se me socorrer, se me ajudar, porque minha vontade está me deixando, e estou sozinho, e eu me recuperaria agora e não posso me conter, e meus anos agora nada significam, e estou com medo.

Ele se levantou. Ficou olhando para a janela ao longe, a janela através da qual, sonhando, eu o havia visto vislumbrar-me com seus olhos mortais, mas através da qual ele não tinha a possibilidade de me ver agora, meu anjo. Endireitou os ombrinhos, e agora, o cenho franzido, numa expressão perfeitamente séria, ele era a própria imagem da parede bizantina, um querubim menor do que eu.

— Diga, Dybbuk, vou buscá-lo! — declarou ele, cerrando o forte punho direito. — Onde está você, Dybbuk, o que você teme

que não possamos conquistar juntos! Sybelle, acorde, Sybelle! Nosso Divino Dybbuk voltou e precisa de nós!

21

Eles estavam vindo me buscar. Era o prédio ao lado do deles, uma ruína abandonada. Benjamin o conhecia. Em alguns fracos murmúrios telepáticos, eu lhe pedira que viesse com uma marreta e uma picareta para quebrar o restante do gelo e trouxesse cobertores grandes e macios para me enrolar.

Eu sabia que não pesava nada. Torcendo penosamente os braços, quebrei um pouco mais da cobertura transparente. Com minha mão semelhante a uma garra, senti que meu cabelo voltara, grosso e avermelhado como sempre. Segurei um cacho na luz, mas depois meu braço não conseguiu mais agüentar a dor escaldante e deixei-o cair, sem conseguir fechar ou mexer meus dedos secos e tortos.

Eu precisava fazer um feitiço, pelo menos quando eles chegassem. Eles não podiam ver essa coisa que eu era, esse monstro preto e coriáceo. Nenhum mortal poderia suportar essa visão, fossem quais fossem as palavras que saíssem de meus lábios. Eu precisava esconder-me de alguma forma.

E, sem espelho, como saber qual era o meu aspecto ou o que eu tinha de fazer precisamente? Eu tinha de sonhar com aquela época em Veneza quando eu era lindo e conhecia muito bem o meu rosto do espelho do alfaiate, e tinha de projetar uma visão bem na mente deles mesmo se isso exigisse toda a minha força; sim, isso, e eu precisava lhes dar algumas instruções.

Fiquei quieto, olhando para a neve fina que caía, tão diferente das terríveis nevascas anteriores. Não ousei usar minha inteligência para rastrear o progresso deles.

De repente, ouvi o estrondo de uma vidraça se quebrando. Uma porta bateu lá embaixo. Ouvi os passos irregulares dos dois subindo as escadas de ferro, arrastando-se pelos patamares.

Meu coração bateu com força, e, com cada pequena convulsão, a dor era bombeada através de meu corpo, como se

meu próprio sangue estivesse me escaldando.

De repente, a porta de aço do telhado se abriu. Ouvei os dois correrem em minha direção. Naquela claridade fraca e onírica das torres altas ali em volta, vi seus pequenos vultos, ela, a fada, ele, a criança de não mais de doze anos, talvez, correndo para mim.

Sybelle! Ah, ela saiu sem casaco no telhado, o cabelo escorrido, que horror, e Benjamin em situação não muito melhor com aquele djellaba de linho fino. Mas os dois tinham uma grande colcha de veludo para me cobrir, e eu precisava criar uma visão.

Dê-me o menino que eu era, dê-me o cetim verde mais fino e jabô superpostos de renda extravagante, dê-me meias e botas debruadas, e deixe meu cabelo estar limpo e lustroso.

Lentamente abri os olhos, olhando de um daqueles rostinhos pálidos e enlevados para o outro. Como dois vadios da noite, eles estavam embaixo da neve fina que caía.

— Ah, mas Dybbuk, você nos deixou muito preocupados—disse Benjamin, com sua voz excitadíssima —, e olhe para você, você está lindo.

— Não, não pense que isso é o que você está vendo, Benjamin — disse eu. — Ande logo com essas ferramentas, quebre o gelo, e me cubra com a colcha. Foi Sybelle quem pegou a marreta de ferro e cabo de madeira e, com as duas mãos, desceu-a, quebrando imediatamente a macia camada superior de gelo. Benjamin golpeava o gelo com a picareta como se fosse uma pequena máquina, batendo à esquerda e à direita sem parar, mandando estilhaços pelos ares.

O vento fazia o cabelo de Sybelle açoitar-lhe os olhos. A neve grudava em suas pálpebras.

Segurei a imagem, uma criança indefesa vestida de cetim, com mãos róseas e macias viradas para cima e incapaz de ajudá-los.

— Não chore, Dybbuk—disse Benjamin, pegando com as duas mãos uma enorme lasca de gelo. — Vamos tirá-lo daí, não chore, você agora é nosso. Nós o temos.

Jogou de lado a faiscante lâmina denteada, depois pareceu congelar, mais duro que qualquer gelo, fitando-me, sua boca

formando um perfeito O de espanto.

— Dybbuk, você está mudando de cor! — exclamou. Esticou o braço para tocar meu rosto ilusório.

— Não faça isso, Benji — disse Sybelle.

Era a primeira vez que eu ouvia a voz dela, e agora vi a calma corajosa e determinada de seu semblante pálido, o vento fazendo-a chorar, embora ela continuasse firme.

Ela tirou o gelo de meu cabelo.

Senti uma friagem terrível, aplacando o calor, sim, mas levando-me às lágrimas. Seriam lágrimas de sangue?

— Não olhem para mim — disse eu. — Benji, Sybelle, olhem para o outro lado. Ponham-me só a coberta nas mãos.

Ela me fitou apertando os olhos, desobedientemente, uma das mãos fechando a gola da camisola fina de algodão para proteger-se da friagem, a outra acima de mim.

— O que lhe aconteceu desde que veio para nós?-perguntou ela com a voz mais meiga. — Quem fez isso com você?

Engoli em seco e fiz a visão voltar. Fiz com que saísse de todos os meus poros, como se meu corpo fosse um único órgão respiratório.

— Não, não faça mais isso-disse Sybelle.— Isso o enfraquece e você sofre demais.

— Posso sarar, minha doçura — eu disse. — Prometo que posso. Eu não serei sempre assim, nem por pouco tempo. Só me tire desse telhado. Tire-me desse frio e leve-me aonde o sol não possa me pegar de novo. Foi o sol que fez isso. Só o sol. Leve-me, por favor. Eu não posso andar. Não posso me arrastar. Sou uma coisa noturna. Esconda-me no escuro.

— Chega, não fale mais nada — exclamou Benji.

Abri os olhos e vi uma onda de um azul brilhante estender-se em cima de mim como se um céu de verão tivesse descido para me cobrir. Senti o pêlo macio do veludo, e até isso era dor, dor na pele ardida, mas era uma dor que podia ser suportada porque eu tinha as mãos zelosas deles pousadas em mim, e por isso, por seu toque, por seu amor, eu suportaria qualquer coisa.

Senti que me levantavam. Eu sabia que estava leve, no entanto, como era horrível ser tão indefeso, enquanto eles me enrolavam.

— Não sou suficientemente leve para vocês me carregarem?— perguntei. Minha cabeça havia caído para trás e eu podia ver a neve de novo, e imaginei que, quando aguçasse a visão, poderia também ver as estrelas no céu esperando além da névoa de um pequeno planeta.

— Não tenha medo — murmurou Sybelle, os lábios junto à coberta. O cheiro do sangue deles de repente era rico e denso como mel.

Os dois me levantaram nos braços e correram juntos pelo telhado. Eu estava livre da neve e do gelo incômodos, quase livre para sempre. Não podia me deixar pensar no sangue deles. Não podia deixar esse corpo voraz impor sua vontade. Isso era impensável.

Descemos pela escada de ferro, dando uma volta atrás da outra, os pés deles batendo nos degraus frágeis, meu corpo chocado e latejando de agonia. Eu podia ver o teto ali em cima, e então o cheiro do sangue dos dois misturado me acabrunhou, e fechei os olhos e cerrei os dedos queimados, ouvindo a carne coriácea estalar quando fiz isso. Enterrei as unhas nas palmas da mão.

Ouvi Sybelle em meu ouvido.

— Estamos com você, estamos segurando você com força, não vamos deixá-lo ir embora. Não é longe. Ah, Deus, mas olhe só para você, olhe o que o sol fez com você.

— Não olhe! — disse Benji irritado. — Apenas corra! Acha que um Dybbuk poderoso como esse não sabe o que você pensa? Seja sábia, ande logo.

Eles haviam chegado ao andar térreo e à janela quebrada. Senti Sybelle pegando-me no colo e ouvi a voz de Benji vindo de mais longe, já sem ecoar em paredes fechadas.

— Pronto, agora pode me dar o Dybbuk, eu agüento! = Quão furioso e excitado ele parecia, mas ela pulara a janela comigo, posso dizer isso, embora minha cabeça de Dybbuk inteligente

estivesse completamente esgotada, e eu não tivesse consciência de mais nada senão dor e sangue e mais dor e sangue e que eles estavam correndo por um beco escuro de onde não dava para ver nada do Paraíso.

Mas que doce era aquilo! Aquele balanço, o vaivém de minhas pernas queimadas e o toque macio dos dedos doces de Sybelle através do cobertor, tudo isso era perversamente maravilhoso. Já não era mais dor, era apenas sensação. A coberta caiu em meu rosto.

Eles iam andando depressa pela neve. Benji escorregou uma vez e gritou, e Sybelle segurou-o. Ele recobrou o fôlego.

Que esforço era para eles andar assim naquela neve. Eles precisavam sair dessa.

Entramos no hotel onde eles moravam. Um bafo de ar quente e pungente saiu para nos envolver assim que as portas começaram a se abrir e antes que se fechassem, as batidas secas dos sapatinhos de Sybelle e o arrastar apressado das sandálias de Benji ressoando pela portaria.

Com uma súbita explosão de agonia percorrendo minhas pernas e minhas costas, senti-me dobrado em dois, a cabeça próxima aos joelhos, quando entramos no elevador.

Segurei o grito na garganta. Nada poderia ter menos importância. O elevador, cheirando a motores velhos e óleo de verdade, iniciou sua sacudida viagem para cima.

— Chegamos em casa, Dybbuk-disse Benji com aquele hálito quente em meu rosto, sua mãozinha me segurando através da colcha e apertando dolorosamente meu couro cabeludo.

— Estamos a salvo agora, capturamos você e o temos.

Tilintar de fechaduras, passos em assoalho de madeira, cheiro de incenso e velas, de um perfume forte de mulher, de verniz rico para coisas finas, de telas antigas com a pintura a óleo rachada, de lírios brancos frescos e excessivamente doces.

Meu corpo foi colocado delicadamente na cama de baixo, o cobertor afrouxado de modo que afundei em camadas de seda e veludo, os travesseiros parecendo derreter embaixo de mim.

Era exatamente aquele ninho amarfanhado onde eu a vislumbrara com o olho da mente, dourada e dormindo com sua camisola branca, e ela o cedera para esse horror.

— Não tire a coberta-disse eu. Eu sabia que meu amiguinho queria muito fazer isso.

Sem se intimidar, ele delicadamente a puxou. Lutei para pegá-la, para puxá-la novamente com a mão que estava se refazendo, mas só consegui dobrar meus dedos queimados.

Os dois ficaram ao lado da cama, olhando para mim. A luz girava em volta deles, misturados com o calor, essas duas criaturas frágeis, a macilenta menina de porcelana, já sem as equimoses na pele branca como leite, e o arabezinho, o menino beduíno, pois agora eu percebia que ele era isso mesmo. Sem medo, eles ficaram olhando para o que devia ser uma visão inefável para olhos humanos enxergarem.

— Você é tão lustroso! — disse Benji. — Dói?

— O que podemos fazer! — disse Sybelle, tão baixinho, como se sua voz pudesse me fazer mal. Ela tapava a boca com as mãos. As mechas rebeldes de seu cabelo liso e claro balançavam na luz, e seus braços estavam roxos da friagem da rua, e ela não conseguia deixar de tiritar. Pobre ser magro, tão delicado. Sua camisola estava amassada, algodão branco fino, com florezinhas aplicadas e debruada com uma renda resistente e fina, uma camisola de virgem. Seus olhos transbordavam simpatia.

— Conheça a minha alma, meu anjo-disse eu. — Sou uma coisa má. Deus não me quis. E nem o Diabo. Entrei no sol para que eles pudessem ter a minha alma. Foi uma coisa amorosa, sem medo do fogo do Inferno nem da dor. Mas essa terra, essa terra aqui tem sido a minha prisão purgatorial. Não sei como cheguei a você antes. Não sei que poder me deu esses breves segundos para estar aqui no seu quarto e me interpor entre você e a morte que assomava como uma sombra sobre você.

— Ah, não! — murmurou ela com medo, os olhos faiscando naquela claridade fraca do quarto. — Ele nunca me mataria.

— Ah, mataria sim! — disse eu, e Benjamin disse exatamente a mesma coisa junto comigo.

— Ele estava bêbado e não se preocupava com o que fazia — disse Benji furioso. — E as mãos dele eram grandes, desajeitadas e más e ele não se preocupava com o que fazia, e, depois da última vez em que bateu em você, você Ficou duas horas imóvel feito morta nessa cama mesmo! Acha que um Dybbuk mata seu irmão por nada?

— Acho que ele está lhe dizendo a verdade, minha linda — disse eu. Era difícil falar. Com cada palavra eu tinha de levantar o peito. Louco de desespero, de repente eu quis um espelho. Agitei-me e virei-me na cama, e me contraí de dor.

Os dois entraram em pânico.

— Não se mexa, Dybbuk, não! — protestou Benji. — Sybelle, a seda, pegue todos os lenços de seda e enrole-o com eles.

— Não! — murmurei. — Cubram-me com a colcha. Se precisam ver meu rosto, deixem-no sem nada, mas cubram o resto de meu corpo. Ou...

— Ou o que, Dybbuk, diga?

— Levantem-me para que eu possa ver como estou. Ponham-me diante de um espelho comprido.

Eles se calaram perplexos. O cabelo louro de Sybelle caía escorrido sobre seu busto farto. Benji mordia o beicinho.

O quarto inteiro girava colorido. Veja a seda azul grudada à argamassa das paredes, as pilhas de travesseiros ricamente enfeitados em volta de mim, olhe a franja dourada, e mais adiante os pingentes balouçantes do lustre, de todas as cores brilhantes do espectro. Imaginei ouvir uma música de vidro tilintando quando esses pingentes encostavam uns nos outros. Em minha cabeça fraca e perturbada, parecia que eu nunca vira um esplendor tão simples, que eu havia esquecido quão brilhante e refinado era o mundo.

Fechei os olhos, guardando no coração uma imagem do quarto. Inspirei a doce fragrância dos lírios para não sentir o cheiro do sangue deles.

— Vocês me deixariam ver essas flores?-perguntei. Estariam meus lábios carbonizados? Podiam eles ver minhas presas, e estariam elas amareladas do fogo? Eu flutuava em cima daquelas sedas. Flutuava e parecia que agora podia sonhar, a salvo, a salvo

mesmo. Os lírios estavam perto. Tornei a esticar o braço. Senti as pétalas em minhas mãos e as lágrimas escorreram. Seriam de sangue? Tomara que não, mas ouvi a franca exclamação de espanto de Benji e o sussurro macio de Sybelle para fazê-lo calar-se. — Eu era um rapaz de dezessete anos acho eu, quando isso aconteceu — falei. — Foi há centenas de anos. Eu era jovem, mesmo. Meu Mestre, amoroso. Não acreditava que fôssemos coisas más. Achava que podíamos nos alimentar dos maus. Se eu não estivesse morrendo aquilo não teria acontecido tão cedo. Ele queria que eu conhecesse coisas, que estivesse preparado. Abri os olhos. Eles estavam enfeitiçados! Viram de novo o rapaz que fui. Eu fizera aquilo sem intenção.

— Ah, tão bonito — disse Benji. — Tão maravilhoso, Dybbuk. — Rapazinho — suspirei, sentindo a frágil ilusão ao meu redor desmanchar-se no ar —, chame-me pelo meu nome de agora em diante. Eu não me chamo Dybbuk. Acho que vocês tiraram esse nome dos hebreus da Palestina.

Ele riu. Não se esquivou quando voltei à minha forma medonha. — Então diga o seu nome — pediu.

Eu disse.

— Armand — disse Sybelle. — Diga, o que podemos fazer? Se não lenços de seda, então unguentos, babosa, babosa há de curar as suas queimaduras. Ri, mas baixinho, uma risada só de gentileza.

— Minha babosa é sangue, menina. Preciso de um homem mau, um homem que mereça morrer. Agora, como hei de achá-lo?

— O que o sangue dele vai fazer?—perguntou Benji. Ele estava sentado ao meu lado, debruçando-se sobre mim como se eu fosse o mais fascinante dos espécimens. — Sabe,Armand, você é preto como piche, é feito de couro preto, parece aquelas pessoas que eles pescam nos pântanos na Europa, todas brilhantes, com tudo grudado por dentro. Eu podia ter uma aula sobre músculos olhando para você.

— Benji, pare — disse Sybelle, lutando com a desaprovação e o susto. Precisamos pensar em como pegar um homem mau.

— Está falando sério? — perguntou ele, olhando para ela. Ela estava de mãos postas, como se estivesse rezando. — Sybelle, isso

não é nada. O difícil é nos livrarmos dele depois. — Ele olhou para mim. — Sabe o que fizemos com o irmão dela?

Ela tapou os ouvidos e abaixou a cabeça. Quantas vezes eu fizera essa mesma coisa quando parecia que uma torrente de palavras e imagens iria me destruir completamente.

— Você está tão lustroso, Armand — disse Benji. — Mas posso lhe arranjar um homem mau sem problema, não é nada. Quer um homem mau? Vamos fazer um plano.

Ele se debruçou em cima de mim, como se estivesse tentando espiar dentro do meu cérebro. Percebi de repente que ele estava olhando as minhas presas. — Benji — eu disse. — Não se aproxime mais. Sybelle, leve-o embora. — Mas o que eu fiz?

— Nada — disse ela. Baixou a voz, e disse desesperadamente: — Ele está com fome.

— Levante de novo as cobertas, quer fazer isso?-perguntei. — Levante-as e olhe para mim e deixe-me olhar nos seus olhos, e deixe que isso seja meu espelho. Quero ver a gravidade disso.

— Humm, Armand — disse Benji. — Acho que você é louco.

Sybelle abaixou-se e, com as mãos cautelosas, levantou a colcha e jogou a de lado, expondo meu corpo todo.

Entrei na mente dela.

Aquilo era pior do que eu imaginara.

O horror brilhante de um cadáver tirado do lodo, como Benji havia dito, era absolutamente verdadeiro, a não ser pelo horror da cabeça com aqueles cabelos avermelhados e aqueles imensos olhos sem pálpebras, uma dentadura perfeita de dentes brancos atrás de lábios totalmente murchos. O rosto de pele preta e chupada como uma passa coriácea estava riscado com o sangue das lágrimas que eu havia chorado.

Bati a cabeça na cama e afundei-a no travesseiro macio. Senti a colcha me cobrir.

— Isso não pode continuar para vocês, mesmo que pudesse para mim disse eu. — Não é algo que eu queira que vocês vejam mais um pouco, pois quanto mais conviverem com isso, mais probabilidade terão de conviver com qualquer coisa. Não. Isso não pode continuar.

— Qualquer coisa — disse Sybelle. Ela se abaixou ao meu lado. — Minha mão é fresca se eu a colocar na sua testa? É delicada para tocar em seu cabelo? Olhei para ela com um olho só que era um rasgo apertado.

Seu pescoço esguio era parte de seu encanto trêmulo e macilento. Seus seios eram voluptuosos e armes. Mais adiante, naquele reflexo aconchegante do quarto, vi o piano. Pensei nesses dedos longos e delicados tocando as teclas. Escutei mentalmente o palpitar da *Appassionata*.

Ouviu-se barulho metálico, uma fricção, um estalo, e o ar ficou impregnado com um cheiro de fumo de boa qualidade.

Benji andava de um lado para o outro atrás dela, com o cigarro na boca. — Tenho um plano — anunciou, discursando sem esforço com o cigarro firmemente seguro entre os lábios. — Saio na rua. Encontro logo um cara mau. Digo a ele que estou sozinho aqui nesse apartamento de hotel com um sujeito totalmente bêbado e temos um monte de cocaína para vender e não sei o que fazer e preciso que alguém me ajude. Comecei a rir apesar da dor.

O pequeno beduíno encolheu os ombros e ergueu as mãos, soltando a fumaça do fumo preto que se enroscava em volta dele como uma nuvem mágica.

— O que acha? Vai funcionar. Olhe, sou um bom juiz de caráter. Agora você, Sybelle, não atrapalhe e me deixe conduzir esse saco de imundície miserável, esse bandido que eu atrair para a minha armadilha até essa cama aqui, e lhe dar um murro na cara, assim, passar-lhe uma rasteira, e ele cair, toim, bem nos seus braços, Armand, o que acha disso?

— E se der errado? — perguntei.

— Então a minha linda Sybelle lhe senta uma marretada na cabeça.

— Tenho uma idéia melhor — disse eu —, embora Deus saiba que o que você acaba de imaginar é de uma inteligência insuperável. Você diz a ele, obviamente, que a cocaína está em saquinhos plásticos bem arrumadinhos embaixo da colcha, mas se ele não acreditar e vier aqui para ver com os próprios olhos, então deixe nossa linda Sybelle simplesmente me descobrir, e quando vir

o que tem mesmo nessa cama, ele vai dar o fora daqui sem pensar em fazer mal a ninguém!

— É isso aí! — exclamou Sybelle. Ela bateu palmas. Seus olhos azul-claros estavam arregalados.

— Mas preste atenção, não saia com nenhum tostão no bolso. Se ao menos tivéssemos um pouquinho desse pó branco nocivo para atrair a fera.

— Mas nós temos — disse Sybelle. — Temos só isso, um pouquinho que tirei do bolso do meu irmão. — Ela me olhou pensativa, sem me ver mas passando o plano pela espiral apertada de sua mente dócil. — Tiramos tudo dele para que, quando o largarmos para ser encontrado, não achem nada com ele. Tanta gente é largada assim em Nova York.

Naturalmente deu um trabalhão arrastá-lo.

— Mas temos esse pó nocivo, sim! — disse Benji, segurando subitamente o ombro de Sybelle e sumindo de minha vista para voltar num segundo com uma pequena cigarreira prateada.

— Ponha isso aqui, onde eu possa cheirar o que tem dentro — disse eu. Deu para ver que nenhum deles sabia ao certo.

Benji abriu a caixa fina de prata. Lá dentro, num saquinho de plástico impecavelmente dobrado, estava o pó exatamente com o cheiro que eu queria que tivesse. Não precisei prová-lo com a língua, na qual o açúcar teria um sabor igualmente estranho.

— Está ótimo. Mas joguem fora a metade na pia, para sobrar só um pouquinho, e deixem a cigarreira aqui, senão vocês ainda topam com algum idiota que os matará por causa dela.

Sybelle estremeceu visivelmente com medo. — Benji, vou com você.

— Não, isso seria a maior insensatez — disse eu. — Ele pode fugir de qualquer pessoa muito mais depressa sem você.

— Ah, você está certíssimo! — disse Benji, dando a última tragada no cigarro e apagando-o num grande cinzeiro de vidro ao lado da cama, onde uma dúzia de outras guimbas brancas amassadas aguardavam aquela. — E quantas vezes eu digo isso a ela quando saio no meio da noite para comprar cigarro? Ela ouve?

Ele saiu sem esperar pela resposta. Ouvi a água escorrendo da torneira. Ele estava jogando fora metade da cocaína. Deixei meus olhos percorrerem o quarto, afastando-se daquele anjo da guarda terno cheio de sangue.

— Tem pessoas boas por natureza — disse eu —, que gostam de ajudar os outros. Você é uma delas, Sybelle. Não descansarei enquanto você viver. Estarei ao seu lado.

Estarei sempre presente para guardá-la e retribuir o que fez por mim. Ela sorriu.

Eu estava espantado.

Seu rosto magro, com aqueles lábios pálidos e bem-feitos, abriu-se no sorriso mais fresco e mais sadio, como se o descaso e o sofrimento nunca a tivessem corroído.

— Você será meu anjo da guarda, Armand? — perguntou ela.
— Sempre.

— Estou saindo — anunciou Benji. Com uma estalo e uma fricção, ele acendeu outro cigarro. Seus pulmões deviam ser sacos de carvão. — Vou à noite. Mas se o filho da mãe estiver doente ou sujo ou...

— Para mim não quer dizer nada. Sangue é sangue. Apenas traga-o para mim. Não tente dar essa rasteira extravagante. Espere até tê-lo aqui ao lado da cama, e quando ele for levantar a cobertura, você, Sybelle, torna a abaixá-la, e você, Benji, o empurra com toda a força, fazendo-o dar com as canelas na cama e cair em meus braços.

Depois disso, vou tê-lo.

Benji dirigiu-se para a porta.

— Espere — eu disse. Com aquela gula, o que eu estava pensando? Olhei para o rosto calado e risonho dela, depois para ele, a pequena máquina soltando a fumaça do cigarro preto, sem nada para se proteger daquele frio violento da rua a não ser o maldito djellaba.

— Não, isso precisa ser feito — disse Sybelle de olhos arregalados. — E Benji escolherá um homem bem mau, não, Benji? Um homem mau que quer roubá-lo e matá-lo.

— Eu sei aonde ir — disse Benji com um sorrisinho de lado. — Apenas façam o jogo de vocês quando eu voltar. Cubra-o, Sybelle. Não olhem para o relógio. Não se preocupem comigo.

Lá saiu ele, batendo a pesada porta, o que automaticamente a trancava. Então estava chegando. Sangue, sangue vermelho e grosso. Estava chegando, e seria quente e delicioso, sangue de um homem inteiro, e estava chegando, estava chegando em segundos.

Fechei os olhos, e, ao abri-los, deixei o quarto tomar forma novamente com suas cortinas azul-celeste em cada janela, caindo em pregas fartas até o chão, um grande tapete oval com guirlandas de rosas repolhudas. E ela, esse espeto de menina, olhando para mim com seu sorriso simples e doce, como se o crime da noite nada fosse para ela.

Ela se ajoelhou ao meu lado, perigosamente perto, e tornou a tocar delicadamente em meu cabelo. Seus seios macios e soltos encostaram em meu braço. Li seus pensamentos como se lesse sua mão, penetrando em camada após camada de seu inconsciente, tornando a ver a estrada escura e sinuosa serpeando pelo vale do Jordão, e os pais correndo muito para aquela escuridão atroz e aquelas curvas fechadas e aqueles motoristas árabes que vinham correndo mais ainda, fazendo com que cada encontro de faróis se tornasse uma disputa desagradável.

— Para comer peixe do Mar da Galiléia — disse ela, o olhar me deixando. — Eu queria. Foi idéia minha ir lá. Tínhamos mais um dia na Terra Santa, e dizem que de Jerusalém a Nazaré é longe, e eu disse: “Mas ele andou sobre as águas.” Para mim essa sempre foi a história mais estranha. Você conhece?

— Conheço — respondi.

— Diz que Ele estava andando em cima d’água, como se tivesse esquecido que os apóstolos estavam lá ou que qualquer um podia vê-lo, e eles, do barco, disseram “Senhor!”, e Ele se assustou. Um milagre tão estranho, como se fosse uma coisa... casual. Fui eu quem quis ir. Fui eu quem quis comer peixe fresco recém-pescado nas mesmas águas em que Pedro e os outros pescaram. Foi responsabilidade minha. Ah, não diga que foi culpa minha eles terem morrido. Foi responsabilidade minha. E estávamos todos

voltando para minha grande noite no Carnegie Hall, e a gravadora estava preparada para gravar a apresentação, ao vivo. Eu já tinha gravado um disco, sabe. Fez muito mais sucesso que se esperava. Mas aquela noite... essa noite nunca aconteceu, isto é, eu ia tocar a Appassionata. Era tudo o que me importava. Eu adoro as outras sonatas, a Sonata ao luar, a Pathétique, mas para mim realmente era a Appassionata. Meu pai e minha mãe estavam orgulhosíssimos. Mas meu irmão, era sempre ele que brigava, que me arranjava o tempo, o espaço, o bom piano, os professores de que eu precisava. Foi ele quem os fez ver, mas aí, obviamente, ele não tinha vida nenhuma, e todos nós vimos o que ia acontecer. Discutíamos isso à noite em volta da mesa, que ele precisava ter vida própria, não era bom ficar trabalhando para mim, mas aí ele dizia que eu precisaria dele durante muitos anos, eu nem podia imaginar. Ele administrava as gravações, as apresentações, o repertório e os cachês que pedíamos. Os agentes não eram de confiança. Eu não tinha idéia, dizia ele, de quão alto eu chegaria.

Ela fez uma pausa, pondo a cabeça de lado, o semblante honesto porém ainda simples.

— Isso não foi uma decisão minha, entende — disse ela. — Eu não queria fazer mais nada. Eles estavam mortos. Eu não queria sair. Não queria atender o telefone. Não queria tocar mais nada. Não queria ouvir o que ele dizia. Não queria fazer planos. Não queria comer. Não queria mudar de roupa. Só tocava a Appassionata.

— Entendo — eu disse.

— Ele trouxe Benji para tomar conta de mim. Eu sempre me perguntei como. Acho que Benji foi comprado, sabe, comprado com dinheiro.

— Eu sei.

— Acho que foi isso que aconteceu. Ele não podia me deixar sozinha, disse, nem no King David, que era o hotel...

— Sim.

... porque dizia que eu ia ficar nua na frente da janela, ou não ia deixar a empregada entrar, e ia ficar tocando piano no meio da noite e ele não ia conseguir dormir.

Então arranjou Benji. Eu amo Benji.

— Eu sei.

— Sempre fiz o que Benji mandava. Ele nunca ousou bater em Benji. Só no final é que começou a me machucar mesmo. Antes era só uns tapas e uns chutes. Ou me puxava o cabelo. Ele me agarrava pelo cabelo, segurava todo o meu cabelo com uma das mãos e me atirava no chão. Sempre fazia isso. Mas não ousava bater em Benji. Sabia que se batesse nele eu ficaria gritando. Mas às vezes, quando Benji tentava fazê-lo parar... Mas não tenho muita certeza disso porque ele me deixava muito tonta.

Minha cabeça doía.

— Entendo — disse eu. — Claro, ele tinha batido em Benji.

Ela meditou, calada, os olhos ainda arregalados e brilhantes sem estarem rasos d'água nem franzidos.

— Somos iguais, você e eu-murmurou ela, olhando para mim. Estava com a mão perto de meu rosto, e com muita delicadeza apertou-o com a ponta macia do dedo indicador.

— Iguais? — perguntei. — Em que você pode estar pensando?
— Monstros — disse ela. — Filhos.

Sorri. Mas ela não. Parecia estar devaneando.

— Fiquei tão feliz quando você chegou — disse ela. — Eu soube que ele estava morto. Soube quando você estava na ponta do piano e olhou para mim. Soube quando você ficou ali me ouvindo. Fiquei felicíssima que tivesse alguém capaz de matá-lo.

— Faça isso para mim — eu disse.

— O quê? — ela perguntou. — Armand, farei qualquer coisa.

— Vá para o piano agora. Toque para mim. Toque a Appassionata. — Mas e o plano?-perguntou ela com uma vozinha surpresa. — O homem mau, ele já está vindo.

— Deixe isso comigo e com Benji. Não se vire para olhar. Apenas toque a Appassionata.

— Não, por favor — pediu ela gentilmente.

— Mas por que não? — perguntei. — Por que você precisa passar por uma provação dessas?

— Você não entende-disse ela com olhos arregaladíssimos. — Quero ver.

Benji acabara de voltar lá embaixo. O som distante de sua voz, quase inaudível para Sybelle, imediatamente rechaçou a dor de toda a superfície de meus membros.

— Foi isso o que quis dizer, entende — ia dizendo ele —, está tudo embaixo do cadáver, e a gente não quer levantar o cadáver, e sendo você um policial, você sabe, sendo do serviço antidrogas, eles disseram que saberia cuidar disso...

Comecei a rir. Ele realmente estava se sentindo orgulhoso. Olhei de novo para Sybelle, que me fitava com uma expressão calma e decidida, de profunda inteligência e reflexão.

— Cubra meu rosto — disse eu — e saia de perto. Ele está nos trazendo um perfeito príncipe dos malandros. Depressa.

Ela agiu logo. Eu já sentia o cheiro dessa vítima, embora ela ainda estivesse subindo no elevador, conversando com Benji em termos pouco prudentes.

— E isso tudo vocês têm nesse apartamento, e não há ninguém mais nisso? Ah, ele era uma beleza. Eu escutava o assassino naquela voz.

— Eu lhe contei tudo — disse Benji com a maior naturalidade. — Você só me dá uma ajuda com isso, sabe, não posso deixar a polícia vir aqui ! — Baixinho. — Esse é um hotel bom. Como eu ia saber que esse cara ia morrer aqui! A gente não usa pó, pode ficar com ele, só tire o corpo daqui. Agora, deixe-me lhe dizer...A porta do elevador abriu no nosso andar. esse corpo está todo desfigurado, então não venha chorando para cima de mim quando o vir. — Chorando para cima de você — resmungou a vítima com voz abafada. Ouviam-se os passos dos dois andando rápido no tapete.

Benji fingiu que estava atrapalhado com as chaves.

— Sybelle — gritou ele para alertar-nos. — Sybelle, abra a porta. — Não abra — disse eu baixo.

— Claro que não — respondeu a moça com uma voz aveludada. O tambor da grande fechadura girou.

— E esse cara vem morrer por acaso aqui em cima no quarto de vocês com todo esse pó.

— Bem, não exatamente — disse Benji —, mas você fez um trato comigo, não? Espero que respeite esse trato.

— Olhe, seu pivetinho, eu não fiz trato nenhum com você.

— Tudo bem, então talvez eu chame a polícia normal. Conheço você. Todo mundo no bar conhece, sabe quem é você, você está sempre por lá. O que vai fazer, chefe? Me matar?

A porta fechou depois que eles entraram. O cheiro do sangue do homem inundou o apartamento. Ele estava encharcado de conhaque e também tinha aquela cocaína venenosa nas veias, mas nada disso fazia a mínima diferença para minha sede purificadora. Eu mal conseguia me conter. Senti meus membros se retesarem e tentarem dobrar embaixo da colcha.

— Ora, ela não é uma perfeita princesa? — disse ele, tendo obviamente batido o olho em Sybelle. Sybelle não respondeu.

— Deixe-a para lá, vá olhar ali embaixo da colcha. Sybelle, venha cá para perto de mim. Venha, Sybelle.

— Ali embaixo? Você está me dizendo que o corpo está ali embaixo e que a cocaína está embaixo do corpo?

— Quantas vezes preciso lhe dizer? — perguntou Benji, sem dúvida com aquele movimento de ombros característico. — Olhe, o que você não está entendendo eu gostaria de saber. Você não quer essa cocaína? Eu dou para alguém. Vou ficar muito popular lá no seu bar predileto. Vamos, Sybelle, esse homem está dizendo que vai ajudar, depois não ajuda, fala, fala, fala, típica sacanagem de político.

— Quem você está chamando de sacana, garoto? — perguntou o homem fingindo gentileza, o cheiro do conhaque se intensificando. — Esse é um palavreado grosso para um garoto do seu tamanho. Que idade você tem, menino? Como diabos entrou nesse país? Anda sempre com essa camisola?

— Claro, pode me chamar de Lawrence da Arábia-disse Benji. — Sybelle, venha cá.

Eu não queria que ela fosse. Queria vê-la o mais longe disso possível. Ela não se mexeu, e fiquei muito contente com isso.

— Gosto das minhas roupas — continuou Benji. Baforada de fumaça doce de cigarro. — Eu devia me vestir como os garotos daqui, suponho, usar jeans? Como se eu devesse.

Meu povo se vestia assim quando Maomé estava no deserto.

— Nada como o progresso-disse o homem com um profundo riso gutural. Ele se aproximou da cama com passos rápidos e secos. O cheiro de sangue era tão bom que eu sentia os poros de minha pele queimada se abrirem para ele.

Usei uma ínfima parte de minha força para formar uma imagem telepática dele através dos olhos de Sybelle e Benji — um homem de olhos castanhos, pele amarelada, faces macilentas, cabelo castanho rareando, vestido com um terno italiano de seda preta brilhosa feito à mão, abotoaduras faiscantes de brilhante nos punhos de linho. Ele estava irrequieto, coçando os flancos, quase sem conseguir ficar parado, o cérebro um tumulto atordoado de humor, cinismo e curiosidade louca. Seus olhos estavam ávidos e alegres. A crueldade superava tudo, e parecia haver nele um forte traço de genuína loucura alimentada pela droga.

Ele usava seus assassinatos com tanto orgulho quanto usava aquele terno de príncipe e aquelas reluzentes botas marrons.

Sybelle aproximou-se da cama, o perfume doce e penetrante de sua carne pura misturando-se ao cheiro mais pesado e mais forte do homem. Mas era o sangue dele que eu saboreava, que deixava minha boca ressequida aguando. Mal consegui conter um suspiro ali embaixo das cobertas. Senti meus membros quase saírem dançando daquela paralisia dolorosa.

O vilão estava avaliando o local, olhando de um lado para o outro através das portas abertas, tentando escutar outras vozes, discutindo se deveria dar uma busca nesse quarto de hotel extravagantemente atulhado e confuso antes de fazer qualquer coisa. Seus dedos não paravam quietos. Num lampejo de pensamento sem palavras, captei rapidamente que ele havia cheirado a cocaína que Benji trouxera, e estava querendo mais imediatamente.

— Puxa, você é uma linda jovem — disse ele para Sybelle. — Quer que eu levante a colcha? — perguntou ela.

Senti o cheiro da pequena pistola que ele trazia enfiada na bota de couro de cano longo, e a outra arma, muito elegante e moderna, uma coleção distintamente diferente de cheiros metálicos, no coldre embaixo de seu braço. Eu também sentia cheiro de dinheiro nele. Aquele inconfundível cheiro rançoso de notas sujas.

— Vamos, seu covarde — disse Benji. — Quer que eu levante a coberta? É só dizer quando. Você vai ficar realmente surpreso, pode acreditar!

— Não tem corpo nenhum aí embaixo-disse ele com um riso escarninho. — Por que a gente não senta e tem uma conversinha? Esse lugar não é realmente a sua casa, é? Acho que vocês, crianças, precisam de um pouco de orientação paterna.

— O corpo está todo esturricado — disse Benji. — Não fique enjoado. — Esturricado? — disse o homem.

Foi a mão esguia de Sybelle que de repente puxou a coberta. O ar frio escorregou em minha pele. Olhei para o homem que recuou, um grito semi estrangulado preso na garganta. — Pelo amor de Deus!

Meu corpo deu um pulo para cima, atraído pela gorda fonte de sangue como uma marionete medonha presa a cordéis puxados com violência. Dei-lhe um encontrão, depois enterrei as unhas queimadas em seu pescoço e envolvi-o com o outro braço num abraço agonizante, minha língua procurando o sangue que escorria das unhas enquanto eu inspirava e, ignorando a ardência em meu rosto, abri bem a boca e cravei as presas.

Agora eu o tinha.

Sua altura, sua força, seus ombros fortes, suas mãos enormes me apertando para machucar, nada disso poderia ajudá-lo. Eu o tinha. Chupei o primeiro gole de sangue e achei que iria desfalecer. Mas meu corpo não permitiria isso. Meu corpo estava preso ao dele como se fosse uma coisa com tentáculos vorazes.

Imediatamente, seus pensamentos enlouquecidos e luminosos me colocaram num turbilhão fascinante de imagens de Nova York, de crueldade descuidada e horror grotesco, de energia desenfreada provocada pela droga e pela alegria sinistra. Deixei as imagens me

inundarem. Eu não podia buscar a morte rápida. Precisava ter cada gota de sangue que havia dentro dele, e, para isso, o coração não podia parar de pulsar; não podia desistir.

Se algum dia eu havia provado um sangue forte assim, doce e salgado, eu não me lembrava. Não há como a memória registrar uma delícia dessas, o êxtase absoluto dessa sede saciada, da fome aplacada, da solidão dissolvida nesse abraço quente e íntimo, no qual o som de minha própria respiração agitada e forçada me apavoraria se eu me importasse com isso.

Fiz um barulho tremendo, pantagruélico. Meus dedos massagearam seus músculos grossos, minhas narinas pressionavam sua pele mimada, cheirando a sabonete.

— Humm, amo você, não vou machucá-lo por nada nesse mundo, está sentindo isso, é doce, não? — Eu falava com ele baixinho por cima das poças rasas de sangue deslumbrante.

— Humm, sim, tão doce, melhor que o mais fino dos conhaques, hummm...

Chocado e incrédulo, ele de repente se soltou completamente, rendendo-se ao delírio que eu atijava com cada palavra. Rasguei seu pescoço, alargando o ferimento, rompendo mais a artéria. O sangue jorrou de novo.

Um intenso calafrio percorreu minhas costas, desceu-me pelos braços e passou para as nádegas e as pernas. Era um misto de dor e prazer enquanto o sangue quente e vivo ia penetrando nas microfibras de minha pele murcha, engordando os músculos sob a carne esturricada, chegando mesmo em minha medula óssea. Mais, eu precisava de mais sangue.

— Continue vivo, você não quer morrer, continue vivo — cantarolei esfregando os dedos no cabelo dele, sentindo que agora minha mão não era mais aquela mão de pterodáctilo que fora até há pouco. Ah, meus dedos estavam quentes; era de novo aquele fogo por todo o meu corpo, era o fogo ardendo em meus membros queimados, agora a morte tinha de chegar, eu não conseguia mais suportar isso, mas um pináculo fora atingido, e agora isso era passado e uma imensa dor tranqüilizadora me percorreu.

Meu rosto estava cheio e fervilhando. Minha boca, também cheia de novo e de novo, e agora eu engolia sem esforço.

— Ah, sim, vivo, você é tão forte, tão maravilhosamente forte... — murmurei. — Humm, não, não se vá... ainda não, não chegou a hora.

Os joelhos dele se dobraram. Ele foi escorregando lentamente para o tapete, e eu com ele, encostando-o delicadamente na cama e deixando-o cair ao meu lado, de modo que ficamos deitados como amantes entrelaçados. Havia mais, muito mais, muito mais do que eu poderia beber em meu estado normal, mais do que algum dia pude querer.

Mesmo quando eu era uma cria gulosa e nova, nas raras ocasiões em que tomava duas ou três vítimas numa noite, jamais bebi tão profundamente de nenhuma delas. Eu agora estava bebendo a borra saborosa e escura, chupando os próprios vasos em coágulos doces que derretiam na língua.

— Ah, você é tão precioso, sim, sim.

Mas seu coração já não agüentava mais. Batia cada vez mais devagar, entrando num ritmo fatal e irrecuperável. Dei-lhe uma dentada no rosto, puxando a pele para cima, lambendo o rico emaranhado de vasos rompidos que cobria seu crânio. Havia tanto sangue ali, tanto sangue atrás dos tecidos da face. Chupei as fibras e cuspi-as exangues e brancas, vendo-as caírem no chão como pelancas inúteis.

Eu queria o coração e o cérebro. Eu havia visto os antigos tomarem-nos. Eu sabia agora. Uma vez vi a romana Pandora atacar bem no peito.

Fui atrás do coração. Espantado ao ver minha mão completamente recuperada embora de um tom marrom-escuro, contraí os dedos formando uma espátula e enterrei-a nele, rasgando o linho e quebrando o esterno, e alcançando suas entranhas moles até pegar o coração e segurá-lo como eu vira Pandora fazer. Chupei-o. Ah, era cheio de sangue. Que magnífico! Chupei-o até deixá-lo como uma passa e larguei-o.

Fiquei tão imóvel como ele, ao seu lado, a mão direita em sua nuca, a cabeça encostada em seu peito, meu fôlego voltando em

suspiros pesados. O sangue dançava dentro de mim. Senti meus braços e minhas pernas se agitando. Espasmos me percorriam, de modo que a visão de sua carcaça morta cintilava em meus olhos.

— Ah, que doçura de irmão-murmurei. — Uma doçura de irmão. — Rolei no chão. Eu ouvia o rugido de seu sangue em meus ouvidos, sentia-o passando por meu crânio, formigando em minhas faces e nas palmas de minhas mãos. Ah, bom, bom demais, deliciosamente bom demais.

— Bandido, humm? — Era a voz de Benji, ao longe no mundo dos vivos. Lá longe, em outro mundo onde pianos deviam ser tocados e garotinhos deviam dançar, estavam os dois, como figuras pintadas e destacadas contra a luz instável do quarto, simplesmente me olhando, ele, o malandro do deserto com seu refinado cigarro preto, soltando baforadas e estalando os lábios e erguendo as sobrancelhas, e ela apenas flutuando, ao que parecia, decidida e pensativa como antes, sem estar chocada, talvez sem ter sido afetada.

Sentei-me e puxei os joelhos para cima. Fiquei em pé, apenas apoiando-me rapidamente na cama para me equilibrar. Eu estava nu, olhando para ela. Seus olhos tinham um brilho cinzento rico e profundo, e ela riu ao olhar para mim.

— Ah, magnífico — murmurou ela.

— Magnífico? — disse eu. Ergui minhas mãos e afastei o cabelo do rosto. — Leve-me até o espelho. Depressa. Estou com sede. Já estou com sede de novo. Começara. Isso não era mentira. Em estado de choque, olhei para o espelho.

Eu já havia visto espécimens destruídos assim, mas cada um de nós fica destruído à sua maneira, e, por razões alquímicas que eu não poderia revelar, eu era uma criatura escura, da cor exata do chocolate, com olhos impressionantemente brancos de pupilas de um marrom avermelhado. Meus mamilos eram pretos como passas. Minhas faces eram dolorosamente macilentas, minhas costelas, perfeitamente definidas sob minha pele reluzente, e as veias, as veias tão repletas de ação fervilhante que pareciam cordas ao longo de meus braços e de minhas panturrilhas. Meu cabelo, obviamente,

nunca fora tão lustroso, tão cheio, uma coisa tão jovem e naturalmente boa.

Abri a boca. Estava morrendo de sede. Toda a carne despertada cantava de sede e me amaldiçoava com isso. Era como se mil células esmagadas e mudas estivessem agora cantando por sangue.

— Preciso de mais. Preciso. Fiquem longe de mim. — Passei correndo por Benji, que só faltou dançar ao meu lado.

— O que você quer, o que posso fazer por você? Vou pegar outro. — Não, eu vou sozinho. — Caí em cima da vítima e afrouxei sua gravata de seda. Desabotoei depressa os botões de sua camisa.

Benji logo abaixou para tirar-lhe o cinto. Sybelle, ajoelhada, puxou-lhe as botas.

— A arma, cuidado com a arma — avisei. — Sybelle, afaste-se dele. — Estou vendo a arma — disse ela num tom de censura. Colocou-a de lado cuidadosamente, como se fosse um peixe recém-pescado que pudesse cair de suas mãos. Tirou-lhe as meias. — Armand, essas roupas — disse ela — são grandes demais.

— Benji, você tem algum sapato? — perguntei. — Meu pé é pequeno. Levantei-me e vesti a camisa às pressas, abotoando-a com uma rapidez que os deixou fascinados.

— Não fique aí me olhando, vá buscar os sapatos — disse eu. Vesti as calças, fechei o zíper, e, com a ajuda dos dedos ágeis de Sybelle, afivelei o cinto de couro. Apertei-o ao máximo. Isso serviria.

Ela se abaixou diante de mim, seu vestido uma grande roda de formosura florida a cercá-la, e arregaçou as pernas da calça deixando à mostra meus pés escuros descalços.

Eu vestira a camisa sem precisar abrir as requintadas abotoaduras.

Benji jogou no chão os sapatos pretos, finos mocassins da Bally, que ele nunca usara, aquele miseravelzinho divino. Sybelle pegou uma meia para calçar em mim, Benji, a outra.

Quando vesti o paletó, fiquei pronto. A doce comichão em minhas veias parara. A dor voltara e começava a rugir, como se eu

estivesse costurado com fogo, e a bruxa com a agulha puxasse a linha com força, para me fazer tremer.

— Uma toalha, meus caros, alguma coisa velha, comum. Não, não façam isso, não nessa época, não pensem nisso.

Cheio de asco, olhei para a pele lívida dele. Ele fitava o teto, os pêlos das narinas muito pretos contra sua pele murcha e horrenda, os dentes amarelos sobre o lábio descorado. O cabelo em seu peito era um enxame baço no suor da morte, e junto à enorme chaga estava aquela passa que fora o seu coração, ah, esta era a evidência maligna que precisava ser obliterada do mundo por princípio.

Abaixei-me e tornei a enfiar os restos de seu coração em sua cavidade torácica. Cuspi no ferimento e esfreguei-o com os dedos.

Benji ficou espantado.

— Olhe os cortes cicatrizando, Sybelle — exclamou ele.

— Mais ou menos-falei. — Ele está muito frio, muito vazio. — Olhei em volta. Lá estavam a carteira do homem, papéis, uma bolsa de couro, montes de notas verdinhas presas com um prendedor de prata. Juntei tudo isso. Enfiei o dinheiro dobrado num bolso e o resto no outro. O que mais ele possuía? Cigarros, um canivete mortal e as armas, ah, sim, as armas.

Pus isso tudo no bolso do paletó.

Engolindo a náusea, abaixei-me e peguei-o, esse homem medonho, flácido e branco de tristes cuecas de seda, com um vistoso relógio de ouro. Minha antiga força estava mesmo voltando. Ele era pesado, mas consegui facilmente colocá-lo às costas.

— O que vai fazer; aonde vai?-gritou Sybelle. — Armand, você não pode nos deixar.

— Você vai voltar! — disse Benji. — Olhe, dê-me esse relógio, não jogue fora o relógio do homem.

— Sshhh, Benji — murmurou Sybelle. — Você sabe muito bem que lhe comprei os melhores relógios. Não toque nele. Armand, o que podemos fazer para ajudá-lo? — Ela veio para perto de mim. — Olhe! — disse apontando para o braço do cadáver balançando bem embaixo de meu cotovelo direito. — Ele tem as unhas feitas. Que incrível.

— Ah, sim, ele sempre se cuidou muito — disse Benji. — Você sabe que o relógio vale cinco mil dólares.

— Silêncio sobre o relógio — disse ela. — Não queremos as coisas dele. Ela tornou a olhar para mim. — Armand, você ainda continua mudando. Seu rosto está ficando mais cheio.

— É, e dói — disse eu. — Esperem-me. Preparem um quarto escuro para mim. Voltarei logo que tiver me alimentado. Preciso me alimentar agora, e muito para eliminar as cicatrizes que ficaram. Abram a porta para mim.

— Deixe-me ver se tem alguém lá fora — disse Benji correndo responsabilmente para a porta.

Saí no corredor, carregando facilmente o pobre defunto, seus braços brancos pendurados, balançando e batendo ligeiramente em mim.

Que figura eu estava com essas roupas folgadas! Devia estar parecendo um daqueles estudantes malucos e poéticos depois de passar numa loja de roupas usadas para comprar as melhores becas, saindo de sapato novo bem elegante para ir à cata das bandas de rock.

— Não tem ninguém ali, meu amiguinho — disse eu. — São três da manhã e o hotel está dormindo. E, se tenho razão, aquela é a porta da escada de incêndio, lá no final do corredor, certo? Também não tem ninguém na escada de incêndio.

— Ah, Armand esperto, você me encanta! — disse ele. Apertou os olhinhos pretos. Ficou pulando no corredor acarpetado. — Dê-me o relógio! — pediu. — Não — disse eu.

— Ela está certa. É rica e eu também e você também. Não fique mendigando.

— Armand, vamos esperar por você — disse Sybelle da porta. — Benji, entre imediatamente.

— Ah, agora ouça-a. Como ela acorda! Como ela fala! “Benji, entre”, ela diz. Ei, amor, você não tem nada para fazer agora, como talvez tocar piano? Ela não conseguiu conter uma pequena gargalhada. Sorri. Que estranha dupla eles formavam. Não acreditavam no que viam. Mas isso era bem típico deste século. Eu

queria saber quando eles começariam a ver, e, tendo visto, quando começariam a gritar.

— Sybelle — disse eu. — O que as mulheres querem tantas vezes ouvir e esperam tanto para ouvir? Eu a amo.

Deixei-os, descendo correndo, passando o defunto para o outro ombro quando um lado ficava muito dolorido. A dor passava por mim em ondas. O choque do ar gelado da rua foi escaldante.

— Alimentar-me — murmurei. E o que iria eu fazer com ele? Ele estava demasiado nu para andar na Quinta Avenida.

Tirei seu relógio porque era a única identificação que sobrara nele, e, quase vomitando com o nojo da proximidade daqueles despojos fétidos, peguei-o pela mão e fui arrastando-o pela rua. Asfalto molhado.

Em segundos eu andara dois quarteirões, e, encontrando uma viela plausível, com um portão alto para impedir a entrada dos mendigos noturnos, trepei depressa na grade E joguei a carcaça do outro lado da viela. O corpo caiu na neve que derretia. Eu estava livre dele.

Agora eu precisava de sangue. Não havia tempo para aquele velho jogo de atrair os que queriam morrer, os que realmente estavam ansiosos para receber o meu abraço, os que já estavam apaixonados pelo país distante da morte sobre o qual eles nada sabiam.

Eu precisava ir me arrastando aos tropeções ao lado do alvo, com aquele paletó de seda mal-ajambrado e aquelas calças arregaçadas, cabelo comprido a esconder o rosto, pobre garoto deslumbrado, perfeito para sua faca, sua arma, seu punho.

Não demorou.

O primeiro foi um bêbado infeliz que vinha andando e me encheu de perguntas antes de revelar a lâmina faiscante e partir para cravá-la em mim. Eu o empurrei contra o prédio e me alimentei como um glutão.

O seguinte foi um jovem desesperado comum, cheio de pústulas, que já matara duas vezes para obter a heroína de que precisava tão desesperadamente quanto eu precisava do sangue maldito dentro dele.

Bebi mais devagar.

As piores cicatrizes em meu corpo reagiam com bastante resistência , coçando, latejando e só lentamente desaparecendo. Mas a sede, a sede não passava. Meus intestinos revolviam-se como se estivessem devorando a si mesmos. Meus olhos latejavam de dor.

Mas a cidade fria e úmida, tão barulhenta, ficava cada vez mais brilhante para mim. Eu podia ouvir vozes a quarteirões de distância e pequenos alto-falantes em prédios altos. Podia ver as verdadeiras e inumeráveis estrelas além das nuvens que se dispersavam.

Eu estava quase voltando a ser o que eu era. Então quem virá a mim agora, pensei, nessa hora vazia e desolada antes da aurora, quando a neve está derretendo com o ar mais quente e as luzes de néon já se apagaram todas, e o jornal úmido voa como folhas por uma floresta listrada e congelada? Peguei todos os artigos preciosos que pertenceram a minha primeira vítima e joguei-os fora em lixeiras salteadas pela rua. Um último assassino, sim, por favor, destino, dê-me isso, enquanto há tempo, e ele veio mesmo, maldito idiota, saindo de um carro enquanto atrás dele o motorista aguardava, o motor ligado. — Por que está demorando tanto? — perguntou o motorista afinal. — Por nada-disse eu, largando o amigo dele.

Debrucei-me na janela para olhar para ele. Ele era mau e cretino como o companheiro. Jogou a mão para o alto, mas sem defesa e tarde demais. Atirei-o no assento de couro e bebia agora por prazer completo, prazer puro, doce e louco. Caminhei lentamente pela noite, braços abertos, olhos voltados para o céu. Das negras chaminés esparsas na rua iluminada saía a fumaça branca e pura das casas aquecidas embaixo. Os sacos de lixo compunham uma exibição fantástica e moderna nos meios-fios das calçadas cinzentas. — Árvores jovens e tenras, com folhinhas perenes como pinceladas de um verde vivo na noite, envergavam seus troncos finos ao vento uivante. Por toda a parte, as portas de vidro dos prédios de fachada de granito continham o esplendor radiante de portarias ricas. Vitrines exibiam seus diamantes

faiscantes, peles lustrosas e casacos e vestidos bem cortados em manequins de estanho sem rosto e com toucados imponentes. A catedral era um lugar apagado e silencioso com torres cobertas de geada: e arcos antigos pontiagudos, a calçada limpa onde eu ficara na manhã em que o sol me pegou. Demorando-me ali, fechei os olhos, tentando talvez lembrar a surpresa e o mistério, a coragem e a esperança gloriosa.

Em vez disso, vieram, límpidas e claras pela escuridão, as notas prístinas da *Appassionata*. Perturbadora, retumbante, acelerada, a música estrondosa veio me chamar de volta para casa. Segui-a. O relógio na recepção do hotel dava seis horas. A escuridão invernal se dissiparia em poucos instantes como o gelo que me aprisionara. O comprido balcão polido estava deserto na penumbra.

Num espelho de moldura rococó dourada, eu me vi, pálido e liso e imaculado. Ah, como o sol e o gelo, cada um de uma vez, divertiram-se comigo, a fúria de um congelada pelas garras implacáveis do outro. Não ficara uma só cicatriz onde a pele queimara até o músculo. Uma coisa colada e compacta com uma agonia inteiriça por dentro, eu estava todo regenerado, com unhas brancas e transparentes, pestanas reviradas em volta dos olhos castanhos, e roupas boas miseravelmente sujas e mal-ajambradas no velho e vigoroso querubim familiar.

Nunca antes eu ficara grato por ver minha cara demasiado jovem, meu queixo demasiado imberbe, minhas mãos demasiado macias e delicadas. Mas eu poderia ter agradecido aos deuses antigos por ter asas neste momento.

Lá em cima, a música continuava, tão imponente, expressando tanta tragédia e lascívia e espírito destemido. Eu adorava tanto essa música. No mundo inteiro, quem poderia tocar algum dia a mesma sonata como ela, cada frase tão fresca como o canto que os pássaros cantam a vida inteira e que é o único que eles sabem.

Olhei em volta. Era um lugar elegante, caro, de lambris antigos e poltronas fundas, e chaves guardadas em escaninhos de madeira escura e manchada. Um grande vaso de flores, a

indefectível marca registrada do hotel antigo de Nova York, era colocado audaciosamente e magnificamente no meio da sala, em cima de uma mesa redonda de tampo de mármore. Passei ao lado do arranjo, arrancando um grande lírio cor-de-rosa com um profundo tubo vermelho e pétalas enroladas e amarelas por fora, e subi calado pela escada de incêndio ao encontro de meus filhos.

Ela não parou de tocar quando Benji me deixou entrar.

— Você está com uma aparência ótima, Anjo — disse ele.

Ela continuava tocando, a cabeça balançando natural e perfeitamente no ritmo da sonata.

Ele me conduziu por uma série de quartos decorados com requinte. O meu era suntuoso demais, murmurei, vendo a colcha bordada e os travesseiros de um gracioso lamê dourado velho e surrado. Eu só estava precisando de uma escuridão perfeita.

— Mas é o menos suntuoso que temos — disse ele, dando de ombros. Ele agora vestia um roupão de linho branco forrado com uma bela listra azul, de um tipo que eu já vira muito em terras árabes. Usava meias brancas com as sandálias marrons. Fumava seu cigarrinho turco e apertou os olhos para me enxergar através da fumaça.

— Você me trouxe o relógio, não! — Ele balançou a cabeça afirmativamente, todo sarcástico e divertido.

— Não — disse eu. Pus a mão no bolso. — Mas pode ficar com o dinheiro. Diga-me, você já tem uma mente trancadíssima e eu não tenho chave, alguém viu você trazer cá para cima esse vilão que andava com distintivo e armado?

— Eu o vejo sempre — disse ele com um gesto cansado.

— Saímos do bar separados. Matei dois coelhos com uma cajadada só. Sou muito esperto.

— Como assim? — perguntei. Pus o lírio na mãozinha dele.

— O irmão de Sybelle comprava com ele. Esse tira foi o único cara que sentiu falta dele. — Deu uma risadinha. Espetou o lírio nos cachos grossos em cima da orelha esquerda, depois tirou-o dali e ficou girando o pequeno cálice entre os dedos. — Esperto, não? Agora ninguém, pergunta quem ele é.

— Ah, de fato, dois coelhos com uma cajadada só, tem razão.
— disse eu. — Embora eu tenha certeza de que nisso há muito mais coisas.

— Mas você vai nos ajudar agora, não vai?

— Vou sim. Sou muito rico, já lhe disse. Vou consertar as coisas. Tenho instinto para isso. Tive um grande teatro numa cidade longínqua, e depois disso uma ilha de lojas elegantes e outras coisas desse tipo. Sou um monstro em muitas soorancema e dando-me uma rápida piscadela. Deu uma tragada em seu cigarro aparentemente saboroso e me ofereceu outra. Sua mão esquerda mantinha o lírio a salvo.

— Não posso. Só bebo sangue — disse eu. — Um vampiro normal como manda o figurino. Preciso de escuridão total durante o dia, que já está chegando. Você não deve tocar nessa porta.

— Rá! — ele riu com um prazer travesso. — Foi isso o que eu disse a ela! — Ele revirou os olhos e olhou na direção da sala.— Eu disse que precisávamos roubar imediatamente um caixão para você, mas ela disse não, você pensaria nisso.

— Como ela estava certa! O quarto vai servir. Mas eu gosto muito de caixões. Gosto mesmo.

— E você pode nos transformar em vampiros também?

— Ah, nunca. De jeito nenhum. Vocês são puros de coração e vivos demais, e eu não tenho este poder. Isso nunca foi feito. Não pode ser.

Ele tornou a dar de ombros.

— Então quem criou você? — perguntou ele.

— Eu nasci de um ovo preto — disse eu. — Todos nascemos. Ele deu uma gargalhada escarninha.

— Bem, você já viu o resto — disse eu. — Por que não acreditar na melhor parte?

Ele apenas sorriu e soltou a fumaça, e olhou para mim com a cara mais safada.

O piano cascadeava sonoramente, as notas rápidas dissolvendo-se tão depressa quanto nasciam, tão parecidas com os locos de neve fininhos, esvanecendo-se antes de bater no chão.

— Posso beijá-la antes de ir dormir? — perguntei. Ele pôs a cabeça de lado e deu de ombros.

— Se não gostar, ela não vai parar de tocar para dizer.

Entrei na sala. Como tudo era claro! O desenho imponente de paisagens francesas suntuosas com suas nuvens douradas e céus azul-cobalto, os vasos chineses em suas bases, as cortinas de veludo penduradas em varas de bronze altas em cima das estreitas janelas antigas. Vi tudo isso de uma vez, incluindo a cama onde eu estivera deitado, agora cheia de colchas macias e travesseiros bordados com rostos antigos.

E ela, o diamante central de tudo aquilo, com uma camisola comprida de flanela branca, com uma rica barra de renda irlandesa antiga nos punhos e na bainha, tocando seu piano laqueado de cauda inteira com dedos ágeis e seguros, o cabelo um grande reflexo amarelo em volta dos ombros.

Beijei seus cachos perfumados, e depois sua garganta tenra, e captei seu sorriso e seu olhar infantis enquanto ela tocava, virando para trás a cabeça que encostou na frente de meu paletó.

Envolvei seu pescoço com os braços. Ela se apoiou em mim. De braços cruzados, segurei-a pela cintura. Senti o movimento de seus ombros acompanhando seus dedos rápidos.

Ousei cantarolar a música baixinho, de boca fechada, e ela cantarolou comigo. . — Appassionata — sussurrei em seu ouvido. Eu estava chorando. Não queria tocá-la com sangue. Ela era limpa demais, bonita demais. Virei a cabeça. Ela continuou tocando. Suas mãos martelavam o final tempestuoso. Fez-se um silêncio, brusco e cristalino como a música que o precedera. Ela se virou e jogou os braços em volta de mim, e me estreitou e me disse as palavras que jamais ouvi mortal algum dizer em toda a minha longa vida imortal:

Armand, eu o amo.

23

Preciso dizer que eles são os companheiros perfeitos?

Nenhum deles ligava para os assassinatos. Jamais consegui entender isso. Eles ligavam para outras coisas, como a paz mundial,

os pobres e sofredores sem-teto no frio do inverno nova-iorquino que chegava ao fim, o preço dos medicamentos para os doentes e para o horror que era o fato de Israel e Palestina viverem em guerra um com o outro. Mas eles não ligavam a mínima para os horrores que viam com os próprios olhos. Não ligavam que eu matasse todas as noites para beber sangue, que eu só vivesse de sangue e nada mais, e que eu fosse uma criatura ligada por minha própria natureza à destruição humana.

Eles não se importavam a mínima com o irmão morto (o nome dele era Fox , por sinal, e é melhor não mencionar o sobrenome de minha linda menina).

Na verdade, se este texto algum dia vir à luz do mundo real, você vai ter de mudar o nome dela e o de Benjamin.

No entanto, isso agora não me preocupa. Não consigo pensar no destino dessas páginas, a não ser que são principalmente para ela, como já lhe mencionei ,e, se me for permitido lhes dar um título, acho que será Sinfonia para Sybelle. Não, por favor, entenda que não amo menos Benji. É só que não tenho o mesmo sentimento de proteção esmagador para com ele. Sei que Benji viverá uma vida ótima e cheia de aventuras, não importa o que acontecer comigo ou com Sybelle, nem mesmo com os tempos. Está na natureza flexível e resistente dos beduínos. Ele é um verdadeiro filho das tendas e das areias sopradas pelo vento, embora, no caso dele, a casa fosse um triste casebre de blocos de concreto de cinzas na periferia de Jerusalém onde ele induzia turistas a posarem para fotos superfaturadas com ele e um camelo imundo que rosnava.

Ele foi mesmo raptado por Fox nos termos criminosos de um contrato de longo prazo de servidão pelo qual Fox pagou ao pai de Benji cinco mil dólares. Um passaporte falso de emigração foi incluído no trato. Ele era o gênio da tribo, sem dúvida, estava dividido quanto a ir para casa e aprender nas ruas de Nova York a roubar, fumar e praguejar, nessa ordem. Embora jurasse de pés juntos que não sabia ler, ele sabia, e começou a fazê-lo obsessivamente quando fui lhe dando livros. De fato, ele sabia ler

inglês, hebraico e árabe, tendo lido esses três idiomas nos jornais de sua terra desde que se entendia.

Adorava cuidar de Sybelle. Cuidava para que ela comesse, bebesse leite, tomasse banho e trocasse de roupa quando nenhuma dessas tarefas rotineiras lhe interessavam.

Orgulhava-se de poder obter, através de sua inteligência, tudo de que ela precisava, independentemente do que acontecesse com ela.

Era seu testa-de-ferro com o hotel, gratificando as empregadas, tendo conversas normais na recepção, que incluíam mentiras bem urdidas sobre o paradeiro do falecido Fox, que, na saga sem fim de Benji, virara um fabuloso viajante do mundo e um fotógrafo amador. Lidava com o afinador de piano, que era chamado uma vez por semana porque o piano ficava junto à janela, exposto ao sol e ao frio, e também porque Sybelle realmente o martelava com uma fúria que de fato impressionaria o grande Beethoven.

Telefonava para o banco, onde todos os funcionários achavam que ele fosse o irmão mais velho dela, David, pronunciado Davüd, e depois se apresentava no caixa para sacar como o pequeno Benjamin.

Depois de várias noites conversando com ele, convenci-me de que poderia lhe dar uma formação tão boa quanto Marius me dera, e que ele acabaria podendo escolher a universidade, a profissão ou os hobbies que desejasse. Não superestimei as cartas que tinha na mão. Mas antes que a semana terminasse, eu estava sonhando com internatos para ele de onde poderia sair como um conquistador social da costa leste americana com seu blazer azul de botões dourados.

Eu o amo o bastante para arrancar cada membro de quem encostar um dedo nele.

Mas entre mim e Sybelle existe uma simpatia que às vezes engana mortais e imortais a vida inteira. Conheço Sybelle. Conheço-a. Conheci-a da primeira vez que a ouvi tocar, e conheço-a agora, e não estaria aqui com você se ela não estivesse sob a proteção de

Marius. Enquanto Sybelle viver, nunca me separarei dela, e não há nada que ela possa vir a me pedir que eu não faça.

Sofrerei uma dor inefável no dia em que Sybelle inevitavelmente morrer. Mas isso é algo que precisa ser suportado. Não tenho escolha. Não sou a criatura que eu era quando deparei com o Sudário de Verônica, quando entrei no sol.

Sou outra pessoa, e essa pessoa se apaixonou perdidamente por Sybelle e Benjamin e não pode voltar atrás.

Obviamente tenho consciência plena de que esse amor me faz bem. Sendo mais feliz do que jamais fui em toda a minha existência mortal, ganhei muita força tendo esses dois como companheiros. A situação é quase perfeita demais para não ser obra do acaso. pôs as mãos nas teclas, não quis saber de mais nada. E sua "carreira", do modo como foi tão generosamente planejada para ela por seus orgulhosos pais e pelo ardentemente ambicioso Fox, nunca significou grande coisa para ela.

Fosse ela pobre, talvez o reconhecimento fosse indispensável para o seu caso de amor com o piano, pois lhe proporcionaria a necessária fuga das tediosas armadilhas e rotinas domésticas. Mas pobre ela nunca foi. E, do fundo do coração, tanto se lhe dá se as pessoas ouvem a sua música ou não.

Basta ela ouvi-la e saber que não está incomodando os outros.

No velho hotel, cheio principalmente de quartos alugados ao dia, com apenas um punhado de inquilinos suficientemente ricos para lá residirem ano após ano, como fazia a família de Sybelle, ela pode tocar para sempre sem perturbar ninguém.

E depois da trágica morte de seus pais, depois que perdeu as duas únicas testemunhas que tinham intimidade com seu desenvolvimento, ela simplesmente não pôde mais cooperar com os planos de Fox para sua carreira.

Bem, tudo isso eu entendi, quase desde o início. Entendi em sua incessante repetição da Sonata nº 23, e acho que se você a ouvisse também entenderia. Quero que a ouça.

Entenda, Sybelle não se perturbará se outras pessoas se reunirem para ouvi-la. Ela não se incomodará se for gravada. Se outras pessoas gostam de ouvi-la tocar e lhe dizem isso, ela fica

encantada. Mas isso é uma coisa simples com ela. “Ah, então você está gostando”, ela pensa. “Não é linda?” Foi isso o que me disse com os olhos e os sorrisos na primeira vez que dela me aproximei.

E, antes de prosseguir — e tenho mais coisas a dizer sobre meus filhos, suponho que deveria fazer essa pergunta: Como me aproximei dela? Como fui parar em seu apartamento naquela manhã fatídica, quando Dora estava na catedral discursando para o povo sobre o Véu milagroso, e eu, tendo o sangue em minhas veias entrado em combustão, estava de fato subindo aos céus como um foguete.

Não sei. Tenho explicações sobrenaturais bastante cansativas cuja leitura lembra os compêndios escritos por membros da Sociedade para o Estudo dos Fenômenos Mediúnicos, ou o roteiro para Mulder e Scully no programa de televisão chamado Arquivo X. Ou uma pasta secreta sobre o caso nos arquivos da ordem dos detetives mediúnicos chamada Talamasca.

Claramente, vejo dessa maneira. Tenho as maiores habilidades para fazer feitiços, deslocar minha visão e transmitir minha imagem para qualquer distância e para afetar tanto a matéria que estiver próxima quanto a que não estiver à vista. Naquela viagem matinal rumo às nuvens, de alguma forma, devo ter usado esse poder. Ele deve ter sido afastado de mim num momento de dor cruciante quando para todos os efeitos eu estava perturbado e completamente inconsciente do que estava acontecendo comigo. Talvez tenha sido uma última recusa desesperada de aceitar a possibilidade da morte ou da situação terrível, tão perto da morte, em que eu me encontrava.

Isto é, tendo caído no telhado, todo queimado e num sofrimento inefável, devo ter procurado uma fuga mental desesperada, projetando minha imagem e minha força no apartamento de Sybelle por um tempo que foi suficiente para matar seu irmão. Seguramente, os espíritos podem exercer sobre a matéria uma pressão suficiente para transformá-la. Logo, talvez eu tenha feito exatamente isso — projetado-me na forma de espírito e posto as mãos na substância que era Fox, e matado-o.

Mas eu não acredito realmente nisso tudo. Vou lhe dizer por quê.

Em primeiro lugar, embora Sybelle e Benjamin não sejam especialistas, apesar de todo aquele desprendimento aparente de quem sabe das coisas, no que diz respeito à morte e à subsequente análise da perícia, ambos insistiram que o corpo de Fox estava exangue quando livraram-se dele. Apareciam as perfurações em seu pescoço.

Em suma, eles acreditam até agora que eu estive lá, em forma substancial, e que realmente bebi o sangue de Fox.

Agora, uma imagem projetada não serve, pelo menos até onde eu sei. Não, ela não pode devorar o sangue de todo um sistema circulatório e depois se dissolver, voltando à cicatriz da mente de onde veio. Não, não é possível.

Obviamente Sybelle e Benji poderiam estar errados. O que sabem eles sobre sangue e corpos? Mas o fato é que eles deixaram Fox morto ali uns dois dias, ou pelo menos foi isso o que disseram, enquanto aguardavam a volta do Dybbuk ou Anjo que iria ajudá-los, eles tinham certeza. Eles não notavam essas coisas.

Ah, isso me faz doer o cérebro! O fato é que não sei como cheguei ao apartamento deles, nem por quê. Não sei o que aconteceu. E sei, como já disse, que, no que diz respeito à experiência toda — tudo o que vi e senti na grande catedral de Kiev restaurada, um lugar impossível —, era tão real quanto o que conheci no apartamento de Sybelle.

Há um outro pequeno ponto que, apesar de pequeno, é crucial. Depois que matei Fox, Benji realmente viu meu corpo caindo do céu. Ele me viu, da mesma forma como eu o vi, da janela.

Há uma possibilidade muito terrível. É a seguinte: eu ia morrer naquela manhã. Isso ia acontecer. Minha ascensão foi impelida por uma imensa vontade e um imenso amor a Deus, amor esse que não ponho em dúvida ao ditar essas palavras agora.

Mas talvez, no instante crucial, minha coragem tenha fraquejado. Meu corpo fraquejou. E procurando um abrigo do sol, algum modo de frustrar o meu martírio, dei com a situação de

Sybelle e seu irmão, e, sentindo a grande necessidade que ela tinha de mim, comecei a cair na direção do telheiro onde a neve e o gelo logo me cobriram. Minha visita a Sybellè poderia ter sido, segundo essa interpretação, apenas uma ilusão passageira, uma poderosa projeção do eu, como já disse, um desejo realizado da necessidade dessa menina instável e vulnerável que estava para ser fatalmente espancada pelo irmão.

Quanto a Fox, matei-o, sem dúvida. Mas ele morreu de medo, de parada cardíaca, talvez, da pressão de minhas mãos ilusórias em sua garganta frágil, do poder da telecinesia ou sugestão.

Mas como já afirmei, não acredito nisso.

Eu estava lá na catedral em Kiev. Quebrei o ovo com os polegares. Vi o pássaro voar.

Sei que minha mãe estava ao meu lado, sei que meu pai derrubou o cálice. Sei porque sei que nenhuma parte minha poderia ter imaginado uma coisa dessas. E sei também porque as cores que vi então e a música que ouvi não eram compostas de coisa alguma que eu já tivesse experimentado.

Agora, eu simplesmente nunca tive sonho algum sobre o qual eu possa dizer isso. Quando rezei a missa na cidade de Vladimir, eu estava num reino feito de ingredientes que simplesmente não estão à disposição de minha imaginação.

Não quero dizer nada mas sobre esse assunto. É muito doloroso e muito terrível tentar analisar isso. Eu não quis isso, não conscientemente, e não tive nenhum poder consciente sobre o que aconteceu. Simplesmente aconteceu.

Se pudesse, eu esqueceria isso completamente. Estou tão extraordinariamente feliz com Sybelle e Benji que certamente quero esquecer tudo isso enquanto eles forem vivos. Só quero estar com eles, como tenho estado desde a noite que descrevi para você.

Como vê, não me apressei em vir aqui. Tendo voltado às fileiras dos perigosos Não Mortos, era muito fácil para mim discernir das mentes errantes dos outros vampiros que Lestat estava em segurança aqui em sua prisão, e de fato estava ditando para você toda a história do que aconteceu com ele e o Deus Encarnado e Memnoch, o Diabo.

Foi muito fácil para mim discernir, sem revelar minha presença, que havia um mundo inteiro de vampiros chorando por mim com mais angústia e mais lágrimas do que eu jamais previra. .

Portanto, certo da segurança de Lestat, desconcertado mas aliviado com o misterioso fato de seu olho roubado lhe ter sido devolvido, eu estava à vontade para ficar com Sybelle e Benji, e fiz isso.

Com Benji e Sybelle, voltei a estar no mundo de uma forma que eu não estava desde que minha cria, minha única cria, Daniel Molloy, deixou-me. Meu amor por Daniel nunca foi inteiramente honesto, foi sempre perversamente possessivo e muito misturado com meu ódio do mundo como um todo, e minha confusão em face dos tempos modernos desconcertantes que começaram a se abrir para mim quando emergi no final do século XVIII das catacumbas nos subterrâneos de Paris.

O próprio Daniel não precisava do mundo, e viera para mim com fome de nosso Sangue Negro, impressionado com histórias grotescas que Louis de Pointe du Lac lhe contara.

Cumulando-o de luxos, eu só o enjoava com doces mortais de modo que ele acabou dando as costas para as riquezas que eu lhe oferecia e tornando-se um vagabundo. Louco, perambulando todo andrajoso pelas ruas, ele quase morreu de tanto que se isolou do mundo, e eu, fraco, confuso, atormentado por sua beleza, e desejando o homem vivo e não o vampiro que ele poderia se tornar, só o trouxe para nós através do Truque Negro porque do contrário ele teria morrido.

Não fui nenhum Marius para ele depois. Aconteceu tudo muito exatamente como supus: no fundo, ele me abominava por tê-lo iniciado na Morte Viva, por tê-lo transformado numa noite em imortal e num completo assassino.

Como homem mortal, ele não tinha idéia real do preço que pagamos pelo que somos nem queria saber da verdade; ele fugia da verdade em sonhos agitados e perambulações rancorosas.

E assim foi como eu temia. Criando-o para ser meu par, criei um amante que me via ainda mais claramente como um monstro.

Não havia inocência para nós, não havia primavera. Não havia a menor chance, por mais lindos que fossem os jardins por onde perambulávamos ao crepúsculo. Nossas almas estavam fora de sintonia, nossos desejos, cruzados, e nossos ressentimentos demasiado comuns e bem irrigados para a floração final. Agora é diferente.

Passei dois meses em Nova York com Sybelle e Benji, vivendo como eu jamais havia vivido, desde aquelas longínquas noites com Marius em Veneza. Sybelle é rica, acho que já lhe contei, mas só tem uma riqueza trabalhosa e tediosa, com uma renda que dá para pagar seu apartamento exorbitante e as refeições levadas no quarto, com uma margem para roupas finas, ingressos para a sinfonia e uma eventual orgia de gastos.

Eu sou fabulosamente rico. Então a primeira coisa que fiz, com prazer, foi cumular Sybelle e Benjamin com todas as riquezas com que outrora eu cumulara Daniel Molloy, com um resultado muito melhor.

Eles adoraram.

Sybelle, quando não estava tocando piano, não fazia nenhuma objeção a ir comigo e com Benji ao cinema, ou aos concertos e à ópera. Ela adorava balé, e adorava levar Benji aos melhores restaurantes, onde ele se tornou uma maravilha constante para os garçons com aquela sua vozinha viva e entusiasmada e aquele jeito cantante de dizer o nome dos pratos, franceses ou italianos, e pedir vinhos datados que eles lhe serviam, sem fazer perguntas, apesar de todas as leis bem intencionadas que proíbem servir bebidas alcoólicas a crianças.

Eu também adorava isso, obviamente, e fiquei encantado ao descobrir que Sybelle também de vez em quando achava divertido me vestir, escolher nas prateleiras, apontando rapidamente com o dedo, paletós, camisas e coisas desse gênero, e selecionar em bandejas de veludo para mim todos os tipos de anéis, abotoaduras, correntes e pequenos crucifixos de rubi e ouro, prendedores de dinheiro de ouro maciço e coisas desse tipo.

Era eu quem fazia esse jogo magistral com Daniel Molloy. Sybelle o faz comigo à sua moda sonhadora, enquanto cuido dos

cansativos detalhes do pagamento das contas.

Eu, por minha vez, tenho o prazer supremo de carregar Benji para baixo e para cima como um boneco, e fazer com que ele use todas as roupas e jóias ocidentais da melhor qualidade que compro, pelo menos de vez em quando, durante uma ou duas horas.

Formamos um trio impressionante, nós três jantando no Lutèce ou no Sparks (claro que eu não como) — Benji com seu imaculado camisolão do deserto, ou com um terninho bem cortadíssimo de lapelas estreitas, camisa branca e gravata; eu com meu altamente aceitável veludo antigo e gargantilha de renda antiga puída; e Sybelle com vestidos lindos sempre a transbordar de seu armário, roupas compradas para ela pela mãe e por Fox, modelando o busto farto e a cintura fina e sempre com uma roda mágica em volta de suas pernas compridas, um comprimento que revela a esplêndida curva e a rigidez de sua panturrilha quando ela enfia os pés calçados com meias escuras em sapatos de salto agulha. Os cachos aparados de Benji são sempre aquele halo bizantino para seu rostinho enigmático, ela usa o cabelo solto, e eu uso de novo aquelas longas melenas revoltas que costumavam ser minha vaidade secreta no Renascimento.

Meu maior prazer com Benji é educação. Desde o início, começamos a ter poderosas conversas sobre história e sobre o mundo e nos vimos deitados no tapete do apartamento, olhando mapas, enquanto discutíamos todo o progresso do Ocidente e do Oriente e a inevitável influência do clima, da cultura e da geografia sobre a história da humanidade.

Benji tagarela o tempo todo durante os noticiários da televisão, chamando cada âncora pelo nome na maior intimidade, dando murros de raiva por causa dos atos dos líderes mundiais e chorando por causa da morte de grandes princesas e benfeitores da humanidade. Benji pode assistir às notícias, falar sem parar, comer pipoca, fumar e cantar intermitentemente enquanto Sybelle toca piano, sempre no tom-tudo mais ou menos ao mesmo tempo.

Se começo a olhar a chuva cair como se eu tivesse visto um fantasma, é Benji quem bate no meu braço e diz:

— O que vamos fazer, Armand? Temos três filmes maravilhosos para ver hoje. Estou aborrecido, estou lhe dizendo, aborrecido, porque se formos ao cinema, vamos perder o Pavarotti no Met e vou ficar injuriado.

Muitas vezes nós dois vestimos Sybelle, que olha para nós como se não soubesse o que estamos fazendo. Sempre ficamos conversando com ela no banheiro enquanto ela toma banho, porque, do contrário, ela pode acabar dormindo na banheira, ou simplesmente passar horas lá dentro lavando seus belos seios.

Às vezes, a única coisa que ela diz a noite inteira são frases como: "Benji, amarre os sapatos", ou "Armand, ele roubou a prataria. Mande-o devolver", ou subitamente espantada: "Está quente, não?"

Jamais contei a ninguém a minha história como estou contando aqui para você, mas, conversando com Benji, vi que estava lhe contando muitas coisas que Marius me contou — sobre a natureza humana e a história do direito, sobre pintura e até sobre música.

Foi nessas conversas, mais do que em qualquer outra coisa, que vim perceber nesses últimos dois meses que eu era um ser transformado.

Perdi um certo asfixiante terror sinistro. Não vejo a história como um panorama de desastres, como acho que via antes; e muitas vezes me pego lembrando das previsões generosas e lindamente otimistas de Marius — de que o mundo está sempre melhorando; que a guerra, apesar de toda a tensão que vemos em volta de nós, saiu de moda junto aos que detêm o poder, e logo já não estará mais nas arenas do Terceiro Mundo como já não está nas do Ocidente; e realmente daremos comida aos que têm fome e abrigo aos que não têm teto e cuidaremos dos que precisam de amor.

Com Sybelle, educação e discussão não são a substância de nosso amor. Com Sybelle é intimidade. Não me importo que ela nunca diga nada. Não entro na mente dela.

Ela não quer que ninguém faça isso.

Tão completamente quanto ela me aceita e aceita a minha natureza, eu a aceito e aceito sua obsessão pela Appassionata. Hora após hora, noite após noite, ouço Sybelle tocar, e cada vez que ela começa, percebo as mínimas mudanças de intensidade e expressão que jorram de sua interpretação. Aos poucos, por causa disso, tornei-me o único ouvinte de quem Sybelle já teve consciência.

Aos poucos, tornei-me parte da música de Sybelle. Estou lá com ela e as frases e movimentos da Appassionata. Estou lá e sou uma pessoa que jamais pediu nada a Sybelle senão que ela faça o que tem vontade de fazer e o que sabe fazer com tanta perfeição.

Isso é tudo o que Sybelle precisa fazer para mim — é o que ela fará.

Na hora em que ela quiser subir em “riqueza e aos olhos dos homens”, abrirei “o caminho para ela. Na hora em que ela desejar ficar sozinha, ela não me verá nem me ouvirá. E, na hora em que ela amar um mortal ou uma mortal, farei o que ela desejar que eu faça. Posso viver nas sombras. Idolatrando-a, posso viver para sempre na sombra porque não há sombra quando estou perto dela. ; Sybelle muitas vezes me acompanha quando vou caçar. Ela gosta de me ver matar e me alimentar. Acho que nunca permiti que um mortal fizesse isso. Ela tenta ajudar-me a dar cabo dos despojos ou confundir as provas da causa da morte, mas sou muito forte e rápido e eficiente nisso, portanto, em geral, ela é a testemunha. Procuro evitar levar Benji nessas aventuras porque ele fica excitadíssimo, e isso não lhe faz bem. Quanto a Sybelle, isso simplesmente não a afeta nada. Há outras coisas que eu poderia lhe contar como lidamos com os detalhes do desaparecimento do irmão dela, como transferi imensas somas de dinheiro para o nome dela e abri para Benji fundos em fideicomisso adequados e invioláveis, como comprei para ela uma participação substancial no hotel onde ela mora e coloquei em seu apartamento, que é enorme para um apartamento de hotel, vários outros bons pianos que ela aproveita, e como reservei para mim, a uma distância segura do apartamento, um esconderijo com um caixão que é impossível de encontrar, inexpugnável e indestrutível, e aonde vou de vez em

quando, embora esteja mais acostumado a dormir no quartinho que eles me deram de início, cuja única janela para o poço de ventilação foi bem tapada por cortinas de veludo.

— Mas ao inferno com isso tudo!

— Você sabe o que quero que você saiba.

— O que nos resta senão trazer isso à baila, terminar alegremente nessa noite em que cheguei aqui, entrando no covil dos vampiros com meu irmão e minha irmã, um de cada lado para ver Lestat afinal.

24

Isso tudo é um pouco simples demais, não? Estou falando de minha transformação da criança zelosa em pé na porta da catedral no monstro feliz que, numa noite de primavera na cidade de Nova York, resolveu que estava na hora de ir para o sul procurar seu velho amigo.

Você sabe por que vim aqui.

Deixe-me começar com o início dessa noite. Você estava lá na capela quando cheguei.

Você me cumprimentou com indisfarçado prazer, contentíssimo de me ver vivo e inteiro. Louis quase chorou.

Aqueles outros, aqueles jovens maltrapilhos que estavam ali juntos, dois meninos, acho eu, e uma menina, não sei quem eram, e continuo sem saber, só que depois eles foram embora.

Fiquei horrorizado de vê-lo desprotegido, deitado no chão, e sua mãe, Gabrielle, num canto, só olhando para ele, friamente, do jeito que ela olha para tudo e para todos, como se nunca tivesse conhecido um sentimento humano pelo que era.

Fiquei horrorizado com o fato de os jovens vagabundos estarem por ali, e imediatamente me veio um sentimento protetor por Sybelle e Benji. Eu não tinha medo que eles vissem os clássicos entre nós, as lendas, os guerreiros — você, amado Louis, até Gabrielle, e certamente não Pandora ou Marius, que estavam todos ali.

Mas eu não queria que meus filhos olhassem para um lixo comum infundido com seu sangue, e me perguntava, de maneira arrogante e fútil talvez, como sempre me pergunto em momentos assim, como esses vampiros moleques, imaturos e palermas existiram. Quem os criou e por quê e quando?

Nessas horas, o velho e feroz Filho da Escuridão acorda em mim, o chefe da assembléia nos subterrâneos do cemitério de Paris que decretou onde e quando o Dom Negro deveria ser dado e, sobretudo, a quem. Mas esse velho hábito de autoridade é fraudulento e um estorvo na melhor das hipóteses.

Eu odiava esses desocupados porque eles ficavam olhando para Lestat como se ele fosse uma curiosidade de carnaval, e eu não aceitava isso. De repente senti uma irritação, uma necessidade de destruir.

Mas não há regras entre nós que autorizem essas ações precipitadas. E quem era eu para fazer um motim aqui debaixo do seu teto? Eu não sabia que você morava aqui então, não, mas certamente você tinha custódia do Mestre da Casa, e permitiu isso, e reparei que os malfeitores e os outros três ou quatro deles que chegaram logo depois e ousaram rodeá-lo não se aproximaram muito.

Obviamente todos estavam na maior curiosidade a respeito de Sybelle e Benjamin. Eu lhes disse calmamente para ficarem bem atrás de mim e não se afastarem. Sybelle não conseguia tirar da cabeça que o piano estava ali tão pertinho e teria um som totalmente novo para sua sonata. Quanto a Benji, ele ia caminhando como um pequeno samurai a inspecionar monstros por todo lado, com seus olhos parecendo pires embora sua boca estivesse muito contraída e séria e orgulhosa.

A capela me impressionou pela beleza. Como não impressionaria? As paredes são brancas e puras. E o teto é suavemente abobadado, como nas igrejas mais antigas, e há uma concha profundamente côncava onde antes ficava o altar, que dá uma boa acústica, de modo que, ali, um passo ecoa suavemente por toda a igreja. Eu tinha visto o vitral feericamente iluminado da

rua. Apesar de não figurativo, era lindo com suas cores vivas, seus azuis, vermelhos e amarelos, e seus desenhos simples de volutas.

Gostei das inscrições antigas em preto dos mortais há muito desaparecidos em cuja memória cada janela havia sido erguida. Gostei das antigas estátuas de gesso espalhadas por ali, as quais eu o ajudara a tirar do apartamento de Nova York e mandar para o sul.

Eu não olhara muito para elas; eu havia me escondido de seus olhos de vidro como se eles fossem basiliscos. Mas certamente olhei para elas agora. Lá estava a doce e sofredora Santa Rita com seu hábito preto e sua touca branca, com aquela terrível e medonha chaga como um terceiro olho na testa. Lá estava a encantadora Thérèse de Lisieux, a pequena flor de Jesus, com seu crucifixo e seu ramo de rosas cor-de-rosa nos braços.

Lá estava Santa Teresa de Ávila, entalhada em madeira e finamente pintada, com os olhos voltados para cima, a mística, e empunhando a pena que a marcava como uma Doutora da Igreja. Lá estava São Luís de França com sua coroa real; São Francisco, naturalmente, com o humilde hábito marrom de monge e seus animais domados; e alguns outros cujos nomes envergonho-me de dizer que não sabia.

O que me impressionou talvez até mais do que essas estátuas, espalhadas como muitos guardiões de uma história antiga e sagrada, foram as pinturas na parede que marcavam o caminho de Cristo para o Calvário: as Estações da Cruz.

Elas haviam sido colocadas ali na ordem correta, talvez até antes de termos chegado ao mundo deste lugar.

Adivinhei que elas eram pintadas a óleo sobre cobre, e eram em estilo renascentista, certamente uma imitação, mas um estilo que eu achava normal e que me agradava.

Imediatamente, o medo que pairava dentro de mim durante todas as minhas semanas felizes em Nova York apareceu. Não, não era tanto medo quanto pavor. Meu Senhor, murmurei. Virei-me e olhei para o Rosto de Cristo no Crucifixo pendurado acima da cabeça de Lestat.

Esse foi um momento crucial. Acho que a imagem do Sudário de Verônica cobriu o que vi ali na madeira entalhada. Sei que cobriu. Eu estava de novo em Nova York e Dora nos mostrava o pano.

Vi Seus olhos escuros lindamente sombreados perfeitamente gravados no tecido, como se fosse parte dele mas de modo algum absorvido por ele, e os riscos escuros de Suas sobrancelhas e, acima de Seu olhar firme e inalterável, a marca do sangue que escorreu por causa dos espinhos. Vi Seus lábios entreabertos como se Ele tivesse muito o que dizer.

Com um susto, percebi que, lá do altar, Gabrielle fixara em mim seus olhos cinzentos glaciais, e tranquei minha mente e digeri a chave. Eu não queria que ela tocasse em mim nem em meus pensamentos. E todas as pessoas ali reunidas estavam me irritando.

Então chegou Louis. Estava felicíssimo por eu não ter morrido. Louis tinha algo a dizer. Sabia que eu estava interessado e ele estava aflito com a presença dos outros.

Conservava aquele seu ar ascético, vestido com roupas pretas surradas lindamente bem cortadas mas incrivelmente empoeiradas e uma camisa tão fina e puída que mais parecia uma estranha teia de aos do que tecido e renda verdadeira.

— Nós os deixamos entrar porque do contrário eles ficam circulando como chacais e lobos, e não vão embora. Assim, eles vêm, olham e saem. Você sabe o que eles querem.

Balancei a cabeça afirmativamente. Não tive coragem de admitir para ele que eu queria exatamente a mesma coisa. Eu nunca parara realmente de pensar sobre isso, por um momento sequer, por trás do grande ritmo de tudo o que me aconteceu desde que falei com ele naquela última noite de minha antiga vida.

Eu queria o sangue dele. Queria bebê-lo. Calmamente, disse isso a Louis. — Ele o destruirá — murmurou Louis. Subitamente corou apavorado. Olhou interrogativamente para a gentil Sybelle ali calada a segurar minha mão com força, e para Benjamin, que o estudava com entusiasmo no olhar vivo. Armand, você não pode arriscar isso.

Um deles chegou perto demais. Ele destruiu a criatura. O movimento foi rápido, automático. Mas ele tem um braço que parece de pedra e deixou a criatura em pedaços lá no chão. Não se aproxime dele, não tente isso.

— E os anciãos, os fortes, eles nunca tentaram?

Pandora então falou. Esteve nos observando o tempo todo, brincando no escuro. Eu havia esquecido como ela era linda, de uma beleza discreta e muito básica. Tinha o cabelo castanho e comprido penteado para trás, uma sombra atrás do pescoço esguio, e estava linda e brilhosa, porque untara o rosto com um óleo escuro para ficar com uma aparência mais humana. Seus olhos eram atrevidos e apaixonados. Ela me segurou com uma liberdade feminina. Estava feliz de ver que eu estava vivo.

— Você sabe o que Lestat é — disse ela em tom de súplica. — Armand, ele é uma fornalha de poder e ninguém sabe o que ele pode fazer.

— Mas você nunca pensou nisso, Pandora? Ao menos nunca lhe passou pela cabeça beber o sangue da garganta dele e procurar a visão de Cristo enquanto estivesse bebendo? E se dentro dele houver a prova infalível de que ele bebeu o sangue de Deus?

— Mas Armand — disse ela. — Cristo nunca foi o meu deus. Isso era tão simples, tão chocante, tão conclusivo.

Ela suspirou, mas só por consideração a mim. Sorriu.

— Eu não reconheceria o seu Cristo se ele estivesse dentro de Lestat — disse ela delicadamente.

— Você não entende — disse eu. — Alguma coisa aconteceu, alguma coisa aconteceu com ele quando ele foi com esse espírito chamado Memnoch e voltou com aquele Véu. Eu vi. Vi o... poder aí.

— Você viu a ilusão — disse Louis simpático.

— Não, vi o poder — respondi. Então, num momento, duvidei totalmente de mim. Os longos corredores da história se enrolaram para trás, e me vi mergulhado na escuridão, levando uma única vela, procurando os ícones que eu pintara. E a tristeza dessa cena, sua banalidade, sua desesperança esmagaram minha alma.

Percebi que eu assustara Sybelle e Benji. Eles tinham os olhos grudados em mim. Nunca haviam me visto como eu estava agora.

Abracei-os e puxei-os para mim. Eu á havia caçado naquela noite antes de encontrá-los, para estar em plena forma, e sabia que minha pele estava agradavelmente quente.

Beijei os lábios rosados de Sybelle, e depois a cabeça de Benji.

— Armand, você me irrita, realmente-disse Benji. — Nunca me disse que acreditava nesse Sudário.

— E você, homenzinho — disse eu num tom de voz baixo, sem querer fazer uma cena para os outros. — Algum dia você entrou na catedral para vê-lo quando ele estava sendo exibido lá?

— Entrei, e lhe disse o que essa grande dama disse. — Ele deu de ombros, obviamente. — Ele nunca foi o meu deus.

— Olhe para eles, espreitando-disse Louis baixinho. Ele estava macilento e tremendo ligeiramente. Havia negligenciado a própria fome para ficar aqui de guarda. — Eu deveria botá-los para fora agora, Pandora — disse ele com uma voz que não ameaçaria nem a mais tímida das almas.

— Deixe que eles vejam o que vieram ver — disse ela friamente com voz abafada. — Eles talvez não tenham muito tempo para gozar essa satisfação. Dificultam o mundo para nós e nos desgraçam, e nada fazem pelos vivos nem pelos mortos.

Achei isso uma ameaça encantadora. Esperava que ela eliminasse aquele bando todo, mas obviamente sabia que muitos Filhos dos Milênios pensavam a mesma coisa daqueles como eu. E que criatura impertinente eu era para levar, sem a autorização de ninguém, meus filhos para ver meu amigo ali deitado no chão.

— Esses dois estão em segurança conosco — disse Pandora, obviamente lendo meus pensamentos aflitos. — Você percebe que eles estão contentes de vê-los, jovens e velhos — disse ela fazendo um pequeno gesto para incluir o quarto inteiro. — Há alguns que não querem sair das sombras, mas eles sabem sobre você. Não queriam que você fosse embora.

— Não, ninguém queria — disse Louis bastante emotivo. — E como um sonho, você voltou. Nós todos ouvimos insinuações disso, rumores de que você havia sido visto em Nova York, mais bonito e

vigoroso do que nunca. Mas eu precisava vê-lo com meus próprios olhos para acreditar.

Balancei a cabeça agradecendo essas gentis palavras. Mas estava pensando no Vêu. Olhei para o Cristo de madeira na árvore novamente e para a figura adormecida de Lestat.

Foi aí que Marius chegou. Ele tremia.

— Sem queimaduras, inteiro — murmurou. — Meu filho.

Ele estava com aquela velha e maltratada capa cinzenta nos ombros, mas não reparei na hora. Abraçou-me imediatamente, o que obrigou minha menina e meu menino a se afastarem. Porém não se afastaram muito. Acho que se tranqüilizaram ao me ver abraçá-lo e lhe dar vários beijos no rosto e na boca, como era nosso hábito antigamente.

Ele era tão esplêndido, tão delicadamente cheio de amor.

— Manterei estes mortais em segurança se você estiver decidido a tentar disse ele: Ele lera toda a fala em meu coração. Sabia que eu fatalmente faria isso. — O que posso dizer para impedi-lo? — perguntou.

Eu apenas abanei a cabeça. Ódio e expectativa não me permitiriam fazer mais nada. Entreguei Benji e Sybelle aos seus cuidados.

Fui até Lestat, chegando pela frente, isto é, por sua esquerda, já que ele estava à minha direita. Ajoelhei rapidamente, surpreso com o frio do mármore, esquecendo, suponho, como é úmido aqui em Nova Orleans e como a friagem pode ser furtiva.

Ajoelhei com as mãos no chão e olhei para ele. Ele estava plácido, imóvel, ambos os olhos azuis igualmente claros, como se um deles jamais houvesse sido arrancado de seu rosto. Olhava através de mim, como se diz, com um olhar parado, saído de uma mente que parecia tão vazia quanto uma crisálida morta.

Seu cabelo estava emaranhado e todo empoeirado. Nem sequer aquela sua mãe fria e detestável o penteara, supus, e isso me enfureceu, mas aí, num lampejo de emoção gelada, ela sibilou:

— Ele não deixa ninguém tocar nele, Armand. — Sua voz distante ecoou profundamente na capela. — Se tentar, logo descobrirá por você mesmo. Olhei para ela. Ela abraçava

displícitamente as pernas, encostada na parede. Usava o conjunto cáqui grosso e batido, as calças justas e o paletó safári britânico pelos quais já era mais ou menos famosa manchados de suas aventuras na selva, o cabelo louro tão amarelo e brilhante como o dele, numa trança que lhe caía às costas.

Ela se levantou, de repente, e veio em minha direção, batendo no chão as botas de couro simples, com passos duros que ecoaram desrespeitosamente pela capela.

— O que o faz pensar que os espíritos que ele viu são deuses? — perguntou ela. — O que o faz pensar que as travessuras de qualquer um desses seres arrogantes que brincam conosco não passam de excentricidades, e que não somos mais do que animais, do mais baixo até o mais alto sobre a face da Terra? — Ela estava a poucos passos dele. Cruzou os braços. — Ele tentou alguma coisa. Aquela entidade não podia resistir a ele. E qual foi o resultado? Diga-me. Você devia saber.

— Eu não sei — disse eu num tom de voz baixo. — Eu gostaria que você me deixasse em paz.

— Ah, é, bem, deixe-me lhe dizer qual foi o resultado. Uma jovem, de nome Dora, uma líder de almas, como chamam, que proclamava as conseqüências positivas da assistência dada aos fracos necessitados, foi desencaminhada! O resultado foi esse: suas pregações, baseadas na caridade e cantadas num outro tom para que as pessoas pudessem ouvi-las, foram obliteradas pelo rosto sanguinolento de um deus sanguinolento.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Odiei que ela visse isso com tanta clareza, mas não podia lhe responder e não podia fazê-la calar-se. Levantei-me.—Eles se bandearam para as catedrais — disse ela com desprezo —, todos, e de volta a uma teologia arcaica, ridícula e absolutamente inútil que obviamente você parece ter esquecido. — Sei muito bem disso — eu disse baixinho. — Você me deixa infeliz. O que estou fazendo com você? Estou me ajoelhando ao lado dele, só isso.

— Ah, mas você pretende fazer mais, e suas lágrimas me ofendem disse ela.

Ouvi alguém atrás de mim falar alto com ela. Achei que talvez fosse Pandora, mas não tinha certeza. Num lampejo súbito e evanescente, tive consciência de todos aqueles que se divertiram com meu sofrimento, mas nem liguei.

— O que espera, Armand?-perguntou ela esperta e implacavelmente. Seu rosto estreito e oval era parecidíssimo com o dele e, no entanto, nada parecido. Ele nunca estivera tão desligado dos sentimentos, tão abstrato em sua raiva quanto ela agora. — Você acha que verá o que ele viu, ou que o Sangue de Cristo ainda estará lá para você saborear com sua língua? Deverei citar o catecismo para você?

— Não há necessidade, Gabrielle — disse eu de novo num tom manso. As lágrimas estavam me cegando.

— O pão e o vinho são o Corpo e o Sangue desde que permaneçam isso, Armand; mas quando já não são mais pão e vinho, então não são mais Corpo e Sangue. Então o que acha do Sangue de Cristo nele, que de certa forma conservou o poder mágico, apesar da máquina de seu coração que devora o sangue de mortais como se fosse simplesmente o ar que ele respirasse?

Não respondi. Pensei com meus botões. Não era o pão e o vinho; era Seu Sangue, Seu Sangue Sagrado e ele o deu no caminho do Calvário, e para este ser que jaz aqui.

Engoli em seco minha dor e minha fúria por ela ter me obrigado a me envolver nesses termos. Eu queria olhar para meus pobres Sybelle e Benji, pois o cheiro deles me dizia que eles ainda estavam ali. Por que Marius não os levou embora! Ah, mas isso era bastante óbvio. Marius queria ver o que eu pretendia fazer.

— Não me diga — disse Gabrielle engolindo as sílabas — que se trata de uma questão de fé. — Ela riu com escárnio e abanou a cabeça. — Você vem como São Tomé botar essas suas presas sanguinolentas na ferida.

— Ah, pare, eu lhe suplico-murmurei. Ergui as mãos. — Deixe-me tentar, e deixe-o ferir-me, então sinta-se satisfeita e vá embora.

O que eu quis dizer foi apenas aquilo, e não senti nenhum poder nisso, só humildade e imensa tristeza.

Mas ela ficou muito abalada, e pela primeira vez seu semblante ficou total e absolutamente triste, e seus olhos também ficaram úmidos e vermelhos, e seus lábios até se contraíram quando ela olhou para mim.

— Pobre criança perdida, Armand — disse ela. — Sinto muito por você. Eu estava tão contente por você ter sobrevivido ao sol.

— Então quer dizer que posso perdoá-la, Gabrielle — eu disse —, por todas as crueldades que você me disse.

Ela ergueu as sobrancelhas pensativamente, e em seguida balançou a cabeça lentamente em sinal de assentimento. Depois, erguendo as mãos, recuou em silêncio e assumiu a antiga posição, sentando no degrau do altar, a cabeça encostada na mesa de Comunhão. Encolheu os joelhos como antes, e apenas ficou me olhando, o rosto na sombra.

Esperei. Ela estava imóvel e calada, e nenhum barulho vinha dos ocupantes esparsos da capela. Eu podia ouvir o pulsar do coração de Sybelle e a respiração aflita de Benji, mas eles estavam a muitos metros de mim.

Olhei para Lestat, que estava igual, o cabelo caído como antes, um pouco sobre o olho esquerdo. Seu braço direito estava para fora, e seus dedos, dobrados para cima, e dele não vinha o menor movimento, nem mesmo um alente de seus pulmões ou um suspiro de seus poros.

Ajoelhei ao seu lado. Estiquei o braço e, sem hesitar, afastei-lhe o cabelo do rosto.

Deu para sentir o choque na capela. Ouvei os suspiros, as exclamações dos outros. Mas Lestat mesmo não se mexeu.

Lentamente, alisei seu cabelo com mais ternura, e vi para meu próprio espanto mudo uma de minhas lágrimas cair bem no rosto dele.

Era vermelha porém rala e transparente, e parecia dissolver-se enquanto escorria pela curva de sua maçã do rosto, para dentro da depressão natural abaixo. Fui chegando mais perto de mansinho, encarando-o, a mão ainda em seu cabelo. Deitei-me de bruços ao seu lado, pousando o rosto em seu braço esticado. Mais uma vez ouviram-se as expressões de surpresa, e tentei conservar o coração

absolutamente livre de orgulho e de qualquer coisa que não fosse amor.

Não era um amor diferenciado nem definido, mas apenas amor, o amor que eu poderia sentir por alguém que eu matasse ou socorresse, ou que passasse na rua, ou que eu conhecesse e valorizasse tanto quanto ele.

Todo o fardo de suas tristezas me pareciam inimagináveis, e, em minha mente, essa noção se expandiu para incluir a tragédia de todos nós, aqueles que matam para viver e vicejam na morte como a própria terra decreta, e são amaldiçoados com uma consciência para saber disso, e conhecem as menores etapas da lenta agonia e da morte de todas as coisas que nos alimentam. Tristeza. Tristeza muito maior que a culpa, e muito mais pronta para ser contabilizada, tristeza grande demais para o mundo.

Ergui-me. Apoiei-me no cotovelo e afaguei delicadamente seu pescoço com a ponta dos dedos da mão direita. Lentamente, pressionei a boca contra sua pele esbranquiçada e aveludada e senti seu velho e inconfundível sabor e cheiro idem, algo doce e indefinível e absolutamente pessoal, algo composto de todos os seus dons físicos e aqueles que lhe foram dados depois, e furei sua pele com meus caninos afiados para provar seu sangue.

Aí, para mim não existia capela, não existiam suspiros indignados nem gritos reverentes. Não ouvi nada, porém sabia o que estava se passando em volta. Eu sabia como se aquele lugar concreto fosse apenas um fantasma, pois o que era real era o sangue dele.

Era grosso como mel, de sabor intenso e forte, um xarope para os anjos. Bebi-o gemendo, sentindo seu calor extremo, tão diferente de qualquer sangue humano. Com cada lenta batida de seu coração poderoso veio mais uma pequena onda de sangue, até que minha boca ficou cheia e minha garganta engoliu sem minha ordem, e o barulho de seu coração foi aumentando cada vez mais, e um reflexo avermelhado encheu minha visão, e através desse reflexo vi um grande rodamoinho de poeira.

Um rumor tristíssimo foi surgindo lentamente do nada, misturado com uma areia ácida que machucou meus olhos. Era um

local deserto, sim, e cheio de coisas malcheirosas e comuns, de suor e imundície e morte. O rumor eram vozes gritando e ecoando nas paredes apertadas e encardidas. Vozes superpostas, insultos e zombarias e gritos de horror, e ríspidas cadências de cochichos torpes e indiferentes sobressaindo aos mais pungentes e terríveis gritos de indignação e alarme.

Fui pressionado contra os corpos suados, lutando, o sol baixo queimando meu braço estendido. Entendi aquele rumor à minha volta, a língua antiga gritada e gemida em meus ouvidos enquanto eu lutava para chegar cada vez mais perto da fonte de toda aquela comoção molhada e feia que me atolava e tentava me segurar.

Parecia que eu ia morrer esmagado por essas mulheres veladas e esses homens esfarrapados de pele áspera, vestidos com roupas de tecidos grosseiros fiados em casa, que me davam cotoveladas e me pisavam os pés. Eu não podia ver o que estava à minha frente. Abri os braços, ensurdecido com os gritos e as gargalhadas perversas, e subitamente, como se por uma ordem, a turba se dividiu, e vi a medonha obra-prima.

Ele estava com Seu camisolão branco rasgado e ensangüentado, essa mesma Figura cujo Rosto eu havia visto impresso nas fibras do Sudário. Braços presos por correntes de ferro irregulares na monstruosa e pesada trave da cruz. Ele curvado embaixo dela, o cabelo escorrido dos dois lados do rosto cheio de cortes e equimoses. O sangue dos espinhos escorria para Seus olhos abertos e inabaláveis.

Ele olhou para mim, bastante assustado, até ligeiramente espantado. Tinha os olhos arregalados como se a multidão não O cercasse, e um chicote não tivesse estalado em Suas costas e depois em Sua cabeça baixa. Por baixo de Suas pálpebras em carne viva e sangrando, Ele fitava algo que estava além do cabelo emaranhado de Lestat. — Senhor! — gritei.

Devo ter tentado alcançá-lo, pois aquelas eram minhas mãos, minhas mãos brancas e miúdas que vi! Vi-as lutando para alcançar Seu Rosto.

— Senhor! — tornei a gritar.

E ele me olhou de volta, impassível, olhos encontrando com os meus, mãos pendendo das cadeias de ferro e sangue escorrendo da boca.

De repente um golpe feroz e terrível me acertou. Lançou-me à frente. Seu Rosto encheu minha visão. Diante de meus olhos estava a medida mesma de tudo o que eu poderia ver. Sua pele suja e rachada, o emaranhado úmido e escuro de Seus cílios, as grandes órbitas brilhantes de seus olhos escuros.

Aquilo se aproximava cada vez mais, o sangue escorrendo em Suas sobranceiras grossas e pingando em Suas faces macilentas. Ele abriu a boca e deixou escapar um som.

No começo era um suspiro depois virou uma respiração surda que se elevava e ia ficando cada vez mais ruidosa à medida que Seu Rosto ia aumentando, perdendo os próprios contornos, e virava a soma de todas as suas cores agitadas, o rumor agora um ruído positivo e ensurdecedor.

Apavorado, gritei. Fui empurrado para trás. No entanto, enquanto eu via Seu Vulto familiar e o antigo contorno de Seu Rosto com Sua Coroa de Espinhos, o Rosto foi ficando cada vez maior e absolutamente indistinto e parecia novamente abaixar-se para mim, e aí de repente sufocar todo o meu rosto com Seu peso imenso e total.

Gritei. Eu estava indefeso, leve, sem conseguir respirar.

Gritei como nunca gritei em todos os meus miseráveis anos, o grito tão alto que abafou o ruído que me enchia os ouvidos, mas a visão continuava pressionando, uma grande massa inescapável em movimento que fora Seu Rosto.

— Oh, Senhor! — gritei com toda a força de meus pulmões que ardiam. O vento zuniu em meus ouvidos.

Alguma coisa bateu em minha cabeça com tanta força que me rachou o crânio. Ouvei o estalo. Senti o sangue correr.

Abri os olhos. Estava olhando para a frente, caído do outro lado da capela, estatelado junto à parede, pernas à frente, braços pendurados, a cabeça em fogo com a dor da pancada violenta.

Lestat não se mexera. Eu sabia que não.

Ninguém precisava me dizer. Não foi ele quem me jogara para trás.

Caí de cara no chão, com o braço por baixo da cabeça. Eu sabia que estava cercado de pés, que Louis estava ali perto e que até Gabrielle viera, e sabia também que Marius estava levando Sybelle e Benjamin embora.

Eu só conseguia ouvir aquele silêncio vibrante a vozinha aguda e mortal de Benjamin.

— Mas o que aconteceu com ele? O que aconteceu? O louro não acertou nele. Eu vi. Não aconteceu. Ele não...

Escondendo o rosto, o rosto banhado em lágrimas, cobri a cabeça com as mãos trêmulas, o sorriso amargo oculto, embora meus soluços fossem ouvidos. Chorei e chorei durante um bom tempo, depois, aos poucos, como eu sabia que aconteceria, minha cabeça começou a fechar. O sangue ruim aflorou em minha pele fervilhando e ministrou seus préstimos malignos, costurando a carne como um pequeno raio laser do Inferno.

Alguém me deu uma toalha. Nela, senti de leve o cheiro de Louis, mas eu não podia ter certeza. Passou-se muito tempo, talvez uma hora antes que eu finalmente a pegasse e limpasse o rosto.

Passou-se mais uma hora, uma hora em silêncio com as pessoas saindo de mansinho, antes de eu me virar e sentar encostado na parede. Minha cabeça já não doía, já não havia ferimento, o sangue seco no local logo desapareceria.

Fitei-o calmamente durante um bom tempo.

Eu estava com frio, sozinho e sensível. Nenhum murmúrio penetrava minha audição. Eu não notava os gestos nem os movimentos à minha volta.

Na parte mais reservada de minha mente repassei, bem lentamente, exatamente o que eu havia visto, ouvido — tudo o que lhe disse aqui.

Finalmente levantei-me. Fui até onde ele estava e olhei-o.

Gabrielle me disse algo. Foi uma coisa dura e mesquinha. Na verdade, não ouvi direito. Escutei apenas o som, a cadência das palavras, isto é, como se aquele francês antigo, que me era tão familiar, fosse uma língua que eu não soubesse.

Ajoelhei-me e beijei os cabelos dele.

Ele não se moveu. Não se alterou. Eu não estava nem um pouco com medo de que ele o fizesse, tampouco esperançoso. Beijei-o mais uma vez no rosto, levantei-me e limpei as mãos na toalha que eu ainda tinha, e saí.

Acho que passei um bom tempo num estado de torpor, e depois alguma coisa me veio à cabeça, algo que Dora havia dito há muito tempo, sobre uma criança ter morrido num sótão, sobre um fantasminha e sobre roupas velhas.

Agarrando com força essa lembrança, consegui me dirigir para a escada. Foi lá que o encontrei pouco depois. Agora você sabe, com todas as conseqüências que isso acarreta, o que vi ou o que não vi.

E assim minha sinfonia está terminada. Deixe-me assiná-la com meu nome. Quando você acabar de copiar, darei minha transcrição a Sybelle. E a Benji talvez. E você pode fazer o que quiser com o resto.

25

Isto não é um epílogo. É o último capítulo de uma história que julguei já encerrada. Estou escrevendo de próprio punho. O capítulo será breve, pois já não tenho mais o que contar e preciso manipular com o maior cuidado o esqueleto da história.

Talvez, mais tarde, as palavras adequadas me venham para aprofundar minha descrição do que aconteceu, mas, por ora, tudo o que posso fazer é registrar.

Não deixei o convento depois de assinar o relato que David tão fielmente escreveu. Era muito tarde.

Passei a noite falando, e precisei me recolher a uma das câmaras de tijolo secretas do lugar que David me mostrara, um lugar onde Lestat já estivera preso, e lá, estirado no chão numa escuridão absoluta, excitadíssimo com tudo o que contara a David e mais exausto do que nunca, adormeci com o nascer do sol.

Ao pôr-do-sol, levantei-me, estiquei minhas roupas e voltei à capela. Ajoelhei e dei um beijo com todo o afeto em Lestat, como

já dera na noite anterior. Não vi ninguém nem sequer soube quem estava lá.

Acreditando na palavra de Marius, saí do convento, naquela luz violeta do início da noite, meus olhos passeando confiantes pelas flores, tentando escutar os acordes da sonata de Sybelle para que eles me guiassem à casa certa.

Em segundos, ouvi a música, as frases distantes porém rápidas do Allegro assai, ou Primeiro Movimento, aquela música familiar de Sybelle.

Ela estava tocando com uma precisão incomum, de fato, uma nova cadência lânguida que imprimia à música uma autoridade rubra e poderosa que imediatamente me agradou.

Portanto eu não enlouquecera minha menininha de susto. Ela estava bem e prosperava, talvez encantada com a umidade modorrenta de Nova Orleans como muitos de nós se encantam.

Corri imediatamente para o local, e me vi em pé, só um pouco descabelado pelo vento, diante de um enorme sobrado de tijolinhos de três andares em Metairie, um bairro com características rurais da região metropolitana de Nova Orleans que na verdade fica muito perto da cidade e às vezes parece milagrosamente afastado.

Os carvalhos gigantes que Marius descreveu cercavam essa mansão americana recente, e, como ele prometera, todas as portas janelas com suas vidraças transparentes estavam abertas para receber a brisa do início da noite.

A relva alta era macia de pisar, e uma luz esplêndida, tão preciosa para Marius, derramava-se de cada janela assim como a música da Appassionata, que agora acabava de entrar com uma graça excepcional no Segundo Movimento Andante con motto, que promete ser um segmento calmo da obra mas rapidamente se transforma na mesma loucura do resto.

Detive-me para escutar a música.

Eu nunca ouvira as notas tão límpidas e transparentes assim, tão rápidas e tão intensamente distintas. Tentei por puro prazer adivinhar as diferenças entre essa interpretação e tantas outras que eu já ouvira. Eram todas diferentes, mágicas e profundamente comoventes, mas essa era mais que espetacular, graças em parte

ao imenso corpo do que eu sabia ser um piano de concerto. Por um instante, bateu-me uma tristeza, uma lembrança terrível e absorvente daquilo que eu vira ao beber o sangue de Lestat na noite anterior. Deixei-me reviver essa lembrança, como dizemos tão inocentemente e, depois, com um susto agradável que me fez corar, vi que não precisava contar aquilo a ninguém, que tudo havia sido ditado a David e que quando ele me entregasse as minhas cópias eu poderia confiá-las a qualquer pessoa que eu amasse, que algum dia quisesse saber o que eu havia visto.

Quanto a mim, eu não tentaria imaginar isso. Eu não podia. Tinha um sentimento forte demais de que a pessoa que eu havia visto a caminho do Calvário, fosse essa pessoa real ou uma criação de meu coração culpado, não quis que eu a visse e monstruosamente me mandara embora. Realmente, o sentimento de rejeição era tão completo que eu mal podia acreditar que conseguira descrevê-lo a David.

Eu precisava tirar os pensamentos da cabeça. Expulsei todas as reverberações dessa experiência e deixei-me cair novamente na música de Sybelle , ficando simplesmente ali em pé à sombra dos carvalhos, com a eterna brisa do rio, que sempre nos alcança aqui onde quer que estejamos, refrescando-me e tranquilizando-me e dando-me a sensação de que havia na terra uma beleza irreprimível, até para alguém como eu.

A música do Terceiro Movimento atingiu seu clímax mais brilhante, e achei que meu coração fosse explodir.

Só então, enquanto os últimos compassos eram tocados, percebi algo que deveria ter sido óbvio desde o início.

Não era Sybelle que estava tocando. Não podia ser. Eu conhecia cada nuance de suas interpretações. Conhecia seus modos de expressão; conhecia as qualidades tonais que seu toque particular sempre produzia. Embora suas interpretações fossem infinitamente espontâneas, eu conhecia sua música, como uma pessoa conhece a escrita de outra ou o estilo de um pintor. Essa não era Sybelle.

Então entendi toda a verdade. Era Sybelle, mas Sybelle já não era Sybelle. Por um instante, não consegui acreditar. Meu coração

parou de bater. Então entrei na casa com um passo regular e furioso, e nada me deteria antes de descobrir se o que eu achava era verdade.

Logo vi com meus próprios olhos. Numa sala esplêndida, eles estavam reunidos, a bela e graciosa figura de Pandora com uma túnica de seda marrom com uma faixa na cintura à moda grega, Marius de paletó de veludo e calças de seda, e meus filhos, meus lindos filhos, o radioso Benji com aquele seu camisolão branco, dançando descalço e selvagememente pela sala com as mãos espalmadas como se quisesse agarrar o ar e Sybelle, minha deslumbrante Sybelle, os braços de fora, com um vestido de seda cor-de-rosa forte, ao piano, o cabelo comprido caindo-lhe nos ombros, acabando de voltar ao Primeiro Movimento. Todos eles vampiros, todos.

Cerrei os dentes com força e tapei a boca para que meus rugidos não acordassem o mundo. Fiquei rugindo em minhas mãos sem forças.

Fiquei gritando aquela sílaba desafiadora Não, Não, Não. Não conseguia enxergar mais nada, gritar mais nada, fazer mais nada.

Gritei e gritei.

Eu cerrava os dentes com tanta força que meu maxilar doía e minhas mãos tremiam como asas de um pássaro que não quisesse me deixar tapar a boca direito, e de novo as lágrimas escorreram de meus olhos tão abundantemente como quando beijei Lestat.

Não, Não, Não, Não!

Então, de repente abri os braços, cerrando os punhos, e o rugido teria escapado de dentro de mim, teria explodido como uma torrente violenta, mas Marius segurou-me com força e puxou-me para ele e apertou meu rosto contra o peito.

Lutei para desvencilhar-me. Chutei-o com toda a força e esmurrei-o. — Como pôde fazer isso! — rugi.

Ele segurou minha cabeça sem me dar chance de fugir e ficou me cobrindo de beijos que odiei e detestei, e fiquei agitando desesperadamente os braços para livrar-me deles.

— Como pôde? Como ousa? Como pôde?

Afinal consegui ficar numa posição que me permitiu dar-lhe vários murros na cara.

Mas o que isso me adiantou? Quão fracos e insignificantes eram meus punhos comparados com a força dele. Quão indefesos e tolos eram meus gestos, e ele ficou ali, agüentando tudo, o rosto inefavelmente triste, os olhos secos e no entanto cheios de consideração.

— Como pôde fazer isso, como pôde fazer isso! — perguntei. Eu não iria parar de perguntar.

Mas de repente Sybelle levantou-se do piano e correu para mim de braços abertos. E Benji, que estivera o tempo todo observando, também correu para mim, e os dois me prenderam delicadamente em seus braços ternos.

— Ah, Armand, não fique zangado, não, não fique triste — disse Sybelle baixinho em meu ouvido. — Ah, meu magnífico Armand, não fique triste, não fique. Não fique irritado. Estamos com você para sempre.

— Armand, estamos com você! Ele fez a mágica — exclamou Benji. — Não precisamos nascer de ovos pretos, seu Dybbuk, contar-nos uma história dessas! Armand, agora não morreremos nunca, não adoeceremos nunca, e nunca seremos feridos nem sentiremos medo. — Ele ficou pulando de alegria e deu mais uma pirueta alegre, espantado e rindo com seu novo vigor, por poder pular tão alto e com tanta graça. — Armand, estamos tão felizes.

— Ah, sim, por favor — disse Sybelle com aquela sua voz mais profunda e mais gentil. — Eu o amo tanto, Armand, eu o amo demais. Precisávamos fazer isso. Precisávamos.

Precisávamos fazer isso para estar com você eternamente.

Meus dedos rondavam-na, querendo reconfortá-la, e então, quando ela esfregou desesperadamente a testa em meu pescoço, abraçando meu peito com força, não pude tocá-la, não pude abraçá-la, não pude tranquilizá-la.

— Armand, eu o amo, eu o adoro, Armand, só vivo para você, e agora sempre com você — disse ela.

Balancei a cabeça para cima e para baixo. Tentei falar. Ela beijou minhas lágrimas. Começou a beijá-las rápida e

desesperadamente.

— Pare, pare de chorar, não chore-ela ficava sussurrando em tom urgente. — Armand, nós o amamos.

— Armand, estamos tão felizes! — exclamou Benji. — Olhe, Armand, olhe! Agora podemos dançar juntos a música dela. — Ele saltou para junto de mim e dobrou os joelhos, preparado para pular de excitação como se para enfatizar seu ponto. Então suspirou e tornou a jogar os braços para mim. — Ah, pobre Armand, você está completamente equivocado e cheio de sonhos errados. Armand, você não vê?

— Eu a amo — disse eu baixinho no ouvido de Sybelle. Repeti isso, e aí minha resistência quebrou por completo, e abracei-a delicadamente e, com dedos incontrolláveis, senti sua pele branca e aveludada e a beleza esfuziante de seu cabelo lustroso.

Ainda abraçado com ela, murmurei:

— Não trema, eu a amo, eu a amo. Segurei Benji com a mão esquerda.

— E você, tratante, você pode me contar tudo daqui a pouco. Agora deixe-me abraçá-lo. Deixe-me abraçá-lo.

Eu estava tremendo. Era eu quem tremia. Eles me abraçaram de novo com toda a ternura, procurando aquecer-me.

Finalmente, dando tapinhas nos dois, despedindo-me deles com beijos, saí todo encolhido e desabei exausto numa grande poltrona antiga de veludo. Minha cabeça latejava e senti as lágrimas querendo voltar, mas as engoli com toda a força por causa deles. Eu não tinha escolha.

Sybelle voltara ao piano e recomeçara a tocar a sonata. Agora ela cantava as notas monossilabicamente com uma linda voz baixa de soprano, e Benji recomeçou a dançar, rodopiando e saracoteando, batendo com os pés descalços no chão, acompanhando encantadoramente o ritmo de Sybelle.

Inclinei-me à frente na cadeira, segurando a cabeça. Queria que meu cabelo caísse à frente para me esconder de todos os olhares, mas minha cabeleira, embora volumosa, não dava para isso.

Senti uma mão no ombro e fiquei tenso, mas não pude dizer uma palavra, senão começaria a chorar de novo e a praguejar com toda a força. Fiquei calado. — Não espero que você entenda — ele disse com uma voz abafada. Endireitei-me na cadeira. Ele estava a meu lado, sentado no braço da poltrona. Olhou para mim.

Fiz uma expressão agradável, toda risonha até, e falei com uma voz tão aveludada e plácida que ninguém poderia achar que eu estivesse falando com ele de qualquer coisa que não fosse amor.

— Como pôde fazer isso? Por que fez isso? Você me odeia tanto assim? Não minta para mim. Não me diga idiotices nas quais você sabe que não acreditarei nunca. Não minta para mim por causa de Pandora ou deles. Eu os amarei para sempre. Mas não minta. Você fez isso de vingança, não, Mestre, fez isso de ódio?

— Como eu poderia? — perguntou ele com a mesma voz, expressando de amor puro, e parecia a voz genuína do amor falando comigo a partir de seu rosto sincero e súplice.

— Se algum dia fiz alguma coisa por amor, foi isso. Fiz isso por amor e por você. Por todos os erros cometidos contra você e pela solidão que você sofreu, e pelos horrores que o mundo o fez enfrentar quando você era jovem e inexperiente demais para saber combatê-los e derrotado demais para se empenhar de todo coração numa batalha.

Fiz isso por você.

— Ah, você está mentindo, está mentindo com o coração — disse eu — se não com a língua. Você fez isso por despeito, e acaba de me revelar esse fato com a maior clareza.

Fez isso por despeito porque não fui a cria que você queria fazer de mim. Não fui o rebelde inteligente que podia enfrentar Santino e seu bando de monstros, e, depois desses séculos todos, fui o que tornou a desapontá-lo horivelmente porque fui para o sol depois que vi o Sudário. Por isso você fez isso. Fez isso por vingança e por amargura e por desapontamento, e o pior é que você mesmo não sabe. Você não agüentou que meu coração tivesse quase estourado quando vi o Rosto Dele no Véu. Não agüentou que essa criança que você tirou do bordel de Veneza e alimentou com seu próprio sangue, essa criança . que você ensinou com seus livros e

com sua mão, gritasse para Ele quando viu o Rosto Dele no Sudário.

— Não, isso está tão longe da verdade que me corta o coração. — Ele balançou a cabeça. E, sem lágrimas e branco como ele estava, seu rosto era uma perfeita imagem de tristeza como se tivesse sido retratada por ele. — Fiz isso porque eles o amam como ninguém jamais o amou, e eles são livres e têm dentro de seus corações generosos uma profunda sagacidade que não se esquiva de você nem de tudo o que você é. Fiz isso porque eles foram forjados na mesma forja que eu, com grande capacidade de raciocínio e força para resistir. Fiz isso porque ela não foi vencida pela loucura e ele não foi vencido pela pobreza nem pela ignorância. Fiz isso porque eles eram os seus escolhidos, absolutamente perfeitos tos, e eu sabia que você não faria, e eles acabariam odiando-o por isso, odiando-o, como você já me odiou por lhe sonegar isso, e, antes de você ceder, a alienação e a morte já os teriam levado.

“Eles agora são seus. Nada os separa. E é meu sangue, antigo e poderoso, que os deixa quase transbordando de poder permitindo que possam ser seus companheiros dignos e não a pálida sombra de sua alma que Louis sempre foi.

“Não há barreira de Mestre e Cria entre vocês, e você pode aprender os segredos do coração deles como eles podem aprender os do seu.”

Eu queria acreditar nisso.

Queria tanto que me levantei e o deixei, e, abrindo o mais gentil dos sorrisos para Benjamin e dando-lhe um leve beijo ao passar, retirei-me para o jardim e fiquei sozinho embaixo de dois carvalhos gigantescos.

Suas raízes possantes afloravam no chão formando montes duros e escuros . de madeira nodosa. Descansei os pés nesse lugar acidentado e a cabeça na árvore mais próxima.

Os galhos vinham até embaixo e faziam uma cortina para mim, como eu quisera que os meus cabelos fizessem. Senti-me protegido e seguro nas sombras. Meu coração estava calmo, mas estava partido e minha mente estava despedaçada, e bastava-me

olhar pela porta aberta para meus dois anjos vampiros brancos naquela claridade gloriosa lá dentro para recomeçar a chorar.

Marius ficou um bom tempo numa porta distante. Ele não olhava para mim. E, quando olhei para Pandora, vi-a encolhida como se para se defender de uma dor terrível — possivelmente apenas nossa discussão — em outra grande poltrona de veludo velha.

Finalmente, Marius empertigou-se e veio em minha direção, e acho que precisou de força de vontade para fazer isso. De repente parecia só um pouquinho irritado e até arrogante.

Não liguei a mínima.

Ele se postou à minha frente mas não disse nada, e parecia que estava ali para enfrentar o que quer que eu tivesse a dizer.

— Por que você não os deixou ter a vida deles! — cobrei. — Logo você, o que quer que sentisse por mim e por minhas loucuras, por que não os deixou ter o que a natureza lhes deu? Por que interferiu?

Ele não respondeu, mas não levei isso em consideração. Baixando o tom para não alarmá-los, prossegui.

— Em minhas épocas mais negras — disse eu — eram sempre suas palavras que me davam apoio. Ah, não me refiro aos séculos em que eu estava servindo a um credo pervertido e a uma ilusão mórbida. Refiro-me a bem depois disso, depois que saí do porão, aceitando o desafio de Lestat, e li o que Lestat escreveu sobre você, e depois o ouvi pessoalmente. Foi você, Mestre, que me deixou ver o pouco que consegui ver do mundo maravilhoso que se desenrolava ao meu redor de formas que eu não poderia ter imaginado na terra nem na época em que nasci.

Não consegui me conter. Parei para ganhar fôlego e para ouvi-la tocar, e, percebendo quão linda era a música, quão lamentosa e expressiva e misteriosa de uma nova maneira, quase chorei de novo. Mas não podia permitir que isso acontecesse. Eu tinha muito mais a dizer, ou assim achava.

— Mestre, foi você quem disse que estávamos vivendo num mundo em que as velhas religiões de superstição e violência estavam morrendo. Foi você quem disse que vivíamos numa época

em que o mal já não aspirava a nenhum lugar necessário. Lembrese, Mestre, você disse a Lestat que não havia credo nem código capaz de justificar nossa existência, pois os homens agora sabiam o que era o verdadeiro mal, e o verdadeiro mal era a fome, a necessidade, a ignorância, a guerra e o frio. Você disse tudo isso, Mestre, com muito mais elegância e de modo muito mais completo do que eu jamais poderia dizer, mas foi baseado nesse grande argumento racional que você defendeu, você, com os piores de nós, a santidade e a preciosa glória desse mundo humano e natural. Foi você quem defendeu a alma humana, dizendo que ela havia se tornado mais profunda e mais sensível, que os homens já não viviam para o glamour da guerra mas conheciam as coisas mais refinadas que outrora eram exclusividade dos mais ricos, e agora eram acessíveis a todos. Foi você quem disse que um novo esclarecimento, um esclarecimento da razão e da ética e de compaixão genuína, voltara após séculos negros de religião sangrenta, para espalhar não apenas sua luz mas também seu calor. — Pare Armand, não fale mais nada—disse ele. Ele foi delicado mas muito severo. — Lembro-me dessas palavras. Lembro-me de todas elas. Mas não acredito mais nisso.

Eu estava pasmo. Pasma com a assombrosa simplicidade de sua renegação. Eu não podia imaginar uma coisa mais completa, e no entanto eu o conhecia suficientemente para saber que ele queria dizer exatamente aquilo. Ele me olhou com firmeza.

— Eu já acreditei nisso, sim. Mas, sabe, não era uma convicção baseada na razão e na observação da humanidade como tentei achar que era. Nunca foi, e acabei percebendo, e aí, quando vi exatamente o que era, um preconceito cego, desesperado e irracional, senti de repente que tudo desmoronou completamente. Armand, eu disse essas coisas porque precisava acreditar que eram verdadeiras. Elas eram o próprio credo deles, o credo dos racionalistas, dos ateus, dos lógicos, do sofisticado senador romano que precisava fechar os olhos para as realidades nauseantes do mundo à sua volta, porque se fosse admitir o que via na infelicidade de seus irmãos e irmãs, enlouqueceria."

Ele inspirou e continuou, voltando as costas para a sala iluminada como que para proteger as crias do calor de suas palavras, certamente como eu queria que ele fizesse.

— Conheço história, leio história como outras pessoas lêem suas Bíblias, e não ficarei satisfeito antes de ter desencavado todas as histórias que tiverem sido escritas e forem cognoscíveis, e decodificado todas as culturas que tiverem me deixado qualquer evidência tantalizadora que eu possa extrair da terra ou da pedra ou do papiro ou do barro.

“Mas meu otimismo estava errado, eu era ignorante, tanto quanto acusava os outros de serem, e recusava-me a ver os horrores que me cercavam, mais do que nunca neste século, este século racional, mais do que em qualquer época do mundo.

“Olhe para trás, filho, se quiser, se quiser discutir a questão. Olhe para a dourada Kiev, que você só conheceu em canções depois que os selvagens mongóis incendiaram suas catedrais e massacraram sua população como se fosse gado, como fizeram por toda a Kiev Rus durante duzentos anos. Olhe para as crônicas de toda a Europa e veja as guerras travadas em toda parte, na Terra Santa, nas florestas da França ou da Alemanha, por toda a fértil Inglaterra, sim, abençoada Inglaterra, e em cada rincão asiático do globo.”

Ah, por que me enganei durante tanto tempo? Não vi aquelas pradarias russas, aquelas cidades incendiadas? Ora, toda a Europa poderia ter sido conquistada por Gêngis Khan. Pense nas grandes catedrais inglesas destruídas pelo arrogante rei Henrique.

Pense nos livros dos maias que os padres espanhóis lançaram no fogo. Incas, astecas, olmecas — povos e todas as nações pulverizados e esquecidos...

— Isso tudo são horrores em cima de horrores, e sempre foi assim, e não posso fingir mais. Quando vejo milhões mortos em câmaras de gás por causa dos caprichos de um austríaco louco, quando vejo tribos africanas inteiras massacradas até os rios se coalharem de corpos inchados, quando vejo a fome dizimar países inteiros numa era de abundância insaciável, não consigo mais acreditar nessas banalidades.

“Não sei o que foi que destruiu minha ilusão. Não sei que horror desmascarou minhas mentiras. Terão sido os milhões que morreram de fome na Ucrânia, presos ali por seu próprio ditador, ou os milhares que morreram depois de envenenados pela radiação nuclear despejada nas pastagens, desprotegidos pelos mesmos poderes governamentais que já os fizera passar fome? Terão os mosteiros do nobre Nepal, cidadelas de meditação e graça que resistiram milhares de anos, sendo mais velhos até do que eu e toda a minha filosofia, sido destruídos por um exército de militaristas gananciosos que fizeram uma guerra implacável contra monges de hábitos cor de açafrão, e atiraram ao fogo livros de valor inestimável, e derreteram sinos antigos que já não mais chamavam os fidalgos para a oração? E isso tudo nessas duas últimas décadas, enquanto as nações ocidentais dançavam nas discotecas e se encharcavam de álcool, lamentando perfunctoriamente o destino triste do remoto Dalai Lama, e trocando o canal do televisor.

“Não sei o que foi. Talvez tenham sido os milhões — chineses, japoneses, cambojanos, hebreus, ucranianos, poloneses, russos, curdos, ah, meu Deus, a ladainha é interminável. Eu não tenho fé, não tenho otimismo, não acredito nos modos da razão ou da ética. Não o censuro enquanto você está na escadaria da catedral abrindo os braços para seu Deus onisciente e perfeito.

“Não sei nada, porque sei demais, e não entendo o bastante nem entenderei. Mas você me ensinou tanto quanto qualquer um que conheci, que o amor é necessário, tanto quanto a chuva para as flores e para as árvores, e o alimento para a criança faminta, e sangue para esses animais predadores que se alimentam de carniça famintos e sedentos que nós somos. Precisamos de amor, e o amor pode nos fazer esquecer toda a selvageria, como talvez nada mais possa.

“E por isso tirei-os de seu mundo moderno fabuloso e promissor com suas doenças e suas massas desesperadas. Tirei-os daí e dei-lhes a única força que possuo, e fiz isso por você. Dei-lhes tempo, tempo talvez para encontrar uma resposta que aqueles mortais que vivem atualmente talvez jamais encontrem.

“A história toda foi essa. E eu sabia que você iria chorar e sofrer, mas sabia que você os teria e os amaria quando tudo terminasse, e sabia que você precisava desesperadamente deles. Então, aí está você... aliado agora à serpente e ao leão e ao lobo, e muito superior ao pior dos homens que atualmente provaram ser monstros colossais, e livre para se alimentar com cuidado num mundo perverso capaz de engolir qualquer coisa que eles quiserem podar.” Um silêncio caiu entre nós.

Fiquei pensando bastante, em vez de começar a falar.

Sybelle tinha acabado de tocar, e eu sabia que ela estava preocupada comigo e precisava de mim. Eu sentia isso, sentia a investida forte de sua alma vampírica.

Eu precisaria ir logo para ela. Mas aproveitei para dizer com calma mais algumas palavras.

— Você deveria ter confiado neles, Mestre, deveria ter deixado que tivessem sua oportunidade. Fosse qual fosse a sua idéia do mundo, você deveria ter deixado que eles tivessem o tempo deles aí. Era o mundo deles e o tempo deles.

Ele sacudiu a cabeça como se estivesse desapontado comigo e um pouco cansado, e, já tendo resolvido essas questões todas há muito na cabeça, talvez antes até de eu ter aparecido na noite passada, ele parecia disposto a deixar isso tudo passar.

— Armand, você é meu filho para sempre — disse ele com grande dignidade. — Tudo o que é mágico e divino em mim é ligado pelo humano e sempre foi.

— Você deveria ter deixado que eles tivessem o tempo deles. Nenhum amor pela minha pessoa deveria ter assinado a sentença de morte deles, nem a admissão dos dois ao nosso mundo estranho e inexplicável. Podemos ser piores . que os humanos em nossas avaliações, mas você poderia ter seguido o seu conselho. Poderia tê-los deixado em paz. Isso era suficiente.

Ademais, David aparecera. Ele já tinha uma cópia da transcrição em que havíamos trabalhado, mas isso não lhe interessava. Ele se aproximou de nós lentamente, anunciando sua presença obviamente pra nos dar a chance de nos calarmos, o que

fizemos. Virei-me para ele, sem conseguir me conter. — Você sabia que isso aconteceria? Sabia quando aconteceu?

— Não, não sabia — disse ele solenemente. . . . — Obrigado — respondi. — Eles precisam de você, esses seus jovens — disse David. — Marius, pode ser o criador, mas eles são completamente seus.

— Eu sei — disse eu. — Estou indo. Vou fazer o que preciso fazer. Marius esticou o braço e me tocou no ombro. De repente vi que ele estava prestes a se descontrolar.

Quando falou, sua voz estava embargada de sentimento. Ele estava odiando a tempestade dentro dele e arrasado com a minha tristeza. Eu via isso com bastante clareza. Não me dava nenhuma satisfação.

— Você agora me despreza, e talvez tenha razão. Eu sabia que você iria chorar, mas de uma forma muito profunda, eu o julguei mal. Não percebi uma coisa sobre você. Talvez nunca tenha percebido.

— O que, Mestre — perguntei com um azedume teatral.

— Você os amava sem egoísmo — murmurou. — Apesar de todas as estranhas falhas e maldades deles, eles não se comprometeram por sua causa. Você os amou talvez com mais respeito do que eu... do que eu o amei. — Ele parecia espantadíssimo.

Eu só conseguia balançar a cabeça. Não tinha muita certeza se ele tinha razão. Minha necessidade deles nunca fora testada, mas eu não queria lhe dizer isso.

— Armand — disse ele. — Você sabe que pode ficar aqui o tempo que desejar.

— Ótimo, porque talvez eu fique — disse eu. — Eles gostam, e eu estou cansado. Então muito obrigado por isso. — Mas uma outra coisa — prosseguiu ele —, e estou dizendo isso de todo o coração.

— O que é, Mestre? — perguntei.

David estava por perto, o que me deixou feliz, pois sua presença parecia reprimir minhas lágrimas.

— Honestamente não sei a resposta para isso, e humildemente lhe pergunto — disse Marius. — Quando viu o Véu, o

que você realmente viu? Ah, não estou perguntando se foi Cristo, ou Deus, ou um milagre. Estou perguntando isso. Havia o rosto de um ser, banhado de sangue, que originou uma religião culpada de mais guerras e mais crueldade que qualquer outro credo que o mundo já conheceu. Não se zangue comigo, por favor, apenas me explique. O que você viu? Foi apenas uma lembrança magnífica dos ícones que você pintava? Ou foi realmente algo banhado de amor e não de sangue? Diga-me. Se era amor e não sangue, eu honestamente gostaria de saber.

— Você está fazendo uma pergunta simples e antiga — disse eu —, e pelo que sei você não sabe realmente de nada. Você quer saber como ele poderia ter sido o meu Senhor, dado esse mundo ser como você descreve, e com o conhecimento que você tem dos Evangelhos e dos testamentos escritos em nome Dele. Quer saber como pude acreditar nisso tudo porque você não acredita, não é?

Ele concordou com um gesto de cabeça.

— É, quero mesmo. Porque eu o conheço. E eu sei que fé é algo que simplesmente você não tem.

Fiquei espantado. Mas imediatamente vi que ele estava certo.

Sorri. Senti de repente uma espécie de felicidade trágica e eletrizante.

— Bem, entendo o que você quer dizer — disse eu. — E vou lhe responder. Eu vi Cristo. Uma espécie de luz sanguinolenta. Uma personalidade, um humano, uma presença que pensei conhecer. E Ele não era o Senhor Deus Pai Todo Poderoso nem era o criador do universo e do mundo inteiro. E não era o Salvador nem o Redentor de pecados inscritos em minha alma antes que eu nascesse. Não era a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade nem o Teólogo expondo Seus ensinamentos na Montanha Sagrada. Ele não era essas coisas para mim. Talvez fosse para outros mas não para mim.

— Mas quem era Ele, então, Armand? — perguntou David. — Tenho aqui a sua história, repleta de maravilhas e sofrimento, e no entanto não sei. Qual era o conceito de Senhor quando você disse a palavra?

— Senhor — repeti. — Isso não significa o que você pensa. É uma palavra falada com intimidade demais e carinho demais. E

como um segredo e um nome sagrado. Senhor. — Fiz uma pausa e prossegui: — Ele é o Senhor, sim, mas só porque é o símbolo de algo infinitamente mais acessível, algo muito mais significativo do que um governante ou um rei ou um senhor poderá ser algum dia.

De novo, ele hesitou, querendo encontrar as palavras certas já que elas eram tão sinceras.

— Ele era... meu irmão — disse eu. — Sim. Era isso que ele era, meu irmão, e o símbolo de todos os irmãos, e é por isso que ele era o Senhor, e é por isso que o cerne dele é simplesmente amor. Você está rindo. Vê com ironia o que digo. Mas não capta a complexidade do que Ele era. É fácil sentir, talvez, mas não é tão fácil ver realmente. Ele era um homem como eu. E talvez para muitos de nós, milhões e milhões, isso seja tudo o que Ele foi! Somos todos filhos e filhas de alguém e Ele era filho de alguém. Ele era humano, fosse Ele Deus ou não, e estava sofrendo e fazendo isso por coisas que Ele achava pura e universalmente boas. E isso significava que o sangue Dele poderia muito bem ser o meu sangue também. Ora, tinha de ser. E talvez seja essa a verdadeira fonte de toda a Sua magnificência para pensadores como eu. Você disse que eu não tinha fé. Não tenho. Não em títulos nem em lendas ou hierarquias feitas por outros seres como nós. Ele não fez uma hierarquia, não verdadeiramente. Ele era a própria hierarquia. Vi Nele magnificência por razões simples. Havia carne e sangue no que Ele era! E isso poderia ser pão e vinho para alimentar a terra toda. Você não entende. Não pode. Muitas mentiras a respeito Dele pairam em seu conhecimento. Vi-o antes de ouvir muita coisa sobre Ele. Vi-o quando olhava para os ícones em minha casa, e quando pintei-o muito antes de saber todos os nomes Dele. Não consigo tirá-lo da cabeça. Nunca consegui. Nunca conseguirei.

Eu não tinha mais nada a dizer.

Eles estavam muito espantados mas sem particularmente acatar, ponderando as palavras de todas as maneiras erradas, talvez, eu não podia saber absolutamente. De qualquer maneira, não importava o que eles sentiam. Não era realmente muito bom que eles tivessem me perguntado ou que eu tivesse tentado contar a minha verdade. Vi o velho ícone em minha mente, o que minha

mãe trouxera na neve. Encarnação. Impossível explicar a filosofia deles. Eu me perguntava.

Talvez o horror de minha própria vida fosse que, não importava o e eu fizesse nem aonde eu fosse, eu sempre entendia. Encarnação. Uma espécie de luz sanguinolenta.

Eu queria que eles agora me deixassem em paz.

Sybelles estava esperando, o que era muito mais importante, e fui abraçá-la. Passamos muitas horas conversando, Sybelle, Benji e eu, e finalmente Pandora, que estava muito perturbada mas não dizia uma palavra sobre isso, veio também conversar displicente e alegremente conosco. Marius juntou-se á nós e David também.

Estávamos reunidos numa roda na relva, sob as estrelas. Pelos jovens, umi a expressão mais corajosa e conversamos sobre coisas belas e lugares por onde andaríamos, e maravilhas que Marius e Pandora haviam visto, e de vez em quando discutíamos amigavelmente sobre coisas corriqueiras.

Cerca de duas horas antes do amanhecer, havíamos nos separado. Sybelle estava sentada sozinha no fundo do jardim, olhando para uma flor atrás da outra com grande cuidado.

Benji descobrira que conseguia ler com uma velocidade sobrenatural e estava devorando a biblioteca, o que era realmente muito impressionante.

David, sentado à escrivaninha de Marius, corrigia seus erros de ortografia e as abreviações da transcrição datilografada, corrigindo meticulosamente a cópia que fizera apressadamente para mim.

Marius e eu estávamos encostados no mesmo carvalho, sentados juntos. Não falávamos. Estávamos observando as coisas, e talvez ouvindo as mesmas canções da noite.

Eu queria que Sybelle tornasse a tocar. Eu nunca a vira ficar tanto tempo sem tocar, e queria muito vê-la tocar a sonata novamente.

Foi Marius quem ouviu primeiro o som inusitado, e empertigou-se alarma, só para relaxar e tornar a encostar novamente ao meu lado.

— O que foi? — perguntei.

— Só um barulhinho. Não consegui... Não consegui entenderdisse ele. Tornou a apoiar-se em meu ombro, como antes.

Quase imediatamente, vi David levantar os olhos do trabalho que estava lendo. E aí Pandora apareceu, dirigindo-se lenta mas desconfiadamente para a das portas iluminadas.

Agora, ouvi o barulho. E Sybelle também, pois ela também olhou na direção portão do jardim. Até Benji finalmente se dignara a reparar no som, e largou o livro no meio da frase e marchou para a porta com um arzinho muito severo a avaliar essa nova situação e tê-la firmemente sob controle.

A princípio, achei que estivesse vendo errado, mas logo identifiquei o vulto que apareceu quando o portão abriu e fechou em silêncio atrás de seu braço rígido e deselegante.

O vulto vinha mancando, ou, antes, parecia alguém cansado ou desacostumado do simples ato de caminhar ao surgir na claridade que iluminava o gramado diante de nossos pés.

Fiquei espantado. Ninguém conhecia suas intenções. Ninguém se mexeu. Era Lestat, e ele estava tão esfarrapado e empoeirado como no chão da capela. Nenhum pensamento emanava de sua mente até onde eu podia supor, e seus olhos pareciam vagos e cheios de uma admiração exaustiva. Ele se postou à nossa frente, apenas contemplando, e então eu me levantei atabalhoadamente para abraçá-lo; ele se aproximou de mim e falou em meu ouvido.

Sua voz estava entrecortada e fraca por falta de uso, e ele falou muito baixinho, seu hálito apenas encostando em mim.

— Sybelle — disse ele.

— Sim, Lestat, o que foi, o que há com ela, diga-me — pedi. Eu segurava suas mãos com o máximo de carinho e firmeza.

— Sybelle — tornou ele a dizer. — Acha que ela tocaria a sonata para mim se você lhe pedisse? A Appassionata?

Recuei e olhei em seus olhos azuis vagos e sonolentos.

— Ah, sim — respondi, quase sem fôlego de tão excitado, transbordando de sentimento. — Lestat, tenho certeza que sim. Sybelle!

Ela já se virara. Observou-o espantada enquanto ele atravessou lentamente o gramado para entrar na casa. Pandora

deu um passo atrás, e todos nós ficamos num silêncio respeitoso observando-o sentar-se junto ao piano, de costas para a perna dianteira direita do instrumento, os joelhos levantados e a cabeça apoiada pesadamente nos braços cruzados. Ele fechou os olhos.

— Sybelle — perguntei —, quer tocar para ele? A Appassionata de novo se você quiser.

E obviamente ela tocou.

6 de janeiro de 1998
Dia de Reis